



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

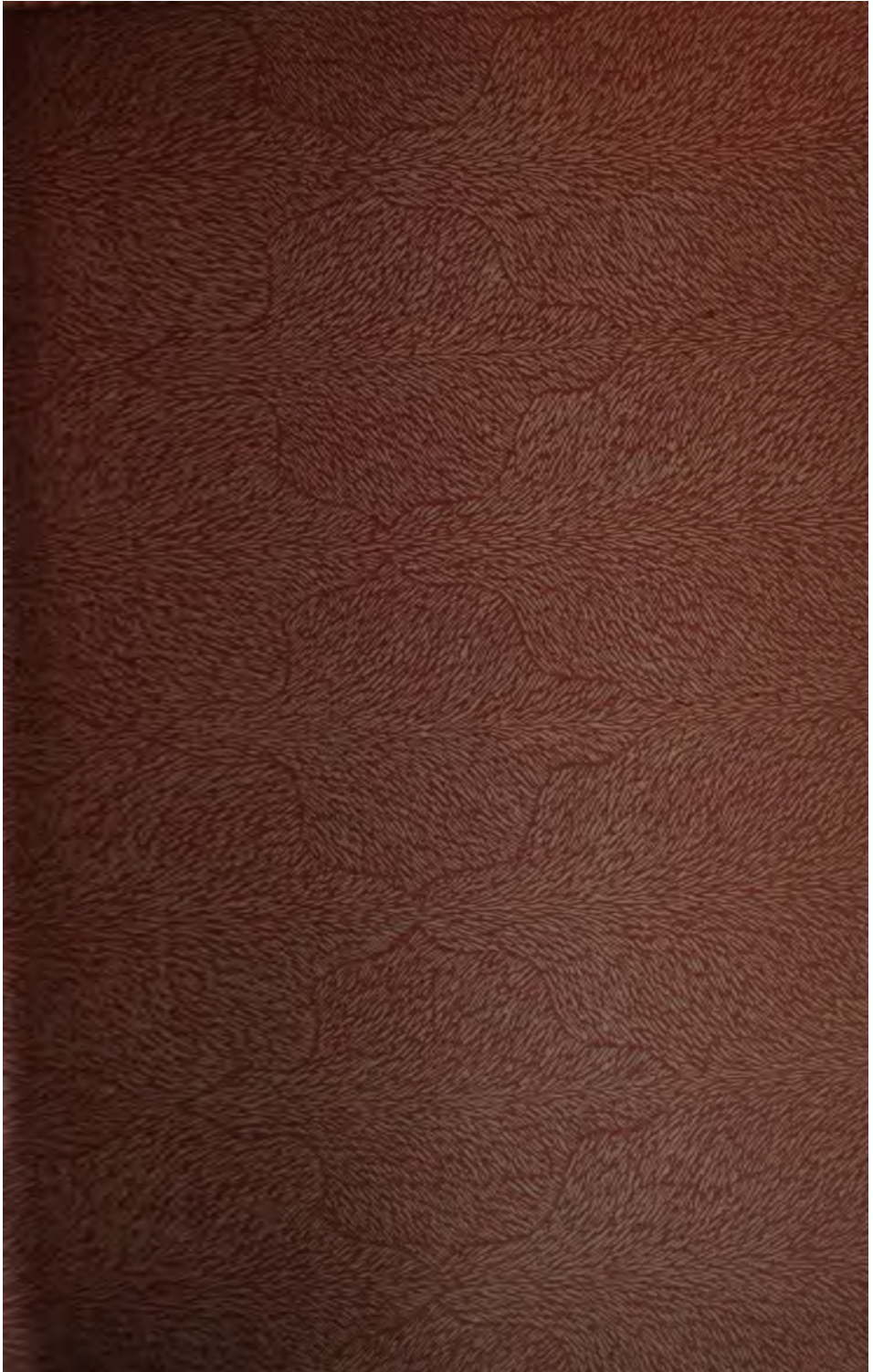
Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>





**STANFORD
UNIVERSITY
LIBRARIES**



QUESTÕES DO DIA;

observações políticas e litterárias

escriptas por vários

E

coordenadas

POR

*Jose Feliciano de Almeida e
Lucio Quinto Cincinnato.*

TOMO I

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA — IMPARCIAL —
146 A RUA SETE DE SETEMBRO 146 A

1871

F2536
C55

Advertencia.

Compõe-se este volume de 376 paginas, em 16 números successivos. Contêm o 1º. nº. 72 páginas, e comprehende as 4 primeiras cartas de Cincinnato. Cada um dos restantes 19 números tem 16 páginas.

Várias pessoas collaboram n'esta publicação ; cada uma escolheu um pseudónimo. Tendo-se concordado em plena liberdade de redacção, cada signatário só é moralmente responsavel pelo que subscreve.

CARTAS POLITICAS

DIRIGIDAS

PELO ROCEIRO CINCINNATO AO CIDADÃO FABRICIO.

CARTA 1.ª

Amigo.—A estas matas seculares, a este deserto em que me apago, quasi a sós com a natureza, a este remanso para onde ha tantos annos fugi desses campos de batalha, em que se digladiam as paixões politicas e sociaes, chega de ordinario amortecido o écho das lutas com que ahi se recreiam os nossos homens publicos. Se não fóra, portanto, a tua bondade de me mandares as publicações que ora tenho ante mim, ignoraria eu que as mil questões graves que prendem com o futuro do Brasil estão ahi sendo substituidas por discussões sobre logomachias. Pelo que vejo a de hoje é o PODER PESSOAL, monstro ingente e informe, Tisiphone ou Medusa de casta nova.

Estou longe dos homens e das cousas publicas ; mas sabes que, emquanto pertenci ao mundo, fui liberalissimo, isto é, conservador ; e, pois que Deus me não deu miolos versateis, persisto nas minhas idéas.

Ao contemplar o quadro que me envias, não resisto a bradar, Corregio do sertão, *Anch'io!* e peço venia para te submitter atropelladamente algumas das observações que tão ingrato assumpto me suggere.

I.

Theses ha, curtas na expressão, mas longas no alcance, que, por audazes, costumam ser ajudadas da fortuna: moeda falsa que circula, lava que se alastra.

Essas theses aspiram logo a fóros de axioma. Já foi dito que os astuciosos as lançam ás turbas; os preguiçosos de intelligencia apoderão-se dellas, por lhes pouparem o trabalho de reflectir, e repetem-n'as, para alardearem comprehendêl-as. E todavia representam essas proposições o absurdo, quando são analysadas; mesmo assim mil bocas as reiteram, e, para demonstrar aquelle absurdo, é mister contrariar-as mil vezes.

II.

E nem se julgue que essas theses ficão sempre em innocentes brincos do espirito, em gymnasticas theoreticas, como as *controversias* das escolas rhetoricas dos antigos. Muitas vezes são joio semeado, que poderá um dia afogar a scára. Cumpre não desprezal-as: são o grão de areia de Pascal.

Que significa, na fórma de governo que nos rege, pôr a these **PODER PESSOAL** na ordem do dia da imprensa, do parlamento, das assembléas, dos clubs, das conferencias, dos corrilhos e das praças?! Que significa arrastar a corda para o campo dos debates? Injuriar a pessoa que o pacto fundamental qualifica de inviolavel e sagrada? Responsabilisar a quem não está sujeito a responsabilidade? Atacar a quem não pôde, nem deve, defender-se, nem tem de que?

Será uma facil valentia, se lhe não achas outro nome; será um pouco invejavel laço armado a uma falsa popularidade: tudo será, menos acto reflectido e prudente. Estas tentativas (venham d'onde vierem) só levam a um perigoso desprestigio, ou á mais abominavel das

ochlocracias. O que só conseguem esses arautos da anarchia é, Encelados sob o Etna, estremecerem e convulsarem a terra. Tal não é a missão dos bem intencionados.

Talvez haja, entre esses, alguns dos que dizemos *de antes quebrar que torcer*; dos que não reconhecem amigos nem inimigos; aguias que se affrontam com o proprio sol sem pestanejar; orgulhos que se ufanam com o antigo motto *etiam si omnes, ego non!* entes ideaes em summa, como o justo e tenaz phantasiado por Horacio. Como não devasso o fôro intimo, respeito-lhes as intenções.

III.

Lamento mais que tudo ver arvorada por um valente alferes conservador, n'uma hora de allucinação, a desgraçada bandeira anti-dynastica.

Era já o Sr. conselheiro José de Alencar, que na sua folha *Dezeseis de Julho* (de Maio e Junho de 1870) fizera do motto *poder pessoal* a sua *Delenda Carthago*. Comquanto os artigos dessa folha fossem anonymos, pelo dedo se conhecia o gigante. S. Ex. mesmo em lugar bem alto e publico os perfilhou.

Na sessão parlamentar desse mesmo anno, o illustre orador adoptou o mesmo thema para seus raptos objurgatorios.

Finalmente agora (de 21 a 31 de Março) ahi voltou outra vez ás mesmas variações no *Jornal do Commercio*, sob o titulo de *Ultima phase*.

Temos, portanto, uma voz autorizada, repetindo as duas palavras fatidicas, aterradoras como as do festim de Balthazar. Autorizada, sim. Hontem erão essas palavras pelouros frios, tiros imbelles, porque sahiam de arraias naturalmente hostis, e dava-se o devido desconto á arguição, arrojada sem sciencia nem consciencia. Mas quem as profere hoje?

QUESTÕES DO DIA;

observações políticas e litterárias

escriptas por vários

E

coordenadas

POR

Jose ...
Lucio Quinto Cincinnato.

TOMO I

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA — IMPARCIAL —

146 A RUA SETE DE SETEMBRO 146 A

1871

Não tem sentido algum, se se lhe tira aquella comitiva de requisitos.

Representa um grande principio constitucional, se se dá áquelles termos a devida interpretação

V.

Despotismo nesta abençoada terra ! Mas que entendem os publicistas por despotismo ? Será elle possível, onde não é lei a vontade do monarcha ? Onde existem e funcionam os poderes independentes ? Onde a imprensa é livre ? Onde o habitante goza de todos os privilegios reconhecidos á humanidade pela celebre declaração dos direitos do homem e do cidadão ? Onde o monarcha não é proprietario do seu imperio, mas delegado d'elle ? Onde a autoridade não póde coarctar a liberdade aos cidadãos ? Onde os tribunaes não são subordinados aos caprichos do poder ?

Não : a corôa do Brasil não é o chapéo de Gessler.

VI.

O poder pessoal (se isto quer dizer poder regio) existe ; quem o duvida ? Existe em toda a sua força, em toda a sua plenitude, pela natureza das cousas, pela indole do governo, pelo espirito das instituições, pela letra da constituição.

E pois que é um corréligionario quem diverge, ha felizmente um terreno neutro em que não discrepamos. Eis como se exprime o Sr. Alencar (Dezesseis de Julho n.º 113):

« A escola conservadora adopta, como uma norma practica, a distincção feita pela constituição entre o poder executivo e o poder moderador, excluindo os actos deste da responsabilidade ministerial.

« Dahi resulta que o gabinete não intervem nos actos privativos do monarcha » E continúa, dizendo que a

constituição brasileira confiou á corôa, *daquella fórma*, o elemento conservador, constituindo-o o centro dos poderes politicos.

Que é isto, Santo Deus? Pois a pessoa do monarcha é centro dos poderes politicos; pois a pessoa do monarcha individualmente exerce actos privativos; pois nestes actos da pessoa do monarcha nem é permittido ao gabinete intervir; e ousais affirmar que é illicito o *poder pessoal!* Appello de Philippe para Philippe; sois vós mesmo que vos condemnais.

VII.

Nos legem habemus. Como se não trata de direito constituendo, é a constituição do Imperio a nossa biblia politica.

E' ella quem nos ensina, que o monarcha tem *poder pessoal*; que é elle o chefe supremo; que a elle privativamente cumpre *velar incessantemente* sobre a manutenção, equilibrio e harmonia dos mais poderes politicos.

Como *póde a pessoa* do soberano exercer essa vigilancia incessante ordenada pela lei das leis, sem *poder pessoal?*

Não quero discutir supremacias; mas direi que, segundo a constituição, o poder do monarcha é de todos os poderes o mais amplo e variado. Emquanto cada um dos tres poderes se circumscreve em uma dada orbita, o poder privativo do imperante penetra nas orbitas de todos.

E não tem poder pessoal?!

O poder legislativo não julga nem executa; o executivo não julga nem legisla; o judiciario não legisla nem executa.

E qual o *poder pessoal e privativo* do imperador?
Ei-lo:

Quanto ao moderador, exerce-o plena e exclusivamente;

Quanto ao legislativo, intervem na promulgação ou suspensão da lei, na convocação extraordinária da assembléa geral, na prorrogação, adiamento ou dissolução da camara dos deputados;

Quanto ao executivo, é o rei chefe delle, e nomêa e demitte livremente os ministros;

Quanto, finalmente, ao judiciario, o rei intervem suspendendo os magistrados, nomeando-os e transferindo-os, concedendo amnistias e moderando as penas aos réos condemnados por sentença.

Não serão tudo isso, *poderes e maximos poderes*? Não serão tão exercidos pela pessoa do soberano que até nelles, segundo a linguagem do Sr. Alencar, não é dado aos ministros interferir? E quando assim o decreta o código dos nossos deveres e direitos, ha cidadãos que lhe opponham o seu veto, de uma penada annullando principios, antes axiomas constitucionaes?

Poder pessoal de um escriptor qualquer superposto ao poder pessoal do rei!

E se esta é a doutrina fundamental, no tocante a attribuições, não só foi ella consagrada pelo espirito que a dictou, senão tambem pelas mais positivas e formaes disposições.

Quando a constituição estabeleceu que o imperador se considerasse o primeiro representante da nação, e que velasse por que fossem sempre uma verdade as garantias que ella offerece, não lhe conferiu vastissimo poder pessoal?

Não lh'o conferiu, quando o obrigou a prestar juramento de *fazer observar* a constituição e as leis, e *prover ao bem geral*?

Não lh'o conferiu, quando, submettido por ambas as camaras um projecto de lei, o autorizou a negar-lhe consentimento, ouvindo em resposta louvores do interesse que toma pela nação?

E é esta entidade preponderante e suprema, este Argos, a quem a lei prohibe o dormir, a quem ella assenta no posto mais eminente para servir de senti-

nella de todos os deveres e direitos, este poder que funde em si attribuições de todos os poderes, ou as exerce privativamente ; o *homem-instituição*, creado para a inspecção summa da sociedade ; é este magistrado supremo, a cuja pessoa se pretende negar poder !

Impõem-lhe a lei e o juramento uma permanente direcção e intervenção (directa ainda quando indirecta, se é licita a phrase), e ha quem lhe denegue os meios de cumprir o seu dever !

Quer-se inverter toda a marcha da civilização, a exigencia de tempos illustrados, substituindo o rei intelligente e amigo da patria por um phantasma de soberano ! Quer-se pôr ao vivo em scena a ironia de Boileau ?

Hélas ! qu'est devenu ce temps, cet heureux temps,
Où les rois s'honoraient du nom de fainéants !

A aspiração será explicavel para quem se sentir com forças de se arvorar em *majre du palais*, suppondo encontrar ante si massas de Dagobertos.

Não e não. Em presença da fórmula de governo e da constituição que nos rege, se a nação compete a omnipotencia, ao imperador é delegado amplissimo *poder pessoal*.

VIII.

E porque o debate naquelle terreno já se vê que levaria a duvidar da luz meridiana, fica-me uma hesitação. Dar-se-ha que se reduza a annullação do poder régio aos actos que só prendem com a direcção do poder executivo ?

O absurdo e inconstitucionalidade da accusação não seria menor. Mas, se essa é a interpretação do horrendo *poder pessoal*, aceite-se a discussão, mesmo nessas acanhadas proporções.

Vamos ver se resumimos o cerebrino pensamento :
• Concedemos que o imperante possa por si, e sem

« Por mim sei que nunca S. M. o Imperador me coagiu a acto algum, porque nem eu me sujeitára, nem Sua Magestade m'o impuzera. Desta minha *certeza* dá prova o facto de ter eu servido anno e meio como ministro, pois não serviria 24 horas, se me sentisse annullado e desairado. Dão igual prova as declarações, por mim feitas na camara dos deputados, em 4 e 18 de Junho de 1870, patenteando, que não deixei a pasta da justiça por falta de confiança da corôa ou na corôa, mas sim por ter o gabinete a que eu pertencia apoiado a divergencia de um collega meu; e acrescentei: « *Esta é a unica e verdadeira causa.* » Dão igual prova outras phrases minhas, quando na camara tratei da minha candidatura senatorial, e dissê: « Entendi que minha posição de ministro me impunha o dever de commu-
nicar a minha resolução á corôa, porque esta resolução podia modificar a confiança do poder irresponsavel, *confiança sem a qual eu não cômpreendo a permanencia do ministro.* » Ora, se esta linguagem é posterior á minha estada no poder; se eu tão explicitamente declarei que conservára *até ao fim* a confiança da corôa; se funcionei sempre, com a liberdade propria do meu caracter e da minha posição; se não foi attrito algum com o chefe supremo que motivou a minha sahida; é obvio que nunca para commigo foi indebitamente exercida coacção de especie alguma; antes me foi sempre deixado o pleno uso das faculdades, pelo qual me cabia responsabilidade.»

Iguaes, creio eu, seriam os depoimentos dos 149 restantes ex-ministros. Não são manequins de cortiça, boiando á tona do poder, acariciados e cobertos de lentejoulas; são os caracteres da tempera do Sr. conselheiro Alencar, os cidadãos fortes e independentes, que entoam côro, em que não destôa uma voz unica.

Só n'um accesso ephemero de despeito ou ira se podia calumniar a nação nas pessoas de suas primeiras illustrações. « Poder pessoal é subserviencia, e o Sr. visconde de S. Vicente era a encarnação do poder pessoal! O seu desejo de aproveitar pará a patria

os talentos (isto é, de cumprir a constituição) é trabalhar na obra nefasta do aniquilamento dos partidos!... » Escondamos o sudario.

Aquella *primeira* interpretação da palavra *intervenção*, como variante de reprehensível *poder régio*, está fóra de causa. Progridamos.

X.

Venhamos á *segunda*; a essa, que eu digo ser licita e honrosa, obrigatória, veneranda; a esse *poder pessoal*, que eu proclamo benéfico; a esse, cuja interrupção por 24 horas fazia a um Tito exclamar: *Hodie diem perdidí*.

Esse *poder pessoal*, que eu dentro dos limites approvo e louvo para os actos do poder executivo como para todos os mais, é poder decretado pela constituição e aconselhado pelos principios. E, visto existir lei escripta, antes de tudo regulemo-nos por ella.

Que prescreve a constituição ao Imperador?—Que esteja permanentemente vigilante em fazê-la observar; em prover ao bem geral; em manter a harmonia dos poderes; em representar a nação.—Não ha nesses preceitos excepções nem restricções; não ha mais nem menos: abrangem todos os negocios publicos, qualquer que seja a orbita a que elles pertençam.

Deste altissimo jus de vigilancia será acaso exceptuado o poder executivo? ficará o Imperador excluído desse, o mais activo, militante e permanente de todos os poderes? De modo nenhum. Salva uma unica restricção, tem todo o direito, como tem toda a obrigação de estudar os actos submettidos á sua referenda.

A restricção a que alludo é a seguinte:

Sendo certo que a responsabilidade do acto projectado recae sobre o ministro, que succede? Se o Imperador o julga acertado, subscreve-o; se o desapprova, ao passo que o ministro persevera na sua opinião, fica ao monarcha a opção entre ceder neste ponto, ou demittir o dissidente.

Em tudo mais, o Imperador pôde, deve estudar os negocios que correm pelo executivo, com tanto que por ultimo respeite a responsabilidade alheia. Como? Pois ignora-se acaso que o Imperador fórma parte integrante do poder executivo?! Tanto fórma, que o art. 102 o denomina *chefe do poder executivo*, é curioso seria que a cabeça de um corpo fosse parte estranha a esse corpo. Pois a lei que *crea* um membro e chefe do poder, que encargos lhe impõe, se se quer entender que esse chefe e membro seja mudo! E que constituição seria esta, que, reconhecendo ao infimo cidadão jus de communicar seus pensamentos, igual jus recusasse a quem occupa o pinaculo do edificio social; a quem só o emprega em zeloso desempenho de seu officio de Rei?

Nem se diga que a constituição só confere ao Imperador a nomeação e demissão dos ministros, mas que enquanto estes funcionam se suspende toda a interferencia magestatica. Nomeação e demissão são attribuições do Moderador; o *exercício* do executivo, isto é, a effectividade das suas resoluções, pertence aos ministros; mas o trabalho prévio da elaboração, do estudo, compete ao Imperador com os seus ministros, á cabeça com o corpo; e do mesmo modo que, n'um governo solidario, é acto de todos os ministros, embora não signatarios, o acto do ministro que o praticou, assim pôde o chefe do executivo tomar parte nas deliberações, deixada por elle a responsabilidade *a quem de direito couber*. Até irei mais longe, observando que (ficção ou verdade) a constituição proclama o Imperador como não sendo só o chefe, mas personificando o proprio poder executivo, visto declarar que *é o Imperador quem pelos seus ministros o exercita*.

Consequentemente, o *poder pessoal*, considerado como direito imperial de exprimir opinião sobre todos os assumptos da administração, e de tomar parte nos trabalhos do poder executivo, é formalmente estabelecido, recommendado, prescripto pela constituição do Imperio.

XI.

Assim o prescreve a lei escripta, assim o devia intimar. Os actuaes monarchas já não administram justiça á sombra de um carvalho; mas em tão complicadas sociedades como as actuaes, cabe-lhes muito mais larga esphera.

Nem se imagine que, no tumultuoso seculo em que vivemos, haja para os reis encanto na arbitrariedade; poder arbitrario é contra a indole e a natureza do régio poder; o que pôde namorar um cidadão, não seduz um soberano; o imperante fica, o seu escolhido passa; rei não é ministro.

Colloque-se ao leme um rei illustrado e justo, e a náó do Estado vogará sempre com ventos galernos. Ora, a *justiça*, qualidade mais rara do que parece, é dever de todo homem, do infimo como do maximo; e, para o exigirmos dos outros, importa que interroguemos a nosso respeito a propria consciência. A justiça (diz J. Simon) é inexoravel: o que ella impuzer, satisfaça-se incontinentemente e lealmente, sem hypocrisia nem pensamento reservado, por ser justo, e não por ser lucrativo ou glorioso. Cale-se o coração quando desharmonisar da justiça. Ao dever nunca se falta.

Sejamos justos, que vale tanto como: sejamos politicos. Não apedrejemos o sol que alumia. Não injuriemos quem no throno foi collocado, não por calculos das suas commodidades, mas por conveniencias do nosso interesse. Não desgostemos da sua dedicação a quem ha perto de meio seculo não tem ferias. Não convertamos merecimentos em defeitos; não imputemos a ruins impulsos actos muitas vezes nobilissimos; não demos por synonymos *ingratidão* e *independencia*.

A Benjamin Constant devemos, em parte, o que ha de peculiar no jogo das nossas instituições, e nomeadamente no que respeita ao poder neutro, intermediario entre os poderes activos. E' o melhor expositor da nossa instituição de realza constitucional. Ouçamol-o:

« Offerece-nos a monarchia constitucional um poder neutro, indispensavel á liberdade regular. O rei, em terra livre, é um ente á parte; sobranceiro á variedade das opiniões; com a mira n'um só alvo—a manutenção da ordem e da liberdade; estranho á condição commum; inaccessible por isso ás paixões procedentes dessa condição. A augusta prerogativa da realza dá ao espirito do monarcha uma tranquillidade de que as posições inferiores não participão. Eleva o homem por sobre as humanas agitações; e a obra prima da organização politica foi ter creado assim, no proprio seio dos dissentimentos, sem os quaes nenhuma liberdade existe, uma inviolavel esphera de segurança, de magestade, de imparcialidade, que pacificamente permite áquellas divergencias desenvolverem-se (emquanto não ultrapassam certas raías), e que, apenas sóa a hora do perigo, lhes põe termo por meios legais, constitucionaes, e sem arbitrariedade. »

Dissereis que, ao traçar este quadro, fitava o grande publicista olhos no Brasil, que não tem certamente razão de queixar-se das suas instituições, e do modo como ellas funcçionam.

Cabe-nos a fortuna de podermos aprender com as alheias grandezas e felicidades, com os alheios desastres e humilhações. Temos visto nascer, vegetar e morrer doutrinas e seitas; variadas turmas têm seguido caudilhos de san-simonianismo, socialismo, communismo, e quantas extravagantes concepções têm aspirado a pautar a sociedade por um quadro imaginario impossivel. As más doutrinas não têm achado echo nestas regiões. O Imperio é um irmão gêmeo da constituição; esta tem creado e acompanhado a nossa civilização e a nossa politica; não nol-as adulterem.

Na nossa monarchia constitucional, o soberano não é um Deus, não é uma omnipotencia, mas é um altissimo poder, um *poder exercido pessoalmente*, poder com faculdades superiores *não aos outros poderes, mas sim aos elementos que os constituem.*

E se não, veja-se a organização da Inglaterra, do

paiz d'onde o systema representativo foi para os outros transplantedo.

Ahi o monarcha é superior aos elementos que constituem :

O poder executivo, quando nomeia e demitte livremente os ministros.

O parlamento, quando profere o veto.

A camara hereditaria, quando nomêa novos pares.

A camara electiva, quando dissolve a assemblêa dos deputados.

O poder judicial, quando amnistia, commuta ou perdoa.

E' uma entidade que instincto e reflexão, mais ainda que a educação politica, ensinam a acatar, a rodear de certa aureola de veneração, sem que nisso entre sombra de baixaza, servilismo ou indignidade, gratuitos insultos que, á falta de razões, costumam os illuminadissimos prodigalisar aos que não recusam respeito ás cousas que têm como respeitaveis.

O codigo criminal permite, em termos habeis, censura dos actos do governo e da administração; não prevê a censura dos actos pessoaes do soberano, porque mais alto codigo o proclama inviolavel, sagradô, irresponsavel. Como se ousa, pois, estar sempre dando para ordem do dia o que nem é toleravel apontar de fugida ?!

XII.

E por Deos, que exigem da pessoa que empunha o sceptro brasileiro ? formulem as suas instrucções : que lhe querem ? Por que bussola ha de dirigir-se que não seja a constituição e a sua razão ?

Que outros pharôes tem elle que o orientem ?

A opinião ?

Sejamos francos. Opinião, merecedora do nome de publica, é planta que está entre nós por aclimar. Este immenso territorio mal povoado ainda não offerece as condições de paizes populosos, mais antigos, mais adiantados, mais estudiosos dos interesses publicos.

A imprensa periodica não politica é um confuso deposito de opiniões individuaes e contradictorias. A imprensa politica, rara e sustentada laboriosamente, mereceria que os partidos e o paiz lhe dessem mais importancia do que lhe dão; e confessemos que, por emquanto, mais é a opinião éco da imprensa, que a imprensa écho da opinião. Os homens eminentes em sciencia pouco se applicam a tratar, em obras especiaes, os grandes problemas de governo. A importante classe agricola compõe-se de individuos, que se concentram nos seus trabalhos ruraes. A classe mercantil absorve-se no immenso desenvolvimento praticó dos seus negocios, não curando das questões que não tocam na sua especialidade. A classe militar cumpre bem os seus deveres, mas não opina, nem fóra proprio que opinasse; e assim as mais.

Ouçõ que augustos labios soltaram a formosa phrase: « *O que eu me considero é chanceller da opinião.* » Póde isto revelar nobilissima disposição; mas nada mais: opinião é por ora uma chimera no tocante a alteraçõs no systema do nosso governo. Por mais que o soberano applique o ouvido, não percebe som algum distincto. Tem, pois, que se guiar pelos seus conselheiros naturaes e pelos dictames da propria razão.

XIII.

Temos até aqui fallado vagamente da entidade imperador, sem nos referirmos em particular a quem actualmente preenche a suprema magistratura. Fallar de quem impera é navegar por entre os parceis das supposições. Que importa? A verdade, por se tratar de um principe, será força escondel-a? Chegariamos a tempo em que um solio não sirva para mais que pelourinho?

Receia-se o *poder pessoal* exercido pelo Sr. D. Pedro II? Para quem é deste tempo e desta terra, o dito já vem por si mesmo refutado.

Quem é universalmente conhecido por uma vida inteira de abnegação, ia, após 40 annos de glorioso reinado, exorbitar dos seus poderes ! Para que ? Para elevação ? Não pôde subir mais alto ; e longe de subir, desceria. Para consideração ? Taes meios lh'a não dariam. Para enriquecimento ? Não ha quem mais despreze as opulencias, quem mais as tenha rejeitado, quem mais haja consagrado seus parcos meios a conveniencias alheias. Para popularidade ? Não precisa acrescental-a quem tamanha e por tantos titulos a conquistou ; e isto antes lh'a diminuiria. Para absolutismo ? Não ha maior inimigo do arbitrario, nem quem neste Imperio tome tanto ao serio a constituição que jurou.

Se não pôde, pois, imputar-se ao actual soberano pensamento reservado e calculo pessoal, attribuem-se os muito legitimos actos que pratica ao modo como concebe o desempenho dos seus deveres, que são diversos dos de todos os outros cidadãos.

Tudo se lhe move em torno ; só elle fica ; só nelle se encarnam e perpetuam as tradições, a successão dos negocios. *Senado* ? Não tem já um membro, designado pelo Sr. D. Pedro I, nem pela primeira regencia do acto addicional ; são todos escolhidos pelo Sr. D. Pedro II, e entre esses já, dos antigos, raros restão. *Deputados* ? Renovam-se constantemente. *Ministros* ? Um por anno, desde a maioridade, em cada repartição. Se, pois, tudo desaparece, e só o soberano occupa permanentemente o seu lugar ao leme do Estado, é elle incontestavelmente a pessoa mais idonea para, nas cousas publicas, aconselhar, ou guiar, ou interferir, ou mandar, segundo a co-relação entre as suas attribuições e os casos supervenientes.

Ninguém lhe nega, creio eu, amor de patria, instrucção rara, esclarecido espirito, desinteresse, experiencia, conhecimento dos homens e das cousas, magnanimidade, tudo sobredourado de summa rectidão. Que receio pôde então inspirar quem, dotado destas qualidades e de grande amor ao trabalho, mostra que

não quer ficar ocioso, antes sente satisfação em dar ao serviço publico todas as horas que a alta cultura do seu espirito lhe poderia estar ambicionando para mais attractivas occupações? Preferir-se-hia acaso que o natural centro de todos os poderes se mostrasse indifferente e estranho a quanto o circumdasse? Que o piloto adestrado ficasse impassivel em presença de todas as manobras? E, finalmente, que aquelle que pôde até demittir, se lhe desprazem os actos do seu ministro, fique inhibido de lhe apresentar sequer a sua opinião ácerca dos mesmos actos?

Ainda que não fosse um dever e um direito do cargo, o *poder pessoal* seria uma conveniencia, quando exercido por tão recto e illustrado animo. E' esta uma geral convicção, e do côro unisono nem sempre discrepa a voz do Sr. conselheiro Alencar. E, como o seu elegante estylo dá outra qualidade de relevo ao pensamento, aqui transcrevo uma significativa phrase do discurso proferido por S. Ex. em 14 de Maio ultimo, phrase allusiva ao Sr. D. Pedro II, e em que a justiça aposta primazias com a elegancia:

« As attribuições magestáticas estão personificadas em uma individualidade; esta individualidade é susceptivel de convicções, e de convicções profundas; pôde ser inspirada nestas convicções pelo desejo de bem servir ao paiz. »

E' o mesmo Sr. Alencar, que no seu segundo artigo, no *Jornal do Commercio*, declara *enunciar uma convicção que é sua e de todos os que têm dirigido o paiz*. Fallando, de todos esses e de si mesmo, diz que sempre têm tido « os ministros a consciencia das puras intenções do Imperador e do seu incontestavel patriotismo. »

Deve exultar com o exercicio do *poder pessoal* quem assim o vê depositado em *mente pura* e mãos *incontestavelmente patrioticas*.

Basta. Se o *poder pessoal* é legitimo exercido por qualquer imperante, exercido pelo actual é benefico, louvavel e livre de toda a especie de risco.

XIV.

E, antes de sabir desta materia, occorre-nos uma curiosa reflexão sobre o modo como o Sr. D. Pedro tem praticamente exercido o poder pessoal, que as instituições lhe conferem.

Algun proveito se ha de tirar do ser velho: é ter archivadas muitas recordações; e essas invoco eu agora.

Não ha nada mais pessoal, individual, privativo, exclusivo do monarcha, do que é o direito, que ninguem lhe contesta, de demittir livremente os ministros. Ninguem? engano-me; parece haver alguem que lh'o não concede: é elle proprio!

Disse eu que, desde a maioridade, tem quasi havido annualmente um ministro por cada repartição; disse que orçavam por 150 os ministros, o que representa uma infinidade de ministerios. Pois bem; nessa infinidade não vejo senão tres, cuja sahida proviesse de repulsas do Imperador. Todos têm dado, no parlamento ou na imprensa, e na occasião opportuna, as razões da sua retirada, a qual tem constantemente provindo das indicações parlamentares ou politicas, de dissidencias entre os collegas, de molestias ou de outras causas; nunca de attritos com a corôa.

Já se vê que em taes casos o soberano foi passivo, e não usou da sua faculdade magestática. Um tanto mais activo foi nos tres casos unicos de que fallo, mas em todos esses appareço o acto honrosissimamente explicado.

Na sua extrema mocidade réagiu contra um gabinete energico, mas que exigia tenazmente para com um alto servidor uma demonstração, não motivada por conveniencias de serviço, e sim por considerações alheias a elle. Não era ainda a experiencia, mas era já o instincto da justiça, que o fez insistir na abstenção, e o gabinete dissolveu-se.

Alguns annos depois, certas demasias de turbulentos, em dias de eleições na capital do Imperio, que deviam

correr pacíficas, patentearam que os ministros eram, por sua pouca acção, accusados de negligencia, fraqueza e até complicitade; e, comquanto não houvesse motivo para tantas accusações, não era menos desmoralizada a situação, e entendeu Sua Magestade dever escolher ministerio mais forte na opinião.

Finalmente, em um caso proximo, tendo sido tentada a invasão da sua, mais que nenhuma, privativa attribuição da escolha de um senador, e não sendo convenido da inconveniencia da que fizera, aceitou a resignação com que fôra *ameaçado*.

Eis-ahi, entre tantos ministerios, as tres unicas especies de meio-conflicto, terminadas pela demissão dos gabinetes; e em todos esses tres casos actuando no animo do soberano um motivo de alto interesse publico.

Quem nessa attribuição fundamental, e incontestavelmente propria, renuncia a empregar o seu poder pessoal, mostra que nunca delle usou nem usará, nas attribuições secundarias, senão parcamente, constitucionalmente, e em harmonia com o interesse nacional.

XV.

O Sr. conselheiro Alencar, attribuindo ao poder pessoal, a que elle denomina esterilidade dos partidos, quando sobem ao governo do Estado, exprime-se desta arte:

« Que temos nós adiantado, a respeito dos melhoramentos moraes e materiaes do Imperio ? »

Não duvido de que a intenção da resposta a esta pergunta seja *bomba de ricochete*. Por ser o imperante parte muito activa e essencial no governo da republica, pretende-se-lhe attribuir especialmente o dezar proveniente dessa esterilidade. *Nesta ordem de idéas*, obvio fica igualmente que será para a gloria do mesmo imperante, se a interrogação tiver solução contraria á que ingrata e injustamente se suppõe.

Pois bem. A resposta, eis-a aqui: durante o reinado do Sr. D. Pedro II tem-se o Brasil transformado completamente e adiantado, com progresso notavel, nesses mesmos melhoramentos moraes e materiaes.

Uma nacionalidade nascente radicou-se e fortificou-se.

Um paiz pouco considerado dos estrangeiros, e cercado de mil republiquetas, firmou a sua monarchia e é acatado como a segunda nação (e nem em tudo segunda) de ambas as Americas.

A esphera armilar, divisa quasi desconhecida do oceano, com elle travou largo conhecimento e dos portos onde não havia um vaso de guerra sahio possante armada.

Todas as nações do mundo têm cultivado com o Brasil as mais constantes e cordiaes relações.

Uma dellas, que ousou recentemente provocar o Imperio, sentiu a final os effeitos de sua imprudencia, e acrescentou na frente do Brasil novos loiros marciaes, aos que duas outras republicas, hoje amigas, já lhe haviam ennastrado.

A riqueza do paiz cresceu por tal fórma que, ao sahir de cinco annos de dispendiosissima guerra; a fazenda se ostenta florescente; e tão vigorosa é a seiva productora da riqueza nacional, que as rendas publicas foram sempre subindo progressiva e annualmente, durante essa guerra, e a despeito della.

As constantes revoltas que, no principio do reinado, ensanguentaram successivamente numerosas provincias, foram substituidas por paz octaviana.

A instituição da escravatura levou golpe mortal com a extincção do trafico de Africanos, e tem seus dias contados.

Uma rede de vias ferreas liga numerosas regiões em muitas provincias do Imperio.

Importantissima navegação a vapor sulca os mares de todas as costas, e os rios de muitas regiões.

Telegraphos electricos unem entre si muitas localidades.

Abriam-se a todas as bandeiras o Páraaguay, Paraná, Uruguay e Amazonas.

Em muitas provincias, solo outr'ora deserto está rasgado de boas estradas, algumas das quaes podem ser apontadas como exemplares.

As principaes cidades são illuminadas a gaz.

Promoveu-se a instrucção.

Promulgaram-se codigos e simplficou-se a legislação.

A população do Imperio duplicou. Neste reinado quintuplicou a importação, e a exportação sextuplicou.

Os rendimentos publicos, com suavidade de impostos, sextuplicaram.

Crearam-se ou reorganizaram-se institutos, academias, faculdades de direito e medicina, escolas militares, observatorios, collegios de letras, lyceus, bibliothecas, theatros, conservatorio, institutos agricolas, archivos, sociedades, bancos, estabelecimentos de caridade, hospitaes geraes e de alienados, hospicios de surdos mudos e de cegos, prisões e casas penitenciarias, cemiterios, asylos de invalidos da patria o de invalidos da marinha, lazaretos, casas da moeda, diques, passeios, obras de salubrisação, esgotos e limpeza das cidades, systemas de viação aperfeiçoados.

Longe iria esta resenha se nella me quizesse demorar. Não é materia que de fugida se percorra. E se deste esplendido quadro resulta gloria para S. M. Imperial, o thuribulario é o Sr. conselheiro Alencar, que deduz os factos moraes e materiaes do paiz do poder pessoal do imperador.

XVI.

Disse eu que o Sr. Alencar, denunciando o abominavel abuso do *poder pessoal*, não dera a minima prova da affirmativa, não allegára um unico facto. Eis-me coberto de sacco e cinza; errei; S. Ex. deu valentes provas, allegou factos tremendos! E, pois ahi fica feita a confissão, permite-me tu agora perguntar-te se são exactas as versões que por este sertão correram ácerca de dous acontecimentos.

PRIMEIRO. Retrocedamos aos tempos da Uruguayana. Diz-se que, nos principios da guerra com o Paraguay, no mais renhido e arriscado della; quando Lopez se ostentava com excessiva força; quando a sua causa tinha grandes ramificações em Bolivia, Entre-Rios, Corrientes, Montevidéo e Buenos-Ayres; quando o proprio exercito brasileiro ainda estava em germen; quando surgiam diariamente difficuldades, não só com os alliados, mas até entre elementos de força brasileira; quando se havia creado a nova milicia dos *voluntarios da patria*, a que importava dar animação e prestigio; quando o solo do Brasil estava já calcado por pé inimigo; quando enfim se reconheceu a urgencia de uma deliberação arrojada e a conveniencia de fazer capitanear todas as forças por espada, a que nenhuma outra se equiparasse em hierarchia, pondo assim termo a perigosas dissidencias; nessa crise melindrosa, digo, o Imperador patenteou a resolução de partir para os campos de batalha, e participar dos incommodos, das privações e dos riscos a que seus subditos andavam expostos. Diz-se que esta decisão achou manifesta repugnancia em muitos conselheiros da corôa, que á porfia expunham a Sua Magestade os inconvenientes do seu heroico projecto. Dizem que Sua Magestade respondêra: « Resolvi ir: *quero* ir. Se me não deixam ir como Imperador, abdicó, e vou como cidadão. Se me não deixam ir como general, não me podem tirar a qualidade de brasileiro; alisto-me como voluntario da patria, e vou com uma espingarda. » (Aqui disse: **QUERO!**)

SEGUNDO. Diz-se mais que no anno passado, quando o governo assentou em mandar proceder a uma solemnidade official, em acção de graças ao Omnipotente pela terminação da guerra, aconteceu que o encarregado desses trabalhos apresentasse uma tabella onde se orçava em 36:000\$000 a collocação de uma estatua equestre do Sr. D. Pedro, em frente ao quartel do campo da Acclamação; e diz-se que apenas Sua Magestade teve conhecimento desse plano declarou que

não consentia que se lhe erigisse semelhante estatua. (Aqui disse: NÃO QUERO!)

Boquiabertos escutemos agora o Sr. Alencar na sessão de 19 de Maio, ao tratar desta recusa da estatua e (já se sabe) do *poder pessoal*.

São suas textuaes palavras:

« Já uma vez, senhores, foi trazido a este recinto um *quero*, que se disse ser irrevogavel; foi a proposito da Uruguayana. Não desejava que qualquer membro do gabinete de 16 de Julho viesse trazer a esta casa um *não quero!* »

Parabens, meu amigo, parabens! Que tens que lhe dizer? O juiz togado allegou e provou. Agora ninguem mais poderá duvidar da existencia, intensidade e perigos daquelle tyrannico *poder pessoal*, daquelle espada de Damocles pendente sobre a cabeça de todos os cidadãos. Os crimes do *poder pessoal* ali estão patentes: o Imperador *quize!* e *não quize!* Quize ir expôr-se ás balas, em defesa da patria, e *foi!* Não quize que lhe erigissem estatuas, e *não se erigiram!* E' o mais barbaro, atroz, e virulento abuso que nunca se viu do indigno *poder pessoal*. Rei que delle usa assim, de que horrores não é capaz!!

Omitto o muito mais que ainda no espirito me tumultua. A' fé que foi bem contra minha intenção se neste aranzel me escapou uma palavra que denotasse desrespeito para com um talento distincto, embora neste ponto o considere transviado; tambem me não passou pela mente duvidar da sinceridade das suas convicções, ou attribuil-as a motivos reprovados. Apenas se me affigura que o nobre conservador, poeticamente movido de alta inspiração, se deixou arrebatado pelos espaços imaginarios. O que ardentemente lhe desejo, visto ser conservador, é que evite a discussão de outras theses como esta, embora fique vencedor, pois corre perigo de ter de exclamar como Pyrrho: « *Mais uma victoria assim, e estou perdido!* »

CARTA 2.

Amigo.—Não sei se te queira mal. Pratico a sós contigo, na branda effusão de um colloquio particular, e tu arrastas-me para a praça! A imprensa, meu amigo, que para uns é templo capitolino, não passa de pelourinho para nós outros, os plebeus da penna. Fabricio querido, para que me puzeste em exposição? Tu, com essas répas embranquecidas nas lutas da politica (não raro degenerada em pelotica), devias antever o que succedeu. Para certa ordem de *estadistas*, a argumentação não vale nada, despreza-se, ridicularisa-se, refuta-se com declamações bombasticas, bolhas de sabão que mentem arvores e edificios, mares e sóes que um tenue sopro apaga. Substitue-se a discussão proveitosa dos principios pelo fariscar das autorias, pelo sentenciar das intenções: Fabio aspira ao poder, Curcio almeja por um titulo, Sempronio vendeu-se por um conto ou por 400 contos, Tarquinio é estrangeiro, Curcio é aulico, Pancracio é ignorante... e assim se vai *argumentando*, e triumphando, e provocando o riso alvar dos côros de comparsas, porque a final de contas Athenas e a Beocia são ambas sitas na mesma Grecia.

Que titulo me assistia a mim, humilde roceiro, sem intelligencia, sem circulo, sem nome para me isentar daquellas onerosas consequencias da publicidade? E apesar de tudo, aqui muito á puridade te digo que não me arreñego muito, porque não é cousa pouca ver-se um boçal roceiro em letra redonda, e enfatuar-se com o seu *nos quoque gens sumus*.

Além disso, como não é minha mente transviar-me das cousas para as pessoas, nem ultrapassar os limites do que é licito aos debates politicos, deve outorgar-se-me a tolerancia, que é para com todos, quaesquer que sejam suas opiniões, a minha constante divisa. Deixo pois á tua consciencia queimares ou mostrares a minha correspondencia. Se não fôr, e talvez seja, stulta presumpção, fazer subir estes aranzeis á tribuna universal, carta branca! A's minhas rabiscas, digo o que diz o Irmão Terrível ao Neophito, no escancarar-lhe as portas do templo: « Ah! vo-las entrego; não respondo mais por ellas. »

I.

: Recebo o diluvio de papelada com que me alagas, e o teu relatorio sobre o que ahi se está admirando, quanto ás duas questões da ordem do dia: *poder pessoal e elemento servil*. Recommendas-me particularmente o extracto, publicado a 14 do corrente, de um discurso proferido na vespera por S. Ex. o Sr. conselheiro José de Alencar na camara dos deputados, discurso onde, como sempre, superabundam elegancias de phrase, arrojos de dicção, demonstrações de elevada cultura, e dotes oratorios de subido quilate.

Feita esta profissão de fé, que, dentro de taes limites, constitue não favor, mas justiça, igual justiça me guiará, ao contemplar o reverso da medalha. Não timbrarei de severo nem de *nimiamente rigoroso*; tenho pouco geito para Centurião de procissão; hei de dizer as cousas

chãmente, sem fazer de mim javali nem ouriço cacheiro. Se eu tiver razão, hão de achar-m'a; se a não tiver, certamente m'a não dariam as severidades, nem os rigores nimios.

II.

Não ha remedio senão entrar tambem em scena o *eu*, não obstante sua insignificancia. Sempre pensei que o meu nome, desconhecido além de 500 braças do sitio onde resido, estava condemnado a resvalar esquecido da terra para o Lethes; mas não senhor; agora, *zoiolos, tremel! posteridade, és minha!* agora sobreviverei e perdurarei, mas que seja com a invejavel sorte de um Bivio ou Mevio, perpetuado por melhor Virgilio.

O facundo orador, que se não abaixára, e com razão, a tomar em consideração as ponderações que na minha anterior te submetti ácerca da sua molina do *poder pessoal*; o nobre disputante, luminar da imprensa, que pela imprensa me não respondeu, decidiu esmagar-me em pleno parlamento, isto é, no olympico recinto, até cujas eminencias se não sublimam as vozes de simples mortaes; reservava ao meu nome a honra de echoar sob aquellas abobadas augustas, gloria esta e monumento mais perenne do que o bronze.

Alludindo a não sei que benevola insinuação, e dirigindo-se ao illustrado relator da commissão do elemento servil, disse-lhe que elle *devia conter a sua admiração por certo estylo romano, recheado de erudição, que estamos habituados a ver ahí nos jornaes surgir com a rubrica de Epaminondas ou de Cincinnato; pois foi essa admiração o que o comprometteu.*

Que eu sou Cincinnato, é verdade; Epaminondas não conheço, e nem era dos meus ascendentes, se nasceu na Grecia. *Estylo romano?* é muita honra; eu sou como o peão fidalgo: fallo, em prosa sem o saber; e conformo-me com o preceito do mestre:

« J'appelle un chat un chat, et Rollet un fripon. »

Pois um estylo que nem é estylo, um dizer sem elevação nem côr, pôde aspirar á preeminencia de formar escola, de crear propaganda? Fico sabendo que esta linguagem pedestre constitue *estylo romano*; e que delle se deve fugir como Satanaz da Cruz. Aceito a flagellação: *pœnitent me peccati*; e sahindo agora da berlinda, supplico a S. Ex. se digne sentar-se nella.

III.

Antes de entrar na questão magna, não resisto á vontade de ser esclarecido sobre duvidas.

Bradou o nobre orador: « *Nesta tribuna, é necessario não ver individualidades.* » E logo em seguida, como desenvolvimento desta these, leio que os ministros declamam; que o da agricultura procura incutir o terror; que o presidente do conselho o escuta risonho, como assistiria a um brinde daquelles que o têm muitas vezes festejado nos grandes banquetes diplomaticos; que o ministro da justiça tem uma voz agoureira e tetrica (*risadas!* do dito espirituoso); e assim uma porção de outras phrases *individuaes*, que d'ora avante tomarei como typos de cortezia e parlamentarismo.

Mas é que neste terreno convincente, logico, dialectico, irrespondivel, nem Verres nem Catilina inspirou tão brilhantemente ao collega romano (não é o do estylo). Os doestos, exprobrações e invectivas, são os unicos argumentos desta energica oração, desta metralhadora parlamentar. Toda a sociedade ahi cahé prostrada aos tiros de lingua!

O Imperador, adiante veremos como é tratado. Toda a organização hierarchica tem igual sorte, uns a retalho, outros por atacado. Exemplos dos *sylogismos* deste discurso:

Que é o governo?—Athleta, que salta á arena, e se trava, corpo a corpo, com a nação; luta para abatel-a e esmagal-a. Sectarario ardente da propaganda,

emancipador fanatico, agitador, revolucionario. Precipitados, ameaçadores. Homens que tomam o povo por um rebanho, que se dirige com um aceno. Vertiginosos. Desgraçados, que jogam no páreo da ambição interesses capitaes, como são a ordem publica e a paz social; que invocam a insurreição para suffocar a resistencia legal; que querem atacar a razão com as quatro syllabas do despotismo. Conjurados, que pretendem desmascarar o absolutismo, etc.

Que são os defensores deste projecto de lei?—Os que o defendem têm em vista a giba do orçamento, emquanto os do outro lado são o braço e o cerebro da nação. São obreiros de ruinas. Não servem á sua convicção, á sua patria, mas obedecem aos influxos do poder, aos impulsos da opinião estrangeira. Emissarios da revolução, apóstolos da anarchia. Retrogrados, assassinos do paiz. Ostentadores vãos. Sacrificadores dos interesses da patria a velleidades de gloria. Cruéis, iuiquos. Heróes do exterminio. Erostratos da nação, etc.

Não continuarei, pois teria de copiar toda a oração, cujo succo... é isso que ahí vês. Que inversão de posições! Sediciosos e retrogrados são os que propugnam pelos principios do eterno direito; os que os atacam são os homens da ordem e da liberdade!

Quis tulerit Gracchos de seditione querentes.

Será acaso esta descomposta linguagem, esta sequencia de affrontosos ultrages, um meio de persuasão?

Imaginará o distincto parlamentar que assim angaria para... para suas idéas supponhamos, as sympathias dos a quem combate insultando, ou mesmo dos indifferentes a quem taes scenas devem repugnar? Parece-me que não ha nada mais inhabil, mais contra-producente que estes tempoes em copos d'agua, estas exaltações de encomenda, estes enthusiasmos *ad usum Delphini*, estas hyperboles injuriosas; será sempre de inconcussa verdade aquella observação do poeta:

On affaiblit toujours tout ce qu'on exagère.

Quando algumas horas houvessem volvido sobre a recitação deste pouco feliz discurso, para mim tenho que o sênso recto, o espirito de justiça do fogoso cavalheiro lhe terá segredado aos ouvidos da consciencia, que andára errado; que se não tratam assim os companheiros de trabalhos na representação nacional. Não lhe terá tardado o arrependimento de haver proferido phrases como estas:

« *Quem defende esta proposta? A condescendencia e a incoherencia. A condescendencia dos que estavam com o governo hontem, estão hoje e estarão amanhã, sem attenderem ás mudanças de physionomia que se operam nas sete cabeças do poder, etc.* »

Mas a *condescendencia*, em assumptos vitaes do paiz, é crime de lesa magestade nacional; é holocausto da intelligencia á conveniencia; é abdicação dos fóros de representante, de cavalheiro, de homem; é vil traição á patria. Honra á maioria da camara dos deputados, se ante semelhantes verrinas conservou imperturbavel placidez; não será alvo de invejas o orador a quem impunemente se tolerem taes liberdades. Quizera eu nesses momentos estar lendo por dentro os sentimentos de 60 varões, flór da nação, eleitos della, a cujas faces se arremessa a accusação de vendidos ao poder; afer-rados á giba do orçamento; incapazes, hontem, hoje, amanhã, de se destacarem do cofre das graças que harpoaram!

Se eloquencia é isto, nada mais facil que ser eloquente, e não é em cadeiras de parlamentos que esta linguagem se aprende e usa com mais vehemencia e emphase. Mas nella ha perigos, e não é ultimo o das reconvenções; quem assim, justa ou injustamente, penetra em fóro intimo, autoriza suas victimas a, justa ou injustamente, penetrarem no seu proprio; e então onde iria isso parar?

Obraram admiravelmente, deixando passar o pampeiro; não reciprocando; não retribuindo injustiça com injustiça. Outro tanto farei eu. Declararei ao

contrario, que tudo induz a crer que o illustre orador só foi arrebatado por admiraveis impetos, sem sombra de sentimento reprovado.

IV.

Cuidava eu morta e enterrada a questão do *poder pessoal*, mas agora reconheço que se o que sobre ella se escreven não foi pulverizado, deveu-se isso á magnanimidade do invencivel orador, que por algum tempo a trouxe á moda, pois que, gerada da sua imaginação, só a ella deveu a ephemera duração, e vegetou á sombra do *seu grande nome*; de certo que S. Ex. se revia ao espelho intellectual, quando invocava no seu discurso o *magni nominis umbra*, e eu lhe supplico se digne não destacar a phrase do poeta e ler as outras palavras :

*multumque priori
credere fortunæ.*

Os tempos nem todos são uns.

Está visto, portanto, que o pesadelo do *poder pessoal* é idéa fixa do Sr. conselheiro Alencar. Tem-se visto frequentemente, em homens illustradissimos, esta concentração das faculdades n'um só pensamento, muitas vezes phantastico : bem grande era Pascal, e imaginava ver sempre um abysmo ao lado esquerdo de sua pessoa ; são aberrações que não merecem censura.

Como não nasci para relógio de repetição, e já tratei este ponto, sem ver minhas asserções rebatidas, admiro a sem-ceremonia com que se volta á carga dez vezes com as aquilatadas banalidades ; e como Cincinnato não teve a ventura de convencer o illustre antagonista, espero ser hoje mais feliz, pois para refutar o Sr. José de Alencar, impetrei o auxilio... do Sr. José de Alencar. •

Não estigmatizarei o estadista com a sua propria phrase : « *Hoje as abjurações estão em moda.* » Não em-

pregarei o luxo de vocabulário com que elle qualificou as supostas *incoherencias* dos a quem combate.

Ao contrario, na sua mudança de opiniões exaltarei sua *sabedoria*, desde que *sapientis est mutare consilium*. Na sua instabilidade reconhecerei o seu *horror ao absurdo*, desde que

L'homme absurde est celui qui ne change jamais.

Nas suas variações acharei a applicação de uma lei providencial, revelada por Camões :

Mudam-se os tempos ; mudam-se as vontades ;
muda-se o ser ; muda-se a confiança.
Todo o mundo é composto de mudança,
tomando sempre novas qualidades.

A mythologia porém fabula-nos Acteon devorado pelos seus proprios cães ; a historia cita o sujeito que com o braço direito cortou o esquerdo. Dar-se-ha caso...

V.

Ha meia duzia de annos, sahiram dos prélos desta córte umas publicações, em fórma de cartas, endereçadas *ao povo e ao Imperador*, e assignadas por um Sr. ERASMO.

Sabia eu que, deste nome, tinha havido um menino do côro da sé de Utrecht, depois frade, depois conselheiro, e depois sabio ; que além dos seus *Colloquios*, não deixou quasi senão o seu *elogio da loucura* ; que tinha por divisa : *quando embirrei, embirrei (Nemini cedo)*, e de quem Scaligero fez uma descripção que não ousou recordar ; mas eu nunca suppuz que fosse esse o autor das taes cartas, porque morreu ha mais de 300 annos, e não podia ser.

Voltei-me para o outro lado sem mais pensar em tal, quando agora leio com pasmo no discurso do Sr. José de Alencar ser aquelle o pseudonymo de que

S. Ex. usou em 1847! Fui-me á pobre estante, onde jazem uns poucos de alfarrabios e folhetos, e regozije-me tanto com a instructiva leitura das famosas cartas, que, se eu andasse mais folgado em cobres, mandava reimprimir aquellas cousas em letras de ouro.

Como porém isto não pôde ser, contento-me com transcrever algo do que vem a proposito da questão.

Não ha Potosi nem Golconda, de mais rico ouro nem mais esplendidos diamantes que esta inexgotavel mina. Que inveja me não infunde o Sr. *Alencar Erasmo* na superioridade com que refuta o Sr. Alencar do discurso!

Não é de hoje o caso; já lá vão 14 annos que me deliciei com a leitura de uma comedia, intitulada: *O Rio de Janeiro verso e reverso*. Desde então me deu no godo este modo de encarar as cousas pelo direito e pelo avesso; levante-se o panno para o 3.º acto da comedia: *Verso e reverso*. (*)

Ouçamos os dous Srs. Alencares. •

VI.

§ 1.º *Accusação do Sr. Alencar, do discurso.*

« Emprega-se a ameaça, a *ultima ratio regum*, o *summum jus* do governo pessoal. »

• *Refutação do Sr. Alencar Erasmo.*

— A existencia do governo pessoal está na crença de muitos Brasileiros.

Deleita-se a malignidade em cultivar semelhante convicção, interpretando a geito alguns factos recentes, ou pondo em circulação uma copia de anedotas de

(*) Cartas politicas de Erasmo ao Imperador; 2.ª edição 1836.

reposteiro; fabulas que, fugindo á luz da publicidade e pullulando quaes immundicias no lodo escuro (f), não são esmagadas como deveram (pag. 25).

— Insofregas (!) ambições já têm por mais de uma vez formulado positivamente a accusação. Mas deveis regozijar-vos, senhor : são ellas proprias que, ao approximar-se do throno, mais se allucinam na atmosphera superior, e dão ao publico o grotesco espectaculo de sua ebriedade cortezã (pag. 25).

— Se ha falsa prevenção, é esta que se tem estabelecido a respeito do governo pessoal. Minha convicção vai muito além. Não sómente nenhuma influencia directa exercéis no governo, mas vosso escrupulo chega ao ponto de frequentes vezes concentrar aquelle reflexo que uma intelligencia sã e robusta como a vossa deve derramar sobre a administração (pag. 25).

— Protesto alto contra semelhante imputação, e não quero mais prova que o proprio facto; dispenso os argumentos que poderia tirar do vosso criterio e austeridade de principios (pag. 26).

— Desenganem-se pois os abusados a respeito do governo pessoal. Nas paginas em que se desenrolam os ultimos acontecimentos, o que está em relevo é a abstenção da corôa levada a um extremo que talvez exceda da imparcialidade constitucional. Vossa augusta pessoa sómente se destaca quando trata-se do sacrificio e abnegação. Então vos debuxais no primeiro plano, reclamando a parte do leão na fadiga e perigo (pag. 31).

— Como é possível que se propague esse erro deploravel do estabelecimento de um governo pessoal, quando as actas contemporaneas a cada passo o dissipam completamente (pag. 26) ?

— Forte é a tempera da virtude que repelle as instantes provocações do poder. Sob a purpura imperial palpita em vosso peito um desinteresse de Cincinatio e Washington (pag. 40) !

— Senhor, é este anhelos com que a nação vos está provocando a assumir o governo pleno do Estado (pag. 34) !

— Liberdade de imprensa!... dizem. Desgarros da licença, que não ousára tanto, se a opinião reagisse com indignação contra esse insulto á soberania representada no poder! Mas por desgraça nossa o riso e o exemplo insuflam taes miserias (pag. 12)!

§ 2.º *Accusação do Sr. Alencar do discurso.*

« O Brasil é a anima vilis, a materia prima de uma corôa de triumpho. »

Refutação do Sr. Alencar Erasmo.

— Aberração do espirito publico, tanto mais extravagante, quanto os factos geralmente assignalados com o cunho da pretendida influencia da corôa, são aquelles em que mais se accusa uma escrupulosa imparcialidade (pag. 26).

— Mas é na esphera da constituição que se dilatam essas aspirações liberaes. Invocava-se a corôa, para reclamar della a verdade do systema (pag. V).

— Mas penso eu que se illude; o somno do povo brasileiro, conchado na virtude do seu monarcha, é possível; sua servidão, não acredito (pag. VIII).

§ 3.º *Accusação do Sr. Alencar do discurso.*

« (O imperador é) a mão que ata e desata os nossos destinos, o conquistador, que marcha á conquista da gloria promettida. »

Refutação do Sr. Alencar Erasmo.

— A primeira serie, contendo dez cartas, cingiu-se á necessidade da iniciativa imperial para arrancar o paiz da crise em que se debate.

Limitou-se o trabalho ao estudo consciencioso da actualidade. Dos factos resalta a verdade. No meio da inercia e compressão de todas as forças vivas da nação, só o impulso generoso da corôa terá efficacia (*Advertencia*).

— Será na dedicação de Erasmo à pessoa do monarcha; na confiança que manifesta pela acção bem-fazeja da corôa; no appello á energia da magestade (pag. 5).

§ 4.º *Accusação do Sr. Alencar do discurso.*

« (O Imperador é) o unico poder deste Imperio, aquelle que o estrangeiro chama ingenuamente dono e senhor da terra. »

Refutação do Sr. Alencar Erasmo.

— Rei constitucional, vossa missão é a do sol: não aquelle astro fatidico e abrazador de Luiz XIV, que condensou a borrasca de 1789, mas o fôco brilhante que rege todo um systema e dardeja luz e calor para a nação (pag. 25).

— A' região superior em que vos collocou a soberania nacional, não sobem, senhor, nem o pó que torvelinha, nem os rumores que se escutam, no estadio onde se agita a patria, afflicta do presente e temerosa do futuro. Os miasmas da terra não costumam attingir as eminencias (pag. 4).

— A constituição vos conferiu em sua inteireza o titulo, como a effectividade, das prerogativas imperiaes. Basta que vossa vontade se enuncie de um modo positivo e solemne, torna-se logo, de sua propria virtude e essencia, facto consummado. No dominio da lei não se concebe resistencia para ella (pag. 58).

— O Imperador não pôde sem duvida desprezar a opinião publica; se, porém, a opinião se extravia e contamina com a mais feia immoralidade, elle, probó e

austero, tem, não só ante a nação, porém ante Deus, a obrigação indeclinavel de resistir em nome da lei e da moral (pag. 56).

— Situado na cupola do systema, neutro e inacessivel, o monarcha, poder nacional, plaina (!) sobre os outros, meros poderes politicos. Elle não exprime sómente, como a legislatura, uma delegação da soberania ; éxprime um deposito permanente e sagrado. O Imperador é mais do que o primeiro representante da nação ; é seu defensor perpetuo, o magistrado supremo do Estado (pag. 57).

— Chamo-o—poder nacional—para significar a quasi comunidade em que se acha com a nação. Nelle reside uma parte de soberania popular, que isolou-se (!) em principio e se consolidou nessa grande individualidade, a fim de resistir aos desvarios da opinião (pag. 56).

— Não ha contestar esse ponto. Os actos do poder moderador são de exclusiva competencia vossa: para exercel-os não dependeis de agentes, e actualmente nem de conselho (pag. 58).

§ 5.º *Accusação do Sr. Alencar do discurso.*

• Este golpe de estado ha de firmar no paiz o absolutismo, ou antes de mascarar-o. •

Refutação do Sr. Alencar Erasmo.

— A summa questão da actualidade é esta, da vigorosa iniciativa que deveis tomar em prol da constituição ; nella está a chave de todas as outras, tendentes á realidade do systema e restauração do paiz (pag. 40).

— Só appareceis onde a vossa presença é necessaria para cobrir as faltas do governo e seus agentes. No Rio Grande para promover a defesa deleixada por muitos mezes e applacar dissensões. Em Uruguayana para resguardar o decóro nacional compromettido por graye

omissão do tratado de alliança. Na côrte para activar a expedição das tropas e trem de campanha ou zelar o bem estar do soldado (pag. 32).

— Mas é só dedicação e actividade individual que assim dispensais prodigamente: a magestade se envolve na magnanima cordura que releva a negligencia e o erro.

Esta é a verdade (pag. 32).

— Emquanto vos esquivais á politica, a nação, desabusada dos homens que a governam, vos reclama e solicita com abundancia de coração (pag. 33).

§ 6.º *Accusação do Sr. Alenc Jo discurso.*

« Idéa funesta, que vinha de cima. »

Refutação do Sr. Alencar Erasmo.

— Por todos os poros rompe a effusão do paiz que se abandona e confia exclusivamente da lealdade e criterio do seu monarcha (pag. 34).

— Este povo, apathico e indifferente ás mais nobres funcções da soberania, ainda sente por vossa pessoa sinceros transportes. Não sereis sua fé unica ; porém, com certeza sois o estimulo das outras raras e sopitadas ; o estandarte capaz de nestes tempos inertes levantar entusiasmo em prol de uma causa (pag. 34).

— Grato e facil é o designio de convencer uma razão recta, quando não se tem outro prol além da verdade. Mais ainda, se a convicção já alli despontou e só aguarda espaço e vez de produzir-se (pag. VII).

— Nossa felicidade é possuirmos a monarchia para socalcar as ambições afoutas ; e na monarchia um príncipe recto, liberal, invulneravel aos assaltos da paixão (pag. IV).

§ 7.º *Accusação do Sr. Alencar do discurso.*

« A proposta é o precursor do projecto incubado no alto; provocação para... atacar a razão com bayonetas, o fuzil, o sabre e o canhão, que são as quatro syllabas do despotismo. »

Refutação do Sr. Alencar Erasmo.

— Monarcha, eu vos amo e respeito. Sois, neste tempo calamitoso de indifferentismo e descrença, um enthusiasmo e uma fé para o povo. As esperanças que brotaram na primeira metade de vosso reinado, e murcharam ao sopro mau do presente, ainda podem refflorir sob os raios de vossa corôa. O cidadão livre se approxima sereno de vosso throno porque nunca ahi sentou-se a tyrannia; sua dignidade não se vexa, ao reclinar-se para beijar-vos a dextra augusta, porque em vós acata elle o pai da nação (pag. 4).

— Alli está a cabeça da nação. Não toldam a lucidez da mente superior sombras que projecte a inveja. Sua abnegação e civismo estão provados (pag. 7).

— Homem, eu vos prezo, admiro. Virtudes civicas e domesticas adornam vossa pessoa. Na cupula social onde a nação vos collocou sois para a sociedade brasileira mais do que um rei, sois um exemplo. Quando por toda a parte se ostenta impune o pungente spectaculo do relaxamento do dever e obliteração do senso-moral, a alma da gente honesta se expande, contemplando em vós um typo de homem de bem (pag. 5).

— Em uma palavra, e ella resume vosso elogio: Bem poucos monarchas dirão como D. Pedro II: « Nunca, em um reinado de 23 annos, estreado com a inexperiencia da juventude, nunca abri meu coração a um sentimento de odio, nunca puz meu poder ao serviço de mesquinhas vinganças. » (pag. 5)

§ 8.º *Accusação do Sr. Alencar do discurso.*

« O golpe foi decretado *in excelsis*, e não se podem mostrar velleidades de resistir á vontade omnipotente. »

Refutação do Sr. Alencar Erasmo.

— Eis porque Erasmo se dirigiu ao throno. Lá está o que o egoismo e a vaidade lhe recusariam em muita parte. Ouvido benevolo para o escutar; dedicação prompta para o comprehender; illustração magnanima, que não desdenha a idéa, e corrige o erro sem mofa (pag. 7).

—...com o risco mesmo de molestar o pudor da magestade. Não vos falta coragem moral para encerrar de frente os males do paiz (pag. 34).

— Ache ao menos a liberdade que desertou a alma succumbida da patria, um abrigo á sombra do manto imperial, para que não morra conspurcada nos tripudios da anarchia (pag. 16).

— Ha, senhor, nesse pronunciamento, que brota a cada canto, uma demasia que degenera em lisonja e frisa o ridiculo. Mas não convém escarnecer destes desvios, e sómente corrigil-os. Todo o enthusiasmo do povo é generoso; e neste dos Brasileiros por seu Imperador, parece que estão realmente concentradas durante a crise as forças vivas da nação (pag. 36).

VII.

Fica evidenciado, por boca do Sr. Alencar de honrem, que nenhuma razão assiste ao Sr. Alencar de hoje.

S. Ex. nos ensina que não existe entre nós poder pessoal; que só a malignidade pôde tal aventar; que é uma falsa prevenção; que a missão do Imperador é

(tal e qual) como a do sol; que elle protesta altamente contra a imputação; que a imparcialidade da corôa excede os limites devidos; que só o impulso della poderá ter efficacia; que o Imperador é o pai da patria, para beijar cuja dextra augusta, elle se honra em reclinar-se; que o Imperador é a cabeça da nação; que apenas elle enuncia sua vontade, isso basta para se tornar logo, *de sua virtude e essencia*, facto consummado, contra o qual se não concebe resistencia, etc., etc.

Pouco tempo depois, o Sr. Alencar era ministro da justiça.

VIII.

De que modo S. Ex. foi deixado em liberdade no des-empenho de seu alto cargo, já eu o disse, sem ter sido, e sem risco de ser, contrariado. Como, porém, a declamações balofas é util antepôr factos concludentes, venham mais dous, do arsenal do proprio Sr. Alencar, juntar-se a tantos que adduzi.

Será um delles o que o proprio Sr. Alencar agora neste discurso vem delatar, fallando da sua opposição ao pensamento da abolição da instituição do captivoeiro. Diz S. Ex. :

« Na qualidade de ministro, resisti francamente á corôa na promoção desta reforma, cujo projecto, elaborado pelo conselho de estado, mandei archivar na secretaria da justiça. »

Admira, meu Fabricio, esta esplendida demonstração do *poder pessoal!* Resulta desta inconfidencia que, a corôa, chamando a attenção do ministro para um projecto do conselho de estado, foi o ministro quem lhe pôz o seu veto e mandou archivár os papeis, oppondo-se a que se lhes dêsse andamento; e esse ministro continuou mais de um anno em exercicio, e declarou ao parlamento que fóra por divergencias individuaes com outros conselheiros da corôa que resignára a pasta.

Se S. Ex. se não arroga o dom da infallibilidade, ha de tolerar que outros ministros podessem pensar de um modo diverso, e não achassem tão archivaveis os trabalhos do conselho de estado.

Mas, em todo o caso, o certo é que o Sr. Alencar denunciou que comsigo mesmo teve a prova, nesta propria questão, de que a corôa não exerceu pressão de especie alguma; nem ella se lembrou de quebrar, como tão constitucionalmente podera ter feito, o instrumento que se oppunha áquillo que ella acaso considerasse bem do paiz.

Tambem não é fóra de proposito apontar para a narração que o Sr. Alencar faz, no seu discurso, das phases por que foi passando o pensamento emancipador. Eis como se exprime :

« Inaugura-se esta situação em 1868... A falla do throno, documento authentico da nova situação e seu programma, fazendo um contraste patente com os dous anteriores discursos da corôa, calou-se a respeito da emancipação; guardou sobre essa questão um silencio eloquente. »

Aqui o discurso do corôa é considerado obra dos ministros, e, portanto, eloquente... no silencio (*silentium verbis facundius*); alli o mesmo discurso da corôa é considerado obra do rei, e, portanto, abominavel! Não appello de Philippe para Philippe; mas concluo do tal relatorio do Sr. Alencar que os discursos da corôa são de feitura e responsabilidade dos ministerios, e que o throno tanto comprimiu a situação de 1871 para fallar, como havia comprimido a de 1868, para calar-se.

E já que estamos no campo das anedotas e tu vives na côrte, onde as pesquisas são faceis, quizera me informasses do seguinte :

Uma das mais preciosas attribuições do poder moderador, é sem duvida a de perdoar as penas. São notorios os tramites que os respectivos regulamentos estabelecem para serem instruidas as petições dos individuos condemnados, mas não é tão geralmente sabida a marcha posterior destes processos. E' verdade que, se-

gundo as praxes da secretaria da justiça, estes processos eram nella preparados, e em seguida subiam ao ministro, o qual os estudava tambem e os submettia com o seu parecer á suprema deliberação de S. M. o Imperador ?

Será verdade que, occupando a pasta da justiça um cavalheiro que a respeito de *poder pessoal* pensava approximadamente como Erasmo, foi um de seus primeiros cuidados pôr termo a estas praticas, dizendo a Sua Magestade : « Senhor ! Eu não tenho nada que ver com o exercicio do poder moderador ; é desse poder o jus de perdoar. Em taes casos o governo não deve interferir, nem mesmo com o seu conselho. Faça V. M. como em sua sabedoria achar justo. De ora ávante estes processos subirão a suas augustas mãos, sem relatorio, nem parecer do ministro respectivo ? »

Será verdade que em virtude desta singular abstenção, abdicação ou como melhor nome haja, do ministro, foram por elle assim alargadas as ensanchas do que por ahi denominam *poder pessoal* ? Quem seria ? E são elles que fallam...

IX.

E como por sainete destas agruras tenha seu cabimento a farça, cá se me depara na fulminante catilinaria outro bocadinho de ouro.

Tem o censor do poder pessoal sido cem vezes convidado a expôr um só acto, que durante os seus longos 18 mezes de assento nos conselhos da corôa presenciasse, exorbitante dos deveres e dos direitos da realza constitucional ; a nada o censor se move !

Já se vê que não é por escrupulos de consciencia timorata, attento o perenne alarde de independencia e autoñomia ; e seria cem vêzes menos hostil, mais franco e leal referir factos sobre que ninguem pediu segredo, e em que a discrição apenas é aconselhada pelo senso-commum das conveniencias, que batalhar com a arma curta das reservas e a espada de canna

das reticencias: accusações podem repellir-se, restricções deixam sempre um campo vago.

Segundo sempre ouvi, S. M. o Imperador, o defensor perpetuo do Brasil, o constitucional timoneiro da não do Estado, o magistrado supremo a quem incumbe a permanente vigilancia, tem por uso prestar sempre a mais accurada attenção aos negocios publicos; quando em conselho, escuta cuidadosamente as exposições, e para não interromper, costuma ir tomando nota do que lhe vai chamando a advertencia, para depois dissipar duvidas ou emittir opinião.

Reparaste, bom Fabricio, no modo como o Sr. Alencar censura, fulmina, ridicularisa este nobre habito, esta prova do zelo e da seriedade com que o monarcha estuda os negocios publicos? Relê e pasma!

« Armei-me do lapis, porque todos nós temos o *veto do lapis*; não é *privilegio da realza*. »

E leio mais, que isto despertou *hilaridade*!! Creio-o bem; creio que a hilaridade é a unica disposição que condiz com linguagem semelhante; mas hilaridades assim só são de feição... em palco diverso. Já se vê quaes seriam os escrupulos de tal delator, em correr o reposteiro dos paços onde um dia lhe deram entrada, ou em provar seriamente com factos a intrusão da corôa, quando tão ingratamente se procura expôl-a ao ridiculo, por praticas dignas de acatamento; mas em verdade, o Sr. Alencar, que é poeta, precisava chave de ouro para o seu soneto das provas do poder pessoal: já vimos o 1.º quarteto do *quero da Uruguayana*; o 2.º quarteto do *não quero da estatua*; agora, 1.º terceto, o *privilegio da realza*; 2.º terceto, *veto do lapis*.

São argumentos monumentaes, discursos demosthonicos, canhões Krupps.

Tencionava, preclaro Fabricio meu, dizer-te algumas palavras sobre o pouquissimo, não declamatorio, que da oração do Sr. Alencar se espreme sobre a magna

questão do elemento servil, mas já te consagrei uma tarde inteira, e isto não vai a matar. Se amanhã ou depois me sentir com disposições, palestraremos.

Por agora, aqui me cerro, quando talvez já de sobra tenha bacharelado.

Sabes tu o que ando a ler nas horas vagas? Aquelle thesouro que denominam *Carta de Guia*. Ora, quem falta a um dever, está apto para faltar a todos; cesteiro que faz um cesto faz um cento, o caso está em darem-lhe verga e tempo: a honra politica comparo-a eu á honra da mulher; e « a honra da mulher (segundo diz o alcorão) é como o algarismo: tanto a erra quem erra em um, como quem erra em mil. » E afinal de contas lá vai todo o discurso pelos ares; é ainda aqui me acode a mesma *Carta de Guia*, dizendo: « Parece-me a mim agora isto, como quem põe meada grande em dobadoura pequena, que em lhe puxando pelo fio, traz o fio, a meada e a dobadoura tudo a terra. »

Saudades á comadre e aos pequerruchos.

Teu velho amigo,

Cincinnato.

CARTA 3.ª

Amigo.—Disse-te, na minha ultima, que tornaria a palestrar contigo sobre o discurso de um de nossos luminares do parlamento, se me sentisse para ahi virado. Ora hoje não tenho muito que fazer ; os pretinhos andam por fóra a cortar canna ; e eu, se hei de estar a embalar-me na rêde, ou a berrar com o feitor, ou a pedir que me façam cocegas ou dêem cafonês, venho governar o mundo em secco, e aborrecer-te com as minhas tontices, privilegio triste dos annos largos. Se eu disser muito disparate, desculpa, que eu sou o primeiro a não dar nada pelo meu bestunto ; e quem me descarregasse paulada, seria barbaro, porque daria em homem morto.

Não sou dos que aspiram a dominar o universo, a imperar sobre a intelligencia humana com o seu verbo omnipotente, porque li a historia de Icaro, cujas azas se derretiam ; de Lucifer, cujo orgulho o precipitou do empyreo nas profundas ; e sempre me toou aquella velha maxima : « *Quem quer mais do que lhe convem, perde o que quer e o que tem.* » E ainda que não venha a proposito, quero transcrever-te um passo curioso de um sermão do padre A. Vieira :

« Toda a creatura não só appetee sempre ser mais do que é, senão também querer mais do que póde. Tal é a cegueira de um entendimento ambicioso: ha de querer mais do que póde, ainda que conheça que é impossível. O official póde viver como official, e quer viver como escudeiro; o escudeiro póde viver como escudeiro, e quer viver como fidalgo; o fidalgo póde viver como fidalgo, e quer viver como titulo; o titulo póde viver como titulo, e quer viver como príncipe.

« E que se segue deste tão desordenado querer? O menos é que, por quererem o que não podem, venham a não poder o que podiam.

« Quanto sóbe violentamente o querer para cima, tanto desce sem querer o poder para baixo. Quem quer mais do que lhe convem, perde o que quer e o que tem. Se apenas podeis sustentar um cavallo com um mochila, porque haveis de ter uma carroça com oito lacaos? Com essa mal considerada vaidade, que é o que adquiristes, com o que perdestes? »

Portanto não corro eu perigo, continuando a arregar-te sobre cousas de que entendo pouco? Se eu não poder sustentar uma these, para que me hei de metter em fófas? para que hei de menosprezar o prudente *quid valeant humeri*? Se eu sei apenas sargentear uma companhia, para que arvorar-me em generalissimo? Se a minha estatura é pygméa, para que hei de pedir um covado aos tacões da bota? Se com justiça me concedem alguns dotes, para que hei de en, ambicionando glorias inatingiveis, arriscar-me a que se me negue pão e agua?

Nada. Quem quer mais do que lhe convem, perde o que quer e o que tem; e eu não quero perder o conceito de espirito singelo e chão em que tu, meu Fabricio, sempre me tens tido; e por isso, tudo quanto te submetter será em simples fórma dubitativa; e onde eu desarrazoar, faz a mercê de corrigir-me.

Eu cá de nada me gabo, e em nada tenho presumpção, nem mesmo em ser coherente; para que presta isso? Se eu não fosse tão velho, senil, encanecido, ancião,

decrepito e derrengado (confesso todos os meus crimes), talvez ainda sentisse pretensões de subir até o setimo céu, sem me importar com os degrãos; hoje palhaço de córte, amanhã tribuno da plebe, e... Nada!

Desisto dessas aspirações : estou carcomido ; não valho pitada de tabaco.

E, pois se me concede alvará para delirar e tontear, aproveito a generosa licença e entro em matéria.

I.

A escravidão.

Folgo de ver que os poderes publicos tomaram a si a solução da já tão demorada questão do elemento servil, porque era essa a mancha que deturpava a nossa sociedade, e cada dia que passava na inacção constituia uma vergonha e um perigo.

A instituição da escravidão só se coaduna com o gráo infimo da civilisação, e repugna-me ver esta terra accusada de occupar esse gráo na escala das nações.

Éras houve em que a escravidão seria, *relativamente*, até um beneficio para as victimas de tal instituição. Em longes tempos desastrosos, a guerra era acompanhada de um cortejo de horrores, que, para confusão do denominado seculo das luzes, só nestes dias se viu reproduzido. Nas taes éras o direito das gentes! autorizava o guerreiro a immolar o vencido; nessas éras tambem o trabalho significava deshonna. Quando pois o interesse, e não a caridade, convenceu o vencedor de que aproveitava mais com o trabalho do que com a carniceria dos vencidos; quando se reconheceu ser preferivel aproveitar, a degolar, os prisioneiros, procuraram *conserval-os*, de onde vem o termo *servus*, e utilizar os seus *serviços*; e dahi se conclue que a escravidão, em taes circumstancias, foi um progresso, comparada com a sorte que aguardava os miseros.

Mas essas praxes são remotíssimas. Póde dizer-se que Judeos, Gregos, Romanos fundaram sobre a nefasta instituição uma organização social, e até a philosophia lançava sua espada de Brenno na concha da balança : Platão e Aristoteles, reconhecendo-a contraria á natureza humana, proclamavam todavia que sem escravidão não havia estado politico possível ! e a matrona romana, se Juvenal não mente, espantava-se de que alguém supozesse possível que o escravo fosse homem. (*Ita servus homo est ?*) Era natural nessas sociedades o torpe espectáculo do corpo livre e da alma livre (pois são inseparaveis) vendidos a preço de dinheiro, embora só a venda do corpo parecesse indigna aos espiritos rectos, como o de Ovidio:

Turpiter ingenuum munera corpus emunt.

Com o andar dos tempos, com o pharol do christianismo, com o progresso da philosophia, com o aperfeiçoamento da civilização, reconheceu-se que o homem não é objecto venal, e que a instituição é contraria aos mais elementares principios do direito. Assim o proclamaram todos os povos e se não desaira ser o Brasil, por peculiares circumstancias, ultimo que em seu pendão inscreveu o motto *liberdade universal*, por certo lhe não estaria bem se por mais tempo demorasse a sua resolução pratica, embora rodeada de cautelas, impostas por excepcional situação.

Felizmente vejo que todós os pensadores, quaesquer que suas dissidencias sejam, estão concordes neste ponto; se nos reconditos ancós de alguma intelligencia se abriga pensamento diverso, e o plano de perpetuar o captivo, ao menos no côro dos labios reina a mais honrosa unanimidade.

Tem universalmente calado nos animos aquelles apothegmas de Erasmo, lá do outro, o Erasmo de Utrecht:

— *Nulla voluptas viris suavior est libertate.*

— *Nihil beatum, si absit libertas.*

E' tambem delle, um que eu tenho medo de citar :
Pestilentissimum genus est adulationis, sub libertatis ima-
gine blandiri ;
mas emfim, como vai na lingua da missa, passe.

II.

O projecto. As iras.

Li attentamente o projecto do governo, tendente á gradual abolição da escravidão ; li as modificações que nelle introduziu a benemerita commissão da camara dos deputados ; li o muito que me mandaste, pró e contra ; e adquiri convicção de que, nas circumstancias actuaes do Brasil, esta lei é providente e sabia ; e (embora eu desejasse nella algumas addições, taes como a liberdade dos escravos sexagenarios que a desejassem, indemnizados os senhores com um titulo de 200,000 ; nenhum imposto sobre os escravos da lavoura, e uma taxa de 2,000 a mais em cada anno, em progressão indefnida, sobre os escravos das cidades e em beneficio da caixa da emancipação, e algumas outras secundarias modificações, de que se não faz cargo quem não é legislador), tenho para mim que as disposições da lei são dignas de plena aceitação.

Seja Deus o direito ; seja Cesar o dono dos escravos ; parece-me que esta lei dá a Cesar quanto lhe é possível dar, offerece a Deus quanto lhe pôde offerecer.

Nas transacções, impostas pelo dever e pela prudencia, é frequente imitar a lei ao grande Affonso de Albuquerque, quando se queixava de ficar mal com o rei por amor dos homens, mal com os homens por amor do rei.

Troquemos as palavras *rei* por *direito*, *homens* por *senhores de escravos*, e acharemos que toda a *lei de conciliação* ficará mal com o direito, por não exigir tudo quanto este proclama ; mal com os senhores, por lhes não conceder a permanencia da escravidão, ou pelo menos o adiamento para as kalendas gregas, de qualquer plano de acabamento da triste instituição.

— Vejo com pezar que essa questão, precisada de attenção e tranquillidade de animo, tem sido discutida com exaltações e scenas violentas, e nesta distancia não posso avaliar de quem é a culpa. Deploro-o, pela dignidade do parlamento, pelo credito das instituições juradas, pelos duplos preceitos da civilidade e da civilisação. Nunca ouviram os iracundos, sejam quem forem, que não ha paixão que tanto abale a sinceridade do juizo como a colera? que essa paixão corre ás armas sem aguardar o *placet* da razão? E ainda se isso fosse um movimento casual, unico, de despeito ou desrespeito, desculpar-se-hia o tributo prestado ás imperfeições da natureza humana; mas a colera arvorada em *systema*! repetida quotidianamente como argumento convincente! Não deve ser. « Fôra para desejar (diz o meu ancião Séneca) que os movimentos do furor não podessem prejudicar mais que uma vez, a exemplo das abelhas, cujo ferrão se parte á primeira picada que dão. » Oh Séneca, Séneca! Quantas *intactas trombas de bisouros* te não desmentem!

Mas visto que cada um enterra seu pai conforme pôde, barafustem lá como lhes aprouver, e continue a servir de texto para os meus estudos o discurso do inimigo do poder pessoal.

Tu sabes os meus habitos. A todo o cidadão, como cidadão, como particular, tributo respeito, e nada tenho com elle; isso pertence lá ao seu fóro interior. Mas pertence a mim, como a todos, o que é do fóro exterior: as *opinões politicas* proclamadas *urbi et orbi* pertencem á sciencia politica, ao debate, á publicidade; e triste idéa daria da sua firmeza, da sua convicção, ou da procedencia das suas theses quem, por meios reprovados, fugisse a sustental-as, ou phantasiasse declinatorias para annullar contradictores.

E' nestes termos que entendo a polemica, e nelles continuarei.

Procedam outros como lhes aprouver, que não me demoverão.

III.

Se o projecto baixou do alto.

Leio no discurso:

• O golpe foi decretado *in excelsis*; é, com a ameaça, o *summum jus* do governo pessoal; mana de quem aspira a esta corôa de triumpho, do unico poder do Imperio; idéa funesta que vem de cima; golpe de estado que ha de firmar no paiz o despotismo, etc., etc. •

Que se lhe ha de fazer?

São sempre variações do mesmo thema; a idéa fixa, a aberração; o abysmo de Pascal.

O pensamento da liberdade humana baixa DO ALTO, foi decretado IN EXCELSIS. Certamente: quem o duvida?

Sim, foi decretado *in excelsis* no dia em que o *Redemptor* desceu á terra e proclamou a redempção dos captivos e o dogma da fraternidade humana, e o maior numero dos preccitos do decalogo—Gloria a Deus nas alturas.

Sim, *baixou das alturas da philosophia*, não menos que da religião, para esclarecer e guiar as sociedades.

Sim, *baixou das alturas do direito*, do verdadeiro, do eterno, do immutavel, do natural, do que não varia com os tempos e as circumstancias.

Sim, *baixou das alturas da civilização*, que se não compadece com as ruins doutrinas do captiveiro.

Sim, *baixou das alturas do consenso unanime da humanidade*, que banhi essa instituição para não subsistir senão nas paginas tristes de mais barbaros tempos, e a condemnou para nunca mais resurgir.

Sim, *baixou das alturas da moral social*, que ante essa instituição velava o envergonhado rosto.

Sim, *baixou das alturas da politica universal*, que em todas as nações, sem excepção alguma, apagou dos codigos a mancha que os conspurcava.

Sim, baixou das alturas da economia política, da industria, da produção, e da illustrada experiencia, que nos mostra ser a honra do trabalho, incentivo, alimento e premio delle; ser estacionaria a sociedade com escravos; alar-se ella a seus magestosos destinos, desde que se lhe desprende esse grilhão; vogar ligeira, desde que á não do Estado se arranca o entorpecimento da rémora.

Não serão bastantes esses *in excelsis*, essas alturas? quereis mais? quereis as supremas elevações da nossa terra?

Não sei bem como o mercurio do vosso barometro politico vos determine essas alturas: mas honra seja feita á nossa sociedade, percorrei-as todas, e em todas achareis gravado o mesmo sentimento.

A nossa mais elevada eminencia, o nosso Himálaya politico, a residencia terrestre do nosso Deus Mahadeva, denominado *Opinião*, é o primeiro oraculo que devemos consultar: elle nos responde, sem hesitação nem ambiguidades, que a escravidão deve acabar. Seja prova disto o eloquente facto de ninguem ousar oppôr-se á idéa em si mesma: a opinião publica exige pois o termo da instituição.

Exigem-n'o, não menos, as vozes generosas em todo o Imperio; a reprodução dos debates sobre este assumpto, desde o dia da independencia, se não antes, e com especialidade em ambas as casas do parlamento ha alguns annos; o desenvolvimento que vão tomando as espontaneas alforrias, concedidas por assembléas provinciaes, corporações pias e profanas, particulares em sua vida e *causa mortis*; o profundo estudo feito sobre esta materia pelas summidades sociaes que constituem o conselho de estado; a organização de sociedades libertadoras e de jornaes protectores da liberdade em numerosas provincias; finalmente quantos elementos sociaes podem gerar a persuasão de que o sol americano sazonou alfim o fructo opimo da liberdade.

Ahi tendes as *alturas*, e n'outra parte não as procureis. Dissipai da vossa imaginação sobreexcitada o duende, o espectro do poder pessoal, que nada tem com a questão, a qual não pertence a nenhum individuo, mas á religião, á philosophia, á politica, á humanidade e á patria.

Não ha contradicção mais flagrante que a do cavalleiro que pretende rebaixar o soberano, attribuindo-lhe o desejo de aspirar para a sua patria áquillo a que a propria patria aspira. Se é certo que o Imperador do Brasil fórma votos por que os legisladores do Brasil consagrem o principio que o Brasil todo aceita; e se nem ainda assim exorbita um ápice dos seus poderes, a nação lh'o agradece.

Nada mais imprudente, por parte de quem fór inimigo da realza, do que attribuir a essa realza o acto mais glorioso que estes tempos legarão. Bajulador involuntario, aulico invicto, cortezão innocente, declarado palaciano, será o que só barafustar por convencer que a nobre idéa, reflectida do Imperio inteiro no animo do Monarcha, foi o animo delle que a dardejou no Imperio inteiro! Tributo o devido acatamento á pessoa do Imperador, mas não o adulo nem o incenso, attribuindo-lhe mais do que uma opinião, aliás digna e patriótica, sobre um ponto, que só os nossos estadistas poderão resolver.

— Antes de transpôr este assumpto, direi que, segundo um autor, tem o homem a faculdade de transformar-se tão promptamente como de mudar de vestuario; e é assim; toma lições dos lepidopteros e outras creaturas, que successivamente se nos desfiguram em sementes, larvas, borboletas, vermes, etc., etc., segundo as conveniencias da sua natureza. Devemos suppôr que a politica participa algum tanto dessa natureza activissima; aliás não poderíamos explicar certos phenomenos.

Na minha precedente chamei a tua attenção para umas cartas de um Erasmo, amouco do Sr. D. Pedro II em 1866; agora te recordarei que, já meado o anno

de 1867, foram publicadas *Novas cartas politicas de Erasmo ao Imperador*, em espirito diametralmente opposto ao que diziára as *Antigas*. Tivemos, pois, um *Erasmo o Velho*, typo de cortezãos, e um *Erasmo o Moço*, typo de anti-dynasticos; para mim tenho que não podiam ser uma e a mesma pessoa; seriam os dous Plinios.

Seja como fór, direi que Erasmo o Moço disse tantas... altivezas a S. M. I., como Erasmo o Velho lhe dirigira.... amabilidades. Parte grande dessas *cartas novas* versou sobre a emancipação, e já então se delatava uma boa vontade, até neste assumpto, ao Imperador, tão bem fundada como a historia do *que ro e não quero*. Ora, olha tu; os crimes do poder pessoal, assacados, a pag. 12 :

« Libertando uma centena de escravos, cujos serviços a nação vos concedêra (1.º crime); distinguindo com um mimo especial o superior de uma ordem religiosa que emancipou o ventre (2.º crime); estimulando as alforrias por meio de mercês honorificas (3.º crime); respondendo ás *aspirações beneficentes* de uma sociedade abolicionista da Europa (4.º crime); e, finalmente, reclamando na falla do throno o concurso do poder legislativo para essa delicada reforma social (5.º crime); sem duvida julgais ter adquirido os fóros de um rei philanthropo! Grande erro, senhor! Prejuizo rasteiro, que não devêra nunca attingir á altura do vosso espirito! »

Ora, em verdade qualquer commentario embaciaria este aço limpo e terso. Censurado o Monarcha porque os seus ministros aconselham na falla do throno o concurso do poder legislativo! Porque um desses ministros responde a *aspirações beneficentes*! Porque estimula alforrias voluntarias! Porque aprecia um nobre acto praticado por uma ordem religiosa! Porque liberta uma centena de escravos!

O Fabricio, não é este o caso da operação que o rei do Olympo pratica naquelles *quos Jupiter vult perdere*?

Não são tudo isto versetos de um responsorio, ou antes canticos de um hymno em honra e louvor do Imperante?

Il me semble voir le diable

Que Dieu force à louer les saints.

Claro está que naquelles factos ninguém senão Erasmo acharia materia para reprehensão; são de natureza adamantina. Só no primeiro poderia um excesso de escrupulo demorar algum reparo; e esse mesmo apenas servirá para provocar, ao contrario, novos tributos de applauso á augusta pessoa que se pretendeu deprimir.

Diz-se ali que o Sr. D. Pedro libertára escravos, que a nação lhe concedêra; e isto com o manifesto intuito de accusar a realza de dispôr, como sendo seu dominio, daquillo que a nação apenas em usufructo lhe concedêra.

Pois bem: se eu não estou mal informado, manifestar-te-hei um facto tanto menos conhecido quanto mais merece que o seja; merece-o, sim, porque se a verdadeira caridade occulta á mão esquerda o que faz a direita, a terceiros é licita a revelação, menos para desnecessario premio que para nobre incentivo.

Consta-me pois que, ha largo tempo, não vê o Sr. D. Pedro entre os que o servem nascer um só escravo. E por que artes de engenhosissima caridade? Mandando na pia libertar os filhos das suas escravas, e satisfazendo logo, *do seu bolsinho*, a importancia dessa emancipação, cujo valor, *para que não seja desfalcado o patrimonio da corda*, é incontinenti constituido em apolices, que ao mesmo patrimonio ficam pertencendo. Harmonise-se a singeleza da narração de um acto desta magnitude (e em que a virtude se escondeu tanto como outros esconderiam maleficios), com a sublime singeleza com que tem sido praticado; e nem mais uma palavra.

As *alturas*, portanto, de onde o projecto baixou, são as alturas, não do poder pessoal, mas da razão, da justiça, do direito e do futuro desta grande nação.

Cumpre não abusar da tua condescendencia. Fiquemos hoje por aqui, mas já que dei principio, voltarei a importunar-te. Eu não te aconselho que publiques estas extravagancias de um pobre inhenho; e de mais eu

não quero revolver a bile de ninguém, e muito menos de quem tiver a innocente infelicidade de estar acometido de alguma idéa fixa.

Tu sabes o que é uma macuca? uma ave gallinacea, especie de perdiz grande, de cujos ossos se diz que a applicação cura as mordidelas da cobra? Pois, meu amigo, em 1833, achando-me eu em Minas, conheci lá uma velha que tinha a mania de se crer transformada em macuca, e dava por páos e por pedras quando alguém lhe dizia que não era tal; a familia, por ordem do medico, deixava-a fazer o que lhe dava na tóla, e a boa da mulher fez o seu ninho em um grande cesto, aonde estava sempre acorada e assegurava a quem ia visital-a que d'alli a pouco lhe viriam as macuquinhas. E era mentira, não sahi nem uma!

Teu velho amigo,

Cincinnato.

CARTA 4.

Oh Fabricio!

Isto de escrever é como o coçar; peor é principiar. Já que tens a paciencia de aturar-me, queixa-te de ti mesmo. Eu ando com meus barruntos de partir um dia destes para essa côrte, aonde me chamam ha um anno os meus altos negocios do Estado; tudo nesta fazendola ha mister de reforma; estive hontem pondo ao ar os preparos de jornada e fiquei petrificado! nem sequer os aprestos de marcha! ponche esburacado, rebenque roido dos ratos, chapéu de Chile traçado, cochenilho sem pello, chilenas sem rosetas, tudo uma miseria; mas eu preciso ir á côrte, ainda que seja a trancos e barrancos, mercar para a gente carne secca, baetão e outros tecidos felpudos, e caturrar com o correspondente, a ver se me cahe com alguns contitos para certos arranjos. Se tu me não embaças, asseverando-me que ahi não ha bexigas (que são o meu Adamastor, a minha estatua do commendador, o meu poder pessoal, o meu terror-mór), que melhor occasião posso eu escolher? Já não apanharei Rossi, Taborda, nem Emilia Adelaide; mas nem todos os comicos represen.am no palco, e sempre ahi hei de

não fuma, a algodão que não tece ; e as barras de nossos portos são a origem de nossa prosperidade. Estamos na dependencia quotidiana do elemento estrangeiro ; é estulticie, além de ingratição, repellil-o.

E que pensas tu, meu Fabricio, da doutrina mahometana que arrebatá ao estrangeiro a faculdade de pensar ? Está boa esta ! Consinto-lhe que venha fixar-se em nossas terras ; que nellas goze dos mesmos direitos civis que os naturaes ; que como estes regule a sua propriedade ; que funda os seus interesses nos da nossa associação... mas vendo-lhe os olhos, e tapo-lhe a boca : não ha de ver, nem fallar sobre aquillo que importa a elle tanto como a nós ; se divisar um recife á prôa do navio em que vai embarcado connosco, condemno-o se elle ousar chamar a attenção dos officiaes de bordo !

Ha mais. Nós arrogamo-nos o direito de emitir opinião sobre o que se passa no mundo inteiro ; quer o Sr. Alencar que ao mundo inteiro vedêmos boqueje sobre cousa alguma que nos interesse ! Os retrospectos annuaes da nossa imprensa relatam, criticam, exaltam ou deprimem quanto occorreu durante o anno transacto nas outras nações ; os membros dessas nações hão de ser uns fucos vesiculosos, umas alforrecas inertes, que apenas servem para na praia se calcarem ! Nos parlamentos, nas sociedades, na imprensa, nos colloquios, podemos decretiar e sentenciar sobre o que se passa fóra do paiz ; não ha de quem não seja do paiz expender sequer duvidas ou animar esforços, tratando-se de questões que pertençam, não a nós individualmente, mas á humanidade inteira !

Não pôde ser. Sou muito conservador, muito liberal e muito tolerante. Não rechaço a discussão, venha ella de onde vier. Quero luz ! quero luz ! e não pergunto á luz, se me é projectada de azeite francez, de sebo montevideano, de gaz inglez, de petroleo americano, de cêra italiana, de mamona ou carnaúba nacional.

Todos os espiritos illustrados e por isso rectos, rectos e por isso tolerantes, proclamam entre nós esta nobre doutrina : mas para contraposição, bom é que surda

por ahí algum Luiz XI em miniatura, que faça do seu barbeiro o mais intimo confidente; algum construtorzinho de muralha tartara, algum Francia-mirim que tranque o seu Imperio a todos os estrangeiros.

Faz-me este ponto comichões de mais largos desenvolvimentos, mas não devo alongar-me; ahí fica já feita a cama para o assumpto a que me arrastam os seguintes trechos do discurso do Sr. Alencar:

« *Este projecto é um cortejo á opinião estrangeira. Só tem o intuito, de se dizer a alguém: Senhor, por este acto vosso nome adquirirá uma fama imperecível. Resigne-se a nação, até que a intervenção de alguma sociedade estrangeira inste pela sua liberdade. Os emancipadores obedecem aos impulsos da opinião estrangeira. Nada mais natural do que supôr-se que se procurasse um estrangeiro, para dar á proposta certo resaiço d'além-mar. A idéa de emancipação é um producto de fabrica européa, consignada ao dono da terra, etc.* »

Tudo isto são uns enredoziños, uns estratagemaziños para desvairar-se a opinião nacional, indispol-a injustamente com o projecto, servir á mofina do poder pessoal, e prégar cruzada contra estrangeiros, a qual será capitaneada pelo mandarim Fu-Tchéou-fu, que já no seu barrete arvorou a penna de pavão.

Pelo que vejo, a politica recommendada, a ultrachineza, consiste em fazermos nós o contrario do que a humanidade praticar; não é assim? Todas as outras nações são estrangeiras; ergo se todas ellas disserem —encarnado—tanto basta para nós dizermos—azul—; dá licença que chame a isto—politica de tesourinha? Com este antagonismo, não fique pedra sobre pedra; fóra com a religião que veio da Palestina; com as instituições, que vieram da Inglaterra; com a civilização, que veio de toda a parte.

Sim, o genero humano é accórdê em que o homem não deva ser objecto de compra e venda; e nada mais venerando que o esforço feito neste sentido por nações, sociedades ou individuos, nasceem onde nasceem, mas cujos desinteressados trabalhos só têm por alvo a regeneração da humana especie.

Quem reprova esforços taes, quem julga, com o labéo de estrangeiros, conspurcal-os, vá mais longe; stygmatalize até as missões. Que criminosos não foram os *estrangeiros* que, sahindo das mais adiantadas terras, ousaram prégear a palavra divina nas Indias, na China, no Japão, na Oceania, em todo o Novo Mundo! Que criminosos não foram Pedro, João, Thiago, Matheus, Thadeo, Paulo e outros apóstolos, a quem o Redemptor ordenou que fossem doutrinar *nas terras estrangeiras*!

Os apóstolos da emancipação das almas são também evangelisantes, e a voz de quem clama pela verdade, sóe d'onde soar, mercede, não repulsa, mas acatamento.

Seja dito em honra do paiz: O caracter brasileiro, generoso, recto, hospitaleiro, repelle a obsoleta doutrina; tudo quanto é *verdadeiramente* liberal acolhe, aceita, provoca a manifestação dos pareceres, venham elles d'onde vierem; presta culto sobretudo á imprensa, á opinião, rainha do globo, e não rainha de tal ou tal paralelo. Que importa portanto que uma voz desafine? Uma andorinha não faz verão. O voto illustrado de quem tem voto, é que deve condemnar-se ao desprezo a cerebrina theoria de dever-se' rechaçar uma lei, só porque as summidades da nação a consideram util, e só porque essa lei representa uma aspiração do mundo inteiro! Theses são estas que basta descarnar.

Vou mais longe; e digo que em quasi todo o mundo civilisado, a base de cada lei vem, por via de regra, de regiões estrangeiras. E apparece quem aconselhe que façamos uma excepção a esta regra da sabedoria e da prudencia universal!

E os que se esforçam (indirectamente, mas de facto) por perpetuar a escravidão, a que fontes vão elles proprios buscar o seu imaginario direito? Á má antiguidade europea; vão hauril-o, pelo menos, da parte mais injuridica, mais indigna, do velho *corpus juris civilis*, que são todas essas disposições deshonoradoras do direito de familia, autorizando a escravidão, no mesmo codigo que também autorizava as relações do marido

legalmente tyranno para com a mulher subdita, do pai omnipotente para com os filhos vassallos.

Na Italia e no sul da França, nas terras do *direito escripto*, toda essa jurisprudencia romana lançou fundas raizes. Na França é ella, a cada passo, invocada em apoio das proprias prescripções do codigo civil. Os tribunaes ecclesiasticos na Inglaterra e Escossia seguem geralmente esse direito estrangeiro como regra. Na Allemanha, o direito romano foi legalmente consagrado, confirmado nas leis do imperio; por exemplo, no regimento da camara aulica, e em grão-numero de leis locaes, particulares a certos paizes. O mundo moderno emfim vai todo prestar homenagem, como jus subsidiario, áquella legislação estrangeira; melhor fallando da jurisprudencia que de tudo o mais, pôde Rutilio dizer á sua Roma:

Fecisti patriam diversis gentibus unam.

A base actual da legislação do Brasil é ainda hoje, em grão-parte, a de Portugal. A nossa lei de 20 de Outubro de 1823 determina que a legislação do Imperio abranja a daquelle outro Estado, até 23 de Abril de 1821, e os decretos das côrtes portuguezas ahi especificados. E já a ordenação do liv. 3.º tit. 64, tinha estabelecido que, nos casos omissos na legislação nacional, regulasse legislação estrangeira. Acaso todas aquellas nações (e nós com ellas) se consideram desairadas, porque semelhantes disposições foram originariamente proclamadas para além das suas fronteiras?

Basta. Ha tanta procedencia em suscitar opposição a leis justas por ciumes internacionaes, como já mostrei que a haveria em desalfal-a por odio á pessoa do Imperante.

— Liga-se ainda outra á dupla accusação contra o poder pessoal e contra tudo quanto é estrangeiro.

Diz o Sr. Alencar que « *esses trabalhos do conselho de estado, que o gabinete com tamanha repugnancia remetteu á camara, haviam sido communicados aos membros da junta central abolitionista, e citados na conferencia que houve em Paris a 26 de Agosto de 1867, como consta das actas*

das suas sessões, levando-se o desprezo a tal ponto, que o pai: não teve conhecimento do facto senão de torna-viagem. »

Se o attentado horrendo foi praticado em 1867, este governo *nondum natus erat*, e podia dizer ao seu illustre accusador « Deus o favoreça, irmão ; bata a outra porta ! » .

E se ess'outra porta tivesse a condescendencia de abrir-se-lhe, talvez lhe perguntassem de dentro : « Quem lhe disse ao senhor, que foi o governo, ou poder pessoal, que mandou para a Europa esses folhetos impressos, tirados em assaz avultado numero, e de que algum exemplar póde ter cahido em mãos de amigos daquella sociedade ? Muito mais secreto era o tratado da triplice alliança, e além disso manuscripto, e lá viajou de Montevidéo para Londres, sem ser levado pelo phantastico paquete, denominado *Poder Pessoal*. Boas noites ; temos conversado. »

Façamos porém de conta que se descobriu o culpado do monstruoso sacrilegio. Pallido e tremulo acudiria esse misero á barra do tal juiz, e lhe diria em vozes entrecortadas : « Suspenda V. Ex. o seu alfange, e seu inclyto poder pessoal, mais rutijante que os pessoases de quem quér que seja.

« Eu sou Brasileiro, muito amante de minha patria. Desejo por honra e interesse della ver finda a instituição do captiveiro. Como apanhei um exemplar das actas do conselho de estado, não o divulguei aqui, mas dei-o a um amigo, que o mandou para Pariz, com meu conhecimento.

« Almejava o meu amor da patria por que na Europa soubessem os que se occupam activamente da questão, os que ouvem tanta gente infamar-nós de escravocratas, que o Brasil não merece os apodos de que era victima, trabalha para equiparar-se a todas as nações, e estuda o modo de o fazer, sem sacrificio de vastos interesses creados por lei. Entendi que o conhecimento desse livrinho não tinha inconveniente algum naquella terra onde é já dominio dos prelos quanto se ha dito e possa

dizer sobre a magna questão ; mas que no Brasil é que não era *prudente* vulgarisar taes trabalhos, antes do dia em que a these tivesse de ser tratada em parlamento, porque é incandescente, perigosa quando extemporanea, e da natureza daquellas para as quaes, apenas agitadas, não deve haver um *amanhã* ; toda a solução é preferivel a uma suspensão.

• « Se errei, perdôe-me V. Ex. ; mas já vê que foi por patriotismo que o livrinho viajou para a Europa ; por patriotismo que no Brasil o não divulguei ; por patriotismo que os successivos gabinetes julgaram que tal publicidade era prematura. »

E o mais galante seria vir correndo o accusado e dizer-me ao ouvido que ninguem ha menos habilitado que o Sr. Alencar para atirar esta pedra, pois no mesmo discurso declara elle que teve tanto conhecimento dos trabalhos do conselho de estado, que sobre elles discutiu com a corôa, e os mandou archivar ; portanto, sobre elle recahe a sua propria censura, de não terem sido apresentados esses trabalhos ao parlamento, procedimento com que contrasta o do actual ministerio, que entregou tudo á publicidade, apenas chegou o dia dos debates, sem a denunciada repugnancia, antes com o intuito de contribuir assim *para que tão estudado assumpto seja sabiamente resolvido.*

.....

Tive que levantar a penna.

Que historia, que historia, meu Fabricio !

E' já quasi chegada a hora do correio, e deixo o caso de remissa ; mas sempre te quero prevenir do seguinte : Estava eu disposto ainda a continuar este aranzel, quando ha meia hora ouvi uma algazarra no campo do sitio ; cheguei á janella, e vi um grupo de 20 ou 25 aggregados e vizinhos, que vinham precedidos de um tocador de puita. Abri-lhes a porta, e então soube eu que aquella boa gente, ouvindo aos meus paizinhos que eu partia amanhã ou depois para a côrte, vinha despedir-se de mim, e pedir-me... variasque cousas.

O impagavel, porém, é a chanternidade com que se me apresentou um bom preto que aqui ha, chamado o *Panturrão*, o qual me leu, e depois depositou em minhas augustas mãos uma mensagem, em nome dos meus vizinhos; o peor foi o comportamento do meu moleque Adão, que me ia entornando o caldo, como para outra vez te direi.

O *Panturrão* accumula: é barbeiro, ensina primeiras e segundas letras, faz uns pasteis que é mesmo comei-me, comei-me, e amola facas e tesouras. Este benemerito *enthusiasmou-se por certo estilo, cheio de erudições e de et cæteras, que por ahi apparece ás vezes* e aspira a imital-o. O maganão do meu moleque Adão está com 12 annos feitos, aprendeu a ler com o padre Tiburcio e já é capaz de dar sota e az a qualquer; é um azougue, benza-o Déus. O atrevido fez uma scena jocosa ao *Panturrão*, e tão mal creado que nada servia mandal-o eu calar; foi a vergonha da minha cara.

Se tiver tempo, antes de partir transcrever-te-hei a referida mensagem com que engordei a olhos vistos, e repetir-te-hei algumas das observações do meu endiabrado moleque.

Santa Rita de Cassia te tenha na sua santa guarda.

Teu velho amigo,

Cincinnato.

QUESTÕES DO DIA

N. 2

RIO DE JANEIRO, 29 DE AGOSTO DE 1871

Reflexões políticas, dirigidas pelo roceiro Cincinnato ao cidadão Fabricio

CARTA QUINTA

RIO DE JANEIRO, 20 DE AGOSTO DE 1871.

Esta não se faz, cidadão Fabricio, não se faz. Vir eu da minha Thebaida a cavallo na mulinha, tico-tico, até à côrte; esperar o alegrão de abraçar o amigo velho, e ficar com cara de palmo e meio, ao ouvir dizer á comadre que partiras para Pindamunhangaba!

E' duro. Tua mulher cá me entregou a carta em que explicas os urgentes motivos da tua subita jornada, e me ordenas te retribua eu na mesma moeda de que és meu credor, dirigindo-te agora umas ephemerides do que por aqui se está passando, ou pelo menos continuando a minha analyse do sabido discurso, e do sabido orador. Seja assim; empregarei as minhas noites nesta divertida occupação, já que o rheumatismo, a gôta e os calos me privam de facil locomoção.

Ha coincidencias estupendas. Chego hontem á tarde, e eu que lá no sitio não sabia ainda das honrarias que devo ao meu idolo politico, caio das nuvens, quando me trazem ao almoço o *Jornal do Commercio*, onde leio que o Sr. José de Alencar empalmou á tarefa politica todo o

tempo de uma das ultimas sessões parlamentares deste anno, para me roer nos calcanhares e pôr a minha insignificante pessoa na ordem do dia ! Darás licença portanto para eu intercalar umas cartinhas sobre a incrível sessão do dia 5 do corrente. Não vale nada a minha pessoa, mas vale muito o aresto; ha fervuras em que importa deitar agua; venço a repugnancia, e venho á scena.

— Antes de mais nada, pasmo da longanimidade da camara, ao consentir d'est'arte o atropello de todas as conveniencias, a protelação dos mais serios debates, o descurar dos mais vitaes interesses, o desprezo das disposições do regimento por que deve dirigir-se; e ao tolerar que tudo isto se sacrifique a certos orgulhos garrulos, que levam horas a repizar trivialidades, a injuriar o genero humano, e a dar tristes documentos de incapacidade politica.

Invoco as tuas recordações, Fabricio. Reconhecerás que esta minha correspondencia começou por testemunhos exaggerados de consideração para com o Sr. Alencar. Trouxera elle á imprensa descabelladas verrinas contra o Poder Pessoal. Suppondo eu que fosse uma these omnipotente á discussão que elle mesmo desafiava, escrevi-te a esse respeito sem me desviar um apse do terreno licito, do politico; e recordar-te-has de que a esse senhor attribui, por meus peccados, apreciaveis dotes como escriptor, estadista, romancista e orador (Antes da quaresma me confessarei desse peccado). A paga não se fez esperar, não senhor : começou por, de logar inacessivel, me arremear as insinuações desagradaveis, sobre que já fallámos ; agora vejo que as completa com os insultos mais ferinos, com as calumnias mais proprias para revelarem o character do provocador ; muda o negocio de figura. Batido em todas as discussões, refugia-se em abrigada casamata, d'onde me atira mortaes... pipa-

rotes. Julgava esse senhor que com seus ademães me atemorizaria; ai, não; aqui me tem.

Ha quem timbre na sublimidade do muito fallar; lá o vir ou não a proposito, importa pouco; comtanto que a azenha rode, que môa ou não môa o trigo, ou a paciencia, é o minimo de que o Pretor não cura. Ai, venerando Fabricio, desadorno com galinha, que leva a cacarejar sem pôr ovo. (Tem tu paciencia, que eu aprendi com um pensador, que diz que se não devem tratar ao serio senão as cousas serias :

Co' a materia convem casar o estylo.

- Levante-se a expressão se é grande a idéa;
- se a idéa é negra, a locução negreje;
- e tenue sendo, se attenua a phrase.

Mais tenue do que isto não ha nada.

Sirva pois a regra para minha justificação de ora-
vante; onde me vires rir, é porque considero a cousa risivel).

Ora, toca a dissecar a eloquente arenga, com que o campanudo orador esteve escarnecendo do parlamento.

—Principiou, jurando que fugiria, como diabo da cruz, dos exercicios oratorios; é de crer que logo os ouvintes se entre segredassem que iam assistir a não mais que um exercicio oratorio. Mas enganar-se-hiam, confesso, pois ao que iam assistir era á mais desbragada descompostura a tudo e a todos, com uma raiva, um phrenesi tal, que eu recommendo cautela, pois nos ataques de hydrophobia morde-se com aquella sanha. Aqui as dentadas foram em tudo quanto o rodeava de facto, ou lhe atropellava o cerebro rábido.

— Dentada no ministro do imperio, por dois crimes : 1º ter só feito nesta sessão dois discursos, 2º serem estes ao lusco-fusco.

— Dentada no presidente, que lhe *peidia* (quando devia mandar-lhe) se conformasse com o art. 217 do regimento; attribue-lhe o plano de restringir a liberdade da tribuna; e ameaça a patria de a deixar na orphandade, privando-a dos seus falatorios, em que sempre apparece representada uma scena dos *Demandistas*, de Racine, ou em que a proposito de uma avellã, se descrevem todolos successos para cá do diluvio.

— Dentada no Poder Pessoal; isto já se sabe; não havia remedio senão coçar na borbulha. E' mofina para a qual, embora calhe como canção de noivado em cemiterio, ha sempre oportunidade. Coitadinha da macuquinha!

Aqui agora, houve um intervallo nas dentadas, porque S. Ex. fallou de si, e é essa a unica pessoa em quem não morde. Ora, como esta carta é não menos um relatorio, eis como o caso foi; vá tambem de entreacto. Desenfardelando citações (sem serem da *eschola ingleza*, d'esta feita), comparou se, modestamente como sempre, com o grande jurisconsulto Labeon, a quem os contemporaneos tinham por louco, attenta "a austeridade e rigidez do seu character, e o seu amor á liberdade, *incompacta libertate*, dice Tacito". Isto não faz mal: quanto á primeira parte, a da comparação com o impavido, acerrimo, rigido e asperrimo, quem ha de gabar a noiva, senão o pai que a quer casar? quanto á segunda, (se a intenção foi attribuir a narração a Tacito, que, a não ser assim, entraria aqui como Pilatos no credo) não passa de uma citação falsa, que não quebra osso, e demonstra alta sabença, visto como d'est'arte

aqui vão berrando
os échos das bombas
que estalam nas trombas
dos rhinocerontes,

amphiguri, quasi como o do Filinto. Tacito nunca applicou a Labeon a locução *incorrupta libertate*, pela simples circumstancia de que nunca escreveu uma só palavra a respeito do tal estouvado: nos *Annaes* fallou, sim, de um Labeon (IV 47, VI 29) mas esse era o Pompeio, e de outro Labeon (II 85), mas esse era o Titidio, e não mais se occupou da familia dos beçudos; ora o tal, do hospicio de Pedro II do tempo de Augusto, era Labeon Antistio. Cá o nosso preclaro orador ouviu cantar a gallo, mas não soube aonde; leu isso, não em Tacito, mas em alguma colleção franceza de anedotas, ou em algum Supico, e fez muito mal em comparar-se com Labeon. D'esse papeou, por exemplo, Aulo (Gellio (XIII 12) que do tal jurisprudente, *sabio e mentecapto*, repete o seguinte: “ *Sed agitabat hominem LIBERTAS QUÆDAM NIMIA ATQUE VECORS; usque eo, ut ratum pensumque nihil haberet, nisi quod justum sanctumque esset, in romanis antiquitatibus legisset* “. Ora ali, *no vecors*, póde haver suas duvidas, porque o endiabrado vocabulo exprime, umas vezes doudo, outras furioso, e outras tolo; mas quanto ao resto a tradução é clarissima. A palavra *nimio* quer dizer, *demasiado, sobejo, demais*. O Sr. Alencar já nos participou que era *nimiamente severo, severo de mais*: o Labeon tambem queria *liberdade de mais* (*libertas nimia*); mas d'ahi por diante, não senhor, não admitto comparação, visto que o romano levava as suas exigencias a ponto de loucura ou de toleima (*atque vecors*); mas entendessem lá o tal romano! liberalão dos quatro estados, quando berrava por liberdade infinita; e ao mesmo tempo corcunda de papo amarello, quando bramava por que se não bulisse nas idéas antigas. Mas aqui outra vez, sim; entrevejo suas paridades: era um Erasmo o Moço, e um Erasmo o Velho, de pernas para o ar. Acabou o entreacto: prosegue a comedia das *Dentadas*.

— Dentada em Horacio, porque vilmente chamou insano a Labeon, para agradar ao seu protector Mecenas, como os actuaes Mevios são protegidos pelo presidente do conselho ; tal e qual.

— Vinte dentadas no referido presidente do conselho, porque é altisonante e grandiloquo (nestas terras é defeso caçar; ha quem já se apossasse dellas, por *arrematação* ou *adjudicação*, que é uma e a mesma cousa); porque tem velleidades pedagogicas; porque marcha de paradoxo em paradoxo; porque não é homem de bem; porque vôa com azas Icarias; porque arranha os adversarios; porque suas iras são felinas; porque deve a carreira aos seus grandes gestos e scepticismo; porque deve a sua exaltação a um grande vacuo que tem dentro em si para o manter á tona etc. etc. E conclue com esta phrase, de uma propriedade impagavel: “ Mas, senhores, nem esta reconvenção seria tolerada pela minha consciencia (*consciencia*), nem a minha delicadeza (*delicadeza*) permittiria que a fizesse”.
Avante !

— Dentada nos membros da commissão especial, a quem accusa de prégar sermão inçad de profanidades, e de affrontar os brios nacionaes e a dignidade do parlamento.

— Dentada no relator da commissão, ao responder-lhe que as suas palavras, nem dignas são de ser ouvidas.

— Dentada no governo, fabricante de torpedos politicos, porque o trata com desdem e ironia.

— Dentada na maioria, porque o amordaca, e não lhe deixa jorrar esta catadupa de irresistiveis argumentos : e porque a maioria não é senão o gabinete, e o gabinete não é senão o presidente do conselho.

— Dentada no senado (*vulpis ad uvam*) e no conselho d'estado, porque é nesses elementos vitalicios e anti-

constitucionaes, que a tambem vitalicia corôa se apoia (macuquinha).

Dentada em S. M. o Imperador, e em S. A. a Regente, dizendo ao ministerio que não pense ganhar a partida, apesar de ter nas suas cartas o *rei* e a *dama*.

Bem era que, após estas e outras mordeduras e torquezadas, se concluísse prégando a insurreição ao pacifico povo, que nunca imaginaria que da assembléa dos seus legisladores, de um areopago conservador, surgisse uma voz provocando sedições e levantamentos.

— Salto a pés juntos por sobre outras gentilezas, e venho já ás imprecações contra a imprensa em geral, que apoia o governo :

”Imprensa clandestina do governo — Lucrativa empreitada — O suor do povo desce do céu, como Jupiter transformado em chuva de ouro, para seduzir e profanar a imprensa — O governo inoculou-lhe o virus da desmoralisação, a lepra da subvenção — O governo fabrica uma opinião falsa, que não é inspirada pelas idéas, mas pelo salario — A imprensa subvencionada rebaixa uma profissão tão nobre como o jornalismo — O governo levantou contra o orador uma cohorte de anonymos a quem incumbio não de refutar as suas idéas, mas de lançar sobre a sua pessoa doestos; artigos que, por sua profusão, bem se via que eram pagos por tão abastado e generoso capitalista, como é o cofre secreto — Arma a mão do mercenario para insultar os adversarios que não se anima a combater na tribuna — O governo chama em seu auxilio os mercenarios da penna, esses que na phrase de Marcial *verba et iras locant*, alugam a palavra e a bilis. — Instrumentos de diffamação, etc., etc.“

A que deferencia póde aspirar quem assim vilipendia, com a mais desenvolta linguagem, não só os governos,

mas os escriptores em massa? Que estylo é este, que não acha precedente senão nas peiores paginas da *Tripa Virada*, ou da *Besta esfolada*? E como não andaria bem consultada a justiça, quando teve por seu consultor quem entende dest'arte as prescripções da justiça!

Esta ladainha de affrontas assenta n'uma accusação de facto; porque não esperou a declaração desse facto, antes do accesso hydrophobico? Ora o presidente do conselho, n'um discurso antipoda deste, em elegancia, cortezia e dignidade, respondeu:— "(Que o gabinete actual não tem subvencionado escriptores;" e após tão explicita declaração, o *justo e leal* parlamentar não retira as suas iniquas accusações de chuva d'ouro, lepra da subvenção, salario, mercenarios da penna, e outros *argumentos*, dos unicos de que se acha provido o arsenal do tonitruante orador! Lamentavel privilegio o de similhantes eloquencias; tristissimo, quando só inspiram piedade. Os illustrados, nobres e desinteressados escriptores, que assim se tenta vilipendiar, riem dos Labeons, e vão andando.

Mas eu, é que não. Ao bom pagador não dóe o pe-nhor. Temos uma continha que ajustar. Emquanto me illudi, suppondo possivel disentir uma questão, de indole exclusivamente politica. sem se ultrapassarem os limites que a simples educação ensina, usei da mais respeitosa linguagem, e de quantas precauções significassem apreço, superior até ao devido, dos dotes do adversario. Fui cauteloso em não proferir palavra que resvalasse das idéas politicas para as moraes, sociaes ou outras, defezas aos debates. Não approuve este comediamento ao valente athleta: descobri, contra mim a sua metralhadora, de tiros de cortiça, sem resguardo de especie alguma; acceito o novo estadio a que me chama: dente por dente, olho por olho.

Reconhecer-se-ha que fui eu o provocado, e que quem affastou para muito mais longe os limites que eu me havia traçado, foi quem ignorava o annexim: quem cospe para o ar, na cara lhe cahe. D'ora avante o estadista, o escriptor, o critico, o romancista, o jurisconsulto, são livre dominio da analyse, e á la fé que essa liberdade não será privilegio exclusivo dos Labeons.

Já anteriormente, com muita estranheza minha, o Sr. Alencar me censurara no parlamento, como notei em carta anterior. Ouço, porém, que pretendia agora alludir á minha pessoa, quando neste memorando discurso, prevalecendo-se nobremente das immunidades da sua poltrona (aqui o termo é feminino), proferio as seguintes branduras, a que desejo augmentar a merecida publicidade:

"A circumstancia mais grave, a que mais revolta no procedimento do gabinete, é que chamou em seu auxilio uma penna estrangeira para coadjuval-o nos seus trabalhos parlamentares, discutir os negocios do paiz, lancar contra os seus adversarios invectivas.... Não se tolera que um estrangeiro, faltando aos deveres de cortezia para o paiz que lhe deu hospitalidade, se arrogue o direito do insulto, e se empenhe em deprimir os seus caracteres políticos. O paiz onde similhante facto se desse sem uma *reacção energica do povo*, seria.... etc."

1.^o, novo specimen de estrangeirophobia; 2.^o, denuncia de ser eu estrangeiro; 3.^o, convite ao povo para me fazer em postas. Entendamo-nos: Se eu sou Cincinnato, está visto que nasci em Roma; e cá este illustre propinante quer *talionar-me*, fazendo com que o povo me decepe a tonta (*obtruncat capitem*, diz neste caso T. Livio), em paga de ter eu approvado ao velho Cincinnato que o seu general de cavallaria fizesse outrora o mesmo ao pobre Servilio Axilla. Não ha razão

de queixa. Acho em realidade este o mais habil expediente para cair contradictores; venha de lá uma boa cabeçada: homem morto não falla.

Quer porém S. Ex. ver na minha assignatura um pseudonymo? Porque não? Ouve tu cá! Emprega-se a pseudonymia, ora por tactica, ora por medo, ora por calculo; mas tambem se adopta ás vezes por se pensar que, quando se tem um nome obscuro, nada accrescenta elle ao valor ou á insignificancia dos raciocinios, os quaes são assim, com mais liberdade e justiça, aquilatados.

A explicação da minha assignatura é esta ultima; e não se imagine que sou movido por temor de especie alguma: se eu tivesse medo, comprava um cão. Eu fui baptisado; ponha o denunciante o meu nome por extenso, que eu lhe protesto que, assim como o meu antecessor dava pelo nome de Quinto-Lucio-Cincinnato, eu quando o nobre delator chamar pelo meu nome, Fulano de tal e tal, bradarei immediatamente: Prompto! *Adsum; in me convertite ferrum*. Enquanto porém o não fizer, consinta que eu vá andando meu caminho, coxeando na piugada de quem hontem assignou *Erasmus o Velho*, hoje *Al.*, agora *Erasmus o Moço*, logo a *Voz de Deus*, depois o *Autor da corte do leão*, outra vez *I. G. dos Tamoyos*, outra *G. M. da Diva*, outra *Senio do Gaúcho*, outra o *Autor da festa macarronia*, e se mais mundo houvera lá chegara. (Esse, sim, esse quem quer que seja, que toda a vida tem usado e abusado da anonymia, é curioso quando clama, em questão de principios, que se não abaixa a discutir com anonymos! Perdeu-se alli um bom diplomata).

Quer pois que eu seja estrangeiro? Aponta com o dedo para a minha pessoa, não para discutir (que isso não é cousa do seu gosto), mas para me injuriar, e pro-

vocar contra mim o povo a uma reacção energica? Pois serei, que mais quer? Serei eu; e quem sou eu? *Ego sum qui sum.*

Ora agora, sabe o que mais! Falta á verdade em todos os pontos e virgulas da sua verrina.

Falta á verdade, quando affirma que o gabinete me chamou para o coadjuvar em seus trabalhos parlamentares. Nunca vi uma só linha do projecto sobre o elemento servil, senão depois que elle appareceu impresso; nunca antes disso troquei palayra sobre tal assumpto com quem quer que seja.

Falta á verdade, asseverando ter-me o gabinete convidado a lançar invectivas contra adversarios. Nem lancei invectiva alguma; nem o gabinete era capaz de m'o pedir, nem eu de escrever uma phrase. que não proviesse da mais intima convicção.

Falta á verdade, quando diz que eu fui descortez para com este paiz; e quem não quer passar por... por um nome muito feio, mostre uma só locução minha que não denote amizade sincera e justiça para com este imperio, a quem, ao contrario, nesta mesma polemica, e logo desde a primeira carta, defendi energicamente das constantes exprobrações que, contra elle e tudo quanto é d'elle, vomita o illustre devaneado. que só imaginaria *aurore de seculo d'ouro*, quando elle subisse ao governo, ás maximas elevações, enquanto nós cá nos fossemos robolcando neste seculo de ferro, em que

..... le sort burlesque (en ce siècle de fer)

D'un pédant, quand il vent, sait faire un duc et pair.

Falta á verdade, quando me pinta como devendo ajoelhar agradecido pela *hospitalidade que este paiz me concedeu*. Alto lá! Houro-me com a benevolencia que desde a suprema altura até ás infimas camadas, me ha sido constantemente dispensada; mas de igual bene-

volencia tenho sido alvo em varias nações, que me não vendem por mercê de hospitalidade o ser eu amigavelmente tratado por aquelles a quem trato amigavelmente. Vim para aqui, porque uma importante missão me trouxe; conservo-me, porque me apraz; nem pela vinda, nem pela estada, ha obsequio de quem quer que seja. Nada devo; nunca devi; nada peço que não seja de justiça; nunca pedi. Se aqui prefiro estar; se aqui dispendo o que possuo; se aqui vivo (respeitando as leis, mas sem adular homens, nem ante preconceitos de qualquer genero pôr joelhos em genuflexorio) é porque quero, só porque quero, e sem tolerar mais que se chame *hospitalidade* á minha estada, do que se eu tivesse a vergonhosa pequenez de dar esse nome ao acolhimento fraternal e dedicado que o Brasileiro encontra em todas as terras que percorre, mórmente em algumas.

Falta finalmente á verdade, allegando que eu deprimos *os caracteres politicos do Brazil!* E' outra esper-teza; quer fazer clientella á minha custa! Muito lido na historia da França, pauta o seu procedimento (*si parva licet componere magnis*) pelo de Napoleão III, cujo machiavelismo o levava a não fazer guerras senão de parceria: Criméa, Austria, Italia, Cochinchina, Mexico, tudo foi tentado com as costas quentes; e a primeira vez que se vio sózinho, levou tremenda lição da Prussia. Esta subtileza agora tem por fim gritar: *oh da guarda, ah qui d'el-rei, que me escovam!* Tem igualmente por fim desvairar o juizo dos caracteres politicos, com uma falsidade. Nunca eu disse uma palavra contra um unico, individual, nem contra muitos, collectivamente; eu não bailo senão conforme me tocam; acredito com sinceridade que os que não pensam como eu pensó, é porque a sua intelligencia

assim lh'o ordena, e talvez tenham mais razão do que eu; é só com o Sr. Alencar que eu tenho discutido, e o Sr. Alencar não é plural, para fallar de *caracteres*, e contente-se se poder empregar esse nome no singular.

Não te quero cançar, Fabricio querido; paro aqui. Cedo continuarei os commentarios ao grão thema.

Agora fecharei, tocando em assumpto que nada tem com o que precede, e que é uma simples trivialidade moral.

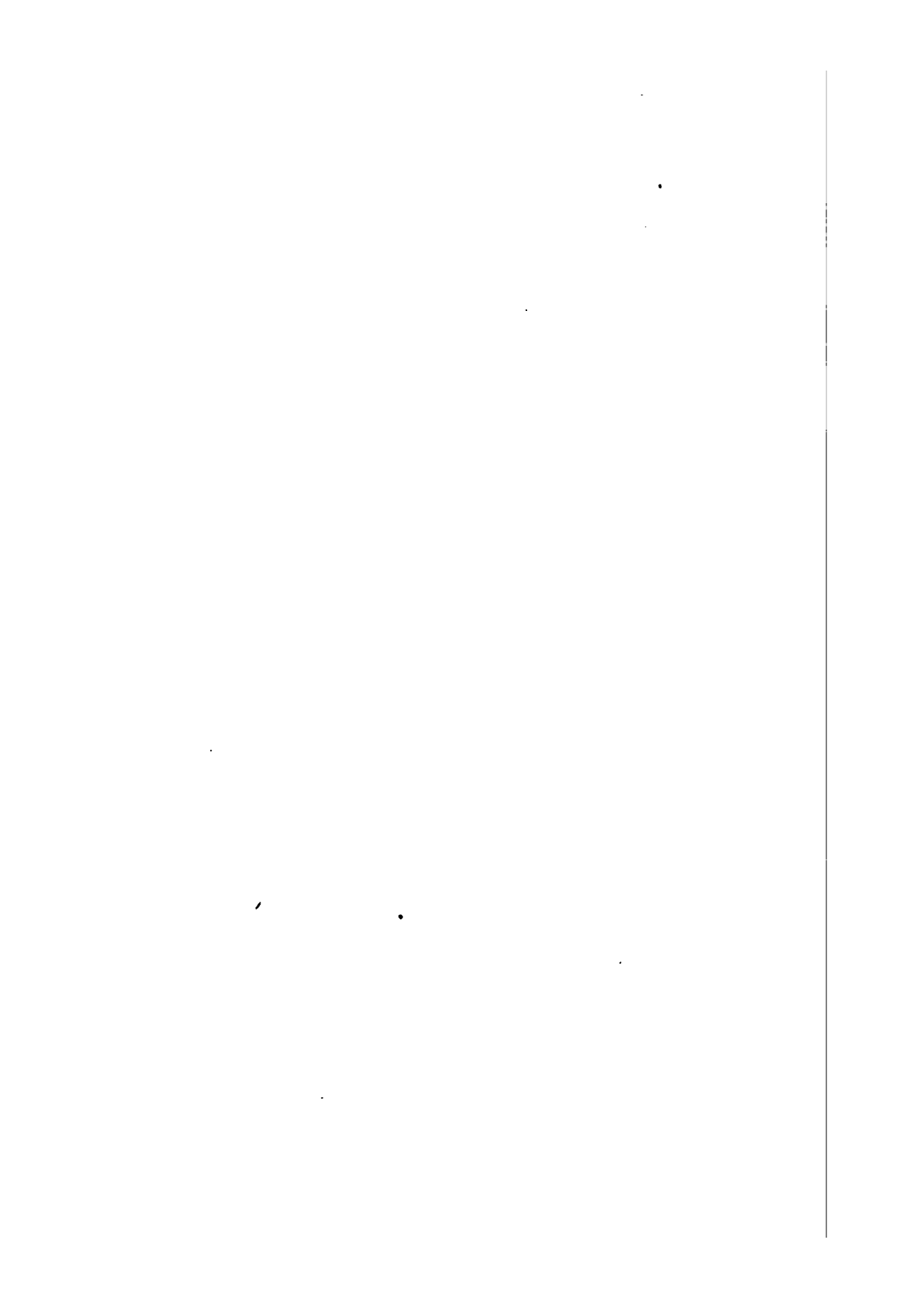
Eu tambem leio os meus Supicos, e num d'elles acho que a argutissima antiguidade tinha, entre os seus sophismas celebres, um denominado — *o Mentiroso*—, e cuja formula era esta :

O que mente, e diz que mente,
mentiu ou dice verdade ?

Até agora o typo mais comico d'aquella *virtude* era a personagem de Dorante, na comedia de P. Corneille, que tem o nome do tal sophisma. Antes d'isso, exclamou um personagem de Plauto: "*Si dix ero mendacium, solens meo more fecero*", que um annexim nosso traduzio por : "*Mente Pedro, porque o tem de veso*". Mas as figuras de Plauto, os Dorantes e os Pedros, neste seculo de *monde marche*, já são fosseis e eclipsados.

Bem eclipsado és tu, que te pozeste a audar; e attento o grão crime da minha caducidade, fossil é este teu amigo; o qual, depois de se ter dirigido a ti, volta-se para o Illm. Exm. Sr. conselheiro José de Alencar, dizendo-lhe outra vez que, *para todos os effeitos*, tenha por entendido que esta carta é assignada pela pessoa que lhe approuver, ou pelo roceiro

Cincinatio.



QUESTÕES DO DIA

N. 3

RIO DE JANEIRO, 3 DE SETEMBRO DE 1871

Vende-se em casa do Srs. E. & H. Laemmert—Praça da Constituição, Loja do Canto—Rua de S. José n. 110—Livraria Acadêmica, e Cruz Coutinho na mesma rua n. 75. Preço 200 réis.

Reforma judiciaria

O Parlamento brasileiro acaba de votar uma das mais importantes reformas reclamadas pelo paiz.

E' de crer, que brevemente a sancção imperial converta em lei o projecto aceito por ambas as camaras legislativas; e logo que este facto se realise, poder-se-ha dizer, que o Brasil é um dos paizes do mundo civilisado, onde a liberdade do cidadão encontra as mais amplas garantias.

O Brasil pôde ufanar-se de possuir as instituições judicarias mais excellentes, e capazes de emparelhar com as dos povos mais adiantados em civilisação, e mais zelosos da liberdade individual.

O jury, essa instituição, que os inglezes denominaram a verdadeira cidadella do povo, e a inexpugnável Gibraltar da sua constituição, acaba de receber da recente reforma o possível melhoramento, tendo garantias superiores talvez ás do jury inglez.

Confronte-se o que na Inglaterra se estabelece em relação a este assumpto com o que a reforma providencia entre nós, e não haverá exaggeração da nossa parte.

Os Estados-Unidos e a Inglaterra, paizes modelos de liberdade, não offerecem em sua legislação criminal mais desenvolvida protecção a essa liberdade.

Para mostrar a exactidão do nosso asserto, basta contrapor as disposições do seu direito ás disposições do nosso direito novo. Em ambos os paizes notam anomalias, que entre nós o espirito esclarecido do legislador tem rejeitado.

A reforma já votada traz grandes e importantes melhoramentos em vantagem do cidadão, e mostra um

espírito de liberdade, que ninguém rasoavelmente contestará.

Não podemos deixar de fazer sobresahir em primeira plana o respeito, que a reforma consagra ao grande principio da inviolabilidade da vida humana.

Si a reforma não abolio formalmente a pena de morte, todavia a tornará rarissima, e talvez impossivel. Para a applicação dessa pena, exige-se agora a unanimidade na decisão.

A unanimidade em julgamento de pena capital é por certo difficilimo successo, quando por character os brasileiros são brandos, e infensos a castigos atrozes, como é uma pena, que é irreparavel sem ao menos ser exemplar.

A nova disposição tem ainda salutar effeito em relação á injustificavel e barbara lei de 10 de Junho de 1835, que com o ultimo supplicio punia o escravo autor de crimes, em que essa pena era comminada.

A lei não attendia a circumstancias: a morte castigava o caso atroz e horroroso, assim como punia o facto mais justificavel e simples.

E' uma lei fóra de todos os principios de justiça, e humanidade; nenhuma gradação de penas reconhecia.

Pela reforma, desde que não ha unanimidade na votação sobre o crime, applicar-se-ha a pena immediata: assim já uma gradação apparece para modificar o rigor absoluto da lei draconiana.

A abolição do procedimento *ex-officio* nos casos crimes é de alta conveniencia para a causa publica.

A simples consideração de que actualmente o juiz é parte e julgador, mostra quão desvirtuadas estavam as regras de justiça.

D'ora em diante o juiz conservará o seu character de arbitro desapaixionado e desprevenido.

O juiz formador da culpa por propria iniciativa não podia deixar de levar o fermento da parcialidade contra o accusado. em quem elle começava por ver um criminoso. O espirito assim preoccupado prejudica a justiça, que requer, no momento de avaliar e pezar as provas, animo desprendido de qualquer consideração alheia á natureza dessas mesmas provas.

A reforma neste ponto restaura o grande principio da imparcialidade, e da dignidade do juiz.

O réo vê seu julgador, mas não o homem cívico de interesse no bom exito de uma accusação, que elle pro-

prio levantou: porque assim arreda de si a arguição de leviano, começando o procedimento infundado, e consegue os fóros de perspicaz, que não deixou passar incolume o criminoso escapo á vigilancia das demais autoridades.

Na ordem das garantias immediatas da liberdade civil o melhoramento operado pela reforma colloca o cidadão em posição mui sobranceira.

Elle já não verá no goso da sua liberdade pessoal a simples e bondosa concessão da autoridade policial, que armada de arbitrio para prender por meras suspeitas, ou indícios, que fantasiava, tinha o condão magico de tolher o cidadão em sua independencia, quando lhe aprazia.

A segurança do cidadão brasileiro estava hoje dependente do terrivel anathema, que a autoridade proferia nestas palavras: "Estás iniciado em crime inafiançavel."

Tanto bastava para o cidadão ver empallidecer diante de si tolas as seguranças da lei constitucional.

Agora a autoridade criminal terá regras definidas para constituir o indiciamento em crime, e já não poderá prender senão em vista do facto incontestavel de offensa á lei, e em face de provas concludentes da criminalidade de um individuo.

O cidadão tem abrigo certo na lei: não fica apenas entregue ao bom ou máo criterio da autoridade.

Aquillo que o cidadão tem de mais precioso na sociedade civil, a segurança de sua pessoa, será uma realidade. Sem facto seu devidamente comprovado, elle não se temerá do carcere: a sua pessoa é livre.

O *habeas-corpus* foi desenvolvido pela reforma. Assentado em nossas leis do processo criminal, soffria na pratica restricções incompativeis com a natureza de tão salutar instituição.

Nos casos de maior necessidade, por isso mesmo que a opressão se acobertava com a falsa legalidade, tornando-se intoleravel e ousada, o grande recurso das nossas liberdades, decahia, e perdia a sua efficacia.

Os nossos tribunaes vacillavam sobre a amplitude do *habeas-corpus*, e muitas vezes os pacientes, escandalosamente vexados, tinham de resignar-se aos rigores da prisão arbitraria.

A autoridade violenta procedia sem competencia.

SEXTA CARTA

DO ROCEIRO CINCINNATO AO CIDADÃO FABRICIO

Rio de Janeiro, 22 de Agosto de 1871.

Fabricio d'est'alma

Obrigado pela tua cartinha. Tu nunca te esqueces dos amigos, bom velho. Já sei que chegaste a Taubaté e Pindamonhangaba; que o teu primeiro cuidado foi dirigires-te a N. Sra. do Bom Successo, e ires logo á capella de S. José, ouvir missa por intenção de todos os José's passados, presentes e futuros. Sei que me ias mandar pela bahia de Ubatuba uns rolos de precioso fumo indigena, mimo que é muito de meu gosto. Excellente Fabricio!

Teimas pela minha correspondencia; não te aflijas, que hasde recebê-la, e de ora avante um pouquinho mais livre, graças a Deos

Agora o que me atrapalha é a abundancia de materia; pobre, á força de rico, diziam os romanos: tenho ante mim as duas lenga-lengas monumentaes com que o insigne orador andou aos grillos e a que serviram de pretexto — num caso o elemento civil — no outro a cerebrina interpellação. Emvez de absorver as minhas admirações num só desses Koh-i-noors politicos, reparti-las-hei por ambos, mas já agora continuemos com o parentese que a interpellação abriu.

Deos me livre de cercear uma virgula á diatribe com que a mordacidade desse sujeito imaginou fulminar este pobre homem de palha, contra quem houve por bem espinhar-se. Quero repetir litteralmente as suas palavras para que se avalie a dignidade do orador, a justiça das increpações, a valentia dos argumentos, a decencia da phrase... e a revira-volta a que me constrangeu. Transcreverei os trechos d'aquelle jaez que, segundo dizem, teve em mente encarapuçar-me quem á discussão preferia a disputa:

“ Senhores, a camara comprehende que nem eu nem os meus amigos damos a menor importancia a esses escriptos e ao seu auctor. Essas *rabulices litterarias* (mandou que o *Jornal do Commercio* pozesse em gripho) não chegam até nós; nem me occuparia com ellas, pois tenho nojo de tocar-lhes, se não fosse *encomenda do governo.* ”

Eu e os meus amigos: 1.^a exactidão. Gostaria de saber quem são os *amigos* deste senhor, e o nome de um unico que lhe desse procuração para o representar nestas elegancias. *Não chegam até nós*: Qual nós nem meio nós? *Noz* é um fructo de casca ossea, rugosa e feia, mas que tem um interior aproveitavel.

Em vez de nós, ponha o seu *eu*, que já não é tão pouco; faça de conta que é o sargento de reforço a Astorga. E não sei bem a que proposito diziam os antigos: uma má ovelha deita um rebanho a perder. O egoismo é um suicidio; quem só a si ama, de ninguem é amado.

Diz que não dá importancia aos meus escriptos nem a mim. Cá fico a chorar. Não, que realmente pirraças do Sr. José de Alencar são caso de perder a cabeça! O que valle é que, segundo o costume, amanhã pensará o opposto; e essa aurora de esperança é já consolação. O que admira é que, fazendo tão pouco caso dos escriptos e do auctor, os tornasse objecto de uma interpellação parlamentar, em que cada palavra sua aspirava a fazer papel de setta! Mas porque se queima e porque se pica?

Dizem os anexins: quem se queima é porque pega em brazas; quem se pica cardos come. Faz mal em comel-os, faz; mas se gosta, bom prol lhe faça; vá fumando.

Quanto ás minhas *rabulices litterarias*, orçam pelas rabulices litterarias, juridicas, oratorias, dramaticas, e outras, de certo vulto que eu cá sei, de certa gralha, cujas pennas serão, uma a uma; arrancadas até que lhe fique, sun, o jus de gralhar, mas não de pavonear-se.

Continua o Demosthenes, provando do seguinte modo serem os meus escriptos encomenda do governo. Lê e pasma:

“ A prova circumstancial é a intimidade que ostenta com o governo esse estrangeiro; o garbo e orgulho que elle tem de ser um auxiliar prestimoso da administração: e o custo excessivo dos longos e esteirados artigos; tudo está revelando o dedo do ministerio.

“ A camara o vio exhibir-se neste recinto diariamente, em colloquios com o nobre ministro do imperio, e com o nobre relator da commissão, fazendo trempe. Aberta a discussão elle a acompanhou constantemente

como uma especie de acolito da illustrada commissão ; e parecia desafiar os oradores da opposição a que ouzassem tocar no seu insulso aranzel.

“ Não cuidei que os reis constitucionaes carecessem de suissos de pennas. Pode o nobre presidente do conselho despejar os cofres publicos para pagar aos cavalleiros de injuria... Os aventureiros que blazonam de protectores do governo recahirão no despreso publico, donde pertenderam surdir. .,

Dizia o direito romano: *Actori incumbit onus probandi*. Olha tu, meu Fabricio, a jurisprudencia d'este causidico. São do governo os meus artigos, 1º porque conheço algum dos ministros ! 2º porque tenho garbo de os auxiliar (invenção do orador) ! 3º porque os artigos são longos e *esteirados* (não pode ser erro typographico, pois *estirados* seria redundancia ; logo são com effeito, além de longos, esteirados ! 4º porque conversei com 2 cavalleiros, *fazendo trempe* (não entendo, mas deve ser espirituoso, visto que o Sr. Alencar diz que provocou hilaridade!) 5º porque me vio na camara (como poderá ter visto centenaes de curiosos, tão vadios como eu) ! finalmente 6º porque eu parecia desafiar a opposição a ousar tocar no meu insulso aranzel (que aranzel é este ? em que é que eu lhe pareci desafiar a ninguém ? Vou para Minas, visitar a velha da macuca.)

E eis ali as *provas*. Limpe as mãos á parede : são tão convincentes como as com que acaba de pejar os prelos sobre um ponto juridico, em que, depois de depennado por habil antagonista, acaba tambem de ter no supremo Tribunal a consolacão de não achar um só voto que opinasse ter a sua doutrina o simples senso commum. Mas não antecipemos : a analyse do jurisperito, hade vir a seu tempo : por agora limitemo nos a erguer as mãos ao céu por não ser juiz, quem por taes chamadas *provas circumstanciaes* condemna os miserros que odeia.

Quanto ao *cavalleiro de injuria*, e ao *aventureiro*, conversaremos, depois de transcrever mais um trecho da audaciosa verrina:

“ Mercê de Deos, não preciso da tribuna para combater os meus adversarios pessoais, nem consinto que S. Ex. procure rebaixar-me, julgando que eu pudesse *rez, nos escriptos*: a que me referi, um adversario. Não

senhores, os meus adversarios não são d'aquella ordem. O nobre presidente do conselho, que o tem posto a par de si, abrindo-lhe o thesouro que outr'ora se lhe fechou, o nobre presidente do conselho é que poderá considerá-lo algum dia seu adversario, quando elle prestar a outro, e por igual razão, o mesmo serviço que lhe está agora prestando.

“ E” meu costume combater os meus adversarios de frente, e sinto coragem bastante para dizer a verdade em face. Nunca recorri a pennas mercenarias para atirar a meus antagonistas o stygma que não tivesse a coragem de lançar em rosto; nunca!

Não precisa de tribuna!! Oh se precisa! precisa até de tribuna, que seja inacessivel a qualquer antagonista, porque só assim poderá alardear triumphos que deva a silencios forçados. Pois pensava o Sr. José de Alencar que ousaria exprimir-se assim, se visse ante si com a palavra o cidadão a quem julga insultar?! Não; as suas valentias são as do verdugo, que açoita a victima algemada. E alardeia aquillo a sua coragem! Com uma tiara de immunidades!

Qual combate de frente?! O seu combater é o da sombra, que foge de quem o segue, e segue a quem se afasta. O Sr. Alencar bravateia onde a fortuna o collocou fóra de alcance. Tem tres privilegios para injuriar sem resposta:

1.º Tem a galharda chibança de atacar no parlamento a quem não póde ali retorquir-lhe; e assim abuza da irresponsabilidade parlamentar, que só devêra conservar-se para as opiniões, e nunca para os convicios contra estranhos.

2.º Tem o exclusivo de propagar os seus doestos, á custa dos cofres publicos, reproduzindo-se estes pela imprensa.

3.º E como se tudo isto não bastasse, accresce-lhe a exempção da resposta grammatical (que é pelo mesmo caso que se faz a pergunta), attento o inconstitucional contracto em que a camara dos deputados inlibe o grande organ da publicidade de dar á luz escripto algum em que se responda livremente ao Sr. Alencar.

Onde ninguem falle, brilha S. Ex.; da imprensa livre, desadora; provoca e foge, e acha lá uns pretextos incompreensiveis para explicar o seu guerrear de Partho, que dispara flexas fugindo. Se é, como diz, filho

da imprensa, para elle fez C. De la Vigne o verso cujo sentido é :

Filho da imprensa, a tua mãe suffocas !

Venhamos agora ao *aventureiro*, indigno de ser *adversario* d'este seuhor, que pertende converter-me em armazem de pancadas. Faz-me cocegas ao bico da penna uma resposta appropriada ; mas ha um certo pudor que impede de descer demasiado, ou de sujar as mãos com punhados de lodo, ainda quando de lodo sejam as armas adversas. E' assim mesmo com indizível repugnancia que me vejo forçado a redarguir a tão insolito descomedimento, dizendo que *por todo e qualquer lado* que o Sr. José de Alencar se delicie no espectáculo das suas grandezas, o humilde roceiro que isto escreve (salvo no talento) está a par, ou muito acima de S. Ex. Se eu quizesse desfiar-lhe isto, seria facillimo : mas é terreno desagradavel ; basta a these, cuja exactidão affianço, e passo adiante.

Chama-me *mercenario*, a mim, que nem agora, nem nunca em minha vida acceitei um ceutil como assalariado, e isto me é lançado em rosto por quem tem sido assalariado, frequentemente, como te mostrarei. E sobre tantas proposições vergonhosas, mais uma se distingue, que por si só basta para revelar quaes os principios do facundo orador. O Sr. Alencar cantou a aria de D. Bazilio, do *Barbeiro de Sevilha*, com os competentes *piano piano, rinforzando e crescendo*.

Se é *calumnia* a imputação falsa de actos culpaveis, armada pelo inventor ; se Menandro a define : odio servido pela mentira ; se Voltaire escreve : *Quand uno fois la calomnie est entrée dans l'esprit du méchant, elle n'en déloge pas* ; se a calumnia é uma serpente alada, que ora se arrasta, ora vôa ; cumpriria aos homens collocados em certas posições ostensivas evitar que se lhes applicue a mais abjecta das denominações.

Lê-se no discurso impresso do Sr. Alencar a seguinte phrase, que elle não proferira na camara (pois este discurso foi penteado e brunido no gabinete), que "o Sr. presidente do conselho me está abrindo o thesouro, que outr'ora se me fechou."

Isto são *factos* ; e que nome merece quem os tiver excogitado ? E' claro que o Sr. Alencar não entende por estas palavras qualquer recepção, tão legitima como a

dos honorarios de deputado, que S. Ex. recebe do thesouro; entende insinuar, ou delatar que outr'ora se fechou o thesouro a assaltos meus, e que agora estou dispondo d'elle, recebendo sommas indevidas.

Declaro-lhe eu que são duas proposições, qual a qual mais falsa. Digo mais: nunca recebi para mim um real do thesouro; nunca recebi para terceiro um real, que não fosse proveniente de leis ou sentenças; e ha muitos annos que de novo não tenho recebido um real do thesouro, seja porque titulo for.

Agora acrescento o seguinte: tiro o Sr. Alencar a terreiro; não é capaz de despir a sua immuniidade parlamentar, e vir á imprensa repetir aquella phrase (a não ser com evasivas jesuiticas), pondo o meu nome por extenso, e sujeitando-se á responsabilidade que a lei applica á calumnia, pois protesto que li'a faria impor. Não se metterá a bordo d'esse chaveco; macaco velho não trepa em ramo sêcco; é mais seguro escudar-se com *o seu poder pessoal*.

Supponho, Fabricio meu, que me dás razão, vendo-me mudar o estylo respeitoso para com quem ingratamente m'o desconheceu, qualificando-me torpemente de aventureiro, mercenario, indigno de ser adversario, e cavalleiro da injuria. E dize me cá: se te dessem a escolher, que preferirias tu ser: cavalleiro da injuria, ou esbirro da calumnia?

Ainda não levanto mão do assumpto, mas basta de dar á lingua por hoje.

Estas cousas de *dinheiro* são curiosas na bocca de certos prototypos... de cousas e lousas.

Ha por hi muito quem a esse idolo sacrifique todos os pensamentos, e então, nos outros os dedos lhe parecem hospedes: e todavia é para esses taes que os velhos dizem: quem quizer que o barco corra, dê-lhe cebo nos paraes.

Teu capellão obrigado

Ciuciuato.

De Pernambuco recebemos o seguinte notavel artigo, que, por suas dimensões, encurtamos, mas que subseqüentemente continuaremos a publicar.

Dois discursos do Conselheiro José de Alencar

Ha homens, que nascem, vivem e morrem convencidos de que o mundo é a albergaria humilde e servil do seu palacio de marmores, e que a sociedade é uma caterva de pobres de espirito, cujo unico destino é bater palmas em honra sua, e tripudiar no eterno festejo das suas glorias triumphaes.

Esses homens são mais felizes do que todos os outros; porque não conhecem os penosos esforços das abnegações bemfazejas; não conhecem os desgostos e os pezares das almas modestas, que nunca veem completadas as suas ambições de fazer bem; não conhecem a dolorosa afflicção daquelles, que, reputando poucos todos os seus sacrificios em bem da humanidade, soffrem pela impotencia dos seus muitos e continuos esforços; e não sentem em si a fraqueza, que é partilha da especie humana

Esses homens não padecem nunca pelos males alheios, nem são capazes de remorsos. A sua pessoa enche todo o ambiente, em que vivem. Fazendo de si o seu proprio idolo, extasiam-se na mais enlevada contemplação das suas incomparaveis bondades: bastam-se a si mesmos para a sua completa felicidade.

O conselheiro José de Alencar foi premiado pela natureza com o dom dessa felicidade. Elle, e o que é seu, são o *tudo* que conhece *sub tegmine colorum*. O demais precisa de receber a lei da sua dictadura.

E' esse o seu character como litterato. E é por esse character, que se modela e ostenta o politico e parlamentar, face mais protuberante do seu typo.

O homem, que se impõe pelo orgulho e pela inquebrantavel ostentação de uma superioridade tolerada por todos e não atacada por ninguem, faz uma tradição pessoal e um direito de ser por fim cegamente acatado em todas as velleidades. Não o atacam depois impunemente: porque seguro do seu prestigio, elle rir-se-ha dos temerarios, e imporá sempre a lei da sua vaidade.

Pela segurissima e inabalavel convicção da sua encyclopedica sufficiencia o Sr. José de Alencar chegou a fazer parte do ministerio de 16 de Julho, e elegeu-se deputado á assembléa geral.

Por essa crescente e exorbitante convicção de S. Ex.

devéra ser *pleno jure* eleito e escolhido senador deste imperio.

Fatalidade! Foi eleito, mas não foi escolhido. Isto é, foi bruscamente precipitado da sua montanha no valle chatissimo das vulgaridades mundanas!

Fazer crer ao mundo que um fanatico adora um idolo falso, e tentar a consciencia do proprio fanatico, é para elle uma cousa, tão horriavelmente absurda, que elle a repellirá com todos os excessos e furores de uma ira voraz e descommunal. Ai daquelle que ousar tamanha offensa, porque esse a pagará caro, será punido até á setima geração. E si fôr mister matar todos os nascituros para que não escape a victima destinada a applacar as iras desse fanatico offendido; si fôr preciso desenca-beçar um povo; incital-o á guerra, ao incendio, á destruição; si fôr mister a conflagração de um imperio; não haja duvida, tudo isso será feito para lavar a affronta daquelle consciencia injuriada, para elevar acima de todas as verdades—que esse homem é excepcional, incomparavel, superior a todas as elevações sociaes, o *quantum satis* para todas as possiveis felicidades da nação, que teve a honra de o vêr nascer.

O Sr. D. Pedro II será afinal convencido de que commetteu um erro palmar, deixando de escolher senador do seu imperio o *totum continens* da nossa grandeza social e politica.

Pagará caro, muito caro o seu erro.

E' esta toda, inteira, a grandiosa politica do illustrado e insigne conselheiro José de Alencar.

Os dois notaveis discursos, que tem proferido este anno como opposicionista, desenham-no mais ao vivo do que o poderiamos fazer por nós sómente.

O primeiro desses discursos teve por fim estyguatizar a viagem do imperador á Europa e a menção da questão servil na falla do throno. Em um governo tão *britannicamente parlamentar*, como querem que seja o nosso,—nem uma falta pôde fazer o imperador, ausentando-se, desde que o seu logar de *mera honra* continúa a ser occupado. Para o proprio Sr. José de Alencar, como para todos os nossos estadistas *britannicos*, não soffre duvidas esta verdade. E neste ponto estão de accordo commosco, com a differença de que não accitamos esse *logar de mera honra*, arimação de phantasias, ficção de europeis, negação de mentiras sabidas.

A questão servil, por seu lado, em vez de ser essa calamidade tremenda, em que a converteram a phantasia e a declamação dos traidores da patria, é a questão vital da honra nacional, do direito soberano da liberdade, da grandiosa aspiração da humanidade a travez de seculos de lucta.

A sua inclusão na falla do throno, se não devia dar occasião aos ultimos e fulminantes desaffogos de uma indignação longamente suffocada, deveria provocar o perdão final de todas as almas em favor dos traficantes e dos governos que os teem protegido, porque em fim declaram que *é tempo* de fazer alguma cousa.

A questão da emancipação dos escravos, não encontrando já, antes do ministerio de 7 de Marco, outra opposição que não fosse o partido conservador; e sendo este partido quem agora se resolvêra a dirigir o legitimo e irresistivel movimento nacional, desapparecia a unica possibilidade de alteração da paz e da ordem publica.

Portanto, inadmissivel, como é, a intervenção pessoal do imperador na solução dessa como na de todas as questões sociaes, a sua viagem devêra ser facta de todo secundario, sem a menor importancia para um povo tão seriamente possuido das conveniencias de uma paz a todo o transe, pelas quaes tem chegado a comprometter os nobres estímulos de legitimas reaccões.

Mas não! Acabar com a escravidão, de qualquer modo que seja, é para o Sr. José de Alencar uma catastrophe horrorosa. S. Ex. exagera os seus horrores para insinuar que o imperador sahia do seu imperio por medo dos perigos imminente?

A existencia da escravidão é para o elevado orador uma felicidade, porque lhe offerece dupla occasião de *brilhar* e de *vingar-se*. E foi por isso que denunciou á nação que o imperador ateara o facho das desordens e das calamidades publicas, e fugia ao perigo que attrahira sobre os brasileiros.

Pedió a palavra o Sr. conselheiro José de Alencar, o auctor do drama intitulado *Mãe*, que quer achar na conservação do estado servil uma glorie politica que sobrepuje á gloria litteraria do dramaturgo.

Os homens, que nos bons tempos florescentes do *Diario do Rio* conheceram em S. Ex. aquelle republica-

nismo, que mal podia mascarar-se com apparencias de mera liberdade,—embora a sua transformação politica, pensaram que S. Ex. se deixasse arrebatado um momento pelos impetos sopeados dos seus antigos anhelos democraticos, e esperaram o instante de admirar os deslumbrantes lampejos da mais inspirada eloquencia.

O discurso do Sr. conselheiro José de Alencar foi o aborto de uma grande inspiração, mas o parto completo e feliz de uma aberração formidavel.

Quem quer conhecer em que condição elevada foi collocada a questão politica que fez objecto do discurso, descobre somente, é triste dizel-o, a fatuidade e o desabafo de concentrados rancores.

Quem quer conhecer qual o principio politico, qual o valioso interesse social, que póde fazer a synthese dessa peça oratoria, perde-se no balseiro das venenosas ironias, das allusões aggressivas, das malignidades despeitosas, das insinuações descortezes, das jactancias pueris, das affectações de uma energia, que porreja baixa lisonja.

O que apparece em todo o discurso é a saliencia ostensiva da sua entidade social, é a importancia politica do seu vulto de estadista. impondo-se pela propria exuberancia do valor pessoal.

O orador não teve outro proposito senão desenhar o seu retrato em grande, e ainda *par dessus le marché* moldural-o ricamente.

Ha no seu discurso uma palpitante exploração dos desgostos, das contrariedades, das offensas, das dolorosas reminiscencias de um povo, que tem experimentado oppressões. S. Exa. apanhou todos esses elementos de reacção. e pol-os ao serviço de seu orgulho descommunal.

Foi despertando-os todos que tentou ganhar adhesões para si, e applausos para o seu discurso.

E com effeito, se a camara lhe negou esses applausos, a *claque* litteraria que conquistou os redactores da *Reforma*, e que se vai tornando em *claque* politica, tem-lhe favoreado as vaidades, e correspondido ao seu maligno expediente.

Na mais difficil collisão entre os reclamos da honestidade e das conveniencias parlamentares por um lado, e por outro os pequeninos, mas exigentes impulsos do seu despeito e egoismo, o Conselheiro José de Alencar pre-

cisou de empregar todo o esforço dos seus recursos oratorios para coonestar a attitude esquerda que tomára.

Precisou, mais de uma vez, de queimar incensos ao idolo imperial que já não venéra, para melhor vencer a confiança de muitos, e fazer crer na sua rectidão.

Para seduzir a mais alguns,—mostra-se apprehensivo pela falta immensa e irreparavel, que sentirá o governo com a ausencia das *luzes*, da *experiençia* e do *patriotismo* do imperador, que aliás é, e será ainda alguns annos ou mezes, accusado, *por dd cá aquella palha*, de ostentar governo pessoal.

Queimou o orador esse incenso por que teve necessidade de insinuar que era fulso o motivo allegado da viagem,—molestia da imperatriz—; visto que de longa data projectada, essa viagem “estava reservada para o condão magico do nobre presidente do conselho, depois de a não poderem obter os Srs. Marquez de Olinda e Visconde de Itaboraahy.” De modo que, fosse embora verdadeira a molestia, o motivo da viagem era mentiroso.

Queimou o orador esse incenso, porque lhe era necessario dizer: “Senhores, quem não conhecesse o Sr. D. Pedro II, e não soubesse das provas de civismo, que elle tem dado em tantas occasiões, diria que esta viagem precipitada era.... inspirada pelas *circumstancias graves*, em que se acha o paiz.”

Longa e qualificada foi a premeditação de fugir aos perigos da questão servil, se já o Marquez de Olinda fôra procurado para obter autorisação para a viagem!

Esta nobre insinuação caracteriza o orador e o seu discurso!

Mas em que consistem essas *graves circumstancias*, de que falla o orador?

Para aquelles, a quem o egoismo e o calculo ainda não tiraram o bom senso, essas circumstancias consistem só e unicamente na agitação dos especuladores, na grita insensata dos descontentes, na opposição contra todas as grandes reformas, por que isso é o que estimula a indignação e o desabafo, e póde atear outras causas latentes de reacção, *mais elevadas e mais dignas*.

(Continúa)

QUESTÕES DO DIA

N. 4

RIO DE JANEIRO, 8 DE SETEMBRO DE 1871.

Vende-se em casa do Srs. E. & H. Laemmert—Praça da Constituição,
Loja do Canto—Rua de S. José n. 110—Livraria Acadêmica, e Cruz
Coutinho na mesma rua n. 75. Preço 200 réis.

Eis a tribu de Levi do partido conservador

Temos assistido a um espectáculo contristador, qual o que de si tem dado a minoria da camara temporaria em suas falsas e apaixonadas apreciações da *politica da corda* / fazendo assim côro com os mais exaltados escriptores adversos á ordem constitucional da monarchia representativa.

Nunca tal fôra visto no seio do parlamento, nem mesmo nos tempos, em que alli estiveram em opposição os liberaes mais exaltados. Não ; alli nunca se investio tão de frente contra a pessoa do chefe do Estado ; nunca se enunciamam proposições tão subversivas.

Estava isso reservado para uma minoria que pretende representar as genuinas idéas do partido conservador !

Sahida da situação inaugurada pelo ministerio de 16 de Julho, a camara actual não devia collocar-se em antagonismo ccm os bons principios de governo. E não se collocou, como o atesta a illustrada e patriótica maioria, que, firme e corajosa, apoiou o ministerio na grande lucta, em que até hoje tem vencido ; mas desgraçadamente ficam os precedentes deploraveis, plantados pela minoria, cujos chefes terão com o seu comportamento na sessão deste anno a parte mais vulneravel, e sempre fraca de sua vida politica, para poderem no futuro, si forem governo, arcar contra os excessos das minorias que os combaterem.

Não attenderam sinão a falsos interesses de occasião ; não escutaram sinão os impulsos de sentimentos mal inspirados ; quebraram os élos preciosos de unidade do

partido conservador; e excitaram na imprensa a mais solta, a mais desrespeitosa linguagem contra o chefe da nação, contra as sabias instituições políticas da nossa fôrma de governo; e deram aos contrarios o mais desgraçado exemplo da desorganisação de um partido, que, em seus verdadeiros recursos, possui os melhores elementos de força.

E o que foi que accendeu tamanhas iras, e levantou tão medonha tempestade, que desprendeu os raios de indignação da minoria?

Foi, dizem elles, a questão do elemento servil, como de discordia, desafio do poder contra os interesses da nação; foi o *governo pessoal*, que vicia a marcha dos negocios do Estado.

E quem é que o diz? quem é que apoia semelhantes proposições?

São alguns ex-ministros da corôa, e ex-presidentes de provincia, que o foram na situação creada pelo 16 de Julho!

Foram elles, ha pouco instrumentos desse poder, como membros primarios do executivo, ou delegados deste na plana immediata da jerarchia administrativa, que agora vieram denunciar-se como subservientes, e executores do *poder pessoal!*

Mas nada mais devia admirar-nos desde que vimos que um que tivera acção tão livre no governo, que poderia mandar trancar na sua secretaria todo o trabalho que existia referente ao elemento servil, e praticara sem embaraço todos os actos administrativos, enquanto preparava o ninho, em que esperava agazalhar-se, aguardando depois fóra do ministerio a coroação dos seus calculos; só reconhecera o monstro *governo pessoal*, quando, na solução final, vira cahirem esses calculos por um dos mais sabios actos de moralidade politica da corôa.

Sabio, sim, foi sem duvida o acto, que não deu ganho de causa ás pretensões de um individuo, que como ministro improvisou uma candidatura que não poderia tentar antes e, não obstante todas as considerações que o arredavam de tal pretensão, se obstinou a sustentala como se fôra direito perfeito, que a passagem pelo poder lhe houvesse feito adquirir.

Foi esse o grande, o imperdoavel crime da corôa; d'ahi a origem dessa mania, que se tornou como um spectro, que acompanha o individuo *despeitado* por toda

a parte, e lhe inculco no animo o proposito de erigir em politica de partido os sentimentos de odio nascidos de sua incommensuravel vaidade.....

Mas o Sr. José de Alencar não fôra preterido por nomes obscuros, sem importancia: qualquer dos dois escolhidos é homem encanecido no serviço publico, é homem de reconhecido merecimento, e tinha já sido incluído em lista senatorial.

Varões eminentes existem hoje no senado, que passaram por mais de uma eleição, vendo outros escolhidos, sem que isso lhes aguçasse as iras contra a mesma corôa. Reconheceram que na escolha estava ella perfeitamente no seu direito constitucional; e não havia offensa de direitos, quando de uma lista triplice só pôde sahír um de cada vez, e na oportunidade da escolha do que é designado só a corôa é o juiz competente.

Voltando, porém, ao nosso ponto, ao que serve de nexo ás nossas observações sobre o comportamento da minoria da camara, devemos tornar bem saliente que a nossa censura não é porque o governo não tivesse a unanimidade dos votos da camara na questão do elemento servil; mas no modo, porque, em sua opposição, se conduziu a minoria, tanto na camara como na imprensa, attribuindo a motivos menos honrosos o apoio dado á proposta do governo, e excedendo-se no emprego dos meios de opposição, de modo altamente condemnavel.

A abolição da escravidão no Brasil não é um acto imposto pela vontade caprichosa de *Cesar*; não é uma imposição da corôa; e não pôde ser traduzida como subserviencia á vontade irresponsavel, porque, em si, a questão nasceu da marcha dos acontecimentos; é como o fructo amadurecido na arvore, que deve ser colhido em tempo para que se não deteriore.

É um tentame insensato o daquelles, que entendem que podem fazer parar o carro de um acontecimento que é determinado por causas fataes.

Quando a locomotiva sibila, desprendendo a carreira, não conhece resistencia; esmagará os obstaculos que se lhe antepuserem; e só cumpre dirigil-a pelos meios convenientes para que não saia do trilho, até ir precipitar-se no abismo.

A questão do elemento servil traz hoje o impulso da locomotiva que lhe é propria, a força dos verdadeiros, dos primarios interesses de ordem economica e social, que a impellem para sua prompta solução.

Foi isto o que não quiz reconhecer a minoria da camara; é a isto que não quer attender a obstinação de certos interesses que actuam dentro e fóra do parlamento, que pretendem desviar do seu verdadeiro ponto de queda a torrente que engrossou, e que mais suberba crescerá com a repressão das comportas que imaginam ante-por-lhe, a tal ponto que, si não se lhe acudir a tempo, quebrará todos os embaraços que encontrar, e se despeñará da montanha com horrivel fragor em medonhas catadupas.

Pensam que a oratoria apaixonada da tribuna parlamentar, que enfaticos, e fallazes artigos de jornal, e planos calculados para o fim de retardarem um acontecimento inevitavel, são meios regulares conducentes ao retardamento da extincção do captivo?

Em seu plano, a opposição procura amontoar trabalhos e embaraços ao governo para fazel-o recuar em sua marcha. E' assim que tem procurado, mas muito sem geito, promover o descontentamento da classe militar, na qual vê um auxiliar poderoso contra o governo. Erro grave ! cujas consequencias, si o plano surtisse effeito, seriam bem perigosas para o paiz.

Mas porque só hoje se pretende agitar esta arma de opposição, só hoje se manifesta esse interesse por uma classe, sem duvida, muito merecedora das attenções do governo ?

Ha nisto summa deslealdade, e grande desacerto no modo de defender os interesses publicos. Esse meio de opposição é como uma espada de dous gumes, que, si fere o adversario, tambem fere a quem com tão grande má fé e imprudencia a maneja.

A situação é grave, como bem reconhecemos ; a sociedade exige grandes remedios administrativos, mas elles não podem sair a lume com as excitações e os estorvos oppostos por uma minoria em opposição systematica.

Uma das grandes necessidades reclamadas é a colonisação que, na ordem economica, é a primeira questão, depois da do elemento servil, si é que com ella não marcha *pari passu* ; mas como poderá ser satisfeita essa necessidade, sem que seja traduzida em lei a abolição do elemento servil de um modo efficaz ?

E' desenganar, porque as tentativas infructiferas até hoje feitas ahi estão para attestar o facto : com a escravidão, a colonisação jamais será entre nós uma realidade;

todos os esforços serão como a onda que vai queorar-se sobre o rochedo.

Na ordem administrativa, ha outras questões de grande alcance, cuja solução conveniente não póde ser dada sem que a proposta sobre o elemento servil, já felizmente approvada pela camara dos deputados, seja convertida em lei com a necessaria approvaçãõ do senado.

A reforma judiciaria, hoje lei, em cuja discussãõ o illustre ministro da justiça appareceu em toda a altura de seu assignalado talento, e nunca desmentido patriotismo, com sacrificio de sua enfraquecida saude, é, certamente, um grande beneficio conseguido ; mas as medidas de governo não podem isolar-se, prendem-se por um encadeamento necessario como élos administrativos

A reforma judiciaria, é força reconhecel-o, para produzir os seus salutaes effeitos está na dependencia do melhoramento das condições do estado civil do povo, melhoramento que não poderá operar se, sinão com a extincçãõ da escravidãõ ; mas desde já começarão a sentir-se, em parte, esses effeitos, até onde é possivel chegar a sua influencia na actualidade, muito embora um grupo de praguentos condemne tudo que parte do actual ministerio.

O paiz não deve estar subordinado sempre a certas influencias estacionarias : seria um impossivel, e, se possivel fosse, seria grande calamidade.

Não ha hoje em dia Josués, que possam fazer parar o sol em sua carreira : a missãõ divina da redempçãõ do genero humano já foi consummada pelo maior dos sacrificios ; os *milagres* já não são necessarios para guiar a familia humana. Entre nós ninguem terá força para proferir o *siste* na marcha regular dos acontecimentos, que vem, por que irremissivelmente hão de vir.

Junius.

SETIMA CARTA

DO ROCEIRO CINCINNATO AO CIDADÃO FABRICIO

Rio de Janeiro, 5 de Setembro de 1871.

Fabricio querido.— Dou as mãos á palmatoria; tenho gazeado; passei uns dias em Petropolis, que nunca me agrada tanto, como quando parece deserto; e eis-me de volta, proseguindo na tarefa que me impuzeste.

Consagrei as duas missivas ultimas a conversar contigo sobre a famosa interpeação do dia 5 do passado, e devia naturalmente seguir-se agora uma interpeação minha ao interpellante, com as provas documentaes de ser sobre elle que recahem as accusações de assalariado e mercenario, e outras gentilezas com que pretendeu acabrunhar-me; porém como na tua ultima carta me ponderas que estou *gastando demasiada cêra com bom defunto*, e que preferes ouvir-me divagar sobre a questão magna do dia, obedeço; guardo para um pouquinho mais tarde a continuação do ajuste de contas pessoal, e volto ao apimentado discurso que o Sr. José de Alencar proferio sobre o elemento servil, analyse interrompida pela tal interpeação, de eternas luminarias. Venha portanto para a frente o thema das minhas variações.

V.—AS CONTRADIÇÕES

Fulminou o Sr. Alencar o projecto do governo e o parecer da commissão especial da camara dos deputados, por estabelecerem principios contradictorios, inconciliaveis; e exprimio-se com a brandura e delicadeza, que estão em seus modestos habitos. Ora deixa-me transcrever-te o principal desses trechos.

“..... A argumentação é um calculo egoistico, uma transacção politica; é o pacto da religião com a iniquidade.... Desde que no parlamento se declara que uma instituição é barbara, iniqua e torpe, consentir que ella continue a contaminar o paiz é um crime de lesa-nação e de lesa-humanidade“ (Esta mesma idéa é esparralhada por dez formas diversas) “.... Estas contradicções tem uma causa; não ha na illustrada maioria uma opinião, o que ha são aspirações divergentes, heterogeneas; falta o nexo para as consolidar em uma só convic-

ção, em uma só idéa; por isso cada trecho do parecer revela uma duvida, uma indecisão, uma incoherencia" etc., etc.

Desataviada das pompas, filigranas e espertezas oratorias, condensa-se e fortifica-se esta accusação feita ao projecto e aos fundamentos em que se estriba, no seguinte dilemma descarnado:— "Se a escravidão representa direitos respeitaveis, como dizeis; porque a quereis abolir? Se ella é contraria aos principios da religião, da moral, do interesse publico, como tambem dizeis; porque a conservais? Sois contradictorios!"

Se isto fosse *contradicção*, poderíamos, com Joubert, exclamar: "Póde por erro cair-se em contradicção; mas se é pela verdade que nella se cae, essa contradicção é veneranda, *et alors il faut s'y jeter à corps perdu.*"

Mas com que fundamento se chama a isto contradicção? Como é que um Rossi em miniatura applica a semelhante hypothese a duvida Hamletiana do *ser ou não ser*? O que os philosophos denominavam o principio de contradicção, formulava-se assim: *E' impossible que uma cousa, no mesmo tempo, seja e não seja.* Infelizmente a philosophia e a religião não são as unicas legisladoras do mundo. Servem, sim, para, com seus fachos luminosos, ir aperfeçoando as instituições; porém as leis do homem não tem a sabedoria e immutabilidade das leis do Creador. Desde o principio do eterno *Fiat*, achou o Legislador Supremo que tudo estava bom; mas o legislador humano, desde a origem das sociedades que anda apalpando, lidando na sua teia de Penelope, proclamando hoje mentira o que hontem fôra, o que amanhã tornará a ser, verdade. E, eis como em materia de leis, nunca o melhoramento deverá ser alcunhado de contradicção, nem tão pouco o será quando considerações de alto momento forçaem a contemporisar, ainda por algum praso, até que respeitaveis interesses sejam attendidos.

O progresso é a magna charta das sociedades: não o progresso da faisca, para logo convertida em labareda; não o do rócio instantaneamente transformado em inundação. Progresso real, fecundo, civilisador, é o meditado e gradual, o que avança, dando tempo para lançar olhos em torno, e não aquelle que vòa ás céguas, quer saltar ao alto da escada sem lhe subir os degraus, quer chegar antes de partir. Se em terras como as nossas ha differença entre um liberal e um conservador, a diffe-

rença é só esta: aspiram ambos approximadamente á mesma cousa, mas aquelle com impaciencia, soffreguidão, e colhendo o fructo verde; este com socego, firmeza, e exigindo ao fructo que amadureça.

Eis ahí porque o projecto entende dever pôr termo á instituição do captivo, mas entende tambem que esse *desiderandum* deve respeitar direitos adquiridos á sombra da lei; se ha *contradição*, toda ella está no amago da propria questão. Os que exageram os direitos oriundos d'essa tão peculiar propriedade, acham-se no campo que os jurisconsultos definem *pro lege contra jurem*; os que só admittem o extremo da emancipação immediata, no campo *pro jure contra legem*. Nas circumstancias especiaes do Brasil, ambos esses extremos são viciosos.

O direito eterno, o natural, o direito por excellencia, que dúvida ha de que repelle a instituição? Que dúvida ha de que o termo *propriedade* é mal applicado á relação entre o senhor e o escravo, no anno de graça de 1871?

Propriedade! Compra e venda! A primeira, a unica legitima condição do commercio é recair sobre objecto *venal*; venal não é a alma nem o corpo de um ente humano. Toda a propriedade se affere por um padrão, a preço de dinheiro; estranha cousa é pôr-se a propriedade-homem, como o carneiro ou o jumento, em almoeda, aos lanços.

E como se hade exigir que o misero collocado nessas condições, aliás embrutecido (porque o embrutecimento da raça é uma das condições do seu estado), se dedique fervorosamente ao bem da sociedade, a que não pertence? Elle nos responderá:

“DEUS? Descreio; porque me illude, proclamando-me vosso equal, e eu sou vosso captivo.

“PATRIA? Descreio; porque não sou nem serci nunca cidadão, e porque á disposição d'ella não me é dado pôr as minhas faculdades.

“FAMILIA? Descreio; porque vós me ensinai a desprezar os laços que só unem a vossa; me difficultai o formal-a legitima; e, depois de constituida, não a rodeais das mesmas seguranças.

“EU? Irrisão! Que sou eu? Alma penada, se é que sou alma; Saturno, que devoro os filhos; ignobil creatura, para quem o espirito não foi dom, mas condemnación; inibido de respirar a atmospherá que me circunda; considerado suspeito, inferior, inimigo; condemnado a trabalho insano, cujo fructo aproveita a

outros; no passado, vileza; no presente, miseria; futuro sem esperança. Estou simplesmente enchendo altura na terra, onde nem vestígios ficarão da minha passagem, porque os não podem deixar o suor nem as lagrymas."

Porque se não hade dizer isto, se isto é a verdade? E a tantos horrores, vem hoje nesta terra outra curiosa desigualdade augmentar o seu cortejo de abominações. Fallo da anomalia, da contradicção, da injusticia maxima de collocarmos em posição inferior aquelle que aos nossos olhos deveria occupar posição de superioridade! Acham-se dous homens em absoluta identidade de circumstancias: chamamos ambos, escravos; mas, se um chegar ahí, estrangeiro, trazido de longes terras, sem ligação alguma com esta; se o outro fôr creoulo, compatriota, nascido na mesma terra que os outros brasileiros, que succederá? para aquelle, aliás com razão, mas em condições inferiores, a liberdade immediata; para este, conterraneo, o perpetuo captiveiro!

Tudo isto é de evidencia meridiana: não se offusque o sol, cobrindo-o com uma peneira; não se zombe de considerações d'esta magnitude; não se exija, para foros de estadista, cortar a cabeça, arrancar o coração, petrificar-o, ou convertel-o n'uma simples bola d'ouro. Os que applaudem o projecto, é por verem nelle a aurora do dia em que o vocabulo *escravo* desaparecerá do nosso, como de todos os idiomas.

Mas se o christão, o philosopho, o patriota, o homem de cabeça e coração, reflexiona assim, surge o politico, e impõe-lhe outro dever que se não coaduna com aquelle.

Pondera o politico — que atraz dessa nobre questão ha outra, que embora de menos momento, merece respeito; — que a lei civil estabeleceu a instituição; — que de conformidade com essa lei, e sob a salvaguarda d'ella existem valiosos interesses; — que estes se acham ainda vinculados com a actual organização do trabalho; — que a sociedade perigaria com o libertamento instantaneo de todos os captivos; — que é axioma o *jure suo nemo privandus*; — que sem indemnisação dos serviços, a alforria geral seria uma extorção; — que para a decretar com indemnisação, seria ao Estado impossivel achar recursos; — que consequentemente o direito deve ceder um tanto á pressão politica, porque tambem aqui o *summum jus* seria a *summa injuria*; e porque teriamos então direito contra direito, violencia contra violencia, desordem, anarchia.

Eis-ahi pois o que inexactamente denominam contradicção: as considerações da primeira ordem levariam á abolição immediata do captiveiro, as da segunda ordem mostram-na impraticavel; Ahi, ahi é que estão os interesses oppostos, que constroem o legislador a fugir a qualquer dos dous extremos, a adoptar um meio termo, uma composição, que por um lado afiance aquella extincção num prazo mais ou menos curto, por outro permita ainda a duração d'essa deformidade social, quanto baste para se não imputarem á lei as pechas de desorganizadora, espoliadora e iniqua.

Assim a vemos neste projecto prudentemente decretar — a impossibilidade de futura escravidão, pela liberdade dos nascituros—o respeito á existente propriedade de serviços, pela conservação do estado excepcional da actual classe captiva — a possível protecção a esses misereros, pelos variados esforços feitos para as suas alforrias.

Quem desconhece que o rigor da logica se não contenta com essas prudentes reservas? Corollarios logicos só poderiam tirar-se de uma das contrarias proposições: — *Perpetue-se a instituição* — ou — *Supprima-se a instituição*. Ora, se nem uma nem outra cousa é factivel, claro está que nenhum expediente póde ser lembrado a que se exijam rigores dialecticos. Os que interessam na duração do captiveiro, hão de sempre bramar contra as monstruosidades que realmente resultam por força d'esta duração anomala; os que só do direito se enamoram, hão de stygmatisar uma lei que os não acompanha em suas impaciencias, e hão de, como o fez o *Anti-Slavery Reporter*, do 1º de julho, qualificar este projecto, não como de supressão, mas como de alongamento da instituição abominavel.

Sendo certo que, nem no parlamento, nem na imprensa, nem nas representações, nem nas associações, nem nas salas, nem nas praças, ha uma só voz que não proclame a necessidade de acabar com a escravidão; sendo pois esta a opinião unanime do Brazil; e não havendo tão pouco quem, nas peculiares circumstancias d'este imperio, desconheça a necessidade de não dar o golpe de subito; é de primeira intuição que nenhum alvitre poderia imaginar-se escoimado de, reaes ou apparentes, injustiças relativas, de disposições contradictorias, se assim querem chamar á inevitavel condescendencia com direitos, senão oppostos, diversissimos.

Desafio a que algum melhor Lycurgo, dadas as duas condições imprescindíveis, exhiba projecto, d'onde não pullulem os inconvenientes d'este genero, que ao do governo assacam. Ninguem de boa fé o poderá negar.

Pode porém, tem carta branca, negal-o o Sr. José de Alencar, e exclamar o seguinte :

“ — Não ha nem póde haver senão duas opiniões politicas, dous partidos, o da emancipação indirecta e o da emancipação directa e immediata. “

Partido de emancipação directa e immediata, póde havel-o lá fóra ; não o ha no Brazil. Na Europa podem ter-se deixado levar pelos impulsos exclusivamente humanitarios, não só hoje para a propaganda, como até em tempos mais afastados, quando alli havia interesses diversos na questão ; alli podia ter alcance exclusivamente generoso e nobre, quando estava em causa o principio da liberdade humana, aquelle famoso brado : *Pereçam as colonias, e salve-se o principio!* O trabalho servil das colonias inglezas e francezas não era a Inglaterra nem a França ; mas as colonias do Brazil são o proprio Brazil, e portanto, aos olhos de muitos, aquelle brado aqui, sél'o-lia de suicidio.

Não ha pois neste imperio nem partido, nem opinião, que pugne pela emancipação directa e immediata ; e quanto á extincção indirecta e gradual da escravidão, é isso que o projecto assegura.

Póde tardar o dia da verdade, mas para todas as grandes conquistas sociaes, é lei providencial, raia inevitavelmente. Para as melhores e mais indispensaveis prescripções ha sempre rémoras, como o orador que analyso: mas a despeito dellas, os principios lá vão marchando *quo fatu vocant*. Barafusta o nobre deputado por que se demore ou eternize a solução deste assumpto ; não póde ser ; demasiado tem elle figurado nos debates especulativos. Todas as nações admittiram a negra instituição, mas já todas sem excepção a derrubaram : está madura a idéa da humanidade, e o Brasil pertence á humanidade.

Cada doutrina, até das que hoje mais nos arripiam, teve existencia legal, e muitas vezes constituindo direito publico internacional ou privado.

A escravidão dos judeos, gregos e romanos na antiguidade, e modernamente a dos povos do oriente e da Africa, foi base social, e teve extensão mui outra que esta nossa escravidão, a derradeira. Onde vai ella ?

O despotismo do chefe da familia para com sua con-
sorte, filhos e famulos, onde está?

O caprichoso direito de conquista e de incorporação,
sem titulos nem motivos, não desappareceu?

O direito albiuato (*alibi natus, droit d'aubaine*), que
tornava o soberano local herdeiro do alienigena, ou de
quem não deixasse successor reinicola, precisa já hoje
a declaração dos tratados para ser desprezado?

O direito da praia (*jus littoris*) que aos mesquinhos
naufragos augmentava a miseria, vendo elles legul-
mente arrebatada toda a sua propriedade arremeçada
pelas ondas a alheias costas, é hoje mais que uma tra-
dição vergonhosa?

Tantos denominados *direitos* feudaes e senhoriaes que
os seculos toleraram sem espanto, formam acaso mais
que negras paginas de obsoleta civilisação?

E não obstante, todas essas façanhas barbaridades
arreiavam-se com o usurpado nome de direitos, direitos
e direitos, por mais tortos que esses direitos fossem.
Tenhamos cautela em não enterrar a mão na chaga,
nós outros: quem sabe se em 1871 com igual razão
não chamamos direito ao que, á devida luz, só devesse
chamar-se interesse?

Ai, Fabricio, que ainda agora dou por mim! Parece
que tambem eu estou hoje com cara de poucos amigos,
de bitaculas franzidas, com o figado segregando bile
negra, e arrependo-me porque *melancolia não paga di-
vidas*. Tambem a culpa foi minha: eu tenho uma receita
infallivel para pôr-me de canninha na agua: é olhar
para certos furores, lêr certos discursos, e vêr ursos a
dansar; o que tudo é excessivamente alegre. Desta vez
li pouco, e sobre themas de Bertholdo thalberguei va-
riações de *stabat mater*; foi o assumpto que irresistivel-
mente me chamou á seriedade, que houvera sido impro-
pria do discurso que analyso.

Não fecho esta, sem chamar a tua attenção para uma
oração proferida pelo respeitavel conselheiro Nebias,
um dos mais nobres vultos do parlamento e do paiz.
discurso que hoje foi publicado no *Jornal do Commercio*.
O venerando ancião hostilisa o projecto, e tudo induz a
crer que por convicção. Com quanto eu dirija da sua
opinião. respeito-a, porque, afinal de contas, as convic-
ções do homem probo e illustrado são sempre dignas de
acatamento. Persuado-me porém que o Sr. Alencar terá

ficado como uma bicha com o illustre estadista, que aliás timbra pela franqueza, mas a franqueza da lealdade e boa educação, quando, alludindo ás conferencias sobre o elemento servil, entre os membros do poder executivo, de que eram parte o orador e o Sr. Alencar também, se exprimio assim :

“ Declarei a Sua Magestade o Imperador (que discutio sempre com os seus ministros em plena liberdade e confiança, ficando cada um de nós com a sua responsabilidade) que etc.... Em resultado (da discussão) a fallado throno desse anno não disse nada ácerca do elemento servil. Nós eramos ministros responsaveis, e tomámos a responsabilidade dessa ommissão. ”

Eis ahí o famoso *ab alto*, a pressão exercida pelo *poder pessoal*. Um varão, incapaz de adular nem mentir, diz que os ministros, *quorum pars magna fuit* o Sr. Alencar, nunca foram cogidos pelo chefe do poder executivo; que nesta propria materia, como em todas, obraram sempre em plena liberdade e confiança; e que as resoluções tomadas foram sempre segundo o seu modo de vêre conformes á sua responsabilidade. E o delator do poder pessoal ouviu e não ousou desmentir. Infeliz mortal! tudo lhe corre torto.

Ainda mais outra: Na sessão de hontem, no senado, o illustrado Sr. Zacarias de Goes (que a um afilhado pozera, na pia de baptismo, o nome de *Fanadinho*) ponderou que parecia impossivel ter o ministro da justiça em 1870 declarado á camara dos deputados, em seu caracter official, que não existia trabalho algum do conselho de estado sobre o elemento servil! e o respeitavel Sr. visconde de Itaborahy accrescentou, em á parte, que já desde o anno de 1868, os papeis do conselho de estado e outros haviam sido entregues ao Sr. José de Alencar.... que agora vem accusar os outros de não terem disto dado conhecimento ao poder legislativo. Habilidadeo Hermann, só Deus é Deus, e tu o seu propheta!

O guerrear desleal
 contra o poder pessoal;
 o *já vamos* do barqueiro;
 o *sem falta* d'alfaiate;
 esporada d'arrieiro;
 bom vinho na taboleta....
 tudo é peta.

Verdade só é, meu velho, ser eu inalteravelmente teu
 constante admirador *Cincinnato.*

Dous discursos do conselheiro José de Alencar.

(*Continuação*)

Portanto o imperador fugiria d'aquillo, que o orador havia de fazer, e começou já a fazer com os seus discursos!

Deve portanto a nação ficar de sobreaviso, e tomar cuidado com o Sr. Conselheiro Alencar.

.

Mas ah! O orador precisava muito de fazer vêr ao imperador — que não será impunemente que S. Magestade deixou de trioutar homenagem a um estadista da polpa de S. Exa.; que caro fará custar á nação o despreço, que o excluiu do senado.

O orador precisou de fazer saber á nação e ao mundo que ha neste paiz um monarcha tão imprevidente, que não sabe receber em sua casa com a devida distincção e amabilidade um homem da elevação politica, e da illustração sem parella, do Conselheiro José de Alencar, de cujo tracto devêra S. Magestade colher tão boa lição de conhecimentos humanos.

O Sr. Conselheiro precisou muito de fazer constar ao paiz e ao mundo que o esphacelamento actual do partido conservador data, e provém da desastrada recusa, que ousaram fazer dos seus inestimaveis projectos — de reforma judiciaria e da guarda nacional, dos quaes de certo dependia a salvação da patria.

Fazendo de si tão exaltado conceito, crendo-se uma verdadeira influencia nacional, concebeu a apprehensão de que o imperador quiz abrir com elle uma lucta pessoal de prestigio politico, intellectual e scientifico. E que mostrar que, por força da sua autoridade parlamentar politica, ha de cahir a fracção desse partido, que pela recusa dos seus projectos deu razão ao imperador na lucta que este travou contra o autor do Gaúcho.

O senhor Conselheiro affaga o ardente proposito de mostrar, que a sua não escolha de senador pela provincia do Ceará hade ser paga com usura: porque S. Exa. é o

nec plus ultra, o solus, totus et unus deste imperio de parvos.

A gana de molestar o imperador, que o levou a dizer duras verdades, não lhe consentio que omitisse nas suas criticas a antigualha ridicula do beija-mão, embora fôsse obrigado a confessar que tambem lhe tem prestado reverencia, sendo porém a tal respeito uma especie de *amigo livre*.

Lamenta o orador que — “a liberdade seja sempre neste paiz uma outorga da realza, e não uma *brilhante conquista* do povo.”

Estas palavras deveram ter sido proferidas com verdadeira compunção, e com lagrimas!....

Como! Não está S. Exa. deitando montes abaixo para abafar e aniquilar essa conquista, longa, demorada, tardia, que o povo fez, da emancipação dos escravos?

Como pois consentiria que este pobre povo tentasse alguma conquista, e ainda mais a fizesse de um modo brilhante?

Que liberdade poderia ser conquistada sem que S. Exa. se deixasse possuir de apprehensões contra os perigos da ordem publica, em favor da segurança individual e de propriedade, contra os excessos e açodamentos imprudentes?

E' que o orador representa com a maior seriedade o seu papel.

Cria com geitosa phantasia enormes inimigos da paz publica — para ceder depois á necessidade de cumprir o sagrado e imperioso dever de os debellar.

E' assim que S. Ex. fabrica perigos, desordens, revoluções, cataclysmas mentaes; vê a perdição total deste imperio em todo e qualquer meio razoavel de extinguir a escravidão; e declara não só temeridade, mas attentado, aberração, monstruosidade, baixeza, e corrupção repugnantes, as convicções dos estonteados *poetas* e *philosophos* deste paiz, (pondo de parte os *romancistas* e os *dramaturgos*) porque ha quem pugne pela emancipação da escravatura.

E' assim que S. Ex. moureja, fatiga-se e extenua-se, — em demonstrar a existencia e a invasão ostensiva e insolita do poder pessoal do imperador; desse mesmo poder que durante o dominio dos progressistas era tão

elogiado, tão decantado, tão querido e amado de S. Ex.; desse mesmo poder, com que S. Ex. fez tão honrosa harmonia *dezoito mezes*, e com o qual sahio em perfeita paz do ministerio, em que servio; desse mesmo poder, que S. Ex. não teve razões para accusar algum tempo, mesmo depois que por *desavença* com o Sr. Paulino se retirou do governo.

Felizmente, porém, nas suas *Cartas de Erasmo*, S. Ex. nos ensina "que não existe entre nós poder pessoal; que só a malignidade pôde tal a ventar; que é uma falsa prevenção; que a missão do imperador é (tal e qual) como a do sol; que elle protesta altamente contra a imputação; que a imparcialidade da corôa excede os limites devidos; que só o impulso della poderá ter efficacia; que o imperador é o pai da patria, para beijar enja dextra Augusta elle se honra em reclinar-se; que o imperador é acabeça da nação; que basta annunciar sua vontade para se tornar logo, de sua virtude e essencia facto, consummado, contra o qual se não concebe resistencia etc., etc.

Felizmente (não para nós! S. Ex. diz na pag. 7 das suas ditas *cartas*: "Lá está (no throno) o que o egoismo e a vaidade lhe recusariam em muita parte: Ouvido benevolo para esentar; dedicação prompta para comprehender; illustração magnanima, que não desdenha a idéa, e corrige o erro sem mofo."

E, ainda mais felizmente, S. Ex. dignou-se de autorisar em plena sessão da camara dos deputados a paternidade, que apenas lhe era attribuida, das *Cartas de Erasmo*: era preciso que não restasse duvida sobre a paternidade e sobre a gloria dessa honrosa e monumental producção. S. Ex. tem tal amor ao que produz, que não se resigna a perder uma só folha da sua corôa de louros!

(Continúa)

QUESTÕES DO DIA

N. 5

RIO DE JANEIRO 14 DE SETEMBRO DE 1871.

Vende-se em casa do Srs E. & H. Laemmert—Praça da Constituição,
Loja do canto—Rua de S. Jose n. 110—Livraria Academica, o Cruz
Coutinho na mesma rua n. 75. Preço 200 reis.

Obras de Senlo—O Gaúcho.

(*Cartas a um amigo.*)

Meu amigo.

Compreendo o gaúcho assim: organização destemida, vasada nos moldes dos Guaycurús ou dos Patagões, que são os primeiros cavalleiros do mundo.

O rebenque e as chilenas castigam e subjagam os impetos do cavallo indomito.

Ha em sua physionomia illuminada de um esplendor insano, em seu animo insoffrido, o entumecimento e as palpitações precipites do arrojo semi-barbaro.

Finalmente vejo no gaúcho alguma cousa que se pareça com Osorio ou Zeno Cabral—no espirito, fontes inesgotaveis dos maiores heroismos,—no sentimento a exaltação e a decisão, que póde inspirar a calida ventania das savanas,— nas acções, nos gestos, uma resolução firme, implacavel—n'uma palavra, a integra personalisação da virilidade continental.

O cavallo o completa: é o seu appendice ou antes o seu epilogo: representa o papel de seu escravo, antes que o de seu amigo, e melhor o de victima que o de escravo: o gaúcho é mais o tyranno do cavallo do que seu senhor.

Não sei, meu amigo, si já leu uma interessante historia, intitulada — *O Guarany* — por Gustave Aimard? Ahí póde estudar-se o gaúcho com proveito. Encontra-se o typo exacto e não a fabula rachitica. O historiador francez estudou em pessoa os costumes da vida nomada do pampa. Escreveu como quem viu, e não como quem idê a.

Por isso os personagens, nessa verídica historia, são de uma vitalidade eloquente ; tem toda a efflorescencia da vida ; e não são pallidas visões, creaturas disformes, descoradas, confusas e em contraposição á verdade natural e ethnographica.

E o cavallo do pampa? Comprehendo-o deste modo : susceptivel, vertiginoso, estremecendo de mil inquietações a qualqu r leve rumor do deserto, arredio do homem em quem adivinha, por instincto e por licção, um inimigo encarnicado de sua independencia ; um animal que, ao vêr o gaúcho, dispara a correr, com medo de sua crueza, por banhados e coxilhas, impellido pela exaltação, pela investida, pelo desencadeamento dos panicos brutaes ; um animal que só possam domar a temeraria audacia e a classica pericia do gaúcho, e a que fôra licito applicar, sem risco de impropriedade, o nome expressivo de *desespêro* ou *suracão*.

Nem um, nem outro, nos dá *Senio*.

Manoel Canho, apresentado como realisando o ideal do gaúcho, caracteriza-se por estes signaes : odio eterno para com a especie humana, frouxo e effeminado inter-necimento para com a raça hippica. *Senio* emite a doutrina de que o gaúcho tem mais em si de cavallo do que de homem; que dizer *gaúcho* é querer dizer — *coração para uma raça bruta, musculo apenas para a sua propria especie e até para a sua familia*.

Canho morre de amores pelas eguas. Com ellas vive, convive e dorme. Cavallos e poldrinhos despertam-lhe todos os estremecimentos do affecto mais terno e mulherengo. Já viu maior aberração, meu amigo?

Quanto aos cavallos, vejamos como foram ideados por *Senio*.

São muito discretos, sensatos e reflectidos. A baia é sensível, amorosa e ciumenta de *Canho*; a tordilha tresanda a humanidade e a piedade christã ; o alazão, o pae do lote, é polido e cumprimentador como um conselheiro.

A baia, em logar de *tempestade*, chama-se *morena*.

Ai ! *morenas* tão decantadas, romantizadas, poetisadas todos os dias e pelas melhores pennas, quão poucos deveis lisongear com o original capricho de *Senio* !

Moreninha chamou *Macedo* a um bello livrinho seu, de cunho nacional, que faz as delicias do sexo amavel. e as estantes brasileiras recolhem como uma joia.

Pois este significativo epitheto, de tradicional encanto, classica presumpção do que ha de garrido, de gracioso, de tentador na mulher nacional, qualifica no *Gaúcho* uma egua. Canho alardeia de *fazer tudo pela besta, pela mulher nada*. E a proposito de besta : deve saber *Senio*, que no Rio Grande do Sul nunca se emprega esta voz para significar *egua*, como erroneamente se faz no seu *Gaúcho*.

Depois da *morena* quem ha de seguir-se ? O *Juca*. Podereis adivinhar quem seja esse moço, de nome insinuamente alterado ? Não é um moço, é um poldrinho ! E' querer levar a especie ao ultimo ludibrio.

D'est'arte temos o tratamento amovel, que a mãe estremosa dá ao filho do seu coração, o carinhoso diminutivo com que a donzella chama o irmão ou o primo, em signal de estima e de intimidade affavel e jovial, tem-o aqui applicado ao potro. Para se chegar a *humanisar a sociedade* equina, não se hesita em *cavallisar a sociedade dos homens*.

Meu amigo : entendo não dever passar além, sem primeiro lançar certas bases, certos preceitos que regulem o processo analytico-litterario.

Por isso, para toda boa ordem e claresa de idéas, reduzo a questão ao dilemma : ou *Gaúcho* pretende as honras de um romance de *costumes*, ou satisfaz-se com o ser de mera *phantasia*.

No primeiro caso, protesto. Longe d'isso, o *Gaúcho* é desnaturado, falsissimo, apocrypho.

Tal qual foi concebido e executado, importa a mais pungente palinodia contra a gentileza, a masculinidade, a fama das illustres façanhas e legendarias tradições do campeão das savanas austraes.

No segundo, ha de permittir-nos *Senio* a franqueza de lhe declararmos que sua *phantasia* é das mais tristes, porque importa uma corrupção do sentimento natural e racional, o rebaixamento vivo e indecoroso da especie.

Raciocinemos.

Sempronio.

(Continúa)

OITAVA CARTA

DO ROCEIRO CINCINNATO AO CIDADÃO FABRICIO

Fabricio.—O homem é animal de habitos, e estes são segunda natureza. Ora se o tal senhor habito é a repetição frequente dos mesmos actos, e se tu me tens obrigado a escrever-te missiva sobre missiva, já isto vai correndo como habito, e és tu o culpado da transformação da minha natureza taciturna. Já quasi venho insensivelmente cavaquear contigo, por attracção inexplicavel. Tu lembras-te d'aquella nossa boa camaradagem de 4 annos lá de S. Paulo? Eramos um pendulo; o que fizemos hontem, faziamol-o hoje: apenas abrimos os olhos, trazia-nos a mulata a dose matutina de caffè, que era o nosso *mata-bicho*; quando nos iamos estirar no catre, lá vinha, para conciliarmos o somno (ainda então não eram inventados certos discursos) o *copo da socega*. Quem nos tirasse estes habitos, infernizar-mos-hia; parece-me que já me sucederá outro tanto, se tu agora me prohibires estes desabafos, a que já espontaneamente me atiro á voga arrancada.

Continuemos pois a nossa pratica. Fique ainda de remissa a conclusão da tal giga-joga da interpellação: reconheço que nella só estão em causa duas figuras das Arabias, eu e outra, nenhuma das quaes tem importancia para ser anteposta a questões de interesse publico: guardemos as nossas pessoinhas para a sobrezeza, e continuemos com a analyse da oração *pro servitute*, d'aquelle berreiro da montanha que deu á luz um rato.

Em muitos pontos graves, a claridade vai penetrando. O Sr. Zacharias de Goes, na sessão do dia 4, matou o principal cavallo de batalha do Sr. Alencar, que é de uma felicidade estupenda; mas tambem a quem Deus quer bem, o vento lhe apanha a lenha. Dissera este no seu perigrino discurso:

« Os brios nacionaes se confrangem... o paiz não teve conhecimento do facto senão de torna-viagem. Ainda ultimamente não vimos nós manifestar-se esse menoscabo de uma maneira revoltante? Esses trabalhos do conselho d'estado, que o gabinete com tamanha repugnancia remetteu a esta augusta camara, e só depois de requerido e instado, esses trabalhos eram communicados

aos membros da junta central abolicionista e citados na conferencia que houve em Pariz a 26 de Agosto de 1867 *Sensação. Vozes Oh oh!* Não sei se este ó ó era para o mandar durmir) Assim dava-se conta ao estrangeiro, primeiro que ao parlamento brasileiro...O Brazil tem representado nesta magna questão o papel de uma creança, de cujos destinos se decide, sem consultar-lhe a vontade » etc., etc. E elle ahi vai.

Os factos, os factos! declamações de serrazinas, cobras e lagartos venham depois. O chefe do gabinete de 3 de agosto, que governava ao tempo d'essa *torna-viagem*, d'esse *menos-cabo* que *revolta*, que *confrange os brios*, que distribue ao Brazil o papel de creança, declarou que « aproveitava a occasião para *desfazer uma imputação levantada na outra camara*, dizendo-se que o ministro fornecera copias desse trabalho a estrangeiros, ao passo que as negava á camara » e accrescentou desejar que esta negativa tivesse a forma mais categorica.

Eis-ahi desmoronado o edificio erguido ao som da nautica buzina. Eis-ahi a demonstração de que de uma pulga se faz um cavalleiro armado. Uma pagina de injurias, de menos-cabos, de confrangimentos e quebrantamentos, de sensações, de *ós* e de *ús*, assenta... numa falsidade.

A verdade é como o azeite : por mais que o afundem vem á tona d'agua. Claro está que se o acto fosse privado, de um cidadão qualquer, não poderia o trisulco de Jove fulminal-o, nem teriam cabimento as exprobrações e exclamações. Para justificar o *ore rotundo*, para produzir effeitos comicos, sensações e espasmos, era mister que o acto manasse do governo d'esse tempo; mas que custa a um dramaturgo imaginoso inventar uma peripecia? « Foi o governo do Imperador, horror! foi o governo do Poder Pesscal. »

Acaba de ser levado á ultima evidencia o que já era convicção universal, e de que eu mesmo junto a ti já fora interprete. Não resta sombra de duvida, de que a accusação foi uma falsidade, mas que importa isso? Não teve a scena palmas no dia da primeira representação? quem exige da comedia a verdade historica? Produzido o effeito, já o xisgaravis pode fazer ablativo de viagem.

Foi uma falsidade: deixal-a ser: quem interroga o oceano pelas gottas de que se compõe? Não saiu ella

dos mesmos labios que attribuiram ao Presidente do Conselho escancarar-me o thesouro e a mim assaltal-o ? Não é bom que se saiba que se os consultores da justiça ! ministros della ! ignoram o espirito e a letra dos art. 7, 167 e 229 do Código Penal, tem artes de refugiar-se atraz do art. 26 da Constituição, dando-lhe aliás interpretação e elasticidade absurda ?

Ao que erra perdôa uma vez, mas não lhe perdoes trez ! Adeante.

VI.—PLANO DE ESTORVAR A LEI.

Não perscruto as intenções dos outros membros da dissidencia ; admitto, sem approvar, que julgassem cumprir deveres, lançando mão de meios que se me figuram contrarios á indole dos parlamentos, e ao regimento da camara.

Já uma rã estoirou, por aspirar a boi ; porisso Deos me livre de tão alto pôr a mira, que ouse pretender a uma cadeira no areopago, apezar de nellas ver algum areopagita menos grave que S. Diniz. Mas supponhamos que a innocencia da fortuna me guindasse áquellas excelsas alturas, e que eu tivesse de tomar ao serio a minha inopinada elevação. Que diria eu a mim mesmo? Parece-me que diria o seguinte :

« 1º. A minha linguagem deve ser constantemente, não para lamentar, mas parlamentar, isto é, simples, laconica, logica. respeitosa ; no dia em que me faltar qualquer destes requisitos, a minha curul estremeçerá ; e se eu vier a ser o provocador de linguagem analoga, a triste responsabilidade de scenas indignas recahirá sobre a minha cabeça.

« 2º. Convicios, furôres, despeitos, injurias, tumultos serão por mim stygmatisados ; mal vai a argumentação quando o seu calor sobe a incendio : espectaculos taes não degradam só o homem da sua categoria de cavalheiro, ou de simplesmente bem educado, mas, o que é peor, desanctorisam a lei, e nivelam o legislador com o frequentador de bodegas ; abster-me-hei pois de toda a violencia.

« 3º. Considerando que, em quanto a lei é lei, a todos cumpre acatal-a ; que duplo acatamento merece a lei fundamental, e a essencia do regimen, que me conferiu este assento ; que, segundo as prescripções da constituição, art. 25, e as normas do governo representativo, são as maiorias que resolvem os negocios ; nunca

na pratica desconhecerei, pertencerei a um ou outro grupo da assembléa, esta base fundamental da fórma do governo.

« 4º. Regendo-se a augusta camara por lei especial, respeitai-a-hei, com a submissão que todo o cidadão deve á lei, qualquer que seja, ou antes tanto mais quanto mais alta for, a hierarchia delle. Mandando o art. 2.º do regimento, que, salvo na discussão do primeiro artigo de um projecto, o orador se cinja á materia que se debate, eu nunca levarei a mal ao presidente que me chamar á ordem, quando, se acaso eu me deixar desvairar pelo *decies repetita placebit*, eu repizar em todos os artigos as materias já fóra do debate, e dissertar *de omni re scibili*, sob o pretexto de que, segundo a arvore de Bacon, na sua *Instauratio Magna*, todos os conhecimentos humanos esão ligados tão intimamente, que o discorrer sobre peculio prende entranhavelmente com a guerra da Abyssinia; e muito menos me arremeçarei sobre o presidente que invocar a minha attenção, nem lhe direi: « V. Ex. é um parvo; o que quer, é atabalhoar-me, e atalhar os vôos da minha facundia; não seja soffrego: d'aqui a duas horas começará a entrever por que invisíveis mas solidos fios eu vou agarrar o peculio ao Grão Negro, imperante da região dos Monophysitas.» Se não entenderem, pouco importa: a cousa é assim mesmo.

« 5º. Não se recrutando para deputado, e provindo só da minha legitima ambição o assento que nesta casa se me houver concedido, heide occupal-o com todas as condições que lhe são inherentes, e não acceital-o a beneficio de inventario. Quando os eleitores me escolheram, impuzeram-me esta obrigação: » Salvo motivo de grande enfermidade ou força maior, comparecerás sempre ás sessões, para que os negocios publicos se não atrazem; discutirás, quando souberes, quizeres ou poderes; votarás em liberdade, mas votarás sempre, queiras ou não queiras, agrade-te ou despraza-te! « A minha consciencia qualificaria pois de acto reprehensivel a minha falta individual a qualquer sessão, e de attentado contra a constituição, de perigoso minar dos seus alicerces, todo o conluio, conjuração, parede, *grâce*, ou como em giria politica melhor nome haja. Obrigação os outros como lhes approuver; quanto a mim, onde a nação me colloca de atalaia, não desertarei do posto.

O meu roteiro teria muitas outras estações; mas emfim, como isto é vagamundear pelos espaços imaginarios, e como, sem que eu por isso me damnasse, a minha candidatura já gorou, como tem succedido aos mais pintados, escuso fazer programmas, que já agora nunca sairei da cepa torta. Ora como eu me não arvore em prégador, e não pretendo ensinar padre nosso ao vigario, nem vender siso a Catão, Deus me livre de tentar propagandas; eu cá teria pensado assim, mas isso não quer dizer que não pensasse detestavelmente.

Tregua a devaneios, e vamos á sabbatina do sara-patel.

Observando que todos *uná voce* pedem a supressão do captiveiro, o Sr. Alencar lá deu á idéa um frio apoiado; mas sem detença desmanchou com os pés o que fizera com a cabeça. Sem appresentar projecto algum (não se esquece da sorte sempre reservada a projectos seus), ataca o do governo com unhas e dentes; não come, nem deixa comer. Onde porém surrateiramente e pisa-mansinho, revela aspirações, rato escondido com o rabo de fóra, patenteia que o seu plano é procrastinar a urgente solução..... para o dia do antechristo. Ouçamol-o:

« É preciso esclarecer a intelligencia embotada, elevar a consciencia humilhada, para que *um dia, no momento de conceder-lhe a liberdade*, possamos dizer: Nós vos remimos, não só do captiveiro, mas da ignorancia.»

Não achas, Fabricio, que isto vale por projecto, lei, codigo? Toca a instituir escolas. collegios, faculdades, só para os pretos. De ora avante, os senhores alternarão o serviço dos escravos com o de sua cultura das letras e sciencias, e por toda a face deste imperio se empregarão as forças vivas da sociedade em levantar senzalas universitarias! O senso commum diz que para dissipar a ignorancia, é precisa a liberdade; cá este expositor recommenda que, para conquistar a liberdade, se dissipe a ignorancia.

É por certo este plano efficaç e intelligentissimo. Pois não é? E ha ainda mais outra raridade: quem tanto labuta por prolongar a instituição do captiveiro dos negros, vê-se instantaneamente accomettido de uma paixão negrophila, que o leva a exigir a favor do negro actualment: escravo, o que não pede a favor do branco, actualment livre!

Não confundamos: uma cousa são as *miserias da escravidão*, outra são as *miserias da indigencia*.

Fazeis consistir a autonomia humana, a liberdade plena, o jus do cidadão, na cultura intellectual? Então, a logica manda-vos condemnar ao captiveiro milhões de compatriotas vossos, totalmente baldos de instrucção e cujo intellecto se nivella pelo dos escravos. Esses são igualmente tollidos na sua intelligencia, abatidos na sua consciencia, membros inuteis da sociedade, hordas selvagens no seio de um povo culto.

Não consiste a condição ingenua na capacidade do engenho e na pericia da doutrina, sendo tão livre um Bertholdo como um Newton? Então, não junteis aos infortunios do escravo uma exigencia absurda, atroz, impossivel: não o colloqueis n'um circulo vicioso, em cujo centro se leia a inscripção do inferno do Dante: esperar o dia da dissipação da ignorancia, para obtenção da liberdade!

Intendo, intendo, como diz Hernani. Com o regimen da escravatura, nunca será dissipada a ignorancia dos miseros, nem nelles mesmos, nem nas suas gerações, perpetuamente sujeitas ao *partus ventrem sequitur*: assim impossibilitado o diploma scientifico que abre as portas da liberdade, ficam estas trancadas *per omnia saecula saeculorum*.

A subtileza é diaphana; não pega: a mente culta não dá mais titulos á liberdade que a grosseira. Até para o ensino e o apostolado, houve, entre os embaixadores de Christo, mais ignorantes que sabios: se Paulo era tão profundamente instruido, que o governador Festo lhe lançou em rosto extravaganciar, por excesso de sciencia, lá diz o texto sagrado que Pedro, André, João, eram homens analphabetos, idiotas (?).

A condição real da liberdade está na existencia da alma: quem a possui, doato ou boçal, tem, em pé de egualdade, direito á sua autonomia.

Em quanto durar a escravidão, a regra (de que sempre haverá, como em tudo, honrosas excepções) será que o senhor conservará intencionalmente o servo no embrutecimento, sem o qual toda a artificial disciplina periclitaria. Se, para libertar a raça, se esperasse o famoso dia da sua ascensão intellectual, estaria ganha a causa do addiamento eterno; fixar-se-hia a solução para as kalendas dos gregos, que não tinham kalen-

das, e inscrever-se-hia na embaçadella do plano, aquillo de Lafontaine :

Notre lièvre n'avait que quatre pas à faire,
j'entends de ceux qu'il fait lorsque, près d'être atteint,
il s'éloigne des chiens, *les renvoie aux calendes*,
et leur fait arpenter les landes.

La manumission des esclaves, d'après le projet du sieur d'Alencar, arpenterait les landes jusqu' à l'an 3000.

Confesso-te que acabo de perpassar attentamente pelos olhos o tal discurso todo, para ver que outra providencia o Sr. Alencar submette á discussão ; nada e nada mais. O seu projecto compõe-se de 2 artigos : 1.º A escravidão acabará no dia em que todos os pretos forem doctores ; 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Fazer leis sobre assumptos arduos, não é zangarrear insultos ou esparrallar criticas sobre lucubrações serias. O Sr. Alencar não se arriscou a servir de columna aos hebrêos, nem tão pouco a atar o guiso ao pescoco do Rodilardo. A missão d'este legislador não é legislar ; é só censurar : Catãozinho.

Ai, não ; a julgar pelos parentheses semeados no seu discurso, parece ter ainda outra missão na camara : a de Triboulet parlamentar. Que'es ver ?

« O nobre ministro da justiça, com uma (signal de que não tem duas) voz tetrica e agoureira, prophetizou (*risadas* »

Ora, meu caro amigo, tu, que estás em Pindamonhangaba, não te escaugallas tambem a rir d'este *arqumento* graciosissimo ? não chega lá tão longe o contagio ? Mas não ; já te estou ouvindo, a ti homem grave e sisudo : — « Cada um tem a voz que Deus lhe deu. É inqualificavel ridicularisar a um dos mais nobres vultos d'esta terra, inaccessible a settasinhas inoffensivas. É inhabil expor-se a que se retalie contra quem carecer d'esses dotes phisicos, pela voz ingrata, pelo encaixillar da cabeça nos hombros, pelos ademães burlescos, e outros dotes de que, segundo vejo, nem consciencia tiver. » Calo-me, pois, e transcrevo mais :

« Todos nós temos o veto do lapis (*hilaridade*), não é privilegio da realza. »

No primeiro caso uma indecencia ; neste uma iniqua injustica, um epigramma insulso, de que já fallei. Vejamos mais :

« Se uma (não são duas: é o homem das *umas*) lei semelhante fosse votada, eu não a poderia comparar senão a essa *vaga Venus* de que se falla no parecer da illustrada commissão (*hilaridade prolongada*). »

Isto n'outra bocca, seria a demonstração da mais supina ignorancia. Já vi, pelo illustrado relator da Commissão, tratada esta critica de um modo irresponsivel; não me arriscarei a dizer mal o que já foi perfeitamente aquilatado. Só fica de pé a intenção benevola de fazer rir de um collega, pelo euphemismo de uma imagem: e isto no mesmo discurso em que nos ensina que— « liberdade é fogo sagrado entregue ao impeto, ao arrojado de um novo e selvagem Prometheo » —a questão é *anima vilis* de uma (uma) experiencia philantropica, e materia prima de uma (uma) corôa de triumpho » — « o monstro de Horacio » — « o *Remember*, de Milton, » — e logo depois:— « a agnia de Jupiter » — « Jupiter transformado em chuva de ouro » — e uma multidão de imagens, que nem approvo, nem censuro agora, mas que lhe tiram o jus de atirar pedra ao telhado do visinho.

Continúa, na interpeção, com estas excitações ao diaphragma parlamentar:

« Nesta sessão, o ministro do Imperio tem feito apenas dous (graças! não é um!) trechos de discurso (*hilaridade*), e isso mesmo ao lusco-fusco (*continúa a hilaridade*). »

Este engenhosissimo argumento já foi apreciadô. Quem inventou o proverbio « Travaram-se de razões » para exprimir descomposturas, sem duvida antevia que as razões haviam de ser destas.

« Não me admirei quando o Sr. Presidente do Conselho, tomando um (um) tom de mestre, tratou de admoestar os alumnos deste collegio. (*hilaridade da opposição*). »

Entre o roزاریo de delicadezas, figura esta. Se com effeito o censurado realmente mestre parlamentar) tivesse assumido o tom de mestre, teria no seu collegio algum alumno, que nem S. Luzia podesse salvar, pois lhe daria o vão pela barba, ao doctrinal-o nos rudimentos de educação politica e outras educações.

« Por ter entre as suas cartas o *rei* e a *dama*, não conte ganhar a partida (*hilaridade da opposição*). »

Phrases destas não se commentam. Prosiga a geringonça:

— « A vida do Sr. Presidente do Conselho não tem sido mais do que um longo secretariado (*hilaridade da opposição*) »

O secretariado cá vai para o lexicon do Bacellar. E não admiras tu o arreganho, o orgulhoso, entono aristocratico com que o filho do sol e neto da lua alça a preclara grimpa, no intento de ludibriar o Estadista que ha largos annos, com zelo, illustração e patriotismo, tem servido o seo paiz nos mais elevados cargos, e isto por que, no começo de sua brilhante carreira, foi secretario de presidencia e de ministro? Mas onde se vio que estes cargos fossem deshonrosos ou desairosos? Quem ignora que, ao contrario, é de uso escolher para desempenhal-os quem disponha de elevadas habilitações intellectuaes? Nestas formas de governo, são esses, do merito, os mais invejaveis pergaminhos. Raros os ostentam, brilhantes como os do Estadista ridicularisado.

Em fim, diz que fez rir; então ganhou a partida.

» Desde que S. Exa. me recusa os esclarecimentos que pedi, posso eu esperar que me sejam concedidos pela maioria que o sustenta a todo o transe? O nobre Presidente do Conselho quer que eu recorra de S. Exa. para S. Exa. mesmo? » (*hilaridade*)

Está bonita esta !.. Quando fores bigorna, aguenta: e, quando malho, malha ! Agora aqui tundas por atacado: a maioria é nada; a questão servil mudou de face; a instituição do captiveiro foi dos pretos endossada na maioria, a qual está de tal forma escravizada ao Governo, ou ao Pessal, que já nelle se consubstanciou. E' de crer que alguém risse, porem mais certo deve ser que mui outro sentimento terá o orador inspirado aos cavalheiros que tem a *fortuna* de ser seus collegas.

— « Lembro-me de artigos, que chistosamente faziam a conta da despeza de cada entrelinhado (*risadas*) »

Dize cá : comprehenderias tu esta hilaridade democratica, a não ser que os hilariantes se hilariassem do hilarisador? Soltarem-se gargalhadas em coro, por applauso a uma conta de typographia ! Nada, não pode ser ; estes impulsos risinhos, estas carranquinhas de cabo de chapéo de sol, estas risadas não foram provocadas por cousas alegres, mas sim pela extravagante diligencia do orador, debatendo-se para fazer rir, *invitá Minervá*; se alguém risse n'uin caso d'estes, é porque

mãos invisíveis lhe estariam titillando as plantas dos pésinhos.

Conta-se que Rabelais, que também levou toda a vida a rir e fazer rir, egualmente se conservou na disposição faceta, em sua derradeira enfermidade. Afinal, quando já na agonia, abriu os olhos pela última vez, e balbuciou : *Pano abaixo ; está acabada a farça !*

E' de crer que, ao findar a frandulagem oratoria, outro tanto exclamasse, de si para si, o nosso ridente orador, de quem gosto mais assim do que embezzerrado. O certo porém é que, depois de concluir a campanha d'esse dia, apregoava, no immediato, como tendo sido um triumpho sem par, um combate em que, sem perder um só argumentinho, desbaratara as fileiras cerradas da maioria, reproduzindo o boletim do general Beur-nouville, acerca das batalhas feridas em Bellygen e New-Machen : « Após tres horas de uma acção tremebunda, em que tres mil inimigos foram feitos em postas, limitou-se a perda dos francezes á do dedo minimo de um granadeiro »

Macte, puer, sic itur ad astra !

Teu velho amigo
CINCINNATO.

A Interpellação do Sr. Alencar

No *Jornal do Commercio*, de hontem, foi publicado o admiravel improviso com que o Sr. Visconde do Rio Branco pulverizou todas as proposições que o rancoroso interpellante tinha levado semanas a brunir. É um modelo de discussão vigorosa, fina, esmagadora, urbana, parlamentar ; seja-nos licito transcrever d'esse brilhante discurso uma parte que prende mais particularmente com pontos que temos tratado.

O SR. VISCONDE DO RIO-BRANCO (*Presidente do conselho*) :—Com referencia ao gabinete de 7 de Março. devo declarar que elle não tem subvencionado imprensa, nem escriptor algum....

OS SRS. MINISTROS DO IMPERIO, DA MARINHA, DA AGRICULTURA E ESTRANGEIROS :— Apoiado.

O SR. VISCONDE DO RIO BRANCO (*Presidente do conselho*) :— É uma grande injustiça a accusação articulada pelo nobre deputado.

Todos sabem que nunca causa alguma teve defensores mais espontaneos, mais independentes do que esta (*muitos apoiados*) ; mas nós sabemos também que

aquelles que têm aptidão para escrever, que estão habituados ás lutas da imprensa, não dispõem de grandes recursos nem podem supportar, além do trabalho intellectual, as despezas com a publicação de seus escriptos.

UMA VOZ :— Então para que trabalham, senão para serem pagos? *Oh!*

O SR. MINISTRO DO IMPERIO :— Nunca se pagou artigo algum ; tem-se pago algumas publicações.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA :— Não ha nisso o menor desaire ?

(Ha outros apartes ; o Sr. presidente reclama attenção.)

O SR. VISCONDE DO RIO-BRANCO (*Presidente do conselho*) :— Repito á camara : o gabinete de 7 de Março não tem subvencionado a escriptor algum (*apoiados*) ; tem autorisado a despeza com a publicação de artigos de interesse publico, escriptos com moderação e prudencia ; não tem corrido por conta do governo tudo quanto tem sahido em defesa da questão do elemento servil. Muitos defensores da idéa tem pago á sua custa os artigos que publicam, e até alguns artigos são evidentemente de origem liberal, pois não são unicamente os amigos do governo os que se empenham pela victoria da causa da emancipação.

(Trocam-se apartes.)

O nobre deputado pela provincia do Ceará conhece bem os segredos da administração ; quando, pois, nos dirigio a sua interpegação, devia saber que não viriamos aqui dar nma resposta negativa, como figurou ; porque seria mentir á camara e ao paiz negar um facto que está no conhecimento de todos, que não é de hoje, mas de ha muito tempo, facto praticado por todos os ministerios, mesmo por aquelle de que S. Ex. fez parte. *(Muitos apoiados da maioria).*

O SR. ALENCAR ARARIPE :— É um facto licito.

O SR. VISCONDE DO RIO-BRANCO (*Presidente do conselho*) :— A verdadeira causa desta interpegação, revelou-se no final do discurso do nobre deputado : ahi está ella claramente patenteada. S. Ex. entende que alguns artigos que elle attribue á habillissima penna de um estrangeiro illustre, artigos que (ou eu estou muito illudido ou já me não recordo do que li) não continham injuria alguma, mas sim uma discussão muito digna de cavalheiros ; S. Ex. entende que esses artigos foram encomendados pelo governo, pagos pelo governo, sendo tambem o escriptor subvencionado !

Senhores, é preciso estar muito apaixonado para vir a esta tribuna aventurar proposições desta ordem, commettendo uma grave e dupla injustiça contra o gabinete e contra este distincto escriptor (*muitos apoiados da maioria*), se é o mesmo que eu presumo !

O nobre deputado nos disse que ama os estrangeiros, que os quer vêr entre nós, que deseja que affluam em grande numero e com toda a confiança ao nosso paiz ; o nobre deputado tambem é campeão da liberdade da imprensa, é filho da imprensa, como aqui nos disse ha pouco ; mas, então, como S. Ex. esquece que essa lança de Achilles cura as feridas que ella propria faz? como S. Ex. em vez de tomar o desforço que cabia á sua illustração, empunhando tambem a penna e respondendo a esse escriptor, abandona a imprensa e vem vingarse no ministerio, trazendo essas paixões á tribuna e fazendo consistir nellas o objecto principal de uma interpellação ? !

VOZES DA MAIORIA :—Muito bem !

O SR. VISCONDE DO RIO-BRANCO (*Presidente do Conselho*):—Sr. presidente: se o nobre deputado, pelas circumstancias a que desceu, alludio a um illustre estrangeiro que conheço, S. Ex. foi summamente injusto. Esse notavel homem de letras é incapaz de representar o papel que lhe attribuiu o nobre deputado ! (*Muitos apoiados da maioria*).

(*Trocam-se apartes.*)

Se alguma cooperação prestasse elle ao gabinete, seria a mesma que prestaria a qualquer outro que defendesse uma causa que interessa a todo o mundo civilisado. (*Muitos apoiados da maioria.*)

Senhores, o nobre deputado lamentou a facilidade com que entre nós se desvirtuam as intenções, se deprimem os caracteres, o empenho com que se procura tudo nivelar, gerando o descredito e a descrença no paiz ; mas com que direito veio S. Ex, aggre-dir-nos aqui pelos escriptos que attribue a um illustre estrangeiro ? com que direito nos torna responsaveis pelos seus artigos, quando é temeraria e inteiramente inexacta a asserção de S. Ex., de que esses artigos fossem encomendados pelo ministerio, ou publicados sob as vistas deste ? ! Como se anima o nobre deputado a assegurar o que não póde saber e o que é inteiramente inexacto ? ! E como traz S. Ex. para esta discussão um escriptor anonymo, um estrangeiro respeitavel (*muitos apoiados*

da maioria), quando elle não pôde defender-se aqui e não deve ser objecto de discussão nesta casa?! (*Apoiados da maioria.*)

A discussão em paiz livre, como o nosso, é e deve ser permittida a todos, nacionaes e estrangeiros; e se isto é certo, hade levar-se a mal que um estrangeiro, quando vê debater-se um assumpto de interesse universal, sinta algum enthusiasmo e procure manifestar suas idéas?!

Como quereis que sejamos julgados e apreciados nos outros paizes, como poderá haver nelles um estrangeiro que defenda o Brazil, se é um crime que o estrangeiro no Brazil possa manifestar seu pensamento sobre uma questão social desta ordem? (*Muitos apoiados da maioria.*) Onde estão aqui os principios da liberdade da imprensa?! Oh! filhos da imprensa! vós esqueceis a vossa propria origem!

VOZES DA MAIORIA:— Muito bem!

O SR. J. DE ALENCAR:— A questão não é essa; é a do insulto.

O SR. VISCONDE DO RIO-BRANCO (*Presidente do Conselho*):—Eu não approvo o insulto, e nenhum homem de educação o pôde approvar. O nobre deputado não ignora que a melhor resposta que se pôde dar ao insulto é o desprezo. Se porém os artigos a que alludio são os mesmos que eu li, e, se não estou esquecido, não havia nelles injuria alguma; havia uma discussão muito illustrada, e muito decente. (*Muitos apoiados da maioria.*)

O segundo ponto da interpegação é a despeza que temos feito com a publicação de artigos politicos na imprensa diaria. Senhores, nunca se fez semelhante pergunta a ministerio algum. (*Apoiados da maioria.*)

Se o nobre deputado, o que eu não creio, presume que possa haver aqui algum abuso offensivo de nossa honradez, devo dizer-lhe com toda a confiança que, se S. Ex., tão prevenido como se acha contra nós, subir ao poder e entrar em todos os escaninhos das secretarias, nada ha de encontrar com que possa ferir-nos por esse lado: ao contrario, achará provas de que temos procedido e procederemos sempre como os ministros mais honestos que tem tido o Brazil. (*Muitos e repetidos apoiados da maioria.*)

QUESTÕES DO DIA

N. 6

RIO DE JANEIRO 17 DE SETEMBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs E. & H. Laemmert— Praça da Constituição,
Loja do canto—Rua de S. Jose n. 119— Livraria Academica, e Cruz
Coutinho na mesma rua n. 75. Preço 200 reis.

A questão do elemento servil

Votada na camara dos deputados a proposta do governo com as emendas da commissão especial, está ella agora sujeita á discussão do Senado, onde diversos oradores têm tratado do assumpto, pró e contra.

Combatem a proposta, na fórma e na essencia, os Srs. Muritiba, Tres Barras e Itaborahy, como já se sabia que fariam.

Na camara dos deputados dissera o Sr. Paulino de Souza, digno chefe da minoria, adversaria da proposta :

« Neste seculo de luzes, e para homens que professam a lei do Evangelho, a causa da escravidão está julgada, e para sempre. »

Mas esta proposição, que devia leval-o, e á minoria, se fossem consequentes, ao caminho verdadeiro, por onde se chegará ao *desideratum*, que naquella camara a minoria tantas vezes protestou ser tambem seu, foi no senado posta em duvida, sinão contrariada pelo illustre Sr. Visconde de Itaborahy, que tantos encmios teceu no seu discurso ao trabalho escravo, que até entende que só o escravo é proprio para resistir, no serviço da lavoura, ao sol abrasador deste paiz ; e que o serviço exercido por homens livres não é tão lucrativo como por braços escravos !

Pensa tambem o honrado senador que a escravidão não é embaraço para a colonisação ; e é egualmente o clima a razão poderosa que a isso se oppõe.

Já se vê que o Sr. Visconde de Itaborahy tem maior franqueza na enunciação de suas idéas, do que outros contradictores da proposta. Já se vê que para elle, no fundo de suas opiniões reguladas pelo interesse da la-

voura, não é certo que, *neste seculo de luzes, a causa da escravidão esteja julgada*, no sentido em que se enunciou o distincto Sr. Paulino de Souza.

O Sr. Visconde de Itaborahy foi consequente. Considerando o braço escravo como o auxiliar mais util da lavoura, dirigiu todos os seus argumentos ao fim bem manifesto de estender a instituição pelo maior tempo que fôr possível, já que não póde ser eternamente.

Possuido de taes sentimentos, nada ha que estranhar no tom de azedume, com que o orador entrou na discussão, nem no modo pessimista, com que encarou a proposta, desde que ella foi levada á camara dos deputados.

Não vê que haja perigo em ficar adiada a solução de um negocio de tanta gravidade para a sessão futura do parlamento; pensa que os lavradores não levarão a mal esse adiamento; não ha nisso inconvenientes de natureza alguma. Se o governo com isso se escandalisasse (acrescenta o Sr. Visconde) e *tencionasse* ameaçar o paiz com disposições ainda mais prejudiciaes aos interesses da lavoura, antes que executasse algum acto dictatorial, o *governo estouraria, e talvez com elle as instituições que nos regem.*

Estas proposições, e outras contidas no discurso de S. Ex., confirmam bem o que sempre se disse—que o Sr. Visconde de Itaborahy não é o chefe menos intolérante da cruzada contra a proposta.

Mas haverá grande prudencia em ameaçar com estouros politicos? Deviam estas palavras sahir de tão autorisados labios, ou ser proferidas em tão alto logar? O illustre senador, quando mais a frio, reconheceria a impossibilidade de pairarem na mente do governo as intenções que apaixonadamente lhe attribuiu.

O attento exame do que se está passando na sociedade brasileira leva á convicção de que a opinião ganharia forças com a resistencia, e que, desgraçadamente, si *estouro* houvesse, seria todo em grande calamidade dos interesses, que S. Ex. e outros pensam defender.

Obstinam-se em ver na proposta erros e perigos, que ella não encerra, como já tão extensamente, com tanto criterio de apreciação e luz de verdade, se tem demonstrado.

Obstinam-se em transviar a opinião dos lavradores,

que só agora vêm tanta officiosidade n'esses amigos, que nunca acharam meios de suavisar-lhes os padecimentos, que levam uma considerabilissima parte d'elles a estar vendo todos os dias em praça, para pagamento de dividas, aggravadas por penosos juros, os seus escravos, as suas plantações, as suas terras de cultura !

Um dos pontos, tantas vezes allegados contra a proposta, e tantas outras victoriosamente combatidos, é a posição dos nascituros livres, segundo a proposta, no meio dos escravos, creados por suas mães escravas, e vivendo na fazenda, com a obrigação de prestarem serviço até os 21 annos.

Ora argumentam que a propria proposta será *lei de Herodes*, será a *degolação dos innocentes*. Mas porque ? Os senhores das escravas que derem filhos, farão com sua severidade que estes pereçam ?

Ora, que taes individuos serão elemento de indisciplina nas fazendas; desorganisarão o trabalho, creando a desobediencia.

Ora, que serão realmente escravos ; que o nome de *livres* será um som vão ; que serão *galés do trabalho* ; que contrahirão todos os vícios do captiveiro; que serão na sociedade membros perigosos.

Ora, finalmente, que os senhores de suas mães não os quererão : que os entregarão ao Estado ; e que este não terá meios de educal-os...

Em tudo isto as contradicções em que caem, não podem ser maiores.

Si os nascituros, nas condições da proposta, ficam realmente, como se diz, na posição de escravos, não ha risco de serem elemento de desordem nas fazendas.

Demais, não devem ainda ser elemento de desordem, attenta a sua idade até os 21 annos, em que não podem tornar-se instrumentos de propaganda desmoralisadora; nem o podem ser depois d'essa idade, porque ou são submissos, e seus serviços convém ao fazendeiro, e continúa este a conserval-os contratando-lhes os serviços; ou, não convém ao fazendeiro a sua conservação, e os despede ; estão elles na idade de reger-se, sujeitos ás leis communs.

Não serão instruidos, como não são tantos homens livres entre nós, que nascem, e são creados no trabalho; mas analphabetos. Os remedios a esses inconve

nientes vão vindo á proporção que os meios de instrucção do povo se forem desenvolvendo.

E' nossa firme convicção que as crianças nascidas livres, de mães escravas, por beneficio da lei terão os carinhos maternos sem resaiço de ciume, e antes com aquella dedicação que suas mães poderem prestar-lhes; e taes crianças serão muito vantajosamente aproveitadas no serviço das fazendas.

Estamos no Brazil, e é para o Brazil que se legisla. Aqui a escravidão foi desde 1831 collocada em condições bem diversas da de outros paizes,

Já não é possível, com o movimento no sentido emancipador que desde alguns annos começou, e de dia em dia vai crescendo, manter-se a instituição escrava pelo tempo indefinido que a querem os adversariõs da proposta; é verdadeira loucura pensar-se tal cousa.

O que nos diz o Sr. Visconde de Itaboraahy sobre os rigores do clima, que não permite trabalho efficaz na lavoura senão por braço escravo, é desmentido por factos comprovados do norte ao sul do Brazil, e por todo esse interior, onde o homem livre supporta o trabalho da lavoura com toda a vantagem para a producção. Isto é bem sabido; desde que o homem se habitua a um trabalho, na idade conveniente, contrahe o habito para o mesmo, e para a fadiga que d'ahi provêm. Os nossos homens do campo são não somente robustos, como tambem sobrios. Querem todos os que guerreiam a proposta, que o impulso abolicionista nascesse da opinião; e que o governo fosse conduzido como a reboque ou arrastado! Sem duvida o impulso nasceu, e nasceu de causas imperiosas; é a opinião publica que o gerou! e da parte do governo haveria grande erro, si não se puzesse á frente, dando-lhe direcção. Si tivesse continuado o ministerio de 16 de Julho, o Sr. visconde de Itaboraahy não houvera podido conservar-se na posição que aconselha.

Não é de hoje que as republicas nossas conterraneas nos detrahem por motivos da escravidão. Tem-se procurado no exterior, e com successo, em parte, desde muito tempo, crear indisposições contra a nossa nacionalidade, por esse motivo.

A escravidão no Brazil tem seus dias contados desde, que no mundo christão é este o unico paiz que ainda conserva tal instituição na sua existencia social.

E pode alguém, com a mão na consciencia, qualquer que seja o jogo que faça com os algarismos, demonstrar

que, com alforrias parciaes e limitadas, se conseguirá a extincção do elemento servil, continuando a fonte de produção com os nascituros na condição de escravos?

É sincera, é fundada a accusação, que fazem ao projecto approved pela camara dos deputados, por não dispor essa lei por modo que os nascituros, livres segundo a mesma lei, recebam uma educação, qual o Estado não dá aos meninos livres das classes necessitadas da nossa sociedade, sinão em proporção limitada, visto como o ensino popular ainda não está devidamente desenvolvido entre nós?

E é verdade que o governo attente contra a lavoura com a proposta, quando é certo que ella consulta todos os interesses presentes e futuros da lavoura? E pode acreditar-se que não foi um pensamento grandioso que guiou o governo, quando a razão tranquillã reconhece que com a escravidão não será possível que a sociedade brasileira se eleve ao ponto de melhoramento moral, industrial e economico, tão proprio das condições em que se verá collocada com a sabia providencia?

Felizmente para o Brazil, si entre os antagonistas da proposta ha retardatarios, não o é a nação, não o é a grande maioria dos representantes d'ella, não o é o governo.

Temos fé em que a proposta será lei do Estado no corrente anno.

Junius.

Obras de Seno—O Gaúcho.

(Cartas a um amigo.)

II

Meu amigo.

Nunca tive nem terei uma palavra mais severa para exprobrar ao moço a fraqueza, em que incorrer, arriscando suas primeiras luctas na escabrosa arena das lettras.

A litteratura, como se ha dito tanta vez, é um sacerdoio, e como todos os sacerdocios tem de ser servida por diversas ordens de religionarios. O neophyto, em regra, paga irremissivelmente o natural

tributo do excesso de fervor, que caracteriza todo o noviciado. Exigir d'elle serviço completo fôra impiedade.

Não assim com os serventuarios provectoros, de reputação feita e perfeita. Si deslisam do verdadeiro trilho, é dever imperioso arguir-lhes as faltas, para que não succeda aos sectarios inexperientes seguirem o máo exemplo, na persuasão de se estarem edificando. Ha practicas, que sendo aparentemente sans, não deixam de ser no fundo heterodoxas.

Não ponho em duvida os creditos e a auctoridade, de que *Senio* gosa n'este genero de labor intellectual.

E justamente por estar conscio de sua auctoridade e dos seus conceitos, é que estremeço pelas lettras pátrias, que vejo ameaçadas de um transtorno inevitavel, si fizerem escola as fatuas phantasias de uma penna philauciosa, que abusa das suas faculdades procreatoras, vestindo o centauro com as roupagens da bella Juno, envolvendo na crôsta côr de rosa do confeito perfumado a bryónia ou o tártaro.

Tanto mais me receio dos males que da aberração possam provir, quanto é innegavel a especie de idolatria, que existe em certo circulo para com as obras oriundas da penna de *Senio*. Si a confissão d'esta verdade lhe desvanece ainda mais o descommunal amor proprio, embora; refocille-se no ingrato gôso.

Um folhetinista conceituado, referindo-se á *Pata da gazella*, chegou a declarar que, por ser ella scripta por quem fôra, merecia as horas da *alta jerarchia litteraria* do auctor, e não podia passar sem as *salvas do estylo*. Não penso outro tanto. A obra e só a obra—eis tudo, venha d'onde vier, seja de quem fôr. Pego no volume, sem indagar quem o escreveu; e si fôr anonymo, tanto melhor.

Já antecedentemente havia dito o folhetinista que si a obra não fôra *filha legitima d'aquelle applaudido talento*, seria justo recebê-la como um *mero accidente* na litteratura.

Haverá confissão mais flagrante da idolatria? Isto quer dizer que, a não ser a obra de quem é, passaria com inteira indifferença. Semelhante juizo, vindo de uma penna amiga e grata, importa uma condemnação. Quanto a mim, o que o folhetinista quiz em balde disfarçar com as filigranas de seu luxuoso estylo, foi o seguinte conceito: “A obra, por si só, não presta.”

E então! Pois também cá pela republica das lettras

havemos de ter *oráculos indiscutíveis, auctoridades dogmaticas*? Também por cá os *divinos*, quando parece ter soado a hora dos papas e dos paes Soulouques... Vamos ao *Gaúcho*.

O romance de nacionalidade ainda por ninguem foi melhor entendido e executado do que por Cooper.

Walter Scott, de quem a Europa tão legitimamente se vangloria, ainda assim a certos respeitoes é menos recommerdavel do que o suberbo escriptor norte-americano.

Por exemplo: antes de Walter Scott haver emprendido a construcção do agigantado edificio da historia da Escossia, já outros o haviam precedido n'este mister, colhendo e recolhendo muitos costumes, muitas superstições nacionaes, como observa um profundo critico. Walter Scott não é no todo original. Mistriss Grant Burns, Allan-Ramsay, Buchanan, Marpherson e outros tinham já explorado as virgens fontes, para onde Walter Scott não fez mais que accentuar com sua penna arrojada vastos caminhos, descobrindo com amplitude perspectivas bellissimas, apenas entrevistas e semi-occultas. Walter Scott achou veredas para seguir no dedalo; não podia perder-se n'elle.

Antes de Cooper porem, que observação litteraria havia já perlustrado as seculares solidões do Ohio, do Mississipi, do Illinois? Que penna rasgara a cellula virgeta e immensa de uma natureza acima de todos os vãos, de todas as preoccupações das mais arrojadas phantasias, e fizera jorrar d'alli a veia caudal da poesia americana, para innundar mares e continentes? Quem já havia creado e dado um certo molde para exemplo?

«Cooper não tem predecessor: veredas ainda não batidas se lhe apresentam de todos os lados. U na inexgotavel variedade de materiaes; scenas que exigiam um theatro; paineis que demandavam um quadro; pontos de vista, que solicitavam um pintor: por toda a parte novidade, *bizarria*, maravilhas; um interesse todo moderno; um povo, apenas sahido de suas faixas e já poderoso; uma historia, cujas primeiras paginas brillam de civilisação e falam de conquista; a singularidade de um heroismo tranquillo, piedoso e perseverante: os nomes de Washington, de Penn, de Franklin; para o fundo do quadro as florestas seculares; para actores, os apostolos do Novo Mundo, entretendo-se com os filhos do *wigam* e do *calumel*; os progressos da arte europêa no meio d'essas solidões sem dono; os combates de op-

pressos e de oppressores, uns reclamando, outros querendo abafar a liberdade e a tolerancia ;—que digo ? talvez nova era social, fechada para o mundo, e prestes a emanar de Philadelphia ! »

O grande merecimento de Cooper consiste em ser verdadeiro ; porque não teve a quem imitar sinão á natureza ; é um payzagista completo e fidelissimo.

Não escreveria um livro siquer, talvez, fechado em seu gabinete. Vê primeiro, observa, apanha todos os matizes da natureza, estuda as sensações do *eu* e do *não eu*, o estremecimento da folhagem, o ruido das aguas, o colorido do todo ; e tudo transmite com uma exactidão daguerreotypica.

Apontam-lhe o defeito de serem seus quadros um pouco sêccos, em consequencia d'essa minuciosa fidelidade de pormenores. Mas embora ; não deixa de occupar o primeiro logar, ao nosso ver, n'essa galeria de vultos gigantêos.

Cooper é americano, *Senio* tambem o é — eis ahi um ponto de analogia, que os aproxima.

Ao passo porém que Cooper daguerreotypa a natureza. *Senio*, á força de querer passar por original, sacrifica a realidade ao sonho de sua caprichosa imaginação ; despreza a fonte, onde muita gente tem bebido, mas que é inexgotavel, e onde ha muito liquor intacto. Para *Senio* a verdade, dita por muitos, perde o encanto. Elle não ha de escrever pelo ramerão: fôra rebaixar-se. E' preciso dar cousa nova, e eis surge o monstro repugnante e despresivel.

Senio não comprehende a poesia americana, como em geral tem sido concebida por bons talentos que o h'õ precedido, e vem dar-nos o ideal da « *poesia verdadeiramente brasileira, haurida na lingua dos selvagens* » na sua effeminada *Iracema*, onde os guerreiros falam uma linguaguem debil, esmorecida e flácida, que não podiam de modo algum usar em sua braveza.

Isto importa um caracteristico : a penna de *Senio* não foi tallhada para construir a epopea ; faltam-lhe azas para elevar-se nos assumptos heroicos, que demandam vôs excelsos do pensamento, phraseologia mascula, jogo de puixões vehementes e arrebatadas. A linguagem de *Senio* é doente e languida. No dizer de um critico portuguez, sua penna póde ter bom successo « na poesia dengue e *coquette*, poesia arrebicada, doentia, ras.eirinha, poesia d'alcôvas e salões, complacente, p egas,

cousa de *toilette*, feminina... como o pó de arroz, os vinagres aromaticos, os espiritos de *petites dames* e de *petits crévés*, o *flangylang*, o *bouquet* Manilha, e o cosmetico Miranda. »

N'esse prurido de querer passar por original « seus esforços de imaginação são vôos de uma intelligencia, que quer crear, e que em sua impotencia cria chimeras » na phrase de um critico, apreciando Brockden Brown. Exemplo : *Diva, Pata da Gazella, Gaúcho*.

Além do mais, *Senio* tem a pretensão de conhecer a natureza, os costumes dos povos (todas essas variadas particularidades, que só bem apanhamos em contacto com ellas), sem dar um só passo fóra do seu gabinete. Isto o faz cair em frequentes inexactidões, quer se proponha a reproduzir, quer a divagar na téla.

Porque não foi ao Rio Grande do Sul, antes de haver escripto o seu *Gaúcho* ? A litteratura é uma religião, e tem direito de merecer taes sacrificios de seus sinceros cultores. Não nos teria então talvez dado esses esboços de physionomia fria, de cutis contradictoria, concepções hybridas, a titulo de figuras esculpturaes e legendarias da campanha. Muita rasão tinha Balzac : não fundava acção nenhuma em logar que não conhecesse.

Convençamo-nos: a imaginação, até a mais viril e opima, se esgota, cança e desfallece. Apreciando a decadencia do theatro hispanhol, diz uma auctoridade, que ella teve por causa o haver-se esquecido de que « a opulencia das mais magnificas correntes exige uma renovação e uma economia na despeza ».

A renovação faz-se pela observação. A natureza offerece cada dia um encanto novo, que a imaginação sadia recolhe para dar-lhe mil feições graciosas, ainda não conhecidas. O fluido propriamente original e imaginoso é apenas applicado a dar o tom, o equilibrio, o reflexo esthetico ás creações reaes. Com tão comedido emprego e uso, nunca se poderá dar a *bançarôta*.

A imaginação atropiada nas cidades só póde procrear a mentira, a falsidade, quando quer estampar acções e figuras da vida florestal ou do deserto. Não é a leitura isolada, embora dos mais escolhidos modelos, que dará a expressão fiel da natureza. E' preciso contemplal-a, receber impressões face a face com o desconhecido, experimentar verdadeira-mente todas as sensações da inspiração, não ficticia, mas real.

O que foi que contribuiu para ter cedo a America do

Norte uma litteratura original e grandiosa, graças ao trabalho de poucos obreiros ? Foi o não fazerem outra cousa sinão copiarem fielmente as grandes scenas, as magnificas perspectivas d'essas regiões virgens, onde tudo offercia um cunho de originalidade tão graciosa, que não só dispensava, porém mesmo excluia o uso da criação *phantasiosa*, por somenos aos magestosos paineis.

O que faz Audubon ? Estuda os passaros, suas côres, suas paixões, suas metamorphoses, pura e simplesmente á sombra das florestas do Mississipi. « Audubon não sómente comprehendeu essas harmonias, no meio das quaes viveu e que repercutiram no fundo de sua alma, porém reproduziu-as em estylo admiravel de simplicidade, cheio de sabor, de seiva, de eloquencia e de sobriedade. »

Ao passo que esses illustres constructores vão pedir á natureza os traços harmoniosos, os paineis correctos, as côres vivas com que devem erigir e adornar o pantheon das glorias da patria, e de sua propria immortalidade, entende *Senio* que conseg uirá identicos resultados, despresando o inexaurivel manancial ; e, cego pela vaidade, não vê sua veia apparecer em seus ultimos livros deprimida e exangue ? Lamentamos do coração o engano d'alma.

Na sua monomania de querer passar por *creator* ou melhor por *dizerdor de novidades* tem a pachorra de asseverar em sua Diva ao publico, para quem se deve ter a *gravidade e a reverencia devida a tão alto senhor*, que os termos *nubil*, *pubescencia*, *olympio*, *frondes*, *afflar* e outros (já de muito consignados nos dictionarios da lingua) são *innovações suas* ! e demora-se em justifical-as.

Ora, todos estes vocabulos se acham em Moraes e Constancio, e especialmente em Fonseca, edição de Paris, de 1852 — volume portatil.—*Nubil*—diz o lexicographo — adj. de 2 gen ; em estado de casar, casadouro.—*Nubilidade*, s. f. idade, estado do que é nubil.—*Pubescencia*, s. f. puberdade ; (bot.) existencia de pelos.—*Olympico*, *Olympio*, *a*, adj. pertencente aos jogos olympicos ou ao olympo.—*Frondes*, s. m. pl. (bot.) ramos de arvores folhudos.—*Afflante*, adj. de 2 gen. que assopra ou bafeja.—*Afflar* v. a. lançar o halito : soprar para alguém ou alguma cousa ; (fig.) communi-

car o ar como assoprando ou bafejando ; (*poet.*) inspirar os vates. »

Na sua *Iracêma* diz, na carta final, que « as etymologias dos nomes das *diversas localidades* são de cunho original. » Entretanto os vocabulos *Ceará*, *Aracaty*, *Meruóca*, *Quixeramobim*, *Pirapora*, *Pacatuba* e outros, vem todos no *Glossario* do Dr. Martius, quasi pelos mesmos termos!

Senio tem a mania das notas. Não ha volume seu, d'entre os ultimos que assignalam a sua precoce decadencia litteraria, que não seja acompanhado de alguns desses enxertos, que em sua maioria só servem para desabonar o auctor. Na *Pata da Gazella* escreve *Tilbure*, *champanhe*, porque entende que devemos imprimir certo cunho portuguez nas palavras estrangeiras adoptadas pelo uso. Por esta regra devemos escrever *buquê*, *soaré*, etc. Não te parece uma extravagancia ?

No *Gaúcho* offerece-nos *hennito*, com certos ares de novidade, por não encontrá-lo em Moraes ou em Constancio; e *crê* (este *crê* dá um specimen da frivola vaidade de quem não quer achar auctoridade antes de si, até na propria lingua) que Fonseca dá *hinnir* e *hinnito*.

Notavel singularidade ! Parece que *Senio* faz timbre de lançar a confusão nos espiritos. Quando elle diz que inventou tal verbo, encontra-se o verbo nos dictionarios mais vulgares ; quando diz que em tal dictionario vem tal termo, justamente este termo deixa de vir no dictionario referido. E sim ; cá o meu Fonseca, tão indiscreto e abelhudo no *afflar*, na *pubescencia* e nos outros, está mudo quanto ao *hennito* e ao *hennir* ! Não são, porém, vocabulos novos ; Filinto Elysio empregou *hinnitor*, rinchador, e modernamente Odorico Mendes faz o mesmo no seu *Virgilio Brasileiro*. *Hinnus* chamam os naturalistas ao filho da burra com o cavallo.

Diz-nos ainda *Senio*, no seu inexgotavel *Gaúcho*, a titulo de *idiotismos* e *gíria* da campanha: « *carneador*, o que mata a rez e a esfolá e mantêa a carne ; *salgador* o que salga ; que *sérro* é monte ; que *lomba* é ladeira ; que *mondongo* são tripas ; que *pôldro* é cria da egua. »

Não é uma mania de querer a todo o transe passar por philólogo ?

Diz-nos mais que os Yankees chamam *far-west* ao que os russos chamam *steppes* e os castelhanos *sabanas* — isto é, « as immensas planicies rasas que se dilatam

por aquellas regiões, e que, de certo, no dizer dos viajantes, parecem á noite cobertas de um branco lençol. »

Está enganado : os Yankees chamam *far-west* ao desconhecido, o *inexplorado* ; e, talvez, mais propriamente ás mattas virgens, onde ainda não penetrou o esforço civilizador.

Com o titulo de *Far-west* ha um bello livro, com auctoridade e cunho de quem viu as cousas, e cuja leitura recommendamos a *Senio*.

Diz-nos mais que *pampa* é uma palavra originaria da lingua kichúa, que significa simplesmente o plano. Porque não declarou de onde houve esta noticia sobre a lingua kichúa, tão pouco conhecida entre nós, e que não se aprende nas academias?

A tal respeito lê-se no *Guarany*, de G. Aimard, pag. 41, capitulo intitulado—*O rancho*— em seguida ao que se intitula—*O Gaúcho* :

« Le mot *pampa* appartient à la langue Quinchúa (langue des Incas) ; il signifie textuellement place, terrain plat, savane ou grande plaine. »

Ora esta ! ora esta !

Tenho-me alongado de mais nesta carta, e reservo-me para a seguinte.

Imprónio.

As causas das causas.

DEDICADO AO SR. S.

Time is money
JOHN BULL.

Todos os males diversos
que vem á terra que a bola
devem-se a esses perversos
que ignoram a ingleza eschola.

Se nos abraza o calor,
 é culpa do Imperador.
 Se faz frio glacial,
 ção do Poder Pessoal !

Se de nada serve o berro,
 de nada a interpeilação ;
 e se alguém ficou com ferro
 da sua atrapalhação ;
 se fez fiasco algum doctor,
 é culpa do Imperador.
 Quem põe bobo em arraial,
 é o Poder Pessoal.

Se alguém viu saguins sem rabo ;
 se viu gigantes pygmeos ;
 se uma lingua do diabo
 se transforma em *Voz de Deus* ;
 se ha quem viva de rancor
 é culpa do Imperador ;
 a culpa de falar mal
 é do Poder Pessoal.

Se um homem que calça luvas
 não leva os dedos despídos ;
 e se todas as viuvas
 são senhoras sem maridos ;
 d'estes effeitos o auctor,
 quem será ? o Imperador,
 que, no bem como no mal,
 tem um Poder Pessoal.

Se eu não quero se emancipe
 quem nasceu na escravidão ;
 e se o conego Philippe
 tem ratinhos na razão ;
 se tenho ar de inquisidor,
 é culpa do Imperador ;
 sou um marquez de Pombal
 co'o meu Poder Pessoal.

Se um homem que cai de costas
 não vai de ventas ao chão ;
 e se um João, feito em postas,
 fica sendo um ex-João ;

se quem ama tem amor,
 é culpa do Imperador ;
 se ter odio é querer mal,
 guerra ao Poder Pessoal !

Se são yayás as meninas,
 e se aos pôldros chamam Jucas;
 se a pobre velha de Minas
 esperava pôr macucas ;
 e se o rato é roedor,
 culpado é o Imperador.
 Se ha doidos no hospital,
 culpo o Poder Pessoal.

Se entre Romulo e Pilatos
 muito seculo correu ;
 se Adão não calçou sapatos ;
 se Eva não usou chapeo ;
 se Caim foi lavrador,
 é culpa do Imperador ;
 e se o Abel foi zagal,
 fêl-o.o Poder Pessoal.

Se houve no Egypto e na Grecia
 a divindade Serapis ;
 se hoje o grão Deus da facecia
 é o do *Veto do lapis* ;
 se houve um sabio consultor,
 foi culpa do Imperador ;
 se ha mingãos que não tem sal,
 safa ! é Poder Pessoal.

A historia fala de um louco
 que havia em Porto Pyreo,
 que, ao ver náus, tinha o descôco
 de julgar ser tudo seu.
 Quando o sol ás eiras for,
 leval-o-ha o Imperador ;
 e se ha chuva no nabal,
 quem lá chove, é o Pessoal.

Se um homem de perna bamba
 tem o nome de cambaio ;
 e se nunca uma caçamba
 pode vir a ser balaio ;

se ha escravo e se ha senhor,
a culpa é do Imperador ;
se ha quaresma e carnaval,
culpa é só do Pessoal.

Se ha quem ostente ser *nimio*
austero, severo e fero ;
e se um dialectico eximio
fulmina *o quero e o não quero* ;
se ti bra em ser delator
é culpa do Imperador.
Seja-lhe o rei pedestal !
Novo Poder Pessoal !

Se ha quem se julgue facundo,
por ademães e tregeitos ;
se ha quem calque a todo o mundo,
por tributo a seus despeitos ;
se é todo o cão ladrador,
a culpa é do Imperador ;
cae em dezembro o natal,
por culpa do Pessoal.

Se eu bramo como dez furias
contra qualquer que me vença ;
se eu vomito e babo injurias
contra quem me não incensa ;
se eu sou berrante orador,
culpem lá o Imperador ;
se imito o lobo çerval,
é cascar no Pessoal.

Se acho a bem-aventurança
no dinheiro e mais dinheiro ;
se pago alta confiança,
descerrando o reposteiro ;
se me acham declamador,
quem tem culpa ? o Imperador.
Vendeu-me a alma a Baal
o spectro do Pessoal.

Se eu já vi um tira-dentes
arrancal-os sem ganir ;
e se vi certos valentes
a provocar é a fugir ;

se hontem fui conservador,
 tinha em vista o Imperador ;
 sou hoje ultra-liberal,
 por pirraça ao Pessoal.

Se eu sonhei subir do nada
 té ao cume derradeiro ;
 se, ao ver-me em tamanha alhada,
 me sai o gado mosqueiro ;
 se não subo a senador,
 quem tem culpa ? o Imperador ;
 e se eu faço... et coet'ra e tal,
 é por birra ao Pessoal.

Emfim, se tudo no mundo
 anda de pernas p'ra o ar ;
 se o primeiro, sem segundo,
 é o
 deve-se o inferno do Dante,
 e o peccado original,
 aos influxos do Imperante,
 e ao monstro do Pessoal.

PITT e BLACKSTONE, em *collaboração*.

QUESTÕES DO DIA

N. 7

RIO DE JANEIRO 20 DE SETEMBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs E. & H. Laemmert.— Praça da Constituição,
Loja do canto.—Livraria Acadêmica, Rua de S. José n. 119— Largo do
Paço n. 12 C.— Rua de Gonçalves Dias n. 79. — Preço 200 reis.

Obras de Senio—O Gaúcho.

(*Cartas a um amigo.*)

III

Meu amigo.

Aqui estou outra vez, proseguindo em meu insano, e sem duvida inglorio labor.

A' luz dos principios estabelecidos na minha carta de hontem, estudemos o *Gaúcho*, como romance nacional.

Achou-se um dia Manoel Canho em um rancho ou pousada de Entre-Rios, onde uma egua brava tinha desbancado os mais habéis e destemidos picadores. Ouçamos *Senio*:

« Fôra longa e renhida a lucta dos piões com o animal, antes que lhe deitassem a mão. Em se adiantando algum mais affouto, a egua juntava, e de um salto espantoso se arremessava longe, disparando aos ares o couce terrível e encrespando o pescoço para morder.

« Conheceram a final que era impossivel levar a sua avante pelos meios ordinarios. Foi então laçado o animal pela garupa em um dos corcovos, e jungido ou antes enrolado ao moirão. »

Já antes d'essa tremenda prova da *indomabilidade* da

egua, D. Romero (o dono) e mais dous camaradas, que trazia, haviam empenhado, mas de balde, os maiores esforços para montal-a. Era tal a *rapariga*, que D. Romero a dava de graça a quem a montasse, tão convencido estava de o não conseguirem.

Canho, que nunca vira o animal, adianta-se, crava o olhar na pupilla brilhante da *baia*, solta um murmurejo semelhante ao rincho do poldrinho, e temos a egua rendida.

Graças a esse simples olhar *amoroso*, a esse arrojo, Canho consegue aproximar-se e pôr-lhe a mão nas espadoas

— «Só mandinga!» observa um dos da pousada, attonito pelo prodígio. Não podia deixar de ser um homem de senso, esse.

Canho *cinge-lhe o collo garboso*. Os olhos de *ambos* se embeberam uns nos outros.—«Que palavras mysteriosas balbuciarão os labios do gaúcho ao ouvido do indomito animal, com a mão a *titillar-lhe os seios* ? » pergunta *Senio*.

« O bruto entendia o homem — responde elle mesmo. — A egua *estrela com o pescoço o gaúcho*. Houve um *colloquio* do bruto com o homem. Ficam todos os rancheiros pasmados » (Nem era para menos).

Mas Canho continúa nos seus carinhos e blandicias. Amacia as finas sêdas da crina e abraça a egua. *Esta rolla o rosto* para ver o semblante do gaúcho e *agrada-lhe a carícia*. Domada, ou antes rendida ao *amor*, a *baia* aproxima-se do terreiro, sacando com gentileza e elegancia.

E' de tal força o milagre que os da pousada querem crer que a egua já fôra amansada, ou fugira ha tempos de algum pasto, e outras cousas mais.

Porém Canho, conscio do seu estupendo prestigio, desafia a que consigam o que elle acaba de obter de *morena*. Alguns temerarios, levianos, se aproximam para outra vez tentarem cavalgar o animal, mas foi uma tal *cascata de couces*, que todos correm a refugiar-se no alpendre.

E comtudo— *mirabile dictu!* — *morena* correu para junto do gaúcho, que estava arredio (arredado, devia dizer) e começou a roçar por elle o pescoço, *como se o affagasse*; Manoel montou de novo, sem que a egua fizesse o *menor movimento de impaciencia*. (Artes do demo; não tem que ver.)

Para quem sabe o que é a egua bravia, maxime si está recém-parida, essa *transfusão de sentimentos affectuosos*, de que nos fala *Senio*, operada entre *morena* e *Canho*, é o cunulo do absurdo, senão do ridiculo.

Perguntae, desde o sertanejo do norte até o picador da cidade, e d'este até o gaúcho da campanha do sul; perguntae a qualquer pessoa de todos os paizes, entre os primeiros povos dados á arte de montar, mais astutos, mais ferteis em artefactos e fraudes para illudir os sentidos aguçados, levados ao ultimo acúme, da egua parida, si é possível essa scena por mera *sympathia* ou influencia sentimental; e todos rirão de vossa ingenuidade.

« Os Americanos—diz um auctor—apanham os cavallos bravos, deitando-lhes o laço ao pescoço, pondo-lhes o freio e a sella, a *despeito de todos os esforços* do animal para se ver livre de taes obstaculos; um domador *valente* monta então o cavallo e fal-o correr, picando-o com as suas agudas esporas, *até que o animal se cance.* » *Senio* não será capaz de citar, para apoio de sua concepção, uma só opinião em favor da domesticação do cavallo, pelo *sentimento brando e affectuoso*. Muito menos se se tratar da egua no estado de *morena*, estado em que adquirem esses animaes um tal grau de excitabilidade e susceptibilidade que só não desconhecem o proprio filho.

Senio parece querer de algum modo insinuar a justificação de sua desnaturalidade, pelo *ornejo* de *Canho* imitando o *rincho debil do poldrinho* recém-nascido. É uma filigrana, que cede a uma só observação: a egua certifica-se do filho, não tanto pelo rincho como pelo cheiro d'elle. Mas ainda assim: pegae do filho da egua e approxinae-vos d'ella com as mostras mais affectuosas de vossa ternura, e duvido que a consigais abrandar. Talvez succeda o contrario, e cada vez mais a irriteis, com risco de a fazerdes desprezar o proprio filho.

O auctor acha, entretanto, simples o segredo da proeza do gaúcho. Jamais moça ardente, sôffrega de lascivos prazeres, comprehendeu melhor um olhar de ternura, e d'elle se deixou vencer, do que *morena* do olhar de *Canho*.

Morena é a encarnação pois do talento racional. Conhece as meiores intenções de seu dominador desconhecido. Torna-se em momentos o escravo mais intelligente, submisso e dedicado do estranho.

A's vezes vem a contradicção dar diversão ás idéas.

Como comprehendesse o gaúcho que a egua estava com saudades do filho, apressou-se a satisfazê-la. Foi, « passar a *tronqueira* do pasto e a bête desfechar n'uma corrida veloz. » (E' *tranqueira* e não *tronqueira*.)

Pois esse animal, que assim corria instinctivamente em procura da prole ausente ; que devia ter uma corrida *louca*, sem parar, faz alto á beira do arroio, põe-se a retouçar os tufos da gramma, e assim fica esquecido do filho, ponto supremo de attracção irresistivel, que o seduzia è o arrastava por *sangas* e *coxilhos*, galgando encostas e transpondo barrancos ?

Canho está deitado dentro do rancho, enquanto a egua sôlta pastava. « Porque não correu, *selvagem* e *livre*, para onde a chamava o instincto com tanta vehemencia ? » pergunta o auctor. Elle accode logo: « Antevia que tinha necessidade do homem, carecia do seu auxilio, ou antes uma fôrça desconhecida a prendia á vontade superior, que a domava. » A egua tinha já adivinhado que succedêra ao filho algum desastre, do qual só o homem o poderia salvar ; como, pois, o deixar ?

Mas emfim lembrou-se *morena* que não era bem demorar-se mais a pastar ; e em logar de seguir só seu caminho, como faria qualquer outro que só desde horas conhecesse o gaúcho, vejamos o que ella faz. Ouçamos *Senio* :

« N'esse momento *metteu a egua a cabeça pela porta*. Dando com o gaúcho sentado, fitou n'elle os olhos e começou a *ornejar baixinho*, como para chamar a attenção do companheiro. »

O auctor não se demora em explicar o phenomeno por estas palavras :

« Era a egua um intelligente animal ; e *depressa aprendêra* a linguagem pittoresca e symbolica, inventada pelo gaúcho para suas relações sociaes com a raça equina. »

Que eguassinha, hein, meu amigo !!

Em poucas horas comprehendeu a giria symbolica do Gaúcho. Se esta egua frequentasse uma faculdade, que de prodigios não operaria ! Era capaz de improvisar discursos, recheados de *sensações*.

Ha por ahi talento que possa tant' ?

Tambem não é muito para admirar, porque já *morena* se rendêra ao só olhar do brasileiro, e um simples *ornêjo* d'este lhe vencêra os impetos bravios, quando

ainda eram inteiramente desconhecidos; e isto logo ao primeiro encontro.

Um folhetinista diz que o *Gaúcho* é um romance primoroso, de vasto alcance litterario, philosophico e historico (nada menos).

Espera o leitor que o profundo critico entre na vastidão d'essa philosophia enigmatica, boudhica ou mythica, n'esse alcouce litterario de logogripho, e cêdo cahe das nuvens, fulminado pela mais atroz desillusão. O que o escriptor adduz para provar suas pomposas proposições, são estas palavras:

« Tenho em mão o primeiro volume da obra. Que belleza de imagens! que vãos audaciosos e brilhantes!»

E vai proseguindo n'esta apologia, apologia, e nada mais que apologia!

Só a *morena* poderá explicar o *latum, longum et profundum* do contexto.

A burra de Balaão falava, e, pelo que as cousas mostram, ainda assim ficava áquem de *morena*.

Teriam tambem as orelhas da burra biblica a virtude de «se *enroscarem* como uma *concha*?» As orelhas da *morena* faziam d'estas magicas. Prosigamos.

O que vemos agora? Duas eguas que se abraçam e acariciam: — *morena* e *tordilha*. Estamos junto da gruta, onde cahiu e está agonisante o *Juca*, o filho da primeira.

Canho penetra na guéla pétrea, d'onde saca o menino.

Ao vê-o, a mãe *soluça e ri*.

A esta gentil *creança* havia a *tordilha*, na ausencia da amiga, *amamentado por alguns dias, condoida do orphão*. *Tordilha* é um portento de sentimentalismo: a egua parida só consente tocar-lhe nas têtas o proprio filho; *tordilha*, posto que selvagem, pelo contrario: é ella, de motu proprio, que vai em soccorro de *pecurrucho*!

Entretanto — admiravel contraste ou capricho da natureza! — ao passo que assim procedeu com o *juca* durante a ausencia da mãe, agora, ao contemplar com Manoel a *morena* deitada com a criança equina, *castigava a travessura do seu proprio* poldrinho, arredando-o de si, quando se elle chegava para acaricial-a. « Não queria ella — diz o auctor —, a mãe feliz, dar áquella mãe desventurada o espectáculo de sua alegria!»

Em seguida tira Canho o poldrinho do regaço materno. Egua nenhuma consentiria em tal, mas emfim

morena não é uma *egua humana*, de sentimentos rebeldes e vulgares; pertence, pelo contrario, ao Olympo, como o Pégaso; é uma *egua divina*.

Canho chama a tordilha, que ligeira accode, *offerecendo as tétas para amamentar* o pobresinho desfallecido. Só então consentiu tordilha que o seu *pirralho brincasse*; mas ainda assim, só ao longe, *para não acordar o camarada*.

O enternecimento da amiga de *morena* não fica n'isso, e vai pressurosa chamar as selvagens coudelarias, para que venham *felicitar a exilada* pela sua boa volta aos *sérros nativos*.

Espantando-se com o gaúcho, que se levantára do chão, dispararam os magotes. *Morena* porém corre a dissuadir-os de seus receios, contando-lhes tudo sem duvida: seus recentes amores, sua nova paixão ao Canho, os sacrificios prestados por este a favor do *juca*, filho do pae do lote, e lá volta a cavallhada.

Ahi então o espectáculo é edificante. O maioral da tropa, o suberbo *alasão*, cumprimenta Canho; Canho corresponde á saudação do rei do deserto. « Não houve entre elles *affagos* nem *familiaridades* » vem logo dizer-nos *Senio*, para que não pensemos que elles teriam d'essas *effusões*, só proprias de gente-relé, faltando á *cortezan pragmatica*, mas uma *demonstração grave de mutuo respeito e confiança*.

Canho é verdadeiro heróe d'aquella festa cavallar.

Rodeiam-n'ó, saúdam-n'ó, cada qual mais ceremonioso, obsequioso e solícito. Póde mesmo suppor-se que alli se praticou de cousas concernentes á *hippica gente*, e fallou-se compridamente da politica do paiz em intima confiança, como n'uma sessão de parlamento. Canho parece-se com o oraculo. Si lhe occorresse improvisar no deserto uma cerimonia das monarchias, lembrando o beija-mão, todos teriam corrido commovidos e á porfia a oscular a pata do *grande alasão*.

Depois d'esse solemne cortejo, celebrado na magestade das solidões, sente o gaúcho exigir-lhe o coração o cumprimento do *humano* dever de *matur* um homem— embora o assassino de seu pae. Esse coração era a esphinge. Tão vilão para com seu semelhante, quão prodigo de impossiveis affectos para o bruto! Homem que, tendo o sentimento tão apurado para o animal, deixasse de o ter para a sua especie, seria um alejão da especie humana. Pois Canho era assim: desde *menina*,

premeditava vingar a morte de seu pae. Não fôra elle tão sensível para os cavallos e as eguas, e não se admiraria essa resolução. Ella está até na indole e natureza do arrebatado e vingativo gaúcho, só não na do simulacro mais imperfecto, do arremêdo mais incompleto, da caricatura mais contradictoria e desnaturada do typo.

Sois vós isso, acaso, gaúcho?

« Não se explica semelhante aberração » diz-nos o auctor.

Ah! não se explica. E dá-se-nos a aberração como o typo! Triste phantasia, a que não explica sua propria criação.

Canho vai, em fim, partir para vingar-se.

Apanhou a novilha, que já não tinha poldrinho para amamentar. Nenhuma resistencia fez o animal. Todos se haviam *rendido á influencia mysteriosa* do gaúcho; e todos desejavam tanto mostrar-lhe seu affecto, que houve *quasi querellus e arrufos de ciúmes, pela preferenciu dada á novilha.*

Morena, vendo que seu bemfeitor ia partir, *arrancou-se ao jubilo materno, correu para Canho e abraçou-o.* Deveria ser uma scena toda de commover, aquelle supremo lance de despedida de dous amantes, apaixonados. Quem dera um Raphael, para levar á tela o quadro portentoso d'este sublime abraço!

Não nos podemos furtar á tentação de repetir aqui as ultimas sentidas palavras de Canho, que fazem cortar o coração:

—« Pensavas tu, Morena, que me iria sem abraçar-te? Adeus! Levo de ti muitas saudades. A corrida que demos juntos, nunca, nunca hei de esquecer-a. Duvido que já alguém sentisse prazer igual a esse. Falam outros das delicias de *abraçar uma bonita rapariga: se elles te apertassem, como eu, a cintura esbelta, voando por estes ares!* »

Vade rêtro! Que lhe faça bom proveito, senhor Canho.

—« Adeus, adeus! conclue o gaúcho. Lembranças *ao alasãozinho.* »

Será lembrado. Vá com Deus. E Canho partiu.

Mas apenas vencêra algumas quadras, ouviu o tropel da veloz corrida de *morena*, que distribuiu quatro *dúzias* de couces e outras tantas dentadas á novilha, por haver tido a ousadia de merecer attenções de seu

amante. Manoel entendeu logo—podéra não! *Eram ciúmes.*

E para acabar de uma vez com esta repugnante historia de hippicos amores, fique-se sabendo que Canho montou na *morena*, pôz o *juca* na garupa, e foi-se.

Santo Deus! Para onde foram deportados o bom senso e o gosto litterario do Rio de Janeiro?!

Ah qui d'el-rei! Quem denominou jamais *phantasia* o que nem se alça á categoria de *puerilidade*?!

Sempiternio.

(*Continúa*)

Nona carta

DO ROCEIRO CINCINNATO AO CIDADÃO FABRICIO

Fabricio querido.

Rio de Janeiro, 18 de Setembro de 1871.

Continuam as attenções a absorver-se na questão magna; envolva-nos a onda. Não estou hoje com disposição jovial; tem paciencia; atura os meos azeites.

Subiu o projecto de lei sobre o elemento servil á camara vitalicia. Tudo induzia a crer que não só seria impossivel repetirem-se alli as demasias, que os amantes do systema representativo já haviam deplorado, mas tambem que a discussão correria rapida, como em casos d'esta ordem o aconselham a próceres e provectoros todas as indicações da prudencia. Com surpresa e pesar, vejo e ouço cousas.... difficeis de explicar; e que o programma de alguns é buscar cinco pés ao gato.

Já não é tempo de papas na lingua. Com questões delicadas, como a do elemento servil, não é licito brincar ; nem são ellas das mais proprias para gymnasticas oratorias e funambulismos parlamentares. Desde 1867, 1850, 1831, 1826 e 1817, que este assumpto se estuda entre nós, por todas suas faces: o periodo platonico deve emfim transfundir-se em periodo pratico; as questões sociaes são como os systemas : quando amadurecidos, os Copernicos geram os Galileos, e estes são os precusores dos Newtons : *e pur si muove*, e a verdade triumphou.

Em quanto só se tratava de dissertações academicas a favor da instituição, e de theorias especulativas, seriam innocentes as divagações ; mas chegada a hora da solução, toda a perda de tempo é um mal e um perigo.

E que significa senão, pelo menos, perda de tempo, o procedimento dos oradores, que, depois de declararem que hão de votar pela lei, ou que não esperam poder estorval-a, e nem sequer fazer acceitar emendas a ella, levam horas a desmoralizal-a?

Será esse o dever que a circumspecção impõe ao legislador?

O politico, o verdadeiramente liberal, o que toma a serio esta forma de governo, hade respeitar os principios elementares do regimen representativo; hade, sim, pugnar pela victoria de suas idéas, quando sinceras, mas não hade fatuamente superpor a sua ás outras intelligencias, nem indignar-se contra as opiniões de que divergir, nem lançar mão de armadilhas, lograções e esparrelas, para difficultar ou impossibilitar o andamento legal dos negocios publicos. Mal vai á sociedade, quando anarchico for o exemplo d'aquelles que o devem dar.

Tal não succederá certamente no senado brasileiro. Suas nobres cadeiras, alvo das derradeiras, das maximas ambições, são occupadas pelos homens encanecidos no leal serviço da nação, por cidadãos a quem a experiencia e os annos devem ter apagado as labaredas das paixões tumultuosas, por estadistas versados nas doutrinas e praticas do governo, por politicos que não hão de, em proveito ephemero de uma opinião do momento, afiar segundo gume da espada que um dia os fira. Haverá algum que esqueça estas obrigações da sua curul? Não, certamente ; ou se um impulso instan-

taneo o desvairar, razão fria o trará para logo á prudencia, que nunca devêra desamparal-o.

Se os usos e o regimento do senado permitem a multiplicidade dos discursos stereotypados, é reflexo de certa jurisprudencia antiga a que já alguém alludiu. Entendem-se que um areopago de varões sabios, patrióticos e prudentes, nunca teria de deplorar o spectaculo de discursos-maranhas, de expedientes protelatorios, de embargos de materia velha, de opposições acintosas, de minorias revolucionarias. Leis assim discutidas, seriam confeitos de enforcado.

Se os 58 senadores proferissem 2 discursos sobre cada artigo, um projecto em dez artigos seria illuminado por nada menos de 160 orações! isto é, levaria, só no senado, para ser convertido em lei, tres sessões annuas, em que fosse constantemente dado para ordem do dia!

Ora assumptos, da indole do de que se trata, não se eternizam no tear do parlamento. Por isso mesmo que prendem com vastos interesses; que excitam appreciações apaixonadas: que são punhaes politicos e barris de polvora sociaes; que se prestam a ser instrumentos de desordem; que auctorisam receios de bons e criminosas esperanças de mãos; que prejudicam mais pela indecisão que por qualquer golpe; que podem, pelas perplexidades e hesitações, trocar de repente os tempos de modo que a solução passasse a tornar-se forçada e violenta; — por isso tudo, urge que os Dionysios cortem os cabellos das espadas, para que o Damocles social possa ao menos dormir em paz.

A missão do corpo legislativo é legislar, e não impedir nem discretear. Se o orador reconhece e proclama que o projecto hade ser lei, que lucra elle ou o paiz com seus inuteis arrazoados?

Bem, já se vê que nenhum pôde fazer; *mal*, certamente. Se no fim da sessão annua, discutindo-se tão grave questão, taes discursos impedirem que a lei passe, serão esses bachareis os culpados de quantos males se seguirem: a elles deverão attribuir-se—o ulterior desasocego dos animos—os perigos da ordem publica—a escravisação de alguns milheiros de infelizes, que, nascidos nos doze mezes que ora começam, só esses oradores terão condemnado á escravidão. Triste cousa é suspeitar que uma corporação, tão veneranda, tão precizada da respeitosa confiança nacional, corra o perigo

de ser victima de manejos de alguém, e considerada cúmplice da ruim obra em que ao menos a quasi totalidade do senado é por certo innocente.

Para que servem já hoje interminaveis arengas, em que se não apura, por um nem outro lado, um só argumento que, de estafado, não deite a lingua de fóra? Servirão talvez para brilhaturas e scintillações de algum sublime perorador; mas não é isso que o paiz requer. O programma é bacharelar : cada um tem seu plano, no qual só acha salvação, e em todos os outros ruina; mas toda esta confusão tem precedentes nas religiões profanas, e sagrada. Na fonte de Dirce havia um dragão que devorou os companheiros de Cadmo, o qual foi ás ventas do bicho, e arrancou-lhe e semeou as dentes ; d'estes nasceram homemzarrões armados, os quaes no mesmo ponto deram cabo uns dos outros, e os superviventes fundaram então pacificamente a cidade de Thebas no lugar marcado pelo oraculo. (O dragão é o captivoiro ; homens armados são os impugnadores, que entre si se destroem ; Thebas, prevista pelo oraculo, é a liberdade humana decretada pelo direito.) O que estamos vendo faz tambem lembrar o tumulto e o labyrintho que um sabio Padre descreve nestas condensadas palavras : « *Les hommes ont bâti la tour de Babel, et les femmes la tour de babil.* » *Nous avons aussi des assemblées hermaphrodites, où je ne sais lequel des deux prédomine : la tour de Babel, ou la tour de babil.* Ora vejamos :

Podem dividir-se os dizedores em tres categorias : 1.^a os que defendem o projecto, 2.^a os que totalmente o impugnam, 3.^a os que parcialmente o censuram, mas votam por elle.

Os que defendem o projecto, já em ambas as casas do parlamento, e pela imprensa, tem rechacado as opiniões contrarias.

Os que o impugnam, tem todos declarado que, em presença da disposição dos animos, perderam toda a fé no seu triumpho, e então, cebolas do Egypto, *nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.*

Finalmente os que se collocam entre a cruz e a caldeirinha, os que declaram votar pelo projecto, mas se comprazem em censural-o, praticam uma imprudencia. Comprehendem-se bem as duas posições definidas ; mas não esta do quero, não quero, *mettei-me neste capello.* Quem vai, pelo seu voto, ser cooperador da lei, não deve

começar por ataca-la; quem aspira a ser obedecido, não desvirtua os seus proprios preceitos; quem lança o balão ás alturas, não lhe dá canivetadas na seda.

Se alguém ha que assim pense e obre, affigura-se-me que mudará de systema. Bem bastam as difficuldades gravissimas com que hão de luctar os governos que, em seus regulamentos, tiverem de providenciar sobre as cem novas e urgentes necessidades creadas por tão radical mudança; para que hão de artificialmente juntar-se a tantas graves exigencias da situação estas excitações artificiaes, estas desconfianças, estas picadas de alfinete politico?

Convertido o projecto em lei, são precisos no governo Bryareos, Centimanos, para preparar a transformação, e fazer com que ella se opere com a possivel suavidade. Quantos objectos diversissimos e urgentissimos não terão de chamar a attenção do poder executivo, e sem duvida tambem do legislativo!—A mudança progressiva no systema do trabalho, — o aperfeiçoamento das industrias, especialmente da agricola — o imperio da machina inanimada substituindo o da machina-homem — a civilisação, tomando o logar do embrutecimento da raça negra — a criação dos estabelecimentos onde o Estado recolha, eduque, moralize e aproveite as creanças que houverem de ficar sob a sua tutela—o desenvolvimento dos mil trabalhos importantes a que possam ser applicados esses braços, n'uma região cuja opulencia inter-tropical só braços está pedindo—o recolher dos dados estatisticos sobre os varios pontos ligados com a questão—o providenciar com instrucções e regulamentos sobre os escravos actuaes; o modo de os ir libertando; o uso do seu pecúlio e da sua redempção; os excessos d'elles contra os senhores, ou vice-versa; a animação á constituição das familias; as relações entre os livres nascituros e os senhores de suas mães; a fixação das obrigações juridicas resultantes d'estas relações intermediarias — o regular prudentemente a matricula dos escravos presentes, de modo que se evitem fraudes e abusos—o organizar os titulos trintannarios, que hão de compensar a criação até os 8 annos, estudando os elementos com que a esse onus se hade fazer face—regularisar a transferencia de serviços—estabelecer as bases das associações especiaes, e fiscalisal-as constantemente, para que em vez de auxiliares respeitaveis da sociedade, se não convertam em foco de especulações—providen

ciar sobre o *quantum* das alforrias parciaes em cada provincia—vigiar sobre a applicação do fundo de emancipação—dar destino aos libertos que pertenceram á nação, á corôa, ás heranças vagas, ao evento — promulgar regulamentos sobre a forma do processo especial—estabelecer os registros parochiaes, propor melhoramentos na lei das terras, aproveitar o immenso territorio inculto para a industria particular, rasgar estradas, facilitar a immigração por incentivos, tratados e reformas da legislação; e emfim as mil miudezas que, em tão vasto imperio e grave assumpto, a execução d'esta lei está apertadamente demandando.

O estadista, que só é guiado por amor da patria, comprehende que, se é corôa para o governo esta lei, são menos os rubis que a adornam, que os espinhos com que ella se crava na fronte dos invejados triumphadores; e não irá, de mão beijada, multiplicar, com discursos vãos, as difficuldades. Se alguém ha, de coração tão bolota, que de si para si approve a lei, mas só a odeie por ter de ser referendada por quem o hade ser, compadeça-se de si mesmo e da sua cadeira, e resigne-se.

Em logar menos elevado, certos estratageinas são explicaveis; mas na suprema corporação nacional, é mister muito calculo, muita discrição, muito proposito: aquellas cadeiras impõem, para a casa, summo decoro; para o homem, summa dignidade. Quem nellas se assenta, é perpetuo conselheiro da nação, e tem sido, é, ou está nas circumstancias de ser, conselheiro da corôa; devem todos esses potentados parlamentares, politicos magnates, ser homens da ordem, do governo, da constituição: antevendo o *hodie mihi, cras tibi*, devem repellir todas as praticas inconstitucionaes ou alicantineiras, improprias do homem publico em qualquer grau da escala, torpes no que recebeu as mais esplendidas provas de reverencia, da parte do povo e do rei.

A filha de Priamo só prophetisava desgraças, e essas realisavam-se; na primeira parte parecem-se com ella os nossos Cassandras politicos, mas não na segunda, graças a Deus. Tem-se vaticinado perturbações, sublevações, cataclismos, ruiuas; e o certo é, que nunca o paiz presenciou mais octaviana paz que desde que esta questão se debate no parlamento, de cuja sabedoria a nação espera confiadamente a solução da crise. Mais veridicos prophetas serão, sem dúvida, os que sustentam ser a lei de que se trata, facillima de executar, em

consequencia dos excellentes instinctos do povo, e aurora do dia da dignidade, da liberdade, da opulencia, da grandeza, e dos esplendidos futuros d'esta nação.

E' de uso hostilisarem o projecto, por não terem sido para elle ouvidos os fazendeiros, os quaes se affirma serem-lhe infensos, e lá terem uma incognita panacéa, *un spécifique unique, qui guérit les maux passés, présents, futurs, nouveaux.*

E que fundamento ha para serem considerados infensos? Sabemos todos perfeitamente a historia de varias representações submettidas ao parlamento; sabemos que se os amigos do governo tivessem querido lançar mão de iguaes expedientes, teria apparecido o décuplo das representações em sentido contrario; sabemos onde diversas tem sido fabricadas; sabemos haver casos de numerosas assignaturas, todas do mesmo punho, e de outras, que nunca foram dadas para tal fim, e contra as quaes os proprios reclamaram; sabemos que personagens que ha bem poucos dias percorreram logares dos mais afamados pela energia das representações, se espantaram de ver que nenhum d'entre centos de fazendeiros com quem praticaram, lhes tocou sequer no assumpto que se pinta aqui como desvelando todo esse interior; sabemos de muitos cidadãos que prestaram suas firmas, por condescendencias de campario; sabemos de muitos outros, cujas opiniões diversificam *toto caelo* das que subscreveram; sabemos que, se ha certo accôrdo na destruição, não ha o minimo nas aspirações e propostas, etc., etc.

Entretanto, onde está éssa mesma apregoada unanimidade, que não significa senão minoria infima? Das vinte provincias do Imperio, de todas as quaes havia largo tempo para chegarem manifestações, são apenas tres as que mór numero de escravaria possuem, e as que tem com effeito enviado algumas representações.

Se eu argumentasse com o que se passa em qualquer outra, lançar-se-me-hia em rosto não haver nella tão altos interesses comprehendidos: tomarei pois esta mesma do Rio de Janeiro, importantissima por sua riqueza e illustração de seus habitantes; facillina de manejar, pela proximidade da côrte e facilidade de communicações; interessadissima na questão, pelo numero de escravos que encerra, e por serem aqui os seus principaes emporios. Pois bem; o que acontece? Ha na provincia do Rio de Janeiro 36 municipios, e 137

freguezias ; o que tudo representa 173 naturaes fôcos de população agricola ; e quantas são as representações recebidas d'esta provincia, no parlamento ? 12 ! Eis ali está a unanimidade da opinião dos fazendeiros, na provincia onde o projecto deveria ver enfeixadas todas as condições mais desfavoraveis !

Ora agora, dado e não concedido que os factos fossem o contrario, tenho para mim que seria insustentavel o alvitre de não decidir a questão, senão depois de ouvidos os fazendeiros.

Concedo-lhes tudo : illustração, patriotismo, imparcialidade, abnegação ; mas aos legisladores hei de conceder qualidades pelo menos iguaes. O peor é que aquelles illustres cidadãos, considerados os mais proprios para decidirem o negocio, são, por isso mesmo, aos meus olhos, por causa dos seus interesses, os menos aptos. A clareza de vistas perde-se no interesse proprio, como um rio se perde no mar ; por mais perfeita que seja a nossa retina intellectual, o nosso interesse pôr-nos-ha sempre oculos rôxos ante os olhos, que assim verão tinctos em rôxo os mais claros objectos. Nestas circumstancias todos nós, mesmo dotados da melhor fé, mentimos involuntariamente ; espantar-se-hia a nossa consciencia se lhe fosse dado enxergar os esforços que fazemos para simplificar o que nos parece confuso, para confundir o que nos parece claro.

Se vingasse a lembrança de não legislar senão depois de consultar os interessados, teriamos de substituir o nosso mecanismo constitucional, convertendo todas as classes n'uma especie de tribunaes de consulta, ou antes de juntas legisladoras, ou communas parlamentares.

Trata-se de uma lei sobre assumptos ecclesiasticos ? Congreguem-se os bispos, padres, frades, sacristaes, e sineiros.

De uma lei militar ? Convoquem-se os generaes, coroneis, cabos d'esquadra, fornecedores e vivandeiras.

De alfandegas ? Tem a palavra inspectores, despachantes, capatazias, e trapicheiros.

De forma de processo ? Consultem-se as Relações, Juizes de Paz, escrivães, porteiros e beleguins.

De saude pública ? Legislem medicos, boticarios, parteiras, applicadores de sanguesugas e enfermeiros.

De construcção naval ? Brilhem agora os contra-mes-

tres e mandadores, polieiros e torneiros, calafates e carapinas.

Et sic de cæteris.

Deus nos livre: tal doutrina seria absurda. Cada membro da sociedade tem sua missão, como cada tecla do piano tem seu som; *tractent fabrilis fabri*: o, carapina aplaine, o enfermeiro vele, o beleguim citeo o trapicheiro arrume, o cabo d'esquadra diga razões, o sacrista chuche galhetas,....., o fazendeiro agriculte e o legislador legisle. Tão ridiculo é um padre com mandando uma brigada, como um major dizendo missa.

Não sei como isto foi hoje, meu amigo. Dei o giro lá por outros bairros mais serios, e só agora observo que me esqueceu o meu idolo; eu podia facilmente accrescentar algo mais, mas seria deslocado: quem sai da sala é improprio ir para a cosinha; e não se tratam no corpo da folha objectos levissimos, só proprios de folhetim. Portanto, adeusinho até a primeira.

Cá recebi o fumo; tu mandaste-o a mais alguém? quem fuma, tem fumo; não é assim?

Tout à toi

CINCINNATO.

QUESTÕES DO DIA

N. 8

RIO DE JANEIRO 22 DE SETEMBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs E. & H. Laemmert.—Praça da Constituição,
Loja do canto.—Livraria Acadêmica, Rua de S. José n. 119—Largo do
Paço n. 12 C.—Rua de Gonçalves Dias n. 79.—Preço 200 reis.

Obras de Senio—O Gaúcho.

(*Cartas a um amigo.*)

VI

Meu amigo :

Hoje occupo-me apenas com o *pampa*, cuja descripção no primeiro capitulo do romance tantos louvores tem grangeado a *Senio*.

Não tenho tempo para mais. Escuta ! :

« Como são melancolicas e solemnes, ao pino do sol, as vastas campinas que cingem as margens do Uruguay e seus afluentes ! »

Melancolicas as campinas, ao *pino do sol* ! Defeito de observação.

Que as selvas o sejam sempre, as selvas que naturalmente vestem aspecto sombrio, de indefinivel tristeza, comprehende-se. Mas campinas, embora immensas, embora solitarias, porém banhadas de luz !

Não ha sitios descobertos, ao ar livre, como a savana, que apresentem melancolia ao *pino do sol*. A luz, que se diffunde como um diluvio, esclarecendo tudo, imprime, ao contrario, no descampado uma feição radiante e bella.

E *Senio* tanto parece esposar esta opinião que declara que. « ao pôr do sol, a *physionomia crepuscular do deserto é suave nos primeiros momentos, e só depois é que ressumbra profunda tristeza.* » Oh ! Pois, si no crepusculo da tarde, quando uma solemne melancolia envolve toda a natureza e portanto deve já ser *triste a savana*, é, pelo contrario, no dizer de *Senio*, *suave*,

isto é, *aprazível*, então ao pino do meio dia, quando tudo é luz, calor e vida, é que o *pampa* ha de ser *melancólico*? Ainda mais: chega elle a dizer que nesse momento (isto é, ao pino do meio dia) o *pampa* é mais *pavoroso* do que a immensidade dos mares. Que *pampa* seria esse que *Senio* observou e estudou ?

« No seio das ondas, o nauta sente-se isolado ; é atomo envolto n'uma dobra do infinito. As ondas se agitam em constante flucuação ; tem uma voz, murmuram. No firmamento as nuvens cambiam a cada instante, ao sópro do vento ; ha nellas uma physionomia, um gesto. A téla oceanica, sempre magestosa e esplendida (e porque não tambem o *pampa*?) ressumbra possante vitalidade. O mesmo pégo, insondavel abysmo, exhubera de força creadora ; miriades de animaes o povoam, que surgem á flôr d'agua.

« O *pampa*, ao contrario, é o pasmo, o torpor da natureza. Em torno do viandante faz-se o vácuo. »

Em torno do viandante faz-se o vácuo, no *pampa*? E porque não tambem no mar em torno do nauta isolado ?

As miriades de animaes que povoam o mar *surgem á flôr d'agua*? Prodigio! Nisto não pôde deixar de haver milagre de Santo Antonio de Padua. Caracteristico do mar, ao pino do meio dia : os peixes deitam a cabeça de fóra.

« Labor de jaspe, imbutido na lamina azul do céo, é a nuvem. »

As nuvens no firmamento do mar têm o *direito de cambiar*, e no firmamento do *pampa* tem a nuvem o *dever* de ser labor *imbutido*, pela mesma razão porque alli não pôde deixar de soprar o vento, e aqui não pôde deixar de reinar a *paralysia*.

As ondas *murmuram*, é certo ; mas as altas hervas da savana não *rumorejam*? Pois *Senio* não diz que o *pampa* é a *patria do tufão*? Não é muito que onde reina o tufão, possam tambem soprar galernos. Conclusão, que muito interessa á meteorologia: no *pampa*, ao pino do sol, não ha vento.

« O chão semelha uma vasta *lapida* musgosa de extenso pavimento. »

Ora, si a savana figura as *fluctuações* do mar alteroso, como se compara a savana com a *lapida* ?

« Para a furia dos elementos inventou o Creador as rizezas cadavericas da natureza; diante da vaga impetuosa collocou o rochêdo; como leito do furacão, estendeu pela terra as infindas savanas da America e os ardentes areaes da Africa. »

O rochêdo é com effeito uma rizeza. Mas as savanas

ondulosas, os areas movedicos serão tambem rizezas cadavericas da natureza ?

« Arroja-se o furacão pelas vastas planicies; espoja-se n'ellas como o pôtro indómito. »

Em suas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos*, estranha J. de Alencar ao poeta G. de Magalhães o haver « *o aguia dos Alpes, ao cysne da Grecia, ao condor dos Andes, opposto por parte do Brasil a andorinha, ave de todos os paizes.* » Pois bem : *Senio* compara o furacão das savanas com o pôtro ! Como assim se amesquinha um dos mais magestosos phenomenos da natureza americana ?! Quem disséra que *Senio* reproduzira o preceito que devia condemnal-o ?

Queres agora ver o contraste mais vivo e completo ? E' um escriptor americano que vai descrever o furacão. E' Audubon :

« Por sobre o continente americano—diz Audubon—não passa o furacão sem deixar traços. Quanto a mim, que fui testimunha de um d'esses phenomenos terriveis, tão viva lembrança me ficou d'elle que talvez me taxassem de exaggerado, si eu reproduzisse a sensação de assombro que ainda me invade, quando a memoria me representa os pormenores d'essa hórrida scena.

« Jornadeava eu a cavallo. Achava-me entre Shawaney e a ponta do Canot; lindo estava o tempo; o ar meigo; ia devagarinho o meu cavallo.

« Apenas entrei na garganta ou valle que separa a ponta do Canot da d'Highland, obscureceu-se o céo; cerração negra foi simulando noite profunda. Parei, cheio de espanto; sentia ardente sede, que saciei num arroio proximo.

« Para logo escutei uns sons vagos, sem nome em lingua humana, um como murmurio longo. Sobre o fundo tenebroso do firmamento foi-se desenhando uma faixa oval e livida.

« Os ramos superiores das arvores estremeceram; depois communicou-se esse movimento aos ramos inferiores. Num relancear de olhos, vi os troncos estalarem em pedaços, deserraizarem-se, fugirem ao sópro da ventania, e toda a floresta passar ante mim como torrente de agigantados e a terradores phantasmas. Esses troncos se embatiam e entrechocavam em sua viagem.

« No centro da corrente tempestuosa, viam-se os tópos das mais grossas arvores forçados a tomar uma direcção obliqua, a vergar: abaixo e a cima d'ellas, massa espessa de ramalhada, galhos estalados, poeira erguida, tudo redemoinhava sob a mesma impulsão. O espaço até ahi occupado por todas essas arvores, nada era mais que arêna vasia, ou antes coberta de raizes, e destroços; dirieis o leito do Meschabe inteiramente nú. As cataractas do Niagara não atroam com mais violencia; não é mais poderoso o ímpeto da sua queda terrivel.

« Quando a sanha primeira do furacão se mostrou como que farta ou cançada, milhões de ramos despedaçados revoavam

ainda pelo ar, e a marcha da columna densa que ia assignalando a passagem da tempestade perdurou ainda horas, como que determinada por não sei que força de attracção.

« Cobrira-se o firmamento de um véo esverdinhado e lugubre; cheiro de enchofre excessivamente desagradavel impregnava a atmosphera. Silencioso e pasmado, esperei que a natureza transtornada readquirisse, sinão a forma primeira, ao menos seu costumado aspecto.

« Atravessei o leito da torrente aerea, conduzindo pela brida o cavallo, que espantavam todos esses cadáveres d'arvores despojadas e derruidas.

« As ruinas da floresta destruida jaziam amontoadas no solo, onde formavam tão espessa barreira, que obrigado, ora a abrir vereda nesse labyrintho, ora a arrastar-me por debaixo dos ramos enlaçados, ora a transpol-os de um salto, senti, durante o tempo que a esse trabalho consagrei, fadiga mortal.

« Essa columna de vento, que occupava cêrca de um quarto de milha, levantou telhados, arrebatoou casas, forçou rebanhos inteiros a emigrar violentamente pelos ares. Achou-se uma pobre vacca morta no cimo de um pinheiro para onde a levaram as azas do furacão. O valle é ainda hoje um lugar desolado, coberto de musgo e de sarças, inacessivel aos homens: os animaes de rapina o escolheram para asylo. » (Vid. P. Chasles, *Etudes sur la littérature et les mœurs des Anglo-Américains*, pag. 85 e seguintes.)

Tanto tem esta descripção de grandiosa e verdadeira, quanto a primeira de apoucada e falsa.

Além de comparar a furia do furacão com o pôtro, vê, meu amigo, como *Senio* pinta a passagem do imponente e horroroso phenómeno :

« A final a natureza entra em repouso; serena a tempestade; queda-se o deserto, como d'antes *placido e inalteravel* (Quería dizer *inalterado*.)

« E' a mesma face impassivel; não ha ali sorriso, nem ruga, Passou a borrasca, mas *não ficaram vestigios* (Que insignificantes borrascas são as do sul, julgadas por *Senio* !)

« No tronco da arvore derreado, nos galhos convulsos, na folhagem desgrenhada, ha uma attitude athletica. Logo se conhece, que a arvore já luctou com o pampeiro e o venceu. »

Pois se em consequencia das luctas com o pampeiro é que a arvore fica derreada, e seus galhos convulsos, e sua folhagem desgrenhada, como é que *passou a borrasca e não ficaram vestigios* ?

Mas a arvore luctou com o pampeiro e *venceu-o*. Que arvore ! e que pampeiro ! Já viste arvores colossaes passarem *arrebataadas, estranguladas* nas azas do furacão, como acaba de nos referir Audubon. *Senio* porem affirma que a arvore do pampa (Não falando nas altas herbas, a vegetação lenhosa do pampa é fraca e acanhada, sem proporções, nem solidez para resistir ao furacão)

não só resistiu a este, porem *venceu-o* ! E *Senio* nos diz isto ! Mas continuemos.

« A trecho passa o poldro bravio, desgarrado do magote; eil-o que se vai retouçando alegremente babujar a grama do próximo banhado.

« Nas margens do Uruguay, onde a civilisação já babujou a virgindade primitiva, etc. »

Uma das manias que perdem *Senio* é querer passar por outro Colombo, descobridor de mundos novos, por *mares nunca d'antes navegados*. Insiste, demora-se n'essas *novidades*, com a intenção de imbutil-as no idioma vigente. Quer a todo o transe introduzir na linguagem moderna—nomenclatura, phraseologia, que se attribua à sua iniciativa e sapiencia.

O vocabulo *babujar* é empregado frequentes vezes no volume. Os dictionarios da lingua não o trazem e sómente *babugem*, vocábulo este muito usado pelos nossos homens do campo, para tambem significar a grama rasteira, que aponta com as primeiras aguas. *Senio* não se contenta sómente com dizer que o poldro *babuja* ; e sem se importar com o *simile* pouco lisongeiro a que dá logar seu vaidoso capricho, faz tambem a *civilisação babujar* (como cavallo) a *virgindade* primitiva das regiões. Aqui não temos simplesmente o rebaixamento do homem ao nivel de irracional, idéa fixa e capital de *Senio* em sua obra ; temos mais que isto : o phenómeno supremo e providencial da humanidade, a *civilisação*, exerce a funcção do bruto—babuja.

Descance tambem o auctor : ha de pegar a moda do termo ; e d'aqui a pouco, sinão já, não só o Rio de Janeiro, mas tambem o mundo em peso estará, não a *babujar*, que é a tal funcção especial do bruto, mas a *saborear*, com *enthusiastica leitura*, as bellezas e as novidades do seu Gaúcho.

« Tal é o pampa—conclue *Senio*.—Esta palavra, originaria da lingua kichúa (*kechúa* escreve o Dr. Martius em seu *Glossario*, dando-lhe a significação de *campo*) significa simplesmente o plaino ; mas sob a fria expressão do vocábulo está viva e palpitante a idéa. Pronunciae o nome, como o povo, que o inventou (Como havia de ser que elle o pronunciaria ?) Não vêdes no som cheio da voz (Ha pouco, a *expressão* do vocabulo era *fria*, agora ha *cheio som* de voz) que reboa e se vai propagando expandir no vago, a imagem fiel da savana a dilatar-se por horizontes infindos ? Não ouvis n'essa magestosa onomatopea repercutir a surdina profunda e merencoria da vasta solidão ? »

(Aqui já a solidão, isto é, o pampa tem uma voz, a

surdina; murmura. Está claro que não ha de ser ao pino de meio dia.)

Não ha duvida que é muito significativo o termo *pampa*. Por mais, porém, que o queiramos, não podemos *ver* nelle um *som* (e os *sons* tambem se *vêem*?) que *rebôe* e se vá propagando, e muito menos descobrir-lhe *onomatopéa*.

Que indica tudo isto? O fructo agorentado e fanadinho de uma imaginação, farta em bagagem de côres vivazes para pintar os quadros da natureza real, mas que só produz, inteiramente entregue a si, pálidos e contradictorios desenhos, onde sobressai a confusão árida.

Lendo-se a descripção do pampa por *Senio*, vê-se que « essas solidões não lhe serviram de gabinete de trabalho; que elle não percorreu os vastos desertos; que não respirou o ar carregado de emanções da vegetação primitiva » como fez o grande ornithólogo das margens do Mississipi e do Ohio.

O espectáculo verdadeiro do pampa está desfigurado no *Gaúcho*.

Aquella nuvem não está *imbutida* no céu, divaga; aquella campina não é *melancolica*, mas expande-se e surri; aquella savana não é o *torpor* ou o *pasmo* ou a *paralyisia*, agita-se; aquelle chão não se parece com a *lapida* do claustro ou do tumulto, sinão com as sinuosidades do vasto oceano; aquelle furacão não se *espoja* como o pôtro, mas subleva-se, contorce-se, revolve-se, devasta e tala o deserto como vórtice ou cataclysmo. A natureza protesta contra o panorama traçado á custa do prolongado esforço esteril.

Queres vêr, meu amigo, um painel vivo e natural? E' a descripção suave do pampa por G. Aimard.

Aqui não se escreveu para encher um capitulo. São pinturas rapidas, mas incisivas, proprias de penna modesta e despretenciosa. Por via de regra, para dar-se noticia desta natureza meridional, que é portento de magnificencia e formosura, não se ha mister de longos desenvolvimentos, prejudiciaes sempre ao vigor e effeito das scenas.

« A campanha em torno de mim — diz G. Aimard — estava deserta e plácida como no dia da creação.

« Os cães, vigilantes sentinellas, que durante a noite nos haviam velado o repouso, levantaram-se ao ver-me, e vieram festejar-me com latidos alegres.

« O aspecto do pampa é dos mais pittorescos, ao nascer do sol.

« Silencio fundo paira por sobre o deserto ; dir-se-hia que a natureza se recolhe e recupera as forças, ao desabrochar do dia que enceta.

« Tremula docemente a fresca brisa matinal, por entre os altos macegaes que ella inclina em ondeados e leves movimentos

« Por aqui, por alli, erguem os veados as cabeças, tomados de espanto, e circumvagam olhares temerosos.

« Os passarinhos, encolhidos de frio sob as ramagens, preludiam por algumas notas tímidas o seu matutino hosannah.

« Sobre os montículos de areias, formados pelas tocas das vigonhas, poisam curujinhas indolentes e immoveis, como sentinellas ; em sua meia somnolencia, deslumbradas pelos raios do astro do dia, escondem as redondas cabeças na plumagem do pescoço.

« Lá pelas alturas, urubús e caracarás bordejam em circulos alongados, librando-se negligentemente, á feição do vento, á espera da préza sobre que hajam de cahir de súbito, com a celeridade do raio.

« Assemelha-se o pampa neste momento a mar de verdes e calmas ondas, cujas margens se occultem lá por detraz das dobras do horizonte. »

Eis ahi em rapidos traços o pampa. Opulento ou pobre de encantos, é isto. E' a natureza copiada com fidelidade photographica.

« A imaginação dos homens de genio, observou um crítico, reproduz as paixões e os quadros do mundo, como espelho fiel e brilhante repete bella campina, ou rosto regular ; a imaginação fulsa assemelha-se porém a esses vidros obliquos, que o optico dispõe de modo que não apresentam reflexo algum exacto ; ahi tudo nos apparece ou diminuido ou desmedidamente dilatado. Uma está para a outra na mesma proporção do retrato para a caricatura. »

No *Guicho* nota-se uma pompa, uma dema:ia palavrosa, sacrificando o pensamento á fórma. Pede-se ahi de mais á imaginação estanque.

E que succede, afinal? Se ha hi fórma que scintille, é scintillar de lentejoulas ; é lustro de ouropel ; é casquinha de brilho ficticio e fallaz : mal roçardes o artefacto, conhecereis o inferior quilate da quinquilharia.

Desculpa, meu amigo, a prolixidade, e permite-me voltar ao assumpto.

Sempiterno.

(Continúa)

Decima carta

DO ROCEIRO CINCINNATO AO CIDADÃO FABRICIO

Venerando amigo.

Rio de Janeiro, 21 de Setembro de 1871.

Recebi a tua carta, de 15 do corrente, e li com a maior attenção o que passaste com esse respeitavel fazendeiro, de que me falas, homem illustrado e de boa fé, mas que, vivendo sempre longe d'estes centros das maranhas, entende que é ouro tudo o que luz, e tinha-se deixado levar pelas declamações interessadas, receando que o projecto sobre o elemento servil fosse inconveniente, por prejudicar seus direitos e interesses, por ameaçar o futuro d'este paiz, e por o stygmatarem homens distinctos, que todos considera só movidos dos mais santos impulsos do amor da patria. Mostraste-lhe as minhas cartas, e pediu-te me consultasses ainda sobre varios quesitos; a minha opinião é desautorissima, porém está á disposição do teu amigo, a quem rogarás que tome esta carta, como a elle dirigida.

Antes porem de entrar na materia, direi que em algumas folhas da Côrte appareceram, tempos ha, sob o titulo *Resenha*, uns artigos de penna valente, defendendo theses mui diversas das que sustento, mas distinguindo-se por argumentação de ordem superior, e muitas vezes por uma delicadeza e cortezia de fôrmas, que mesmo combatendo a quem neste ponto consideravam adversario, tão dignamente o faziam, que não houvera sido desar o render-se a suas opiniões; não raro foram modelo de polemica. Appareceu depois um notavel *Parecer* do Sr. Conselheiro Ottoni, mui merecedor de estudo attento, e bem assim uma analyse d'esse Parecer, composta e publicada por um respeitavel Senador, sob o titulo de : *Carta aos fazendeiros e commerciantes fluminenses sobre o elemento servil*. Considero este folheto, *vade-mecum* em tal materia; e pois te envio tudo isto, fôra talvez mais prudente esquivarme a emittir opinião propria, porque Deus me não deu grande geito para echo. Entretanto, com a devida venia, passo a responder aos quesitos do teu amigo.

Por via de regra, nada ha mais singelo e chão, que o homem dos campos; por mais alta que seja a sua in-

telligencia, por maiores dotes que á natureza deva, a sua convivencia com as arvores e o trabalho torna-o natural, innocente, inimigo da simulação e de tudo quanto contraste com a inteireza do caracter. Por isso que a ninguem engana, suppõe em todos sinceridade egual; por isso que não calcula com os outros, imagina que os outros a não tomam a elle para instrumento de seus calculos.

Infelizmente o machinismo da forma do governo representativo appresenta compensações ás vantagens d'elle; e d'essas tristes compensações não é a menor a perversão do espirito, gerada da politica. Onde a todos é licito aspirar a tudo, bem se concebe que a todos nos insuffle a ambição, e que o natural amor proprio,—de tudo, com verdade ou miragem, nos proclame capazes.

E' assim que, entre nós, se entende a politica. Este vocabulo, que na sua origem significava a arte que rege a *cidade*, a nação; a arte social, por excellencia; o grande estudo dos interesses geraes de toda a ordem, que deveria ir buscar no thesouro dos conhecimentos humanos quanto contribua para o bem dos cidadãos; o aproveitamento de todas as forças vivas para progresso material e moral da commuidade; a criação de um impulso motor, appropriado á indole do mechanismo social, e á educação, á instrucção, ás tradições, ás aptidões, e á historia de cada povo; o estudo das successivas alterações das cousas, mesmo quando ainda conservam nomes que já não deveram ser os seus; o dissipar das illusões e o acompanhar a razão pública: —vocabulo, cuja base Aristoteles assentava só neste principio: o justo e o honesto, — tem hoje significação muito diversa: a *politica* é qualquer conjuncto de traças, ardís e tretas, com que se sustentem ou com que se derrubem ministerios.

Já não merecem o epitheto de homens politicos os Alexandres, Cesares, Pedros Grandes, Fredericos, Richelieus, Washingtons, Pombaes ou Pedros Primeiros, esses que, na pratica do poder supremo, exerceram larga influencia nos povos, e fizeram triumphar seus *systemas* e planos: *politico de polpa* é o discorredor que injuria freneticamente um ministro; corretor eleitoral que falsifica bem uma urna; Protheo que bajula ou ultraja as alturas, a talante de sua conveniencia.

Maxima *questão politica* é que o Conselheiro Quincas

substitua no poder o Dr. Manduca : em aquelle chegando ao tal poder, fará o mesmo ou menos que este, mas a mudança trará os applausos dos candidatos ao cofre das graças e ás migalhas do orçamento, o que tudo constitue um dos mais flammanes capitulos de politica transcendental.

Ora como esta sciencia não excava cérebros, acontece que, a par dos raros engenhos privilegiados, aptos para empunharem as rédeas de um Estado, surge ahi um formigueiro, um ferredouro de salvadores da patria, de inventores de panacéas, de Codros e Curcios politicos, de missionarios sem missão, de procuradores sem procuração, de Mentores sem Telemacos, de politiqueiros ou pelotiqueiros sem o senso commum.

Le monde marche em tão desabrido galopear, que o menino saído da eschola já faz bico á idéa de ser desembargador, deputado, ministro, e até senador com dispensa de idade.

São tantos, por isso, os candidatos ás elevações, e estas são proporcionalmente tão poucas, que a nossa politica toda consiste no jôgo do empurra: *ôte-toi de là, que je m'y mette* ; os dez que estão de dentro são rechaçados pelos trezentos que estão de fóra ; os alcatruzes que descem insurgem-se contra os que sobem ; e é a este vai-vem, a esta cerração da velha, que ahi decoram com o harmonioso nome de equilibrio constitucional.

Ha quem pense que n'aquella ordem de ideas lança raizes o facto que presenciámos. A questão do elemento servil, tal como o governo a concebeu é robre, previdente, sympathica ; poucos homens illustrados a repulsam por convicção ; mas não se prestava ella a servir de instrumento *politico* da tal politica ? Facillimamente.

Os dissidentes (exceptuo sempre os de bôa fé) esfregaram as mãos, dizendo:—« Bôa arma *politica* é esta ; a educação do paiz, suas tradições, alguns interesses, disposição de alguns animos, alguma audacia, algum talento, alguns inconvenientes reaes, tudo isto bem aproveitadinho, póde dar com este governo em terra: mãos á obra ! »

E na mais incestuosa união, fundiram-se as mais oppostas legiões, todas accordes no plano da demolição, cada uma com diverso pensamento reservado.

E republicanos, diceram:— « Extremos tocam-se: Russias e Estados-Unidos sympathisam. Os toleran-

tes que aceitam o motto: *fraternidade ou morte*, tambem aceitam a instituição do captiveiro. Toca a desmoralisar o projecto do governo; toca a attribuil-o á pressão de uma cousa, que alcunharemos Poder Pessoal; toca a tornar odioso o monarcha, odiosa a monarchia, e desfraldaremos nossa bandeira victoriosa. »

E liberações, diceram: « Que importa ser tanto essa a nossa convicção que affirmamos terem-nos roubado uma das clausulas do nosso programma ? No theatro da politica, admittem-se as mudanças á vista e as magicas, *et nos mutamur in illis*. Oppondo-nos ao projecto, baqueará o governo, substituil-o-hemos nós, e o Faustino tocará o hymno ! !

E dissidentes, diceram ! ! *Nos quoque gens sumus*; organise-se um ministerio com 38 pastas, e volverá o reinado d'Astrea. Como não querem, sentirão o peso da nossa justa indignação. Tanto faremos que o governo hade saltar; e visto que a situação é conservadora, os naturaes herdeiros do defuncto, seremos nós. »

Eis ahi politica, politica e sempre politica !

D'est'arte cahio sobre o espirito dos fazendeiros um enxame de evangelisantes, entre os quaes ha muito advogado talentoso, muito bacharel habilitado, muito sophista destro, e tambem muito pescador d'aguas turvas. Depois de lhes circumcludirem os animos, apresentaram-lhe a papinha feita, e muitos se deixaram cahir na armadilha.

Assim se prestaram esses a servir de manivellas a aspirações monarchómacas, diametralmente oppostas aos seus pensamentos de ordem e de respeito ás instituições juradas; arriscaram-se a passar indevidamente por escravocratas, por homens que não fossem da sua nação e do seu tempo; abaixaram-se, esses, os mais benemeritos cidadãos, a servir de degraus a planos subversivos ou a combinações degradantes.

Com quanto, como já demonstrei, os fazendeiros que representaram contra o projecto constituam tão infima minoria que não chegam a um por cem, esses mesmos que se deixam adormecer por paradoxos, cedo se esquivarão á acção anesthesica do tal chloroformio politico.

Acordarão para a verdade e para a luz, quando vierem:

—que a instituição derruida no mundo inteiro não podia perpetuar-se no Brazil;

—que nobre será a sua extincção, quando nenhuma pressão externa ou interna subjugar este paiz;

—que qualquer d'estas poderia vir a surgir, se adormecessemos;

—que então já para os possiveis calculos actuaes do rasoavel interesse, poderia dar-se aquella locução fatal: *E' tarde!*

—que pelo systema do projecto se conciliam, até onde podem ajustar-se, os direitos dos escravos e dos senhores;

—que se a lei civil estabeleceu, contra jus, a instituição, melhor póde, com jus, modificá-la em tempo, em circumstancias, em jurídicos effeitos;

—que a liberdade do ventre é pensamento quasi geral, desseca a fonte da monstruosidade, e proclama um facto sem contrariar um direito;

—que o peculio e a redempção, não somente são faculdades naturaes, mas nada innovam nos usos da terra;

—que a serie de providencias destinadas a tornar cada vez mais brandas as relações entre o servo e o servido, são reflexo do successivo abrandamento com que os nossos costumes se tem ido civilizando;

—que conservando-se a actual escravaria, só com equivalente indemnisação do serviço pode o senhor ser privado dos braços de que dispõe;

—que insultam e calumniam os senhores de escravos os que falam de degolação de innocentes, injuriando assim os sentimentos de cidadãos, que de homens transformam em feras;

—que a lei não desorganizará o trabalho, e dará tempo e meios de o ir vantajosamente modificando;

—que devendo geralmente ser aproveitado pelos agricultores o serviço dos nascituros, até que completam a idade dos 21 annos, teremos ainda, durante alguns decennios esse valioso concurso;

—que chegado o dia em que esses cidadãos possam dispor de si, escolherão, na maxima parte, a continuação do serviço nos mesmos estabelecimentos onde tem

parentes e onde foram nascidos e educados (sempre que houverem sido humanamente tratados);

—que, se se considera preciso para conviverem escravos e livres, que estes tenham melhor alimento, vestuario e tratamento, bem vinda seja a lei que induza os senhores a collocar todos no mesmo nivel, quanto a estas legitimas recompensas do trabalho humano;

—que, desta melhoria geral do tratamento d'esses valiosos instrumentos resultará diminuição de mortalidade, augmento de forças e productos, alegria e bem estar dos operarios, vantagens reciprocas para o servido e o servo;

—que, a condição livre de largo número de homens elevará dentro em pouco a altura da civilisação;

—que, todos estes progressos tornarão cada vez mais amigas as duas raças, que os preconceitos ainda hoje separam;

—que dentro em pouco veremos entre nós honrado e facilitado o trabalho, e com elle o desenvolvimento da intelligencia, da moralidade e da riqueza nacional;

—que só então accudirão espontaneamente a estas plagas hospitaleiras correntes d'immigrantes industriosos;

—que nesse dia o concurso do trabalho livre de estrangeiros e indigenas operará milagres;

—que a experiencia, em toda a parte, ha mostrado que a extincção d'esta praga tem sido aurora de immenso progresso;

—que esta modificação induzirá os agricultores a estudar mais a sua especialidade, a introduzir novos systemas, a empregar a machina e o vapor, a dispendar com melhor exito menor copia de forças vivas;

—que finalmente nos cobrirão as benções de Deus, da humanidade, da raça libertada, e da nossa consciencia.

Tal é a minha convicção profunda, meu amigo. Erarei eu? Não o creio. Sou echo da opinião publica, da imprensa, das associações, da grande maioria da camara dos deputados, da quasi unanimidade do senado, e do illustrado Governo a que está reservada a maior gloria com que Estadistas podem ser recompensados. POLITICA, sim, é isto. Quando actos semelhantes transformam as sociedades; quando da seara opima é por mão firme arrancado o joio; quando a humani-

dade avança mais uma etapa na marcha da grande civilização, os coros da terra e dos anjos exultam e entoam novo hosannah ao Senhor.

Perdão. Creio que estou mais carregado e sombrio do que devêra, e tu gostas : desculpa ; emendarei a mão.

Teu dedicado amigo

CINCINNATO.

A Escravatura no Brazil.

NOTAVEL DISCURSO DO SR. PARANHOS.

Sob este titulo publicou a *Nacion*, de Buenos Ayres, um artigo, que sentimos não poder reproduzir na integra ; mas eis aqui alguns trechos d'elle.

Quando a Russia, vencida pela civilização occidental em Sebastópoli, em si mesma se reconcentrou, e estudou as causas da sua debilidade e derrota, achou-as no elemento servil ; e para logo emancipou os servos da gleba, chamando-se desde então Russia livre.

Quando o Brazil, vencedor na guerra contra a tyrannia do Paraguay, deu conta a si mesmo das causas que geraram tantos esforços e resistencias, e um tanto lhe aguarentaram a victoria, achou-as na escravatura ; e para logo se occupou de extirpar cancro, que poderia acabar por corroer todo o corpo politico e social.

Quasi todos os povos que esta grão reforma operaram, que romperam os grilhões do escravo e arrojaram seu ultimo elo aos abysmos do passado, fizeram-no em meio de grandes crises e dolorosas convulsões.

A America do Sul, e á testa d'ella a Republica Argentina em 1813, proclamou a liberdade dos ventres, ao matutino arrebol da revolução de sua independencia, e resgatou os escravos com as rendas do Estado, levando os libertos de raça ao campo de batalha, a combater a par dos libertos coloniaes.

O Estado Oriental aboliu os ultimos vestigios da escravatura, quando Rosas o invadiu ; os seus libertos foram núcleo e nervo da defesa, no immortal sitio de Montevideo....

O Brazil, como a Inglaterra, pode hoje operar esta magnifica reforma em meio da paz, sem nenhuma pressão externa ou interna, dependendo a sua solução no Brazil, como antes dependeu na Inglaterra, do voto illustrado e livre do parlamento, que pode immortalizar-se em um dia, firmando a carta de emancipação dos escravos do porvir, preparando a extincção da escravatura como instituição, e como facto inconsistente com a civilização moderna, com a moral universal, com a conservação social, com a prosperidade pública, e até com o decoro internacional.

Ha já tempos, que esta revolução de idéas e sentimentos se vai no Brazil operando, não só na opinião illustrada do imperio, senão também nos interesses bem entendidos dos productores, que chegaram a formar uma especie de consciencia pública, a qual, reagindo contra o facto e o direito de tão barbara instituição, tem dado ponto de apoio á reforma no passado; e, tornando-a factível no presente, hade contribuir para fazer-a fecunda no futuro.

Aspiração dos grandes pensadores, desde os primeiros dias da independencia do Brazil; convicção dos economistas, que profundaram as suas questões agricolas; paixão generosa em characteres elevados, que no escravo reconheciam creatura de Deus, feita á imagem e semelhança do seu irmão, o branco; previsão nos Estadistas, enxergando a impossibilidade da prolongação do captivo, no dia em que o mundo todo emancipasse os escravos (como já succedeu), ficando essa nação isclada no mundo, como excepção da moral e da liberdade universal;—a extincção, mais ou menos gradual, da escravatura no Brazil, é facto fatal, irrevogavel, que obedece á logica das idéas e á força das cousas, que domina todas as vontades como aspiração sublime, solução economica, e facto que nada e ninguem póde impedir ou retardar.

. . . . A abolição da escravatura depende hoje do voto das suas camaras, ou antes não depende já de ninguem, porque taes questões, quando enterreiradas, resolvem-se por si mesmas, sem que desde então dependam já do voto fallivel dos homens.

E não obstante, era mister coragem cívica, intrepidez politica, amor á idéa, para soltar o signal d'alarma, e romper decididamente a batalha com o facto trium-

phante, as preocupações, os interesses illegitimos ou mal entendidos, e as combinações possiveis dos politicos de parlamento que, para seus fins particulares, fizessem fogo contra bandeira não erguida por elles, ainda quando nella vissem inscripta a lenda de um dos principios do seu credo.

Prosegue o escriptor na descripção do estado do Brazil, e dos seus partidos, bem como do amadurecimento da grande idéa; e fazendo justiça aos altos e excepcionaes dotes do alferes que empunha aquella bandeira, em torno á qual, dentro em pouco, todo o Brazil se apinhará, o Sr. Visconde do Rio Branco, exalta egualmente o seu valor, a sua paixão moral....

O sr. Paranhos, com quanto comprehenda as difficuldades e as resistencias em que tropeça, não assume attitude arrogante. Não se appresenta aos compatriotas como excepção, nem como propheta destinado a converter incredulos, nem como força que imponha convicções: é singelamente o homem da crença e da palavra, que joga num dia tudo portudo, em nome e no interêsse de uma grande idéa, estribando-se nas forças sociaes, na consciencia pública, nos proprios interesses: buscando seus antecedentes na tradição, sem por isso deixar de confessar a doutrina humana, e de collocar-a sob os auspicios da moral do genero humano, de que os brasileiros e os seus escravos constituem parte.

Continuando no mesmo espirito este notavel escripto, dá-se ampla noticia de um dos memoraveis discursos do sr. Presidente do Conselho, cuja frente, nesta sessão parlamentar se engrinaldou de tão immarcessiveis louros, que nos fastos do Brazil não ficará pagina em letras de ouro tão esplendida como a que hade inscrever os nomes de tal Estadista e de tal Governo.

QUESTÕES DO DIA

N. 9

RIO DE JANEIRO 28 DE SETEMBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Laemmert.—Praça da Constituição.
Loja do canto.—Livraria Acadêmica, Rua de S. José n. 119—Largo do
Paço n. 12 C.—Rua de Gonçalves Dias n. 79.—Preço 200 reis.

D. Pedro Primeiro.

VINTE E QUATRO DE SETEMBRO.

Era também um rei; também poderoso e grande. Subvertêra montes, entulhára mares, erguêra monumentos com que a região das nuvens se affrontava.

Era tudo isso.... E todavia, alargando olhos, do cume de um rochedo, por extensão sem fim, toda coberta de innumeravel numero de homens, alagada de um exercito infinito, Xerxes chorou! E mais, exercitos e montes, povos e mares, tudo aquillo era seu.

« — Choro—dizia—porque, em cem annos, d'entre tantos nem um restará. »

Nestes dias de immensa dôr, subamos ao rochedo de Xerxes, e consolemo-nos. Baixemos olhos por sobre esse universo, que aos pés nos redemoinha; observemos o incessante martellar do Tempo leve! Mundo juncado de ruinas; perpétuo batalhar das gentes com as gentes, dos reis com os reis, dos imperios com os imperios; triumphos e derrotas; grandezas esmagadas e insignificancias erguidas; incendio, devastação e morte, arvorados em arautos de civilização. Estendei a vista em tórno: aqui, um apunhalado; além, um coroado de louros; d'aquelle lado, um feliz, levado em carro triumphal a capitolio; d'este, o misero, despejado da Tarpeia. Danças e jogos ante vós; alli pranto e desesperação; ao longe, incensos; ao perto, maldicções... E o mesmo homem, instante após instante, segue a sorte d'esses tantos que a vista abarca:—louros e dansas, desesperação e pranto, incensos e maldicções, Tarpeia e Capitolio, nascimento e morte, tudo isso é commum.

E não é só o exercito de Xerxes; é toda a humani-

dade, que hoje vive, e se agita, e se revolve, e pratica acções grandes. e commette crimes negros, e chora, e ri, e corre, e vòa, e conta com uma eternidade de existencia, que amanhã... amanhã será toda pó de cadaver.

Pois bem ! a essa lei commum da humanidade, tambem ELLE cedeu. O fragil involtorio caíu pedaços ; e o que era mortal, passou. Que admira ? Mocidade, belleza, força, poder, nada retarda um instante o golpe da inevitavel foice. Ainda rodeado de todas essas vantagens, dirieis em cada homem um conjuncto monstruoso de dous companheiros inseparaveis: ao vivo anda sempre abraçado o morto, que só larga o companheiro no dia em que pode, triumphante, calcal-o aos pés de esqueleto.

Bem ! Morreu o que podia morrer.

Mas dessa tyrannica lei, libertam-se alguns raros, rarrimos nomes, que, desprendendo-se do que nelles era terra, sobem fulgurantes ás ethereas regiões, para d'alli, planetas brilhantes, admiração de todos os povos e de todas as edades, affrontarem a eternidade.

Esses nomes são raros ; tal mixto de eminentes qualidades exigem, que a antiguidade os denominava semideuses, e os seculos correm sem junctar um só á curta lista d'esses eleitos do Senhor.

Um d'esses, embora caia ceifado em flor : para elle não ha somno eterno, nem somno longo. No momento mesmo em que fechou os olhos, a humanidade em pêso, com a sua voz grande, que tambem é voz de Deus, brada como elle : *Surge qui dormis, et exurge a mortuis!*

Succumbiu, neste dia, um d'esses que o mundo venera unanime como immortal modelo do rei, do soldado, do legislador, do philosopho, do esposo, do pae, do cidadão, e do homem.

D. Pedro, que ha 37 annos existia cheio de vida e força, e juventude e esperanças; que libertava dous mundos; que, nos campos da batalha, semelhava o anjo da tempestade, que, tranquillo, no seio de um turbilhão, dirige os ventos, impera aos furacões, e aponta ao raio onde hade ir fulminar... hoje! desengano atroz! jaz alli, naquella terra irmã, mudo e quedo, inanimado corpo sem coração, esse corpo onde um coração immenso palpitou, como nunca outro algum, por quanto no céu e na terra ha nobre !

Se porém na eterna mansão dos justos podem as almas exultar, lá estará hoje o fundador deste imperio implorando novas benções sobre esta terra tão sua, e dando as derradeiras graças ao Senhor, por vêr emfim coroada a obra que emprehendêra, e que nunca houvera sido completa, emquanto não tivesse sido promulgada, como acaba de o ser, a redempção de todos os homens nascidos neste torrão abençoado. Desta grande obra, a semente foi lançada pelo rei philosopho.

Retumbem por esses échos o estrondo dos canhões, o dobrar dos sinos, os saudosos lamentos! Revista-se toda esta redimida sociedade de lucto e de dó! E aprendam as gerações futuras, que, no seculo XIX, só uma cousa houve, egual ao immenso amor de um monarcha... foi a perpetua e immensa gratidão dos povos que elle remiu!

Os leitores nos agradecerão, sem duvida, que os presenteemos com o seguinte mimoso inedito, em que a delicadeza do sentimento disputa primasias á appropriada singeleza da forma. Tivemos de vencer a modestia de seu auctor, que se julga tanto menos do que vale, quantos outros valem menos do que se julgam. E' distincto membro de uma familia, na qual o talento, nem por ser hereditario, diminue o patrimonio de cada um, da mesma forma que a tocha não diminue o fulgor da tocha a que se accendeu. Se, nessa familia, não distingue o ingenho sexos nem edades, mais de uma vez a foice da morte veiu invejosa ceifar em flôr, ou em já esplendido fructo, esperanças que descortinavam horisontes sem limite. A amostra, que ora damos, é tambem sympathica, pela natureza do assumpto inspirador desta poesia : que arômas não rescende o amor dos amores, o do joven filho a seu provector pae! Não ha entre as harmonias da natureza outra que mais suavemente faça vibrar as fibras do coração! Oh! feliz aquelle a quem é dado poder prestar estes preitos a um pae!

Tres de Julho.

Honrado velho !
tu na estrada da honra me pozeste.

Garrett—*Camões.*

Cada poeta na lyra
canta o amor que lh'inspira
o bater do coração.
Deixae, que eu consagre um canto
ao pae, nos risos, no pranto,
minha mais doce afeição.

Os mares beijam as ilhas ;
as fôres, dos troncos filhas,
ennastram gentis o chão,
que adorna a mimosa planta,
que para os céos se levanta,
como que em pia oração.

Pendem os fructos dos ramos,
e a beijar os encontramos
annosa, tosca raiz.
A flôr, a fructa cahida,
no tronco que lhe deu vida
tem um pae, que a fez feliz.

Se a planta fragil é grata,
se nos orvalhos de prata
alenta a côr, que se esvae,
ganha perfumes e viço,
meiguice, brilho, feitiço,
para coroar seu pae,

ai, não te admires se venho
trazer as rosas que tenho,
tua grinalda formar
com tão miseras florinhas ;
pobres, como eu (que são minhas),
a ti que as fazes brotar.

Ao meu primeiro vagido
 ancioso prestaste ouvido,
 escutaste esse meu ai!
 e teus olhos me disseram :
 « Por ti meus braços esperam !
 « vem, filho, abraça teu Pae.»

E deste-me um beijo sancto ;
 libaste logo esse pranto
 com que o infante acolhe a luz :
 foste-me seio d'amores,
 como orvalho que nas fôres
 suspende o sol que reluz.

Dentro d'um berço—meu ninho—
 concha d'amor e carinho—,
 aqueceu-me o teu amor.
 Deste vida ás ondas mansas
 d'esse berço d'esperanças,
 que ficaram sempre em flôr !

O meu passo vacillante
 seguiu, meu Deus ! foi avante,
 guiado por tua mão.
 No bater igual, perfeito,
 deparei dentro em teu peito
 echo do meu coração.

Do livro a primeira folha
 quem me abriu, de sua escolha ?
 quem a penna me estendeu ?
 quem me apontou da sciencia
 branda luz, com paciencia,
 foi o Pae que Deus me deu !

Plantaste muito, é verdade ;
 mas não quiz a divindade
 premiar o teu suor !
 Tiveste tantas colheitas
 n'outros filhos, tão perfeitas !
 devia esta ser menor.

Deram outros c'róa e palma....
 dou-te murchas f'lores d'alma,
 nascidas de puro amôr.
 Não tenho os raios da gloria,
 para teu nome na historia
 dourar de novo fulgor.

Sim, meus irmãos foram grandes!
 Tambem menores que os Andes
 ha o monte, o valle e o chão!
 E n'uns e n'outros o dia
 com perennal harmonia
 ostenta de um Deus a mão.

Tiveste illustrados filhos.
 Inda esplandecem os trilhos
 do breve caminho seu.
 Não, não; não tenho esse brilho,
 porém sou tambem teu filho,
 e bom Pae tambem és meu.

Ter Pae! é cousa tão doce!
 O mesmo Deus humanou-se
 para ser filho. — Jesus,
 quando a libertar-nos veiu,
 deixou o materno seio
 mas ao Pae voltou da cruz.

Teus filhos—doçura, enleio,
 acham no paterno seio,
 remedios promptos á dôr!
 Teu coração não tem raias:
 immenso mar, mas sem praias,
 transborda sempre de amor!

Acceita este canto.—é preto,
 que vem render-te meu peito
 cofre de amor filial.
 Guarda a grinalda; essas f'lores
 brotaram murchas, sem côres,
 d'este meu peito no val.

N'esta rude e pobre offerta
vai minh'alma, em flôr aberta,
osculando a tua mão,
no livro de nossa vida
inscrever agradecida
um só nome — gratidão.

Rio de Janeiro, — 1871.

Carta I.

Cincinnato a Sempronio

Sempronio amigo.

Agradeço cordialmente as admiraveis cartas em que me tens ido fazendo a analyse do famoso *Gaúcho*, com intelligencia e agudeza critica tal, que me parece a tua penna, modelo para semelhantes estudos, e digna de applicar-se á apreciação de trabalhos de vulto. Sim, pennas, como a tua, devem ter mais alta missão, mas enfim, bem raija quem foi origem de lucubrações tão valiosas, na essencia e na forma, como estas cartas são.

Mandas-me com a tua 4.^a carta, um exemplar do *Gaúcho*, para que eu, confrontando-a com o documento original, te diga se és severo ou justo. Já que me permittes, dir-te-ei que me não pareces justo nem severo: em vez de rigor, ha ahí brandura; longe de justiça, ha favor nos teus julgamentos: affigura-se-me que ainda concede ao escriptor qualidades imaginarias, em desconto de seus peccados. Agora que li o tal livreco, tenho para min que no seu auctor venerarei de bõa mente uma excellente pessõa; mas como escriptor, isto não é mais que um operario da communa litteraria, demolidor feroz, petrolisador intellectual, digno membro do directorio da *Eschola Coimbrã*.

Nesta tua 4.^a carta, dissecas brilhantemente o I.^o capitulo do *Gaúcho*, e ainda assim saltas por sobre mil *bellezas*, provavelmente porque, para aquilatal-as todas, houveras precisado o 60 volumes in-folio da *Encyclopedie Methodica*.

Concordo contigo: este escrevedor tem a mania da

novidade; il lui faut du nouveau, quand il n'y en a plus; logo no proemio d'esta cousa, nos diz elle que *na novidade é que elle acha o sainete*; é da raça dos taes que não hesitarão em descrever o mar como encarnado e o circulo como bicudo, só para conquistarem a gloria de ceifar estranhezas, e dar á luz novidades; foi quem aconselhou Alcibiades a cortar o rabo ao cão. Onde a imaginação lhe parece frouxa, ou desenfreada, pouco importa; acceita-se tudo: ás maiores loucuras, chama-se originalidade; o devaneador é chefe de eschola, e já que não pode brilhar pelo senso commum, contenta-se com o pechisbéque de casa:

Quand on n'a pas ce que l'on aime,
il faut aimer ce que l'on a.

Tens carradas de razão em quanto ponderas, mas reconheço que muito te arriscas, porque, segundo parece, até este Deus tem seu pagode, com os competentes adoradores ou pagodeiros. No L. 4 de varia *Historia da India Oriental* cap. 8, escreve o Padre Fr. João dos Santos, que nas terras do Malabar, de que é senhor o *Çamori*, rei de Calecut, ha um pagode a que em certos dias de festas, acodem uns endiabrados devots, chamados *Amoucos*, e mettem-se pelo meio da gerte, apostados a matar quantos poderem, em honra e louvor do seu nume, até morrerem na contenda, como de ordinario succede depressa, porque, como sua vinda é sabida e esperada, ha muita vigia que lhes sai logo ao encontro, e peleja até dar cabo d'elles; e com esta barbara solemnidade se celebram as festas d'este pagode. Fernão Mendes diz que se untam com o unguent *minhamundy*. Ouço que alguém se anda por ahi minhamundyzando, mas por ora ainda a cousa se reduz a licensos e gonuflexões; e isto é innocente; agora quemem dia de festa, for fazer das suas no pagode, muda o caso de figura.

Continuando pois, direi que o tal capitulinho, a melhor cousa da melhor obra do melhor auctor, objecto dos espantos de espantadiços, tem, nas poucas linhas de que se compõe, outras muitas curiosidades, além das que notaste. Bem as viste certamente, mas não te abaixaste a indicá-las. Permite que eu te apente para algumas d'entre tantas outras:

— « A savana *ondúla* pelas sanças, que figuram as

fluctuações das vagas nesse verde oceano... As ondas se agitam em constante fluctuação etc. »

Onde se viu riqueza mais pobre? *Fluctus* é onda; *fluctuação* é a agitação da onda; *ondular* (se é que existe) significa imitar o movimento da onda. Que eloquencia é esta verbosidade, que está dando em cinco vinténs os trocos dos tostões! Quem diz *fluctuação* tem dito *agitação das ondas*, e exprime-se tristemente quem escreve: « as ondas se agitam em *fluctuação* » • o restante esparralhamento que por ahí fica.

Não era isto que Frederico II chamava a abundancia esteril de Bernis?

— « *A trecho* passa o poldro bravio » Conheço a locução adverbial *a trechos*, significando de tempo a tempo, mas no singular é neologia cá d'este classico.

— « O nauta é atomo envolto n'uma dobra do infinito! » Bravo! o infinito com dobras! e dobras de infinito para envolverem atomos! Que melhor poderia dizer o cirurgião Rozendo, o preclaro fundador da eschola coimbrã? Deixem estar: esta admiravel phrase vai matar, de inveja aos patriarchas da escola. Apenas Henrique IV deu a ultima espadeirada, *n'uma famosa batalha*, escreveu isto ao duque de Crillon: — « Enforca-te, bravo Crillon; combatemos em Arques, e tu não estavas cá... Adeus, bravo Crillon; gosto de ti, a torto e a direito. « Agora o penacho branco substituirá a penna de pavão do mandarinado, e já lá vai ao auctor das *Odes Modernas* este bilhete: « Enforca-te, bravo Q.; envolvi um atomo em dobras do infinito, e tu ficaste a olhar ao signal. . . Adeus, bravo Q.; gosto de ti a torto e a direito. »

— « *A-ambula* immensa tem só duas faces, convexas: o mar e o céu. » Ah qui d'el-rei, bravo Crillon; morde-te e remorde-te. Olha! aqui estou eu dentro, d'um navio vendo duas faces *convexas*! a saber, o céu, que, do ponto d'onde o eu vejo, me parece concavo, e vendo o mar, o qual me parece, que me parece horizontal. Oh bravo Crillon, nem tu, que podes tudo, podeste jamais dizer que uma concavidade e uma horizontalidade, eram duas convexidades; enforca-te! Mas não te enforques ainda; cuidavas que a estupenda brilha-tura ficava por aqui? Qual historia! A barra vai adeante; há melhor: o que rodeia um nauta é uma *ambula immensa*; tal e qual; aquella cousa toda representa uma botija, uma garrafa; a convexidade inferior...

é o mar, que é concavo para baixo; a superior é o céu que tem o bojo para cima; e o gargalo... o gargalo... isso façamos de conta que lá da altura do septe-estrello ascende um tubo muito comprido, que na ultima dobra do infinito vai dar com a imaginação pomposa do *Senio*, servindo-lhe de rolha.

— «Em ambas as faces, a scena é vivaz e palpitante»

Erro em *duplicata*: admittidos que fossem, no figurado, estes adjectivos, nem um nem outro teria a significação que o impávido escriptor aqui applica ás taes *convexidades* concavo-horizontaes.

— «As ondas murmuran: — «Ouviu-as murmurar. D'isto agora é que eu não duvido. Em minha ignorância cuidava eu que só o homem era inclinado á murmuração, mas dou as mãos á palmatoria, e reconheço haver casos em que as monstruosidades são de tal casta que nem as cousas inanimadas podem ter mão em si, que as não censurem! Na *Epistola aos Pissões*, diz Horacio: «N'um consultor da justiça (*consultus juris*), num rabula de demandas (*actor causarum*), mesmo quando em facundia e sciencia (*diserti, nec stit*) esteja infinitamente abaixo de um Z. ou de um L. (*abest Messalæ... quantum Cascellus*), tolera-se-lhe a mediocridade (*mediocris*), e pode dar-se-lhe em paga o preço de 600\$000 rs. que elle exija por una insignificante impugnação de embargos (*tamen in pretio est*); mas mediocridade num auctor! isso não o supportam os homens, nem os deuses, nem as *columnas*!»

Consultus juris et actor

causarum mediocris abest virtute diserti
Messalæ, nec scit, quantum Cascellius Aulus:
sed tamen in pretio est: mediocribus esse poetis
non homines, non di, non concessere columnæ.

Ora estas *columnas* eram os pilares das lojas de livreiro: e por tanto, se os pilares rezingam, não é muito que as ondas murmurem. Está direito.

— «As nuvens *cambiam* a cada instante: ha nellas um *gesto*. » Minha Nossa Senhora! que propria acção do *cambiar*! e que será o *gesto das nuvens*? Responde-me o Crillon que deve ser *gesto nebuloso*; isso então, sim; bem nebulosa é toda essa *rudis indigestaque moles*. Que comparações, meu amigo, que imagens! Faz lembrar um trecho de uma engraçadissima poesia, que

pinta bem a posição em que se collocam esses caçadores de efeitos que levam a vida a atirar-lhes e a falhar :

Pois bem ! vou arrojarme pelo vago
d'essas comparações que a troche-moche
do romantismo o genio cá nos trouxe
que p'ra todas as cousas vão servindo;
e á phantasia as rédeas sacudindo,
irei, bem como um cego;
que as romanticas musas desenvôltas
costumam navegar a velas sôltas.

« —A tela oceanica ressumbra possante vitalidade. »
Esta phrase é inadmissivel : concedendo a paparrotice da tela oceanica, dir-se-hia : « da tela oceanica ressumbra vitalidade » Não é a tela que ressumbra vitalidade, porque ressumbrar não é espremer ou expellir ; é a propria vitalidade que da tella ressumbra, cõa, transluz, surge, apparece, ou emfim se deixa ver fóra do lugar onde estava.

« —Em torno do viandante no pampa, faz-se o vácuo. » Que vácuo é este ? *Non datur vacuum in rerum naturâ.* Que machina pneumatica trabalhou no pampa ? Eu quero crer que vácuo não é vácuo, e sim a idéa sesquipedalizada de solidão ; mas sendo assim, onde a antithese com o que succede ao nauta ? O viandante fica oppresso, por se ver a sós numa grande planicie terrestre, onde os olhos podem medir 5 ou 6 leguas de horizonte em torno, e sente-se muito desoppresso, e muito acompanhado, quando, no plaino equoreo, alongando olhos por um circulo de cem leguas, não avista um ente vivo ! Pois sim.

« —Alluvio de luz. » Certamente : preceitos que mais obrigam ; pedir quem póde mandar. E eis-aqui justamente porque sua filha está muda.

« —Para a furia dos elementos, inventou o Creator as rijezas cadavericas da natureza ; deante da vaga impetuosa, collocou o rochedo etc. » Prometto um ovo cozido a quem desalgaraviar esta embrulhada ; decididamente escrever assim. é dar razão a quem dice ter a palavra sido dada ao homem para que o não entendam ; mas já que nos aventurámos nesta immensa nocturna savana, accendamos um pavio.

Comecemos, antes de tudo, rebaixando Deus á cate-

goria de inventor! Inventar, é dispor da faculdade, eminentemente humana, que leva o bichinho terrestre a achar alguma cousa engenhosa, á força de talento e de imaginação: inventa-se uma arte, uma sciencia, um processo, um systema, uma machina, um meio, um expediente; inventou-se a escripta, a imprensa, a música, a bússola, o barómetro, a polvora (cá esta, não foi o Senio); em todas essas, e quejandas invenções, figura sempre o cérebro humano, tomando por guia a natureza. Tambem o homem inventa um poema, um conto, um Gaúcho, uma astucia, uma fábula, uma calúpnia; inventa, quando convem, um poder pessoal, ou assaltos ao thesouro, denunciados por novos gansos do Capitolio. Mas de tudo isso, quem é o inventor? O homem ou o diabo. Deus a inventar! Invental-o a Elle, se não existisse, sim, deveria o homem, como de Lucano traduziu Voltaire; mas Deus inventor!

Ahi restam dous dos melhores livros de Cicero, sobre a invenção, e nem naquella religião, toda materia, se considerou Jupiter inventor. Não queres ver o Ente Supremo, Conservador de todas as cousas, Pae da Natureza, Eterno architecto, Soberano Motor, Arbitro Perpetuo, o Altissimo, o Ser dos Seres, o Omnipotente, a Fonte unica de toda a intelligencia, que rege com poder e sabedoria, sem limites todas as especies e o universo, o que a uma só voz extrahia do chaos milhões de mundos, o que do seio das trevas mandava á luz que fosse, e a luz era... não vês o Creator exca- vando o espirito para inventar uma pedra, e isto só com a missão de oppôr a uma furia uma rijeza?

Dissequemos mais: « Os rochedos são as rizezas cadavericas da natureza. » Rochedos serem rizezas, era uma definição que ainda estava por dar, e muito intelligente. Mas porque razão serão *rizezas cadavericas*? Como póde o rochedo ser cadaver? Se nos reinos animal e vegetal se nasce, vive e morre, outro tanto não succede ao rochedo: até á consummação dos seculos (a não se darem cataclismos), conservar-se-ha elle tal qual se acha desde a creação; a sua existencia é aquella, aquella a sua rizeza congenita; essa rizeza não é cadaverica, porque o rochedo não morre.

Porque chamará pois o auctor aos rochedos, « rizezas cadavericas da natureza? » Será porque assim como o animal morto enrijece, tambem o rochedo é duro?

Santo Deus, seria a mais estapafurdia das imagens; seria uma comparação de pernas para o ar. Se o cadaver enrija um tanto, ao cadaver fica todavia flexibilidade, molleza relativa; o granito é sempre granito; se pois a comparação é só quanto á dureza, seria talvez toleravel a exaggeração que comparasse o cadaver ao rochedo, mas é eschola coimbrã egualar o rochedo ao cadaver. Estas confrontações do maximo com o mínimo, de Cesar com João Fernandes, tem o mesmo merito que se algum inspirado, para exaltar as magnificencias da natureza, comparasse o Vesuvio com um fogareiro.

—« Passou a borrasca. A savana permanece como foi hontem, como hade ser amanhã, até o dia em que o verme homem corroer essa crosta secular do deserto. » Trocadilho, *amphiguri*, charada ou logogripho, não sei bem classificar isto... que é ode certamente; mas emfim dou de barato, que *intrujo* (quero arvorar-me em mais esperto, que Deus me fez.) Que é esta crosta secular? Ah, já sei; não é ecclesiastica; isso sim; outra accepção não seria propria, por que, em relação á antiguidade, é improprio chamar secular ao que se não conta só por alguns seculos, ao que é coevo da criação. Vamos para deante: Temos pois o *verme homem a corroer a crosta do deserto*: figura-se-me que isto, em portuguez, quer dizer que um dia esse deserto hade ser cultivado ou aproveitado pelo homem, que ahi agricultural ou edificar. Dei com a adivinhação? então só me resta um grande empacho: Se hoje a savana está devastada pelo furacão, como o foi hontem, e como o hade ser amanhã, por que é que o não hade ser mais, senão até o dia em que o homeni nella arar ou construir? como é que o indomito uracão, em vez de derrubar após o tal dia arvores e plantas, ; alacios e choupanas, hade conter os seus furores ante essas obras humanas? Quem hade nesse dia dizer ao vendaval: Pára; té aqui, mais não? Só se fôr o Poder Pessoal.

—« Ao pôr do sol, perde o pampa os toques ardentes da luz meridional. » Aqui entrou collaboração do conego Philippe: *toques ardentes* são uns que geram o mal das vinhas; mas emfim ficamos inteirados de que o sol, quando se põe, não arde tanto como no meio-dia; agora o que importava observar, para gloria deste seculo observador, é que o tal phenomeno estupendo não se dá senão no pampa.

—« As grandes sombras, que não interceptam montes nem selvas... » Quer dizer exactamente o contrario: « As sombras, que nem montes nem selvas interceptam » mas tambem, em gira d'esta casta, tanto é o sentido de deante para traz como de traz para deante; tanto val dar-lhe na cabeça, como na cabeça lhe dar.

—« Ao pôr do sol... a savana figura um vasto lençol desfraldado por sobre a terra. » Nunca a idéa de lençol occorre sem acompanhamento da alvura; por isso, é bem acceita a imagem, ao descreverem-se toalhas de altar, um campo coberto de neve, areas entremeados nas verduras etc., mas de que côr será este lençol, composto de terras, vegetaes e fundos-negros? Ah, já sei: assim como ha mantas de retalhos, será um lençol dos supraditos.

—« ... *ressumbra* tão funda tristeza que *estrange* a alma » Cá temos mais *ressumbramentos* a dous passos de distancia. E quem é em portuguez este senhor *estrange*? será verbo da *estranja*? não tenho a honra.

—« Uma alma pampa » Não parece assim uma alma bamba? Não é onomatopaico? Não gostas d'estes substantivos adjectivados? Não achas aqui muita propriedade na applicação?

—« Tem o quer que seja » ou tem o que quer que seja?

—« Parece que o vasto e *immense* orbe, cerra-se » Conviria neste caso fugir ao emprego de tal verbo; mas, a ter de empregar-se, não se deve dizer « Parece que cerra-se » e sim « Parece que se cerra » Agora lá quanto ao *immense*, já tardava: Temos—pag. 1, a *immensidade* dos mares—a pag. 2, a *immensa* planicie — a pag. 4, a *immensa* planicie, e o *immense* orbe—a pag. 6, *immensa* como a savana— e tudo por hi a flux é uma immensidade de immensos, que demonstram a immensa sciencia de Senio na arte de escrever.

Basta, basta! Um capitulosinho de 120 linhas de letra garrafal, apontado como a melhor cousa e portico da obra, deu margem para a tua carta magnifica, e deixou-me estes sobejos, ficando ainda intacta materia para outras tantas observações.

Tens pois razão ás carradas, repito. Eis-ahi as bulhas com que certos escriptores se collocam a si mesmos em nichos no pantheon litterario. Tambem os phariseos affectavam ser nimiamente severos, pagavam o di-

zimo, e ostentavam observar as cerimoniaes da lei; mas acharam quem lhes desmascarasse o orgulho e a hypocrisia, e os expulsasse, Deus sabe como, do templo. Tomaram elles continuar a ter fôrça para condemnar ao supplicio da cruz.

Teo leal amigo

CINCINNATO.

Necessidade da associação catholica

PROPOSTA DE S. EX. O SR. DUQUE DE SALDANHA.

Atravessam as sociedades uma crise que não parece passa geira, e a arvore da civilisação apodrece pela raiz. Os leaes pensadores, encarando a situação aterradora, estudam o mal e o remedio. Muitos dos bem intencionados persuadem-se de que a humanidade precisa novamente retemperar-se na religião, origem de toda a liberdade, egualdade e progresso, e estrada real das vidas transitoria e perenne. O Sr. Duque de Saldanha, tão sincero e illustrado crente, como é, soldado valente, eximio patriota, e intelligencia de esfera superior, acaba de consagrar suas vigalias a assumpto de tanto momento, e de lembrar providencias praticas, que S. Ex. justifica, n'um importante escripto, que julgamos util publicar; e é do teor seguinte :

A ordem permanente de que os povos necessitam para que a sua felicidade seja constante, deve resultar do acôrdo harmonico entre a auctoridade e a liberdade, que só dimana do Catholicismo, e fóra do qual nem uma nem outra se accommodam á justiça, á moral. e ao verdadeiro progresso das sociedades.

A legitima liberdade do homem tem por limite o respeito do direito alheio; não se funda, por certo, neste principio de eterna verdade qualquer providencia que tenha por fim o coarctar essa liberdade, isto é, a ordem não deve resultar necessariamente do emprego unico da repressão.

O acôrdo da liberdade com a auctoridade deve por isso nascer principalmente da circumstancia, que a obediencia resulte da convicção de que o superior só deseja o bem do inferior; da circumstancia de que este se reconheça como tal; e da convicção de que o superior está prompto a tudo sacrificar, até a propria vida, onde tanto se exija, para assegurar ao inferior o gôzo de seu direito e a sua felicidade.

Em um estado tão elevado, a persuasão e o sentimento do respeito que o superior inspira a todos os espiritos de bastante elevação para receberem a in-

fluencia de uma natureza eminente, serão os mais poderosos sustentáculos da auctoridade.

O superior será, como Nosso Senhor Jesus Christo, o servo dos servos, pois que a sua unica preocupação será a felicidade de seus subordinados.

Tal caridade, tal abnegação, só pôde nascer nos corações, que tenham por exemplo o amor e o respeito que o Mestre tinha á liberdade dos homens.

E' comtudo evidente que uma jerarchia inferior, como é um poder politico, não poderá fazer abstracção absoluta da força coerciva, mas só a empregará quando veja que o homem se perde no caminho que segue, e obrará então como a mãe carinhosa que retira o filhinho da borda do precipicio em que ia despenhar-se.

A necessidade do emprego da força coerciva será tanto menos frequente quanto a jerarchia for de ordem mais elevada. Esta jerarchia será tanto mais elevada quanto mais o Catholicismo dominar no coração do homem.

Nenhuma fórmula de governo é incompativel com o Catholicismo. A republica christã é bem preferivel á monarchia atheista.

O governo representativo, no seu sentido genuino, assegura a todas as classes igual justiça; o liberalismo, como hoje o preconizam e como a experiencia tem mostrado, é a mais completa perversão de uma verdadeira e nobre theoria.

O liberalismo, como hoje o proclamam, traz consigo o germen da sua dissolução, e, se chegasse a dominar, não poderia resistir, não poderia sobreviver aos conflictos sociaes e politicos que continuamente suscita.

No liberalismo a base fundamental, a unica medida por que se afere o direito, é a vontade das maiorias numericas, substituindo em politica, como o racionalismo em religião, o querer do homem ao querer de Deus.

O desenvolvimento deste principio, a sua conclusão logica, é a guerra das classes, que uma tal theoria infallivelmente traz consigo, guerra que afinal necessariamente faria succumbir o liberalismo, para dar logar ao communismo, que é o seu successor natural.

(*Continúa*.)

QUESTÕES DO DIA

N. 10

RIO DE JANEIRO 30 DE SEPTEMBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs E. & H. Laemmert.— Praça da Constituição, Loja do canto.—Livraria Academica, Rua de S. Jose n. 119— Largo do Paço n. 12 C.— Rua de Gonçalves Dias n. 79. — Preço 200 reis.

Abolição da escravidão.

Raiou finalmente o dia grande da emancipação da raça humana. Nos fastos do Brazil inscreve-se, com letras de ouro, a data memoranda— 28 de Setembro, —em que a lei coroou as mais santas aspirações da humanidade. Desde este dia, ninguém mais no mundo nasce escravo : a liberdade é desde hoje apanagio universal ; direito, tão incontestado como já era incontestavel, de todo o genero humano. E' esta a aurora da verdadeira independencia, autonomia, dignidade da creatura racional, fadada a altos destinos.

Ainda ahi fica uma turba de miseros innocentes, para quem não pôde soar o dôce nome. Curve-se o sentimento ante a razão politica ; ceda o coração á intelligencia ; respeitem-se as raias do possível ; Hercules gravára nas suas columnas : *Até aqui ! mais não !* Chegámos até essas columnas. Se as ultrapassássemos, no reverso da columna de Calpe, leríamos *desorganisação* ; da de Abyla, *anarchia*. Não se pôde, não se deve navegar para mais longe.

Agora, mui outros são os deveres, mui outros os interesses dos cidadãos. Se até hontem, em quanto se tratava de direito constituendo, eram naturalmente explicaveis as dissidencias até apaixonadas, os esforços até irregulares, de ora avante, constituído como se acha o direito novo, ninguém terá interesse em contrariar, na prática, a mais suave realisação do grande pensamento. Agora, a todos e cada um de nós, compete a sua missão.

Para o Governo, abre-se estadio novo. Concluiu gloriosamente a mais brilhante campanha ; mas se Alcides esmagava serpente; no berço, tinha na sua virilidade

de emprender trabalhos de maior magnitude ; são esses os que de ora avante o devem desvelar ; só o enumeral-os, assoberbaria o pensamento.

O Poder Legislativo tem de presidir, com disposições adequadas, á transformação social porque vamos passar; tem de providenciar harmonicamente sobre muitos pontos, da sua alçada, que prendem com o futuro remoto e proximo.

Os senhores de escravos, conhecedores dos direitos que a lei lhes consagra, serão os máis prestimosos e desvelados auxiliares della; como utilissimos membros da comunidade, esforçar-se-hão por facilitar a solução do problema; como caridosos e christãos, concordarão em ver nos seus operarios entes dotados de alma, e dignos da sua misericordia; como illustrados mantenedores de seus proprios interesses, tratarão com carinho, alimentarão, vestirão bem os infelizes que sorte adversa ainda conserva em captiveiro, e darão a possível ventura a esses instrumentos da sua prosperidade; como previdentes, applicar-se-hão a melhorar o systema do trabalho, a aproveitar mais as forças, e a dispor as cousas para os milagres originados do regimen da liberdade.

Finalmente os politicos não se dividirão mais entre vencedores e vencidos, como no senado e na imprensa se confundiram patrioticamente os votos de conservadores e liberaes. Por maior que a divergencia fosse, esperemos que, resolvida por lei esta base social, só de ora avante surja entre as illustrações do paiz emulação, mas no sentido de depôr no altar da patria resentimentos sem alcance, e de enfeixar idéas e esforços para que a gradual emancipação se vá effectuando pacificamente, e com o maximo respeito a todos os interesses que na questãe se achão envolvidos. Oxalá!

O diade 28 Setembro deverá ser considerado como o primeiro dia de gala d'este Imperio.

Necessidade da associação catholica

PROPOSTA DE S. Ex. o SR. DUQUE DE SALDANHA.

(Conclusão.)

Sendo a vontade das maiorias o unico fundamento de todos os direitos, estabelecendo o liberalismo que não ha direito absoluto ou verdade no mundo que não esteja subordinada á voz do maior numero, segue-se

que a unica regra a que o homem deve obedecer é á tal voz do maior numero.

E esta vontade suprema póde não se contentar com atacar as monarchias, abolir a religião ; mas, destruindo a suprema unica sanccção sobre que até agora se fundava a ordem social, póde ir ávante, e declarar que a propriedade é roubo, a fé superstição, a virtude utopia e crime. E quem lhe resistirá ? Neste imperio absoluto e despotico, nesta lei suprema e unica do liberalismo, o que é que o homem poderá considerar como seguro, de tudo quanto possui ? Em face do movimento geral que chegaria, logo que o liberalismo conseguisse infiltrar nas massas populares (para o que emprega todos os meios) o atheismo e a desconsideração para com tudo que é auctoridade, os corypheos de tão atroz desmoralisação seriam, elles mesmos, victimas, e receberiam dos seus adeptos a recompensa da sua obra infernal.

Porém, não obstante os esforços empregados, e apparentes triumphos obtidos, o liberalismo, cujo natural herdeiro é, como dissemos, o communismo, está muito longe de occupar no mundo o lugar que suppõe ter conseguido no espirito e no coração dos povos christãos da Europa.

A christandade, a igreja catholica, conta entre os seus fieis muitos e muitos nobres intellectos, a mais elevada litteratura, e vastas mós de christãos que, no dia da provação, estarão promptos para defender quanto ha sagrado no mundo.

Os inimigos de Deus, da religião revelada, e de todas as religiões, portanto da sociedade, para conseguirem seus fins diabolicos, têm buscado a força nas sociedades secretas. Porque motivo não buscaremos nós, os catholicos, em associações publicas e n'uma união catholica, a força para frustrar aquellas cavililações infernaes ?

Auctoridade e liberdade, são principios sobre que se firma a ordem moral do mundo. E' necessario não sacrificar uma á outra.

Foi pela sua corajosa firmeza, abnegação, e independencia ante o poder absoluto dos tyrannos, que o christianismo reivindicou a liberdade de consciencia, e sobre ella fundou seu dominio, estabelecendo essa harmonia divina, que faz da obediencia condição da liberdade, e da justiça lei superior a toda a auctoridade.

No mundo romano então ninguem fazia resistencia ;

abandonada toda a idéa de liberdade, só havia a mais abjecta submissão a todas as oppressões. Foram os christãos que levantaram, com o da verdade, o estandarte do direito, e portanto a resistencia legitima, mas passiva, na abnegação e na caridade, a quanto podesse feir ou offender aquelles principios.

Duas expressões ou maximas levaram a revolução franceza em volta do mundo : « Os direitos do homem, » e as palavras « liberdade, igualdade e fraternidade. » Dellas sahiram bens e males, progressos e ruinas dos nossos tempos e de um futuro desconhecido.

Tudo quanto ha bom e verdadeiro nestas maximas é christão e foi proclamado peio christianismo, que repelle e condemna tudo quanto nellas ha funesto e falso. E não só nesta assustadora e terrivel confusão o christianismo proclama o bem e condemna o mal em principio, mas só elle na realidade tem a auctoridade e a força moral necessarias para domar e submeter o mal, sem que o bem desapareça na lucta; e isto só pela razão de que a verdade e o direito não perecem; e o christianismo é o triumpho glorioso destes deus principios, eternos porque vem de Deus, e sobre os quaes se funda a justiça e o amor, symbolisados na auctoridade e na lei.

Com muita razão nos ufanamos hoje de termos chegado a considerar o homem, o individuo, a sua existencia, a sua liberdade pessoal, os direitos, como o fim essencial do estado social. *Sahimos do profundo sulco da antiguidade pagã, que subordinava e sacrificava o individuo ao estado, e abaixava e annullava diante de uma classe milhares de creaturas humanas. Desappareceram as raças; o mundo não se compõe de romanos e de barbaros, de homens livres e de escravos.*

Foi o christianismo não só o primeiro que proclamou esse principio, mas que poz em pratica essa verdade superior. O direito do homem, o valor da alma humana independentemente de toda a situação exterior, é o ponto de partida, a idéa fundamental, o preceito dominante da religião christã. Foi, sem a menor duvida, na sociedade religiosa, na igreja christã nascente, que este principio foi desde logo e pela primeira vez proclamado e posto em pratica, e por ella posteriormente seguido com o escrupulo e exactidão que só pertence a quem leva por guia a inspiração divina.

As relações do homem para com Deus e para com os

outros homens são, pelo christianismo, o primeiro e o mais importante negocio da vida humana. E' perante Deus que os christãos reconhecem, e unicamente existe, igual a importancia das almas; são os christãos que entre si se dão o nome de irmãos; e d'esta fraternidade dimana a caridade, que é a sua principal força social. A idéa christã, tão poderosa como fecunda, mantem-se, espalha-se atravez dos seculos e dos espaços, não obstantes todos os obstaculos.

Jesus Christo, Deus e homem, rehabilitou o homem diante de Deus, e o homem nunca mais se deixou humilhar e abater diante da tyrannia humana. Em presença das desigualdades terrestres mais poderosas, o nome de irmão nunca deixou de ouvir-se nas sociedades christãs. E hoje mesmo, depois de todos os progressos da pretendida igualdade na sociedade civil, é ainda unicamente na sociedade religiosa, nas igrejas christãs, que os homens ouvem chamar-se, tratar-se e em tudo considerar-se, irmãos.

A paixão dos nossos dias é o desejo de liberdade e igualdade, n'uns intelligente e honesta. n'outros desregrada e cega. Esta paixão algumas vezes desenvolve a sua força por meio de revoluções, outras vezes desvanece-se, e murcha nas reacções movidas pelos excessos que as revoluções trazem consigo.

A liberdade do homem e a sua responsabilidade moral é o que dá ao ser humano, a todo o ser humano, o seu valor; é porque o homem conhece e accredita essencialmente na distincção do bem e do mal, e na obrigação que esse conhecimento lhe impõe de os seguir ou rejeitar; é pelo uso que faz dessa liberdade, e porque tal é a natureza do homem, que elle a reconheça ou não, que o Evangelho o colloca tão elevado, e lhe annuncia tão sublimes destinos. Os philosophos tem feito grandes esforços para resolver o problema da liberdade humana, em vista da presciencia divina; o Evangelho reconhece e proclama a liberdade humana, sem lhe importar com o problema da philosophia; é sobre o facto que o homem é um ser livre e responsavel que se firma a religião de Jesus Christo. Convem contudo não confundir esta liberdade intima da vontade, regulada pelas leis da consciencia e da fé, com a liberdade externa de nossos actos, restricta pelas leis civis, e sociaes; embora ambas constituam o principio genérico da liberdade christã, aquella respeita ao livre

arbitrio do homem perante Deus, esta aos direitos de sua acção entre os mais homens.

Em todo o caso, a liberdade é o ponto de partida de tudo o que o christianismo diz e ordena á humanidade.

E' pois o christianismo essencialmente liberal, em proveito e utilidade de todos os homens, e, pela sua noção primeira e fundamental da natureza humana, dá á liberdade a base mais solida, e o mais amplo direito que a perfeição do pensamento humano póde conceber. Tudo quanto os mais atrevidos publicistas teem escripto está muito longe de elevar a dignidade nativa e universal do homem á altura que lhe marca o Evangelho.

O christianismo, fundando a liberdade christã, deu-lhe ao mesmo tempo a sancção prática que lhe era necessaria, estabelecendo o jus de resistir com a verdade, com o direito, e pela obediencia que lhes é devida, á oppressão e á tyrannia do erro. « Julgae vós « mesmos, se é justo diante de Deus obedecer-vos primeiro que a Deus (1), » responderam S. Pedro e S. João aos sacrificadores e chefes da synagoga, quando estes lhes prohibiram de ensinar em nome de Jesus. E ás instancias dos mesmos, S. Pedro responde (2) : « Primeiro está obedecer a Deus que aos homens.»

Mas, ao mesmo tempo que o christianismo afirma e proclama a liberdade, proclama e afirma igualmente a auctoridade e os seus direitos. « Dae a Cesar o que é « de Cesar, dae a Deus o que é de Deus, » respondeu Jesus Christo aos Phariseos, que lhe perguntaram se era ou não permittido pagar os tributos a Cesar. S. Paulo recommenda (3) a Tito que ensine os Cretenses a serem submissos aos principes e ás auctoridades, e a obedecer á sua voz. O respeito á auctoridade constituída, seja em quem fôr, pagão ou heretico, é preceito da liberdade christã (4), que em tudo só vê a vontade e lei de Deus, seu unico limite.

Duas são as causas das desgraças dos tempos em que vivemos, causas que deploram todos os homens de espirito elevado, todos aquelles que sinceramente desejam o bem da humanidade, catholicos como pro-

(1) Actos dos Apostolos, cap. iv. e v.

(2) Actos dos Apostolos, cap. vii.

(3) S. Paulo a Tito, cap. iii.

(4) Ibid. ; a Tim : cap. vi, etc ; S. Jeron. Comment.

testantes, conservadores como progressistas. Estas causas são, a preponderancia dos interesses materiaes, a sêde dos gosos physicos e vulgares, e os habitos do egoismo e da molleza, que d'hi resultam. Mas, infelizmente, mesmo entre os homens esclarecidos e bons que conhecem, e que sinceramente se affligem pelo máo estado das nossas sociedades, ha grande numero que não avalia toda a grandeza do mal, nem o tremendo e horrivel resultado. que infallivelmente virá, se não se remediarem as causas que hoje tão efficaçmente corroem as ditas nossas sociedades.

O individuo, o povo, que quer ser livre, que quer que a liberdade de que gosa seja tambem herança de seus filhos e netos, necessita, é-lhe absolutamente preciso, que não esteja, com exclusão de tudo mais, preoccupado só do seu bem-estar material e da satisfacção dos seus desejos pessoaes. É contra o egoismo e contra o epicurismo que deve estar prevenido. O epicurista grosseiro ou delicado difficilmente se resigna a empregar esforços, a fazer sacrificios, e facilmente se contenta, com tanto que possa ter a certeza de satisfazer prazeres a seu sabor. O mesmo egoismo prudente e pouco exigente é paixão fria e esteril, que só domina enervando e rebaixando a natureza humana. A verdadeira liberdade, a sua duração, exige costumes mais vigorosos, aspirações mais elevadas, resistencias mais fortes, estado de alma, no qual a sympathia moral e o desinteresse occupem grande logar.

Eis-aqui o que o christianismo, e só o christianismo póde dar á moderna sociedade, e que tanta falta lhe faz. Ensina aos grandes e pequenos, aos ricos e pobres, a não fazer consistir toda a sua vida nas satisfacções materiaes; chama o homem a regiões mais elevadas, e, ao mesmo tempo que lhe inspira ambições mais puras, faz raiar, para elle mesmo e pelo caminho da felicidade, as mais bellas esperanças. Poderoso ou humilde, ostentoso ou modesto, o christão não faz consistir na vã panacéa da *politica* a sua preocupação exclusiva, o seu unico movel: tanto pelo que lhe diz respeito, como para com os seus semelhantes, tem outro fim que attingir, outras leis para cumprir, outros sentimentos para manifestar e satisfazer; não póde ser, nem egoista, nem epicurista.

Tal é a primeira e a maior utilidade que as sociedades hoje aspirantes á liberdade podem receber

do christianismo, do qual as tem progressivamente afastado a cegueira das ambições, e os erros da ignorancia. A segunda não é menos importante. A liberdade traz sempre consigo boa porção de licença.

É sonho julgar que podemos gosar dos beneficios de uma, sem correr o risco dos inconvenientes da outra. É tambem sonho pensar que com leis penaes, com tribunaes e agentes de policia, se pôde efficaz e convenientemente reprimir a licença. A repressão legal e material é necessaria, mas é insufficiente; n'esta lucta necessita-se de alguma cousa mais que processos e castigos. Contra a licença, que a liberdade infallivelmente traz consigo, é indispensavel a prevenção moral e espontanea, a influencia do bom estado dos espiritos e dos costumes.

Duas cousas estão hoje fóra de toda a dúvida :

1^a. Em paiz livre, não é possivel reprimir completamente a licença, como no governo absoluto e despotico se não podem prevenir demasias e funestos abusos do poder.

2^a. Só as forças moraes e preventivas da sociedade podem pôr os governos e os povos em estado de supportar a parte da licença que não é possivel supprimir.

O christianismo importa a mais efficaz, a mais popular e a mais provada d'essas forças, que elle exerce como principio e como meio. Como principio mantem á auctoridade o seu direito e a sua dignidade sem a humilhar diante da liberdade que lhe põe por limite, da qual elle tambem reconhece e reclama o direito, restricto á obediencia e á caridade. Como meio, o christianismo inspira aos homens um sentimento indispensavel á auctoridade, o respeito. A falta de respeito é o maior perigo que ameaça a auctoridade, que soffre muito mais do vilipendio que da aggressão. Atacar e aviltar systematicamente a auctoridade, insultal-a sem cessar, é o que têm sempre em vista os seus ardentes inimigos, que a isso dão falsamente o nome de liberdade, consistente só em guerra infatigavel á moral e á fé christã, e por isso aos principios e ás instituições catholicas, que são guarda e deposito sagrado dos thesouros do christianismo.

Não se pôde negar que nas sociedades christãs tambem ha licenciosos, insolentes, turbulentos, como nas outras; mas as leis, as crenças e costumes christãos suscitam e martem nas turbas populares, como

nas regiões elevadas, o dominio da consciencia formada no temor de Deus, no amor do proximo, e no conhecimento da verdade; o que torna respeitosa amigos da ordem legal e moral, homens a quem o insulto e a licença aborrece tanto quanto os assusta, e que, usando da liberdade que tambem lhes pertence, recorrem ás maximas e ás armas que a mesma liberdade lhes fornece para combater abusos que a viciam e destroem.

Dá-nos a historia a este respeito os mais conclusivos exemplos. Os povos christãos são os *unicos* que a licença não tem definitivamente levado á anarchia ou ao despotismo; *unicos* que por muitas vezes e por salutaes reacções têm atravessado taes perigos, sem succumbir moral ou politicamente aos excessos do poder e aos excessos da liberdade. Afastando-se do christianismo, as sociedades cedem ao principio de morte que se manifestou em quantas se formaram fóra da luz da verdade e da fé. Nem os estados do antigo paganismo, nem os do oriente boudhista ou musulmano puderam resistir áquelles excessos. Tiveram dias de vida e de gloria; mas quando a peste da liberdade ou da tyrannia os atacou, succumbiram para nunca mais se levantarem. Gloria e honra á religião christã, que em si tem os meios de curar as sociedades das suas moléstias como aos individuos de seus desvios, e que nas suas crenças e sentimentos tem já mais de uma vez fornecido, aos amigos da ordem, e aos amigos da verdadeira liberdade, asylo nos seus revezes, abrigo contra perseguições, e meios e forças de readquirir para a felicidade dos povos o perdido pelas invasões barbaras do erro, e da revolução.

A exposição que precede apresenta as considerações pelas quaes o abaixo assignado (que por misericordia de Deus teve a ventura de nascer no seio do catholicismo, entre um povo catholico, e que está prompto a derramar o seu sangue na sustentação de todas as verdades da sua religião, que prompto está tambem a expor a vida, quando seja necessario, para que os seus concidadãos conservem as liberdades de que gozam) deseja ver estabelecida uma associação catholica, que, fortalecendo a união nacional nas crenças e na fé, e dando impulso á verdadeira prosperidade da patria, tenha por objecto os meios de tanto conseguir, como são a gloria de Deus e a prosperidade da igreja, e o tra-

balhar para que haja uma verdadeira representação nacional.

Londres, 1871.

Duque de Saldanha.

Cincinnato a Sempronio

Obras de Senio—O Gaúcho

(*Cartas a um amigo*).

V.

Meu amigo.

No que fica apontado até aqui ha sufficiente material para se basear um juizo ácêrca do *Gaúcho*. Permite-me, porém, não concluir sem te chamar a attenção para uns pedacitos não menos preciosos, cuja apreciação mais detida deixo inteiramente á conta do bom senso, que te adorna.

Em seu capitulo intitulado *O Pdreo*, diz o *Gaúcho*.

« Para ter geito de mon'ar, affrouxou o paraguayo o ião, que prendia os quartos do animal (a *morena*) ao tronco; e ajustando as rédeas, pôz o pé na soleira do estribo.

« Immediatamente aos olhos dos campeiros attónitos passou uma *cousa* subitânea, confusa, *estrepitosa*; uma especie de turbilhão, para o qual só ha um termo proprio; foi uma erupção. »

E adeante:

« Retrahiu-se o flanco sobre os quadris agachados, emquanto a tábua do pescoço arqueou, dobrando a cabeça ao peito entumecido. De súbito, esse corpo que se fizera bomba, estourou. »

De que especie seria essa *erupção estrepitosa* que mais abaixo *estourou*? Aqui ha malicia.

No capitulo seguinte:

« Suspensa na ponta dos rijos cascós, longos e *delgados*, de cabeça *levantada*, cruzando a ponta das orelhas finas e *canuladas*, com o pello *erriçado* (*ados, ada, adas, adol!*) e a cauda opulenta a espasmar-se pelos rins, parecia, etc. »

Os cavallos no *Gaúcho* têm um singular caracteristico: arripiam-se como fazem os gatos e os cães.

Nunca ouvi dizer, meu amigo, que cavallo *erricasse* o pélo ao sentir uma commoção, por mais intensa que fosse, em condição nenhuma.

Mas com que se parecia a egua assim *erricada* ?

Ao leres esse pomposo laço, calculado para dar idéa do estado de excitação da egua, e quando o auctor, proximo de terminar, diz que o animal *parecia...* não suppozeste, meu amigo, que a *morena* ia ser comparada com um animal legendario, de grandiosos impetos, animal imponente pela força, pela fereza, pelo animo descommunal? Illusão, que rapido se desvanece! A *morena parecia... o animal prestes a desferir a corrida veloz*. Um animal era *morena*, e estava prestes a galopar. Para que preveniu *Senio* o espirito do leitor, fazendo-o depois cahir das nuvens ?

No capitulo subsequente :

« Havia entre o Gaúcho e os cavallos verdadeiras relações sociaes. Alguns faziam parte de sua familia; outros eram seus amigos; aos mais tratava-os como camaradas e simples conhecidos. »

Canho tinha dêdo para as *hierarchias*.

« Com os *irmãos e amigos* vivia em perfeita intimidade; consentia que lhe roçassem a cabeça pelo hombro, ou lambessem-lhe a face. »

Já ouvistes dizer algures que algum cavallo *lambesse a face* a alguém, assim a modo da vacca que lambe o filho ?

« Muitas vezes comiam em sua mão; andavam constantemente sôltos; não havia cabresto, nem soga para elles; eram corseis livres. »

Grande novidade. Um cavallo comer na mão! Quanto *a andarem* constantemente sôltos, não andam elles de outro modo na campanha, a não ser algum *parelheiro* de grande estimação.

« Aos camaradas não consentia o Gaúcho aquellas familiaridades; ao contrario os tratava com certa reserva. Saudavam-se pela manhã ao despontar do dia; e á noite, na occasião de recolher. »

Assim devia fazer quem era tão zeloso observador das distancias sociaes

« Commumente se encontravam na hora da ração: comiam juntos, os brutos no embornal, o homem na palangana. »

Tem lá palangana, um Gaúcho, que come o churasco com o punhado de farinha, e muitas vezes a carne à escoteira ?

« Na opinião de Manoel, o cavallo e o homem contrahiam obrigação reciproca; o cavallo de servir e transportar o homem; o homem de nutrir e defender o cavallo. »

Isto não é só na opinião do Canho; todo o senhor conhece o dever, que tem, por proprio *interesse*, de nutrir e defender seu animal.

« Não passava elle por um logar onde visse um cavallo enfermo ou estropeado que se não apeasse, *fosse embora com pressa*, para o socorrer. Sangrava-o, se era preciso: cauterisava-lhe as feridas, etc. »

Teriam muito que esperar os cavallos que um gaúcho siquer do Rio Grande, á excepção do Canho, tivesse para elles taes atensões.

« Tinha comprado alguns cavallos que os donos arrebatavam de mau tracto, *unicamente* para lhes dar *repouso* e assegurar-lhes velhice socegada. »

As justiças do municipio deviam dar um curador a Canho, como o prodigo, nos termos da Ordenação.

« Não via o Canho castigarem barbaramente um animal, sem tomar o partido deste. »

Esta *humanidade* não constitue uma especialidade do heróe de *Senio*. Geralmente fica-se indignado, ao testemunhar espectaculos brutaes. E os jornalistas uma hora por outra estão ahí a clamar contra os carroceiros que castigam immoderadamente seus animaes.

« Por isso affirmavam que era elle o gaúcho mais popular entre os quadrupedes habitantes das verdes coxilhas. »

Cabem aqui os versos :

« Que cavallos tão *bregueiros*,
E que Canhos tão *sendeiros* ! »

Continúa *Senio* :

« Em qualquer ponto onde estivesse, precisando de um cavallo, não carcia de o apanhar a laço; *bastava-lhe um signal e logo apparecia o magote alegre* a festejal-o, *offerecendo-se para seu serviço*. O trabalho era escolher e arredar os outros, pois todos queriam prestar-se, como seus *amigos* que eram, uns por gratidão, outros por *sympathia*. »

De semelhante popularidade só o Canho se poderia lisongear na campanha com effeito! E o trabalho na escolha havia de ser coisa de dar o vão pela barba. E se todos os magotes eram assim compostos de *amigos* por *sympathia* e por gratidão, onde estavam os *simples conhecidos*, aquelles a quem apenas saudava pela manhã e à noite, e que tratava com *certa reserva*? Ah! *Senio, quæ te dementia capit*?!

« Quando partia, o acompanhavam, algumas quadras curveteando a seu lado, como demonstração de amizade. Afinal paravam para *segui-lo* com a *vista*, até que sumia-se por detraz das coxilhas. »

« Taes eram os contos, que referia a gente da Campanha (Bellos contos, não ha duvida) Verdadeiros ou não, todos nelles acreditavam (que gente credula!); e até apontavam-se *peossos*.

que tinham sido testemunhas dos factos » (*Senio* estará contemplado neste numero? Duvido.)

Apezar de ter pressa de concluir este juizo, consente que eu faça ainda por ultimo umas ligeiras observações, em ordem a firmar mais a critica.

D'onde vinha o odio do Manoel Canho á especie humana e até á sua *propria familia*, ou mais particularmente á sua *propria mãe*? De haver esta casado segunda vez. Parece incrível que quem tinha tão *bom coração*, tivesse tão máos bofes.

Digam-me o que me disserem : o Canho é uma triste concepção de *Senio*. Por mais que este se haja estendido e esbaforido por justificar o repugnante aleijão, tanto peor; cada vez o monstro mais se accentua e caracteriza.

A historia das segundas núpcias, senão a origem do tremendo odio, conta-se em poucas palavras :

Um negociante do Alegrête, Loureiro, perseguido por castelhanos, refugiou-se em casa de João Canho, pae do Manoel. Os castelhanos não respeitaram a casa, e depois de defeza renhida, e por uma traição, succede ser assassinado o João, emquanto o Loureiro escapava em fuga, a unhas de cavallo.

A noticia da morte de João chegou a Loureiro, que se penalizou em extremo com aquella desgraça de que elle fôra causa. Lembrou-se da viuva, que ficara ao desamparo com dous filhos menores; e sentiu-se obrigado a *amparar a familia orphan*. Estás vendo, meu amigo, que o Loureiro não era um máo proximo, cujo consorcio com Francisca, a viuva, se devesse reputar uma desgraça ou um aviltamento para a familia. Portanto não procede o ressentimento do Manoel, a não haver outra razão.

Loureiro diz a Francisca estas textuaes expressões:

— Fui eu, sem querer, a causa da desgraça que a senhora soffreu, perdendo seu marido. Si pudesse restituil-o, sem duvida que o faria. Não podendo, faço quanto está em mim, offereço-lhe, para o substituir, outro que ha de estimal-a tanto ou mais.

A uma amiga de Francisca, que affirmára ao Manoel ser verdade o casamento, atirára-se elle com furor, rasgando-lhe a roupa e arranhando-lhe o rosto com as unhas. O Canhinho era onça !

Um dia, em que Loureiro passeava pelo campo, o Manoel se lhe apresenta trazendo empunhada a faca

do Canho (pae). Pergunta-lhe o noivo, *receiando que o travesso menino viesse a ser victima da arma :*

— Para que é esta faca, Manoel ?

— Para te matar.

— A mim ? Que mal lhe fiz eu, meu filho ?

— Não sou teu filho ! gritou a criança, querendo ferir.

Sabendo Francisca do occorrido, quiz castigar o filho, e o faria *sem a intervenção* de Loureiro, que em face de taes circumstancias teve *escrúpulos e receios* de contrahir o casamento. Vae sempre notando, meu amigo, que não tendo o Loureiro um máo caracter, mas revelando até ser homem de senso, generoso, compadecido, sensível e humano, nada justifica o odio do menino, e muito menos o de *Senio*, para dar-lhe tão desastroso fim, qual o de morrer de uma queda do murzello, cavallo que fôra do Canho velho. O murzello, senhor das intenções, do odio do menino, jurou tambem auxiliá-lo em sua gratuita vingança; e com effeito dá com o negociante no chão, e corre para Manoel, *saltando e gine-teando de contente*, por ter desempenhado o seu papel com tal successo.

Vejamos agora, não já o menino, porém o homem a tomar a vingança do assassino do pae, e revelando um gráu de perversidade admiravel e rara. E' galante o modo como *Senio* pretende justificar o Manoel. Reproduce as palavras :

« O gaúcho não tinha odio ao Barreda (o assassino do velho.) A vingança da morte do pae não era para sua alma a satisfação de um profundo rancor ; mas o *simples cumprimento de um dever*. Elle obedecia a uma intimação que recebêra do *céo* (o *céo* mandando matar gente !) ; á ordem d'aquelle que sempre tinha presente á sua memoria. E obedecia friamente, com a calma e impassibilidade do juiz, que pune em *observancia da lei*. » (E' boa !)

Depois da renhida lucta entre o Manoel e o Barreda, correu este a refugiar-se em casa, onde sua mulher chorava ; mas não o conseguiu porque seu contendor atirou-lhe as bolas, e o inimigo cahiu. O que seguesão textuaes palavras de *Senio* :

« — Pede perdão a Deus, que chegou tua hora.

« A mulher do Barreda prostrava-se n'esse momento aos pés de Manoel, implorando compaixão para o marido. *Riu-se o gaúcho com dureza e escarneo* :

« — Virá outro marido para a consolar.

« Arredando a desgraçada mulher, *chegou o ferro da lança aos olhos do castelhano*.

« Conheces ?... E' a lança com que ha doze annos feriste meu

pae á traição Eu jurei que havia de craval-a em teu coração, mas depois de vencer-te em combate leal.

« Com uma *calma feroz*, *espelou* o ferro da lança no *corpo* do assassino de seu pae, atravessando-lhe o coração, como faria com uma folha secca.

« Murzello, que se conservava immovel ao lado durante esta scena, *avançou* a um signal do senhor, *pisou com a pata a face contrahida* do moribundo, que ainda estremeceu ante essa *deradeira affronta*.

« Em quanto a victima se debateu nas vascas da agonia, Manoel *a contemplou friamente*. Quando se apagou o ultimo vislumbre de vida, se afastou sem *lançar um olhar de compaixão á mulher desmaiada*. »

Que tinha a pobre mulher com o crime de seu marido, para não inspirar compaixão a um coração tão *sensivel* como o do Manoel ? si Canho, depois de haver perpetrado a sua vingança, se voltasse para a viuva, compadecido d'ella, daria, sim, prova de coherencia com o tal *simples* cumprimento do seu *dever*; e tanto mais quanto já uma vez, tendo elle vindo para matar o Barreda e achando-o doente, medicou-o e tratou-o, posto que para tomar uma desforra mais cynica e solemne. Como tudo isto é edificante; não é, meu amigo ?

Mas ainda não é tudo. De repente ouve o Manoel o rincho da morena seguido da detonação de um tiro. O tiro fora disparado contra Manoel por um negro da estancia, onde o Barreda era capataz. A morena, que estava *contemplando* de longe a scena do combate, *presentira* que a *pontaria*, feita pelo pião, *ameaçava a existencia de seu amigo*, e disparára como uma bala, e, passando por junto do negro, desfechara-lhe nas costas um couce que o atirára sobre a macega! Ouvindo o nitrido, Manoel *adivinhou ás primeiras notas* o sossobro do temor e a angustia, *pela tremula vibração da voz*, sempre limpida e argentina.

Em face de taes cousas, pergunto-te, sem a menor intenção hostil para com o auctor, que posso dizer que estimo, admiro e respeito: será um romance de costumes o *Gaúcho? Romance brasileiro* — diz o frontispicio da obra; logo não ha duvida de que o auctor o deu como tal.

Tudo quanto conheço, por leitura de *viagens* e por informações pessoas, concernente a esta face ainda tão pouco explorada da America Austral, importa a negação mais completa do que nos dá *Senio*. *Peza-me dizel-o, mas força-me ao sacrificio a consciencia*.

E ainda bem que temos em opposição ao *Gaúcho* auctoridades que nos evitarão no estrangeiro o ridiculo que attrahe esta obra sobre os costumes da campanha do Rio Grande do Sul, tão interessantes e romanescos, mas não tão arredados da decencia e da razão publica.

Ha ahí um drama de auctor portuguez, que não deixa de encerrar muita exactidão sobre este aspecto. O drama intitula-se—*O Monarcha das Coxilhas*—e é original de Cesar de Lacerda, que esteve no Rio Grande e estudou os costumes. Quanto a mim, tem um grande defeito o trabalho de Lacerda: é personalisar o typo do *gaúcho* em um *portuguez*, o que só explica o excessivo espirito de nacionalidade do auctor. Além deste defeito de essencia, contém outros que entendem meramente com a fórma litteraria; em todo o caso porém o trabalho é plausivel.

Como se explica pois, a antithese?

O auctor nacional afasta-se, em quanto os estrangeiros se approximam da verdade das cousas.

Não te parece isso um infortunio para as nossas letras, para a nossa terra tão fertil em talentos, entre os quaes o resolutio talento de *Senio*?

Como é triste fazer em publico taes confissões! Mas urge fazel-as para que lhes succeda a emenda com o que temos de infallivelmente ganhar,segundo o espero.

Confio muito na nossa pleiade de noveis litteratos, e devo dizer-te com franqueza, confio muito no proprio bom senso reparador de *Senio*.

Sempromio.

(Continúa)

QUESTÕES DO DIA

N. 11

RIO DE JANEIRO 5 DE OUTUBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Laemmert.— Praça da Constituição, Loja do canto.—Livraria Academica, Rua de S. José n. 119— Largo do Paço n. C.— Rua de Gonçalves Dias n. 79. — Preço 200 reis.

Sessão parlamentar de 1871.

Concluiu-se a sessão d'este anno, a qual deixará, nos annaes parlamentares do Brazil, a mais esplendida pagina. O Presidente da Camara Temporaria, ao encerrar os trabalhos de tão benemerita corporação, proferiu um discurso curto, mas valiosissimo, em que, fazendo justiça á illustração e dedicação do parlamento, compendiou em quadro breve os resultados da laboriosa tarefa dos legisladores, durante uma quadra de poucos mezes, mas que, além das occupações ordinarias, dotou o paiz com progressos taes, que tornarão o anno de 1871, para o Brazil, marco milliarario na estrada da grande civilisação. Eis aqui esse discurso :

O SR. PRESIDENTE :— E' hoje, senhores, a ultima sessão do 3º anno da 14ª legislatura, e no momento de deixar esta cadeira, eu sinto necessidade de dirigir-me aos meus illustres collegaş para agradecer a subida honra que me conferiram, elevando-me a esta alta posição, e auxiliando-me efficaçmente no desempenho de tão importante tarefa.

Semelhante aspiração nunca poderia ser por mim alimentada, porque jámais me julgaria habilitado a satisfazer as funcções do mais elevado cargo desta augusta camara !... (*Muitos não apoiados.*)

Surprendido, porém, pela vossa decisão, eu não me julguei com o direito de recusar-me a um *mandato*, cuja transcendencia se augmentava pela especialidade das circumstancias em que foi dado ; e confiando no vosso patriotismo e prudencia, obedeci, como me cumpria. A minha confiança não foi illudida, e a tarefa, que se afigurava ardua e difficil, tornou-se a mais suave, pelo vosso proprio procedimento.

Pela minha parte, senhores, tenho convicção de que me esforcei, tanto quanto era de meu dever, para exercer as funções que me foram confiadas, com a imparcialidade que exigia o seu desempenho. (*Muitos apoia-dos.*) Se não correspondi á vossa honrosa expectativa, ao menos fizestes justiça á minha boa vontade e á sinceridade do meu procedimento. Eu o agradeço.

Mas permitti tambem algumas palavras sobre os relevantes serviços que prestastes á causa publica.

Ao retirar-vos para vossos lares, levais em vossas consciencias o maior galardão a que podia aspirar o vosso patriotismo, qual é a convicção de bem haver exercido o sublime mandato da nação.

A par de numerosas deliberações sobre os diversos ramos da administração do Estado, tambem merecêram particular solicitude desta camara alguns assumptos cuja importancia e interesse se revelam da sua simples enunciação.

Assim, foram approvadas numerosas pensões concedidas em remuneração de relevantes serviços prestados á patria; e especialmente para protecção da viuvez e orphandade, victimas da gloriosa guerra que sustentámos contra o governo do Paraguay.

Diversas leis de animação a emprezas destinadas ao desenvolvimento material do paiz foram solicitamente elaboradas.

A providencia concernente aos estudos preparatorios, determinando que os exames feitos em alguma das faculdades do Imperio sejam válidos em qualquer outra, tein a dupla vantagem de consagrar uma medida de equidade e grande economia de tempo para os trabalhos da assembléa geral.

A lei que regulou as ajudas de custo dos bispos, supprindo uma lacuna da nossa legislação, estabeleceu uma regra previdente e salutar.

Outra, regulando melhor as ajudas de custo dos presidentes de provincia, consultou convenientemente uma necessidade da administração.

A lei sobre a naturalisação de estrangeiros simplifcou o processo para a obtenção da respectiva carta, com grande proveito para a immigração, condição essencial do nosso progresso e desenvolvimento.

O credito especial para prolongamento das estradas de ferro D. Pedro II, S. Paulo, Pernambuco e Bahia, satisfazendo a mais vital necessidade publica, é um

grande incentivo do progresso da industria e da riqueza nacional.

A reforma judiciaria, que preoccupa ha longos annos a attenção dos poderes do Estado e de todos os partidos politicos, tornou-se uma realidade pela lei recentemente sancionada que, regulando a administração da justiça, garante melhor a liberdade do cidadão.

Além destas leis, cuja execução vai satisfazer grandes necessidades públicas, e que por isso bastariam para recommendar a actual sessão legislativa, foram ainda iniciados muitos projectos importantes, que pendem de vossa decisão.

Mas, d'entre todos os actos legislativos, sobresahe, pela sua importancia e gravidade, a reforma do estado servil, medida de grande transcendencia para os mais vitaes interesses do paiz.

Esta reforma, que teve por base a iniciativa parlamentar, e sobre a qual se pronunciaram os membros desta augusta camara com a maior independencia e patriotismo, ha de necessariamente produzir os seus salutareos effectos. A historia fará justiça a cada um dos representantes da nação, que com a maior abnegação e inexcedivel civismo se consagraram á solução de tão grave questão.

E' cedo para que possamos apreciar todos os beneficos resultados que devem auferir-se dessa lei, e dos quaes estão profundamente convencidos seus auctores. E' cedo para que se possam aquilatar os serviços prestados pela actual legislatura sobre tão melindroso assumpto.

Mas não é cedo, senhores, para que possamos bendizer a Divina Providencia, que concedeu aos legisladores do Brazil a graça de poderem discutir e votar uma lei tão importante, sem as calamidades que em outros paizes acompanharam a sua solução (*muitos apoiados*), sem nenhuma perturbação da riqueza e da tranquillidade publica. (*Apoiados*). Não é cedo para agradecermos ao Todo Poderoso a protecção que nos concedeu, fazendo com que a nação brazileira assumisse a mais prudente attitude em face de uma questão tão momentosa, que podia agitar os mais perigosos estímulos das classes sociaes; e que em suas multiplas relações interessa, não sómente uma parte da sociedade, mas toda ella, não sómente aos cidadãos bra-

zileiros, mas à todos os habitantes do Brazil !... (*Apoiados*).

Graças, senhores, a essa protecção que tão efficazmente inspirou o patriotismo de nossos concidadãos, podemos apresentar um bello exemplo ás outras nações, que só depois de grandes provanças conseguiram realizar essa difficil conquista do progresso e da civilização. E' côm ufania que devemos dizer : « *A reforma do estado servil não achou adversarios no Brazil.* »

Quanto a mim, conservarei como a mais grata e honrosa recordação da minha vida politica o facto de ter sido chamado á presidencia desta augusta camara em condições tão graves como as que presenciámos por occasião da discussão desta reforma, que sem duvida é a questão mais importante que tem sido submettida á decisão dos legisladores do Brazil desde a independencia do Imperio. (*Apoiados*).

E, finalmente, julgo exprimir o pensamento desta augusta camara dando um público testemunho de reconhecimento á população desta capital, que mais de perto accompanhou os nossos debates, e que pela gravidade e decoro com que se portou sempre que compareceu para assistir ás discussões, provou que a confiança pública em nossas sabias instituições e o respeito aos poderes do Estado são uma realidade no Brazil. Tenho concluido.

Carta II

Cincinnato a Sempronio

Continuo a metter-me a taralhão: não venho, amigo, caçar nas tuas terras ; está bem entregue o Gaúcho ao teu braço secular, mas faz-me gosto servir-te de camarada ; tu és Marechal do Exercito ; eu serei Tambor ; mas o certo é que ambos pertencemos á mesma milicia. Continuemos a campanha.

Vejo que já parecees ir aproando para terra, por considerares sufficiente o que tens dito. Seja assim ; mas como me déste o gaudio de mimosear-me com um exemplar do livro monumental, quero agradecer-t'o, provando que não deitaste agua em cesto rôto, e que, tendo eu convidado a *Senio* para preceptor, vou pros-

crever todas as noções que tinha do idioma, substituindo-o por uma lingua incognita, nova, moderna, triumphante, conquistadora e fresca, a que darèi o nome de *Senial*. Passo tambem a impregnar-me nas phrases, imagens, descripções e locuções, não menos *Seniaes*, e espero poder vir a arremedar o genero pantafaçudo, porque onde me faltar a idéa, buscarei uma phraseologia onomatopaicamente campanuda, phraseologia pãââmpa, com que porei os meus admiradores boqui-abertos e zonzos. Seguirei a moda coimbrã ; seguirei a moda, já próclamada pelas *Cacholetas* :

Hoje é moda estylo abstruso ;
 enrodilhar palavrões.
 Nunca perde por confuso
 quem fizer allocuções.
 É' moda que tem pegado,
 porque vem de auctor graúdo,
 que devêra dar ao estudo
 o tempo mal empregado
 em tecer, por modo novo,
 os discursos nebulosos
 de que se ri todo o povo.

Como não heide escrever 10 volumões para analysar 2 voluminhos, vou só apontando o dizimo das bellezas que esfervilham por toda esta biblia do òom gròsto.

Começa o cap. 2.º :

« — *Corria* o anno de 1832. Um cavalleiro *corria*, a *toda brida*... »

Perfeitamente: se o anno *corria*, o cavalleiro por força que tambem *corria*; é logico e é elegante. Agora o que vou accrescentar aos meus estudos da lingua, é a expressão *toda brida* para significar á *desfilada*: na era dos Affonsinhos, dizia-se a *toda a brida*.

O cavalleiro levava na cabeça um *chapéo desabado de baêta*, premiado, como invenção *Senial*, na Exposição d'aquelle anno, em que não houve exposição ; e lá por dentro levava uma alma *sui generis*, alma com a *velocidade (!) do vôo do gavião*.

Chega Manoel Canho ao rancho do Chico Baêta (apelidado o Semmedo, por ser homem *sem medo* de que o convertam em desabado), e entr'ambos começa um

diálogo, opulentissimo em grammatica e vernaculidade. Por exemplo :

«—Em uma corrida, ha 2 annos, o senhor não esteve lá?

«—Fui *um dos que corri.* »

Por minha parte, eu cá fui *um dos que ficaram corridos* de vergonha, de não ter aprendido tão correcta lingua, e lá vi o Canho montado no murzello, porque *tinha ainda que fazer umas cinco leguas.*

Em poucas linhas, temos :—a murzellinha *fez* traz zas—o elogio *feito*—fazendo um esforço—*fazer* 5 leguas—*farei* presente—*fez* o viajante—etc., etc. o que prova com que engenho se pode conjugar um verbo todo, sem ter ar d'isso: estylos assim são ainda menos romanticos que didacticos.

Afinal para o Canho; *come a janta, e bebe agua* " pelo *bocal do estribo* " que o rapaz teve o cuidado de lavar para dar-lhe a serventia de copo. Que o rapaz era a ceado e fez bem, não ha dúvida nenhuma, visto que o tal estribo devia vir porquinho, lá isso devia; porem o que me espanta é a sobriedade do Canho, que, tendo, ao pino do meio dia e com sol claro, aturado muitas leguas de corcovos, capriolas; repellões e curvetas do murzello a toda brida, se contentava com o pinguinho d'agua, que um bocal, de uma pollegada quando muito, poderia conter. Os Gaúchos, em taes circumstancias, bebem pela mão, por qualquer folha larga de arvore, ou cousa assim: o Pedro Javardo (pag. 72) « para beber agua ia ao arroio, e estendia-se de bruços pela margem. » O proprio Manoel Canho, quando topava com cavallo estropeado (pag. 66) arrastava-o para a sombra, e ia buscar-lhe agua no chapéo. » Mas, nesta memoranda occasião, o Gaúcho estava na apojadura de apurado e delambido: para sanar uma damnada sêde (não era certamente tão damnada como isso); não só se contentou com um golesinho d'agua homeopathico, mas para isso teve de pôr-se primeiro a desprender os loros da sella, a tirar os estribos da argola, a despir delles os bocas para fazer púcaro... complicada operação de per si bastante para apagar a sêde de um Dario, fugindo d'Alexandre.

«—... afrouxou as redeas ao ruão, *que lançou-se* como uma flecha » « *que girou-lhe* em torno da cabeça » « *proseguiu* o animal e *the fendeu* o craneo » « o suor *que alagava-lhe* o corpo » « *cuja estampa desenhava-se* »

« *olhos a se engolfarem* » etc. etc. e identicas locuções, que Senio reproduz a cada passo, e se me affiguram incorrectas.

Aqui porem tem elle uma desculpa, se ha culpa : é este seu dizer assaz frequente no Brazil, e caracteristico dos mais seguros para se affirmar, *primâ facie*, ter uma obra portugueza sido aqui escripta. Nem me applico a censuras, nem a proselytismo ou propaganda ; mas deve-me ser tolerada a franqueza, gerada da convicção ; adeante de Platão, a verdade ! e nem receio que os sensatos me levem a mal a observação que submetto respeitosamente, quanto a esta liberdade local.

Affigura-se-me pois que não será facil mostrar, em auctor portuguez, antigo ou moderno, já não digo classico, mas simplesmente de boa nota, as locuções supra-citadas ; e que a construcção d'ellas será sempre assim : *que se lançou. que lhe girou, fendeu-lhe. que lhe alagava, cuja estampa se desenhava, olhos a engolfarem-se*, etc.

Regula-se (creio eu) por eguaes preceitos a collocação, tanto da variação do pronome da 3.^a pessoa com que apassivamos os verbos, como dos outros pronomes e casos adverbias que unimos aos verbos reflexos ou reciprocos : *me, te, lhe, nos, vos, se* etc. e a regra para collocação de qualquer d'estes, abrange a todos os outros.

Phrases ha em que o uso dos douts concede liberdade mais ou menos ampla para indistinctamente antepôr ou pospôr aos verbos aquelles pronomes : porem na maxima parte, ha regras, de que não é licito eximirmo-nos, se aspiramos a não ser tidos por muito incorrectos. A leitura dos bons modelos é o primeiro guia ; mas creio que para as seguintes normas se não achará excepção.

No segundo modo de apassivar verbos (isto é, quando juntamos o caso *se* aos sujeitos da 3.^a pessoa, que não podem fazer a acção em si mesmos), e quando aos verbos activos, reflexos ou reciprocos, ligamos os casos adverbias, dá-se *collocação forçada*, nas seguintes hypotheses :

1.^o Se ao verbo precede o articular demonstrativo e conjunctivo *que*, ou outro relativo, ou conjuncção, ou os adverbios *não, nunca, já, sempre, antes, cá, lá, mais, muito, assim, bem*, quasi todos os terminados em *mente*

(excepto, em alguns casos, os ordinaes, por outro motivo) etc, DEVE SEMPRE O PRONOME ANTEPÔR-SE AO VERBO.

Exemplos : — *que se lançou*, e não *que lançou-se* ; — *que lhe girou*, e não *que girou-lhe* — *cuja estampa se desenhava*, e não *cuja estampa desenhava-se* ; — *não te amo*, em vez de *não amo-te* ; — *nunca te admirei*, e não *nunca admirei-te* ; — *deixe-me*, e não *me deixe* ; — *já te conheço*, e não *já conheço-te* ; — *sempre te enfatuaste*, e não *sempre enfatuaste-te* ; — *antes nos divirtas*, e não *antes divirtas-nos* ; — *dá-me vou*, e não *dá vou-me* ; — *lá vos espichastes*, e não *lá espichastes-vos* ; — *mais te exaltas*, e não *mais exaltas-te* ; — *muito te prestas*, e não *muito prestas-te* ; — *assim te ajude Deus*, e não *assim ajude-te Deus* ; — *bem me importa*, e não *bem importa-me* ; — *parvoamente se exprime*, e não *parvoamente exprime-se*.

2.ª Geralmente nos restantes casos, quando a oração começa pelo verbo, ou pelo seu agente, o VERBO ANTEPÔE-SE AO PRONOME.

Exemplos : *Este menino perde-se*, e não *este menino se perde*; — *as finanças evaporam-se*, e não *se evaporam*; — *divertes-me*, *conheço-te*, *vou-me embora*, e não *me divertes*, *te conheço*, *me vou embora etc., etc.*

Uf ! que maçada ! não foi ? agüenta-a, em desconto dos teus peccados, e se o andante foi tristonho, siga-se o galhofeiro alegre : refocillemos o animo na admiração do romance.

Chega o Canho ao Jaguarão, na hora em que os soldados de Lavalleya vão depôr as armas, com um sentimento de humilhação, que era *partilhado* pela população : « *un sentiment d'humiliation, qui était partagé par la population.* » Eu tambem bato palmas ao neologismo, substitutivo do *compartir*, *participar de*, e mais variantes indigenas ; mas então proponho que creemos o tal verbo *partilhar* para que signifique : dar o quinhão da herança ; e acceitemos francamente o *partajar* ou *partejar*, para uns apertos d'estes: assim ficará phrase ainda mais harmonica e gallica : « sentimento de humilhação, que era *partajado* pela população. »

Apparece depois um ferrador e o coronel Bento Gonçalves, *vasado na mesma tempera de Osorio e Andrade Neves*. Ficamos pois sabendo que um homem se póde vasar em rizeja ou consistencia : ou antes que tempera, em idioma senial, é synonymo de modelo ou molde.

Mas, adivinhada esta charada, fica outra peor : Que Osorio e Neves fossem vasados na mesma tempera, em que outr'ora o foi Bento Gonçalves, *vade in pace* ; mas que uma heroicidade, patenteada 30 annos antes, já então fosse vasada na tèmpera que havia de apparecer uma geração depois, não deixa de ser habilidade.

E o coronel Bento era feliz, porque *os homens o adoravam; as mulheres o admiravam.* » Pelo que as mulheres faziam, segundo para baixo se vê, ha exactamente aqui um *chassé croisé* de verbos : eram as mulheres que o adoravam, e os homens que o admiravam ; mas isso é o mesmo.

Segue-se um dialogo onde se vê um tal Colleira alludir ao « *degolo*, que todas as manhãs fazia nas rezes destinadas ao córte de charqueada » e que geralmente não são degoladas; e surge uma trapalhonasinha, de 12 annos, e de excellente embocadura, chamada *Catita*, nome que Bluteau dá por synonymo de *Catharina*... tão singela, como ás duas por tres, mostrou que o era a Catharininha, que, na famosa canção ironica do Mephistopheles. serviu de pseudónimo á Margarida do Fausto, sujeitinha esta com quem sempre impliquei, por nol-a venderem como typo de innocencias, começando ella por ser facilmente comprada com quinquilharias do diabo, e acabando por estrefegar mãe, irmão, filho e amante, e não obstante subir até ás bambolinas do ceo, cousa que tanto custa a qualquer simples mortal.

Esta rapariga era um demonico. Nós cá diriamos que ella tinha *a boquinha mais gentil* ; mas errariamos ; o que ella tinha, segundo Senio, era *a bouquinha a mais gentil*. Tinha mais 1.º cabellos negros, 2.º os olhos negros como os cabellos (Sina! Chama-se *murzello* o cavallo todo negro ; e pois Canho era todo uma vulcanica paixão equina, estava no livro dos destinos, que se lhe havia de assemelhar a namorada ao seu *murzello*. *Ressumbrava* graça etc, segundo o systema geral dos ressumbramentos (Vide o *Novo Methodo*).

Como a pequenina viera ao mundo, predestinada pelo menos para figuranta do *Theatro Lyrico*, comprehendendo-se bem a utilidade do seu *requebro faceiro*, *arinho de malicia*, *esticamento da perna bem torneada*, *arqueamento do pé-sinho*, *figura de dança*, e *olhar brejiro* (! Sim, senhor: as musas de uns senhores homens, chamados Anacreontes, Parnys e Pirons, inspiravam-se assim ; não ha que dizer: o nome do General Camara

deu euphemismo a uma rua ; e o marcial pavilhão cobriu a mercadoria.

Ha, entre aquellas expressões candidas e significativas, uma que me dá ainda mais no gôto que o *olhar bregeiro* ; é o *requebro faceiro*. Este sympathico auctor é entusiasta das faceiras ; lá volta, a pag. 73, a *Morena vergando faceiramente o hombro* ; vocabulo frequentemente repetido.

Este *faceiro*, assim, sempre quisilei com elle. Eu não sei se o Moraes tem ou não razão ; mas descreve d'est'arte a faceira : « A carne das faces do boi. Vaidoso, patarata, casquilho rafado, que se sustenta com faceira de boi e o mais á proporção, e aperta a barriga, e soffre outras necessidades para se enfeitar etc. » Que, figuradamente, a faceirice seja equivalente de bandalhice, peralvilhice, e casquilharia rafada, não digo nada ; mas que *faceiro* seja synonymo de gentil, mimoso, engraçado, airoso, galante, ai-jesus, só no idioma Senial.

Continúe em scena a faceira-bregeira.

Agora, o que torna o tal *feitico*, prodigío nunca visto, é a descripção do Senio, que, ao pintal-a... fez um capote e um milagre. Já viste, ou viu alguém neste mundo, uma creança de 12 annos, de pernas bem torneadas, que tivesse *cabellos que dessem até d bainha da saia*, desenvolvimento este, a que a natureza nunca se presta senão em edades muito mais adeantadas? Isto só podia ser visto por quem viu uma catita, filha de um selleiro gaúcho, *arqueando o pésinho calçado com um sapato de marroquim azul*, chegado, pelo ultimo paquete, da casa Campas: e que naturalmente a feiteirinha comprou em Pelotas, na loja de Mlle. Elisa.

Mas isto não é nada ; o mais está para ver. A garota queria o Canho para noivo : este estava « *alheio ao que passava junto*. » (Não sei bem o que é que passava, nem junto de quem, nem porque) ; emfim tinha uma « *expressão de recolhho*. » Recolho? *recueillement*? Nada. (Isto provavelmente é erro typographico: o Canho estava tão fechado e redondo, que tinha *expressão de repolho*). E o caso não é para menos. O Canho bem quer addiar o seu matrimonio para quando a abelha seja ainda mais mestra ; para quando for viuva : porque emfim de cavallos gosta, mas de borrachinhos novos, não. Está pois alli eurolado como um repolho. a meditar na vaidade das vaidades a que anda sujeita

a especie humana, e na sorte que o aguarda quando por sobre a ornada fronte lhe vier a desabar o Carmo e a Trindade.

E como poderia aquella portentosa Catita deixar em socêgo o coração de toda a gaúcharia, e mais dos bugres, charruas, guaicanans, guaranys, minuanos, tapes, e restantes ornamentos silvestres da provincia de S. Pedro do Rio Grande! Era velhaquinha, que andava sempre de olhos piscos, aos 12 annos, e que quando erguia as palpebras (o que emfim lá succedia de tempos a tempos), « parecia que seu rosto se tinha *banhado em jorros de luz.* » Era assim mesmo: o lavar da cara daquella menina (de mezes a mezes) era num alguidar de jorros de luz; até aqui vai bem; agora ser isto uma comparação para o caso da despiscadella dos olhos... lá verás.

O retrato da menina precisou ser feito do toutiço até à peña torneada e ao pésinho arqueado, sem faltar uma pollegada. Lá vem o ar, a *bouquinha*, a fronte, os cabellos, as espáduas, o talhe, as fórmãs, o requembro, os olhos piscos, as palpebras róseas, a perna, o pé, a pirueta, e o olhar brejeiro; agora só falta o nariz e o cotovello... Ai, não; falta tambem a tez; toca a ver:

— « A tez, quem a visse, em repouso, sob a negra madeixa, cuidaria ser alva; mas nas inflexões do collo e dos braços percebia-se, como sob a transparencia de opala, uns reflexos de ouro fusco. Então conhecia-se que era morena; e o tom cálido da sua cutis lembrava o aspecto das brancas praias de areia, illuminadas pelos ultimos raios do sol. »

« A tez, quem a visse, cuidaria... » Certamente; quem a não visse, não cuidaria nada.

« A tez, quem a visse em repouso... » Tez em repouso, já é bom; ver tez em repouso, é muito melhor.

« Percebia-se uns reflexos... » Muita palmatoada levou um condiscipulo que eu tive em grammatica, quando eramos pequenitos, e que dizia d'estas! Nunca o mestre lhe poude fazer entrar nos cascos que um nominativo no plural com verbo no singular, é prohibido.

Vamos para deante. Olha tu para a rapariga. Cuidas que é alva? tó, que te damnas. O modo de olhar para ella, não é commum: tem de ser examinada por uma opala, que é a luneta propria para estas averiguações. Já tens a opala, no canto do ôlho? ora, muito bem. Agora, maganão, começa por lhe olhar para as infle-

xões do collo ou pescoço, e dos braços, que, já se sabe, são o sovaco e o sangradouro ; e acharás que essas inflexões são côr de ouro fusco, e que a Catita é morena. A cara parece branca ; o gasnete é de ouro fusco ; o sangradouro é pardo ; e o sovaco é côr de opala. O que á rapariga vale é não ter nascido no tempo e na terra de D. Miguel ; tão certo como 2 e 2 serem 4, esta belleza ia á força, por *malhada*.

E »inda por alli não fica, no tocante ás imbirrações da cutis. Tem tambem um *tom calido* ; e para se não dizer que a imagem não tem *tom* nem som, lembra o aspecto das *brancas praias de areia* ; ergo, as praias de areia não são pretas ; são brancas, mas, ao pôr do sol, tingem-se em *moreno ouro fusco*.... de conformidade com o systema das *cacholetas*.

Será tudo isto *progresso* na arte de escrever ? Será com linguagens e phantasias d'estas, que derrubarão a antipathica columna Vendôme do terso dizer dos mestres ?

Nas impagaveis notas á *Iracema*, com que talvez me divirta um dia, diz o Sr. Alencar :

—« Aquelles que censuram minha maneira de escrever, saberão (assim o tenham entendido, e o façam executar) que não provêm ella, mercê de Deus (esta *baforada*, esta *mercê de Deus* vale quanto pesa) da ignorancia dos classicos, mas de uma convicção profunda (pobres classicos, mais vos valêra nunca terdes nascido) a respeito da decadencia d'aquella eschola » « O velho estylo classico destôa no meio d'estas florestas seculares, d'estas catadupas formidaveis, d'estes prodigios de uma natureza virgem, que não podem sentir nem descrever as musas gentis do Tejo ou do Mondego. »

Sim Sr. ; é assim mesmo. Ora comparemos estes modernismos Seniaes com as intoleraveis antiquilhas dos classicos, e abramos um d'estes ao acaso, em paginas onde tambem se descrevam raparigas catitas, e o effeito que ellas produzem em corações masculinos. Caiume, por exemplo, debaixo das mãos, a *Eufrosina*, como poderia cair qualquer outro jarreta. Lê :

—« Passando agora pela porta da minha rapariga, achei-a falando com uma nossa vizinha ao pé da escada de dentro ; eu como n'estes casos subitos mostro minha sufficiencia, e ando sempre provido de cautelas para os taes recontros, porque occasião de fazer bem nunca se ha-de perder, levo do tudesco para traz, como

cortezão soldadesco, e chegando-me ao limiar da porta, perguntei-lhe se era ahí o senhor seu pae? A rapariga estava bonita como o ouro de sua vasquinha amarella quartapisada, em mangas de camisa, seus cabellos atados com uma fita incarnada, tão de verão que vos ride vós de mais sereia pintada, e por mais ajuda, em me vendo, ficou fraca, e dizendo-me » é fóra da cidade, virá amanhã por noite — » ao despedir fez-me uma misura com um recacho, que me aleijou; e assentae que é um camafeo de pequena em fóra: e eu com isto venho espirrando, lançando mais faiscas de amor que estrellas com suão.

... E estando assim, erguia, de quando em quando, uns olhos verdes claros, humidos, orvalhados de alegria socegada, tão grandes e graciosos como todo o primor das Charites (por maneira que com razão se pode chamar a 4.^a Graça); e pondo-os em mim, a tempos furtados, com um olhar quebrado surrateiro e brando, atravessam-me... Já sabeis que sou perdido por olhos quebrados, que fazem furtos no ar.. Quando contemplo comigo que estive á fala, rosto por rosto, com a senhora Eufrosina, e que ouvi aquellas doces palavras de delicada pronuncia, aquellas razões brandas e discretas, aquelles risos, aquelles temores honestos, os favores escassos da vontade liberal... e nisto junctamente os olhos que farão clara a noite escura, e thesbellos entrançados que representavam todo o thesouro do mundo, aquelle rosto, aquella presença, aquelles ais frautados quando se maguava... por certo eu me espanto como não abafei em tanta gloria, e perdidos os espiritos... E d'outra parte, quando cuido que tive coração para me apartar d'ella, fico frio, e nunca homem commetteu tal ousadia »

Levo mão d'estas transcripções. Que homem de gosto ha hi, que a dizer tão singelo, elegante, vernáculo, attractivo, prefira os inqualificaveis estylos de um Senio, com os seus Canhos escanhoados, e as suas Catitas acatingadas!

Esta guerra aos classicos, para certos escrevedores, é precedida do manifesto da raposa, inimiga da uva. As obras dos mestres, os eternos modelos tornam-se objecto do escarneo dos innovadores, capazes de desthronar os Demósthènes e Homeros. Tivemos a eschola da antiguidade; depois, certo numero de regras tradicionaes; mais proximamente, a emancipação de todas as

normas, proclamando-se typo unico a natureza; agora, surgem os ministros do bello, sacerdotes do ideal, demolidores do senso commum, despresadores de quanto merece veneração, e que não produzem senão monstros litterarios, sem alcance ou de alcance detestavel, sem missão ou com a missão desorganisadora, sem fórma ou com tauxia das mais incongruentes fórmas.

Uma sub-divisão d'esta casta de auctores comprehende a dos caçadores de effeitos. Conheci eu em Ouro Preto um ratão, que desejou industrializar-se na caça; levou 6 mezes aprendendo a carregar a espingarda, e um anno diligenciando passarinhar; affligia-se porém com o estampido do tiro, de modo que, quando puxava o gatilho, virava a cara, a bala seguia para o norte, o passarinho deitava a rir para o sul, e o meu caçador, encarando então a sua façanha, exclamava invariavelmente: « *Brava! fugiu.* » Os taes caçadores litterarios imitam toda esta operação; só com a differença de que, quem exclama o « *Brava! fugiu* » é o publico.

O processo, neste caso, é singello. Proclama-se o poder pessoal da excentricidade, embora ridicula; da originalidade, embora extravagante; da novidade, embora absurda; e quando se tem assim embrulhado desatinos e puerilidades em esfarrapado manto de vascosa linguagem vasconça, imagina-se subir em carro ebúrneo ás glorias capitolinas. Arago, na sua *Astronomia popular*, fala de um tal Dr. Elliot, sapientissimo, e ainda mais excentrico, e que havia demonstrado, entre outras novidades, (e com a mesma evidencia com que o estudante de um observatorio astronomico demonstrou haver ratos na lua) que o sol era habitado. Adergou que um dia em que o doutor estava com os seus azeites, matou, num accesso de cólera, miss Boydell. Não teve o advogado, Simmons, mais que expor ao tribunal a theoria do sapientissimo, para lhe obter a absolvição, por unanimidade. Que a theoria do doutor fosse *nova*, concordo, mas que egualmente *nova* fosse a mania do homem, isso é que não, pois remonta lá até os tempos do incendio do templo de Delphos.

Participo-te que o teu Carlos está com escarlatina; as febres andam assanhadas.

Teu leal amigo

CINCINNATO.

Epigrammas e madrigaes, originaes ou imitados

Dialogo com um Rvd. Poeta

« — Bocage descreu dos medicos ;
 fez-lhes muitos epigrammas.
 Tu, Vate Reverendissimo,
 aquelle exemplo não amas ? »
 « — Queres que eu siga, sem calculo,
 exemplo que me não quadre ?
 Faltando defuncto e exequias,
 de que hade viver um padre ? !

Quintiliano.

Um casamento desfeito

Quizeste casar co' o Juca,
 Mathilde; és mulher de siso.
 O Juca roeu-te a corda;
 inda lhe acho mais juizo.

A uma actriz que enviuvou hontem.

Morreu o esposo da cantora Alpini,
 que hoje devia o Trovador cantar.
 Quel-a em scena o empresario! O homem é doido.
 Hoje é dia de rir, não de chorar.

Condições do favor

Se eu te peço um favor, para que o seja,
 fal-o ! fal-o depressa e em bom humor !
 Se o fazes manco, ou tarde, ou de má cara,
 o merito perdeu ; não é favor.

Amor fugindo

Idolatro a que me foge.
 Não desejo a que me quer.
 Se amor douram as recusas,
 sê menos facil, mulher!

A um, que nunca elogia poetas vivos

Só de elogios a mortos
 não és, Decio, nada avaro.
 Safa ! ser por ti louvado
 não vale a pena; sai caro.

A uma feia delambida

Gertrudes, tem por amigas
 mulheres velhas, ou feias,
 ou tortas, ou aleijadas,
 ou vesgas, ou centopeias.
 Leva-as consigo aos theatros;
 só taes sujeitas visita.
 Faz bem, faz bem, que ao pé d'ellas
 alguem dirá que é bonita.

Os porquês de uma demanda perdida

« — Tu só ganhas más demandas,
 meu querido Balthazar ! »
 « — Top ! o mal dos meus burricos
 foi quem me fez alveitar.
 Sem justiça, ganho sempre.
 Com justiça, historia ! apanho.
 Com ella, fei-me... e perco;
 sem ella, comprei-a... e ganho.

Zero.

Questões do dia

O 1.º volume, de 300 paginas, compõe-se do N. 1, de 72 pag. (preço 500 rs.), e dos Ns. 2 a 15, cada um de 16 pag. (a 200 rs. cada numero). Para encadernar, dá-se gratis, nma folha, de rosto. Saem dous números em cada semana. Quem desejar que esta publicação lhe seja entregue em casa, poderá avisar na loja do Canto, Praça da Constituição.

QUESTÕES DO DIA

N. 12

RIO DE JANEIRO 7 DE OCTUBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs E. & H. Laemmert.—Praça da Constituição,
Loja do canto.—Livraria Academica, Rua de S. Jose n. 119—Largo do
Paço n. C.—Rua de Gonçalves Dias n. 79.—Preço 200 reis.

A sessão de 1871.

O paiz foi dotado com tres leis importantes na sessão legislativa, encerrada em 30 de setembro ultimo. Com toda a razão será a sessão d'este anno considerada nos annaes do parlamento brasileiro como uma das mais importantes e fecundas, sinão, talvez, a primeira com referencia ao immenso alcance de uma das leis, a que alludimos.

Observemos rapidamente cada uma d'essas tres leis.

—Na sua ordem de datas a primeira é a que concedeu um credito de 20 mil contos para o prolongamento da estrada de ferro, que parte d'esta Côte para o interior. Com o poderoso auxilio que acaba de receber a estrada de D. Pedro II terá de seguir até o ponto terminal, por ora assentado, na provincia de Minas, d'onde no futuro essa estrada continuará na direcção, que for então julgada mais conveniente ao fim de irradiar-se pelo interior do Brazil.

O que ora foi decretado é já muito para o futuro de uma parte importante d'essa rica provincia, e de diversos municipios da não menos rica provincia de S. Paulo.

Não sómente na direcção da sua linha, como ainda com os ramaes, que necessariamente terão de ser creados, a estrada servirá a valiosissimos interesses materiaes e economicos, facilitando á lavoura e commercio dos pontos a que tem de aproveitar um largo desenvolvimento de actividade industrial, que muito será para fecundar as fontes do trabalho, da producção e da riqueza.

Como consequencia natural, a população terá de condensar-se nas zonas proximas d'essa grande arteria

de viação: o sibilo da locomotiva n'essas regiões distantes dos grandes centros commerciaes de beira-mar despertará, com o seu echo estridente, a vida agricola das populações disseminadas por área vastissima, que até hoje tem vivido em lucta insana com as difficuldades do isolamento, nascidas da falta de meios facéis de communicação.

Assim os vinte mil contos, com que o Estado subvenciona essa obra importantissima de progresso, têm de reverter ao thesouro com abundantissimos juros; porque o augmento da producção, e o progresso da industria engrossarão as rendas dos cofres públicos, em proporções muito vantajosas.

As facilidades de communicação e transporte serão, tambem, para a colonização estrangeira, um muito poderoso incentivo; e desde que a população assim crescer, e que com o seu crescimento se desenvolver o trabalho em escala sempre ascendente, e em suas melhores condições e methods, a vida da nação se tornará gradualmente mais vigorosa; as empresas se facilitarão; o povo animar-se-ha, tendo fé em si mesmo, nos seus recursos industriaes; e a familia, que é o núcleo do Estado, se multiplicará convenientemente com os melhores, e mais esperançosos meios de existencia.

Taes serão, em substancia, os grandiosos beneficios, que necessariamente devemos esperar da lei que dotou a estrada de ferro de D. Pedro II com o credito de 20 mil contos; e do desenvolvimento que outras importantes estradas, como a da Bahia, a de Pernambuco, a de S. Paulo, reclamam egualmente da solicitude do governo.

Temos robusta fé que serão attendidas, convenientemente, até onde o permittirem os recursos do Estado, que, infelizmente, não póde a um tempo satisfazer a estas e outras necessidades de ordem material e economica.

— Quanto á lei da reforma judiciaria, a 2ª na ordem das datas, sua importancia é geralmente reconhecida: era uma necessidade urgente da administração da Justiça civil e criminal, e essa necessidade foi satisfeita.

A reforma, intendendo com um e outro fôro, desempachou a administração da justiça de certos embaraços, que a prejudicavam; estabeleceu praxes uteis, consultou o bem do cidadão, deu melhores garantias á liberdade individual; cortou as delongas dos julgamentos

nos tribunaes superiores; e, finalmente, deu outras providencias, que a pratica terá de demonstrar como muito salutaes.

—A lei de 28 de setembro, a ultima votada e sancionada, marca uma era nos fastos do parlamento, e na vida da nação.

Longamente discutida nas camaras e na imprensa, conceberam-se serios temores de que não passasse no senado, na sessão d'este anno.

Quiz a bôa estrella do Brazil que assim não fosse: o paiz não permaneceu nas incertezas perigosas do adiamento de uma medida de tal magnitude, e a proposta do governo é hoje lei do Estado.

Pede a justiça que reconheçamos os importantes serviços, que nas duas camaras, como seus muito dignos presidentes, prestaram os Srs. Conselheiros Jeronymo Teixeira e Visconde de Abaeté

Na camara dos deputados o Sr. Conde de Baependy, como presidente, consentira, na discussão da proposta, as mais inconvenientes divagações, que deslocavam a discussão e exarcebavam as paixões.

Substituindo-o na cadeira presidencial, o Sr. Conselheiro Teixeira teve de haver-se com esse precedente, e de tolerar-o até certo ponto, sendo seu grande empenho moderar a exaltação nos debates, e cohibir tanto quanto possível as divagações, antes toleradas; e n'isto provou sua muita capacidade para o lugar honroso e difficil, em que a maioria o collocara.

No senado, o venerando Sr. Visconde de Abaeté procedeu com todo aquelle tacto que lhe é reconhecido. Desde o principio da discussão, mesmo quando pelo regimento d'aquella camara é permittida a apreciação geral da lei em todos os seus artigos, o distincto presidente fez que o debate se circumscrevesse o mais possível aos assumptos da lei, que a camara discutia.

Por isso a discussão n'aquella camara correu placida; e da parte de alguns oradores foi muito luminosa.

Não é menos digna de louvor a constancia com que o Sr. Visconde de Abaeté, o mais velho, como elle disse, dos membros do senado, se conservava na cadeira presidencial por 5 longas horas. S. Ex., como o governo, como todo o senado, reconhecia que o assumpto era gravissimo, e que cumpria dar-lhe solução na sessão d'este anno.

Sabe-se com que insistencia um grupo de antago-

nistas da proposta, que nenhum recurso poupava para obstar á sua passagem nas duas camaras, procurava fazer pressão sobre os animos dos legisladores, dizendo que a lei nascia do *capricho, do imperialismo, da vontade do Imperador*, que assim *queria*; e que uma tal imposição desvirtuava o merito da grande medida.

Era uma arma de guerra desleal, e de má tempera; e não surtiu e nem podia surtir o premeditado effeito; porque a providencia em si era a expressão de uma alta necessidade no geral reconhecida; era uma verdadeira aspiração nacional: e si o Imperador e o seu governo se punham á frente, levavam em mira um fim, que a nação applaudia com enthusiasmo, como attestam os quasi diarios factos de manumissões de escravos, de que as folhas públicas dão frequente noticia, praticados em todas as provincias do vasto imperio.

Sobre a subserviencia das camaras á vontade do ministerio, assim discursou o distincto e patriotico Sr. Visconde do Rio-Branco, repellindo o que enunciara o Sr. Silveira da Metta :

« E' notavel, Sr. Presidente, como o nobre senador por Goyaz considera o procedimento das duas camaras, e suas relações com o ministerio!... Si a camara (temporaria) approva, como approvou, esta proposta, não obedeceu aos dictames da sua consciencia, não consultou seus altos deveres, os grandes interesses nacionaes; foi impellida pelo ministerio!... O senado obedece ao impulso ministerial !... mas o senado procede conscienciosamente. »

Ha n'esta contradicta muita cortezia, mas muita força.

Ô muito respeitavel Sr. Visconde de S. Vicente assim dizia :

« O senado do Brazil, sempre fiel aos sentimentos generosos, dominado sempre por sua tranquilla sabedoria, depois de longa discussão, parece desejoso, e prestes a adoptar definitivamente o grande principio, a grande medida de justiça, de progresso, e de civilização, de que se trata.

« Embora a proposta fosse susceptivel de alguns melhoramentos em suas disposições secundarias, ou detalhes, o profundo criterio, o saber pratico da grande-maioria do senado com muita razão prefere adoptar a tal qual, antes do que adial-a por meio de emendas.

« E' porque sabe bem, que essas disposições ou de-

talhes a todo o tempo pódem ser melhorados, se assim for conveniente; é porque sabe bem que quem vale tudo é a disposição fundamental, a idéa capital da libertação das gerações futuras; é porque comprehende que cada dia de demora vale o captiveiro para muitos seres innocentes, que pela primeira vez divisam a luz do sol brasileiro: é porque o addiamento para o anno importaria a escravidão para vinte ou trinta mil creaturas, que aliás devem gozar da liberdade. E', emfim, porque esta idéa em vez de ser apreciada pela maioria do senado com fria indifferença, pesaria por modo penoso sobre seu coração e consciencia. (*Apoiados.*)

« E' porisso, e não por qualquer outra razão, que essa maioria não quer, nem admitte emendas. (*Apoiados.*) Não é por fazer ou não o gosto ao ministerio. Ainda quando o ministerio adoptasse alguma emenda, ao menos eu, e alguns amigos não a adoptariamos. (*Apoiados.*) Fiquem, pois, certos os nobres opposicionistas, que não tem mais independencia do que os membros da maioria.

« Como, é portanto, que o illustre senador pela Bahia se julga auctorizado a dizer que o senado se rebaixa, ou se reduz a mera chancellaria? E' uma expressão offensiva, que sinto ouvir dos labios de um senador; e se alguém se rebaixa, então será quem pronuncia tal phrase, e não o senado.

« Complete este o seu alto e nobre pensamento, e poucos dias depois ninguem mais nascerá escravo no Brazil; poucos dias depois a escravidão começará a diminuir até que se extinga totalmente, e para sempre, como exige a honra e a moralidade de nossa patria. A idéa capital é tão santa que uma vez decretada será irrevogavel: por certo ninguem quererá encarregar-se de propor a sua impossivel abrogação. »

Os sentimentos, que enunciou o Sr. Visconde de S. Vicente, foram os que influiram na firme maioria da camara dos deputados, e no animo do senado.

Foi assim que sempre apreciámos a proposta.

O governo tem agora sobre os seus hombros tarefa muito e muito espinhosa.

Na execução da lei tem de arcar com os maiores embarços.

O governo mostra-se de todo possuido da grandeza de sua missão.

JUNICUS.

Obras de Senio—O Gaúcho

(*Cartas a um amigo*).

VI.

Meu amigo.

Tencionava concluir n'esta carta as minhas considerações sobre a obra de *Senio*, mas, chegando-me ás mãos o segundo volume, não quero deixar de o chamar á fala, ou antes de o receber com as *honnras do estylo*.

O auctor vem sangrando-se na veia da saúde com estas palavras da sua nota final :

« Não faltará quem increpe o livro de inverosimil, na parte relativa ao cavallo. Duvidar hoje, depois de tantos factos e de tão respeitaveis testemunhos, dos resultados admiraveis do instincto dos animaes, é uma excentricidade, que não vale a pena de refutar. Demais, n'este livro, a maior parte dos actos intelligentes praticados pelo cavallo são antes attribuidos pelo Gaúcho ao animal, do que attestados pelo escriptor. »

O que não vale a pena de refutar é a filigrana de se eximir da responsabilidade d'esses actos o auctor, a titulo de serem elles attribuidos pelo *Gaúcho* aos animaes, e não *attestados pelo escriptor*. Longe de importar isto uma justificação, aggrava a situação do escriptor, que não encontra em si mesmo razões para confirmar os devaneios de sua phantasia.

Quanto a nós, é cousa que a boa critica menos tem que indagar, si as asserções são attestadas pelo auctor da obra, si são deixadas á mera conta dos personagens.

N'uma obra em que o escriptor se limite a fazer as descripções meramente essenciaes de tempo e lugar, deixando esclarecer-se o mais á conta do dialogo, nem por isso terá elle menos responsabilidade moral e litteraria.

Pelos dialogos, pelas idéas n'elles emittidas e travadas. é que principalmente se hade conhecer o character de cada figura. Não será do que o auctor *affirma ex auctoritate sua* que se deduzirá a excellencia ou inferioridade da concepção.

Si um auctor preconisar e exaltar muito os merecimentos de um personagem, que no desenvolvimento da acção não corresponder pelas suas obras ás premissas, não prevalecerá a recommendação do auctor, sinão o que se deduzir do papel desempenhado pelo personagem.

E quando o escriptor se propõe a dar um typo nacional e verdadeiro, com maioria de razão, não se pôde de boa fé abstrahir d'essa responsabilidade legitima e intuitiva. Se o *Senio* nos declarára dar no seu *Gaúcho* o typo de um contador de pêtas para divertir a gente, calar-nos-hiamos ; no caso contrario, não ; tenha paciencia.

Demais, contestamos que a maior parte d'esses actos intelligentes seja attribuida pelo gaúcho aos animaes ; não, a maior parte é attestada pelo auctor ; abre, meu amigo, qualquer dos dous volumes, e vê-o-hás.

Mas disse-nos *Senio* que NÃO VALE A PENA refutar a excentricidade de quem duvida dos admiraveis resultados do *instincto dos animaes*; certamente, e muito menos nós o duvidaremos. Urge, porem, estabelecer a devida distincção ; uma cousa é o resultado do *puro instincto animal*, e outra a funcção reflectida, judiciousa, da faculdade humana de *conhecer*, ou do *entendimento*.

Todos os actos que increpamos ao primeiro volume do seu *Gaúcho* não só importam operações da razão, mas de uma razão *esclarecida e sã* — conquista de civilisação adiantada, e tambem do sentimento mais humano, mais justo, mais apurado, sempre presidido pela consciencia da mais fina moral, antithese do Canho.

Não me demorarei em fatigar a tua paciencia, repetindo os trechos que ficam desenvolvidamente apreciados e julgados. No entanto, como complemento ás notas já adduzidas, citarei ainda os seguintes passos do ultimo volume do *Gaúcho*, que agora mesmo acabo de ler :

1°. o reconhecimento do Lucas pelo Murzello, pag. 37 ; 2°. a baia recuar que o fogo dêsse signal ao inimigo, pag. 116 ; 3°. ficar escondido na restinga cada animal da tropilha, à espera, que o Canho fizesse o signal de chamal-os, pag. 106 e 141 ; 4°. sentir o Juca ter sido reconhecido, não ter por isso necessidade mais de emmudecer, e soltar o nitrido, pag. 210 ; *Juca e Morena* repararem no movimento do Canho, farejarem o chão, e ao sahir da villa já conhecerem a pista do cavallo de D. Romero tão bem como o gaúcho, pag. 226. Já o *Gaúcho* conhecer o rosto de um animal que elle vira *poucas vezes* tem o que se lhe diga.

Havera quem creia que todas estas operações de uma razão activa e providente, desenvolvida e perspicaz,

sejam actos de *instincto animal*? *Senio* o dirá de bôa fé? Quem melhor se quizer convencer do prodigio, leia a obra.

Declaro que muito poderia produzir ainda para prova das impugnações, o que deixo de fazer por já me achar em extremo fatigado e até enjoado da materia, por si mesma tão pouco agradável para a quem quer que for deter por mais tempo. Seja-me, porém, licito a-venturar uma apreciação synthetica da obra, encarando-a ao mesmo tempo sob outro aspecto.

Diz *Senio* em sua alludida nota ultima que « o 1.^o volume é o desenho de um grande scenario, o esboço de um character vigoroso, cuja exuberancia ainda não foi revolta e propellida pelo ésto da paixão: que no 2.^o volume começa o drama.

Não é assim: a obra divide-se em quatro livros, intitulados— 1.^o *O Pião*; 2.^o *Juca*; 3.^o *Morena*; 4.^o *Huppa*! Os tres primeiros, o auctor gastou-os em preparar a acção, que verdadeiramente não apresenta interesse algum sinão no ultimo livro. Antes d'este não ha movimento que seriamente preoccupa o leitor, posto que algumas circumstancias destacadas não deixem de o impressionar.

Por exemplo: um sujeito que joga a amante no pacáu, cousa não só pouco verosimil, como de máo gôsto, sob o aspecto estethico! a collocação de uma cruz sobre a sepultura de um cavallo, *como se fôra a de um christão*! uma velha que *está ainda de camisa* á beira do rio, com mêdo de entrar no banho! a Catita a pôr em seu regaço a cabeça da *Morena* e cobril-a de *cari-nhos e lagrimas*! Outra vez a Catita a arrostar a voracidade dos cães chimarrões por amor da egua, e que seria victima dos molossos, um dos quaes já começára a despedaçar-lhe a saia, si não passa *providencialmente* uma vacca ferida, que os attraheu para longe! finalmente o grande amor do Canho a Catita, tendo só e absolutamente só por origem a afeição da moça á *Morena*. Si a moça não trata da egua, o Canho a não amára nunca! Não podia ter fim diverso do que teve um amor, que nascera sob taes auspicios.

Has de permittir-me, meu amigo, que transcreva aqui as palavras *sentidas* do Canho, que as proferio de *joelhos* ao lado do corpo da *Morena* ferida. Admira este rasgo do sentimento épico e sensato do *gaúcho*, que não

se póde ler sem se sentirem as lagrimas acudir aos olhos :

«—Assim devia ser!—balbuciam seus labios frouxos.— Vivemos junctos, morreremos junctos, no mesmo dia. Murzello, nosso velho amigo, foi o primeiro; deixou-nos esta manhã. Nós ficámos para vingal-o; elle deve estar contente. (Porque não? Si estava no céo... Vid. a pag. 172.) Juca, a esta hora talvez já esteja com o padrinho (Quem era esse heróe?); já terá conhecido o pae e o mano. A bala sem duvida traspassou-lhe o coração, porque não soltou um gemido, nem chamou por ti nem por mim; foi mais feliz; não soffreu como tu, Morena! »

Conheces typo de *simplorio* mais perfeito do que este -Canho?!

Continúa a *lamentação* do *bravo* e *másculo* gaúcho:

«—Foste tu *quem* te mataste, amiga, e para salvar-me! A bala em vez de atrazar a carreira te deu azas; sentiste que me perseguíam, e voaste para me pôr fóra do alcance do inimigo. E nem um gemido, nem um signal por onde conhecesse que estavas ferida! Ah! se eu adivinhasse! Para que fugirmos? Melhor era morrermos ambos, combatendo, e vingando o nosso Juca! Eu só, não terei forças nem coragem! Que vale um homem meio morto? eu já morri no Murzello, já morri no Juca; quando acabar de morrer em ti, que fico sendo? Uma cabeça sem corpo (nego; um corpo sem cabeça como sempre foi); uma mão sem braço! Então melhor é *dormirmos junctos no seio da terra.* »

Estás alagado em pranto, meu amigo?

Senio fez que os melhor intencionados criticos e amigos cahissem das nuvens. Todas as expectativas favoraveis á obra foram enganadas.

O segundo volume veio esmagar os mais resplandecentes castellos; dissipar as mais brilhantes esperanças dos folhetinistas benévols, concebidas por *sympathia* sem dúvida ao auctor, com a publicação do primeiro.

Um d'esses escriptores disse :

« O episodio, que constitue o romance de Manoel e Catita, acha-se apenas esboçado; provavelmente no segundo volume, que ainda não appareceu, ficará accentuado aquillo que já se entrevé.

« Com que mimo e delicadeza é apresentada a travessa menina, que consegue domar a indomavel natureza do filho dos pampas!

Outro disse :

« O perfil de Catita, o lyrio do matto, apparece no meio d'aquellas contorsões, combates, perigos e lagrimas, como o vulto de uma estrella limpida resplandecendo na tempestade. »

Engano de ambos. Não foi a travêssa menina quem domou a indomavel natureza do gaúcho; o auctor negou a este desgraçado Canho a misericordia de um sentimento sublime, despertado exclusivamente pela mulher; o gaúcho amou Catita, porque Catita mostrou compadecer-se da egua.

Tambem Catita não é o lyrio do matto, a estrella limpida resplandecendo na tempestade. E' uma mulher vaidosa, que accêita a côrte de Romero, que com elle conversa à janella, e por quem se perde afinal.

E' ainda astuta e velhaquêta, que pretende illudir o Manoel com os versos de sentido dubio ou duplo, que se applicam tambem ao castelhano :

« Ai, não fuja, não, meu bem,
« Que me mata esse desdem. »

Conclusão: não havia sinceridade no amor de Catita; não havia espontaneidade nem exclusivismo no amor de Canho. Miserrimas concepções ! Cada qual mais triste e deploravel !

Disseram mais os escriptores referidos :

« Tratando de Bento Gonçalves, que, adivinha-se, terá de representar um grande papel no seu romance, José de Alencar dá-lhe um character épico e esculptural, cobrindo de veneração o grande homem do seu paiz.

« O perfil do coronel Bento Gonçalves, que vai formar a base primordial do segundo volume do *Gaúcho*, está delineado com mão de mestre. »

Engano de ambos. Nem Bento Gonçalves *representa um grande papel no romance*, nem Bento Gonçalves vai formar *a base primordial do segundo volume do Gaúcho*.

O auctor passa por cima do nome e das tradições, e, posso até dizer, da historia do grande brasileiro, como *gato por brasas*. Sempre o defeito caracteristico : despreza a fonte perenne, inexgotavel, para ir pedir algumas gôttas ao arroio estanque; deixa-se a historia e a natureza, e soccorre-se ao apoucado capricho e á imaginação exhausta.

« Quanto á parte historica, o auctor foi mais sobrio do que desejava, e quiçá do que esperava o leitor; limito-me a atravessar de relance o prologo da revolução rio-grandense. » Foi *Senio* que acabou de fallar.

Todos ficam boqui-abertos, menos o que escreve estas linhas, *Atravessar de relance o prologo* ! Nem, ao menos.

teve em consideração as previsões para dar algum desenvolvimento à parte histórica e às expectativas do publico. Tudo quanto pôe ligeiramente em scena com relação à revolução é incompleto, minguaado e deprimido.

« A isso o obrigaram seus escrúpulos; trinta e cinco annos, menos de meio seculo, não bastam para archivar factos e personagens tão ligados ainda ao presente pelos vínculos das paixões e da familia » eis a razão dada por *Senio*.

Uma cousa te digo, meu amigo, vem a ser: que poucos se julgarão com pulso para pôr a mão n'essa ceára, d'oude ha épicos fructos a colher.

Ninguém dirá que o *Guicho* não seja uma espiga.

Mas devo declarar-te com franqueza: os fructos pêcos e fanados só servem para mais sensível nos tornarem o damno da abundantissima e excellente mêsse, que se perde nos campos nataes, á míngua de um segador idóneo.

O tempo no-lo trará decerto. Não desanimemos.

Sempromio.

(Continúa)

Undecima carta

DO ROCEIRO CINCINNATO AOCIDADÃO FABRICIO

Rio de Janeiro, 6 de Octubro de 1871.

Preclaro amigo.

Passei uns dias sem caturrar comtigo, e já tinha saudades d'este nosso cavaco; vamo-nos a elle.

O projecto, geralmente almejado, é lei. Deixemos o paiz regosijar-se com a nova e honrosa era, que os legisladores lhe depararam; o governo receber os testemunhos internos e externos da gratidão da humanidade; e todos, como cada um, prepararem-se para a esplendida transformação social. E visto que voltamos a tempos normaes, é chegada a occasião de concluir eu o pagamento de uma divida.

Já nas minhas 5.^a e 6.^a carta, de 20 e 22 de agosto, escriptas, apenas o *Jornal do Commercio* deu o teor da

interpellação do Sr. Alencar, repelli a série de invectivas, falsidades e calumnias, que (de logar onde me não era possível dar-lhe resposta, *aliás o não ousaria*) imaginou derramar sobre mim, se é certa a intenção que geralmente se lhe attribue.

Entre essas amenidades, distinguiram-se as seguintes: « — Não dou a menor importancia a esses escriptos, nem a seu auctor. — « Rabulices litterarias, de que tenho nojo » — Esse estrangeiro accompanhou a discussão como acolyto » — « . o seu insulso aranzel » — « suisso da penna » — « cavalleiro de injuria, para pagar ao qual se despejam os coffres públicos » — « aventureiro » — « pertende surgir do desprêso publico em que caíu. » — « Os meus adversarios (mercê de Deus) não são d'aquella ordem. » — « O Presidente do Conselho abriu-lhe o Thesouro, que outr'ora se lhe fechou. » — « Hade prestar a outros, e *por equal razão*, o mesmo serviço que ora está prestando. » — « Penna mercenaria. » — « Assalariado » etc. etc.

Está o extracto feito com lealdade, e condensado por tal arte que a injuria omnimoda esguicha que nem agua da fonte de compressão? Estimo, estimo; e se novamente desconhecesse o sudario, é porque me pesaria que alguém desconhecesse o inqualificavel e ferino das provocações com que correspondeu ás maiores provas de cortezia e deferencia, quem fugiu do terreno para onde chamára. Eu que almejo por tratar com respeito a todo o genero humano, para merecer tratamento equal, não quizera se desconhecesse um momento a força maior, que me constrangeu a mudar de linguagem para com quem gratuitamente me vilipendiava e calumniava. Ha homens, que é preciso pôr no seu lugar.

Declarei pois, desde logo, que levantava a luva, com a differença de que não pagaria injuria com injuria, e mil vezes menos calumnia com calumnia; que agradeçia a rudeza com que se saltava por sobre todas as considerações, auctorizando-me a saltar por sobre algumas; que porem ao systema adverso de inventar factos deshonrosos, corresponderia com o systema juridico de *allegar e provar*.

Curvei-me ante a condemnação da minha intelligencia, mas não ante a da minha probidade. Não appellei da sentença, que me proclamava rabula litterario, estrangeiro acolyto, auctor de aranzeis insulsos, e digno do desprêso do chanceller das reputações. Tudo isso

são apreciações intellectuaes, em que S. Ex. pode ou não ser acompanhado pela opinião acceto tudo das dadivosas mãos de S. Ex., inclusive o diploma de parvo.

Agora, o que não accitei com egual humildade, foi o restante *autem genuit* de accusações de facto, d'aquellas que, uma vez proferidas, ou deshonram o accusado com o stygma de miseravel, ou o accusador com o ferrete de calumniador. Declarei eu immediatamente que convidava o arrenegado orador a despir-se das suas (elásticas) immuniidades, a repetir as mesmas arguições pela imprensa, protestando-lhe eu habilital-o no mesmo dia a desmascarar-me, provando não todas, mas uma unica das suas increpações de *mercenario, assalariado, cavalleiro d'injuria, suisso da penna para quem se despejam os coffres publicos, a quem o Thesouro outr'ora se fechou e se abriu agora* etc. etc. Que nome merece quem vem á praça com linguagem d'estas, e convidado pela sua victima a justificar as suas palavras, treme de repetir com responsabilidade aquillo que sem responsabilidade barateia?

Se me não posso lisonjear de gabar-lhe outras qualidades, ao menos a da prudencia merece os meos prolfacas. Realmente faz muito bem, porque a invenção foi triste, porque só a immuniidade parlamentar (?) a tornou impune, e porque, barafustasse o accusador quanto quizesse, nunca acharia um pretexto sequer para as suas ousadas asserções.

Se S. Ex. quizesse dar-se ao incommodo de occupar os seus espias, e se elles o não illudissem, dir-lhe-hiam, de Cincinnato, ou de quem quer que neste nome se chrismasse, o seguinte:

— E' falso que elle seja, nem jámais fosse, assalariado por ninguem, nem no Brazil, nem em parte alguma, do mundo. Nunca poz a sua penna (de ouro, ou de chumbo, isso não é o caso) á disposição senão das suas convicções. Tem pejado os prelos com dezenas de volumes, impressos sempre á sua custa, ou de seus editores. Tem superintendido a redacção de 7 folhas periodicas, durante largos annos; tem sido escriptos seus acolhidos em mais de 30 jornaes, allemães, francezes, portuguezes, brazileiros, sem que jámais recebesse estipendio algum por estas collaborações, e sendo propriedade sua as folhas que superintendeu. D'este constante procedimento em nada destôa o recente: ninguem

lhe offereceu, ninguem lhe ousaria offerecer especie alguma de remuneração por seus pobres escriptos, já pelo cavalheirismo inconcusso de quem taes offerecimentos houvesse podido verificar, já pela certeza prévia de que bastaria o mínimo vislumbre que a tal proposta se assimilasse, para o fazer não molhar a penna em tinta, mas quebral-a.

E mais lhe diriam os mexeriqueiros :

— E' egualmente falso o tal escancaramento do Theouro, pois, após as mais minuciosas pesquisas, achámos, que Cincinnato nunca directa ou indirectamente d'alli recebeu um ceitil, que não proviesse de poderes conferidos por credores que o eram por leis ou sentenças; que ha muitos annos e até hoje, nem mesmo nestas legitimas qualidades tem levantado nada; e que finalmente não tem lá, nem por si, nem por procuração de terceiro, requisição ou pertença de especie alguma.

Parece ser tudo isto assaz positivo, e que um dos dous falta á verdade; qual será?

Sem applicação, e só como pratica entre nós ambos, dir-te-hei que em algumas de minhas recentes leituras, impressionaram-me certos estudos retrospectivos. Assim li eu que no tempo dos imperadores romanos, já quando se considerava extincta toda a vida publica, o famoso direito de accusação privada deu origem aos abusos mais odiosos, e o papel de accusador tornou-se, sob o nome de delação, tão lucrativo como infame. « Por isso, uma das mais bellas creações do genio moderno (diz a *Nova Encyclopedia*) é indubitavelmente a instituição de um ministerio publico, organ da lei e representante da sociedade, substituindo as accusações particulares, eivadas geralmente de sentimentos rancorosos ou de interesses egoistas. »

Depois de affirmar que a obrigação do denunciante é dirigir-se abertamente á justiça, e appresentar-lhe as provas de suas asserções, Montesquieu chama bem a attenção para este memoravel uso: « *Em Roma, o accusador injusto era notado de infamia.* »

Nós cá, se já tivemos na lei a marca L para certos casos, nunca tivemos a marca C para calumniadores; mas se é certo que hoje nos parlamentos reside seu quê de soberania, e tanto que os Deputados são Augustos, e tem o rei na barriga, lembrar-te-hei que a nossa or-

denação não era tão imprevidente como isso, pois no L. V. tit. 10, alli diz o competente Augusto: « Mandamos que toda a pessoa que nos vier dizer mentira, em prejuizo de alguma parte, seja degradado 2 annos, e pague 20 cruzados para a parte em cujo prejuizo nos assim disse a mentira, e mais ficará em arbitrio do julgador dar-lhe mór pena, e julgar á parte sua injuria, se for caso d'injuria. »

Graças a Deus, que as luzes do seculo, a liberdade da lingua, a inviolabilidade dos inventores, as conveniencias sociaes, e o *monde marche*, tudo isso substituiu o eterno direito pelo direito novo; e d'estar-te as sociedades marcharão avante por uma estrada real; se não for a da civilisação, será a de Pantana!

Páro aqui. Logo terei occasião de, estupefacto, perguntar-te quem é a bocca d'onde saíram taes accusações...! por hoje não compliquemos.

Teu dedicado

CINCINNATO.

Epigrammas e madrigaes, originaes ou imitados

Bôa troca

Eu mandei-te uns pobres versos;
 (Tiveste a bilha de leite).
 Mandas-me um presente esplendido.
 (Graças á bilha d'azeite !)

A uma moça, que sobre a sua idade, mento sempre

« — Quantos annos fazes, Anna,
 neste dia afortunado ? »
 « — Dezoito. » — « O que! Vinte e cinco
 fizeste o anno passado. »

« — Quantos annos fazes, Anna ? »

« — Este é o vigessimo quinto. »

« — Dizes sempre isso ha dez annos ! »

« — Pois ahi vê que não minto. »

« — Quantos annos fazes, Anna ?

« — Hoje faço dezesepte. »

« — Não me admira, não me admira;
essa continha promette.

Fizeste vinte, ha dous annos;
no passado, menos um;
indo assim... em poucos annos,
não fazes anno nenhum. »

Zero.

Ao ouvir-se que a IRACEMA ia ser trasladada
a italiano.

Lá vão verter a *Iracema*
em grego, e latim, e inglez.
Se eu fosse o auctor do poema,
vertia-o em portuguez.

Themistocles.

QUESTÕES DO DIA

N. 13

RIO DE JANEIRO 12 DE OCTUBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Laemmert.— Praça da Constituição, Loja do canto.—Livraria Academica, Rua de S. José n. 119—Largo do Paço n. C.— Rua de Gonçalves Dias n. 79. — Preço 200 reis.

Tendencias desorganisadoras

O que a constituição regulou sobre a existencia politica da sociedade brasileira assenta em tão solidas bases de verdadeira sabedoria, que, alliando no interior a ordem e a liberdade, serve de exemplo, attrahe a attenção, e o respeito dos povos estranhos.

No entanto ha um circulo de innovadores, que, apresentando, com deturpação clamorosa da verdade, este paiz em lucta incessante com a influencia de um elemento desorganizador da liberdade politica, pretende, com insistencia, inocular no espirito do povo principios erroneos, e subversivos da monarchia representativa.

As idéas republicanas estão desde muito desaccreditadas no Brazil; e não será hoje que conseguirão fazer fortuna: porque hoje, mais que em tempo algum, o prestigio da monarchia, como foi pautada pela nossa constituição, acha-se justamente firmado na pessoa do actual imperante, e na augusta familia, cujas virtudes o Brazil admira.

As idéas republicanas foram já vencidas pelos principios são da nossa forma de governo, quando pretenderam os seus coriphêos impol-as com a denominada *republica do Equador* em 1824, com a *sabinada* na Bahia, em 1837, e com a *republicueta* de Piratinim, nos primeiros annos do actual reinado.

As idéas republicanas cahiram em justo descrédito com esses e outros movimentos politicos, em que sempre triumphou a ordem constitucional da monarchia representativa. Hoje essas idéas pretendem rehabilitar-se,

tendo por apóstolos um ou outro *liberal historico*, alguns descontentes e insoffridos ambiciosos de mais recente data, e jovens *sonhadores* em quem queremos suppôr bôa fe.

E, cumpre dizer, o que lhes deu animo para essa tentativa de hoje, na imprensa, foi o despeito de alguns dos nossos homens politicos, a quem, por sua posição na sociedade, corria imperioso dever de serem sempre comedidos nos seus meios de opposição, e em suas aspirações ao governo.

Temos visto, desgraçadamente, que sempre que os partidos entre nós descem do poder, ou todas as vezes que certos homens se vêem burlados em seus calculos politicos, é logo a pessôa do chefe irresponsavel da nação o alvo certo de aggressões ou insinuações mais ou menos manifestas, com o fim de fazel-o passar como exercendo no governo influencia indébita, e perniciososa !...

Temos visto, mesmo no seio das camaras, serem enunciadas, e repetidas, proposições n'esse sentido !... Deploravel desabafo ! grande erro !...

Houve já quem dicesse que no poder moderador estava consagrado o absolutismo !... E dizia-o em voz accentuada, mas não exprimindo a verdade constitucional, nem a verdade da sua consciencia, porque sempre dera provas de que a sua consciencia politica n'este ponto era outra : exprimia somente a paixão, mal cabida, do momento.

E mal cabida, porque os homens politicos, altamente collocados, e de reconhecida intelligencia, não podem, sem desconceituar-se, e não devem, sendo homens de ordem, apaixonar-se por modo que appareçam em publico, ou pela palavra, ou pela penna, soltando errôneas proposições de tal gravidade.

Ainda na sessão d'este anno, por occasião de discutir-se a proposta do governo sobre o elemento servil, testemunhámos todos o que se disse no parlamento, o que se escreveu na imprensa, por parte dos adversarios da grande providencia, sobre a influencia do supposto *poder pessoal*....

Tudo isto tem servido de incentivo, de tempos a esta parte, para essa cruzada que se pretende arregimentar contra a instituição da monarchia representativa entre

nós ; contra essa forma de governo, que nos tem conservado unidos como nação, que nos tem angariado a estima e o respeito dos povos civilisadòs; que nos tem dado gloria, como aquella que nos veio dos nossos triumphos contra a barbaria do tyranno do Paraguay, que ameaçava subjugar as republicas visinhas, sempre tão mal reconhecidas dos serviços que de nós recebem.

Olvidam os partidos entre nós que são elles que se inutilizam, que se gastam depressa, e se inhabilitam para continuar no governo, quer por suas discordias intestinas, quer por erros, ou incapacidade, ou desgostos dos seus chefes, desgostos quasi sempre gerados por seus proprios partidarios.

A situação politica decaída em 15 de julho de 1868, bem o sabem os liberaes, e progressistas de então, não foi determinada pelo capricho, pela imposição da corda, mas sim pela força das circumstancias, que actuaram de modo dissolvente no partido liberal.

Essa situação, como é sabido, e confessado por muitos dos principaes chefes que n'ella activamente figuraram, nunca poderá formular programma certo, confesavel, de governo.

Os chefes liberaes, reunindo-se por mais de uma vez para chegarem a um accôrdo n'esse sentido, não o conseguiram.

D'ahi resultou que alguns se retrahiram, e outros foram fazendo politica por sua conta.

D'ahi resultou não menos que desde logo a situação se viu collocada em terreno falso; e o fraccionamento do partido, composto de elementos dissolventes, tornou-se manifesto, denominando-se uns *liberaes historicos* e outros *progressistas*.

D'ahi a lucta que se tornou encarniçada ao ponto de dizerem os *historicos*, em pleno parlamento, ser preferivel a ascensão dos conservadores.

Chegadas as cousas a este ponto, e quando o presidente do conselho do gabinete de 3 d'agosto, chefe da fracção dissidente, creava, *calculadamente*, como tudo faz crer, uma crise, com o fim duplo, ou de tornar-se dominador absoluto da situação, ou cair e *dando mate aos historicos*, dos quaes se achava completamente divorciado, a mudança que se operou na politica do paiz foi consequente, foi natural.

Si logo, no outro dia, as duas fracções decaídas se uniram, em amplexo fraternal, para guerrear a nova situação, creada pelo chefe dos progressistas do modo mais desasado, foi isso consequencia? Não foi antes um desconceito para os que assim procederam? E que imputação justa contra o procedimento da corôa podia ser feita pela nova liga, uma vez que a corôa não tinha outro alvitre, sinão o que tomou?

Os liberaes tinham-se inutilizado para continuarem no governo: seus chefes mais illustres, como o Sr. Nabuco e outros, tinham estado no ministerio, e haviam-no deixado por desgostos com o partido. E si havia o Sr. Theophilo Ottoni para organizar novo ministerio, não era possivel que fosse bem succedido, visto como, sendo *historico*, estava em guerra aberta com o Sr. Zacarias, chefe dos progressistas, e por estes seria hostilizado.

E, sendo consultado pelo Imperador o chefe do gabinete demissionario sobre a pessôa que lhe parecia mais adequada para, n'essa occasião, ser encarregada da organização do novo gabinete, o Sr. Zacarias não indicou o Sr. Ottoni; reconheceu que era chegada a vez de passar o governo ás mãos dos conservadores, e indicou o Sr. Visconde de Itaboraahy.

Ora, sendo tal facto determinado logicamente pela ordem dos successos, si não teve a corôa, sinão aquella influencia constitucional que justamente devia exercer; não podendo haver outra solução possivel; não foi um desabafo lamentavel, e desleal de partido tudo quanto se escreveu então, tudo quanto se disse contra a politica pessoal da corôa, no modo porque exercêra a prerogativa constitucional?...

O thema constante dos novos propugnadores dos principios republicanos é a má influencia do *poder pessoal* existente com a monarchia; e para isso, ou inventam factos, ou desfiguram os que se passam, e investem contra todos os actos do poder executivo!

Si a policia prende os criminosos, é um abuso revoltante da *politica imperial*!

Si se dá o caso de um assassinato, é effeito da *politica imperial*!

Si o governo apresenta, como apresentou, a proposta para abolição do elemento servil, é uma *imposicão im-*

perial; perde todo o merecimento a grandiosa idéa, porque se põz á sua frente o governo do Imperador!

E o mais é que n'isto foram animados por quasi todos os que (como já pouco antes observámos) combateram a proposta, pertencentes ao partido conservador, ou como taes considerados !

Oh ! *bem pernicioso* é a influencia da politica do *poder pessoal*, que, interpretando sabiamente a opinião publica, promove o maior dos bens, que o paiz podia receber dos seus legisladores.

Bem pernicioso, no vosso dizer, é a politica imperial que véda o trucidamento dos partidos entre si, como succede nas republicas, que tanto admirais, vós outros que prégaes o governo republicano !

Pelo regular exercicio das attribuições, de que se acha investida, a monarchia modera a furia dos partidos. Sendo este o governo que consagra placidamente o governo das maiorias, não sendo o Imperador creatura de um partido, mas chefe vitalicio, e defensor perpétuo da nação, não pode ser sinão o juiz imparcial, que nas evoluções regulares dos partidos, entrega o poder á maioria em condições de governo nas pessoas de seus representantes mais auctorizados, seja a maioria liberal, seja conservadora.

Na nossa feliz forma de governo, estas operações fazem-se por meios naturaes, sem as commoções que soem dar-se nos governos de forma republicana, onde, geralmente falando, as maiorias despotizam, porque são sobre maneira intolerantes; o chefe que empunha as rédeas do governo é o chefe do partido que vence, tem dividas de partido a pagar : tem paixões a satisfazer.

A má fé, com que os propugnadores das idéas que combatemos querem implantar-as com o descrédito da monarchia, e mesmo das qualidades pessoas do Imperador como magistrado supremo da nação, essa falta de verdade com que apreciam os actos de um governo, que só pode querer o bem da nação; e os perigos que na sua applicação encerram como governo os principios republicanos, fazem que a opinião pública repilla entre nós taes principios; mas, não obstante o descouceito em que são tidos, não será de mais que os amigos da ordem monarchica os apreciem uma ou outra vez, como agora fazemos, no interesse da defeza das boas idéas.

Nas condições do Brazil, não lhe convem outra forma de governo, sinão aquella que possui: porque offerece á liberdade politica os precisos impulsos, como tambem á ordem publica.

Do que precisamos é de educação politica nos partidos militantes; que os chefes saibam conservar-se na altura dos seus deveres; que saibam reconhecer que a lucta das opiniões deve ser sempre nas espheras constitucional e moral dos partidos, não se desprestigiando elles mesmos com soffregas ambições.

Não será sinão com a forma de governo que felizmente possui, que o Brazil, grande no seu territorio, grande nos seus recursos naturaes inexgotaveis, ha de engrandecer-se moral e politicamente entre as nações, exercendo tranquillamente, e com zelo patriotico, seus direitos politicos; cultivando e desenvolvendo o trabalho e as fontes de riqueza; fazendo cada um conveniente uso de sua actividade individual.

JUNIUS.

Obras de Senio—O Gaúcho

(*Cartas a um amigo*).

VII.

Meu amigo.

Acabo de ler o *Gaúcho* e pergunto á memoria ou ao sentimento, si houve no decurso d'essa historietta rasgo, que me deixasse duradoura impressão no espirito ou no coração. Embalde!

Nada, meu amigo! Nem um lance de mestre em 499 paginas! Por mais que se queira, não se encontra uma scena completa, que verdadeiramente commova e arrebate, ou deixe traços no animo do leitor que sobrevivam á leitura. Si tudo não é pallido e frio, e n'alguma

coisa ha cores e calor, esse calor é incongruente, esse colorido é desvairado.

Senio não escreve para explorar o sentimento. Preocupado inteiramente com os enfeites, com os arrebiques, com as exterioridades de inadmissivel estylo, pouco se importa com pintar ou não a vida. E' de tal ordem o dizer deste livro, que, em pre sença d'elle, até se poderá achar mimo na *Luciola*, e fluente suavidade no *Guarany*.

No último livro, que é onde apparece certo movimento dramatico, situações ha que offereceriam ensanchas para um effeito commovedor; entretanto, passam frias ou com calor mediocre; o leitor adivinha, comprehendendo que o lance aspira a fôrça, mas não o sente; desverdicam-se d'est'arte occasiões solemnes, d'onde uma jenna proporcionada á altura das circumstancias poderia aproveitar mais de um brilhante successo.

Recuemos ao livro 3°. Sabes que *Senio* encarece aos quatro ventos o seu Canho. Forma d'elle idéa agigantada que se perde nas alturas do zenith: reputa-o typo, grandeza cabal — *organisação esculptural e athlélica*.

Um blhetinista comparou o Gaúcho ao « Cid Campeador, que se destaca das paginas do livro, á semelhança os bustos de marmore nas mãos artisticas de Pradier. E a proposito: busto é de certo o Canho, isto é um organisação mutilada, amputada, que de homem se tem o rosto, e longe está de exprimir a energia vanil em toda a sua inteireza.

São tanta as cousas a dizer que sò um volume bastaria.

Vejamos como acorda aquelle coração « cujo despertar devia ser violento, uma explosão; cujo amor nasce no meio dos combates sanguinolentos « como nos refere o auctor. »

Entre parentheses : que combates sanguinolentos são esses, no meio dos quaes nos diz *Senio* ter nascido o amor de Manoel? O leitor apenas e difficilmente os poderá presuppôr, ao que o auctor os tenha pintado para fazer vivo, natural e grandiosamente original o rebentar do affecto. O gaúcho não era mais que um bombeiro, qualidade que o impedia de empenhar-se em luctos serias; era um eia, e como tal o vemos escondido

dendo-se no matto, fugindo ao ver troços inimigos, conduzindo cartas a Rosas, etc. Onde os combates sanguinolentos, no meio dos quaes brotou a paixão á Catita?

Ah! bem diversa se passou a transição. A paixão resultou de uma circumstancia accidental para elle — a de encontrar a Catita abrigo no regaço uma égua agonizante.

« —Morta! —disse elle, precipitando-se.

« —Não! —balbuciu Catita.

« Os olhos do gaúcho, encontrando os da rapariga, não se desviaram, como outr'ora. Quem elles viram não era mais a mulher bonita e seductora, e sim um coração, que entendia e partilhava sua dôr; uma alma que n'aquelle momento solemne entrava na *santa* communhão de suas affeições. » (Vid. pag. 129 e seguinte.)

Eis ahi como nasceu a paixão do Hercules eunuch, do preconizado centauro com coração de pomba-rola

Depois d'isto elle não tem o primeiro abraço para Catita, mas para o alazão. « Só então abraçou o alazão, a quem na vespera julgara morto. » (pag. 130.)

No meio d'esse doloroso transe, vem o Luca chamal-o, e parte, sem dizer á Catita: *Aqui te fãam as chaves e lá se foi ouvir, tres discursos, um de Ortis, outro de Verdun, e o ultimo do furriel* (pag. 132.)

Apresentou, porém, certa duvida para do seguir os correigionarios, não em attenção á Catita, mas á morena, que estava enferma.

« — Porque razão não quer você ir conosco, Manoel?

« —Alguns dos senhores abandonarã seu irmão e seu amigo, quando elle está a expirar »

« —Acima de tudo a patria!

« —Minha patria é a campanha, *nde corre meu cavallo.* »

Nada ainda de grande para com a moça, nem tambem para com a patria, como vês.

Por fim como houvesse extrahido a bala da ferida da égua, o gaúcho « apertou » seio o corpo trémulo damoça e desapareceu. »

Encontrou-a depois montada na égua.

« —Manoel ! disse Catita.

« —Viva ! balbuciou o gaúcho. » (pag. 145.)

Foi então que « Manoel colheu a flor dos seus labios mimosos, que soluçaram n'um beijo » Todo entregue aos seus cavallos e ás suas éguas desde creança, saberia acaso o Canho que existia no mundo uma cousa a que se chamava—beijo ?

Soubesse ou não, eis como despertou aquelle immenso coração. Ainda procuro a explosão e não acho. Por um olhar, por um amplexo, por um beijo principiam quasi todas as paixões e até as mais comezinhas e triviaes. O que nos deu, pois, *Senio* de excepcional e magestoso no despertar do amor do Canho ?

Entramos agora no 4º e ultimo livro.

Ha duas situações energicas neste livro, mas imperfeitas: a primeira, quando Manoel volta, creio que para casar com a Catita, e a encontra victima de sua perfidia ; a segunda, quando depois de haver assassinado o castelhano, e de o arrojado ao abysmo, dá com a moça a fazer-lhe mil protestos.

Na primeira, lá andou o auctor assim assim; ahí talvez interesse ao leitor, posto que só empregando a linguagem do silencio. Ha muito quem seja tido por eloquente e até sabio, por guardar silencio.

Na segunda, falta o auctor á logica, deixando o gaúcho tolerar a mulher lançar-se á garupa da *morena* e com ella desaparecer na corrida desesperada pelo deserto a dentro.

Em situação nenhuma o Canho caiu tanto, como n'esta, da qual podia ter tirado o auctor o melhor partido, que ella a isto se prestava.

N'aquelle auge, um homem de genio vertiginoso, de caracter arrebatado, não teria piedade para a mulher, que o trahira na primeira, na unica excelsa paixão de sua vida. Uma vez « abarcando na cabeça da moça as longas tranças negras, revoltas pelo sopro da tempestade » devia arremessal-a ao abysmo, onde se achava o chileno. Tocante verosimilhança haveria n'esse assomo de viangaña bravia !

Senio desdeuha, porém, a naturalidade para favorecer o romance?

Lá vai Catita correndo sob tolos os mil azorragnes

do pampeiro, agarrada ao Canho; e perdem-se ambos na immensidade do desconhecido. Vão viver muito bem, talvez, muito felizes nas esplendidas obscuridades do deserto.

Pobre Canho!

Ha um typo consequente: é o de Felix, que se suicida quando vê escapar-lhe o gaúcho, de quem elle morria de ciúmes, por causa da Catita.

E o pampeiro?

Quando conhecíamos apenas o primeiro volume da obra, censurámos a *Senio* a descripção minguada e caricata, que fizera do furacão do pampa. Agora que, no segundo, consagra especialmente um capitulo á pintura do pampeiro, apreciamol-o.

Desenhando a savana ao pino do meio dia em seu primeiro volume, abstrahê de toda a creatura animada que habita n'essas solidões, e chega a dar a estas a denominação de *pasm*, de *torpor* da natureza. Acha mais natural e verosimil surgirem os peixes á flor da agua no mar para denunciarem ahi a vida, do que correrem e relincharem os cavallos, pastarem as rezes, apparecerem veados e outros animaes, voarem aves no pampa, com o fim de deduzir d'ahi uma supposta immobildade ou paralyisia para a natureza. Tudo por amor de um contraste! de mero capricho!

Em quanto assim faz relativamente, á savana, vemol-o cahir no excesso opposto fazendo « arremetterem no *pampeiro* cem touros selvagens (bastava um para dar idéa da braveza da natureza) escarvando o chão; sentir-se o convólculo de *mil* serpentes, que estringem as arvores *colossaes* e as *estilhaçam* silvando (que arvores *colossaes* essas, que as serpentes *estilhaçam* com seu *convólculo*!); uivar a *matilha* a morder o penhasco *d'onde* arranca lascas da rocha *do penhasco* ou *da rocha?*) como lanhos da carne palpitante das victimas; tombarem os tigres de salto sobre a presa com um rugido espantoso; finalmente ouvir-se o ronco medcnho da *sucury* brandindo nos ares a cauda enorme e o frémito das azas do condor, que rue com horrído estridulo. » (optimo esdrúxulo).

Já *Senio* tinha dito: « O pampeiro é a maior chólera da natureza; o raio, a tromba, o incendio, a inundação, todas essas *terriveis* convulsões dos elementos não passam de *pequenas iras*, comparadas com a sanha ingente do cyclone, etc. »

Depois de assim pomposamente apregoado o pampeiro como a chólera maior da natureza, ante a qual são *pequenas* iras as *terríveis* convulsões dos elementos, o que é que vai constituir a magestade original, a descommunal grandeza do phenómeno meteorologico? O arremêso do touro, o aperto da serpente, o uivo do cão, o salto do tigre, o ronco da sucury (ainda serpente), as azas do condor.

Ainda mais : o pampeiro é tambem a *cauda* da sucury brandindo nos ares!

E as *gargalhadas do raio*? E a alma do Canho a *crispar-se*? E as *tempestades* fugindo pávidas com mêdo do pampeiro, como um bando de *capivdras* ouvindo o *berro da giboia*?!!

« *Unicos*, no meio d'essa horrivel subversão, aquelle homem (o Canho) e aquella mulher (a Catita) não se *apercebiam* dos furores da procella. » Estavam cada- veres, não ha que vêr. O Canho nem via os relampagos cingindo de uma auréola fulminea o semblante da moça!

Não; « dentro de suas almas lhes tumultuava outra furiosa tormenta, que as devastava com sanha mais terrivel que a do raio. »

Ainda assim não era motivo para se não *aperceberem* dos furor da procella. Daria o auctor mais verdade e fôrça ao lance, si fizesse esse homem e essa mulher tirarem novas energias e novos estímulos da propria lucta dos elementos, tendo porém d'ella clara consciencia.

Nota-se n'essa descripção luxo de palavrosidade, vigor de phrases retumbantes, *cyclones*, *athletas*, *gigantes*, *cobras*, *touros*, *tigres*, *cães*, e até demonios, que vem do bátrathro, porém na verdade muito pouca cousa do real desabrido embate dos elementos.

Depois de se haver admirado a descripção do furacão por Audubon, não póde ler-se sinão para ficar-se contristado, mormente si se é brasileiro, a descripção do pampeiro por Senio.

Meu amigo : não quero mais alongar-me n'esta fatigante analyse.

Amanhã dar-te-hei minha última palavra sobre o *Gaúcho*.

Sempromio.
(Continúa)

Duodecima carta

DO ROCEIRO CINCINNATO AO CIDADÃO FABRICIO

Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1871.

Venerando pé de boi.

Bons dias, meu velho. Cá volto a bater o prego. Queixas-te de que eu na minha correspondencia tracte *ab hoc et ab hac*, e me não concentre mais. Podia responder-te que, se ha culpa em mim, é no opposto; mas não disputemos. Já receio parecer pegajoso, não desaferrando de tão seccante materia: vejamos pois, se se acaba, desta feita, com a analyse da interpegação.

Já provei que houve injustiça nas accusações parlamentares feitas pelo Sr. Alencar contra quem tomou por um pata-choca, contra quem não pertencia ao parlamento, e nem mesmo ao serviço publico; agora cumpre deslindar quem seja o marruaz que atira estas pedradas de cortiça, sonhando-as de bronze. De lá vituperios, d'aqui argumentos: vós ás duras, eu ás maduras: quem diz o que quer, ouve o que não quer, comquanto eu reconheça que onde elle é sol, não passo eu de pirilampo.

Mas para que me não acoimes de insultuoso, preciso primeiro varrer a testada, e deixar assente a minha opinião sobre duas questões prévias.

Deixa tu gyrar os alcatruzes da nora!

1.ª E' punivel, na ordem criminal, moral, religiosa, civil, ou politica, o abjurar? Eu ponho-lhe muita dúvida. 2.ª Ha crime em ser mercenario? Tambem me parece que não.

Quanto á primeira these, não ha nada mais fidalgo que os precedentes historicos: Clovis, Turenne, Pedro III, Catharina, Christina de Suecia, Augusto de Saxonia, os sabios Zacharias Werner, conde de Stolberg, Schlegel, Haller, e tantos outros luminares, abjuraram; assim como apostataram o padre Antonio, Bernardotte, e uma porção de outros figurões. Substituindo o barrete de clerigo pela carapuça vermelha, muitos padres renegaram da sua creença no altar da Deusa Razão, que a despeito do nome, não gerava senão desarrazoados horrores.

Não excaves muito, porque em geral acharás sempre um porquê, muito feio, nestas revira-voltas, de passaros de bico amarello, em cada uma das quaes o apóstata tostuma segredar a si mesmo a phrase que Henrique IV dice, se é que dice: « Com 300 pipas, o reino de França vale bem uma missa. » Entretanto estas magicas intellectuaes não são raras, nem obscuras; e quando meditadas e não repetidas, podem estas abjurações ser conversões. Resolva-o a consciencia, e não o fulminem os homens.

Pelo que toca á segunda these, direi que se hade stygmatisar a alma mercenaria, que, nas cousas da vida, que devem ser

pautadas pelos principios da nobreza e dos sentimentos, só tem por pharol o egoismo e o calculo .Mas eu agora, quando usar do vocabulo *mercenario*, não o tomarei senão na accepção do operario que recebe o salario de serviço ; e porque se me não assaque depois intenção injuriosa, transcreverei aquillo, da *Miscellanea*, de Miguel Leitão de Andrade, *dial.* 18 pag. 157 : « Mercê procedeu da palavra *merces* latina, que quer dizer *salario de serviço*, ou *soldada*, por onde dizemos por cortezia *Vossa Mercê* (como quem diz : « Vós, que me podeis dar soldada, como meu maior, e eu servir-vos.) » E em rigor, é tanto e mais que senhoria, porque aos reis nossos de Hespanha se falou já por *Mercê* e *Senhoria*, depois *Alteza* e *Magestade*, etc. »

Os livros santos, em muitos logares, honram a posição do mercenario, como em S. Lucas, quando diz (10) : « *Dignus est enim operarius mercede sua* » ; e Tobias (4) : « *Quicumque tibi aliquid operatus fuerit, statim ei mercedem restitue, et merces mercenarii tui omnino apud te non remaneat* etc. Houve uma distinctissima ordem militar e depois religiosa, fundada por S. Pedro Nolasco, acompanhado de S. Raymundo de Penhaforte, e de Pedro rei de Aragão, denominada dos *Mercenarios* (com voto de trabalhar para a redempção dos captivos, como outros o fazem de barafustar por impedil-a). Portanto, e pelo mais dos autos, e invocados os doutos supprimentos, acceitemos a declaração de que a palavra mercenario não é desairosa; agora accrescento :

- — O Sr. José de Alencar, nas varias transformações politicas por que tem passado, teve ao menos uma consistencia : a de haver sido perennemente mercenario.—

Se é certo o que me affirmam, tem S. Ex. sido constantemente assoldado para escrever na imprensa periodica.

No tempo em que era liberal exaltado, e protegido dos a quem depois virou costas, recebeu o salario dos seus artigos.

Quando escreveu os folhetins *Ao correr da penna*, eram-lhe pagos pelo *Correio Mercantil*.

O finado José Bernardino de Sá pagou-lhe salario para escrever no *Diario do Rio*, no principio da sua mutação para conservador, motivada pelas razões que talvez um dia te repita.

Quando se metamorphoseou, por amor da patria, em inimigo do poder pessoal, que antes bajulára como nenhum aulico até então o fizera, e creou o *Dezesseis de julho*, d'onde saíram os fundos para costear essa publicação ?

A quem, porque, como, e para que, se fixou a mezada de 700\$000, além de outros biscatos ?

Após a 4.ª mutação, depois que o ultra-conservador começou a commungar as idéas e as aspirações republicanas, até que chegou a denominada *Ultima phase* (que indubitavelmente não será *ultima*) foi S. Ex. quem pagou os artigos todos, que compoz e fez imprimir ?

Quando alguns cavalheiros da lavoura e do commercio pensaram em crear um jornal, e houve idéa de para elle angariar a collaboração retribuida do prestante escriptor, repelliu elle o pensamento ?

Etc. etc. etc.

Não sou eu, quem em todos estes, e muitos outros analogos factos, imprime stygma, visto como acceito a regra de S. Lucas. Quem qualifica os que assim procedem de *suissos da penna, mercenarios, assalariados e vilões*) quem não vê o agreeiro no seu olho, é o culpado; ora tendo o interpellante, apesar da affirmativa do Sr. Presidente do Conselho, de que ninguem fôra retribuido pelos seus escriptos, continuado a sua accusação por factos muito mais innocentes do que os aqui expostos, queixese o Sr. Alencar do ferrête que lhe imprime o Sr. Alencar, como já teve igual occasião de lamentar a refutação triumphante com que Erasmo o esmagou. Quem tem telhados de vidro não atira a telhas adamantinas.

Ha pessoas para quem o dinheiro é a pedra philosophal, o *desiderandum*, a *alma mater*; não pertence Cincinnato a esse número. Seccam-se de inveja, quando imaginam que outrem pode extrahir alguma vantagem pecuniaria d'aquillo de que arremataram o monopolio; os dedos lhes parecem hóspedes. Está-me esfervilhando na ponta da lingua uma correnteza de aneddotas harpagonicas, mas deixemos historias de José Nabos, que não vem ao caso, e voltemos já á interpellação do Sr. Conselheiro Alencar.

Na memoravel sessão em que esse senhor, dando por páos e por pedras, pretendeu alfinetar-me, foram proferidas por elle, em sua admiravel parlada, que promettia—chuva e deu vento, muitas phrases como estas :

« — Cumpre que o suor do povo, convertido em impostos excessivos... » etc. « — ... o povo onerado de impostos iniquos, além de onerosos... » etc. « — Aquelles que, apoderando-se do governo, põe ao serviço de suas ambições os recursos que a representação nacional vota para a gestão dos negocios publicos » etc.

Bravo, facundo orador ! Nunca as mãos lhe doam ! Dê para baixo, dê, nos que dissipam e esbanjam os rendimentos publicos, nos que dão má applicação ao suor do povo, nos que estragam o tempo que a nação paga para ser empregado no serviço d'ella, nos que encarregam o thesouro nacional de satisfazer o custo das suas particulares e individuaes questões.

E' pois de crer que o nobre orador, ao metter-se no tilbury para regressar a casa, depois d'esta verrina, terá ido monologando o seu *essere ó non essere*, da seguinte forma :

« — De inconsequencias, já basta. Palavras sem obras, plumas ao vento. Uma vez na vida, preciso ser logico. Levei a minha, nobremente, ávante. A quem me contrariou pela imprensa, tive a circumspecção (ah pés, para que te quero ?) de nada dizer pela imprensa; mas tambem agora vinguei-me valentemente: como na camara lhe não podia ser dada a palavra, descompul-o á minha vontade. Se alguem o duvidava, agora todos ficam sabendo que estou despicado. Certamente : inunda-me o prazer dos deuses; mas resta-me, confesso-o, outro dever.

« O facto de roubar aos trabalhos legislativos uma sessão inteira, só destinada a espalhar os rubis barrocos da minha

eloquencia atrabiliaria, de substituir as questões de interesse publico pelas do meu poder pessoal ; de inutilizar muitas horas que actualmente, quando no fim da sessão legislativa, e pendentes graves projectos de lei, equivalem a mezes; e de mil outras cousas assim, é já consummado e irremediavel ; mas ha outra consideração, ligada com esta, que eu devo compensar, quanto possivel.

« Pois que ! Levei 3 horas a bramar contra o máo emprego do suor do povo, contra o estrago do tempo que a nação paga, contra o esbanjamento dos impostos (que não só denominei *onerosos*, mas *iniquos* !), e não vejo eu que uma sessão da camara dos Deputados custa muito dinheiro ao tal suor, aos taes estragos, e aos taes impostos iniquos ? Não deve recair sobre a minha algibeira a responsabilidade dos gastos, como sobre a minha cabeça a do inutilizar dos trabalhos ? Não fiz eu levantar o pano d'este espectáculo só para representar em meu beneficio ? Vou dar um exemplo altamente moralizador; vou restituir ao thesouro o que lhe fiz despendar, em pura perda; ai, o suor do povo ! ui, os impostos iniquos ! Vamos ás contas.

« Como estudo muito as cousas de dinheiro, compulsei ainda hontem o *Orçamento da Reccita e despeza do Imperio* para o exercicio de 1872—73, e ahi vi votadas, a pag. 5 e 6, as quantias de Rs. 454.250\$000, applicaveis á camara dos Deputados. Ora, como geralmente em cada sessão legislativa só ha umas 80 assentadas, custa cada uma ao suor do povo cêrca de Rs. 5.678\$000, somma de que eu vou pedir guia, para entrar com ella na Recebedoria do Municipio. »

No fim da sessão legislativa, é tambem de crer que, em attenção áquellas meritorias disposições de restituição ao cofre dos impostos iniquos, S. Ex. examinasse nos seus assentos, ou nas actas, ou nas declarações do *Jornal*, e achasse que em todo o anno apenas compareceu na camara, quando devia, umas 27 vezes ; e então o venerando Hamleto ou Carlos V do Hernani terá recitado outro monologo monumental :

— « Preciso cautela, eu que já me adornei de plumagem de enxertia. Com que direito reprehenderia eu nos outros a applicação que dão honradamente aos dinheiros publicos, se eu, insigne jurisculto, me locupletasse com a jactura alheia ? A nação estabeleceu o meu subsidio para eu ao menos comparecer na camara. Se eu só lá appareço quando no meu escriptorio de advocacia não tenho autos para despachar ; se é unica e exclusivamente porque as partes me dão boa maquia, que eu desamparo o serviço publico ; se eu recebo a um carrilho, e as accumulções estão prohibidas ; vou tambem repór tudo quanto avida e indevidamente recebi do suor do povo, e dos impostos iniquos. A conta é facil : pelos 120 dias dos 4 mezes manda a lei dar, e eu recebi Rs. 2:400\$000; ora eu só adquiri jus a 27 dias, logo estou em debito de mais Rs. 1:511\$112 ; e não seria senão um declamador, um Frei Thomaz, se, commiserando-me do suor do povo estragado por outros, me comprouesse eu em mim proprio, e abusivamente, e pospondo o serviço desse povo aos meus lucros particulares, me alimentasse do apontado suor. »

Creio piamente que assim terá succedido, e que na publica-

ção proxima da Receita da Recebedoria do Municipio, admiraremos esta moralizadora e logica verba de Rs. 7:189\$112, entregues pelo Catoniano interpellante.

Acabemos com a interpellação, de que se pode dizer, o que Voltaire respondeu, depois de ouvir certa oração funebre:

« — Como a achou ?

« — Como a espada de Carlos Magno.

« — Em ser o que ?

« — Longa e chata. »

Imaginou sem duvida o flammispiranté orador que me tinha engulido; e ha quem diga que, nos seus raptos e transportes, de mostarda ao nariz, julgando que me via a mim, ao encarar então um dos seus admiradores (porque emfim eu sempre reconheço que estou a jogar o whist com perna de páo), essa vista lhe produzia uns efeitos hydrophobicos, ou lembrava Salvini ao encarar o Hervondillo da tragedia famosa que o Goethe estudou no seu *Wilhelm Meister*. Se os tregeitos, de que as innocentes aspirações a invectiva eram acompanhados, vinham com sobrescripto a mim, não occulto que um effeito, sim, me excitaram : de riso e de compaixão. Todavia, ja que repeti um dialogo, vá outro. Tendo um poeta mostrado a um critico certa ode sua *A' Posteridade*, e perguntando-lhe, com philauciosas modestia, o que achava, respondeu-lhe este :

« — Acho que não chega ao seu destino. »

Outro tanto desejarei eu que não succeda á presente, com que remato a apreciação da catilinaria que me disparo a phenix dos oradores, que já na tua opinião vai trepando de bispo a moleiro.

Adeus, meu velho. Trago uns callos, que é ver as estrellas.

Teu velho amigo

CINCINNATO.

QUESTÕES DO DIA

N. 14

RIO DE JANEIRO 15 DE OCTUBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs E. & H. Laemmert.— Praça da Constituição,
Loja do canto.—Livraria Academica, Rua de S. Jose n. 119— Largo do
Paço n. C.— Rua de Gonçalves Dias n. 79. — Preço 200 reis

A politica especulativa.

As doutrinas insidiosas de uma politica especulativa, que, com insistente contradicção da verdade dos factos, e com uma theoria perniciosa á ordem politica existente, pretendem impor-se, não podem convir á nação brasileira: a nação as repelle.

Possuimos uma constituição tão liberal, baseada em principios tão salutaes de govérno, que é, de todo, adequada á satisfacção das mais razoaveis, das mais justas aspirações de um povo, que vê consagrado, em seu código fundamental, o govérno do paiz pelo paiz.

Sim. porque o chefe supremo do Estado, no exercicio de suas elevadas funcções, não governa por si, mas segundo a ordem dos principios politicos, que o facto social estabeleceu; e no modo, pelo qual se acham distribuidos os poderes, ha tão perfeita harmonia no gyro da machina governativa, em suas funcções naturaes, que não póde haver embate fatal á causa da liberdade, desde que o direito de livre exame e de franca discussão é affiançado na tribuna e na imprensa.

E que o é entre nós, não se póde duvidar. O paiz é testemunha d'esta grande verdade; tem as provas mais patentes de que possui em toda a sua plenitude, e ainda além de seos verdadeiros limites, tão precioso direito.

A auctoridade pública não exorbitaria; e ao contrario se manteria no exercicio legitimo de seos deveres, se, com a lei na mão, obstasse ao vicioso uso, que da liberdade de imprensa fazem aquelles que propalam, e pre-

tendem inculir no animo do povo, princípios contrários à razão constitucional da nossa organização política.

Mas o govêrno vê com sobrançeria, e perfeita confiança no bom senso público, esses condemnaveis tentames de espíritos, que se transviam por paixões políticas incontinentes, que não querem, ou não sabem, medir o abysmo a que arrastariam o paiz, se triumphassem as suas idéas.

O podêr tem seos attractivos, suas seducções; mas egualmente os seos desgostos, suas asperezas, seos espinhos.

Os partidos só o visam pela face dos encantos, quando o cubiçam; esquecem-se, ou fogem de consideral-o com os seos escabrosos deveres, com as suas angústias!

E' sempre a eterna contradicção do espirito humano entre os desejos, quando almeja por satisfazel-os, e a justa apreciação dos prós e dos contras, no implemento de taes desejos.

Assim vemos, de contínuo, em sua lucta, os partidos políticos mais exaltados, mais impacientes do podêr, ferindo, sem escolha de armas, os adversários, que são govêrno, sem reflectirem que as dores causadas lhes serão retribuidas, quando conseguirem subir ao podêr.

Nos govêrnos de instituições liberaes, a lucta entre os partidos é natural; nasce do systema; é mesmo indispensavel, para que a auctoridade administrativa tenha salutar correctivo no exercicio de sua missão.

E' isto geralmente reconhecido; não pretendemos dizer cousa nova; mas, se é da índole do systema a opposição mais ou menos vigorosa, não o é a opposição, que se torna radical ao poncto de pretender substituir a fórma política do govêrno existente, calumniando-a, desfigurando-a, por outra fórma de govêrno, fundada em princípios perigosos.

Não é dos modernos séculos, mas sim desde os tempos remotos da antiguidade, a pesquisa, o estudo dos homens políticos, dos philótophos, e dos sábios sôbre a fórma de govêrno mais consentânea com o bem-estar dos povos; e o que até hoje parece averiguado é que o melhor govêrno é aquelle em que a existencia política, isto é, a liberdade do homem social, é mais garantida, de harmonia com o seo bem-estar na ordem e desinvolvimento moral, e condições económicas, em relação aos meios de prover á sua subsistencia.

Os experimentos, no sentido em que tractámos este poncto, foram bem longos e dolorosos em alguns povos; tem sido, e continuam a ser-o entre outros; mas, nesta lucta secular, não ficou ainda decidido, nem decidido será jámais, que a *república* seja o regimen mais feliz dos povos; antes, sim, o que prova a história, nos antigos tempos, o que attestam os exemplos contemporâneos, os da actualidade no mundo christão, isto é, no mundo civilizado, é, quanto ao passado, que o governo republicano nunca conseguiu perpetuar-se, quer em suas verdadeiras fórmãs democráticas, quer em suas fórmãs mais ou menos aristocráticas; e, quanto ao presente, que é um govêrno sempre agitado, e em muitos casos oppressor, e sujeito ás empalmações do mais astuto, ou do mais audaz e menos escrupuloso, e do mais forte.

As índoles dos povos não são as mesmas; seos costumes, seos hábitos variam segundo os climas, nas diferentes raças, em que se divide a humanidade; e, assim, o govêrno que se coaduna a um povo, pôde, como attestam os exemplos do mundo, não convir a outro.

Tem-se accusado as monarchias, mesmo as limitadas, ou mixtas, como a nossa, da influencia indébita da corôa no govêrno do Estado; e, entre nós, tem-se tornado esta accusação um thema obrigado, da parte de certos políticos, quando em opposição; a phrase consagrada é — *govêrno pessoal*.

Mas, onde o govêrno ou *podêr pessoal* se ostenta com maior pujança, do que nas repúblicas? Nestas é sempre época de grande lucta a eleição do presidente, ou chefe do govêrno; e o indivíduo eleito exprime a victória de um partido; e este passa a gosar dos principaes favores, e das boas graças do chefe vencedor.

Argumenta-se que ahí o perigo do govêrno pessoal desaparece, ou é menor, porque o chefe da república é temporário e responsavel por seos actos, e está sujeito a ser accusado pelas câmaras; enquanto nas monarchias representativas a irresponsabilidade do monarcha e sua vitaliciedade são circumstancias permanentes para crearem o *podêr pessoal*.

Os que assim argumentam não querem, muito de propósito, fazer cabedal da responsabilidade dos ministros, nas monarchias representativas; nem da acção efficaz das câmaras legislativas sôbre o govêrno, com-

batendo a sua política na tribuna e nas votações; não querem ter em linha de conta a poderosa arma da imprensa.

Não querem elles attender a que o monarcha, nas condições da nossa constituição, está em posição muito sobranceira ás rivalidades, e aos inrêdos dos partidos, dos quaes não é feitura; que o chefe da nação, conhecido o voto d'esta, não póde querer sinão marchar de accôrdo com esse voto na escolha dos seus ministros, e na vereda constitucional.

Não querem attender a que não se dará o caso, porque não poderá dar-se, de constituir-se entre nós o chefe do Estado protector de um partido para esmagar o outro; antes será sempre o seu empenho fazer que se mode-rem, que se aproveitem devidamente todas as aptidões, que melhor convenham para os importantes cargos públicos.

Não querem ainda attender a que uma das vantagens políticas, mais characteristicas da proeminencia do governo monarchico representativo, é a de se operarem as mudanças de politica, ou suas modificações, com a subida de uns ministros ao podêr, e descida de outros, sem perturbação da ordem pública.

Entre nós o chefe do Estado tem sido, felizmente, sempre da maior dedicação ao bem-estar da sua pátria. Dotado de variadíssima instrucção, e alto tino politico, tem, na acção que lhe compete, quer como chefe supremo do executivo, quer como podêr moderador, dado provas exuberantíssimas de verdadeiro monarcha constitucional.

O Sr. D. Pedro II, que a Europa agora pessoalmente conhece, e admira, pelas provas esplêndidas que alli tem dado do seu muito elevado mérito, nutre, sem dúvida, grande ambição, mas nobre, patriotica, — a de ser o mais dedicado servidor do seu paiz.

Outra qualidade, altamente apreciavel no Sr. D. Pedro II, é a firmeza de sua vontade na abnegação das pompas da realza, no seu viver habitual: ninguem mais lhano, mais communicativo no tracto.

Tem-se dicto, e com isso tem-se pretendido formar um capítulo de censura á sua ingerencia indêbita no governo, que foi por imposição da sua vontade que a proposta para abolição do estado servil foi apresentada.

no parlamento ; que foi, em obediencia a essa imposição, que o ministério tanto se esforçou para que fôsse, como felizmente é hoje, lei do Estado.

O que sôbre isto acreditâmos, é que o Imperador e o ministério, reconhecendo, com elevado bom senso, que era urgente uma providencia, que determinasse a extirpação do cancro da escravidão, confiaram no parlamento, fizeram justiça á opinião pública, e não quizeram que fôsse addiada tão importantes resoluções; o ministério tomou sôbre seos hombros o grande commettimento, no qual obteve tão assignalada glória. Segue-se de tudo isto, que mais uma vez o Imperador, identificando-se com a nação, mereceu as benções do paiz inteiro, que tem applaudido a lei.

Por maiores que sejam os esforços de alguns homens despeitados, e de um limitado círculo, que se arvorou em paladino dos princípios republicanos, não conseguirão desprestigiar, no conceito nacional, a sábia, salutaríssima influencia do Imperador no govêrno do Estado.

Querem, com doutrinas erróneas, precipitar o paiz no abysmo da revolução. dissolvendo os laços da união das provincias, e reduzindo-nos ás tristíssimas condições das repúblicas nossas conterrâneas, que se dilaceram em guerras civis. Pretendem, insensatamente, fazer acreditar á nação que será ahi, n'esse chaos, que será ahi nas angústias, geradas pela oppressão das ambições incarnicadas, disputando o mando, que o paiz se innobrecerá; que só nos dolorosos vaivens do govêrno republicano será livre !

Que loucura !.. Nem attendem a que temos deante dos olhos as desgraças da França, para aprendermos que um povo só será feliz... tendo juizo.

Junius.

Obras de Senio—O Gaúcho

(*Cartas a um amigo*).

VII.

Meu amigo.

Viste que o *Gaúcho* não póde pretender as honras de romance de costumes, fim que aliás visa, mérito de que faz alarde.

Senio não se parece com John Crevecœur, auctor do *Agricultor*, obra, onde «payzagens, costumes, lingua-gem, sentimentos, tudo é essencialmente americano; onde não se encontram somente os objectos, mas tambem as sensações e as idéas de um paiz recente.»

Não se parece com Washington Irving, que apesar de «dever seo renome á imitação graciosa da litteratura ingleza» apesar de «só para a Inglaterra dirigir seos pensamentos» como a critica o atacasse, penetrou nas tribus bravias, explorou e estudou as florestas, os campos, os rios, e deu-nos o seo magestoso livro—*A planicie*—(*La Prairie*.)

Menos se parece com Fenimore Cooper, como já se dice, o auctor do—*Ultimo dos Mohicanos*—obra para a qual debalde procurarão um paralelo em toda a bibliotheca de romancistas.»

Menos ainda se parece com Audubon, que um crítico colloca superior a Buffon, e com o qual «mais variado que Irving, mais colorido e puro que Fenimore Cooper se completa o que se póde chamar a primeira época litterária dos Estados-Unidos.» *P. Charles*.

Transportemo-nos.

Senio tambem se não parece com Walter Scott, «que soube haurir nas fontes da natureza e da verdade um género desconhecido; allia á minuciosa exactidão das chónicas a majestosa grandeza da história, e o interesse instantane do romance, génio poderoso e curioso que adivinha o passado; pincel verdadeiro que traça um retrato fiel por uma sombra confusa, e nos força a reconhecer até o que não vimos; espirito flexivel e sólido que se impregna do sêllo particular de cada século e de cada paiz como cêra branda, e conserva essa

marca para a posteridade, como bronze indelevel. » *V. Hugo.*

Não se parece com Chateaubriand » que deu ás paixões innocencia que ellas não comportam ou que não tem sinão uma vez. Em *Atala*, as paixões são cobertas por longos véos brancos. »

Não se parece com B. de Saint Pierre que no seo *Paulo e Virginia* » sabe escolher o que ha mais puro e opulento na lingua; cujo estylo, se assimelha a esse famoso metal, que, no incendio de Corintho, se formara da mistura de todos os outros metaes. » *J. Joubert.*

Não se parece com Balzac, que « toma corpo a corpo a sociedade moderna, arranca a todos alguma cousa, a uns a illusão, a outros a esperanza, a estes um grito, áquellés a mascara; que esquadrinha o vicio, dissecta a paixão; que cava e sonda o homem, a alma, o coração, as intranhas, o cérebro, o abysmo que cada um possui em si mesmo. » *V. Hugo.*

Todavia de uma grande obra de Balzac—*Le Dernier des Chouans*—obra que prima « pelo pittoresco, pelo cunho dramático, pelos caracteres verdadeiros, pelo diálogo feliz » diz Sainte Beuve que « a imitação de Walter Scott e de Cooper é evidente. » E a Sainte Beuve chama não sei si Paulo Raynol, que agora bem me não lembro, « eminente juiz das cousas do espirito ».

Com quem se parece, pois, *Senio* no seo *Gaúcho*—por ventura arremêdo remoto, caricato e illógico do *Homo* e do *Ursus*, do *Homem que ri* ?

Não seria difficil dizê-lo, mas não o quero fazer, limitando-me apenas a dizer com quem penso que *Senio* se não parece ; e não é pouco.

O que fica fóra de toda a dúvida, quanto a mim, é que o *Gaúcho* não passa de uma producção cachética, de que a litteratura brazileira pouco se deverá lisonjear.

« Ha duas maneiras de ser sublime — diz um crítico francez :—pelas idéas ou pelos sentimentos. No segundo estado tem-se palavras de fogo que penetram, que arrastam. No primeiro não se tem sinão palavras de luz, que pouco aquecem, mas que deslumbram. » No *Gaúcho* o sentimento é frouxo e frio, a idéa descórada e infeliz ; é por isso que o estylo nem deslumbra, nem arrasta.

Si estudâmos o *Gaúcho* em seo character *histórico*, tanto peor; é tudo vago, indeciso, maxime insignificante. Lendo-o, não se fica tendo uma idéa da revolução rio-grandense. Não ha um traço vigoroso que se deixe demorar no ânimo do leitor. A revolução apparece, em uma attitude fugaz, fungivel como a sombra do quadro — a luz pertence aos cavallos, ou aos arroubos da imaginação delirante.

Intendeu *Senio* que, citando taes e taes nomes, que figuraram no movimento, e dizendo que este caminho vai ter a Jaguarão, aquelle a S. Borja, tinha preenchido e satisfeito a parte histórica da obra. Erro ou illusão!

O espírito do tempo, o cunho varonil e incisivo do acontecimento, sua acção moral ou política, tudo deixa addiado para d'aqui a um século talvez « quando já os personagens não se achem tão ligados ainda ao presente pelos vínculos das paixões e da família. »

Que família, que paixões? Pois tem alguma cousa que ver com isto o escriptor profundo, consciencioso, o crítico justo e severo, que não transige com especie alguma de interêsse, e só se dirige a attingir o alvo excelso da verdade histórica? Frivola *gaze* esta que não incobre os defeitos, as nodosidades do arcabouço repulsivo!

Falando de Alexandre Herculano, como romancista histórico, diz um dos bons talentos críticos modernos da Península: « Nos romances histórico-nacionaes, nunca tanto como alli talvez, se eleva o escriptor a uma idealisação característica, pessoal, critica e philosophica.

« Em geral fica com Walter Scott na chónica romantizada. E esplendidamente romantizada. A história é escrupulosamente tractada: estudam-se a época, os costumes, as tendencias, as ambições, os homens. »

Fez acaso outro tanto *Senio* no seu *Gaúcho*, para pretender com razão um logar na ordem dos romancistas históricos? Si acaso se não acha ainda inaugurada no paiz a eschóla, não ha de ser de certo a obra de *Senio* que servirá de modêlo, tão certo é faltar-lhe a possança e a firmeza de acção e de critica imprescindiveis em trabalhos taes de iniciativa no género.

Si conchegâmos o *Gaúcho* ás fórmulas geraes da plástica, aos preceitos da arte e do bello, ao purismo da

linguagem castiça, não se ressentir elle de menos deslizes com feições de defeitos que difficilmente se poderão escusar.

A neologismomania pullula e palpita a cada pagina, infastia. A título de inriquecer-se a lingua, já de si tão opulenta, inventam-se vocabulos por mero arbitrio. A prevalecer o abuso, quem se entenderá d'aqui a pouco? O direito, a auctoridade que tem *Senio* para introduzir na lingua vernacula termos novos *ex auctoritate quã scribit*, muitos tambem o têm; e onde iremos parar, si todos esses se deixarem dominar pelo mesmo erro e vaidade de inventarem por conta própria?

A contar da *Diva* para cá, justamente a obra que assignala o principal periodo de decadencia de *Senio*, não ha trabalho seo que se possa ler, de recheado, que vem, de quanta innovação lhe occorre fazer, como si isso denunciasse grande merecimento intellectual, e demandasse alto esforço e superioridade no escriptor! De um verbo deriva *Senio* um substantivo; de um substantivo deriva um verbo — e eis a que se reduz a grandiosa procreação philológica de *Senio*. Quem é que não poderia fazer outro tanto, sem, de' mais a mais, snppôr ter descoberto a pólvora, ou se julgar por isso com jus ao respeito e á admiração de presentes e pósteros?

E que razão de necessidade poderia determinar taes innovações? Por ventura *Senio* cria idéas tão sublimemente originaes, que não incontre na inexgotavel riqueza da lingua nacional termos, que lhes correspondam e que as exprimam? Serão essas idéas creanças de septe braços para quem seja mister talhar camisas de septe mangas? Não será difficil na verdade deparar em nossas últimas letras com aleijões de tal ordem.

Em um caso indisputavelmente seria preciso inventar uma lingua própria: no de querer fazer o homem intêndido em seus mais recônditos phenómenos psychicos pelos cavallos, e de intêndel-os elle egualmente; mas então inventem uma lingua nova, e não queiram aviltar na ínfima funcção a illustre e heroica lingua dos Barros e dos Vieiras.

Longe me levaria esta ordem de considerações, e eu tenho pressa de terminar a série, apesar do muito que me fica ainda por dizer. Aguardarei outra occasião, em que farei a apreciação da *Diva*, da *Iracéma* como ro-

mance typico-indiano-brazileo, e da *Pata da Gazella*, se antes d'isso nos não der *Senio cousa mais nova*, como promettem os arautos e passavantes.

Segundo vês, meo amigo, seja encarado o *Gaúcho* sob o aspecto, ethnógraphico, ou seja-o sob o estético, ou philológico, urge que os que sinceramente se interessam pelo lustre das pátrias lettras façam cruzada para que elle não consiga abrir eschola.

Discutamol-o entretanto, e a *vôo de passaro*, em terreno diverso, isto é considerado como romance de *phantasia*, segundo te prometti em minha primeira epistola.

Não condemno este género da litteratura romantica. O *Han d' Islandia* é horrivelmente bello. A *Ondina*, de Fouqué, é sublime. Tambem não deixa de ser interessante o *Diabo côxo*, de Lesage, posto que plágio do *Diablo cujuelo*, de Guevara. E muitos outros, que ahí fazem as delicias dos *dilettanti* da litteratura do impossivel e do sonho ou da fábula. Não condemno pois *in limine* o romance de phantasia.

Parecendo-me, porém, que o romance tem influencia civilizadora ; que moraliza, educa, fórma o sentimento pelas licções e pelas advertencias ; que até certo poncto acompanha o theatro em suas vistas de conquista do ideal social—prefiro o romance *intimo historico*, de costumes, e até o *realista*, ainda que este me não pareça caracteristico dos tempos que correm.

Em uma palavra prefiro o romance *verosimil, possivel*, quero « o homem juncto das cousas » definição da arte por Bacon.

E é justamente por isso que o *Lazarillo de Tormes*, de Don Diego H. de Mendoza, exerceu tão consideravel importancia não só na história politica da Hispanha, sinão tambem na história litterária de toda a Europa—como diz Viardot. « O pequeno Lazaro de Tormes é um ingeitado, que passa de senhor em senhor, que se vinga de os ter servido exprobrando-os desapiudadamente, e que, em cada condição nova, faz a critica amarga de uma classe da sociedade » E' um monumento em nove capitulos.

Mas o *Gaúcho* não é um romance de phantasia, nem pensa em tal, desde que localiza sua acção n'um theatro verdadeiro, e n'ella pretende offerecer a photogra-

phia dos costumes de uma sociedade conhecida e contemporânea, dando ás pessoas e ás cousas seos proprios nomes.

O *Gaúcho* pretendia ser de costumes, mas depravou-se na aberração. « A pretensão de excessiva novidade não pôde dar em resultado sinão uma triste mistura de *comedia grutesca* e de *grandeza phantastica*, que se não encontra em livro algum » diz Philarète, apreciando as *Viagens* d' Herman Melville. Dir-se-hia que o profundo crítico francez talhou n'estas palavras a carapuça de *Senio*.

Terei sido acaso severo, meu amigo? Não, de certo, pelo que me parece.

E' preciso dizer abertamente a *Senio* que poucos podem ser Dumas ou Voltaire. A fertilidade proveitosa só é partilha dos génios. *Non omnia possumus omnes* : e a Coryntho não vai quem quer.

Os graves encargos de conselheiro do Estado, de politico, de advogado, de parlamentar, de opposicionista, e de muitas cousas mais, não permitem aos talentos litterários produzir sinão abôrtos, se querem dar creanças em menos de nove mezes.

Quando *Senio* era simples advogado, e não queria campar de philólogo abalizado, politico profundo, nem concebêra ainda a vaidade de passar espichas nos classicos e de arvorar-se em mestre de eschola, tudo ia bem.

Chegando-lhe o tempo para applicar-se ás letras amenas, compor seos trabalhitos com vagar, corrigil-os, á luz do gôsto e do bom senso, até onde este lhe chegava. A prova temol-a nós no *Guarany*, na *Viuvinha*, e no *Demónio Familiar*. *O tempora*.

Hoje, porém, como tudo está mudado ! Os elogios immoderados apodreceram cedo o talento util, fazendo-o infunar-se da presumpção de ser *genio*. Prejuizo para a litteratura natal ! porque em vez de recolher mais duas ou tres producçõesinhas, dos quilates da *Viuvinha* ou do *Guarany*, temos uma bagagem de volumes, que não valem nem o arroubo dos — *Cinco minutos*.

Metta a mão em sua consciencia, e diga *Senio* si não temos razão.

Mas nada de desacoroçoar. E' ainda occasião de recuperar o tempo gasto em pura perda, e reparar o mal que tem feito ao seo nome e ás letras brazileiras.

Tenho concluido, meo amigo. Pede por mim desculpa ao publico, e a *Senio* que me não queira mal.

Sempromio.

FIM.

O Brazil (Jornal.)

Sob este titulo começou a publicar-se em Lisboa, no dia 25 de agosto passado, um periódico cujo programma resulta da exposição, que d'elle transcrevemos em seguida. Com effeito, os seos tres primeiros números, que temos á vista, occupam-se quasi exclusivamente de um noticiario do Brazil em geral, e de cada uma das suas provincias, dissertando egualmente sobre assumptos de interêsse para este Império, ou dando noticias da Europa, que prendem com o desinvolvimento do paiz. Já pela fórma da redacção, já pelo valor dos escriptos, ou das materias nelles tractadas, julgâmos que serão lidos com attenção os seguintes artigos, que d'aquellas columnas trasladamos. (*)

INTRODUCCÃO.

A' intrada do ultimo quartel do presente século existe incontestavelmente, por entre muitos e graves motivos para lamentos, um facto innegavel, grandemente consolador; é o espirito de fraternisação, que de dia para dia se desinvolve, e cresce entre os diversos povos, e que nem as luctas políticas, nem as differenças religiosas, nem os passageiros accidentes das guerras, hão de já agora supplantar.

Ninguem, que metta fundo a mão na consciencia, deixará de sentir em si mesmo esta benéfica, esta auspiciosa tendencia humanitária. E' uma revolução moral

(*) Nesta côrte, são correspondentes d'esta folha os Srs. E. e H. Laemmert, em cuja casa se tomam assignaturas por anno a 15\$000, por semestre a 8\$000; e se recebem annúncios, para serem publicados no *Brazil* a 60 rs. por linha; tudo dinheiro do Império. (Em Lisboa: *Redacção*, Antonio Maria de Castilho; *Administração*, Pedro A. d' Almeida.)

iniciada pelo Christianismo, e perfillhada pela philosophia, que são as duas potencias, que sempre, cedo ou tarde, conseguem triumphar.

Que será porêem, quando ás razões geraes do sentimento, que leva espontaneamente o homeni para os homens, accrescem interêsses mais definidos, mais positivos, mais palpaveis? Então a hospitalidade natural corrobora-se ainda com todas as forças do egcismo; é já o commércio mútuo dos beneficios.

Das nações a que esta ponderação affeicôa mais particularmente a nossa, duas ha, que em primeiro logar se apresentam ao espirito: a Hispanha, e o Brazil. Com a Hispanha (irmã e não senhora) estamos, por mútuo accôrdo, estreitando cada vez mais relações scientificas, litterárias, artisticas e commerciaes. Começamos a conhecer-nos de parte a parte, e por conseguinte a apreciar-nos, a respeitar-nos, a servir-nos. As casas d'estas duas irmãs, agora que se arrazou o muro secular que as separava, hão de de melhorar ambas com a pacífica e aprazivel convivencia.

Bem com a irmã, de quem já não temos que temer, mas tudo que esperar, resta a Portugal outro íntimo; o seo filho emancipado: o BRAZIL. Um amigo util ao pé da porta, outro amigo não menos util a uma distancia, de duas mil léguas ainda ha pouco, hoje... de alguns dias, graças ao successivo desinvolvimento que as sciencias e as artes, á hora que lhes foi marcada pelo Progresso (isto é, pela Providencia) trouxeram á mais prompta reunião, de todas as partes do mundo.

Uma das razões que á Hispanha nos affeicôam é incontestavelmente a similhaça da língua; essa reforça-se ainda para com o Brazil; a língua é uma única nos dous povos. Todos sabem quanto contribue para nos amarrinos, o entendermo-nos.

Mas não é só isto. As glórias de Portugal são glórias brazileiras, porque as nossas origens gloriosas são idênticas. Nenhum portuguez, ou raro, deixará de ter, próximos ou remotos, parentes no Brazil; nenhum brazileiro (e a generalidade dos appellidos que o diga) deixará de comptar, remoto ou próximo, algum ou muitos parentes em Portugal.

Mais ainda: uma parte dos habitantes d'aquelle Império auspiciosissimo, de Portugal sai: em amor pátrio se acrisola n'essas apartadas regiões, e de lá volta

quasi sempre ao seo ninho, ao cabo de annos de trabalhos uteis, galardoado pela fortuna que premeia os seus trabalhos, e trazendo, para até á sepultura, saudades de uma segunda pátria.

A colónia d'estes homens, que entre nós vem acabar, uteis á nossa terra, depois de o terem sido á terra alheia, homens que mereceram, e trazem, e não renegam, o título de *brazileiros*, sem renegarem nem desmerecerem o de portuguezes, é de todas as colónias estrangeiras entre nós a mais numerosa.

E' para elles especialmente que nós emprehendemos esta fólha.

Cifra-se o nosso empenho na ancia de lhes apresentarmos sem dilatação de dias, como a outras folhas forçadamente acontece, nas primeiras, e quasi á primeira hora, todas quantas novidades nas folhas e correspondencias particulares do Brazil podémos receber por cada um dos vapores transatlânticos.

Como nenhum outro assumpto nos propomos, nem admittimos, n'esta publicação, poderemos consagrar a elle o muito espaço que aos outros periodicos absorvem notícias políticas do mundo, as particulares do nosso paiz, e mil outras considerações imperiosas.

O BRAZIL é pois especialmente destinado a trazer o mais cedo e o mais abundantemente que ser possa, as novidades de todo o género, que devam interessar a todos os que mantem relações, quer de commércio, quer de amizade com aquelles nossos bons Irmãos do ultramar.

Não são portanto unicamente os muitos que vem terminar os seus dias por essas provincias, respeitados e queridos no torrão do seo nascimento, e os muitissimos que vem repousar-se das suas lidas no seio e nos gosos das nossas cidades principaes, os que esperamos nos acolham benevolmente; serão tambem, e principalmente os filhos da sempre lembrada terra de SANCTA CRUZ, residentes entre nós, os que se hão de comprazer de estar vendo passarem-lhes por diante dos olhos do espirito quantos acontecimentos de lá constem.

Démos candidamente razão de nós. Obrigamo-nos pela boa diligencia no desempenho do nosso encargo; e com as disposições que havemos tomado para a prompta obtenção de jornaes e correspondentes, curiosos e fidedignos, esperâmos que este papel, de paquete para paquete, irá crescendo de importancia.

O Brazil litterario.

Sabe a Europa como é esplendida a natureza no continente americano ; como alli se eleva imponente a palmeira majestosa ; como o cipó se inlaça vaidoso por entre as mangueiras e as mil copadas árvores das mattas virgens do Brazil ; como os colibris gorgeiam por entre aquella riqueza de vegetação ; que pittorescos são os seus vales ; que panoramas immensos se desinrolam do alto das suas collinas ; sabe, finalmente, como a Providencia foi pródiga de todas as bellezas, do Amazonas ao Paraguay.

Sabe a Europa quão sincero é alli o amor aos que trabalham : com que hospitalidade são recebidos os que vão em busca de uma nova familia e de uma nova pátria ; com que boa fé e confiança vai até ao seio das familias o homem de bem, nobre, ou plebêo, rico ou pobre ; com que alegria é olhada a prosperidade de extranhos ; sabe, tambem, finalmente, como alli se premeia a actividade e a honradez.

Eis o muito que sabe ; eis o que tres seculos de experiencia lhe tem provado ; mas ignora ainda muito, e tanto, que tem razão para alcunhar de egoísta o paiz que a todos se entrega e que de todos é pátria.

Que é feito da litteratura brazileira ? Onde estão os cantores inspirados por tanta belleza ? onde os poetas intoando hymnos ante aquella magnificencia ? onde as lendas das tribus americanas ?

E o echo só tem alguns nomes a repetir ; a medo balbucia... Gonçalves Dias... Magalhães... Casimiro de Abreu... Pereira da Silva... poucos mais, e emmudece.

E cala-se sem razão ! Que egoismo é este ? porque haveis vós, poetas e prosadores, tantos que sois já, de monopolizar os fructos da vossa inspiração, a quem tanto de braços abertos vos quer tambem ?

Vai elevar-se agora um monumento a Gonçalves Dias, a essa glória brazileira tão invejada de Norte a Sul, que, para que todo o Brazil tivesse direito a chama-lo egualmente seo, se foi sepultar na immensidade do Oceano. Pois bem ; segui o exemplo, que para seguir é : elevae outro monumento que vos não honrará menos. Junctae todas as vossas obras ; distribui-as pelas bibliothecas do velho mundo ; não as deixeis circumscriptas ao vosso império ; apresentae-vos e sereis respei-

tados ; provae que, de mãos dadas com o commercio e a agricultura, caminha e progride a litteratura brasileira.

Mal vai ao povo que tudo exige do governo, e que entre a indecisão e a indifferença deixa que o tempo olvide o nome d'aquelles que bastariam á glória de uma nação. Não sejaes do número d'esses: convencei-vos de que nem só o bronze e o mármore resistem á acção dos tempos, e de que a história, mais duradoura do que aquelles, atravessa impassivel os séculos, sem que nem as commoções politicas nem os caprichos humanos a abalem ou destruam.

Volvei os olhos para o vosso *Instituto Histórico e Geographico*, para essa academia que tem recebido em seo seio tantos talentos privilegiados, que tem enriquecido a sua bibliotheca com tantas obras notaveis, e alli podeis medir as vossas fôrças.

Despertaes! E' azado e de molde o ensejo. Prestae um tributo bem merecido e bem digno de Gonçalves Dias; e na hora em que a sua provincia natal vestir as suas galas ao descobrir a estatua do immortal cantor brasileiro, fazei com que, em honra d'esse nome, que vistes tão acatado na Europa, ella possa conhecer-vos, avaliar-vos e dar-vos o honroso logar que vos compete já na litteratura contemporânea.

NOTICIARIO.

ELEIÇÃO.—Na academia real das bellas artes foi eleito, pelos artistas inscriptos como concurrentes á exposição de Madrid, para fazer parte do jury de admissão das obras destinadas áquelle certemen, o sr. Manuel de Araújo Porto Alegre, consul geral do Brazil em Lisboa.

Foi s. ex.º um dos mais distinctos cultores e professores das bellas artes no Rio de Janeiro, onde granjeou pelo seo talento uma reputação notabilíssima.

QUESTÕES DO DIA

N. 15

RIO DE JANEIRO 19 DE OCTUBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Laemmert.—Praça da Constituição, Loja do canto.—Livraria Academica, Rua de S. Jose n. 119.—Largo do Paço n. C.—Rua de Gonçalves Dias n. 79.—Preço 200 reis.

Monumento a Bocage.

Saber do andamento que teve a honrosa idéa, iniciada n'esta côrte, da erecção de um monumento ao illustre poeta do Sado, dará satisfação a muitos de nossos leitores, ou por terem prestado o seu concurso á realização do pensamento, ou pela sympathia que geram estas manifestações de veneração á memória de um grande vulto, de que se honram as lettras do nosso idioma.

Tendo-nos sido confiados varios documentos, relativos a este assumpto, e especialmente a acta da ultima sessão da commissão central, que n'esta côrte funccionou, obtida a devida venia, aqui trasladamos o essencial :

COMMISSÃO CENTRAL DO MONUMENTO A BOCAGE.

Sessão extraordinaria em 4 de junho de 1871.

Ao meio dia, presentes os Srs. Ministro de Portugal, Conselheiro Mathias de Carvalho e Vasconcellos, Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, Barão de S. Clemente, Visconde de Sapucahy, Commendador Boaventura Gonçalves Roque, Conselheiro João Cardoso de Menezes e Souza, Commendador Antonio José da Costa Braga, Quintino Bocayuva, Commendador Agostinho Maria Correia de Sá, Bernardo Domingues da Silva Araujo e Ernesto Cybrão—o primeiro, a convite especial do Sr. Presidente da commissão Bocagiana, e os outros membros da mesma;—presentes mais os Srs. Commendador Padre José Luiz d'Almeida Martins, Desembargador Manoel de Freitas Travassos, e Conselheiro Francisco Borges Xavier de Lima, membros da commissão de Nictheroy—e os Srs. Manoel da Silva Mello Guimarães, Joaquim Maria Ma-

chado d'Assiz, Antonio José Victorino de Barros, Guilherme Candido Bellegarde, Justiniano Augusto de Faria, e Dr. José Candido de Lacerda Coutinho, membros conspícuos da grande assembléa do Jubilêo de Bocage;

O Sr. Conselheiro Castilho, Presidente da commissão, convidou o Sr. Vice-Presidente, Barão de S. Clemente, para dirigir os trabalhos que iam inceptar-se.

O mesmo Sr. Barão abre a sessão.

Secretarios os Srs. Ernesto Cybrão e Quintino Bocayuva.

Lê-se uma carta do Sr. Visconde do Rio-Branco, declarando que não pode comparecer á reunião da commissão, de que é membro, porque a outro poncto o chamam negócios urgentes do Estado.

Obtendo a palavra o Sr. Conselheiro Castilho, procede á leitura do seo *Relatorio*, que é do teor seguinte :

Senhores.

Reunimo-nos hoje, para que providencieis definitivamente sobre assumpto que com tanta propriedade foi commettido ao vosso zelo, quando uma numerosa e escolhida assembléa, congregada n'esta côrte, vos requereu tractasseis da crecção de um monumento que symbolizasse o respeito tributado pelos homens da lingua portugueza a um de seos mais primorosos ornamentos, o Sadino Manuel Maria Barbosa du Bocage.

Já para esse grandioso vulto é chegado o dia da verdadeira e desprevenida apreciação ; já o nosso julgamento póde assumir character de justiça recta, de fria imparcialidade. Quando nem cinzas restam das paixões que incendiaram os contemporâneos do homem grande; quando se dissiparam os preconceitos perturbadores do espirito ; quando a distancia dos tempos e dos homens permite ficar estranho ás attracções do amor cego, e do ódio mais cego ainda ; quando o exame auxilia a verdade; é vindo o dia, fixa-se a opinião, e a posteridade profere a sua sentença, de que não ha appellação.

E então se aquilata o mérito real: os que foram seos perseguidores jazem sepultados sob a mais pesada das lousas, a do esquecimento; o perseguido vive, sobrevive, triumpho. Para elle o *laude postera*. A elle, sim, é licito, o brado : *Posteridade, és minha !* porque essa posteridade, ente de razão em que se fundem e personificam séculos ou decennios, povos e homens que se

seguiram, é a que decreta, em derradeira instancia, condemnação ou apothese.

Quando d'esse julgamento houver saído incólume a memória de um benemérito, e a sociedade reconhecer que esse homem se elevou, por dotes exceptionaes, muito acima do nivel commum, util é, para prêmio e incentivo, se manifestem para com essa cara memória os testemunhos de respeito e gratidão.

Se isto assim deveria ter sido sempre, parece que mais activamente se deve promover que o seja hoje, afim de contrastar a actual tendencia, que faz com que mais vivamos para o presente, e para a materia, e para nós, que—para o futuro, e para a gloria, e para a humanidade. Já discutimos se a posteridade é uma realidade ou um mytho; para ella trabalhâmos menos que para o alfaiate, o estofador, o mordomo; a fama converteu-se em mercadoria e officio; as aspirações nobres são utopias; as recompensas nacionaes, enredos; e as columnas-Vendôme de todas as glórias, procuram derrocal-as, mesmo com o risco de se ficar esmagado pela quêda d'ellas.

Mas os que, como vós, ainda creem, trabalham e esperam, continuam na sua missão que é sancta. Para esses a glória, não se vende nem se compra, ou antes a glória é a moeda com que a humanidade compra o serviço, e o preço que a memória do benemérito consente em receber; a *memoria*, digo, porque essas recompensas, para serem supremas, hão de ser pagas pelos vivos aos que já sob a campa os não podem escutar.

Ha 66 annos que o vulcão, denominado cérebro de Bocage, deixou de arremessar labaredas, e lavas, e pedras, e areias leves, que de tudo havia tambem n'aquella cratera humana. Nenhum de nós o conheceu; é o Galba, Otho, ou Vitellio, de quem nem beneficio nem injúria recebemos; não pôde ser averbado de suspeito o nosso tribunal; e aqui repetirei o que já dice: Hoje não estão julgando Bocage olhos fanatizados pelo pismo, nem desvairados pela inveja, quasi exclusivos juizes do seo engenho, emquanto pertenceu á terra.

Esse homem nascêra eminentemente poeta. Pródiga natureza, ao derramar em sua alma torrentes de estro, infundiu-lhe parte grande da sciencia, que só costuma ser dominio da arte. Vida aventureosa e estragada indole o impediram todavia de opulentar inimitavelmente as suas produções com aquelles toques magis-

tracés, que só segreda meditação, estudo, leitura e applicação. Victima de insanos applausos, e de má turba de admiradores, a elles deveu os piores dias da sua existencia de homem, os mais ruins impulsos e os mais discordes sons da sua lyra de poeta. Character fogoso e indómito, paixões arrebatadas e omnipotentes, subjugarão alma aliás melancolica, em que até os mais doces sentimentos vibravam escabrosos e acerbos. Ambicioso de todos os laureis poeticos, tentou com desigual fortuna todos os vários generos e estylos. Idólatra da harmonia métrica, desencantou segredos de inexgotavel melodia, e escravizou a locução, não para lhe dizer, mas para cantar-lhe os pensamentos. O idioma de Camões subiu em suas mãos a tal grandeza e majestade, que nunca houve segundo typo que se lhe equiparasse. Seo extremado gôsto o fez ousar uma tentativa de reacção contra o cansado estylo bucolico. Conciso e claro, metaphórico mas natural, hyperbólico mas verdadeiro, as azas da sua imaginação levantavam o ouvinte á esphera onde reinava. Já em tão verdes annos sem par em diversos géneros de poesia, todos os houvera illustrado, se a parca não tivesse certado tão brilhante e esperançoso fio. Chefe glorioso da uma eschola nacional, teve a dita de Molière : lançou a barra onde ninguem lh'a poude ir buscar.

Nós, ministros humildes mas fieis da religião da arte, ousámos com mão trémula chegar o facho á pyra do grande morto. D'entre as chammas em que abraçámos quanto n'elle havia de mortal, vimos levantar-se, sob aspecto de cygne, um espirito que logo rasgou vóo seguro para os céos da glória. Na pyra se consummou a apotheose : desappareceu o homem, e dobrámos o joelho ao humano semi-deus.

Corria o anno de 1805. Occupava-me eu de corrigir e ampliar, para a 2ª edição da *Livreria Clássica Portuguesa*, o meo obscuro mas amplo estudo sobre o inexcidível improvisador, assumpto então de aturada correspondencia com mee irmão Antonio Feliciano de Castilho, um dos mais convictos admiradores d'aquelle que accessos turbilhões na voz desata. Elle me ponderou que, tomando a nossa geração sobre si solver muitos débitos, dos que a precederam, erguendo monumentos aos que em suas obras nos legaram outros monumentos mais perennes que o mármore ou o brenze, fôra para de-sejar que justiça se fizesse á memoria de Bocage, porque

estes actos esplendidos de gratidão nacional são honras do presente, recompensas do passado e sementes do futuro.

E eu, que bem conheço a terra onde ha um quarto de século resido,—que sei que n'ella acham promptamente écho todos os pensamentos generosos,—que me custumei por doce experiencia a não achar em taes casos distincção entre brasileiros e portuguezes,—que vi que o genio que illuminava o átrio do presente século brilhará no tempo em que formavamos uma só familia, sendo conseguintemente glória de uns e outros,—que esse Petrarcha portuguez tinha uma peculiaridade para o Brazil, e era ser neto do vice-almirante Gil du Bocage, famoso por muitas façanhas, entre as quaes as praticadas na defeza do Rio de Janeiro contra as hostes de Duguay-Trouin,—não hesitei em consultar um auditório tão numeroso como illustrado.

Fazia um feliz acaso que a 15 de septebrro de 1865 fosse o anniversário secular de Bocage, nascido em egual dia, em 1765. E por quanto em paizes adeantados tem estado em nobre uso celebrar o jubiléo de homens grandes, como succedeu na Allemanha, no dia dos 100 annos de Schiller em 1859, na Inglaterra no dia dos 300 annos de Shakspeare, em 1864, na Italia em egual anno e no dia dos 600 annos de Dante etc. julguei que em tão civilisada cidade como esta, seria bem acceita a idéa de celebrarmos o jubiléo do grão fidalgo do idioma, do principe do improviso, do Anacreonte da lyrica, do Petrarcha do soneto, do Rembrandt do ciúme, do Koh-i-noor da metrificacão portugueza.

Está na memória de todos a esplendida solemnidade d'essa entusiastica noite, que tão apuradas pennas descreveram em todas as folhas do Rio de Janeiro, e nas principaes de Portugal. Se no empyreo se é sensivel ao que os homens fazem na terra, terá estremecido de júbilo a alma de Bocage, tão sedenta do affecto dos seos,—não ao ver uma imagem collocada sob um docel, laureada, circumdada de flores, bagas douradas, damascos, luzes, lyra ingrinaldada de rosas, finalmente altar lythurgico da religião poética—mas de admirar que 800 cavalheiros se congregassem para victoriar um homem morto antes de quasi todos elles terem nascido; e concordassem unísonos e jubilosos em proclamar esse finado digno de perpétuo respeito da posteridade. Alli o mais popular dos nossos escriptores teve a mais popular das consagrações.

Resolveu então a assembléa se promovesse a erecção de um singelo monumento a Bocage, na própria terra do seo nascimento, Setubal; e foi, acto continuo, nomeada para angariar donativos uma commissão central, composta indistinctamente de brazileiros e portuguezes, recaindo a escolha, á excepção de um nome, em cavalheiros, por todos os titulos, distinctissimos.

Cumpra aqui recordar que ao nosso talentoso collega, o Exm. Sr. 1.º secretario Dr. Pedro Luiz Pereira de Souza, deveu a commissão um auxilio valiosissimo; qual foi o admiravel brado de excitação; o *sursum corda* de um formoso escripto relativo ao monumento, escripto a que foi dada a devida ampla publicidade.

Então se applicou a commissão a desempenhar-se do seo encargo, não só espalhando listas, mas estabelecendo commissões filiaes em todo o Império, sustentando durante uns 3 annos uma correspondencia que representa mais de 500 officios recebidos e expedidos, e lançando mão de quantos meios occorriam para augmentar o algarismo da subscripção, sendo formuladas e mandadas, em todas as direcções, particulares e instrucções para boa ordem dos trabalhos.

Infelizmente a quadra era péssima para semelhante intento: a guerra do Paraguay não só fazia escacear geralmente os recursos, mas absorvia as attenções; e, observando-se que as sommas agenciadas não subiam alto, julgou-se mais prudente sobr'estar, aguardando melhores tempos.

Todavia importa reconhecer que achámos dedicada cooperação em muitos honrados cidadãos, que nos auxiliaram. Se é licito particularizar, mencionarei, quanto á côrte, sem falar em membros da commissão, os serviços que prestaram nobre e desinteressadamente (desinteressadamente, digo, porque desde o principio se proclamou que esta emprêsa, exclusivamente patriótica, não daria logar a remuneração alguma nobiliária, ou de outra especie) os seguintes senhores:—L. C. Furtado Coelho, que com a generosa annuencia da sua companhia dramática, nos proporcionou a vantagem de dous lucrativos beneficios, um na côrte, outro em Nictheroy—o Sr. Joaquim da Silva Mello Guimarães, que a si tomou parte grande da direcção do expediente e contas,—o Sr. Joaquim Insley Pacheco, que nos concedeu cem photographias do poeta, que destinavamos a principio para oferecer a valiosos auxiliares, etc. Tam-

bem concorreram, por si ou por meio de listas de subscriptores, com quantias superiores a 20\$ rs. os cavalheiros, cujos nomes se acham indicados na relação juncta.

Egualmente mencionarei varios espontâneos offercimentos, ainda não utilizados; taes como os dos Srs. padre José Joaquim Correia de Almeida, de consideravel número de exemplares das suas producções; Francisco Libório Fernandes, portuguez, residente no Pará, de um notavel quadro, primorosamente desenhado a penna.

Uma inopinada desgraça annullou porém subitamente os resultados de tantos esforços. O nosso honrado e infeliz thesoureiro, Sr. José Ricardo Moniz, para cujas mãos passavam constantemente todas as sommas, apenas por mim recebidas, depositou-as, com vencimento de juros, na casa bancária Fortinho & Moniz, a qual arrastou na sua fallencia todos os valores com que comptavamos, e tão laboriosamente agenciados. Da exposição do nobre thesoureiro resulta que a quantia a elle entregue, e seos juros subiu a Rs. 8:427\$640; que as despezas, segundo os documentos foram 1:692\$420 e que por conseguinte lhe ficaram líquidos Rs. 6:735\$220.

Em relação a esta quantia, o unico rateio pago (em maio de 1870) ao meo procurador, durante a minha ausencia em Portugal, foi de Rs. 162\$000.

Cumpre porém notar que, excedendo talvez as minhas attribuições, deixei de intrar para a thesouraria com as duas ultimas verbas por mim recebidas, e que já o foram, quando eram notoriamente tristes as circumstancias da casa Fortinho & Moniz, e por isso ficaram em meo poder essas duas verbas, a saber:

Da commissão da Parahyba do Sul, por mão do Sr. Dr. Candido Mendes de Almeida 200\$000.

Da dicta em Nictheroy, por letra do Sr. José Pereira da Silva Porto 1:383\$000. prefazendo as tres quantias por mim guardadas Rs. 1:745\$000.

De conformidade com a minha ordem, foi-me remetida esta quantia, em septembro, ao cambio de 184 %, como se vê da 2.^a via de letra juncta, correspondendo por tanto em Portugal a somma de minha total responsabilidade, em dinheiro forte, a Rs. 614\$437.

Consta-me que mais algumas quantias ha arrecadadas, que nem chegaram ás mãos do Sr. thesoureiro

nem ás minhas, sobre as quaes resolvereis o que vos approuver.

Passo agora a confessar mui respeitosa-mente as exorbitancias a que me abalancei (sem auctorização, e por isso com risco da vossa censura), relativamente á tarefa que nos fôra commettida.

Estive em Portugal duas vezes depois da nossa organização :—em 1866 a 1867,—em 1869 a 1870.

Da primeira vez procedi a muitos estudos com pessoas competentes: ainda então eu comptava que poderemos dispor de uns Rs. 10:000\$000 dinheiro do Brazil; mas quando vi um dos principaes esculptores orçar só a a estátua, independente de todo o monumento, em Rs. 7 a 8:000\$000 fortes, esmoreci, e intendi que devíamos esperar melhores dias, quando o Brazil não estivesse asoberbado pela guerra, e Portugal por uma grande crise pública e particular. Nada tínhamos pois então que fazer: nem havia meios para obra de algum vulto, nem possibilidade de obtel-os. Entretanto, meo irmão e eu quizemos aproveitar o tempo para estudar a localidade onde o monumento devia ser collocado, e a disposição dos espiritos em Setubal. Junctos acharêis diversos números do *Jornal de Setubal*, onde apparece minuciosamente descripto tudo quanto occorreu na minha visita áquella cidade, cumprindo-me aqui declarar que tomei como feitas a todos os cooperadores do pensamento as distincções de que alli fui alvo; e que da parte do Presidente da respectiva Camara Municipal, como dos respeitaveis oradores Setubalenses, foram por todos os modos manifestados os seos sentimentos de gratidão para com os seos irmãos brasileiros e portuguezes, residentes neste Império, tanto pela idéa em si mesma como pela sua execução. Suscitou-se alli por esta occasião uma variante ao nosso projecto, a qual consistia em se applicarem antes os fundos á criação de um estabelecimento de instrucção, denominado Asylo Bocage; mas não me suppondo eu com faculdade de desviaros dinheiros da premeditada applicação; tendo uma assembléa de mais de 60 membros resolvido deixar a solução a nosso arbítrio; e dirigindo meo irmão uma carta ao Presidente da Camara (carta que juncta acharêis impressa, por ordem da mesma Camara); permanecemos na primitiva deliberação, quanto á erecção do monumento, quando para isso houvesse meios. Creou-se em Setubal uma commissão, dando-se-vos o

logar de honra, pois é só nessa qualidade que meo irmão e eu tomámos a eleição (já se vê que honorária) d'elle para Presidente, e de mim para Vice-Presidente. Esta commissão porém pouco pôde angariar, e eu creio ser vossa mente que esse producto lá tenha o destino que a commissão local julgar dever dar-lhe.

No anno de 1869 a 70 porém já eu, por occasião de nova viagem a Portugal, sabia que estavam perdidos os fundos da subscrição, excepto a pequena somma existente em mão poder. Então, considerei eu que era próprio da commissão eleita dar conta do incargo que acceitara — que haviam desaparecido os meios de que dispunha — que não era da nossa dignidade ir, para o mesmo fim, provocar subscrições novas, tendo as anteriores tido tão máo exito — que porém o material e mão de obra em Portugal são bons, e por baixo preço — que a pequenez da terra, e a singeleza do homem cujo mérito se commemora, não demandam ostentosa construcção — que o intuito moral se preenche, erigindo-se uma modesta columna e estatua — que d'ess'arte poderíamos com pequeno sacrificio, e sem recorrer a subscrições novas fóra do nosso grémio, levar ávante o que se nos incumbira.

Dirigi-me pois ao Sr. Germano José de Salles, intelligente director de uma das primeiras officinas de esculptura de Lisboa, e a quem foi encarregada grande parte do trabalho do monumento recém-erigido ao immortal Sr. D. Pedro IV e I; e nesse patriótico artista achei a mais prompta acquiescencia, declarando-me que por tal fórma abraçava o pensamento que se promptificava a realizal-o, até com perda. Depois de várias conferencias, e coadjuvado pelos meos honrados amigos, o Sr. conselheiro Francisco de Assiz Rodrigues, Director da Academia das Bellas Artes, Antonio da Silva Tullio, e conselheiro Antonio José Viale, conservadores da Bibliotheca Nacional, Dr. Antonio Rodrigues Manitto, Presidente da Camara Municipal de Setubal, Julio de Castilho etc., concordei definitivamente no plano da obra; e depois de feitos os competentes desenhos, e approvado por todos o modêlo da estatua, tal como eu a recommendara, modêlo que foi obra do esculptor Sr. Pedro Carlos dos Reis, ordenei se comesçassem immediatamente os trabalhos, e eis-aqui o excesso de poderes pelo qual vos supplico, se o merecer, um voto absolutório.

Aqui vos apresento, Srs., o plano do nosso monumento a Bocage. E' todo elle feito com aquella pedra lioz, extrahida das pedreiras de Pero Pinheiro, que denominam mármore de Lisboa.

Tem, em proporções menores, alguma similitude com o que se erigiu ao Sr. D. Pedro, no Rocio, de Lisboa. Sobre uma escadaria, de quatro degraus, dos quaes o primeiro tem 4 m. de largura, sendo a altura d'elles de 1 m. 10, ergue-se um pedestal quadrado, que da base até á cornija tem 2 m. 40 de alto, 1 m. 50 de largo; nos 4 angulos é chanfrado, e nas 4 frentes ha de levar como inscrições 4 quartetos de Bocage, dirigidos—um a Deus—outro á patria—terceiro ao amor—quarto á amizade. Superpõe-se ao pedestal uma columna assaz elegante, de ordem corynthia, com canelluras; e medindo o envazamento a altura de 0,^m 60, o fusto 4,^m 4 de altura e 0,^m 66 de diametro, e o capitel 0,^m 80; nesse capitel, entre as volutas e folhas d'acantho estão umas lyras coroadas de rosas. Por sôbre a columna vê-se um supedâneo com altura de 0,^m 80; sôbre este uma convexidade como tampo de abóbada, e é nessa convexidade que Bocage assenta os pés, Está o poeta com a cabeça descoberta, vestido com o trajo do tempo, casaca e calção, e uma capa, manto ou capote; empunha na direita uma penna de ave, na esquerda umas folhas de papel; tem a cabeça levemente curvada; a altura da estatua é de 2^m., e de 12^m. (ou cêrca de um 3^o andar) o total do monumento.

Tivemos a fortuna de alcançar, para guiar o estatuario, o melhor e mais fidedigno retrato que existe do Sadino, cuja história devo aqui reproduzir:

Quando publiquei a 1^a edição da Livraria Clássica, tinha baldado diligencias em Portugal para descobrir um retrato (que D. Gastão Fausto da Camara, o grande amigo do poeta, me asseverára ser o unico fidedigno), executado por Henrique José da Silva, mezes antes, mas no mesmo anno, da morte de Bocage. Como havia eu de lá desincantá-lo, se elle estava no Rio de Janeiro? Henrino ficou com o retrato que tirára, e vindo para o Rio, onde foi professor de Bellas-Artes, trouxe-o; por sua morte, passou no espólio a seo filho, porteiro do musêo, e depois por morte d'este a suas filhas, nascidas no Brazil. Foi avaliado em 10\$000, e por suas donas adjudicado, como mimo ao gratuito advogado no inventário, Exm. Dr. Joaquim José Teixeira, que o conserva com o apêço devido. Comquanto como obra

d'arte não seja um primor, transverbera-lhe no rosto uma não sei que vaga expressão de verdade e vida, que atordôa até aos profanos, e incute convencimento de ser este o retrato authêntico.

Já por ser esta preciosidade pertencente a um cavalheiro que razoavelmente a não dispensava, já também porque artisticamente está muito incorrecto, obtive do referido amigo a concessão de se tirar uma cópia, a qual foi confiada a Mr. Moreau, que da tarefa se saiu perfeitamente, reproduzindo com a maior fidelidade as derradeiras minúcias dos traços physionómicos, mas aperfeiçoando notavelmente o incorrecto trabalho, e augmentando-lhe consideravelmente as dimensões: foi este painel que serviu de modêlo ao escultor.

A' Camara Municipal de Setubal offereci eu deixarlh'o em depósito, declarando-lhe que ficaria propriedade sua, se esta commissão a isso auctorizasse, o que vós decidiréis. Provisoriamente, e até vossa resolução, determinou aquella corporação que fôsse collocado no logar de honra do vasto salão das suas conferencias.

Claro está que, desde que assumi a responsabilidade de mandar fazer a obra, sujeitei-me a completar por mim a parte do numerário, que acaso possa vir a faltar para a conclusão da obra e seus accessórios, se me não absolverdes das minhas usurpações; ou mesmo a satisfazer todo o custo d'ella, se o que está feito não merecer a vossa approvação.

Sollicito pois vossas resoluções sobre os seguintes pontos:

1°.—E' ou não approvedo o que até hoje se tem praticado e consta d'este relatório?

2°.—Convem incumbir alguém de levar ao cabo a empreza, dirigindo o que resta para fazer, e reclamando de quem os tiver, os fundos já subscriptos e ainda não recolhidos?

3°.—Quer a commissão fixar o dia da inauguração, e o programma d'essa solemnidade, e nomear as pessoas que em Portugal a devem representar?

4°.—Auctoriza todas as despesas que se julgarem convenientes, com o monumento, medalhas, impressos, melhoramento da praça, e o mais que parecer acertado, contando que se não promova *nova* subscrição para fóra dos membros da commissão?

5°.—Precisam estes gastos do successivo consentimento da commissão, ou ficam desde já auctorizados,

bastando que, depois de effectuados, a commissão se congregue pela última vez para o exame das contas?

6°.—Deve dar-se publicidade a alguma cousa? ao quê?

7°.—Cumpre, n'aquelle caso, mandar exemplares d'essas publicações aos contribuintes, renovando-lhes o agradecimento da coadjuvação?

Só me resta reiterar as expressões da minha gratidão nos que me fizeram a honra de consentir que eu me associasse aos vossos trabalhos, e a vós mesmos pela confiança e benevolencia com que vos tendes dignado distinguir-me. Se a ellas não correspondi, culpe-se-me a insufficiencia, que não certamente a vontade.

Rio de Janeiro, 3 de junho de 1871.

J. F. DE CASTILHO BARRETO E NORONHA.

Este acto foi interrompido, quasi em principio, pela presença do Sr. José Ricardo Moniz, Thesoureiro da Commissão, o qual declara que só a urgencia do caso, e a singularidade da sua posição perante os subscriptores para o Monumento a Bocage, o forçariam a apresentar-se em público, no dia em que baixava á sepultura um de seus irmãos: por isso pedia para ser ouvido, afim de poder retirar-se.

Concedida a urgencia, o Sr. Moniz leu o seo Relatório, que é do teor seguinte:

Senhores.

Para conhecimento de todos aquelles que tem direito de perguntar o que se ha feito dos dinheiros arrecadados para o monumento a Bocage, de cuja commissão fui thesoureiro, apresento o balanço, mostrando dever existir em meo poder a quantia de rs. 6:735\$220.

Este algarismo, obtido ás migalhas, e pode-se dizer, na sua totalidade, devidas ás relações pessoais do Exm. Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho, iniciador da idéa, para realização da qual tudo tem sacrificado, foi sempre por mim exclusivamente arrecadado, e depositado a juros na casa bancária, da qual eu era sócio solidário.

O fatal desbarato dos negócios d'essa casa, levou-me á ruína em que me acho.

Julgado pelos Tribunaes do paiz, a que me submetti, devo aos cavalheiros, que na melhor fé confiaram na minha moralidade uma justificação.

Por mais melindrosa e vexada que seja a minha posição n'este momento, consolo-me por ter no meio de todo o meo descalabro salvado esse mesmo principio de moralidade. O bom senso reconhece que eu não podia nem devia preferir outro estabelecimento que não fôsse o meo, para ser caixa d'essas quantias que á formiga se arrecadavam.

A legalidade de meo proceder é tão intuitivo que toda a reflexão seria uma banalidade.

Mas..... porque não salvastes no meio do vosso naufrágio os dinheiros da subscripção que se achavam a vosso cargo?

Isso importaria nada mais nem nada menos do que salvar-me a mim próprio; e não seria moral que eu tractasse de me salvar, sacrificando todos os principios pelos quaes me constituí responsável d'esses mesmos dinheiros.

Um tal proceder seria a negação de meos foros, na sociedade que me considerou.

A moralidade não é trapaçaria, e embora o incadeamento de fataes incidentes me prenda a um poste de interpretações equívocas, confio no meo braço, e na minha actividade, para ainda um dia poder solver esse débito contrahido pela minha dualidade de Thesoureiro e commereiante, fundida na minha própria individualidade

Não posso dar costas ás accusações impertinentes que no ultramar se fizeram a propósito d'este malfadado commettimento, ao character do incançavel Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho, que com tanto entusiasmo, e não egualada dedicação, se applicou de corpo e alma a traduzir em facto a sua nobre idéa, pondo ao serviço d'ella o seo afanoso trabalho e o seo grande valimento.

O character d'este distincto cavalheiro, o qual se tem deixado sacrificar até hoje para salvaguardar o meo nome, não póde por mais tempo continuar a partilhar de uma posição indefinida.

Segundo deveis saber, os trabalhos da commissão ficaram reduzidos, e adstrictos a elle como Presidente, e a mim como Thesoureiro; cabendo a elle toda a correspondencia, e a mim toda a parte económica. As raias de nossas acções assim estabelecidas demarcavam a nossa independencia; e não é sem grande confrangimento que entro n'estas minúcias para não

pôr em dúvida a minha total responsabilidade, pois considero-me bastante forte para não cõrar diante das impertinencias, que um successo desgraçado pôde fazer nascer em espiritos que medem a honra pelo pagamento á vista.

Não me acastello atraz das theorias dos factos, e não chamo em meo soccorro os desbaratos que levaram os dinheiros da subscripção para o monumento a Camões, nem da Caixa de Pedro V, cuja responsabilidade legal e moral das commissões desapareceu deante das considerações de *fôrça maior*, porque intendo que quando os brios cavalheirosos se acham empenhados, as obrigações não prescrevem, nem a responsabilidade se divide.

E' tudo quanto tem a dizer o

Ex-Thesoureiro

JOSE' RICARDO MONIZ.

Rio de Janeiro 31 de Maio de 1871.

A Assembléa, tendo escutado attentamente as considerações oraes e escriptas do Sr. Thesoureiro, toma parte em seo desgosto, e interrompe a sessão durante algum tempo.

Tendo-se retirado o Sr. Moniz, continuam os trabalhos começados, e prosegue a leitura do Relatório do Sr. Conselheiro Castilho, finda a qual o Sr. Conselheiro Cardoso de Menezes propõe que se votem os quesitos, *in fine*, do Relatório.

O Sr. M. de Mello lembra a conveniencia de se re-lerem as conclusões do mesmo Relatório.

O Sr. Conselheiro Cardoso de Menezes acrescenta que, tendo a leitura sido interrompida, convem talvez que o Sr. Conselheiro Castilho faça um resumo do seo trabalho, e assim se resolve.

Terminada a exposição, feita por este senhor, propõe o Sr. Commendador Costa Braga, que as conclusões do Relatório sejam votadas inglobadamente. Objecta o Sr. Conselheiro Castilho que, tractando ellas de matérias mui diversas entre si, convem separal-as.

Entra em discussão o 1º. quesito « *E' ou não approvado o que até hoje se tem feito, e consta d'este Relatório?* » Resolve-se pela affirmativa, unanimemente, e sem discussão.

Entra em discussão o 2º. quesito « *Convem incumbir*

alguem de levar ao cabo a empresa, dirigindo o que resta para fazer; e reclamando de quem os tiver, os fundos já subscriptos, e ainda não recolhidos? »

O Sr. Costa Braga declara ter em seu poder cerca de 350\$000 rs. pertencentes á subscrição, que reteve até agora, por conselho das circumstancias. Outro tanto, e pelas mesmas razões, fez o Sr. Commendador Correia de Sá, que declara ter em sua mão cerca de 900\$000 rs., procedentes de igual origem.

A Assembléa agradece a estes senhores, e sob proposta do Sr. Conselheiro Cardoso de Menezes, resolve unanimemente que o Sr. Conselheiro Castilho seja solicitado a levar ao cabo a empresa; e dá-lhe solemne voto de louvor.

O Sr. Conselheiro Castilho, agradecendo mais esta prova de confiança da Assembléa (« *confiança merecidissima* » « *simples justiça* » bradam muitas vozes), acceita todos os encargos, menos o de arrecadar, o que a receber houver. Varios cavalheiros insistem embalde com Sua Excellencia.

O Sr. Cybrão propõe que os Srs.—Presidente, Conselheiro Castilho—e Vice-Presidente, Barão de S. Clemente—sejam encarregados de levar ao fim a tarefa; e entre si dividam os trabalhos. Esta proposta é unanimemente approvada.

Lêem-se os quesitos 3º., 4º., e 5º., e resolve-se :

Quanto ao 3º. : que os Srs. Presidente e Vice-Presidente façam o que melhor lhes parecer ;

Quanto ao 4º. : o mesmo, e que se as sommas arrecadadas não derem para os gastos a que se refere, seja cada um dos membros da commissão consultado por carta, a respeito da quantia com que deseja contribuir ;

E quanto ao 5º. : que ficam desde já auctorizados todos os gastos precisos.

Lê-se o 6º. quesito, e resolve-se : que os Srs. Presidente e Vice-Presidente mandem, quando opportuno o julgarem, publicar o que lhes parecer, do occorrido n'esta sessão, e o que convenha ácerca do seu encargo.

Julga-se prejudicado o quesito 7º.

Mais se resolveu, em presença da promessa contida no Relatório do Sr. Thesoureiro, que a todo o tempo que este senhor possa restituir os fundos, que por uma calamidade commercial se perderam, ficam os mesmos

Srs. Presidente e Vice-Presidente auctorizados a receber-os, e applical-os a qualquer objecto análogo, que julgarem conveniente.

Obtendo a palavra o Sr. Commendador Almeida Martins, propõe que o voto de louvor, tão espontaneamente offerecido ao Sr. Conselheiro Castilho pelos relevantissimos serviços prestados por S. Ex. para o bom êxito da emprêsa começada, seja extensivo ao Sr. Visconde de Castilho, de quem nasceu a idéa de um Monumento a Bocage, segundo a declaração do Sr. Conselheiro. Esta proposta é accollida com geral applauso, e a Assembléa vota unanimemente louvores e cordiaes agradecimentos aos dous dignos Irmãos Castilhos, o Sr. Visconde e o Sr. Conselheiro.

Levanta-se a sessão ás 2 1/2 horas.

ERNESTO CYBRÃO.

Secretário. ¶

ADVERTENCIA

Já estava em grande adeantamento a composição da matéria d'este número (a qual precisa ainda ser continuada no seguinte) quando foram successivamente entregues, para serem publicadas, as cartas 13^a, 14^a e 15^a. de Cincinnato a Fabrício. Sairão á luz, apenas o espaço o permitta.

QUESTÕES DO DIA

N. 16

RIO DE JANEIRO 21 DE OCTUBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs E. & H. Laemmert.— Praça da Constituição,
Loja do canto.—Livraria Academica, Rua de S. Jose n. 119— Largo do
Paço n. C.— Rua de Gonçalves Dias n. 79. — Preço 200 reis.

Monumento a Bocage.

Dêmos no precedente número a acta da última sessão da comissão central, creada n'esta côrte para promover a erecção de um modesto monumento a M. M. Barboza du Bocage, Elmano Sadino, a qual vai verificar-se proximamente, e talvez no dia 21 de dezembro d'este anno, em Setubal, cidade natal do poeta, commemorando-se assim o 66º anno do seo passamento, como, no dia 15 de setembro de 1865, egualmente se commemorára, n'um brilhante jubiléu, o anniversário secular do seo nascimento.

Nomeadas para Lisbôa e Setubal comissões compostas dos cavalheiros mais competentes, tudo faz esperar que o generoso pensamento, iniciado nesta côrte, e ao qual se associaram cidadãos brasileiros e portuguezes, seja dignamente realizado, pois consta acharem-se em andamento os derradeiros trabalhos.

Este número será pois ainda inteiramente consagrado ao mesmo assumpto, e só nos permite o espaço publicar nelle o excellente escripto do Sr. Dr. Pedro Luiz Pereira de Souza, e a correspondencia trocada entre o Sr. Antonio Feliciano de Castilho e a Camara Municipal de Setubal. Ficam muitos outros curiosos documentos, a alguns dos quaes talvez ainda dêmos egual publicidade.

Monumento a Bocage.

Em dias do mez de setembro, na cidade do Rio de Janeiro, celebrava-se uma festa litterária em honra á lyra de Bocage.

Os amigos das letras e de nossas antigas glórias haviam sido convidados para uma reunião nas salas do Club Fluminense, pelo Sr. Conselheiro José Feliciano

de Castilho Barreto e Noronha, em seu nome, e no de seu distincto irmão o Sr. Dr. Antonio Feliciano de Castilho, de quem, como S. Ex. annunciou, recebera aquelle honroso incargo.

Tudo concorria para aquecer os ânimos n'essa eloquente contemplação do passado.

A illustre personagem que apparecia á frente de tão generoso movimento conquistara de ha muito tempo a admiração dos contemporâneos. As musas carinhosas lhe embalaram o berço, e na existencia litteraria do illustre cego ingastaram innúmeras joias do mais fino quilate. Alma sempre nova, espirito sempre audaz, talento sempre fecundo, ainda sonha o grande, o ideal. Não cançou. Não descreu. Não se assentou alquebrado á beira da estrada, nem se recolheu ao sombrio silencio da ironia. Antes caminha sempre, carregado de trophéos, saudando com fervor a geração que tem ância de poesia e de futuro. Os olhos, que para a luz se fecharam, fitou-os elle em outro céu mais límpido.

Ainda agora se nos revela o Ovídio portuguez, e lá do seu Tibur nos convidava para a festa do passado.

A data em que nos reuniamos era solemne. O dia 15 de setembro de 1865 completava o século do nascimento de Bocage. Eramos pois convivas de um jubileo litterario, cerimonia poetica, e original entre nós.

Não podia ficar esteril a saudação que dirigiamos á sombra de Elmano. O Sr. Conselheiro Castilho expoz a nobre idéa de perpetuar no mármore e no bronze a veneração da posteridade ao assombroso poeta. Foi calorosamente abraçada. O plano do monumento apresentado por S. Ex. circulou pela assembléa. E' simples, elegante e modesto. Uma escadaria de mármore leva por quatro degraus a um átrio, onde oito columnas de ordem jónica sustentam uma cúpola, sobre a qual se eleva a musa da poesia, com a mão esquerda apoiada em uma lyra, e a direita alçada, empunhando uma corôa. Ao meio do átrio, e sobre um pedestal quadrangular, em cujas faces se lerão versos do poeta, ergue-se o busto de bronze de Bocage.

Desde logo foi acclamada uma commissão para levar a effeito o magnífico pensamento.

Sem dúvida merece Bocage essa oblação eloquente, ainda que singela. Aquelles que se acharam no caminho do poeta percebiam n'elle o deus interior, presentiam a chamma sagrada a incendiar-lhe o cérebro, a

crepitar no verso que lhe rebentava de improviso, a fulgurar em seos olhos azues, que pareciam reflectir a immensidade. Esse homem, que alli andava na turba, tinha a *mens divinior*. Em tórno d'elle havia o círculo do espanto.

Cabia á futura geração consagrar aquelle sentimento. O renome de Elmano passou pelo chrysol da posteridade. Entre nós e o berço do poeta se estende um século. Pois a figura de Bocage, de tão inspirada, de tão grandiosa, assumiu a nossos olhos proporções legendárias. E' quasi um ente phantástico!

Para aquelle homem a musa não tinha segredos : de seos labios brotava em jorros a poesia; a murmurosa *lympha* da Castália despenhava-se-lhe em catadupas. Seos livros ali ficaram; attestam muito alto aquelle maravilhoso ingenho e a febril inspiração que lhe transbordava da alma. Para elle não havia barreiras. Os horizontes, por mais remotos, era fital-os, e ao olhar do génio se rasgavam luminosos.

Mas nem sempre pairava nas regiões olympicas aquella suberba phantasia. Roçou de perto, e não raro, as misérias humanas, e n'isso sentia singular prazer. Génio inquieto, louco, devorado de scismas, deixava-se arrastar pelo *tropel das paixões*, como elle próprio murmurou em hora de tristeza, n'aquelles versos que todos nós sabemos. Rastejava então por sôbre o pó da terra. Zunia de seos lábios o epigramma como uma setta hervada. Sua risada mordida devéras.

O soneto nascia-lhe de um jacto e primoroso. Ora parecia o fascículo das varas com que se comprazia em flagellar o vício, ora um festão de lindas rosas, como que entrelaçando suspirados amores. Cançado da terra, fugia-lhe a alma então para as nuvens douradas. A cantata serena o inlevava manso e manso; a ode pomposa o arrebatava no turbilhão de fogo; e ouvidos terrestres procuravam o bardo nas regiões do ideal.

Tal foi Bocage.

Onde para aquelle crâneo-vulcão... ninguem o sabe. Não se desfolham goivos sôbre a lousa que incobre as cinzas do poeta. Pois levante-se na terra do seo berço a pedra symbolica do futuro. E' um tributo esse que lhe devem duas nações : Portugal e Brazil.

A idéa do monumento a Bocage deve acordar profundas sympathias áquem e além do Atlantico. Bocage não é o representante de uma nacionalidade: é o filho

sublime de uma raça. Suas glórias não se acham presas em mesquinhas circumscripções geográficas : pertencem á língua harmoniosa que falam dous povos irmãos.

Alma errante nos páramos da poesia, assim lhe correu a penosa vida. Aqui na plaga brasileira viveu tambem Elmano; respirou d'este ar embalsamado; nos seos inspirados cantos flammeja o raio quente d'este sol.

Uma vez ainda—e agora em nome da poesia—abraçem-se brasileiros e portuguezes.

Não é faustoso monumento o que se quer levantar á memória do divino cantor; não é a traducção d'aquelle estro em mármore, pois que o estro ahi ficou no mundo traduzido em versos immortaes: é uma offerenda singela do futuro, que só colherá esplendores da idéa que symboliza; um tributo gracioso e modesto; uma pedra que vai alegrar os manes queixosos do bardo, e ás duas nações pesará bem pouco.

PEDRO LUIZ.

Rio de Janeiro—octubro de 1865.

SENHORES : PRESIDENTE, E VEREADORES DA CAMARA, NOTAVEIS, E HABITANTES EM GERAL DA ILLUSTRE CIDADE DE SETUBAL.

Mais que atrevimento deveria parecer o dirigir-me eu hoje a vós collectivamente, se vós mesmos, dignando-vos de me honrar com excessivas mostras de benevolencia, me não houvéreis imposto necessidade e obrigação de agradecimento.

O agradecido é um amigo; e todo o amigo tem direito de expor chan e lisamente os seos sentimentos. Sem mais vénias o farei.

Penhorastes-me, quanto não cabe em expressão, accitando-nos com alacridade um projecto, em que meo irmão e eu havíamos posto o maior empenho e diligencia; e esse vosso obséquio, já de si tão grande, ingrandestel-o ainda mais, preparando-vos para nos receber e hospedar com magnificencia digna de vós, e de que até principes se pagariam. Coroastes finalmente o obséquio, deferindo em parte ás nossas instâncias, e attenuando um pouco essas públicas manifestações, com que a nossa justa humldade se não

atrevia. Ainda assim, o que d'ellas ficou, sobraria para insoberbecer aos mais ambiciosos.

Já pela voz de meo irmão soubestes a causa que me privou de acompanhal-o, n'esta que para nós era devotissima romaria, e que a vossa urbanidade mais que generosa nos transformou em triumpho; mas o que nem pela voz d'elle podestes decerto comprehender, nem eu por palavras vos saberia explicar, é o infinito que a vós me prendestes com as acclamações, em que, n'um dia todo de Bocage, o meo nome andou consociado com o do grande Poeta, no meio dos seus conterrâneos mais illustres. Inthesouro para glória de familia as folhas públicas e as cartas, em que se me relatam essas memoraveis horas de 17 a 18 d'este março.

Glorificado por vós com o titulo de Presidente honorário da commissão que deve tractar do monumento ao Cysne do Sado, venho já ao assumpto que sobretudo nos interessa.

Filhos dignissimos d'este século, querieis, e quizera-o eu tambem, que os manes de Bocage se podessem nobilitar com um monumento productivo; que ao bello se preferisse para elle o bom; á pompa artistica, a educação e a caridade; a um quasi mausolêo, um berço que attrahisse as benções de Deus para sobre ingeitados da Fortuna. As pyramides do Egypto reunidas não valem a mais humilde eschola. Tal é já de muito a minha convicção intima: livre a expuz, e larga e diuturnamente a sustentei na *Revista Universal*, quando se tractava do como se ergueria padrão condigno a D. Pedro IV; e outra vez ainda tomei voz pela civilisação contra a vaidade, quando se controvertia por D. Pedro V qual melhor o representaria:—se um colosso surdo, mudo, cego, immovel, gelado, sem intranhas:—se um mestre, embora o mais obscuro, ou a mais humilde mestra, preparando no eremitério de uma eschola o bemdicto milagre de homens e mulheres para o porvir.

Que eu defendia, no já quasi anachrónico pleito, a melhor parte, sabe-o a minha consciencia, e comprovastel-o vós tambem.

Todavia, Senhores, como nem todos ainda o intendem assim, e os dinheiros já tributados, para a homenagem que hoje se projecta, vieram logo, e talvez aliás se retrahiriam, destinados a converter-se em mo-

numento, na accepção vulgar do termo, intendo eu que todo e qualquer debate n'este sentido seria já agora intempestivo, e inutil quando menos.

Renunciemos pois virilmente o óptimo para onde nos fugia o coração, e ousemos contentar-nos com o simples bom, que tão risonho, ainda assim, e tão conseguível se nos presenta.

Por sermos vencidos do número, não havemos de fugir do campo; e esperando por dias de mais rasgada luz, consolemo-nos, que tambem é boa philosophia, considerando que d'entre todos os monumentos infelizes, estes, os dos filhos de si mesmos que se nobilitaram pelos trabalhos da intelligencia, são sem duvida os de maior préstimo.

Quem se instrue ou se melhora com a estátua de um rei, mas que fosse Trajano, o IV Henrique, ou D. Pedro? Que diz esse mármore ou bronze, que o não diga melhor, mais ampla, mais alta e mais duradouramente a história? e quantos monarchas ha para irem escutar a esse simulacro de principe uma exortação, que nunca lhes virá de fóra, se já Deus ao nascer lh'a não insinuou?

O vulto de Colombo, sim; é o rei dos utopistas, por quem o mundo se duplica; essa figura, como a do Infante D. Henrique, eleva a alma ao pensamento das grandes cousas; pregôa o estudo, o trabalho, a perseverança: todo o espinhoso itinerário da Glória.

No mesmo caso estão as effigies solemnes de Gallilêo, de Newton, de Linnêo, de Guttemberg, de Washington, de Franklin, e estariam a de Fulton, a de Olivier de Sérres, a de Jacart, a de Cobden, a de Daguerre e as de duzentos outros que negociaram os talentos divinos, em proveito de seus irmãos.

Ainda após estes, ha logares honrosos, a chamar pelo cinzel, e podem, com interêsse público outorgar-se aos homens do mundo ideal, aos devaneadores do bello, ess'outros fecundadores do mundo pelo menos; espiritos encarregados pela Providencia, de o aformosentar com as flores do espirito, com as saudades do bom que foi, e com os arreboés prophéticos de melhores dias. Os Shakspeares, os Molières, os Schillers, os Cervantes, os Cainões e os Bocages, pertencem a este número de eleitos, cuja verdadeira vida principia da sepultura.

A estátua do poeta, essa sim que não é muda; por

ella falam ainda os seus versos. O filho das Musas ouve-a cantar, no mundo esteril, por onde vagueia indifferente, como nos areiaes do Egypto o colosso de Memnon modulava hymnos ao apparecimento da Aurora sua mãe.

Já não é pedra aquillo; é um conselho vivo de estudo, de recolhimento solitário, de meditação, de paciencia, de esperanza, de fé na própria estrella, de renunciação ás pequenezes, aos inrêdos, a todas as misérias caducas e perecedeiras.

Falei de Camões e Bocage. Que de pontos de contacto, entre estas duas glórias nacionaes! Permitti-me recordar-vol-os, que será insoberbecer essa terra a que já tanto devo.

Com quasi dous séculos e meio de distancia, nascem de familias honradas, mas de pouca fortuna, os dous máximos cantores portuguezes, no prazo precisamente em que mais uteis podiam ser, como exemplares á lingua e poesia nacional. Camões regulariza e fixa, com o adjutório do latim, do italiano e do hispanhol, a arte do escrever claro e culto :

... um som alto e sublimado,
um estylo grandiloquo e corrente.

Bocage, outro Messias litterário. offusca, dispersa, quasi anniquilla de todo a synagoga arcádica. Forte egualmente com os idiomas da antiga e moderna Itália, e com o francez, de que elle sabe não colher senão o necessário, o util e o bom, abelha delicada entre insectos impuros que só venenos lhe sugavam, dá a ouvir pela primeira vez aos echos multiplicados e attónitos um falar altiloquo e terso, claro e elegante, cheio e harmonioso, como nenhum, em poesia, ainda por cá se ouvira, nem se tornou a ouvir, depois que elle emmudeceu. Camões e Bocage são pois ainda hoje dous mestres; mas o segundo, por mais achegado a nós, mestre para mais aproveitamento. Na traducção inexcedivel, e no soneto inegualavel.

Ingenhos peregrinos ambos, começam a colher tempo a celebridade; ouvem em vida os applausos dos vindouros, e por entre os susurros harmoniosos dos loureiros, já tambem os pios importunos das invejas. D'aqui talvez a esplêndida bile que em ambos se desabafava em sátira; d'aqui tambem, aquelles frequentes assomos com que ambos, não sem escândalo de mediocres, ousavam pregoar, como Ovidio, como Horácio,

como todos os gigantes, que ardia n'elles o fogo sacro, que os inspirava um nume, e que as suas obras não tinham de morrer.

Reprehende-se á Fortuna a sua prodigalidade para com entes vulgares, abjectos, nullos, ao mesmo passo que pelo commum se mostra mesquinha aos espiritos eleitos! Que desarrazoado não é esse queixume! e basta uma consideração, ommittindo vinte outras que a reforçam:—Seria por ventura justo que a Providencia dispartisse tudo a uns, e a outros nada? que os pobres de espirito fôsem tambem mendigos dos bens terrestres, enquanto os talentos e génios possuissem os palácios e parques, os cavallos da Arábia, as mêsas de Lucullo?

« Não escreve Lusíadas quem janta

« em toalhas de Flandres.....;

já o tinha dicto Garção.

A Camões e a Bocage vá pois a vida pobre, atormentada, trabalhosa. Quem sabe se a contrária os não afo-garia!

Camões recorre á milícia: Bocage recorre á milícia. Ambos vão servir a pátria nas terras d'alem-mar, no Oriente, na região do sol e das palmas; a ambos os espera lá a inspiração, mas os infortúnios tambem: a ambos a ausencia apura a sensibilidade; a ambos os chamam es amores para o ninho paterno.

Amores: qual dos dous levará n'isto a palma ao outro? Nem um nem outro é Petrarcha para uma só Laura, ou Dante para uma só Beatriz, a quem ame viva, e a quem ame dobradamente depois da morte.

Cada um d'elles é, como o segundo por si confessou ingenuamente:

« devoto incensador de mil deidades.

Não amam a uma formosa, inleva-os a formosura: ardem por mil; adoram a todas; a feminidade sob qualquer fórma ou nome, é o seo iman perpétuo.

Em rumos incontrados, e com a mira em estrellas diversas, é sempre a mesma luz celeste, a belleza, quem os enamóra, quem lhes chama: aos olhos, ora o riso, ora as lágrymas; ao coração, ora a esperança, ora o ciúme; aos lábios, ora os hosannas, ora os impropérios, que são ainda amor. Por isso, nem um nem outro se atreve a escolher uma companheira para a jornada trabalhosa da vida. Por filhos e herdeiros só hão de deixar as próprias obras.

A existencia namorada, aventureosa, errabuuda, for-

tuita, amphíbia, quasi aérea, quasi chimérica, e quasi de chimeras unicamente pascida, a tal ponto os irmanou, que Bocage não pode abster-se de exclamar no seo exílio indiano :

Camões, grande Camões, quão semelhante
 acho teu fado ao meo quando os cotejo !
 egual causa nos fez, perdendo o Tejo,
 arrostar co'o sacrílego Gigante ;
 como tu, juncto ao Ganges susurrante,
 da penúria cruel no horror me vejo;
 como tu, gostos vãos que em vão desejo
 também carpindo estou, saudoso amante ;
 ludíbrio, como tu, da sorte dura,
 meo fim demando ao céu, pela certeza
 de que só terás paz na sepultura.

E ainda então, senhores, o vosso cantor, o vosso Camões II, não sabia quantas mais semelhanças com o grande homem o aguardavam no futuro. Como elle, havia de experimentar por leviandades a amargura expiatória do cárcere; como elle, havia de chegar a ver a Pátria n'uma grande crise, suprema dor para um coração portuguez! como elle, havia de se finar n'um aposento desconchegado, e soccorrido da caridade; como elle, até depois de enterrado, havia de naufragar e perder-se com a própria sepultura; como a elle enfim havia de chegar um dia, e, foi Deus louvado! em nosso tempo, em que a gratidão pública o evocasse glorioso d'entre os mortos. Foi necessário um século para a canonização da arte; a campá extraviada re-urgiu pedestal, quasi ara.

Camões e Bocage vão reaparecer nas suas cidades nataes; d'esta vez, de bronze para a eternidade, a dominarem com toda a sua grandeza intellectual em meio de praças do seo nome; enquanto as Musas do drama e da comédia os offercem aos applausos das turbas, Camões pelos meus exforços, Bocage pelo ingenho prestigioso de Mendes Leal, o príncipe do nosso theatro.

Um génio poético do novo mundo, inspirado cantor d'aquellas terras, ainda nossas pela fraternidade, d'aquelle paiz único do ouro e do sol, dos diamantes, da poesia e da mocidade, Alvares de Azevedo, dera-nos o exemplo 'pobre moço, tão em flôr cortado á glória do

Brazil e do nosso commum e opulentíssimo idioma!); carpira o fim misérrimo de Bocage, em páginas dignas do seo assumpto, mostrando-nos por dentro e ao natural o coração vulcanico, o espirito sublimemente delirante d'este filho pródigo das Musas, que ainda melodioso ao expirar, como a ave do Caístro, suspirava o pesaroso gemido que a ninguem esqueceu:

« Meo ser evaporei na lida insana

« do tropel das paixões que me arrastava.

Surja pois, muito nas boas horas, no melhor Forum de Setubal, ao som dos vivas de Portugal e do Brazil, essa projectada rotunda, occupada por Bocage, e dominada da Musa lyrica, podendo-se intalhar no pedestal aquelle verso d'elle, então prophécia, hoje história:

« Zoilos, tremei! Posteridade, és minha!

Todos os bons ingenhos portuguezes, hão-de sein falta acudir com os seus cantos a essa inauguração expiatória, o que será para Elmano terceiro monumento: o primeiro já o havia elle mesmo levantado a si com os seus versos de ouro.

D'aqui me estou eu deliciando a antever essa festa nacional! Toda a vossa cidade de gala; a capital visitando-a com inveja; a praça alcatifada de louros e murtas; a música alvoroçando ainda mais os corações; os edificios colgados de púrpura; os representantes do municipio em toda a pompa official, e, a convite d'elle, as damas, indo coroar de flores o seo escravo, agora rei.

Quanto não seria para desejar, que esta emblemática cerimónia, da coroação do talento pela formosura, se renovasse perpetuamente de anno a anno, no dia do nascimento do poeta, ou no do seo renascimento em estátua!

Confessemos que n'estas cousas tão sympathicas, e tão faceis de si que até são gratuitas, vai alguma cousa mais que mero regosijo popular; vai estimulo enérgico a muito ingenho. A glória tambem é contagiosa; não o haviam de ser só as outras febres.

Por este lado o monumento, que a principio nos pareceria esteril, já cessa de o ser; e a Posteridade alguma cousa porventura confessará que lhe deveu, quando der de século a século o seo balanço.

Senhores, vós tendes várias outras praças; vejamos se se evocam do nada futuros grandes homens, para as occuparem com a sua effigie.

Setubal recebeu da natureza boa bençã de poesia . Já tivera antes de Bocage o vosso Vasco Mausinho de Quebedo, o pregoeiro épico do Affonso Africano; e Thomaz Antonio dos Santos e Silva, o infeliz carpidor de Lésbia, génio inculto, que o estudo, e um pouco menos de adversidade houveram podido sublimar. Quem sabe quantos outros eguaes ou maiores não poderá ainda crear um torrão, pela amenidade, pelo céu, e pelas circumvisinhanças, tão inspirativo: com a Arrábida religiosa a um lado, vestida dos seus rosmalhos e alecrins; e Palmella, a devanear do seo castello proêsas guerreiras d'outras edades; d'outro lado Troya, a romana antiga, que para alli se jaz; e o Oceano, a meditação immensa; torrão das laranjeiras noivas, como a Itália; e por baixo, thesouro de jaspes e mármores, resguardados para estátuas de seus filhos. Solo providencialmente prendado de tudo, e d'onde, ainda ha dous dias, um insigne poeta dinamarque, o nosso amigo Andersen, estanciando ahi depois de percorrida a Europa, me escrevia que tinha incontrado ao cabo o Paraizo Terreal.

Se eu não temesse offender modéstias que venero, citaria exemplo contemporâneo, de que a terra que deu Bocage não ficou por isso exhausta de poesia.

Mas voltamos ao nosso Bocage. Não o conheci eu pessoalmente. Despedia-se elle do mundo quando eu apenas o intrava; mas conheci e tractei depois a alguns dos que o haviam admirado, e que d'elle me falavam, como se na véspera o tivessem applaudido. Eram estes poetas, seus cortezaos, nada menos que Vicente Pedro Nolasco da Cunha, João Vicente Pimentel Maldonado, Morgado de Assentiz, D. Gastão Fausto da Camara Coitinho, Belchior Manoel Curvo Semmedo Torres de Sequeira, José Nicoláo de Massuelos Pinto, José Agostinho de Macedo, e duas poetisas: Condessa de Oyenhhausen, Marqueza d'Alorna, e D. Anna Pereira Marescos, a cada uma das quaes dedicou um dos seus tomos poéticos, e o coração tambem, segundo é fama.

Toda essa constellação poética já lá vai sumida no occaso. D'entre estes nove ingenhos não vulgares, não houve um, sem exceptuar o Padre Macedo, flagellado com a mais tremenda e memoravel das sátyras bocagianas, que me não confirmasse o que eu ouvira a meo proprio pae. não poeta, porém juiz muito competente em cousas litterárias:—que o improvisador

Elmano fôra ainda muito maior na facilidade e felicidade da improvisação, que nos seus versos esmerados para a luz pública. Como poeta, poderão os diversos gostos contrapôr-lhe um ou outro rival; como repentinista, nenhum. Eis ahí um novo jus ao monumento.

Vão longe aquelles dias dos tão afamados oiteiros poéticos de Portugal; já também agonizavam quando os eu alcancei; mas eram donosa occupação e bom estímulo de ingenhos, emquanto a juventude era juventude, e a política nos não tinha a todos e de todo desalgado; mas quem nos diz que ao pé do vosso Bocage resuscitado, não poderiam, se os evocásseis vós, resuscitar egualmente aquelles certames nocturnos dos ingenhos, no dia, ou no tríduo do anniversário do monumento?

E se resuscitassem, não seria esse um facto bem fecundo? não sabemos todos nós o que a história ainda não esqueceu das luctas de poetas e de poetizas na Grécia, na pátria do bom gosto e dos eternos exemplos?

Quando repômos em uso e em honra, sob o nome de regatas, as naumáchias festivas dos Troyanos, quaes Virgilio nol-as descreveu; quando imitámos as apostas dos cavallos voadores de Élide; quando se vai palmear a ferocidade sanguinosa do Circo romano, em batalhas de feras com homens, ou antes d'homens-feras com animaes forçados a infurecer-se; porque motivo só desdenharemos da sábia antiguidade o que se refere á cultura do ingenho, o que tende a amenizar a convivência, a polir os costumes, a approximar e reunir os sexos no convívio dos gostos delicados? Que lustre não seria para Setubal, a Bocagiana, instaurar ella esse estádio, em memória do seu filho! Embora o não viesse a conseguir, já o tental-o a innobrecêra; nós diríamos no nosso poucochinho:—os jogos setubalenses! como a Grécia blazonava os seus jogos olympicos e os pythicos, a que se cria presidir o mesmo Apollos!

Os annos vão frios, não o ignoro; mas que mal faria tentar-se ainda o bello, o gracioso, o admiravel?

A' fé que não valia, nem vale ainda hoje, a aldeia franceza de Salency, o que ha de valer, e o que já vale a vossa cidade tão bella e tão populosa; e todavia um grave prelado, um velho, despegado do mundo, e que mereceu canonisado, S. Medardo, instituiu lá, e logrou-se de vêr pegada á festa annual da Roseira, de-

pois transplantada para tantas outras partes ; e que, extirpada passageiramente pelo tufão revolucionario, tornou a pegar, e ainda hoje se conserva. Que ricos fructos moraes, e em que larga cópia não tem produzido aquella corôa de rosas, trançada para a mcça mais virtuosa pelo risonho velho, poético e innocente Anacreonte da caridade! Tentae vós tambem, e já pode ser que Deus vos abençoará a tentativa, e que algum dia ainda, em recompensa d'esses esforços, vos permittirá levantar, em face do monumento de Bocage, outro da civilização: a eschola, o asylo, como vós e eu os cubiçamos.

São horas de cerrar tão larga conversação de amigo com amigos (perdida não espero eu que ella o fique totalmente); Por agora despeço-me de vós, formando votos para que o êxito corresponda ás vossas diligencias, e d'aqui a pouco se esteja celebrando na vossa terra, com a assistencia de todos os poetas portuguezes, o jubiléo de Bocage.

Setubal é já uma linda cidade; d'ahi ávante, poderá chamar-se uma cidade famosa, porque tambem de Sulmona, que de certo a não valia, lá dizia o Bocage romano, Ovídio:—« Muralhas da minha terra, não sois muito, não ; mas quando um viandante vos avistar de longe, dirá:—Terra que tamanho poeta creaste, embora não abarques largo território, chamar-te-hei Grande! »

Permitti-me a honra de me assignar

O vosso

mais respeitoso e agradecido servo,

Lisboa 20 de março de 1867.

A. F. DE CASTILHO.

Illm. e Exm. Sr. Conselheiro Antonio Feliciano de Castilho.

Novos laços de gratidão prendem hoje a V. Ex. o povo de Setubal.

Em nome dos habitantes d'esta cidade, que nos honrâmos de representar, agradecemos do coração as benévolas expressões, que V. Ex. se dignou de nos dirigir na sua excellente e obsequiosa carta.

As demonstrações com que este povo desejava receber as distinctas illustrações, que vinham visitar esta terra, representavam apenas uma imperfeita manifestação de respeitosa homenagem ao primeiro poeta do seo paiz e um singelo tributo de sincera gratidão ao homem benemérito, que tanto se tem desvelado a bem do povo, preparando-lhe pela instrução um melhor futuro. N'essa occasião tornava mais vivo o enthusiasmo dos filhos d'esta terra a lembrança dos motivos que tinham determinado a visita de tão illustres hóspedes; honrar a memoria de um génio fecundo, de que Setubal se orgulha de haver sido berço.

E' esplendida a maneira com que V. Ex. expressa os seus elevados conceitos: será modesta a nossa resposta, porque modestos são os nossos recursos. E' justo que mais dê quem mais possui, e a V. Ex., a quem a natureza concedeu com mão pródiga os altos dotes da intelligencia e do coração, cabe a vantagem e a glória de poder dar muito mais do que pôde receber.

Seja pois lhano e cordial o nosso agradecimento, e valha pela sinceridade com que é offerecido o que não pôde valer pela riqueza das imagens nem pela pompa do estylo.

Aquella carta, Exm. Sr., devêra ser lida em assembléa aonde concorresse o maior número possível dos conterrâneos de Bocage, se não fôsse ainda mais util dal-a á estampa e distribuil-a com profusão, para que fique bem gravada na intelligencia e no coração de todos, e seja um poderoso talisman que avive mais e mais n'este povo o amor ás instituições humanitárias, de que V. Ex. tem sido sempre incançavel propugnador.

Como complemento de tão assignalados favores, ou-sámos pedir que V. Ex. consinta que as brilhantes páginas d'aquella carta sejam divulgadas pela imprensa e cheguem assim ao conhecimento de innúmeros individuos, anciosos de admirar mais uma vez o génio de V. Ex. e inthesourar tão preciosa joia litterária.

Sala das sessões da Camara Municipal de Setubal, em 27 de março de 1867.—*Antonio Rodrigues Manitto.*—*Jose de Groot Pombo.*—*Francisco Alberto dos Santos.*—*Manoel Jose Vieira Novaes.*—*Martinho da Silva Mendes.*—*Joaquim Pedro de Assumpção Rasteiro.*

Illms. e Exs. Srs. Presidente e Vereadores da
Camara Municipal de Setubal.

Segunda vez me confundem V. Exs. com a sua generosidade. Ambicionar honras, é um sentimento natural, muito lícito, e muito proveitoso ; mas quando as honras vem superiores ao merecimento, são corôas que mais depressa esmagam do que ingrandecem.

Dos tres louvores que V. Exs. me liberalizam, des-cabem-me dous, seja-me permittido confessal-o : um, é o que recai excessivo sobre a minha poesia; o outro, o que me converte em mérito, o que é simples acto de justiça : o desejo em que eu acompanho a meo irmão, e a V. Exs. mesmos, e creio que a todos os portuguezes, de que se tributem a Bocage, mostras solemnes da gratidão publica pelos altos serviços que elle prestou á poesia nacional.

O terceiro louvor sim, que julgo não o ter desmerecido, e é de todos o que mais e melhor me enche e alegra o coração. Sim, meos Senhores ; creio como vós, e firmemente o creio, que não vim inutil ao mundo, pois que alumiei, arejei, ajardinei, e tornei attractiva, philosophica e fecunda a eschola primária, pia baptis-mal única onde os povos se podem regenerar.

Todos os meos outros livros pouco valem; o meo método de ensino, facil, rápido, e aprazivel, des-comprehendido, mal apreciado por muitos. e por quasi todos, esse é que é a minha primeira e última obra. Se os mortos sabem o que se passa na humanidade, algum dia, d'aqui a quantos annos não scei, ainda me heide deliciar de ouvir isto aos nossos vindouros.

Tambem eu fiz uns *Lusiadas*; só uns: foi esta carta de alforria da puericia. Não cantei os portuguezes passados, mas forcejei por que houvesse portuguezes futuros, o que não vale menos, se è que não vale mais.

A Camões, as palmas de cantor de génio; a mim bastam-me, e prefiro-os, os emboras de trabalhador obscuro mas util; de amigo provado das creanças, de suas mães, e da terra em que me creei.

Com a maior gratidão pois beijo a V. Exs. as mãos. que me assignam este documento, de que não trabalhei totalmente para ingratos: este testemunho de

que ainda ha homens-humanos nos nossos municipios.

Pelo que respeita á publicação da minha precedente carta, podem V. Exs. se lhes apraz, conferir-me essa nova honra; como nessas paginas eu não depositei senão o de que estava convencido, e o que se me figurava, e ainda se me figura, de algum préstimo, até desejo e agradeço que ellas vão conversar com maior número de espiritos,

Podem pois V. Exs. mandal-as dar á estampa, assim como estas, assim como todas quantas por ventura eu haja de dirigir a V. Exs. Os obreiros da civilisação gostâmos de trabalhar ao grande sol.

Com a maior satisfacção me assigno

De V. Exs.

respeitoso e agradecidíssimo servo

Lisboa, 29 de março de 1867,

A. F. DE CASTILHO.

QUESTÕES DO DIA

N. 17

RIO DE JANEIRO 24 DE OCTUBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs E. & H. Laemmert.— Praça da Constituição, Loja do canto.—Livraria Academica, Rua de S. José n. 119— Largo do Paço n. C.— Rua de Gonçalves Dias n. 79.— Preço 200 reis

A república federativa.

Se n'esta capital, ou em alguma outra das províncias do Brazil, um gruppó de indivíduos tentasse organizar-se em partido do *absolutismo*, creando uma folha, que servisse de organ de suas doutrinas, e no frontispício do logar das suas palestras fizesse inscrever este motto CLUB ABSOLUTISTA, esse pretensó partido se collocaria fóra do terreno legal, como incitador contra a ordem política existente ; mas estaria tanto no *seo direito*, como o gruppó, que actualmente aqui se ostenta com essa publicidade, como *partido republicano*.

Já em outro artigo dicemos que datam dos primeiros annos da nossa existencia como nação independente as aspirações republicanas de uma minoria, que nunca pode tornar-se verdadeiro partido , porque nunca obteve fazer proselytismo que lhe desse no paiz o apoio que fortalece os partidos legítimos.

A idéa de *federação das provincias* sob a fórma republicana já outr'ora tentou, e com muito esforço, fazer fortuna no Brazil, tanto no primeiro reinado, como depois da abdicação ; mas, assim como não vingou a idéa republicana, por occasião da independencia, nos ânimos dos nossos grandes homens, que prepararam e effectuaram esse grande acontecimento, dispensando todo o seo efficaz apoio ao princípio monárchico, por ser aquelle que assegurava a unidade e a liberdade política do paiz, sem os riscos da dissolução, que seria consequente com a fórma republicana, assim tambem o mesmo bom senso predominou entre os homens que mais influíram na situação que se seguiu ao 7 de abril, na qual tivera a mais decidida influencia o partido liberal, dirigido por homens tão eminentes, como Paula Souza, Vergueiro, Lino Coutinho, Paula Araujo,

Limpo de Abreo, Costa Carvalho, Feijó, Evaristo, Vasconcellos, Alencar, e tantos outros.

Sociedades federaes com sessões públicas, onde se discutia, no tom mais expressivo, a *federação das provincias*, existiam em varias capitães; as idéas n'esse sentido procuravam obter triumpho; seos jornalistas as defendiam com calor aqui, e em todos os pontos do império, onde a política tinha seos orgãos; mas os homens políticos, que então dirigiam a sociedade brasileira (e eram elles, como já observámos, os liberaes notaveis e insuspeitos) reconheceram que, sim, convinha dar mais expansão política e administrativa às provincias, mas não *federal-as* sob a forma republicana, como queriam os exaltados.

Foi assim que nasceu o *acto adicional*, não obstante a opinião de alguns liberaes muito circumspectos, que d'este modo se enunciavam: « Da constituição, nem uma vírgula deve mudar-se: tal como é, satisfaz. O que falta é a boa prática do governo constitucional que possuímos; a educação política; é a instrução do povo; é o verdadeiro patriotismo, a leal coadjuvação, a firmeza e a dignidade dos homens; e leis administrativas e regulamentares, que melhorem convenientemente os serviços públicos, sirvam de pinhor á liberdade individual, e dêem mais vida às administrações provinciaes: mas tudó isto se pôde obter nos limites da constituição.»

O acto adicional foi discutido e votado sob o influxo das impressões e opiniões do tempo. Não obstante as sábias e prudentes inspirações dos liberaes moderados, não puderam estes deixar de acceder a algumas disposições, de ordem regulamentar, que não tardaram em manifestar-se, na prática, repugnantes com a boa ordem do governo, como confessaram liberaes conscienciosos.

No emtanto as provincias, ás quaes a constituição concedêra seos conselhos de governo, que não as satisfaziam, tiveram, pelo acto adicional, assembleas legislativas, encarregadas de proverem ás suas necessidades locais e económicas, em uma esphera sufficiente para affiançar o desinvolvimento de sua prosperidade.

Grande conquista foi essa; e a experiencia tem de-

monstrado que o sábio exercício d'este direito tem sido para o império, em geral, um grande beneficio.

Mas os abusos, que se foram dando no modo de serem desinvolvidas em algumas províncias várias disposições do acto addicional, abusos sentidos desde a primeira regência eleita de conformidade com o mesmo acto, occasionaram a necessidade indeclinavel da lei interpretativa e regulamentar, que tão cautelosa e sabiamente provê sobre esses abusos.

Foi uma necessidade de governo, no interesse da ordem pública, e do regimen constitucional em sua marcha, conveniente ao interesse da communitade, no sentido administrativo. Isto em nada offendeu o grande principio da autonomia das províncias em sua vida íntima; e o mais que, no sentido da facilidade administrativa, em proveito dos povos, é lícito conceder ás províncias, sem infraquecimento dos élos, que, no interesse commum, devem sempre ligar a nação brasileira, e manter a harmonia e a força indispensavel do governo nacional, isso, cremos firmemente, que, dependendo somente de actos administrativos nas attribuições do executivo, ou de leis regulamentares, será decretado, sem commoções politicas, sem perturbação da ordem pública; por isso pugnem os partidos!

A *república federativa* não pode convir ao Brazil: seria o aniquilamento d'este grande paiz, porque traria em si o germen fatal das luctas civis incarnicadas, que são usuaes e congéneres d'esta fórma de governo, onde a auctoridade pública está sempre sob a influencia directa das paixões dos partidos.

Este grande todo, este império, que já excita o respeito dos outros povos, e que, de anno para anno, vai marchando para o seo ingrandecimento, não territorial, porque não o necessita, mas económico, industrial, e moral, e d'ora em diante mais ainda sob o beneficio influxo da lei de 28 de septembro, seria despedaçado, e sentiria todos os males deploraveis d'esse fraccionamento, se por desgraça se tornasse república.

Nos tempos que correm, tem-se reconhecido que a unidade dos povos em respeitaveis corpos de nação é uma necessidade, a bem dos mesmos povos.

Vemos a Itália, (que nunca desde o império romano existira politicamente unida, e que por largos séculos fôra dividida em diversos estados, ou republicanos, ou

monárchicos), completar nos nossos dias a sua unidade sob um só regimen político, e muito concorrendo para esse grande acontecimento os liberaes de todos os matizes, até os republicanos de Mazzini.

Vemos como a raça germânica, desde longos annos aspirando á sua unidade política, tem reconstruido o grande império germânico. E nem se diga que é somente fructo da ambição do novo Imperador, da política do seo chancellor, da fôrça dos seus exércitos, e pericia dos seus generaes.

Não : o rei Guilherme da Prússia não poderia ter obtido da Allemanha a fôrça da opinião pública, que o acompanhou e acompanha, abafando quasi a autonomia política, e a influencia dos chefes dos estados secundários, se os allemães dos vários Estados que hoje constituem partes integrantes do novo império, não vissem no rei, hoje imperador, o representante do grande principio da unidade germânica; e é esse sentimento, que parece actuar sobre os 8 milhões de allemães, que fazem parte do império austriaco, por modo que mantem em sobresalto o chefe d'esse império.

E' que os povos, assim, manifestam justo, e natural orgulho de formarem uma grande e respeitavel nacionalidade, por bem da defeza, e dignidade commum; porque na união é que está o desinvolvimento das fôrças, e dos interesses communs.

Se encarâmos outro poncto da Europa, vemos a poderosa Inglaterra zelando com o maior patriotismo a sua unidade política, não poupando esforços para manter a sua auctoridade na Irlanda, e velando pela sua grandeza, para não descer do pedestal em que se acha collocada.

Se da Europa volvemos olhos para o Continente Americano, temos muitas licções para aproveitar, muitos escolhos para evitar.

Na grande república do Norte vemos, sim, o govêrno republicano federativo; mas em que condições? — A unidade nacional é mantida com vigor tal por parte do govêrno central, que, para defendel-a, se empenhou n'essa guerra colossal, espanto do mundo inteiro. Sua fôrça venceu, anniquillando a nova confederação dos Estados do Sul; e para domar e conter os vencidos, nem o govêrno federal, nem o congresso trepidaram no emprego dos meios repressivos.

Intendeu-se que, fraccionando-se, a grande república desceria das alturas a que se tem elevado no mundo, como nação una. E é um grande problema que ao futuro pertence resolver, se, com a sua actual forma de governo, aquelle grande paiz poderá permanecer por longos annos formando uma só nação.

Estendendo as vistas sôbre os paizes americanos, da lingua e raça hispanhola, nada vemos que invejar de sua forma de governo: nem é u'elles elemento de prosperidade e paz a república federativa onde ella existe, como não o é no geral a república unitária.

E em qual dos paizes a que nos referimos, dotados de governo republicano, existem melhores fianças de liberdade individual e política, do que no Brazil?

Em qual d'esses paizes seria tolerado que circulasse livremente uma folha política, prégando a monarchia? e que um partido escrevesse na frente da casa de suas reuniões: *Club monárchico*?

Aqui prégam-se abertamente as doutrinas mais subversivas da nossa forma de governo, quer na imprensa, quer em *conferencias* públicas, e a auctoridade não oppõe o menor embaraço!... Veja-se bem como é *inimiga da liberdade* esta monarchia!...

Em nossa opinião, a auctoridade procede com subido critério. Tolerando esses desabafos de ambições incontinentes e despeitadas da parte de uns, e meros sonhos da parte de outros, ávidos de novidades; mas tolera até o ponto, em que não sejam verdadeiro embaraço para a marcha regular do governo constituido essas prédicas á revolução.

Tambem, é certo, essas aspirações republicanas não conseguem exercer influencia, porque o bom-senso público sabe apreciar-as e reconhece que ellas não tem razão de ser.

Querem os innovadores levar o paiz do conhecido para o desconhecido, pretendendo que a nação participe, jurando em suas palavras, não só de suas visões, mas igualmente de suas paixões.

Não, não é a actual forma de governo, que nos prejudica; mas sim o desregramento das ambições de todos quantos entre nós querem ser governo, sem saberem esperar que lhes caiba a vez.

Isso, quanto a uns: quanto a outros, é a *empregomania* que os impelle a desejarem sempre o transtôrno

do que existe, esperançados em serem aquinhoados com rendoso emprêgo em uma nova ordem de cousas.

A educação da nossa mocidade dá logar a isso: no geral todos querem que seus filhos curseem estudos superiores; e depois? O que ha de ser do bacharel, ou do doctor?—E' um pretendente; e pretendente mal succedido é, em geral, um gritador contra o govêrno.

Nos paizes constituídos desde séculos, ha sempre melhoramentos que operar na ordem administrativa: e se n'esses paizes assim é, se vemos a Inglaterra, que se nos apresenta como modêlo do govêrno livre, sempre trabalhando em melhorar a sua legislação em pontos muito importantes, como ainda agora no sentido eleitoral relativamente ao escrutínio secreto, e no interêsse da melhor organização do seo exêrcito, e em outras providencias tendentes aos interêsses publicos, que muito é que entre nós haja ainda tanto que fazer no interêsse d'este grande paiz?

Mas, cumpre repetir, isto não se conseguirá convenientemente, senão pelos meios regulares. Não é insinuando idéas demolidoras da unidade brasileira, não é procurando plantar a desconfiança entre o govêrno e o paiz, não é promovendo nos espiritos má vontade contra a monarchia constitucional representativa, que poderemos adeantar-nos na carreira do progresso, da civilização, e da riqueza; não será por tal guisa que seremos fortes; mas sim tendo juizo... juizo... sempre juizo.

Junius.

Decima tercelra carta

DO ROCEIRO CINCINNATO AO CIDADÃO FABRICIO

Rio, 15 de outubro de 1871.

Querido amigo.

Não somos nada neste mundo. Homem propõe, e ás vezes o diabo dispõe; é porque este bípede humano não é mais que uma molécula, um corpúsculo, um ponto, um nonada, enfim um átomo embrulhado n'uma dobra do infinito.

Communicara-te eu a tenção de pôr termo, com o n. 15 das *Questões do dia*, á minha correspondencia contigo, no tocante a Senio e C.^{ta}: Não scei dar em

nome morto, e durante 3 mezes não ouvi uma só voz defendendo a quem, até ha pouco, vivia e campeava, *ex-vi* de uma reputação pânica. Daniel affirma que certo rei da Babilónia (como outro arvorado em rei de uma Babilónia linguística) destruiu Jerusalém (como outro destruiria, se podesse, a Jerusalém das lettras), errou 7 annos na fórma de um animal feroz (isso agora é que não) reduziu um povo inteiro á escravidão (como est'outro, menos feliz no exito de suas aspirações, ambicionava), e levou o seo poder pessoal ao poncto de decretar que c adorassem em estátua, a qual figurava umas cousas por ahi além, mas por desgraça tinha os pés de barro, d'onde resultou que um dia, como era de razão, veiu toda aquella carainhola a terra. Historias velhas !

Voitando á vacca fria, repito que estava eu no fim d'esta inglória tarefa, como quem em direito houvesse chegado aos 29 annos e 11 mezes; quando agora iropinadamente vejo surgir o adversário, interrompendo a prescripção, á última das horas.

E' o caso, que, hoje me trouxe um amigo o *Diário do Rio*, onde, sob o título de *Palestras*, e a rubrica de *Publicações a pedido*, apparece um longo escripto, que prouette dar-me a vantagem e o gaudio de *continuar*, denunciando duas intenções: a 1.ª de indèusar o Sr. Conselheiro José de Alencar, ou eleva-lo até o incanapitar no zenith; a 2.ª de me subverter pelo chão abaixo, até me arremecar ao nadir.

E por conseguinte muda o negócio de figura. Dou-me por citado; está interrompida a prescripção, e começam novos 30 annos; *rira bien, qui rira le dernier*.

O nosso amigo (a quem chamarei Ticio) vinha muito arrenegado, e queria afinar-me pelo seu diapassão; sublinhava-me, com a voz, as palavras e phrases insultuosas, de que o artigo exclusivamente se compõe, e espiantava-se do meo sangue de barata, e da placidez com que eu, á sua ladainha e no logar do *ora pro nobis* retorquia sómente com estas palavras: *Não faz mal!* E como a minha memória não é das peores, e o diálogo está ainda fresquinho, quero dar-te uma idéa d'elle. Eil-o:

TICIO (*depois de haver lido com emphase*) — Que é isso, sancto Deus Pois, em vez de tomares isto com ira, chólera, furo, iracúndia, raiva, agastamento, e

assanho, satisfazendo a ambição do escriptor, continuas a palitar os dentes, e a rir!

CINCINNATO. — Porque não? Que ha hi que motive indignação ou prejudique quem quer que seja?

TICIO. — Ai, não vês nada?! Olha que tudo isto aspira a ser contigo; e só uma alforreca ficaria indiferente a tamanhas insolencias. Vae contando:!!... Reptil que levantas pó—intrometido—rasteiro— estrangeiro pretencioso — especulador — merecedor de despreço profundo—philauicioso — audacioso chefe de empreitada diffamatória — estrangeiro imprudente — novo Sancho Pança — calúrnias e insultos, próprios de quem os escreve, mas não tem a precisa coragem de assignal-os — lôdo — o auctor de taes improperios está muito conhecido nesta côrte, como homem—escriptor de tesoura — manipulador de almanaks—saberça inferrujada — o que só ha de seo. é mófo e bobr — falador de cabinda — parlapaticé — parvure'las! — jôgo dos disparates—parvoicadas de farça—orelludo dos que pastam a relva—rolho poetastro, mettido em um farrapo de toga romana—Cincinnati, por causa da gafurinha — em Coimbra não metteu o nariz! — o José..ú — ferrabraz, que nascêra tagarella — tenda de crítica — montador de pasquino, proclamando-se um dos primeiros litteratos....

CINC. — Deixa rabiari, homem! São válvulas, que se abrem para a máchina não estoirar. Ouv' dizer que um sujeito, chamado Pope (que, valha a verdade, não tinha das melhores línguas) publicou um volume; onde nada havia de sua lavra; compunha-se exclusivamente das affrontas, injúrias, improperios, convícios, calúrnias e contumélias, com que, em falta de argumentos, o haviam frechado.

TIC. — E depois?

CINC. — E depois, ficou sendo tão Pope como d'antes. Se bom ou máo era, tão bom ou tão máo ficou.

TIC. — Mas não vês que isto é vingança?

CINC. (*rindo*) — Vingança, isto? coizadinho. Ora lê aqui: A vingança é uma satisfação, que os homens tomam diversamente, uns por modo ridiculo, outros por modo inhumano. Os Getas atiram settas ao sol, quando se põe. Os Pygmêos movem guerra aos grous. Os Psyllos chamam a desafio os ventos. Outros têm desafogado a sua ira com estocadas, punhaladas nos

cadáveres de seos adversarios mortos. D'estes dizia Platão, que se parecem com o cão, que morde a pedra que lhe chegou, e não na pessoa que com ella o feriu. Ticio! deixa lá, quem quer que seja, morder a pedra, e morde tu este delicioso Havana.

Tic.—Quem quer que seja! Pois tu hesitas em dar o nome aos bois?

Cinc.—E' cousa em que nem pensei, nem me importa.

Tic.—Pois devia importar, attento um facto, de que eu tenho sciencia certa, mas que mesmo sem isso eu houvera jurado, á simples leitura d'este escripto admiravel. A divinização de Senio é obra do próprio Senio.

Cinc.—Tinha que ver! Então prestei eu mais attenção á tua leitura que tu mesmo. Olha aqui o que se diz d'elle, e imagina se haveria no mundo homem tão... modesto, que de si mesmo dicesse o seguinte:—« Brazileiro illustre, como cidadão, político e litterato— » por fortuna *para nós* (!) está tão altamente collocado, que não inxerga etc.—distincto por seos merecimentos—As obras de Senio são apreciadas em seo justo valor pelos melhores talentos....

Tic.—Tudo isso é a minha 1.^a *prova circumstantial*, pois não haveria facilmente segunda penna que, neste estado de cousas, assim gabasse a noiva, senão a do paiz que a quer casar, ou a de quem não quer deixar o seo crédito por mãos alheias, embora saiba o que signifique louvor em bôcca própria. Tenho mais 738 provas de que é esta... outra metamorphose de Protêo.

Cinc.—Deixa-te d'isso, não me convences. Hade ser producção de algum dos muitos que se inleiam, asombrom e pasmam das magnificencias do intellecto Senial: de algum dos seos sábios admiradores.

Tic.—Na tua idade, é para admirar estares ainda com os beiços com que mamaste! A primeira regra do juiz instructor, é profundar o caso, e perguntar a si mesmo: *cui prodest?* A quem aproveita inthronizar Senio no apogêo do sol? a Senio. Quem, natural d'este paiz, te brutalizou jamais d'esta fórma? ninguem, senão Senio. E o *nímio* zêlo do seo despique deitou-o a perder: ainda se poderia crer que fôsse de algum admirador o escripto, sendo menos immoderado; mas quem traçaria tantas finezas senão quem estivesse hydrophóbico de despeito?

CINC.—Verdade seja que, assim como nunca maltractei ninguem n'esta terra, nunca fui maltractado; e admiraria que hoje, sem provocação (como aquella com que Senio me fez demover dos meos hábitos e systema) apparecesse segundo Ferrabraz, com grosserias daguerreotypadas das com que Senio me mimoseou.

TIC.—Qual segundo, nem meio segundo! São tres bravos distinctos e um só Senio verdadeiro.

CINC.—Temos mystéric? Como é isso do tres e um? Eu sou conhecedor de estylos e sinto zêlos de quem se arvora em demasiado esperto: Quem são esses tres e um?

TIC.—*Então vds com zêlos*, porque eu ja dei com a charada. Querem (N. B. Aqui seguia-se uma cousa muito confusa, que eu, ja depois de composta, cortei.)

CINC.—Falas-me por perlincafuzes, como diz o padre Manoel Bernardes. Não intrujo uma palavra.

TIC.—Eu te conto a história. N. 1 Senio dá os apontamentos magistraes, recommendando que nada appareça por sua letra. N. 2. Salpica o discurso com amenidades próprias do sertão. N. 3... e fica escabroso.

CINC.—Escabroso é todo esse imbroglio. Entretanto esses, coitadinhos, não têm imputação. A questão única é com o bafejador-mór, se o ha.

TIC.—Ha; é Senio. Eu não digo que elle se não esconda por detraz de um ou dous cujos. Faze de conta que eu assisto á tragédia Fausto, e que tu és o Valentim, irmão da Margarida; quem figura dar-te a estocada é o pobre Doctor (a juncta é de 3 doctores), mas quem guia o braço e a catana é Mephistópheles.

CINC.—Não me rendo: tem paciencia. Pois se fôsse obra de um *luminar da imprensa*, teria similhante redacção? Levaria duas columnas de typos a injuriar somente, sem sombra de argumentação? Escreveria em lingua tupinamba? A propósito de alhos, tractaria de bugalhos?

TIC.—*Sancta Simplicitas!* Cada uma d'essas cousas tem sua água no bico. Não ha alli nada, que não leve fígada uma intencção de esperteza, exactamente no género dos hábitos Seniaes.

CINC.—Nada, nada. Com que intencção thuribularia Octaviano, Pedro Luiz (que nunca. nem um nem outro, que eu saiba, publicaram juizo algum favoravel.

do escriptor Senio), Luiz de Castro, Muzzio, Guimaraes, Serra, e Salvador de Mendonça, declarando-lhes serem elles os melhores talentos d'esta terra, os primeiros litteratos etc. ?

TIC.—Estás por conquistar. E' a habil estratégia do « *Oh da guarda! Ah qui d'el-rei que me escovam!* » E' o plano ja transparente, desde o tempo da interpeção, quando se pretendia angariar prosélytos, insinuando que tu, na pessoa d'elle, injuriavas os *characteres politicos*; e quando pedia ao povo que te desse provas *tangíveis* da sua indignação.

CINC.—Digo, com a mão na consciencia, que tenho a mais profunda convicção de que todos esses escriptores ahí invocados poderão reconhecer em Senio os dotes que nem mesmo a sua injustiça me fará negar-lhe; mas de que nem um d'elles deixará de concordar na procedencia das censuras políticas e litterárias, que Semprónio e eu lhe temos feito.

TIC.—Forte dúvida! Aquillo foi uma rêde de arrastar; se não pescou baleia nem mero, sempre pescará algum bagre ou siry.

CINC.—E para que é que (tractando-se de um *pa-pelucho* tão desprezível como diz que são as *Questões do dia*) vem á baila outra vez a questão dos estrangeiros, e da prohibição de escreverem ou pensarem sôbre pessoas ou assumptos nacionaes ?

TIC.—E' outra these do discurso interpellador (matéria que já tractaste irrespondivelmente), e que apenas serve para confirmar que é a mesma pessoa, a que em ambos os logares echôa as mesmas idéas.

CINC.—Mas imaginando-me portuguez, porque faz elle agora tantas zumbaias a portuguezes, condemnando-me a mim como precito, e insinuando que pôde a minha insignificante voz produzir cataclismos nas relações internacionaes ?

TIC.—Tem bem que ver ! « *Oh da guarda, ah qui d'el-rei, que me escovam!* » Viu que não achou êcho em parlamento; viu que o não achou na imprensa; tem certeza de que o não achará nos nomes illustres intencionalmente implorados; bate a outra porta para que lhe acudam, e quer ver se encontra em membros de uma nacionalidade respeitavel, quem te induza a deixal-o em socêgo, ou quem *partage* os preclaros interesses da sua própria conveniencia a'elle.

CINC.— E será também para isso que invoca uns imaginários brios nacionaes, que...

TIC.— Certamente, é o afogado deitando a unha a quanta palha avista. O Brazil é Senio ! Senio é o Brazil ! Quem o não proclama escriptor de trus, politico de maço e mona, vilipendia a todos os brazileiros, rebaixa o Império da Sancta Cruz. Ora olha :—« O espirito nacional deve incher-se de indignação »—a apreciação de um romancista é « um negócio doméstico »—« os brazileiros illustrados... têm susceptibilidades nacionaes »—« o zêlo é legitimo, nós o sentimos, etc., etc. » Não estás ahí vendo outra vez o « *Oh da guarda, meo povo !* » ? Repetição das *provas tangiveis*, da interpellação.

CINC.— Realmente já lhe vou achando seo furo; mas o estylo...

TIC.—E' elle, sem tirar nem pôr, no pensamento e na fórma.

E se não, repara bem !

Viste-o, na interpellação, estomagado por imaginar que tu ganhasses muito dinheiro (idéa fixa como a do pessoal) ? Aqui o tens ! « o meo dinheiro em garatujas; isso é para os que vivem d'ellas, e de tudo fazem especulação & » E' a historia dos *assoldadados*.—Viste-o, em quantas occasiões se lhe deparam, *vulpis ad uvam*, injuriar os clássicos ? Aqui o tens, repetindo as suas exprobrações aos *periodos de longo fôlego, que deixam a gente sem fular*, e mais cousas assim.—Viste-o, na interpellação, dizendo que seos adversários (mercê de Deus) não eram da tua casta ? Aqui tens a mesma idéa : Por fortuna para nós (nós, é cousa atada), está tão altamente collocado & »—Viste-o, na mesma occasião, responder da sua cáthedra ao Relator da Comissão especial, que lhe não redarguia, porque lá da sua altura nem escutar podia as suas palavras ? Aqui tens a variante da mesma delicadeza, na phrase : « que nem inxerça o pó que se levanta no rojar do reptil. »—Viste-o, sempre no mesmo dia dizer que não fazia caso de ti, ao passo que te tornava objecto único do fiasco da sua interpellação ? Tal e qual agora, quando repete que o silencio da imprensa tem provindo do desprêso profundo votado ás tuas publicações, e logo te dedica em seguida duas columnas de amabilidades, promettendo continuar.—Viste-o, em seo

brilhante discurso, dando prova da sua cultura intellectual, chamando a *hilaridade* da Camara para a expressão *Vaga Venus?* Cã o apanhas com a bôcca na botija, voltando á carga, e em nota (para destacar melhor) onde pergunta com graça de um urso a dansar» Este Cupido será marido da Venus vaga?!— Viste-o, na interpegação, citar erradamente o Labeão, de Horácio, e os alugadores d'iras, de Marcial? Aqui o tens agora, citando Juvenal erradamente, tanto nas palavras como no pensamento.

CINC.—Ja me convenceste ; mas para ahi, que isso è de mais. Pois è possível que n'esse senhor, as citações falsas se convertessem n'nma espécie de mania ?

TIC.—Oh, se é ! Esta sátyra scei-a eu quasi toda de cór; e no logar alludido, tractando dos Senios do seo tempo, diz Juvenal (o que depois em distincto auctor francez tem sido citado como original : *Rien ne lui bat sous la mamelle gauche*):

... quod læva IN parte mamillæ

NIL salit arcadico juveni;

e o nosso intelligente crítico imputa-lhe o contrário ! : *quod læva parte mamillæ salit arcadico juveni.* Pergunta o poeta, se acaso o coração d'esse joven Arcádio (Vecto) não pulsa; e imagina Senio que isto allude a uns burros que pastavam a relva da Arcádia !

CINC.—Basta, meo amigo, basta . No tempo de Peyronnet não se exigiam tantas provas para um processo de tendencia, e....

TIC.—E ós neologismos estrambóticos, taes como *parvurellas*, e restantes moxinifadas, não estão delatando o inventor do novo idioma? E os erros de linguagem, taes como o emprêgo do verbo *carecer* (sem ser na significação de precisar-se cousa de que ha falta, e cuja falta se sente) ; o gallicismo do partilhar, e do *um e uma* a tôrto e a direito ; o uso do *mais* (*plus*) quando o portuguez manda escrever o *já*; e mil outras absolutas paridades entre o estylo d'este aranzel e o de Senio, deixa-te isso tudo no espirito sombra de dúvida?

CINC.—Uf ! deixa, sim senhor.

TIC.—Então descobriste a quadratura do círculo.

CINC.—Contra esse exército de argumentos tenho um canhão Krupp.

TIC.—Hade ser aceado...

CINC.—Invencivel. O *Diário do Rio* não publicava a

cousa pelos lindos olhos do escriptor; custava dinheiro; dinheiro! corda sensível fibra d'alma...

TIC.—Pois é Krupp, sim senhor. Ainda não ha muito que eu vi aquelles mesmos typos d'aquelle mesmo *Didrio* pôrem pela rua da amargura aquelle mesmo Senio que agora exaltam nos *A pedidos*. Sendo porem certo que aquelles, como estes, prestantes escriptores satisfizeram a sua esportula, está direito. Do que eu duvido muito é de que Senio pagasse taes publicações; segredos da abelha, para desvendar os quaes tomara eu interpellar... fôsse a quem fôsse....

CINC.—A matéria está discutida; deixemos a autópsia do auctor. Lê por hi abaixo, e vê o que elle me assaca, limitando-te a tirar o chapéo ao que só forem insultos descarnados.

TIC.—A ti, nada mais. Diz que te vai *catar* a tua 9ª carta, mas não *cata nuda*, e como *catavento*, vira logo para outra banda.

CINC.—Ah, sim? Então mede-se com o amigo Semprónio?

TIC.—Qual! n'essa não cai elle. Em resposta ás 8 esmagadoras cartas de Semprónio, faz-lhe uma careta, chama-lhe um nome feio (*arcádio*), e vira de rumo. E' porque com pennas d'aquellas não se brinca; e de mais, faltavam-lhe as muletas dos estrangeiros, das susceptibilidades, das nacionalidades, e do *Oh da guarda!*

CINC.—Bom, bom; fecha ahí a catilinária.

TIC.—Não. Procede de modo estupendo: põe-se a ladrar á lua. Investe contra a sombra de um dos máximos vultos do nosso idioma, e farta-se de dizer bazuzeiras ácerca de quem os primeiros mestres proclamam todos seo mestre.

CINC.—Mas porque carga d'água traz elle para a discussão quem reside a duas mil léguas de distancia? quem nem sequer sonha que exista semelhante polémica? quem até nunca imaginou que existisse uma cousa, chamada Senio?

TIC.—E' outra esperteza transparente. Muito lido na mythologia, occorreu-lhe a história de Castor e Pollux, e dice consigo: Sou um azogue de esperteza; vou transviar o debate; vou mudar a guerra de offensiva em defensiva; vou substituir o assumpto por outro; escapo-

me da arena, sem mais arranhões e estou salvo. Vamos a ver, se pega.

CINC.—Não pega, não senhor. Seria até caso de fazer a *um raio soltar gargalhadas titânicas, ao surriar fustigando as escarpas de um rochedo*, se eu me pozesse a defender Antonio Feliciano de Castilho das innocentes frêchadas de um Senio. Pode delirar a tal respeito quanto lhe apraza, que d'isso farei eu tanto caso como o público faz. Comigo é que eu pergunto; comigo, não implica mais?

TIC.—Não; mas promette continuar. Eu te trarei o *Didrio*.

CINC.—Obrigado: até mais ver.

E foi-se. Ah! tens tu, meo amigo, o pè em que hoje a controvérsia fica. E' outra variante. Como quem tem muito medo ingrossa muito a vez, foi primeiro plano aterrar-me, fazer de papão, amiaçar-me de logar inaccessible, e de quartel de saúde. D. Fr. Antonio de Gouveia, na sua Relação da Pérsia, fala de certos Mouros-Medusas, que só com o olhar matam; chamam-se *Cafatares*; cá o nosso Cafatar quiz experimentar em mim aquelle seo podêr pessoal. Parece que tinha perdido a virtude, por ingarrafado desde muito tempo (são várias as possanças ingarrafadas, que já não illudem ninguem). Tenta agora systema novo, em que lhe não prevejo mais fortuna; e d'ahi, veremos. Em todo o caso, descança. que andarás sempre em dia com este curioso espectáculo. Provavelmente de lá, segundo o uso, não viræ mais do que affrontas; quanto a mim, guiar-me-hei sempre, sem que o máo exemplo me desmande, pelos preceitos que tenho lido: só considerarei esta controvérsia como *baualha litteraria*, onde a minha perna terá logar de espada, a lingua de mão, os livros de escudo, o raciocínio de podêr: meos tiros serão argumentos, e na razão procurarei a victória.

Desculpa a prolixidade, e crê-me inalteravelmente

Teo velho amigo

CINCINNATO.

Epigrammas e madrigaes, originaes ou imitados

A lei de Herodes.

Ser livre o ventre da escrava
estatue lei brasileira !
Dizem que d'isto se aggrava
quem não tem eira nem beira ;

que a raça de Can sossobra
sem esperança de pórtio,
e a funesta causa sobra
no infanticidio, no abórto ;

que um ou outro fazendeiro
pensa n'isto e perde o somno !
n'isto, sim ; não no dinheiro
que suppõe minguar ao dono.

Mentira ! calumnia ! as vistas
são de alta moralidade ;
nem de humanos *caftzistas*
se desquita a caridade.

Pois, ricos e bons senhores,
escutae ! (um christão pede-o.)
Tendes contra esses horrores
em vossas mãos o remédio.

A' vossa philanthropia
por ventura não parece
que victimas haveria
só quando algozes houvesse ?

Quintilianò.

Appreciação crítica da IRACEMA . saída do bestunto do meo criado.

Diz um gago, meo criado
(que é rapaz, lido em grammática,
e dos pronomes tem prática,
que se adquire no Mercado)
« Que o tal romance *Irracéma*
(que é um romance de truz)
é dos romances a... gemma...
porem... de ovo de... abestruz. »

Themistocles.

QUESTÕES DO DIA

N. 18

RIO DE JANEIRO 29 DE OCTUBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Laemmert.— Praça da Constituição,
Loja do canto.—Livraria Academica, Rua de S. Jose n. 119.— Largo do
Paço n. C.— Rua de Gonçalves Dias n. 79. — Preço 200 reis

Decima quarta carta

DO ROCEIRO CINCINNATO AO CIDADÃO FABRICIO

Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1871.

Caro amigo.

Psssei hontem o dia em Andarahy, e por isso não pude palestrar contigo. Sai agora d'aqui o Tício, que me trouxe a 2.^a e 3.^a. Palestra do V. (?), publicadas hontem e hoje.

Lemos junctos aquellas duas peças de architectura, e discutimos largamente se era lícito tomar em consideração escriptos redigidos com fórmãs tão baixas, que é duvidoso merecerem resposta. Estas pugnas litterárias tem seo quê do duello: acceitarias tu um repto para te bateres, não com armas lícitas, mas com punhados de lôdo? Eu já nem me presto a copiar as palavras e expressões, que esta casta de adversários julga admissiveis em taes polémicas; embora seja simples transcrição, ha certo pudor que veda reproduzir com a nossa penna linguagem que só se aprende nas tabernas e nos açougues. O sal áttico d'estes senhores, é sal de cosinha, e do mais ordinário.

O idioma é em todos os géneros tão opulento que nada houvera mais facil do que a uma insolencia responder com dez insolencias, a uma brutalidade com cem brutalidades; mas ainda quando o adversário nada mereça, merece muito o público, e a nossa própria dignidade.

Depois de lidos estes dous artigos, tinha um de tres arbitrios a tomar:

1º. Responder na mesma afinação, ou meio tom acima. Seria seguir um vergonhoso exemplo ; transformar controversia em pugilato; desrespeitar o leitor e a mim mesmo.

2º. Em vista de tamanho descomedimento, guardar silencio, por não julgar decente polémica de espécie alguma com taes contendores. Seria deixar campear impune o desacêrto boçal, e auctorizal-o a proclamar irrespondiveis os seus delirios.

3º. Fechar olhos a tudo quanto em taes artigos reveste a fórma brutal, extrahir d'elles lealmente o que aspire a foros de argumentação, e aquilatal-a, como se fôsse proferida com decencia e compostura, e por quem tivesse em mente, não a injúria, mas a apuração de doutrinas controvertidas. Por exclusão de partes, intendí que era esta a marcha que eu tinha de seguir.

Deixarei pois, de boamente, a Senio a glória do seo vocabulário. Não reciprocarei os *piegas*, *Mainante*, *salsinha litterário*, *charlatão*, *casmurro*, *palhaço*, *critiqueiro*, *cacasseno*, etc., etc. (*) Aceito tudo, e pago-lhe, dizendo que nada d'isso me demove da posição de justiça e plena rectidão em que me colloquei, nem me auctoriza a represálias, que *em taes termos* seriam indignas do público, de mim... e do próprio Senio.

Não ha quem tenha esquecido a lucta entre J. A. de Macedo e Bocage, no fim do século passado. Aquelle começou a sua excellente sátyra por estes versos :

Sempre, ó Bocage, as sátyras serviram
para dar nome eterno e fama a um *tolo*.

A sátyra monumental em que Bocage analysou aquella, principiou assim :

Sátyras prestam, sátyras se estimam,
quando n'ellas calúmnia o fel não verte.....
quando forçado *epitheto affrontoso*
(*tal que nem cabe a ti*) não cabe áquelles
que já na infancia consultavam Phebo.

Eis-ahi, ao menos n'este poncto da sátyra, um bello exemplo. Bocage tinha um arsenal provido : quem lhe chamava *tolo*, dava-lhe o direito de redarguir com

(*) Em seguida a esta carta, chamo a tua attenção para o que vai transcripto, sob o título de *Infirmidades da lingua*.

egual energia: parvo, néscio, asno, tolambana, basbaque. asneirão, estólido, fátuo, papalvo, parvoalho, inxovêdo, inepto, insensato, parvoeirão, tolaz, patau, simplório, sandêo, tolão, simpleirão, stulto, ignorante, lorpa, zote, bestial, pateta das luminárias, amente, mentecapto, lunático, tresvariado, demente, tonto, parvoínho, alarve, alvar, animal, bobles abobles, bolonio, camêlo, caturra, orate, despropositado, estouvado, estúpido, patola, e mais duas dúzias de variantes, que se aprendem na praça do Mercado. Tal não fez: começou logo reconhecendo, não obstante a ira que o inflammava, não ser aquelle epíteto applicavel a quem lh'o applicava; como não faria outro tanto, eu, em quem taes violencias não geraram agastamento, mas simples compaixão ?

Deixarei pois aquellas energias de linguagem para quem precisar lançar poeira aos olhos; eu, que só preciso raciocinar sem vitupérios, dispenso esses tristes recursos da impotencia.

Pelo que vejo, *abandonaram* ao braço secular o poder pessoal, o orador, o estadista, o escriptor. Só defendem o romancista. Vamos a isso. Semprónio consagrou 40 páginas á anályse do Gaúcho; não se atreveram com elle: eu rabusquei na vinha que o habil vindicador deixára, consagrando apenas duas cartinhas ao meo supplemento de anályse, e é sôbre mim que Senio cai desapiedadamente, por me saber mais fraco. Faz lembrar César em Dyrráchio, investindo o campo de Torquato, por suppôl-o mais facil de derrotar do que se atacasse as forças de Pompeo. Resigne-se cada um á sua sorte, e vamos a isso.

E' um tanto difficil conquistar attenção sobre assumptos já cançados, e que naturalmente saciam. Semprónio fez uma primorosa anályse do *Gaúcho*; eu comeei-lhe um insignificante additamento; agora o tal V. disseca-me a mim; eu vou dissecar a sua dissecação..... de modo que isto vem a ser anályse da anályse do additamento á anályse da obra. Fôra mister muito mais alto mérito litterário em mim, e no meo fustigador, para ser isto supportavel; todavia cumpra-se o dever, inteiro e com lealdade.

E para d'ella dar mais uma prova, quero (não obstante o risco de ver converter-se-me em desar a confissão espontânea) declarar que houve n'estas cartas

uma observação inexacta. Passando pelos olhos as *Institutas de Justiniano*, de Ortolan, lá achei a citação de Labeon, tanto do Tácito, como do Horácio, reproduzida no discurso do Sr. Alencar: e então, examinando mais attentamente, vi que a minha affirmativa proveiu de uma ommissão do auctor da *Taboada geral das matérias contidas nas diversas obras de Tácito*, o qual promettendo aponctar os logares onde o grão discipulo de Quintiliano fala de personagens notaveis, menciona sob a rúbrica de Labeon outros individuos d'essa familia, e não o sábio e louco Antistio, de quem é todavia certo que o grave auctor dos *Annaes* tracta no L. III § 75. Não sou como aquelles a quem se apresenta prova de inexactidão de suas accusações e as não retiram; em obséquio á verdade, retiro esta, sem que viessem notar-m'a, e com a mesma espontaneidade retiraria qualquer outra, quando a consciencia m'o prescrevesse.

Agora, supprimindo os insultos, discutamos os pontos sobre que Senio repelle as minhas observações.

§ I. *As ondas se agitam em fluctuação.*

Na minha 1.^a carta a Semprónio (*Questões*, n. 9) censurei esta phrase do Gaúcho em 4 linhas, e responde-se-me com uma columna de typos. E' um desperdicio de palavras que bem se harmoniza com o da phrase censurada. Não sou pois eu o culpado, se tiver de seguir nesta trilhada.

Eu transcrevi do romance os seguintes trechos: « A savana *ondúla* pelas sangas, que figuram as *fluctuações das vagas*, n'esse verde oceano... *As ondas se agitam em constante fluctuação etc.* » Qualquer amigo mais prudente do auctor calar-se-hia, reconhecendo comigo que isto estava *tristemente expresso e esparalhado*. E como redargúe o imprudente V?

«— Não vê (senhor piegas) que de propósito *comeu o constante*, e levantou um aleive a Senio? isto é ser calumniador. »

Calumniador, meo sábio mestre! a isto é que o mestre chamaria calúmnia? Sabe bem da lingua, não ha dúvida.

E onde é que eu comi o *constante*, meo leal censor? Não o vê alli, na phrase litteralmente reproduzida? Olhe que se me não alimentasse senão de comida assim, dava a alma a Deus em 3 dias.

E note mais, que bem podia eu ter omittido o adjectivo, sem fazer falta alguma. A minha repugnancia não é contra o *constante*, que só dá idéa de que o tal movimento é aturado, duradouro; é contra (a molestia pega-se) a redundancia da pleonástica expressão do tal movimento; e já vê que para isso tanto importa ler como supprimir o adjectivo.

Ondas representa águas em movimento; *fluctuação*, representa águas em movimento; *agitarem-se águas*, representa águas em movimento. O que eu digo por tanto é que a expressão—*as ondas se agitam em... fluctuação*,—trocada em miúdos, dá isto:—as águas que se movem movem-se em movimento de águas.—Se approva, tambem eu.

Esta perissologia, sempre reprehensivel, ainda o é mais, quando, logo antes, tinha o auctor escripto que a savana *ondúla* pelas sangas, que figuram as *fluctuações* das *vagas* nesse verde oceano! Oceano são águas; *vagas* o movimento d'ellas; *fluctuação*, idem; *ondular*, idem; de fórma que bom nadador hade ser quem lêia, se sair incólume deste dilúvio.

Dá-nos o Sr. V. a novidade de que «aquella phrase, exprime em estylo nobre e elegante! este pensamento: As ondas estão em constante movimento.» D'isso é que me eu queixo; foi uma idéa singelissima, diluída em repetições de palavriado; são dizeres de Mr. de la Palisse, ou do cónego Philippe: «Se elle não estivesse morto, ainda estaria vivo.» Não ha dúvida de que, em alguns casos, *sóbrias* repetições augmentam a *intimativa*, mas não devem usar-se quando, como aqui, não cabe intenção de ingrandecimento, pois a phrase de Senio não descreve temporaes, e somente ondulações. Quando Molière escreveu: *Je l'ai vu, dis-je, vu, de mes propres yeux vu, ce qu'on appelle vu* » teve em mente uma idéa enérgica, energicamente expressa. Quando ao contrário os próprios escriptores da nossa língua escreveram os idiotismos:—*Eu por mim—Subir para cima—Parece-me a mim—Descer para baixo—Eu parece-me*—e cem outras *fluctuações das ondas agitadas*, procederam reprehensivelmente.

Seguem-se agora as erudições polyglottas, ante as quaes me curvo reverente, pois fiquei sabendo que o nobre crítico sabe habilmente compulsar um dictionario.

Abre por exemplo um Calepino, onde vê citada a *Eneida*, IV. 313:

Troja per undosum peteretur classibus æquor, e noticia-nos que Virgílio dice *undosum æquor* (que podia perfeitamente dizer, pois ahi não se acha repetição, como a não ha em *mare undosum*.)

Mas o mais divertido é isto. Procura no mesmo Calepino a palavra *fluctivagus*, e lê; *quod fluctibus agitur, ut Nautæ fluctivagi, unda fluctivaga*. STAT. l. 3. *Sylv.* l. v. 84 e *Theb.* l. v. 271 » Imaginou naturalmente que isto eram 3 auctores:—*Theb.*, se não fosse a ex-imperatriz, condessa de Teba, seria a *nympha Thebe*, que Ovidio pinta, amada do rio Asopo—*Stat.* será. . . o Statilio, cúmplice de Catilina—No que não ha dúvida é em que *Sylv.* é o escriptor Silvio, filho d' Ascanio, segundo rei d' Alba.

Ergo, escreve Senio: « *Em latim, dice Silvio: unda fluctivaga.* »

São os inconvenientes da erudição lexicographica, os ossos do officio. O infeliz Senio julgou que havia um senhor Silvio, que tinha dicto aquellas bonitas palavras, e enganou-se. Houve, sim, um poeta, chamado Stácio, que J. A. de Macedo traduziu, levando *unhas de Bocage*; esse poeta compoz uma série de *Carmes*, divididos em 5 livros, obra que denomincu *Sylvas*, e 2 poemas, intitulados *Thebaida* e *Achilleida*.

Portanto, o « *Em latim, dice Silvio* » traduz-se n'isto: « *nas suas Sylvas, dice Stácio* » E até isso mesmo seria errado, porque aquellas referencias, não comprehendidas por Senio, são a outra cousa differente. O verso das *Sylvas* não diz tal *unda fluctivaga*, e sim

Fluctivagos nautas, scrutatoresque profundi:

e portanto não é para o *unda fluctivaga*, que o dictionário o cita. Onde o Calepino indica isso, é na *Thebaida*, e ahi com effeito se lê:

...fluctivaga qua præterlabitur unda.

Conseqüentemente em vez de o *Silvio dice em latim*, leia-se: o Stácio dice na *Thebaida*.

As superfluidades de palavras não são invenção Senial. Já n'aquelles tempos se perpetravam. Quintiliano queixava-se da locução *humida vina* e semelhantes; chamava a esses dizeres *supervacua oratio* ou *abundans supra necessitatem oratio*. Desadorava com as gemi-

nações; indignava-se com discursos que vão logo sendo tirados em pública-forma; que diria elle da mesma idéa, desbotada e chata, repetida dez vezes? *placebit?*

Da sciencia lexicográfica romana passa o Senio, ou V., para idêntica sciencia portugueza. Diz que são eguaes pleonasmos *aguas fluctuosas* (como se as aguas não podessem ser paradas); — *mar undoso* (como se o mar não podesse estar estanhado). Diz mais que também Camões dice: « *Estava-se como as ondas ondeando* » (como se Camões fizesse versos errados). E' o passo em que o poeta descreve o phenómeno da tromba absorvente d'agua de mar, ou manga de nuvem, e diz que ella (manga) estava fazendo uns movimentos de ondulação semelhantes aos que as ondas faziam... e o nosso preclaro critico imagina, para justificar o seo pleonasmão, que são as ondas que estão ondeando. Pois sim.

O que é, porém, mais impagavel é a profundidade d'estas erudições, todas ellas também de d:ccionário (e ainda se fôse só isso, seria meio mal).

1ª erudição lusitana: « Em portuguez, Menezes diz: *as aguas fluctuosas* » Com effeito esse autor da *Malaca Conquistada*, dice:

Rompendo Affonso as *aguas fluctuosas*
chega » Coulaõ e foi bem recebido;

mas não foi no poema que V. achou isso, e sim no d:ccionário de Moraes, onde se encontra, *verbo fluctuoso*, a citação, tal qual a copia.

2ª — « Na Ulysséa, cap. I v. 24, vê-se *mar undoso* » Vide o mesmo d:ccionário: « UNDOSO: que tem ou faz ondas: v. gr. *o mar undoso*. Ulys I. 24 » E a prova plena de que a cópia foi cegamente do d:ccionário, e que nem sequer se tem noção do que se cita, é que o copista souhou que o I era *capitulo* (de um poema!) e o 24 era *verso*, quando o I era o *canto*, e o 24 era a *estância*.

3ª — « E o clássico Camões, canto V v. 20 diz: *Estava-se como as ondas ondeando* » Veja-se ainda Moraes: — « *Ondear-se*: Mover-se com as ondas: *Estava-se co' as ondas ondeando*. Lus. V. 20 » E que nem sequer aqui foi mais do que uma cópia muito intelligente, demonstra-se com o facto de chamar verso 20 a estância 20 porque não comprehendeu a citação do Moraes.

« E UM CHARLATÃO DE TAL JAEZ METTIDO A CRITICO! » E' como V. conclue esta parte da sua defesa, de que acaba de extrahir toda a força, pedindo licença para

fechar olhos ao roceiro, mainante, salsinha litterário, merceeiro da crítica, e restante môlho de vilão (é termo técnico) com que aquella cosinha se vai adubando.

Por hoje basta. Ficou-me muita matéria no tinctorio; não vai a matar.

Teo velho amigo

CINCINNATO.

Infirmidades da língua

O ingenhoso bacharel Manoel José de Paiva publicou, meado o século passado, uma porção de obras, geralmente da mais fina crítica, sob o pseudónimo de Silvestre Silvério da Silveira e Silva. Ha entre ellas uma, curiosíssima, dedicada a S. António, sob o título de *Infirmidades da lingua, e arte que a ensina a emmudecer para melhorar*, livro que o Sr. Conselheiro d'Estado José Silvestre Ribeiro diz que « supposto seja um tractado de moral prática, e de finíssima critica das tendencias ruins do homem, deve comtudo ser comptado entre os subsidios philológicos etc. » Este livro, no maior número das suas páginas, de sabor clássico, é pouco manuseado pelo geral dos leitores, mas parece ser o vade-mecum de certos escrevedores, não para se afastarem dos dizeres que elle condemna, mas para se apoderarem das torpezas que profusamente exemplifica. Não será descabido, nem desagradavel, ler em seguida uma porção de trechos da dita obra, que sem dúvida aguçarão o desejo de recorrer ao original. Transcrevamos :

« -Em lamentaveis ruinas se considera estar a língua que a Providencia creou com tanto resguardo, e que, saindo tantas vezes fóra de seos limites, se perverteu de sorte, com o vulgar tractamento, que a natural limpeza se lhe tem convertido na artificial corrupção. Assim como, quem se chega ao fogo se queima, assim ficaria ferido quem se pozesse perto do contágio.... A língua publica, que não teme exércitos, que não respeita monarchas, e que o mundo todo é pusillânime para seo émulo; porque ella, com qualquer venida de que usa, ou força que faça, aos mesmos astros poderá derribar do firmamento.... Eis-aqui a declarada inimiga contra que este livro quer sair a campanha.

« ... Para que uma língua de fogo não faça damno ao pábulo a que se chega, afasta-se este com vigilância, e assim a labareda sóbe ao seo centro sem estrago, mas.... A lingua deve ser luz que alumie, e não fogo que abraze... Se os homens não intendem as cousas, calem-se, e ficarão na opinião de homens; mas quando as não intendem, se falam, saibam que ficam na opinião de brutos.

« Reparo em duas vezes em que Christo não deu resposta a Pilatos:—uma, quando lhe perguntou, de que pátria era—outra, quando lhe dice, porque não contrariava as accusações dos judêos? Que não respondesse á ociosa pergunta da pátria, não me admira, porque um Senhor tão sábio bem conhece o pouco que importa a differença das pátrias etc.

« Porfia um louco a formar de areia uma estátua, mas da sua loucura é evidente signal esta porfia: a mesma acção com que a está compondo, é a com que a vai desfazendo; como não tem união substancial em que se segurem aquellas partes, apenas se vão levantando, quando vem caído. Assim as palavras suberbas, como sôltas ou dissolutas, não podem admittir composição, que não seja desmancho.

« ... As palavras da emulação, da inveja, do ódio, da ira, e da vingança, são as bandeiras que o coração vai tremulando, para que lhe tenham medo; e o medo é o mellior preservativo contra o estrago. Mas que succede? O innocente foge, o inimigo cança-se, e a despezo que tem feito o deteriora, porque não faz prêza que lh'o pague; e por último effeito d'esta diligencia, ouve uma náutica gritaria com que é escarnecido. Quem jamais attendeu ás palavras d'estas paixões, depois que por taes as distinguui? Em se conhecendo que procedem de origens tão indignas, já se avaliam por loucas, e se julgam por indecentes. Diz mal o irado do objecto da sua ira: e com que escárneo se não recebem as tumultuosas expressões de ardor tão temerário? Por fogo fatuo se interpreta, na opinião dos que percebem tão diffusas labaredas, tão inquietas, tão desproporcionadas, tão impróprias e tão loucas, como as mesmas palavras o dizem. Compõe-se a ira da descompostura das palavras: e como pode apparecer composta a que faz gala da descompostura? Que periodo se lhe observou jamais com elegancia, com discrição e com acôrto? Iram-se contra si os que se iram.

« Ha na lingua uma espécie de borbulhas, a que chamam brotoeja, e ainda que não è de perigo, para ficar com saúde perfeita, bom será alimpar-lh'a.... A lingua è o mostrador do relógio, que diz, com o acêrto, o acêrto que n'elle se acha ; mas quando se desmancha este, logo elia o manifesta, para que ninguem o creia.

« ... Que phrases indignas uão têm composto a apprehensão dos ignorantes ! Que palavras torpes não têm inertado na sincera planta da linguagem, que sem necessidade chegou a ver-se tão corrupta ! ... de sorte que a linguagem dos livros é diversa da linguagem do vulgo ; nos livros acham-se as palavras como limadas, no vulgo encontram-se como cheias de limos ; e succede ordinariamente que a gente humilde que em sua casa e fóra d'ella nunca se tracta com aceio, não passa da immudície, mas a gente limpa, em quanto está em sua casa, não se mancha, e por sair á rua se mette pela lama e se salpica.

«... Entre as innumeraveis palavras que a ignorancia tem introduzido e em que a lingua tem degenerado, escreverei as que agora me lembram e as indignas phrases de que o vulgo usa, infamando-as por indiscretas, por loucas e por temerárias. já porque não têm recta deducção da linguagem, já porque as instituiu a ignorancia, já porque não são attendidas pela prudencia, já porque as não recebeu a discrição, já porque só se usam nos periodos desco npostos, e já porque só d'ellas se tracta nas práticas deshonestas. »

Comquanto esta matéria esteja perfeitamente tractada, e tenha grande parentesco com a dos estylos adoptados pelos S-nios interpellantes e pelos V. escriptores, não devo continuar a transcripção, e limito-me a dizer que o nosso auctor põe em seguida, e por ordem alphabética, uma multidão de termos e phrases, defesas a toda a penna que se respeita, e entre as quaes apparecem quasi na totalidade os dizeres d'estas *Palestras*, d'onde se collige que realmente os seus auctores são mui lidos n'este meio-classico, a quem impetraram auxilio, afim de lhes fornecer para seu uso as locuções exactamente que o habil critico desterrou como indignas dos typos. Pelos tempos que correm, ha lógica em tudo isto : quando a propriedade é roubo. a religião farça. a monarchia flagello. o incendio

meio, a destruição fim, a glória lucro, a honra phantasma, o progresso desordem, e a liberdade anarchia, nada mais natural do que desinthronizar-se a linguagem culta, ou sobre as cinzas d'ella fazer pompear a geringonça ou giria dos ciganos e galés.

Monumento a Bocage. (*)

Ha vontades de ferro, espiritos persistentes aos quaes nenhuma difficuldade desauima, e que vencem e superam toda a sorte de obstáculos. Cabe a esta raça privilegiada de lidadores sair-se victoriosa sempre das luctas que emprehende: a palavra *impossivel*, por nao ter noção correspondente em sua vida práctica, foi ha muito suppressida do vocabulário próprio.

Pertence incontestavelmente a esta familia — pouco numerosa, ainda mal! — o Sr. conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. Documentos de toda a authenticidade ahi nol-o estão a testificar, e, se de nova demonstração se carecesse para affirmar a sua filiação n'aquella genealogia predestinada, o assumpto que vamos tractar nol-a ministraria cabal e perfeita.

Bocage é um vulto notabillissimo da litteratura portugueza; mas não estão ainda de todo extinctas as paixões que sublevou o seo assombroso talento. Uns o proclamam o principal poeta da península n'este século; porfiam outros que não soube extremar-se da turba de versejadores de outeiro.

Com mão segura e sciencia de mestre, o Sr. conselheiro Castilho tomou o escalpello da anályse, e provou que, se os primeiros eram exaggerados na sua classificação, peccavam os segundos por nimiamente injustos no conceito em que tinham a Elmano. N'este paciente e consciencioso trabalho, que forma os tomos VII e VIII da *Livraria Clássica*, levantou o Sr. Castilho primoroso monumento á glória do grande vate setubal-

(*) Tendo dado n'este repositório vários dos principaes escriptos que prendem com este assumpto, transcreveremos alguns outros. Os que vão ler-se, appareceram no jornal illustrado d'esta capital *A Vida Fluminense*, acompanhando um excellentes desenho do monumento, em que só ha uma inexactidão: a de figurar armas reaes no logar onde estão lyras. Tambem depois se mandou collocar emtorno do monumento uma elegante gradaria de ferro, octógona, elevando-se, dos 8 angulos, columnas, 4 das quaes sustentam grandes candelabros, e 4 alternadamente lyras. — O 2.º artigo safu na *Gazeta de Setubal*.

lense; podia pois descançar repousado da sua obra, que formosa e imperecedora lhe saíra ella. Mas no manusear e estudar profundamente o nosso poeta, maiores motivos de admiração se lhe foram deparando, mais elevado grau de intensidade ganhou o seo enthusiasmo.

Bocage, que fôra « uma dobadoura de bons dictos, girândola de epigrammas, azenha de graças, máquina de repentés » é para elle (e para quantos prezam as letras) « o grão fidalgo do idioma, o príncipe do improviso, o Anacreonte da lyrica, o Petrarca do sonêto, o Rembrandt do ciume, o *Koh-i-noor* da metrificacão portugueza. »

D'esta convicção lhe nasceu a idéa de que, para honrar a memória de homem tal, só uma estátua erecta em praça pública seria padrão bastante e condigno de seo grande renome. Formular esta idéa e tractar de a pôr em execução foram actos simultâneos.

Era no anno de 1865, poucos dias antes do centésimo anniversário do harmonioso bardo. Occorreu-lhe logo o pensamento de aproveitar a feliz coincidência, solemnizando com um jubiléu litterário, celebrado segundo o moderno rito poético, aquella data memoravel.

A 15 de setembro, por convite e a esforços de S. Ex., uma luzida sociedade se congregava nos salões do Club Fluminense, e, em meio dos esplendores da festa, o projecto de se erigir a BOCAGE memória perduravel foi accollido com unanime acquiescencia.

Nomeada uma numerosa commissão central, composta de influentes e distinctos cavalheiros, brazileiros e portuguezes, em breve começaram os trabalhos e se iniciou a subscrição.

A esse tempo, porém, surge a guerra do Paraguay. e deu isto causa a que a subscrição tivesse êxito muito limitado, não obstantes grandes diligencias e constante trabalho da parte do Sr. Castilho, presidente da commissão. Sabidos desastres commerciaes vieram desfalcá-lo, quasi na totalidade, a collecta já de si minguada; e n'esta situação desanimadora ninguem cria ainda na possibilidade de se edificar o planejado monumento.

Não esmoreceu, contudo, S. Ex., e comptava sempre realizar a sua concepção, embora sosinho e desajudado se viesse a achar. Em sua ultima viagem a Portugal, mais vivo se lhe reaccendeu o seo generoso intuito, e tomou então uma resolução extrema. Ideando um plano

simples e elegante, contractou com o Sr. Germano José de Salles, habil director de uma importante officina de esculptura em Lisbôa, a feitura da obra, e immediatamente se principiaram os trabalhos, debaixo de sua exclusiva responsabilidade, correndo risco não menor que o de não ser approvada a sua deliberação, e ter consequentemente de pagar de seo bolsinho toda a importancia de tão dispendiosa fábrica.

A commissão central, reunida a 4 de junho próximo passado, approvou, porém, plenamente a nobre decisão de S. Ex., e resolveu ratear entre os seus membros as despesas da construção, que devem exceder consideravelmente o pouco que ha apurado da antiga subscrição. Honra lhes seja por tão assignalada munificencia!

O desenho com que hoje brindâmos aos nossos assignantes é cópia fiel do do esculptor. (*Supprimimos aqui a descripção do monumento, por já ter sido lida no Relatório*).

Tal será o monumento do grande satyrico, do espirituoso epigrammatista, do bucólico virgiliano, do mimoso elegiaco, do arrojado, do suavíssimo Bocage, que dos ceos houve

o solemne idioma, o tom dos numes,
a voz que longe vai, que longe sobe,
que sôa além do mundo, além dos tempos.

Louvores a quantos cooperarem para o resgate d'esta divida de reconhecimento a um esplêndido ingenho, e nomeadamente ao Sr. conselheiro José Feliciano de Castilho, iniciador da idéa, e seo zeloso e infatigavel promotor.

M. O.

Noticiario

Lê-se no *Jornal de Setubal*, de 24 de março de 1867, o seguinte :

CHEGADA.—Domingo pelas 4 horas e meia da tarde, chegou a esta cidade o Exm. Sr. José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha.

S. Ex. veio só. O Sr. Antonio Feliciano de Castilho ainda chegou ao caes dos vapores para embarcar para Setubal, mas viu-se obrigado a retirar, em razão do tempo estar muito máo.

Suas Excellencias tinham mandado dizer em uma carta que só viriam, caso o tempo estivesse inteiramente seguro, e por isso a comissão encarregada da recepção d'aquelles cavalheiros, os não esperava em tal dia.

Logo que, por uma participação telegraphica, se soube que S. Ex. havia chegado á estação do Barreiro, reuniram-se o presidente e alguns membros da comissão, que o acaso fez encontrar, pois estavam já dissuadidos da chegada dos illustres hóspedes, e partiram para a estação do caminho de ferro.

Ali poudo ainda chegar, ao tempo que chegou a parte da comissão, uma deputação da camara municipal.

Feitos que foram na estação os devidos cumprimentos ao distincto visitante por parte dos dignos presidentes da camara municipal e da comissão, dirigiram-se todos a visitar as praças da cidade, afim de se ver qual a que S. Ex. julgava mais appropriada para a erecção do monumento ao nosso illustre conterrâneo o famoso poeta Bocage, para o qual S. Ex. tem solicitado e obtido já importantes donativos.

S. Ex. não se pronunciou definitivamente pela escolha do local, e pareceu ficar indeciso entre a linda praia, ao lado poente do caes, e a praça principal da cidade, já denominada de Bocage.

Concluida a visita aos locaes que poderiam prestar-se á collocação do monumento, dirigiu-se S. Ex. com as pessoas que o acompanhavam aos paços do conselho, onde antecipadamente havia manifestado desejo de conferenciar com as pessoas competentes sôbre o assumpto que era motivo da sua vinda à terra do grande Elmano.

S. Ex., recusando occupar o logar principal que lhe fôra offerecido pelo Sr. presidente da camara, sentou-se ao lado d'este, e tomando a palavra, expôz em claro e conceituoso discurso os trabalhos preparatórios, que tinha levado a effeito para o monumento a Bocage, e o fim que tinha em vista na realisação e fórma d'esse monumento, declarando ser a iniciativa do monumento do seo Exm. irmão, o Sr. Antonio Feliciano de Castilho.

Seguiu-se-lhe no uso da palavra o Sr. Presidente da camara, felicitando os habitantes de Setubal pela hon-

rosa visita que acabavam de receber, e agradecendo aos Srs. Castilhos, em nome dos Setubalenses, o louvavel e assíduo empenho que tomaram para se pagar um tributo devido á memória de um tão illustre setubalense.

S. Ex. em continuação expôz o estado de obscurantismo d'esta terra e a grande necessidade de instruir o povo, e n'este intuito submetteu á apreciação do Sr. Castilho a idéa de um monumento eschôla-asyllo, com o título—Bocage, e com distinctivos que dicessem respeito ao poeta, a fim de que assim o monumento projectado reunisse duas qualidades uteis.

Discursou em seguida, no mesmo sentido, o Sr. presidente da commissão, demonstrando a dupla utilidade do monumento eschôla-asyllo.

Responden aos dous oradores o Sr. Castilho, dizendo que estava em tudo disposto a empenhar-se na realisação do monumento, qualquer que fosse a respeito d'elle a vontade dos setubalenses. Notou comtudo que via difficuldades attendiveis em se alterar o pensamento que tinha servido de base á offerta de quantias já obtidas para o monumento, difficuldades que dizia parecer-lhe tornariam menos importante o resultado da subscrição que ainda tencionava abrir em Portugal para o fim indicado.

Depois de alguma discussão sôbre a natureza do monumento, o Sr. presidente da camara repetiu o que já havia dito, que não punha a sua proposta á votação, nem mesmo pedía discussão sôbre ella, e que só a submettia á apreciação de S. Ex.

O Sr. Castilho demonstrou ainda, se bem que em phrase em que revelava a sua extrema delicadeza, e a deferencia que se dignava ter com a assembléa, que a sua opinião divergia da que tinha sido aventada em sua presença, e manifestou desejo de ouvir a opinião da assembléa.

Em seguida o Sr. presidente da camara declarou, que unicamente para acceder ás instancias que o Sr. Castilho lhe estava fazendo, ia converter em proposta a idéa que tinha appresentado a respeito do monumento e pôl-a á votação.

O Sr. Castilho tinha pedido aquella votação para conhecer até que ponto a assembléa se manifestava á favor de uma ou outra fórma do monumento; desistiu, porém, d'ella logo que alguns cavalheiros propozeram

que se transferisse para outra reunião da assembléa e que se dessem os trabalhos d'aquella sessão por concluidos.

Nomeou-se em seguida uma commissão para continuar os trabalhos precisos n'esta cidade relativamente ao monumento, ficando presidente e vice-presidente d'ella os Ex^{ms}. Srs. Antonio Feliciano de Castilho e José Feliciano de Castilho, e terminou a sessão.

Saindo dos paços do conselho, foi S. Ex. acompanhado pelos Srs. presidente da camara, da commissão e por muitos membros d'esta até a casa que estava destinada para seu aposento. Alli se serviu ao illustre hóspede um jantar em que tomaram parte o Sr. presidente da camara e a direcção da commissão, e ao qual assistiram, por deferencia ao Sr. Castilho, mais tres membros da mesma commissão.

Fizeram-se recíprocos e affectuosos brindes, não esquecendo o nome do primeiro poeta portuguez da actualidade, incansavel apóstolo da instrucção e iniciador do monumento a Bocage, o S. Antonio Feliciano de Castilho.

Durante o jantar, a conversação correu animada: e o Sr. José Feliciano de Castilho mostrou grande e admiravel profundeza de conhecimentos sôbre variados assumptos, e deu as maiores provas do quanto lhe é facil a palavra e cheia de sentenciosos conceitos, o que já tinha sido objecto da admiração da assembléa que o tinha escutado nos paços do concelho.

Terminado o jantar, o Sr. Castilho lêu uma excellente biographia de Bocage, de que è auctor, a qual está escripta com mão de mestre. Depois da leitura travou-se uma brilhante conversação entre o Sr. Castilho e o talentoso mancebo o Sr. Dr. José Braz, que teve prêsas as atenções dos circumstantes, e onde appareceram de parte a parte luminosos raciocinios, imagens cheias de belleza, animadas de vivissima inspiração.

O Sr. Castilho mostrou desejos de ver alguns dos objectos descobertos nas excavações de Cetóbriga, e apenas um dos membros da commissão poude offerecer a S. Ex. algumas moedas de cobre alli encontradas.

S. Ex. partiu no primeiro comboyo de segunda-feira, sendo acompanhado á estação pelo presidente e mais alguns membros da commissão.

QUESTÕES DO DIA

N. 19

RIO DE JANEIRO 4 DE NOVEMBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Laemmert.—Praça da Constituição, Loja do canto.—Livraria Academica, Rua de S. José n. 119—Largo do Paço n. C.—Rua de Gonçalves Dias n. 79.—Preço 200 reis.

Decima quinta carta

DO ROCEIRO CINCINNATO AO CIDADÃO FABRICIO

Rio, 15 de Outubro de 1871.

Bom Fabricio.

Acabo de te escrever sobre assumpto bem futil, e não resisto á tentação de vir novamente praticar contigo, sôbre cousas sérias, ao toque do Aragão, depois de ter lido uma notavel memória sôbre a Prússia após a emancipação dos servos, cheia de considerações e factos, mercedores da mais attenta reflexão. Tumultuam-me na mente idéas associadas, e vou submeter-te o fructo do meo estudo e das minhas impressões. Pontos ha de paridade entre os imperios asiático-europeo e americano, no tocante á grave questão social que acaba de ser agitada; e para o nosso dia de amanhã bem póde ser matéria de ensino aquell'outro alheio dia de hontem.

Quem consulta um mappa-mundi, e vê o enorme colosso brasileiro occupar na terra espaço egual ao de quasi toda a Europa; quem observa os rios-mares que o abraçam, e as caudalosas torrentes que o vão pautando de grau em grau do parallello; quem examina suas regiões diversissimas, e a omnimoda variedade e uberdade do seo solo; quem hesita em qual dos tres reinos a natureza foi aqui mais pródiga; quem reconhece na raça dominante os caracteristicos de uma vitalidade possante;—espanta-se de que este abençoado chao esteja ainda despovoado, e de que a civilização não haja ainda operado todos os seus usuaes milagres.

Tambem a Rússia é immensa. Para o norte, estendeu-se até o impossivel ; dirieis que em seos braços gigantêos quer abarcar o polo. A leste, separam-n'a da Asia uma cordilheira immensa e nm rio magnífico, ficando-lhe um paiz maior que meia Europa. Ao sul, zombou das barreiras, cavalgou o Caucaso, e se não fôsse a guerra da Crimea, houvera convertido o mar negro n'um lago russo. Para o lado de oeste, é permanente amiaça : Finlândia, provincias allemans do Báltico, Lithuânia, Polónia, attestam a sua insaciabilidade. Se não fôra a guerra, e a derrota da Moscovia, talvez ella hoje se estendesse até o Báltico e o Mediterrâneo. Mas a sua derrota valeu-lhe mais que uma victória, o que não é raro na história dos povos, a quem a Providencia liberaliza às vezes estas compensações.

O Brazil e a Rússia tiveram de sustentar guerras medonhas. Se aquelle não viu ante si tão vastas mós de homens, tão possantes intelligencias, tão collossaes recursos bélicos, tão poderosas allianças, tambem esta não teve que superar eguaes difficuldades topographicas, que batalhar contra mais dedicadas hostes, que erguer da terra instantaneamente como Pompêo batendo com o pé exércitos aguerridos, que vencer mais variados e perigosos obstáculos.

Ambos os Impérios cumpriam nobremente o que era seo triste dever, desde que desembainhavam as valentes espadas. A Rússia foi gloriosamente infeliz. O pendão auriverde, coroou-o o louro da victória. Foi sorte das armas, que em nenhuma das bandeiras deixou labéo.

Mas ambas as grandes nações, ao retirarem-se dos campos da batalha, meditaram sôbre os successos em que acabavam de figurar. Remontaram ás causas, alli da sua fraqueza relativa, aqui da necessidade de esforço desproporcionado ao exito, e ambas comprehenderam que nem só o número constitue os elementos da força.

Ambas, em occasião análoga, ambas logo após a cruenta lucta, passaram em revista todas as suas instituições fundamentaes, e resolveram modificá-las, quanto o temperamento da nação o permittisse.

Vejamos primeiro o que se passou no Império de alem-mar; mais ao porvir que ao presente caberá comparar consequencias que das sementes, ora lançadas à terra, ainda aqui não podem germinar.

Das ruínas de Sebastópoli surgiu a Rússia livre. Uma intelligencia superior e uma vontade firme fizeram de uma catástrophe brotar a regeneração de um povo.

A servidão na Rússia, com as suas mil gradações, differia essencialmente, no seu principio, da servidão do occidente, mas pouquissimo no seu character e nos seus effectos. Os servos constituíam em grande parte a classe dos camponezes, e esta instituição foi allí creada em tempos não remotos. Quando Ivan, o Terrível, aniquilou em 1554 o pôder dos Tártaros, achou tudo por fazer: planicies immensas devastadas, campos incultos, aldeias destruidas; nem estradas, nem segurança; mendigos e vagabundos aos milheiros. Era mister chamar o cultivador ás terras; fixal-o ao solo. Para isso, a côrte de Moscou usou, ora da persuasão, ora da violencia, e acabou por crear a classe dos *krepstnoi*, *servos addictos á gleba*. Pareceu resolvido assim o complicado problema; o camponez lucrava com o solo regado pelo seu suor; mas por mais que se unctasse de mel a borda do vaso, era a escravidão.

O servo pagava os impostos, servia em tempo de guerra; mas era inhibido de deixar a sua terra, de trocar-a por outra, ou de sair de uma aldeia para se ir estabelecer em outra diversa. Nomearam-se inspectores para vigiarem os camponezes, obrigar-os a fertilizar o terreno; estes voivodes traziam como distinctivo de auctoridade o bastão, que symbolizava o direito de serem obedecidos. O bastão caía duro nas costas do camponez, quando este negligenciava as colheitas ou as cabanas, ou não pagava regularmente o tributo. A' fôrça de bater no servo, o inspector considerava-se senhor d'elle, e se o não pôdia converter em cousa, vendê-lo ou compral-o, exigia d'elle serviços forçados, e eis como, pouco a pouco, o inspector veio realmente a tornar-se senhor absoluto do servo, que com dôr se resignava, dizendo: « Deus está muito alto e o tzar muito longe. » Afinal de contas, transviada a instituição, passou o servo a ficar cousa, escravo: batiam-lhe, estafinavam-n'o, transportavam-n'o, vendiam-n'o até, a despeito das leis que o escudavam contra este máximo ultrage.

Pedro I prohibiu a venda dos servos nas terras que elles cultivassem; mais tarde Paulo I decretou que os

senhores não podessem exigir d'elles mais que os serviços de tres dias por semana; Alexandre I creou uma classe de camponezes livres; mas tudo isso eram insignificantes palliativos.

O actual Imperador, legatário, não invicto mas invicto, da guerra com o Occidente, acabou com ella, mais cedo que o precisava, para, liberto das preoccupações exteriores, se consagrar todo ao interior. As perdas que lamentava (mínimas para quem ficava soberano de 70 milhões de súbditos) iam ser mais que compensadas com a renascença nacional. A servidão enerva, adormece, debilita, despoja o homem de suas melhores qualidades; e Alexandre achava-se em face de um povo ignorante e rebaixado (Sabiam ler um em 10, escrever um em 50).

Começaram então as grandes reformas, taes como a suppressão do militarismo do corpo docente e das universidades; o melhoramento da instrução publica; a amnistia aos polacos; a simplificação do recrutamento e do imposto; o perdão de innumeraveis condemnados; o systema de estradas, communicações, e ferro-vias, etc., até que o grande reformador chegou á magna questão do Império, para atacal-a de frente.

Com o augmento da classe fidalga, era innumeravel a quantidade dos poderosos senhores de servos. Dava-se enorme desproporção entre o número dos habitantes ou antes dos trabalhadores, e a extensão das terras. Lá tambem se dizia, como aqui, que, com o regimen da liberdade, a agricultura perderia os braços, e paiz a prosperidade.

Deixo a narração dos trabalhos a que a illustrada e firme vontade do Imperador Alexandre presidiu, e limito-me a dizer que a Rússia teve tambem o seu grande *primeiro de março*, pois a 1 março 1861 foi promulgada a lei, destructora dos derradeiros vestigios do dominio tártaro, e que, libertando o camponez, lhe dava a sua casa e o seu campo, comprados por elle, e abrindo-lhe para isso o governo um crédito (Em janeiro 1869, mais de metade dos servos emancipados se tinham servido d'este crédito, e haviam contrahido uma divida enorme para com a corôa.)

Comprehendia a raça liberta 22 milhões de servos ordinários, 3 milhões de camponezes dos apanágios, e 23 milhões de camponezes da corôa. Estas duas classes deram logar a alguns artigos additionaes.

Representava isto mais de dous terços da povoação da Rússia, e era justo e prudente proporcionar-lhes subsistência, assim como combater, pela prisão da propriedade, a tendência nómada do Russo, o que induziu a limitar com certas restricções o exercício da liberdade.

São 9 os artigos que a regulam: 1.º O camponez que deixa a sua aldeia perde o lote de terra que a sociedade lhe deu; 2.º Se a sociedade recusa aceitar o tal campo, pertence ao senhor; 3.º Hade ter satisfeito ás leis do recrutamento; 4.º Hade ter pago todos os impostos, até o do anno inceptado; 5.º Hade provar á administração do cantão que preencheu todas suas obrigações, 6.º E' preciso não haver contra elle processo algum; 7.º Hade fazer face primeiro ás precisões de todas as pessoas de familia que deixar; 8.º Hade ter pago todos os atrasados devidos ao senhor, pela terra que lhe foi concedida. 9.º Tem finalmente que exhibir certificado das auctoridades da localidade onde se quer fixar, em como alli adquiriu um lote de terras, a menos de 11 milhas da aldeia, e mais que duplo do que possuia.

Como todas as reformas que mudam radicalmente a face de uma sociedade, o acto da emancipação foi por muitos accollido com desconfiança. *Aos servos dá-se de mais*, diziam os senhores. *De mais conservam os senhores*, diziam os servos. Mas apesar de certo abalo momentâneo, restabeleceu-se sem detença a tranquillidade, e para logo se sentiram os salutaes effeitos da liberdade, não obstantes as sombrias predicções dos adoradores do passado. O estrangeiro que percorre aquelles campos nota que os camponezes andam mais bem vestidos, nutridos e accommodados; vivem vida mais conchegada e com certo confôrto; as mulheres cuidam melhor de si e dos filhos. A casa do trabalhador mudou de aspecto; já não é a senzala do escravo, é a habitação de um homem livre.

Com quanto a instituição derrocada revista entre nós assaz diversa natureza, pontos ha de contacto, que merecem exame, nas paridades e nos effeitos.

A obra de Wil. Hepworth Dixon, em 2 volumes, impressa em Londres, sob o titulo *Free Russia*, e a Memória do pastor genebrez Cailliate, sôbre o *Estado social da Rússia*, merecem a tua attenção, e a de quantos se interessam pelo importante problema com que o Brazil arca n'este momento. Mais uma vez proseguirei

n'este assumpto, em dia próximo, se o não considerares pesado em demasia.

E' tarde; ponho poncto agora n'isto. Amanhã, se Deus me der vida e saúde, projecto continuar a entreter-me com o Senio, transformado em *Palestreiro*, e servindo-se de um pobre testa de ferro, que assigna, e realmente tem jus de assignar-se, V.

Recebe um estreito abraço do

Teo amigo

CINCINNATO.

Terceira carta

DO ROCEIRO CINCINNATO A SEMPRÔNIO

Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1871.

Querido amigo.

Forçaram-me a trocar as politicas pelas litteraturas. Em qualquer d'esses campos, sou eu um curioso muito inválido, mas emfim tudo serve : quem não pôde brandir clava, descarrega piparote, e as minhas aspirações não sobem a mais. As infallibilidades são para os Papas das letras, *Senios, V. & C.*; eu, na igreja do auc, apenas invergo a opa de sacristão. Olho para os livros, como boi para palácio.

Não tenho mãos a medir. O Sr. V., faz-me andar n'uma dobadoura. Ahi me trazem hoje 4^o. *Palestra*, como as precedentes elegante, delicada, respeitosa, intelligente, inatacavel e irrespondível. Eu bem me vejo em talas, bem me sinto esmagado, e merecedor de tremenda vaia, por me não curvar silencioso ante eloquencia tamanha ; mas que queres ? sou um insupportavel tagarella, que mesmo sem sombra de razão heide estar sempre bacharelado ! Ora isto, após tão repetidas qualificações da minha inópia, e tantas amiaças do olhudo instrumento de Tolentino, em tão apertado lance, ultrapassa as raias da imprudencia. Mas é que eu tambem não me sublevo contra os firmans de quem tudo pôde ; não tenho voz activa nem passiva ; recebo com seráphica humildade as descomposturas civilizadas ; e, apenas rosnando por entre os dentes, submetto aos illustres infalliveis a continuação das minhas muito rendidas e submissas dúvidas, protestando con-

formar-me, afinal de contas, com o que for decretado pelos muito altos e poderosos Srs. Senio, A. de V. & C'. É ainda mais, elevo súplicas vozes ao céu, para que isto, *em mim*, não sejam rompantes de leão, paradas de sendeiro. Dêmos tempo ao tempo.

Continuarei pois a transcrever fidelissimamente as ponderosas reflexões das *Palestras*, sem saltar uma única, nem lhe attenuar no mínimo a energia da argumentação, reiterando somente o pedido de licença para eliminar as palavras e phrases acerbas, já porque aprendi que as injúrias são as razões de quem as não têm, já porque enfim reconheço com todo o acatamento que ellas me pungiram no âmago das intranhas. ' Quem castiga com raiva não castiga, vingá-se). Vamos levando esta cruz ao calvário.

§ 2 A abundancia esteril de Bernis.

Diz o meo preclaro mestre, para me abaixar a grimpa :

« A propósito de abundancia esteril, fala em Francisco I ! cita como grande auctoridade litterária um rei ignorante. Para apoiar as sandices de um *Cinnato* e *roceiro*, só um litterato como Francisco I. « Racine tinha mais gosto litterário em uma unha do pé (*où diable le goût litteraire va-t-il se nicher!*) do que Francisco I em toda sua real pessoa. »

Anda lá, Francisco I, leva para o teu tabaco ! Importa pouco teres tu sido admirador d'Erasmo; estavate destinada, no fim de tres séculos e meio, segunda Pavia; e a bella Ferronière não t'a pregou mais.... na menina do olho, do que este severo Senio.

Está muito bem, sim senhor, nunca as mãos lhe doam ; mas, oh tu, Senio, typo de lealdade, a que propósito trazes para a dança o pobre poeta da *Donna è mobile* ? Diz Senio, ou o seo porta-voz V. que « a propósito de abundancia esteril, eu citei Francisco I. » Com a devida vénia, represento a V. Ex. que não citei tal; que esta citação é de V. Ex., illuminado discipulo de D. Quichote, que desbaratava moinhos.

O que eu dice, depois de me queixar da diffusão da loquacidade, e da prolixidade do palavrório dos 7 movimentos das ondas pacatas, foi o seguinte, *ipsis verbis* (Vid. *Questões*, n. 9) : « Não era a isto que Frederico II chamava a *abundancia esteril* de Bernis? » Esta

minha phrase curta, è que serviu de thema ás variações longas de Senio.

Ora, se o illustre Senio dá licença, Frederico II è, se não me engano, personagem mui diversa de Francisco I ! Frederico II, o mais admiravel príncipe do seo século, foi cognominado *O Grande*; cultivou sciencias e letras com amor; correspondia-se com os sabios Wolf, Rollin, S'Gravesande, Maupertuis, Algarotti etc. São de sua régia penna as—*Memórias para servirem d'história da Casa de Brandeburgo*—*História do meo tempo*—*Memórias sobre a guerra de sette annos* etc. etc. Suas numerosas poesias valem, se isto não é heresia, um pouquinho mais que as quadrinhas de Senio; e na parte epistolar que figura na collecção das obras de Voltaire, talvez que a secção mais notavel seja a da correspondencia que tantos annos durou entre estas duas testas coroadas. Era tão superior, tão poeta d'alma, que na famosa noite em que se viu cercado de quatro exércitos inimigos, Frederico da Prússia, em posição desesperada, e já resolvido ao suicídio, compoz aquella admiravel epistola a Voltaire, que rematava com estes nobres versos :

Pour moi, menacé du naufrage,
je dois, en affrontant l'orage,
penser, vivre et mourir en roi !

Ja me está parecendo que um tal homem, apesar de rei (è precisa esta precaução oratória do *apesar de rei*, para animar certos neóphitos, candidatos a republicanos, que estão querendo dar arrhas aos seus novos correligionários), não era tão ignorante como isso. O caso é que a tal *esteril abundancia* foi *fecunda* em desastres. Frederico satyrizava frequentemente nos seus versos as concubinas do rei de França e os poetas áulicos; entre a Pompadour e Bernis tinha havido estreitas relações. A Frederico portanto caiu a sôpa no mel, quando, entre outras facécias, escreveren o verso, de que, segundo parece, o Sr. V. não tinha noticia:

Evitez de Bernis la *stérile abondance*.

Seguiu-se logo após, a guerra de 7 annos, que alguns incadearam, de consequencia em causa, áquelles versos satyricos; e tanto que então viu a luz outra sátira anónyma, a qual terminava assim :

Six cents mille hommes égorgés,
Monsieur l'abbé, de grâce, est-ce assez de victimes;
et les mépris d'un roi pour vos petites rimes
vous semblent-ils assez vengés ?

Basta d'isto.

Apezar de caber á defeza mais insanchas que á accusação, receio que se me assaque tambem *abundancia esteril*, e por isso mudo de rumo, terminando com esta justificação : 1°. Não citei Francisco I ; 2°. Citei Frederico O Grande, o historiador, o prosador, o poeta ; 3°. A sua phrase feliz estava predestinada para Senio.

« E UM CHARLATÃO DE TAL JAEZ, METTIDO A CRITICO! » Com estas palavras, remata Senio a discussão d'este poncto. Tenciono ir sempre repetindo o significativo estrebilho, não com o audaz intuito de reciprocal-o, porque eu não perco as estribeiras, mas para habilitar o nobre crítico a ir avaliando a propriedade da sua exclamação. Corresponderá esta phrase ao « *Irmãos, tendes de morrer* » dos Trappistas, ou ao *Remember what I wan thee* de Milton, que o Sr. Alencar tão elegantemente invocou em certo final de um discurso. Não importa, não importa, e deu com septe navios á costa.

§ 3 Dos pleonasmos.

Defende-se Senio, dizendo que elle não é o único, e que muitos auctores têm tambem empregado pleonasmos. Forte dúvida ! Pois a sua ambição de inventor leva-o ao extremo de julgar que o supponmos inventor dos pleonasmos ? Não, senhor; só digo que dos pleonásticos carneiros de Panúrgio, Senio será o millionésimo ; e em tal imitação, apenas lhe reconhecerei a glória de que, transplantado de outro solo para o seo, esse fructo foi

peor tornado no terreno alheio.

Ora agora, intenda-se bem, não alludí eu, nesta minha censurada observação, ao derramamento das idéas, mas á impertinencia das variantes verbaes: e seja lícito reproduzir aqui algumas ponderações sôbre o *genus dicendi*.

Ha um mundo entre os estylos conciso e diffuso.

O escriptor conciso condensa os pensamentos no mínimo número de termos; só emprega os mais expressivos ; repelle, como redundante, a expressão que algo

não adiciona ao sentido. Quando introduz ornatos e figuras, mais o faz por força que para graça. Nunca repete duas vezes um pensamento. Descreve-o sob o aspecto que mais apropriado se lhe affigura; mas se a essa luz o não comprehenderdes, não espereis que a outra vol-o revele. Primam suas sentenças mais pelo compacto e pela energia que pela cadencia e harmonias. Esse dizer lacónico mais inspira a imaginação do leitor do que directamente lhe exprime.

O escriptor diffuso estira e esparralha os pensamentos. Appresenta-os em variadissimas apparencias, e prohibe ao leitor o collaborar com elle. Cura pouco de exprimir-se, desde o principio, com toda a força: porque calcula que tem de reiterar a impressão, e consequentemente o que lhe falta em força, hade suppril-o com a abundancia.

O excesso de ambas estas qualidades é perigoso. Em concisão, nem todos se podem conter nas raias de Aristóteles, Tácito, Montesquieu (no *Espirito das Leis*), ou Filinto. Em diffusão magnífica, nem todos nas de Cicero, Ovidio, Addison, Temple ou Bocage.

A diffusão torna o estylo flácido, debil, e cança o leitor; mas é toleravel em penna de superior ordem, por ser condão do génio até defeitos converter em bellezas.

Importa porem não confundir: Uma cousa é o encarar do mesmo pensamento por muitas faces, outra o reproduzir da mesma expressão com muitas palavras. No primeiro caso póde haver sua justificação; no segundo, jamais.

Tomemos para exemplo um grande escriptor, naturalmente prolixo, pôsto que a trechos magnificamente lacónico, Ovidio. Esse poeta não sabia decotar, do tronco da sua idéa, os ramos, os galhos, renovos e garfos que o incobriam; muitas vezes, onde uma só imagem bastaria, multiplica 4, 5 e 7 similes! mas ainda ahi, se é licita a expressão, nos depara na uniformidade immensa variedade; seria descabido, n'este escripto fugaz, aponctar cópias d'este defeito-belleza.

Mas nem n'esse esplendido génio é desculpavel o erro, em que raras vezes caíu. de reproduzir exactamente a mesma idéa por diversas palavras, por exemplo:

- Omnia pontus erat; deerant quoque (!) littora ponto.
 —Semibovemque virum, semivirumque bovem.
 —At vos, qua veniet, tumidi subridite montes!
 Et faciles curvis vallibus este viæ!

e assim em outros logares. Eis-ahi pleonasmos reprehensíveis, ou antes perissologias detestáveis, mas fidalgas, por virem de quem vêm.

E a crítica leal e digna, que fecha olhos á grandeza do censurado, e o exprobra, quando elle diz duas vezes a mesma cousa por palavras diversas, tem rigorosa obrigação de stygmatisar cem vezes mais o vicioso uso das 7 variantes para darem a mesma idéa, como succede no Gaúcho.

Para justificar o : *As ondas se agitam em fluctuação*, (o que aliás podia ser tão brando como O contínuo vaivem das mansas ondas, de que nos fala Bocage) cita o Sr. V. dous versos de Racine, em que diz haver sido achado pleonasmos. Se o houvesse, mais não seria isso do que mancha em sol, mas não o vejo. Os versos de Racine são ambos estropiados pelo docto Palestreiro, o qual nol-os dà assim :

*Cependant sur le dos de la plaine humide,
 s'éleve à gros bouillons une montagne liquide.*

(As orelhas métricas de V. erraram ambos os versos, pondo *liquide* onde devia ser *humide*, e *humide* onde devia ser *liquide*). Todos os termos aqui tem uma intenção sobre si, sem que haja sombra de repetição de idéa—*La plaine liquide*, em relação ao mar, serve para distinguir das *plaines terrestre, celeste, azurée, étoilée, de l'air* etc.—*Montagne humide* dá idéa da grande elevação das águas, sendo aliás este adjectivo appropriado, como quando J. B. Rousseau escreveu :

L'humide empire où Vénus prit naissance.

E nem se diga que do dorso do mar era d'água que forçosamente devia sobresaír a montanha, visto como podia ser uma ilha—*A' gros bouillons*, em grandes borbulhões, também dá outra idéa ; de forma que nem avalio onde possa aqui imaginar-se pleonasmos, ou como tão elevada e poética linguagem possa invocar-se para justificação de *As ondas se agitam em fluctuação*.
 HA PLEONASMOS e PLEONASNOS.

E UM CHARLATÃO DE TAL JAEZ METTIDO A CRÍTICO!
(Phrase de V. dirigida a Cincinnato, a qual nem por
isso, como V. esperava, lhe fez crear sangue de bugio.)

§ 4 *Atomo invólto nas dobras do infinito.*

Hesitei ante esta quinta essencia das imagens, e agora transcrevo a sargentona análise do Sr. V. « Diz Senio : — « *No seio das ondas, o nauta sente-se isolado; e dtomo invólto em uma dobra do infinito.* » Imagem sublime ! de um traço desenha-se o painel do homem infinitamente pequeno, perdido na immensidade da solidão infinitamente grande, na qual basta uma vaga, uma fraga, um destrôço de navio, emfim, para escondê-lo. Não se póde exprimir tanto, nem com maior energia, nem menos palavras.»

Depois de assim posta a história em trocos miudos, seguem-se as generosas descomposturas. *Argumento* é só isto : um *idem per idem*, uma explicação que nada explica, uma demonstração de que não comprehendeu a censura, ou buscou uma tangente para evital-a.

A minha questão era com as *dobras do infinito*, e sou realmente culpado da minha ignorancia, visto como já outro que tal sacerdote do Ideal me havia explicado a gerigonça nas *Odes modernas* :

« Diz a eterna missa da harmonia
« o que veste a *estola do infinito*,
« para deitar a grande bençãam—Vida! »

Se o querem mais claro, deem-lhe água. Syllogismo evidente : 1º. Todo o infinito é uma estola : 2º. Toda a estola tem dobras : 3º. Ergo, ha dobras do infinito; e se acertam em apanhar na prega um átomo qualquer, cai na ratoeira e fica esborrachado.

Que imagem esta, sancto Deus! *Infinito* é o espaço que se vai sempre estendendo, sem óbices nem limites existentes, nem possiveis ; e o que fôsse susceptivel de dobrar-se, cessaria de ser infinito : podêmos, sim, annexar tambem a idéa do infinito ao tempo, á extensão, ao número, mas não ha uma só variante do substantivo, que se coadune com a idéa de ruga, de termo.

Se alguma cousa ha mais ridícula do que a imagem, é a explicação do Sr. V. Diz-nos que, collocado um objecto entre um nauta e... (e não sei què : falta o outro termo) fica escondido e invólto n'uma dobra do

infinito ! ha mais : essa cousa, dentro da qual o átomo se embrulha, no meio do mar, pode ser uma vaga ou uma fraga ! que espécie de *fragas* serão estas que o nosso fragalhoteiro descreve *no seio das ondas* ? Elle saberá o que é fraga ?

« E UM CHARLATÃO DE TAL JAEZ METTIDO A CRÍTICO ! »
(Phrase de V., dirigida a Cincinnato).

E nada mais accrescenta o Sr. V., senão uma imagem extrahida do *Eurico*, a qual tem tanta paridade com a de que se tracta, como um espêto com um requeijão, e que passo a pés junctos, por nada vir ao caso.

— —

Agora, algumas palavras mais, sem applicação, como simples generalidade, e em que só repetirei o já dicto pelos reguladores do gôsto.

Nada, na arte de escrever, demanda mais cautela do que o uso dos tropos, figuras e imagens. Os mais sublimes e pathéticos passos dos mais admirados auctores, em prosa e verso, acham-se expressos no estylo mais simples e sem figuras. Póde, por outro lado, abundar uma composição em ornamentos estudados, em linguagem artificiosa, esplendida, figuradissima, e ser no todo affectada e glacial. Quem não falar ao espirito e ao coração, por mais gymnásticas de estylo a que se abalance, se este fôr ostentoso, esquisito, presumçoso, impróprio ou obscuro, poderá lançar poeira aos olhos do vulgo, mas nunca aprazer a juizo dos competentes.

As imagens e figuras accitaveis hão de adaptar-se naturalmente ao objecto : suggere-as a imaginação, quando altamente excitada, produzindo metáphoras e comparações ; suggere-as a paixão, quando o peito se commove, gerando então prosopopeias e apóstrophes. Está perdido quem deixa o curso do pensamento para se ir à caça das figuras ; não apanha leões nem veados, mas sombras impalpaveis e ridiculas.—Erra quem pensa que ornamentos de estylo se cosem a composição como a gola á casaca. Eis como o Visconde de Seabra verte um trecho da *Epistola aos Pisões* :

A comêços magníficos mil vezes
se alinhavam de púrpuras remendos,
que ao longe brilham, como quando os meandros
da água que gira pelo ameno prado,

de Cynthia o bosque, as venerandas aras,
o Rheno, ou o arco pluvial, se pinta....
mas era do logar impróprio o quadro.

Os ornamentos verdadeiros não são arrebiques, ou esforços de imaginação infôrma; devem correr no mesmo álveo por onde se desliza o pensamento. Hade-se falar como se sente, e não pedir emprestado o effeito. Quando *invita*, a *Minerva* vingá-se.

— — —

E por sobremêsa, para gratificar o teo paladar delicado, lê agora comigo este final do cap. 3 do liv. IX de Quintiliano: « Auctores, que até os argumentos dão por figuras, é fugir d'elles. Estas, mesmo quando verdadeiras, se adornam o estylo, postas a propósito, tornam-se mais que ineptas, empregadas sem moderação. Taes ha que se julgam summos artifices, porque, sem curarem da essencia das cousas, nem da solidez dos pensamentos, amontoam palavras sem sentido, e ridiculamente se empenham em procurar gesto onde não ha corpo. Até no uso das cousas legítimas, é mister cautela: a expressãõ do rosto, o vibrar dos olhos, muito ajudam ao orador; mas se o vires contorcer esquisitamente a bôcca, e trazer testa e olhos em movimento desesperado, deitas ás gargalhadas. A oração tem tambem a sua face natural; nem immobillidade cadavérica, nem o movediço da carêta. Nimio cuidado no palavrório gera desconfiança; e sempre que se ostenta artificio, tudo parece mentira. »

— — —

Caro Semprônio meo, tu hasde reconhecer sem dúvida que não é possível ser mais brando, mais docil, mais submisso do que eu o sou para com Senio. Desde o principio d'este dize-tu direi eu, que o tracto com as fórmas mais blandisonas e mellifluas, e não alcanço hada; quanto mais molle acha, mais carrega. Tomára eu que tu me ensinasses o modo de o amansar; eu bem procuro fazer-lhe a vontade, e estou até prompto para proclamar que Deus, que se não cançou em fazer o mundo em uns poucos de dias, levou depois muitas semanas para *invental-o* a elle, e ficou estafado; mas nada: pelo que collijo das *Palestras*, dictadas pelo Senio, e editadas pelo companheiro, o irado Jove To-

nitruante não larga da dextra o trisulco. Estou bem servido!

Ora escuta aqui uma história :

Havia na Bahia um homem, chamado o Sr. Gabriel, muito mal encarado, cujas delicias eram bater na pobre mulher. Dous annos supportou a infeliz a sua cruz, levando quotidianamente bôa conta de pauladas á tôa.

«—Ah! tu deixaste-me esfriar o jantar. .. Toma lá.

«—Não deixei, menino, que está bem quente.

«—Ah! tu respingas! toma lá.

E assim aproveitava todas as razões para repetir a antiphona. Deu-lhe uma amiga um conselho : « Diga teo marido o que dicer, não contraries. Mande o que mandar, faze logo. Assim lhe tirarás os pretextos. »

Chega o Sr. Gabriel :

«—Maria, descalça-me as botas!

«—Prompta.

«—Maria, está aquella janella aberta para intrar o sol ? (Era noite).

«—Eu vou fechal-a.

«—Maria, dá cá aquelle chicote.

«—Elle aqui está.

«—Maria, está muito calor; vae fazer-me a cama no quintal!

Foi a mulher, e fez o que se lhe mandava. Deitou-se o bom do homem, e, passado um instante, levantou-se a bater-lhe.

«—Que tens tu, meo maridinho ?

«—Ainda m'ò perguntas, cachorra? Foste-me pôr a cama logo por baixo da estrada de Santiago : se por lá tropeça um macho e cai, vem-me logo cair no toutiço.

Assim parece accontecer comigo. Se eu não estivesse certo do meo sexo, julgar-me-hia mudado em D. Maria; todavia, para teo socêgo, asseguro-te que tens sempre em mim

O teo velho e cordial amigo

CINCINNATO.



Noticiário

COLONISAÇÃO.—Projecta-se em Inglaterra a remessa de emigrantes uteis para o Brazil, em número e bases taes que assegurem o desinvolvimento do paiz e facilitem as negociações no Império. O plano já apresentado ao governo, por intermédio do sr. Consul brasileiro em Londres, explica detida e largamente o projecto, no qual se propõe, entre outras cousas, que as reservas de terras ferteis e desoccupadas nas provincias do Sul, entre 22 e 30 grãos S., e contiguas a algum pôsto estabelecido ou por estabelecer, sejam vendidas; que o govêrno sancione a aquisição, sob sua garantia, pelos seus agentes financeiros em Londres, de um capital não superior a 600:000 lib., capital que será reembolsado em um praso fixado até 30 annos, a comptar da data em que aquellas terras se reservem para a venda, ficando os capitaes obtidos em podêr dos mesmos agentes do govêrno imperial; que aquelle capital se applique, 400:000 lib. ao pagamento das passagens adeantadas em dinheiro e seguros de vida de cada chefe de familia até 10:000 emigrantes annuaes e as restantes 200:000 lib. na abertura de estradas e mais obras públicas, para adeantamentos ás municipalidades, mediante prestações não excedentes a 100:000 lib. a cada uma. E finalmente que os terrenos, urbanos ou ruraes, que fôrem comprados, o serão, metade pelo govêrno brasileiro e a outra metade pela respectiva municipalidade, uma vez que as terras pertencentes a cada municipalidade offereçam segurança ao reembolso dos adeantamentos referidos, para a criação das citadas obras públicas.

(O BRAZIL, *jornal de Lisboa* (*)

(*) Nesta côrte, são correspondentes d'esta folha os Srs. E. e H. Laemmert, em cuja casa se tomam assignaturas por anno a 15\$000, por semestre 8\$000; e se recebem annuncios, para serem publicados no *Brazil* a 60 rs. por linha; tudo dinheiro do Império. (Em Lisboa: *Redacção*, Antonio Maria de Castilho; *Administração*, Pedro A. de Almeida.)

QUESTÕES DO DIA

N. 20 *

RIO DE JANEIRO 10 DE NOVEMBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs E. & H. Laemmert.—Praça da Constituição.
Loja do canto.—Livraria Academica, Rua de S. Jose n. 119— Largo do
Paço n. C.— Rua de Gonçalves Dias n. 79. — Preço 200 reis.

CARTA 4ª.

CINCINNATO A SEMPRONIO.

Meo illustre critico .

Recebo a tua carta, interessante como quanto sai da tua penna. N'ella me dás a noticia de que applicarás mais algumas horas vagas ao exame das producções litterárias de Senio, com o que sem dúvida teremos todos muito que aprender.

Com a tua carta, recebo a de um nosso distincto amigo commum que, referindo-se tambem a certo escriptor (queia seja, não vem ao caso) se exprime d'est'arte : « Folgo com um tão completo desbarato da fôfice, da pedantaria, do orgulho petulante, e das bullas falsas..... Com effeito sempre lhe achei areas excentricos, fórmias hybridas, contornos monstruosos, planos disformes, lavor irregularissimo, míngua de gôsto e senso artistico, ambição impotente de effeitos ridiculos. Depois, vindo a vez do politico, manifestou-se-me elle um ambicioso vulgar, um acabado especulador, que armava tão somente ao próprio interêsse, e que se desmascarou, no dia da prova & & »

Mas emfim, isto nada tem com a matéria que tractâmos, e portanto continuemos com a análise das *Palestras* ; e preciso, antes de tudo, pôr bem claro um poncto. Saem estas palestras de debaixo do telhado de Senio ; assume a paternidade d'ellas um senhor homem que se senta á mesma carteira que o primoroso escriptor ; esta, e outras circumstancias me convencem de que, embora o estylo seja exclusivo e característico do dito senhor homem, as partes da oração são-lhe ministradas pelo companheiro Senio.. E' consequente-

mente com este, que eu me entretenho : se tivesse a persuasão de que o senhor homem era o auctor do que copia e aduba, passaria de largo respeitosa e silencioso o deixaria brilhar á vontade. Continúo, por que na lettra V. das *Palestras* não vejo mais que outra *anonymia Senial*. Prosigamos:

§ 5º *O crédito não deixado por mãos alheias.*

Tenho ante mim agora a 3ª. *Palestra*, da qual extraio os seguintes trechos :

— « *O Gaúcho* é uma das melhores creações da pátria
« litteratura! livro, que só de per si, e desacompanhado
« de qualquer outra prova, bastaria para dar um nome
« e dos melhores ! !

— « Dicemos e repetimos : José d' Alencar está tão
« altamente collocado que não póde incherger o pó que
« se levanta, no rojar do reptil.

— « O político severo (!), o jurisconsulto abalizado
« (!), o litterato mimoso (!), o character nobre (!)
« o filho que dá orgulho á pátria (!), o orador lau-
« reado por tantos triumphos (!), não póde decaír do
« pedestal a que foi elevado pela opinião pública, pela
« admiração dos doctos e sensatos, pelo preito e home-
« nagem de seus émulos no talento e na illustração....
« Columna de mérito, em cuja cripta desponta sobran-
« ceiro aquelle vulto »

E vai continuando por este modesto teor.

Pelo que toca aos adjectivos (severo, abalizado, mimoso, nobre, orgulhoso, laureado, e pedestalizado), eu faço chôro, e ainda acho pouco.

Quanto ao preito e homenagem dos doctos e sensatos, tambem é muito bem proposto. Venham todos os escriptores, jurisconsultos, políticos, oradores, e litteratos d'esta terra, ajoelhar ante o seo capitão-mór, o alto e poderoso D. Senio. Preito e homenagem só se presta a soberanos ; e é bom, em vésperas d'esta solemnidade, repetir como estas cousas se fazem. No auto de juramento *Preito e homenagem* que os Tres Estados fizeram ao Infante D. Pedro & (impresso em Lisboa, no anno de 1669) se iadica o cerimoniaal. D. Vasco Luiz da Gama, marquez de Nisa, foi a primeira pessoa que jurou : chegando ao logar marcado, ajoelhou, e posta a mão direita sobre a cruz e missal, dice todas as palavras do dicto juramento, preito, e homenagem ; e, acabando de jurar, meteu as mãos entre as de S. Alteza, e logo lhe beijou a mão &, e o mesmo fizeram os

mais. O vassallo dizia ao seo príncipe : *Devenio homo vester &* Fique pois assentado em irmos todos, clero, nobreza e povo, dar homenagem e preito ao rei da intelligencia; juremos que o seo sceptro è indisputavel; brade-lhe cada brazileiro sensato e docto: *Devento homo vester.*

O ficado Senador Theóphilo Ottoni narrava com summa graça numerosas particularidades dos usos e costumes dos selvagens do Mucury. Lembro-me bem de lhe ouvir esta história; — « Para um Botecudo, toda a sua idea de superioridade e prioridade funde-se no vocábulo : *Capitão*. A mim chamam-me *Capitão Pogirum*, que quer dizer : Homem de posição elevada e de mãos brancas. A um francez, do Mucury, chamavam *Capitão Ouioui*, por que era de raça branca, e repetia frequentemente a palavra *oui*; e assim os mais. O curioso porem é que o termo applica-se não menos a cousas inanimadas ou não humanas; por exemplo : de um renque d'árvores, a primeira é a *arvore-capitão*; no delta forinado por aves de emigração, a primeira é o *pássaro-capitão*; de uma vara de cochinos o que vai adiante é o *porco-capitão* »

Sempre me lembra o Senador Ottoni, quando ouço d'estas; e, longe de contrariar a asserção, concordo em que Senio é o orador capitão, o advogado capitão, o politico-capitão, o litterato capitão, o Gauchista capitão, o juriconsulto capitão, o laureado capitão, o filho que dá orgulho capitão, o character capitão, finalmente o centurião, o capitãozarrão, o capitão general dos capitães. Que mais querem? Prestemos-lhe todos este *preito e homenagem*.

Mas, agora com o que eu desadoro, é com o logar onde o preclaro V. pertende collocar o meo heroe: « *Columna de mérito, em cuja CRYPTA desponta sobriamente* » segue-se logo:

« *E' irrisório!* » E eu não sei se isto se refere ao próprio pensamento ou á imagem, pois irrisório é realmente tudo isto. Já é bello o *despontar sobranceiro*, mas na *crypta!* Onde será esta senhora?

A palavra vem de um verbo grego, que significa *esconder*; dar-se-ha caso que V. estivesse fazendo um epigramma a Senio, dizendo-lhe que o seo vulto só póde despontar onde esteja escondido? Aqui me diz o amigo Tício que naturalmente V. ouviu cantar o gallo, e confundiu *crypta* com *plintho*, que, na ordem tos-

cana, é a parte superior do capitel, por o seo capitel não ter cimácio, como na jónica.

Glória, pois, ao novo grão Vitruvius, ou antes glória a ambos: ao architecto da *columna do mérito*, e ao vulto que já se pôz na *crypta d'ella*.

§ 6º. *O Creador inventou as rijezas cadavéricas da natureza (que são o rochedo).*

Não sou relógio de repetição, e por isso me refiro ás minhas anteriores observações sôbre o que n'esta phrase me parece incerrar dous absurdos. Descarnemos, dos insultos adversos, cousa que aspire a foros de argumento:

« *Inventou o Creador é de incontestavel belleza... Edificar, fabricar, etc., são attributos de Deus, que fez o mundo, e tudo o que n'elle se contém, com uma palavra. Na phrase inventou o Creador vejo uma soberba antithese! O Creador, ao tirar do nada quanto existe, inventou, isto é, destinou, ordenou as rijezas cadavéricas para a fúria dos elementos.*

« *As sagradas escripturas descrevem a maneira como Deus ordenou o mundo, alteou as montanhas e estendeu as planicies.* »

E nada mais. Que triste defeza! Pois quem contestou a omnipotencia do Creador? Seria acaso eu, que consagrei meia página a exaltal-a? Do que me eu queixo, é exactamente do contrario, isto é, de que Senio rebaixasse a majestade suprema, nivelando-a com os cançados esforços da intelligencia humana. Grande temeridade é querer definir a Deus, mas vergonhosa profanação é applicar á essencia divina os attributos da natureza humana, e n'este caso está a *invenção*.

Reflectem os competentes, que dizem alguns ser Deus uma primeira mente, primeiro intendimento, primeira substancia, primeira causa, primeiro ser; mas Deus não é mente, não é intendimento, não é substancia, não é causa, não é ser; é sôbre-mente, sôbre-intendimento, sôbre-substancia, sôbre-causa, sôbre-ser; superior ao ser, anterior á causa, ulterior ao intendimento, alem de substancia, e mais que ser; mente de toda a mente, intendimento de todo o intendimento, substancia de toda a substancia, causa de toda a causa, ser de todo o ser.

Deus, na phrase de Lactancio, *mundum è nihilo fecit*, do nada fez o universo. Tolera a linguagem, applicada

a essa estupenda obra, as palavras creou, fez, edificou, ordenou, regulou, fabricou, architectou, construiu, formou, e outras, aliás deficientíscimas todas para representarem o que nem conceber póde o verbo humano; mas ao menos todos esses vecábulos dão variantes da idéa da - criação sem esforço intellectual. Nunca jamais escriptor, que soubesse os segredos de qualquer idioma, diria que Deus *inventára rochedos*; já que V. se proclama tão lido, e alardeia a sua citação de auctores, procure n'elles se algum ousou jamais applicar o verbo *inventar* ao *fiat* da criação. Não achará por certo.

« E UM CHARLATÃO DE TAL JAEZ, METTIDO A CRÍTICO. »
(Phrase que, por ordem de V., cá me applico a mim mesmo).

— Repelli eu a locução *rijeza cadavérica*, como definição do *rochedo*. Pondo de parte parte dos improperios, eis-aqui como V. defende isto:

— « Cá o plantador de batatas críticas não compre-
« hendeu que, para exprimir as *rijezas* graníticas se
« usava da expressão *cadavérica*. »

Cita a phrase do Eurico: « Era horribilissimo ver convertido em cadaver, de todo immovel e mudo, o Oceano. »

(Que infeliz argumentador! No *Eurico*, temos o Oceano, naturalmente animado e vivo, immovel e mudo; a comparação, pois, com o cadaver, é no tocante á immobibilidade e mudez; imagem nobre e verdadeira.

No *Gaúcho*, confessa o próprio V. que o cadaver é impetrado para symbolizar a *rijeza* granítica! isto é, em vez de alludir ao movimento e á acção, refere-se á substancia da matéria; e para exaltar a *rijeza* do mármore, que é sempre durissimo, compara-o com a carne, que no próprio cadaver, posta em paralelo com um rochedo granítico, é sempre flaccida e molle.

« E UM CHARLATÃO DE TAL JAEZ METTIDO A CRÍTICO! » Cá me vou disciplinando com estas disciplinas que o bom do Senio tem a caridade de administrar-me, por intermédio do Sr. V. E a propósito: nunca eu tinha comprehendido a razão de se denominarem disciplinas, tanto as artes liberaes e sciencias como certos bacalhãos com que os disciplinantes até nas procissões costumavam açoutar-se. Agora, sim senhor, já intendo. Por

não avaliar a omnisciencia do Sr. Capitão Mór em todas as disciplinas, aquellas enérgicas phrases são as disciplinas com que elle flagella o

Teo obediente creado

CINCINNATO.

Monumento a Bocage.

De uma carta fidedigna recém-recebida de Lisboa copiámos o seguinte, que deve interessar a muitas pessoas n'este paiz, visto ter sido aqui iniciado o projecto, que se está tractando de levar proximiamente ao cabo. Eis-aqui :

— « Tem sido, em todos os pontos, seguidas, tanto n'esta cidade, como em Setubal, as recommendações dos Srs. conselheiro J. F. de Castilho, e Barão de S. Clemente, Presidente e Vice-Presidente da Commissão Central do monumento no Rio de Janeiro, incumbidos pela mesma commissão de dirigir a conclusão dos trabalhos.

Foram egualmente recebidos os convites d'aquelles senhores aos vários cavalheiros que designaram nas duas cidades para constituirem commissões especiaes. A de Lisboa, presidida pelos Srs. Marquez d' Avila e Bolama, e Visconde de Castilho, vai reunir-se para deliberar, de accôrdo com as instrucções recebidas, sendo o local das suas sessões na Academia Real das Sciencias.

O desenho do monumento está muito exacto, tal qual o deu o jornal illustrado d'essa côrte *Vida Fluminense*, só com a differença de que no logar indicado com armas reaes, estão lyras.

A estátua, que muito honra o esculptor Reis, está prompta, como tudo mais. Gravaram-se nas quatro frentes do pedestal os seguintes quartetos, do proprio Bocage :

1º. Frente

De Elmano eis sôbre o mármore sagrado
a lyra, em que chorava ou ria amôres...
Ser d'elles, ser das musas, foi seo fado.
Honrem-lhe a lyra vates e amadores !

2º. Lado esquerdo da estátua.

Doou-me Phebo aos séculos vindouros.
Deponho a flôr da vida, e guardo o fructo.

Pagando á vil matéria um vão tributo,
retenho a posse d' immortaes thesouros.

3º. *Costas.*

Este, com quem se ufana a pedra erguida.
ah! se incantou com sonoras côres...
já Bocage não é! não sois, amores!
Chorae-lhe a morte, e celebrae-lhe a vida!

4º. *Lado direito da estdtua.*

Um Nume, só terrivel ao tyranno,
não á triste mortal fragilidade,
eis o Deus, que consola a humanidade,
eis o Deus da razão, o Deus de Elmano.

No dia 9 do corrente (octubro) foram a Setubal, o Sr. Salles, domno da officina onde foi feito o monumento, e o Sr. A. Torquato Azedo e Silva, para esse fim commissionedo.

Apenas chegaram, passaram immediatamente a examinar com attenção qual a praça que melhor se prestava ao intuito. Acharam que a praça, já denominada de Bocage, era grande e assaz desigual no seo todo; mas que a parte que propriamente se pode chamar praça era a mais adequada, e tal qual podesse desejar-se, se de novo houvesse de ser feita. Não tem casebres, ou prédios em máo estado, senão um, que pertence a um cavalheiro opulento, o qual acaba de construir um palacete na rua que deita frente para a praia, e parece ter promettido erguer agora n'aquelle chão um edificio digno da elegante praça

Ha duas grandes construcções que a affrontam, e que naturalmente um dia desaparecerão; entretanto ficam um pouco distantes, e não no recinto da praça: são uma igreja e o Paço da Camara; ambos estes edificios sobresaem do alinhamento dos prédios; mas ficam em tal distancia que nada tem com a praça propriamente dicta. Ha tambem um chafariz defronte do Paço da Camara; fica no meio da rua, mas tambem em distancia, que não prejudica o effeito. E' egualmente n'aquelle largo o mercado da fructa, mas mui afastado do recinto da praça de Bocage, a qual verdadeiramente fica isolada, e é de tamanho tal que se proporciona perfeitamente com o tamanho da memória.

A Camara reuniu-se logo, e ambos aquelles senhores se lhe appresentaram. Entregue a carta que levavam do

Sr. Visconde de Castilho (impossibilitado de ir pessoalmente) ao Presidente da Camara, Sr. Dr. Manitto, que a recebeu em pé, leu-a, e dice que o Sr. Conselheiro J. F. de Castilho, quando alli fôra, mostrara preferir a praça de Bocage para a erecção do monumento, mas que perguntava se levavam ordem de escolher outra. Sendo-lhe respondido que não, « Nesse caso (dice o venerando Presidente) a Camara Municipal decidiu que fôsse posta a praça á disposição da Commissão Central no Rio de Janeiro. Podem começar a obra quando quizerem; e eu, por deliberação da Camara, estou auctorizado para declarar que ella está prompta para cooperar, da melhor vontade, com aquillo que podér, para a realisação do pensamento da Commissão no Brazil. »

Responderam-lhe que a Commissão no Brazil pedia licença para não receber auxilio algum pecuniário, ou de outra qualquer natureza, com relação a tudo que diz respeito ao monumento; e só pedia que a Camara fizesse quanto pudesse para que a inauguração se verificasse com a grandeza devida ao vulto a quem se honrava. Foi respondido que a Camara se empenharia n'isso, quanto coubesse em seos meios e faculdades.

Immediatamente se começaram os trabalhos, porque, nas instrucções do Brazil, se havia pedido que a inauguração se realizasse no dia 21 de dezembro, sexagesimo sexto anniversário do passamento do poeta; mas uma circumstancia, que era desconhecida, torna problemática a fixação do dia. Com effeito, adquiriu-se certeza de que, a uns cinco palmos abaixo do chão, se encontra água, não só alli, mas ainda muito mais distante do mar, na mesma direcção; sendo indispensavel possante estacaria para solidificar o terreno, de modo que possa agüentar o grande peso, como aliás tem sido obrigados a praticar, com assaz avultada despesa. diversos proprietários que n'aquellas mediações têm mandado edificar.

Ficava-se egualmente aformoseando a praça, para o que os moradores concorriam jubilosamente. Em Lisboa se preparava uma elegante gradaria, para rodear o monumento. A alguma distancia vão ser collocados quatro renques parallelogrammaticos de árvores, alternadas com bancos de ferro. Por fóra d'estes bancos e árvores, segue, tambem em parallelogramma, uma bonita calçada, de pedra miúda, da qual sobressaem seis collossaes lampeões.

! Tudo estará acabado para o dia 21 de dezembro, caso o permitta, como dicto fica, a abertura e o preparo, a que se procede, dos alicerces. »

CONTO.

O GRÃO SENHOR DAS LETTRAS

Um dia certo pedante
da turba dos *pmadistas*
lembrou-se de assentar praça
no bando dos romancistas.

D' entre todos os assumptos
nenhum lhe quadrou melhor
que as *delicias* dos *selvagens*
sob o império do amor.

E elle, então todo inlevado
no seo próprio ajuizar,
introu logo em movimento,
e poz-se a penna a aparar.

Nã sublime operação
empregou mais de hora e meia :
era tempo de invernada ,
e a noite de lua cheia.

Por acaso, juncto á mesa
onde se poz a escrever,
veiu miar-lhe um gatinho
magrinho, quasi a morrer.

E o escriptor emproado,
intrando em meditação,
tomou isto por preságio
de futura elevação.

De chofre exclamou suberbo,
trovejando em tom severo :

« Sê tu minha musa, oh! gato!

« iuvocar a ti só quero :

« Que importa que sejas *macho*,

« e as musas *mulheres* sejam ?

« eu creio que, ao teo influxo.

.. mais alto os *cysnes* adejam.

« Vem tu, pois, abre-me os cofres

« da suprema inspiração !

« faze que o meo génio exceda

« toda a humana geração !

« Escreverei prosa e verso,
 « como ninguém tenha escripto ;
 « vou no *drama* e no *romance*
 « ter valor mais que infinito .
 « Hei de mostrar aos que julgam
 « valer, um pouquito o Horácio,
 « quão longe estava do *bello*
 « aquelle génio do Lácio :
 « E se ha hi quem louca fama
 « proclame grãos sabedores,
 « hade fazer de seos louros
 « holocausto a meos furores. »

Segue-se ligeira pausa,
 e depois inthusiasmado,
 eis sólta esplendidos vãos
 ao seo estro sublimado

Leu, tresleu, roeu as unhas,
 borrou papel a valer,
 e um formosíssimo drama
 veiu então a apparecer.

O *rapaz*, que da *pomada*
 faz um commérçio perenne,
 pôde erguer nos seos escriptos
 um monumento solemne.

Desde a hora em que lhe approveu
 vagar das lettras no espaço,
 Desbancou Virgílio, Homero,
 Lucano, Camões e Tasso.

Como *poeta* e *estylista*,
 nenhum lhe ganha vantagem :
 todos a flux, cabisbaixos,
 lhe prestam *preito* e *homenagem*.

E' *fecundo* dramaturgo,
 é *raro* folhetinista,
 historiador *sem segundo*,
delicado romancista.

Qual *eschola* ou *meia eschola* !
 fórma *eschola* por si só :
 todas as mais são *superfluas*,
ninharias, fumo, pó.

O que mais alto distingue
 o seu mérito immortal,
 é o *pendor* que o impelle
 á cultura da MORAL.

Passa por ser um dos homens

mais lidos n'essa cidade:
— Bom milagre do gatinho,
que fez tanta novidade !—

E' condão dos pomadistas,
que tudo deixam atraz:
Basta um gesto de arrogancia;
a prova está no rapaz.

Co'um escrópulo de *audácia*,
meia onça de *franqueza*,
quatro oitavas de *mystérios*,
e a cerviz *erguida e teza*;
com certo ar d'alta *importancia*,
de plebéa *fidalgua*,
e um *pince-nez* e umas *luvas*
e a phrase nímio *bravía*,
ahi surge um homem grande,
um litterato, um *poeta*,
embora na mente côncava
confunda a curva co'a recta.

Mas o mundo é assim mesmo:
os parvos são *sabichões* ;
os *sábios* são vis jarrê as,
que não valem *attenções*.

Ser *pomadista* !... Isto agora
é caso muito diverso:
só quem cultiva a *pomada*
é grande em prosa e no verso.

O exemplo é bem patente,
eil'o ahi no gráu maior:
quem póde negar a fama
das lettras ao *Grão-Senhor* ?!...

Exalçado á eternidade
pela *inspiração* de um gato ! !
quem jámais podera crêl-o ! ?
pois o conto é muito exacto.

Ouvi-o a certa velhinha,
que é das *fidalgas d'além*,
e que sabe muita cousa
que *faz mal* e que *faz bem*.

Asseguro que ella mesma
me contou toda essa história;
e eu muito crente nos contos,
conservei este em memória.

Transmittindo-o agora mesmo
á plena publicidade,

dou prova de que não zombo
dos direitos da verdade.

Pago um tributo á *pomada*,
saúdando o *mór pomadista*,
o *poeta*, *auctor de dramas*,
historiador, *romancista*.

Deus lhe dê annos de vida,
para ser ainda *maior*.
Eu só lhe peço uma graça.
—*Não desprese o meo amor*.

Archiloco.

— —

Epigrammas

«—Já leste, Juca, a *Iracêma* ? »

«—Vale a pena ? »

«—E' obra prima... »

«—Algum romance ? »

«-- E' um poema,
lido... de baixo p'ra cima. »

— —

«—Li tres vezes o *Gaúcho*.

Achei-o tres vezes chôcho. »

«—Pois eu li-o uma só vez,
e achei-o tres vezes tres. »

— —

Da tal *Pata da Gazella*

eis o inrêdo verdadeiro.

Cautela, leitor, cautela !

Quando a li, perdi meo tempo ;

quando a comprei, meo dinheiro.

Themístocles.

FIM.

INDICE

das matérias contidas n'este volume.

(N. B. As 4 primeiras cartas de Cincinnato constituem o v. 1. O que vai apontado em cifra romana indica o número, que se estende de 1 a XX. O que vai em cifra arábica indica a página do respectivo número.)

CARTAS DE CINCINNATO A FABRII

1ª.—Poder pessoal.	I	3
2ª.—Idem. Linguagem de um parlamentar	I	29
2ª.—Análise de um discurso. O projecto sobre o elemento servil A escravidão. As iras. Se o projecto baixou do alto	I	51
4ª.—Os estrangeiros	I	63
5ª.—Análise de um discurso de interpe- lção. As dentadas. A imprensa. A estrangeirophobia. As calúnias do interpellante.	II	3
6ª.—Defesa de Cincinnato contra as accu- sões da interpeação	III	6
7ª.—Elemento servil. As suppostas contra- dicções	IV	6
8ª.—Arguições infundadas. Plano de estor- var a lei. Dos oradores bilariantes.	V	4
9ª.—O projecto sobre elemento servil, no senado. As variadas providencias que a lei ainda demandará	VII	8
10ª.—A origem de certas opposições á lei. Benefícios que d'ella resultarão.	VIII	8
11ª.—Defesa de Cincinnato contra as accu- sões da interpeação.	XII	11
12ª.—O interpellante convencido de cata- vento e mercenário	XIII	12
13ª.—O Gaúcho. A 1ª Palestra do <i>Diário do Rio</i>	XVII	6
14ª.—Idem. A 2ª, e 3ª.	XVIII	1
15ª.—A Rússia, depois da emancipação dos servos. O Brazil, depois da lei de 28 de setembro	XIX	1

CARTAS DE CINCINNATO A SEMPRÓNIO (sobre o Gaúcho).

1ª.—	IX	7
2ª.—	XI	4
3ª.—O Gaúcho. As palestras do <i>Diário do Rio</i>	XIX	6
4ª.—Idem.	XX	1

CARTAS DE SEMPRONIO A UM AMIGO (*sobre o Gaúcho*)

1.º V 1—2.º VI 5—3.º VII 1—4.º VIII 1—5.º X 10
—6.º XII 6—7.º XIII 6—8.º XIV 6.

ARTIGO DE SOLON

Reforma Judiciária. III 1

ARTIGOS DE JUNIUS

Eis a tribu de Levi, do partido conservador IV 1

A questão do elemento servil. VI 1

A sessão de 1871. XII 1

Tendencias desorganisadoras. XIII 1

A politica especulativa. XIV 1

A república federativa. XVII 1

PROPOSTA DO SR DUQUE DE SALDANHA

Necessidade da associação cathólica. . . IX 15 X 2

DISCURSO DO SR. VISCONDE DE RIO BRANCO

Resposta á interpegação do Sr. Alencar . V 13

ARTIGOS SEM ASSIGNATURA

Vinte e quatro de setembro. D. Pedro I . IX 1

Tres de julho (poesia). IX 3

Abolição da escravidão. X 1

Sessão parlamentar de 1871. XI 1

Monumento a Bocage. Acta da sessão de

4 de junho de 1871 da commissão central XV 1

Idem idem. Artigo do Sr. Dr. Pedro Luiz
Pereira de Souza. XVI 1

Idem idem. Correspondencia entre o Sr. A.
F. de Castilho e a camara de Setubal. . XVI 4

Idem idem. Artigo da *Vida Fluminense*. . XVIII 11

Idem idem. D.º da *Gazeta de Setubal*. . XVIII 13

Idem idem. Noticiário de Lisboa. . . . XX 6

Infirmitades da lingua. XVIII 8

ARTIGOS DO JORNAL O « BRAZIL »

Introdução XIV 12

O Brazil litterário. XIV 15

Noticiário XIV 16 XIX 16

ARTIGO DO « JORNAL DO RECIFE »

Dous discursos do conselheiro J. de Alencar III 12 IV 14

ARTIGO DO JORNAL « LA NACION »

Notavel discurso do Sr. Paranhos . VIII 14

CONTOS, EPIGRAMMAS E MADRIGAES

De Quintiliano XI 15 XVII 16

De Themistocles XII 16 XVII 16 XX 12

De Zero, XI 15, 15, 15, 15, 16, 16, 16 XII 15, 15, 16, 16

Conto, por Archiloco XX 9

POESIA DE PITT E BLACKSTONE

As causas das causas VI 12

QUESTÕES DO DIA;

observações políticas e litterárias

escriptas por vários

E

coordenadas

POR

Lucio Quinto Cincinnato.

TOMO II

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA — IMPARCIAL —
146 A RUA SETE DE SETEMBRO 146 A

1871

Advertencia.



Várias pessoas collaboram n'esta publicação ; cada uma escolheu um pseudónimo. Tendo-se concordado em plena liberdade de redacção, cada signatário só é moralmente responsavel pelo que subscreve.

QUESTÕES DO DIA

N. 21

RIO DE JANEIRO 14 DE NOVEMBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs E. & H. Laemmert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua do General Camara.—Praça da Constituição, Loja do canto.—Livraria Academica, Rua de S. Jose n. 119—Largo do Paço n. C.—Rua de Gonçalves Dias n. 79.— Preço 200 reis.

A sinceridade das acções oposicionistas.-

As opposições, nos govêrnos de livre discussão, para serem uteis, cumpre que sejam verdadeiras ; e para isto devem, nos seus justos fins, inlaçar-se em máximas, em princípios de ordem elevada, tendo somente como ponto objectivo o público bem.

As opposições, como systema assentado unicamente com o empenho de derrubarem os homens do poder, sem escolha de armas, servindo-se de todas, boas e más, com tanto que obtenham o descrédito do govêrno, essas opposições aninham em si elementos destruidores dos princípios regulares da ordem e das conveniencias governativas: são opposições pautadas somente por ambições mal contidas, que podem, sim, destruir, á força de suas incessantes martelladas, o edificio constituido, se conseguirem transviar a opinião; mas, com certeza, nada conseguirão recompôr duravel no terreno político.

Odillon Barrot, e quantos, na mesma plana, hostilizaram nos últimos annos, excitando as paixões populares, o govêrno do sábio e veneravel Luiz Philippe, imputando-lhe erros, que não havia commettido, e revestindo de côres negras as menores faltas administrativas, sempre no tom de desconceito á monarchia de Julho, ficaram surpreendidos, quando viram baquear essa monarchia, que não queriam destruida, e, em seu logar, erguer-se a república, com todos os seus demagógicos furores, que deram depois em resultado o império.

Nas vistas do illustre Thiers, o grande orador, quando hostilizava o govêrno de Napoleão III, não

podia intrar o desinlace que se deu. Adversário systemático do império, orleanista reconhecido, elle, sem dúvida, visava a substituição da ordem de cousas existente por alguma outra; mas essa não era a república; era uma nova monarchia.

Sem o presentir (fazemos-lhe essa justiça) concorreu para as grandes calamidades, que caíram sobre sua infeliz pátria; desmoronou-se o império, mas não o substituiu o govêrno que desejava.

Ninguém, tanto como elle (porque nenhuma outro conseguira tão grande auctoridade na tribuna com importantes discursos, preparados com tanto esmero e talento), cavou a ruína do império: ninguém, tanto como elle, animou, affagou as illusões, os appetites guerreiros, e a incontinencia política do povo francez, sempre inquieto, sempre váric, sempre ávido de novidades, como bem havia apreciado Júlio Cesar nos seus commentários ha 19 séculos: mas intendêra erradamente o grande orador opposicionista, que sua voz só teria o alcance que lhe queria dar; que poderia moderar os impetos da nação, e guia!-os com o soccorro dos erros do império, até onde (fazemos-lhe tambem esta justiça) considerava exigil-o o bem do seo paiz, e a política da sua concepção.

Quando os homens importantes por suas posições e por seus talentos se excedem nos seus meios de opposição contra o govêrno, auctorizam, com o seo censuravel exemplo, outros excessos, que, em suas consciencias, não poderão approvar, mas contra os quaes não se animam a protestar abertamente. E acontece que, assim collocados em um plano inclinado, quasi sempre vão escorregando gradualmente para um terreno, que nunca poderá convir-lhes, e no qual, ou terão de sustentar posição falsa, ou de fazer grande esforço para voltarem a melhor caminho.

Foi o que aconteceu ao illustre Thiers. Se fôsse político tão eminente, ou menos apaixonado, como é notavel orador, teria sabido regular a sua opposição ás faltas graves do império, de modo que evitasse o plano inclinado, por onde, a seo pesar sem dúvida, se sentiu resvalar.

Em política as boas intenções não absolvem dos grandes erros: estes somente podem, mas apenas em parte, ser attenuados, ou resgatados por importantes serviços, como aquelles que procura prestar actual-

mente á França humilhada o eminente chefe do poder executivo.

Se a história dos passados tempos é sempre instructiva, mais proveitosas devem ser para os governos e para os povos as lições dos factos contemporâneos de paizes que marcham na frente da civilização do mundo.

A França, a orgulhosa, a poderosa, a gloriosa França dá-nos actualmente prova bem digna de estudo, com as tristes e espantosas peripécias porque tem passado n'estes ultimos tempos.

D'onde tem nascido essa lucta contínua d'aquelle nobre paiz, no redemoinho político ?

. Como o doente que não encontra no leito posição que o satisfaça, procura o melhor governo, mas nenhum o contenta; e hoje está mais distanciado de socêgo político, do que em qualquer outro período de sua existencia, visto como tudo alli actualmente é transitório. Nada aprendeu no passado: saberá agora aprender com a dolorosa lição presente ?

A tribuna e a imprensa, grandes pharões da civilização moderna, e, antes d'elles, e com elles, a philosophia que illustra, e guia o espirito humano, preparando os povos para as grandes conquistas moraes no passar das edades, fizeram da França, não ha dúvida, um grande paiz, nas lettras, nas artes, na riqueza, nas indústrias, na fôrça, e na glória.

Consagrado como verdadeiro este princípio, a França tem sido ao mesmo tempo, mais que algum outro paiz do mundo civilizado, victima dos excessos, das paixões, dos erros, e da fallácia arguciosa da tribuna, da imprensa, e da philosophia mendaz, que lhe cavaram a queda horrorosa no abysmo.

Princípios exaggerados ou falsos fizeram alli pullular escriptos de doutrinas perniciosas, influindo de modo deploravel sôbre o character das turbas menos instruidas, e o geral do povo.

E este mal, que é grande na França, tambem se tem inoculado, e vai fazendo sequella em outros paizes; vai-se tornando um perigo de todos os dias, nos povos do antigo continente.

A *communa*, que tão desastrosa se ostentou com esse desfacemento, que surpreendeu o mundo inteiro, altamente denuncia o relaxamento dos indispensaveis vinculos da sociedade humana.

A *Internacional*, sua sócia e irmã gémea, declarando guerra ao capital, ou querendo subordinal-o á bitola de uma insensata economia política, denuncia a ausencia de todo o bom senso nas numerosas classes operárias de diversos paizes europêos; porque sem o capital o trabalho não pode ser fundado; e se não ha capital que anime o trabalho, este não pôde existir; e, se não ha trabalho, o povo fenece na miséria.

A sociedade, em suas condições de ser, nos élos que a prendem em laços necessários, só pôde manter-se regular com essa harmonia que resulta da reunião das forças de cada um, e com a troca dos serviços e auxílios de todos entre si.

Os labores não podem ser eguaes, porque as aptidões differem, e umas são mais lucrativas do que outras! A actividade individual e a intelligencia não são egualadas pela natureza.

Uns nascem com propensão para o commercio; outros para as artes; outros para tal ou tal indústria.

Este têm queda para a poesia; aquelle para a pintura: uns para as sciencias e estudos superiores, e outros para a lavoura; e assim por deante.

Ora o que é certo é que todas as classes dependem umas das outras, as ricas como as pobres; e d'ahi essa harmonia que fortifica a todos, amparando-se, com os seus meios uns aos outros no interesse commum e geral.

A *communa* inspirou-se nas idéas perniciosas de escriptores sem consciencia, que empregaram e empregam o talento em especular sôbre os ânimos da multidão, que sonha venturas, accetando taes doutrinas.

São despreziveis especuladores, que merecem o anáthema da sociedade.

Mas não são somente os que assim tão baixa e perigosamente especulam com o povo os que devemos condemnar.

Os demolidores políticos, que se arvoram em defensores de princípios que ninguem ataca, e inventam, a seu bel prazer, factos que adulteram, ou os desfiguram, mentindo á consciencia do dever de bons cidadãos, são justamente merecedores da exprobração geral.

No nosso paiz, se não ha apóstolos do communismo, nem filiaos da *Internacional*, ha certos *regeneradores* da sociedade política brazileira, que estão de continuo

a insinar idéas contrárias á ordem politica existente, como *salvatério*, que trará ao paiz uma idade de ouro.

Em outra linha de combatentes, ha muitos que intendem despende bem toda a sua actividade intellectual, e fazer justa applicação do seo patriotismo, aticando o fogo sagrado da liberdade com uma opposição constante aos actos do govêrno, e mais ainda, se taes actos têm cunho conspícuo na ordem administrativa.

Ora das folhas opposicionistas o govêrno não pôde esperar louvores; mas entre o louvor de que prescinde e a censura baseada em falsa apreciação, ha grande distancia.

Esta politica de verdadeira personalidade podia bem ser substituida por outra mais elevada, e que justamente o paiz agradecería, occupando-se as fôlhas opposicionistas das muitas necessidades de ordem industrial e económica, e tambem de várias leis administrativas, no interêsse da boa governança do Estado.

A licção das desgraças estranhas, a experiencia dolorosa dos outros paizes não lhes insina o perigo das falsas idéas, e das ambições incontinentes?

Dar-se-ha caso que nunca se possa, ou se queira aprender nos males alheios?

Triste obcecação da raça humana!... muitas vezes nem a experiencia própria, por dolorosa que seja, serve de correctivo, e evita a repetição dos erros!...

Como amigo sincero da nossa pátria, sempre condemnaremos a politica regulada pelos interêsses moveis e egoistas das facções.

JUNIUS.

Carta 5ª

DE CINCINNATO A SEMPRÓNIO.

Rio, 9 de novembro de 1871.

Respeitavel Semprónio.

Tenho a stulta manha de muitas vezes discursar de alhos quando se tracta de bugalhos; e se me cai a talho de fouce uma leitura que me quadra, transcrevo logo, embora venha despropositada; e como d'isto já agora me não emendo, porque quem tôrto nasce, tarde ou nunca se indireita, lá vai uma das taes leituras, sem atilho nem vencilho.

Celebrava-se antigamente em algumas egrejas do Norte, por fins de dezembro, uma festa denominada *Libertas decembrica*, ou, mais communmente, do *Papa fatuorum*. No tempo dos officios divinos, saiam da cathedral os clérigos emmascarados, ou em trajos mulheris, ou vestidos de bôbos e chocarreiros, dançando e saltando e correndo, com grandes alaridos. Junctos no chôro, cantavam cantigas deshonestas, faziam dos altares mêsas, com grandes comesanas e galhofas, deitavam solas de chichellos nos thuribulos, e com fétido fumo incensavam as paredes, e com outras sacrilegas extravagancias, procediam á eleição do seo Pontifice, que tinha por título *O Papa dos fatuos*. Foi continuando este bárbaro escandalo, até que, em 1444, os theólogos da faculdade de París, com a circular que dirigiram aos prelados de França, e que depois foi dada á luz por João Savaro, extinguiram a festa do *Papa fatuorum*. Fizeram muito bem, e estou convencido de que nunca mais se restabelecerá o ridículo pro-topapado.

Emfim, deixemos os assombrosos costumes da idade média, tao outros dos actuaes, e continuemos a nossa prática litterária.

Uma folha d'esta capital, de aspirações adeantadissimas, dá ao orbe intellectual a fausta noticia de que ás suas columnas coube a glória de serem escolhidas para uma nova brilhatura romantica do Sr. José d'Alencar, o conservador. Hade chamar-se-lhe.. *O Til!* e justificar a qualificação, já dada ao seo auctor, de chefe da litteratura brazileira. Podes imaginar com que anciedade é esperado o novo parto da fecunda musa, para glória nacional, orgulho e desvanecimento da pátria (*sic*).

E para matar o tempo, que tao moroso se espreguiça até á chegada do apregoado Messias, vamos continuando a examinar, com profundo respeito, a elegante defesa que Senio publica, de si mesmo, pela voz do seo confrade V., nas *Palestras* do *Diario*. Segue-se a 4.^a :

§ 7.º *As citações erradas.*

A primeira cousa que me chama a attenção são as duas citações, portugueza e latina, por onde a vasta erudição do meo indómito contendor começa desde logo a patentear-se : *patuit dea!*

Já temos observado quão competente é Senio na... linguagem enérgica : ora as accumulações estão prohibidas, e um homem, por mais admiravel que nos pareça, não pôde ser omnisciente. As orelhas do portavoz de Senio, quaesquer que suas dimensões sejam, está visto que tem mal collocados os anfractos e emnências do seo helix e anthelix : são antípodas da harmonia métrica, e sou eu o primeiro que pugno pela coherencia do meo nobre adversário, ao menos n'este poncto: nunca emprega u ma citação, em idioma algum, que a não estropie radicalmente ; e tão feliz é na solução d'este problema, que, se Herodes tivesse sido egualmente severo em não poupar um só innocente, o menino Jesus não houvera escapado ao tetrarcha da Judéa! Ora eis-aqui citações feitas pelo bom do Senio n'estas *Palestras*. Em latim, diz elle :

Sicelidæ Musæ, paulo majora canamus.

Devia escrever :

Sicelides Musæ, paulo majora canamus (Virg. Egl. 4)

E até no macarrónico erra, pondo :

Nós quoque gens sumus, et cavalgare sabemus. (Palito)

E n'outro logar, trazido como Pilatos ao credo:

... *transversis tuentibus hircis,*

leia-se :

... *transversa tuentibus hircis* (Virg. Egl. 3)

Em francez erra os versos de Racine, dizendo :

*Cependant, sur le dos de la plaine humide,
s'élève à gross bouillons une montagne liquide,*

quando o que o harmonioso vate escreveu, foi (como já notei)

*Cependant, sur le dos de la plaine liquide
s'élève à gros bouillons une montagne humide.*

Mas que admira se as orelhas e o sentido, nem sequer em portuguez o ajudam ! E' assim que cita uma quadra, que é da 3.^a carta do Tolentino (ao cabelleireiro) assim :

Mil vezes travêssas musas
da obra o desviam ;
e, mostrando-lhe o tinctorio,
pós e banhas lhe escondiam,

quando no 4.^o verso a palavra é no singular, *banha*; e o 2.^o é :

da baixa obra o desviam

etc. etc. Nem assombra que imagine serem tudo

aquillo versos, quem desde a 1.^a Palestra se mostrou tão intelligente d'elles, que a terminou por estes dous, não de arte menor, mas de arte mínima :

*Cobre o rosto, Lusitânia !
Querem fazer de ti Lapónia !*

E não te ponhas tu agora a imaginar serem tudo isto innocentes incúrias typográficas, como vais ver. Tendo no *Jornal do Commercio*, do dia 19 de octubro, apparecido um artigo, cujo auctor te dou minha palavra que ainda hoje ignoro quem seja, e em que o Sr. V. é pôsto no seo logar, saiu-se este crítico, logo no dia seguinte, com uma *Palestra avulsa*, em resposta, onde se lê o seguinte :

« Ora pillula! e eu não ia tomando ao sério este sub-
« jeito que fala em estropear! vejam como citou o
« lindo verso de Camões ! Em vez de

« *Oh! tu que tens de humano o gesto e o peito*

« estropea-o d'esta forma :

« *Oh! tu que de humano só tens o gesto e o peito.*»

Perdeu portanto todo o direito de escudar-se com os typógraphos em suas citações, quem, *depois de ter commettido todos aquelles erros, sem os emendar, e nem sequer dar por isso, se appresenta inexoravel contra um erro análogo de terceiro (que talvez tivesse em vista fazer-lhe o epigramma de imital-o).* E' lei da natureza que eu padeça o mesmo que eu fiz padecer a outro; é o que os Rabbinos denominavam *Talião identico* ou *pythagórico*; ao pé da letra: é a applicação do Levítico : « *Quòd si quis intulerit corporis vitium proximo suo, quemadmodum fecit, sic fiat ei: fractura pro facturâ, oculus pro oculo, dens pro dente etc.* »

« E UM CHARLATÃO DE TAL JAEZ METIDO A CRÍTICO ! »
(Phrase não minha, mas com que este mesmo venerando Sr. V. devida e charidosamente se dignou flagellar-me).

§ 8.^o. *A ambula immensa tem só duas faces
convexas : o mar e o cèo.*

A's vezes hesito quasi na paternidade das Palestras : são ellas de Senio, ou de algum figadal inimigo seo ? Quando uma vez se teve a infelicidade de atirar ao papel phrases assim, o único arbitrio prudente é continuar no anterior systema : esmagar os censores com o silencio do mais soberano desprezo ; d'esse modo ha *certa coherencia* com uma phrase que ouvidos fidedig-

nos attribuem a Senio: « *Eu nunca leio o que se escreve, em mal, de mim.* » Ha nestas baforadas seo quê de pantafaçado, mas tambem de habilissimo. Agora sustentat polêmica sobre evidencias d'estas! trazer o *iterum Chrispinus* para uma causa perdida! fazer do sambenito galla! é manifestamente zombar do bom senso público. E com que vem Senio á praça? ouçamol-o, supprimindo sempre as phrases mais ascosas, mas conservando toda a possança da alta argumentação:

«—E' claro que o auctor observa esse orbe *do lado de fóra*; e comparando (o que?) com uma *immensa ambula*, imagina suas faces exteriormente, e portanto « convexas. »

Que defesa esta, sancto Deus! Ignorar o que seja convexidade póde denotar...isto ou aquillo, mas não está condemnado pelo Codigo Penal nem pela cartilha do Padre Ignacio. Agora o que dos Codigos Penaes passa para os Moraes são as circumstancias aggravantes que n'este caso se dão de—ter o delinquente reincidido em delicto da mesma natureza—ser impellido por motivo reprovado—dar-se a premeditação—haver procedido com fraude—ter precedido ajuste entre 2 individuos para o fim de commetter-se o crime.

Ora pois, como quem não póde, trapaceia, eis-aqui como, (ainda assim para se sair com tão melancolica apologia) Senio obrou: havia elle escripto no *Gaúcho* (p. 2):

—« No seio das ondas, o nauta sente-se isolado; é « átomo involto numa dobra do infinito. A ámbula « immensa tem só duas faces convexas, o mar e o céu »

De- envolve o aspecto do mar e do céu, vistos pelo nauta, com o intuito de appresentar a contraposição do chão e da atmospherá que em seguida pinta, vistos pelo viandante na savana.

Então quem observa o mar e o céu? é o auctor ou é o nauta?

E ha mais: Para se livrar do absurdo que se lhe patenteou, cai nesta coarctada, e agora em absurdo ainda maior. Colloca o observador-auctor *da parte de fóra* das duas faces convexas, isto é, para além do mar, para além do céu, para além do infinito! De lá esse divino lyuce entre o qual e o nosso mar se interpõe milhões de milhões de léguas e de astros, divisa distinctamente não só o nosso planeta, que nem em forma de nebulosa

lhe seria dado inxergar, e em vez de só lubrigar distinguiria nelle claramente a parte equórea, e reconheceria manifestamente a sua forma convexa! Habilidades! Mas o que maior habilidade seria ainda, é a segunda parte. Onde collocaria o auctor o seo observatório de alem-universo, para vir dar á humanidade a incrível noticia 1.º de que ha um logar fóra do infinito e das suas dobras, 2.º que o universo, visto d'esse logar, é convexo?

Eis os despropósitos a que nos levam emendas falsas, e que ainda assim ficam peiores que o soneto.

Deixemo-nos de novas tricas e alicantinas, geradoras de ainda mais estupendos disparates, é o nauta quem, no Gaúcho, vê as duas convexidades, as quaes constituem...uma perspectiva concava, outra horizontal!

Todavia parece, quanto a estas apparencias ópticas, que ha mares e mares, e agora scei que nas viagens, por ex. até Macahé, a vista é outra, pois me ensina o Sr. V. como a cousa é.

Pergunta em que dictionário pesquei o termo *horizontalidade*, e tenho a honra de responder-lhe que no dictionario das Necessidades e do senso commum. Quando a lingua me ensina que a parte interna de uma esphera ôca constitue uma *concavidade* e a externa uma *convexidade*, está-me auctorizando a chamar *horizontalidade* (por não se poder dar a idéa senão por longa periphase) a parte superior de uma linha que se cruza em angulo recto com a vertical. Venhamos porém ao que importa, que não é a minha vernaculidade, visto como todas as minhas pessoaes sabençaes entrego eu, semphiláucias, ao braço secular de Senio & C., soberanos senhores, dominadores e unicos introductores e beleguins de todosos neologismos passados, presentes e futuros. Diz V :

« Basta ter embarcado para se saber que se affigura « a quem está no mar achar-se dentro de uma esphera; « *porque* o horizonte visual não é como o horizonte « mathemático, perpendicular ao diâmetro da terra. »

Este *porque* é uma especie de *ergo* rosas, *porque* nunca tal consequencia poderia conter-se em semelhante princípio, mas ronca bem, e representa a fundura dos conhecimentos mathemáticos do *Dottore Enciclopedico chiamato signor Senio*. Mas peço ao nosso Newton se digne instruir-me sobre a sua curiosa definição, dissipando as dúvidas originadas da minha

inópia. O horizonte imaginário, que os astrónomos denominam *racional* ou *geocêntrico*, será acaso uma linha que se suppõe passar pelo centro da terra, dividindo a esphera em duas metades, mas parallela ao *horizonte astronómico*? e este horizonte não é o plano tangente ao logar onde o espectador se acha? Se todos os pontos do globo podem por tanto ser o elemento variabilissimo do cálculo do horizonte geocêntrico, como é que o preclaro professor do observatório do infinito não vê nesse horizonte senão perpétua perpendicular ao diâmetro da terra? e tambem se não fôra receio de infadar, quizera aprender se a tal linha é perpendicular ao diâmetro ou ao contrario perpendicular ao eixo da terra, pois me parece que dá para tudo.

Só resta por tanto, independentemente dos scientificos *porquês*, a certeza de que o ôlho de quem viaja até Macahé persuade o nauta de que sulca o centro de uma esphera, a qual se compõe, já se vê, de uma abóbada que vai para cima, denominada firmamento, e já se sabe, para symetria, de outra egual concavidade para baixo que profunda até ás profundas, ficando necessariamente o nauta em situação dolorosa e vertiginosa, com risco de dar um trambolhão por alli abaixo, mais perigoso que o que no S. Luiz deram uns meninos no *Mundo ds avessas*. Eu, como nunca viajei senão até Nictheroy, tinha tão ridículo ôlho que toda a água me parecia horizontal, e pôr-me-hia a rir de quem me quizesse persuadir de que se lhe afigurava estar collocado no centro de uma esphera. Mas quem sabe, sabe.

Completam-se as amabilidades com a explicação da *âmbula*. Diz V: « Confunde *âmbula* (vaso sagrado e de bocca estreita e sem gargalo) com um frasco, que chamaram tambem *âmbula* os antigos, pela similitude de bojo. Com que sonhas, porco? com a *bolota* etc. »

Eu, verdade seja, tenho enorme queda para os liquores espirituosos, e rara é a semana em que não vou dar com os ossos no xadrez da policia; mas isso não tira que o termo *âmbula* não signifique um vaso de vidro ou cristal, com maior ou menor bôcca ou gargalo; e o applicar-se o vocábulo ao receptáculo do santo chrisma ou do óleo com que os reis de França se ungiam etc. em nada lhe altera a significação.

passo na vida das reformas, é sempre o primeiro a deramar as águas do baptismo sobre a instituição, o princípio que ha de nascer para a nova vida social. Como consequencia d'esta verdade, toda a homenagem ao progresso da civilisação e da sciencia acham sempre n'elle o mais ardente partidário.

Por tudo isto brilham já para D. Pedro as horas formosas de alegria e satisfacção que muitos soberanos da Europa invejariam para si ao contemplar o enthusiasmo com que tem sido acolhido o sabio, modesto e virtuoso guarda da liberdade de um povo no mais amplo gôso de uma existencia próspera e tranquilla.

Se olharmos para o Mexico; se examinarmos como em quasi toda a América vai plantado o systema que Washington legou aos yankees; se lançarmos um lançar de olhos do Prata ao Pacifico, ha de o coração confranger-se-nos ao ver tanta discórdia íntima alterando de continuo a paz das famílias; e o homem observador, ao folhear a historia contemporânea da América, fixando toda a sua attenção nas páginas que tão ricos exemplos offerecem á humanidade, e ao referir-se ao Brasil, dirá espontaneamente : Eis o paiz mais feliz da terra : eis onde o imperio é paz, porque o chefe do estado é o primeiro cidadão da nação, pela religião do dever e da honra.
(*Brasil*, jornal de Lisboa).

NOTICIÁRIO.

PANTHEON MARANHENSE.—O exm. sr.dr. Antonio Henriques Leal, distincto maranhense e muito considerado na república das letras, vai publicar uma obra com o título d'esta noticia.

Constará esta obra de tres volumes em 8º. grande, contendo as biographias dos maranhenses fallecidos que honraram a provincia pelos seus escriptos, e pelos seus serviços á pátria, entre os quaes Odorico Mendes, Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, Lisboa, dr. Joaquim Gomes de Souza, barão do Pindaré, José Candido de Moraes e Silva (Pharol), brigadeiro Falcão, senador Franco de Sá, Trajano G. de Carvalho, Antonio Francisco de Sá etc.

Portugal que se ufana de ter em seo seio este distincto ornamento da litteratura, applaude já tambem a noticia e espera ancioso por este trabalho, que hade de certo ser digno do já tão respeitavel nome do sr. dr. Leal.
(*Idem*).

QUESTÕES DO DIA

N. 22

RIO DE JANEIRO 24 DE NOVEMBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs E. & H. Laemmert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua do General Camara.—Praça da Constituição, Loja do canto.—Livraria Academica, Rua de S. Jose n. 119—Largo do Paço n. C.—Rua de Gonçalves Dias n. 79.—Preço 200 reis.

A Republica e os Estudantes.

I

Quem *ouvir, sem maior reflexão*, os echos de certos órgãos da imprensa brasileira, accreditará que o herpe lento da corrupção, lavrando surdamente pelo organismo social, tem invenenado as fontes da vida a esta grande e poderosa nação; aniquilando n'ella todos os principios de ordem, todas as ideas do honesto, todas as aspirações de liberdade e justiça.

— « A ineptidão, a ignorancia e a immoralidade (brada um) incarnam-se hoje nos altos funcionarios do Estado, que são os depositários do poder e os directores da suprema administração. Nullidades, que nunca sonharam surgir da sombra, a que estavam condemnadas; espiritos mesquinhos e tacanhos, cujo horizonte intellectual é tão acanhado como o do campanário em que nasceram, sentam-se hoje nos conselhos da corôa. Incapazes de comprehender (quanto mais de desempenhar) a missão árdua e sublime de dirigir os destinos de um povo nobre e generoso, imprimindo-lhe a direcção que reclama o espirito do século, servem somente de rémoras animadas ao progresso e desinvolvimento d'esta parte da livre América, que recebeu e aperfeiçoou o legado de civilização do velho mundo, a quem ha de, em breve, substituir no cyclo do progresso humanitário. »

— « A monarchia (acode outro) é uma instituição caduca e anachrónica, que se esborôa e desfaz em

pó á luz das modernas idéas, como ao contacto do ar se dissolve o cadaver incerrado ha séculos na catacumba. A realeza—adoração de um *fetiche*, genuflexão a um symbolo illusório—não está já em harmonia com o estado de perfeição da actual sociedade. E' a essa obsoleta e caduca fórma de govêrno; é a essa ficção ridicula e incompativel com a dignidade humana, que torna sagrado e infallivel um homem, collocando-o n'uma esphera superior ás fraquezas communs de seos semelhantes; é a essa mascarada ignobil e truanesca que deve o Brazil arrastar-se ainda hoje na retaguarda do progresso, quando outras nações menos favorecidas da Providencia, mas em cujo seio germinou e deu sasonados fructos a semente plantada por Washington e Franklin no Novo Mundo, occupam logar de honra no mappa dos povos cultos. »

E em seguida a tão estranhas theorias, concluem seos raptos declamatórios com o estribilho forçado: — « Retirae-vos do podêr, toupeiras; deixae que as águias, unicas que podem encarar de frente o sol das excelsas regiões, pousem em penetraes das régias olympicas; em vossas mãos, inexpertos Phaeontes, afrouxam-se os bridões á quadriga do sol, e o carro vai ás tontas errando pelo espaço, até que tombe em terra, levando comsigo o incendio e a devastação.

Mas para que o bom senso público, unico juizo competente e irrecorrivel, recebesse o libello accusatório e os artigos de preferencia, appresentados pelos apóstolos das novas idéas, fôra de mister que um e outros viessem acompanhados de provas concludentes e irrecusaveis.

Cumpria, antes de tudo, pôr em relêvo e levar á luz da evidencia a falta de habilitações dos Palinuros que empunham o timão ao leme da nau do Estado.

Imputações de tal gravidade não são accreditadas pelo simples enunciado. Citae os factos! aponctae os erros! descarnae as misérias da alta administração! e a nação inteira vos será grata por haver-

des arrancado ás gralhas as pennas do pavão, e reduzido a suas reaes proporções os pigmeos, que tentam inculcar-se gigantes, subindo em andas de taquara. Eia, senhores da imprensa regeneradora; despi os histriões de seos ouropeis e lentejoulas; desfazei os embustes dos prestidigitadores, e exponde-os á apupada da praça pública na sua verdadeira nudez.

Mas não é este o systema, que haveis adoptado. Vossas ousadas asserções vêm sempre á luz da publicidade desacompanhadas de demonstração, sem apparencias de verdade, e até sem visos de plausibilidade. Abris o vocabulário das injúrias, escolheis n'elle os mais ferinos doestos, os mais affrontosos insultos e os arrojais a mãos cheias contra os representantes do podêr, que tem direito, senão a vosso respeito e deferencia, ao menos á cortezia, que se devem mutuamente os homens bem educados.

E, quando desfeita, ao sópro da anályse, a volumosa bolha de sabão da vossa objurgatória, o que se vê? Nada, alem de mera declamação; nada, alem de factos apreciados sob o prisma de falsos princípios e desfigurados pela má vontade e por inexactas informações.

E quereis que sobre tão frageis alicerces firme a opinião pública um *verdictum* condemnatório contra eminentes cidadãos, cuja primeira virtude é aceitar o podêr, n'um paiz em que se cospe a saliva da injúria e o veneno da calúmia contra os que assim alcançam a confiança da corôa e do parlamento?

A opinião pública, que pretendeis em balde desvairar e illudir, recusa adhesão e cerra ouvidos á vossa abstrusa propaganda, que tende a desmoralizar tudo o que ainda merece o respeito e a veneração do mundo.

Ella não acceita sem prévio e rigoroso exame, sem escrupulosa e accurada investigação de causa, essas sentenças proferidas por vós em processos mal instruidos e documentados, e com os quaes jul-

gais na vossa apaixonada mente que apagastes os nomes de vossas victimas do rol dos cidadãos beneméritos. Não! Titulos de benemerencia e aptidão, diplomas de incapacidade ou de ignorancia não são os que arvoram o estandarte da anarchia e da dissolução social que os podem distribuir.

E, reconvindo justamente contra vós, pergunta-vos a sã e recta consciencia da sociedade: — Quem sois vós? D'onde vindes? Que documentos comprovam a vossa capacidade intellectual, os vastos conhecimentos administrativos e litterários que alardeais? Quaes os homens competentes, que vos decerniram o bastão de juizes dos que manuseiam as rédeas da suprema administração? Que provas de moralidade, que testemunhos de bom senso e de independencia abonam o vosso passado e dão arrhas pelo vosso presente?

O silencio da vaidade confundida responde a taes interrogações; a desconfiança olha de revez para essas typographias, que se improvisam, e para alguns d'esses redactores, que n'ellas tumultuam, quaes inxames de ephémeras, e cujos nomes, apenas conhecidos em círculo limitadissimo, ainda não resoaram aos ouvidos de seos concidadãos como reveladores de um rasgo de civismo ou do mínimo serviço prestado á pátria.

E a voz da verdade, echoando da consciencia da sociedade, brada pujante e imparcial:

— « Não! Carecem de base, ou não são bem apreciados os factos arguidos aos actuaes chefes do poder executivo, que, unicamente por dedicação á pátria, exercem o ingrato, bem que honroso cargo a que os chamaram o eleitor dos ministros e os próceres da Nação.

« Não! os egrégios cidadãos, que vós amarrais ao poste da diffamação, não são nullidades philauciosas, que subi sem ás altas posições por mero acaso ou por outra influencia, diversa da que legitimamente lhes dão o seo merecimento e relevantes serviços á causa pública. A Nação sabe devidamente aquilatar os sacrificios, que para ser-

vil-a fazem esses seus filhos, e não será a opinião suspeita de um pugillo de ambiciosos, que lhe apagará no peito o sentimento de gratidão.

« Não! A Monarchia no Brasil não é rémora do progresso; é sim condição essencial do desenvolvimento d'esta nova terra de promissão; a realza não é instituição anacrónica e em desarmonia com o estado de civilisação do Brasil — é sim a fórma de govêrno, que convem á indole d'este povo, e a cuja protectora sombra têm prosperado as suas libérrimas instituições; não é um *fetiche*, superstição ridícula, ou symbolo illusório, que offenda a dignidade do homem; é sim a salvaguarda de nossa liberdade, a égide de nossa constituição politica, a acção benéfica, o influxo salutar de nossa vida social.»

Os que condemnam a monarchia como embaraço ao livre caminhar d'este gigante do Novo Mundo, que em breve ha de formara synthese da civilisação do continente Sul-Americano, são acolhidos pela parte sensata da população (a quasi totalidade dos brasileiros) com o mesmo sorriso de incredulidade, que fez abortar no berço as theorias da moderna eschola racionalista, quando pregava que o estado de progresso do género humano demandava uma religião mais perfeita que o actual catholicismo!

Quem, por consequente, *ouvir*, REFLECTINDO, os echos d'esses órgãos da imprensa brasileira, que se tornaram vehiculos das reprovadas doutrinas que consubstanciámos, não julgará que as bases da sociedade estejam abaladas, e que marchâmos para a anarchia ou para a revolução; sentirá antes confranger-se-lhe o coração, por ver que alguns talentos escolhidos, que podiam dedicar-se com brilho a definir e propagar os verdadeiros principios, se desvairam pelo matagal emmaranhado de theorias sem filiação, imitando a voz que clamava no deserto, porque não terão fôrça para abalar, nem de leve, em seu pedestal a monarchia, inraizada no coração e no espirito dos brasileiros, nem para

marear a reputação illibada dos integérrimos e illustrados cidadãos que se sentam nos conselhos da corôa, e que nas bênçãos dos brasileiros incontram recompensa ás provações por que estão passando.

Pompeo.

(Continúa.)

Primeira carta.

MUCIO SCÆVOLA A QUINTO CINCINNATO.

Rei operam dabo.

Honrado cidadão romano. Tenho acompanhado os vossos admiraveis escriptos, e não sei o que mais possa maravilhar, se a dicção majestosa com que tão bem sabeis sustentar a fidalguia da língua tão malbaratada por bofarinheiros, se a lógica irresistivel com que andais patenteando a luz da verdade, escondida nos eclipses de despeitos desarrasoados, que barafustam por andurriaes e se somem nos sorvedouros subterrâneos. (*)

Um célebre Basilio Valentim, lá imaginou uma entidade a que deu o nome de —ARCHEO.—Paracelso e Van Helmont, agarraram este Sr. *archéo* e responsabilizaram-no por todos os phenómenos da economia viva. Leibnitz creou a sua *harmonia prestabelecida*; o inglez Cudworth, lá forjou o seo *mediador plástico*; e os philosophos modernos, não menos opulentos de imaginação, e não menos visionários que seus antecessores, andaram procurando com seus mystérios cabalísticos a pedra philosophal, e lá nas suas elucubrações, á fôrça do muito doudejar, crearam.... o *poder pessoal*, e fizeram d'este mytho o seo *archéo* e o seo *mediador plástico*; fazendo d'este gigante da lâmpada maravilhosa de Aladino o editor responsavel de tudo que de máo acontecia por este mundo sub-lunar.

Vós, Cincinnato meo, fostes o Hércules da mythologia, que entre os vossos doze trabalhos esmagastes este

(*) Hesitámos se nos era licito reproduzir phrases de tamanha benevolencia, ou se tambem o era mutilarmos tão notavel escripto de uma brilhantissima penna. Esta consideração venceu a primeira, cuja fôrça aliás não desconhecemos.

novo leão da Neméa, nascido aqui n'esta nossa terra, onde está ainda tudo, muito por fazer, e onde o mechanismo d'esta *cousa chamada liberdade*, ou como melhor nome haja, está ainda muito por compreender. Ora, depois da explanação larga e longa de vossas magníficas theses de direito constitucional ; depois da argumentação esplendida e concludente dos embargos com que viestes áquelle libello do *poder pessoal*, era muito de esperar-se a contrariedade cathegórica e na altura dos princípios tão logicamente postos. Pois, nada d'isso aconteceu : acastellaram-se na taciturnidade do surdo-mudo, e, como este desherdado da palavra, responderam com visagens e tregeitos que os afearam, o que lhes deslustrou e anniquilou de uma vez o seo malfadado invento do *mediador pldstico*, tão mal cabido em cousas sérias.

Ora, meo estimavel Cincinnato, vós que sois homem da roça, como eu, que vivo pelos desertos d'esta Thebaida, sabeis que, á falta de convivencia, a mór parte das vezes, em se acabando o serão fica um homem sem nada que fazer : ainda quem tem livros, lá vai matando o tempo o melhor que póde, mas quem não os tem, como eu, nada faz ; só tenho aqui sobre uma tulha o *Lunário perpétuo*, o *Flos Sanctorum* e uma collecção de *folhinhas do Laemmert*, tudo lido e relido ; mas tenho cá um vizinho, que faz divisa pelo rumo, esse recebe os jornaes da côrte, de 5 em 5 dias, e empresta-m'os para que eu depois lhe conte o que n'elles vem; com esta especie de contracto synallagmático dou-me bem, porque estou n'essas horas mais feliz, que os sonhadores de repúblicas. Leio-os detida e pausadamente, como quem tem de repetir a licção de cór, e nas horas de folga ponho-me a scismar em todo esse descabro que vai pelo mundo velho e pelo mundo novo e que tambem se reflecte com um arremedinho n'este nosso torrão, tão feito para a paz e para a vida plácida e abastada.

Dá-me muito que pensar esse vozear descompassado que por ahi vai, dos que gritam : liberdade e mais liberdade! queremos liberdade!!! Então, digo entre mim: ou nós não temos a mesma noção d'este vocábulo, ou vós não sabeis o que quereis e o porque gritais. Vós dizeis, que viveis tyrannicamente opprimidos: em coacção permanente; que se vos tolhem os vossos direitos; dizeis tudo isto e o mais que vos apraz dizer; eis

ahi a prova plena e inconcussa da illimitada e demasiada liberdade de que gozais. Fazeis comícios e n'elles só não grita quem não tem bofes para tanto; escreveis descabelladamente, na explosão do despeito e da chólera, quanto vos dá na gana; expondes taboetas annunciando a —república—; desacatais o elemento religioso, e o chefe supremo do Estado; desauctorisais e affrontais com os epíthetos mais deprimentes aos mais nobres caracteres, aos mais conspicuos e prestantes cidadãos do vosso paiz; prégnais doutrinas altamente heterodoxas e subversivas; e ides em paz repousar das fadigas e colher os louros de vossos triumphos declamatórios, e no dia seguinte ides continuar a vossa ladainha de todos os dias. Agora dizei-me francamente, vós, cavalleiros andantes d'esta inglória cruzada! póde haver maior somma de liberdade? qual é o paiz do mundo em que ella é mais ampla, mais largamente concedida, mais usada e mais abusada?

Se no vosso sonhado regimen republicano, alguem ousasse levantar o grito—Viva o rei—qual seria a sorte d'esse mal aventurado? a mesma que tiveram milhares de suspeitos, apenas, de idéas de ordem, na republicanissima convenção nacional, no México, na república de Prim e de Topete, na república do Paraguay, que tambem era república, nas repúblicas do Prata, onde se assassinam os chefes dos Estados em pleno dia no meio das ruas, e onde se dilaceram os filhos da mesma terra com guerras fraticidas que não teem fim, e em toda parte onde o espirito revolucionário tem podido assenhorear-se e derrocar o império da lei, da ordem e do bem estar; porque enfim os taes republicanos representam a fábula de Saturno: quando não podem mais nivelar os mais altos, pelo pescoço, começam a devorar-se uns aos outros, e cançados d'esta hecatombe, desenganados pela improcedencia prática de suas utopias, intregam-se de braços cruzados ao primeiro que lhes parece que tem juizo para os governar. Se encontram um Carlos II, vai tudo mal, porque não é este o espirito recto, enérgico e forte para tirar da voragem, da subversão e dos destroços a ordem, a moralidade e o acatamento ás instituições que se fundam no bom senso e que asseguram a inviolabilidade dos direitos de cada um; se encontram um Napoleão I, tudo ressurge das trevas, tudo se alumia com luz esplendida; o paiz prostrado, exangue, invilecido e coberto

de ruínas reconquista nome, honra, glória e admiração, porque n'este ha o génio creador, a elevação do espirito ao apogéo das concepções grandiosas; ha em summa o homem moldado e destinado por Deus para levantar pelos cabellos uma nação a quem a ferocidade sanguinária dos utopistas havia precipitado no abysmo das abjecções e do aviltamento.

Paro hoje por aqui, meo bom Cincinnato, não posso ir adeante com o turbilhão de pensamentos que me suggere o scismar no descalbro que vai por esse mundo, que Deus em sua infinita sabedoria creou com tantas leis que o regem e o dirigem, e que os homens em seo desatino andam a ver se podem fazer voltar ao chaos d'onde saíra, pela bondade infinita do Omnipotente.

Até outra vez.

O vosso ex-corde

MUCIO SCÆVOLA.

—

Decima sexta carta

DO ROCEIRO CINCINNATO AO CIDADÃO FABRICIO

Inappreciavel amigo.

Ja me tarda que acabes lá esses teos negocios na invejosa e monopolisadora Pindamonhangaba; e até se me affigura que se não voltas breve, abalo por esses mares e terras, e dou comigo na supradicta cuja.

Comptas-me a grande figura que por ahi tens feito, o que não me admira, pois conheço os teos talentos, e por mim scei que quando nós lá na roça recebemos um figuração da côrte, esmerâmo-nos por agradar-lhe, e provar que tambem somos gente e avaliâmos o que é bom.

Entre as tuas tribulações porém, narras-me a da perseguição dos *albums*, e dizes que te anda o bestunto em polvorosa, á cata de ideas miríficas e magnilloquas, para dar vasão a 1798 albums que ahi tens por cima das cadeiras e do soalho, denunciântes da curiosidade intellectual d'essas damas e cavalheiros, n'uma área de 14 léguas e meia. Chegou tarde a mania a Pindamonhangaba, mas enfim chegou; que dó!

Pedes-me que te ajude e te diga alguma cousa de nunca dicto ou feito em tal matéria: *difficilem rem po stulasti*.

Estes inimigos d'alma tem tradição muito antiga e aristocrática.

As auctoridades em Roma empregavam certas paredes muito *alvas*, para n'ellas mandarem gravar, em côres vermelhas ou pretas, as suas ordenanças, privilégio entre nós monopolizado pelos agentes do *Tonico Oriental*, *Relojoaria Gondolo* e *Vigor d' Ayer*.

Mais por aqui, mais por alli, havia o *album* dos decurhões, o do pretor, o dos juizes, o dos senadores, e em fim de certas classes altas, o que tudo é muito mais velho que o tempo em que se tornou indispensavel andar de chapeo de sol aberto, para evitar que a cabeça do cidadão seja permanentemente inundada da chuvinha miuda dos albums universaes.

N'esse tempo, quem punha a mão para apagar uma só letra d'esses albums era punido de morte; agora são os próprios albums que nos punem de morte a nós.

Que cada um tenha, para seo uso, e para a sua prática, sós a sós com a consciencia, um livrinho de recordações, umas ephemerides íntimas, um memorial da memória, um album da sua própria cabeça e do seo próprio coração, comprehende-se: é condensar matéria prima para o dia das rememorações, das reflexões, das saudades, das melancholias, das comparações, das animações, da justiça ou do arrependimento. Tambem chamam albums a esses confideretes íntimos e perigosos, visto que só devem servir para os que os traçam, sob pena de tornarem-se muito mentirosos, ou arriscadamente denunciantes.

Não é raro ver o viajante, sobretudo francez, trazer comsigo o seo *album*, carteira de lembranças, para lançar um esboço de paizagem, cu os aponctamentos, que hão de servir depois para um volume illustrado, com o titulo: *Impressões de viagem*. Sendo francez, a regra é esta:

Dorme o viajante n'uma estalagem, onde lhe dão uma cama, em que ha pulgas. Na descripção da respectiva cidade, lê-se: — « Por contraposição, ha n'essa terra uma praga inaudita, peor que a dos gafanhotos. Todas as casas são covis de pulgas, ratos, baratas, lagartixas, carochas e mais sevandijas, que pulam, saltam, mordem, devoram, palpitam, e atormentam principalmente ao estrangeiro recém-chegado; de modo que casa onde não haja um *mata-carochas* fica inhabitavel. » — Ao erguer-se, chega á janella, e vendo em

frente um rapazinho a tocar realejo, atira-se logo ao album, e escreve: — « O grande atrazo d'esta povoação consiste no emprego que geralmente se dá á infancia e juventude: todas as crianças de 7 a 12 annos passam a vida moendo musica. Como é possível que semelhante educação não embote todos os sentimentos nobres na quadra em que o coração dilatando-se e o espirito assanhando-se, tendem a... etc., etc. »

Mas a raça peor dos albums, a mais damninha, ainda não é essa. É a que reveste a fórma de um livro parallelogrammatico, capa de couro da Russia, rebordos dourados, papel apergaminhado e fechos de ouro, tudo a dizer: Comei-me, comei-me! Mão mais ou menos mimosa te offerece as alvas páginas d'este album, para que tu lances n'uma d'ellas um *pensamento* (á moda de um senhor, que todos nós conhecemos).

É caso de embatucar. Se alguém dicesse a Triboulet ou Bertholdo: *Diga lá uma graça*, bastava isso para instantaneamente o des-salgar, ou para heraclitar um Demócrito.

Celebro portanto e communico-te uma noticia que leio n'uma carta de Lisboa, e que pelo menos torna de ora avante toleraveis e não inúteis os albums, facilitando aliás o trabalho dos míseros contribuintes para o pagamento d'este inexoravel fôro.

Uma dama, distincta por talento, graça e formosura, tem já no seo *album* uma collecção muito interessante de autógraphos das mais illustres pennas, usando de um processo singelíssimo.

No recto de cada folha mandou imprimir, do lado da extrema esquerda, 24 perguntas. O escriptor não tem mais que lançar em frente d'ellas, em prosa ou verso, mas em phrases curtas, a resposta que lhe apraz. No exemplar que eu vi, as perguntas era: em francez, e consistiam no seguinte:

- 1 Votre vertu favorite ?
- 2 Vos qualités favorites chez l'homme?
- 3 Vos qualités favorites chez la femme?
- 4 Votre occupation favorite?
- 5 Le trait principal de votre caractère?
- 6 Votre idée du bonheur?
- 7 Votre idée du malheur?
- 8 Votre couleur et votre fleur favorites ?
- 9 Si vous n'étiez pas vous, qui voudriez-vous être ?
- 10 Où préféreriez vous vivre ?

- 11 Vos auteurs favoris en prose?
- 12 Vos poètes favoris?
- 13 Vos peintres et compositeurs favoris?
- 14 Vos héros favoris dans la vie réelle (l'Histoire)?
- 15 Vos héroïnes favorites dans la vie réelle (l'Histoire)?
- 16 Vos héros favoris dans les romans ou la fable ?
- 17 Vos héroïnes favorites dans les romans ou la fable?
- 18 Votre nourriture et votre boisson favorites ?
- 19 Vos noms favoris?
- 20 L'objet de votre plus grande aversion?
- 21 Quels caractères détestez vous le plus dans l'histoire ?
- 22 Quel est votre situation d'esprit actuelle ?
- 23 Pour quelle faute avez vous le plus d'indulgence ?
- 24 Quelle est votre devise favorite?

Vi diversas respostas, mas bastando-te receberes simples amostra, para fazeres idéa do dictosystema, eis-aqui o que uma das mais brilhantes pennas portuguezas redarguiu a cada item do inquérito :

1°. La compassion—2°. La loyauté—3°. La patience—4°. La rêverie—5°. L'antipathie contre tout ce qui est faux—6°. La vie sans remords, quelle qu'elle soit du reste—7°. Le malheur suprême est, selon moi, celui de ceux qu'on aime—8°. Le pourpre: la rose—9°. Pierre II, du Brésil—10°. A' la campagne, près de la ville, dans une petite maisonnette, bâtie par moi—11°. Alexandre Dumas, parmi les modernes; parmi les anciens, Pline le Jeune—12°. Virgile; parmi les modernes, Victor Hugo, d'autrefois—13°. Peintre... toujours Virgile; compositeur, Bellini—14°. Scipion—15°. Ste. Elisabeth, de Portugal—16°. Dans les romans, d'Artagnan, le mousquetaire; dans la fable, Orphée—17°. Dans le roman, Clarisse Harlowe; dans la fable, Andromaque—18°. Les végétaux et l'eau—19°. Nom d'homme, aucun: nom de femme, Marie—20°. Le serpent, ou bien le calomniateur—21°. Hudson Lowe—22°. Apathie et mécontentement—23°. Pour celles qui tiennent à la faiblesse du cœur—24°. Rien n'est beau que le vrai.

Não achas ser este um brinquedo util, e um grande melhoramento na indemonhihada lida dos albums ? Tenho sobre a mesa muitas outras respostas; mas um exemplo basta; agora é de Pindamonhangaba que en

espero mais. Afigura-se-me que assim se torna um album, depositário de thesouros de erudição, gabinete anatómico para dissecação de corações humanos, espelho que retrate o pensamento íntimo, theatro em que façam todos os actores, com a mesma matéria, diferente papel.

Adeus, amorinhos.

Teo capellão obrigado
CINCINNATO.

Supressão da escravidão no Brazil

A philosophia, o christianismo e a liberdade trajem de gala, corõem-se de louros em toda a superficie da terra! O juvenil império brasileiro acaba de dar ao mundo um dos mais sublimes espectáculos, um dos mais sublimes exemplos de verdadeira civilisação. Cerrando heroicamente ouvidos aos clamores de seculares preocupações, atirou com um sópro para o abysmo do passado, n'uma hora bemdicta, como aquella em que Deus proferiu—*faça-se a luz*—os grilhões com que mais de um milhão de filhos da raça africana de-finhavam, sobre uma terra amoravel que dá tudo, e sob um céu que ri sempre, condemnados, elles só, entre um povo bondoso e livre, a peor inferno que suar e padecer de contínuo; ao tormento de se não reproduzir, senão para testar pelos séculos fóra miséria e escravidão aos filhos precitos dos seus amores.

A magnânima proposta do govérno do Brazil está emfim sancionada por todo o corpo legislativo, victoriada por toda a immensa maioria pensante da nação, e saudada com alvorôço pelo mundo inteiro.

Os aniquiladores da tyrânica omnipotencia de Lopez completaram hoje a mais dourada página dos seus fastos nacionaes.

A nós, irmãos do heroico povo brasileiro, a nós, que de herança tantas e tão bellas qualidades temos em commum com essa juvenil gente, do nosso sangue e dos nossos appellidos; a nós, um quinhão legítimo na ufania com que elles devem estar celebrando o seu triumpho, triumpho incruento, triumpho auspiciosissimo, triumpho em que só a alegria verte lágrymas.

Está emfim ingastado na corôa de D. Pedro II o verdadeiro diamante *Montanha de Luz*, que ha de assombrar com o seu brilho a posteridade.

Do *Brazil*, jornal de Lisboa

Colonisação do Brazil

Discute se ha largos annos na imprensa portugueza a questão da colonisação do Brazil; quantos epithetos desagradaveis tem a lingua se applicam ao que chamam vulgarmente *escravatura branca*, e, queixando-se uns de que os colonos são tractados como escravos; outros de que se illudem pobres diabos que além vão morrer a braços com a miséria; outros de que Portugal é gravemente prejudicado com esta emigração, são todos accordes em pedir ao govêrno que de uma vez para sempre cohiba este *nefando tráfico*.

Esta quasi unanimidade na accusação faz crêr boa intenção, grave o assumpto e sérias as consequencias; parece que de facto se substituíram as negociações em Africa, pelas negociações em Portugal; que, severamente vigiada a costa occidental d' Africa, convergiu a negociação *illicita* para o archipélago dos Açores especialmente, e para as províncias do Minho, Traz-os-Montes, Beira alta etc.

Vejamose assim é; examinemos se tem razão de ser esta accusação, corroborada por muitas pennas illustres, fortalecida por muitos espíritos esclarecidos. Como se tracta apenas da emigração para o Brazil, virão factos e opiniões auctorizadas em auxílio da nossa argumentação: concentraremos as nossas vistas no império, que de certo nos ha de fornecer dados para a sua defeza.

Dividiremos portanto este trabalho em quatro partes:
—*Insalubridade do clima—Falsidade nos contractos—*
Modo tractamento aos colonos—Miseria e abandono.

I

INSALUBRIDADE DO CLIMA

Houve época, e não vai longe, em que por todo Portugal se apregoava a facilidade de adquirir cabedões no Brazil, e volver rico á pátria e de alli se assegurar uma velhice socegada e feliz. Como é natural, isto desafiava a cubiça de muitos, senão de todos, e o ardente desejo de sacrificar alguns annos de vida, amargurados pelas saudades do torrão natal e pela ausencia da familia estremecida, á certeza de um futuro próspero e risonho.

Mas, como tudo no mundo, tinha reverso esta medallha; dizia-se que a felicidade de um representava a vida de centenaes de compatriotas, de amigos que

alli tinham morrido, dizimados pelas terriveis e constantes moléstias dos *Brazis*. Isto esfriava os desejos de irriquecer; e poucos eram os que chegavam a ir, comparativamente com os que haviam chegado a fazer castellos no ar, calculando o resultado provavel, ou certo, da sua ida á América.

N'esse tempo eram as viagens longas: navio que aportava ás terras de Santa Cruz com menos de 40 dias de derrota era comptado nos jornaes das duas capitães. Os homens laboriosos e decididos que haviam jogado a vida pelo futuro dos seos, internavam-se pelas provincias, e muitos não sabiam escrever; deixavam portanto de dar noticias aos entes que lhes eram caros, os quaes, amaldiçoando a idéa e a hora da partida, pranteavam como morto o parente que se aventurára a ir a longes terras, cégo pela ambição.

Com o correr dos annos, foram-se multiplicando as viagens, estabelecendo carreiras quinzenaes de paquetes com marcha accelerada: apos estas vieram as carreiras semanaes, e as cartas, recebidas mais amiudadas vezes e de mais moderna data, iam affastando a lúgubre idéa de morte. A par com esses progressos, começava a conhecer-se mais aquelle paiz, a falar-se e a ouvir-se falar mais do seo clima e modo de viver: vinham as estatisticas, e tudo comprovava que a idéa de horror ligada á insalubridade do clima era mais phantasia creada pelo affecto que deixara na pátria o filho ausente, do que realidade. Vinham cartas das provincias do sul, das colónias de Theresópolis e de Petrópolis, de toda a provincia de Minas Geraes, de Vassouras, de Valença, de Iguassú, de Nova Friburgo, finalmente da maior parte dos pontos por onde a colonisação se tem desinvolido em escala superior, a provarem a amenidade do clima n'aquelles pontos, dado o desconto á differença da temperatura, que é sempre mais ou menos sensivel aos homens que, nascidos na Europa, passam, na idade viril, a viver na América do sul.

Isto quanto ás informações particulares. Os dados officiaes, quer com relação á colónia portugueza, quer com relação á colónia allemã, provam exuberantemente que a mortalidade não attinge cifra que auctorisar a considerar insalubre o clima do Brasil, nem mesmo na época em que a febre amarella tem feito mais victimas, por isso que as provincias tem sido

sempre poupadas, grassando apenas as epidemias fazendo estragos no litoral.

Escusado é portanto discutir mais este poncto. Ou as estatísticas falam verdade ou não se falam, destroem a accusação: se não falam não se póde fazer obra por uma ou outra fazenda, onde se não respeita tanto a hygiene, ou que de si própria é menos saudavel. Portugal tem o exemplo frisante em uma das suas colónias. Em S. Thomé, ao passo que ha roças mortíferas pela proximidade de pântanos, e essas são geralmente as que circulam a cidade, tem outras tão saudaveis, e em que a temperatura differe tanto, que os libertos africanos e os europêos são fortes, robustos, e até, caso raro, grandemente dispostos ao trabalho. (Continua)

Idem.

Razão pouco lisongeira.

No baile, minha Senhora,
 não se despresa a etiqueta,
 nem cortezias penhora
 lapúz de grossa jaqueta.
 Vai perguntar joven linda
 a Diogo Madureira
 se Sua Excellencia ainda
 não tem par para a primeira.

O homem stava disponivel,
 acceita o houroso convite;
 do favor não é possivel
 considerar-se elle quite.

Convidar tem sido dado,
 n'este caso, ao cavalheiro;
 pela dama convidado
 Diogo foi o primeiro.

No intervallo da quadrilha
 è de assucar a palavra,
 e, vencendo a prata, brilha
 qual ouro da melhor lavra.
 «—Discréta joven, consinta
 que minha ousadia inquiria
 porque o costume desminta
 quem para a dança me tira?

«—Motivo assáz cauteloso
 deveis incherger n'aquillo!
 Meo marido é mui zeloso,
 e assim ficará tranquillo.

QUESTÕES DO DIA

N. 23

RIO DE JANEIRO, 1 DE DEZEMBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Laemmert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua do General Camara.—Livraria Acadêmica, Rua de S. José n. 119—Largo do Paço n. C.— Preço 200 reis.

A Republica e os Estudantes

II

Para levar á evidencia a asserção de que os órgãos da imprensa brasileira, a que nos referimos no anterior artigo, são instrumentos de ruína social, basta attentar na direcção que a *República* deu á questão dos exames dos estudantes.

Felizmente hoje a imprensa justa e imparcial pôz em relêvo todas as principaes faces d'esse negócio, convertido pelos obreiros da destruição em catapulta contra o ministério. A razão pública, prudente e convenientemente esclarecida por Themistocles, foi reconduzida ao terreno da justiça. d'onde, mais por má fé do que por ignorancia, tentaram arredar-a aquelles que, até das immundícies da calúmnia invejosa fazem arma offensiva contra o podêr, que sôffregos ambicionam empolgar. Desfez-se o nevueiro de sophismas e prejuços que adrede fôra estendido ante a luz da verdade, e acalmada a paixão de momento, reduzido a suas verdadeiras proporções o principio de falso pondonor, resta sómente o pejo dos próprios excessos e o arrependimento de se haver seguido errôdo caminho.

A terrivel catapulta, a destruidora 'arma de guerra com que imaginaram derrocar depois de dous ou tres bombardeios o bastião governamental, quebrou-se nas maos dos esforçados guerreiros, como essas espingardas e lanças de fragil madeira com que brincam as creanças. Nem a mais leve brecha apparece na praça que atacaram, a fortaleza nem se apercebeu de que lhe atiravam projectis : pareceu-lhe que um

vento desolador levantando do chão folhas sêccas e fazendo remoinhar o pó das ruínas, lhe arrojava de encontro ás muralhas alguns grãos de areia, com cujo attrito conseguia apenas polir-lhe as pedras esverdeadas pelo limo que os séculos n'ellas haviam depositado, pondo assim a descoberto a solidez e a perfeição de sua constructura.

Falhou mais esta condemnavel tentativa da anarchia contra a ordem; mais uma vez o principio da auctoridade, legitimamente constituida e exercendo-se dentro da esphera legal, ponde fazer triumphar as suas justas e jurídicas prescripções. Mais uma vez os apregoadores da insubordinação, os fautores da desordem se viram forçados a recuar e a cantar a palinódia, aterrados ante os effeitos de sua subversiva propaganda.

Não! Este povo, protegido pela sombra da monarchia constitucional, educado nas máximas da religião do Crucificado, que prégou obediencia ao podêr, acceitando resignado o supplicio, mandando que se desse a Cesar o que é de Cesar, e ordenando a Pedro que não ferisse a Malcho, porque só ao juiz competia punil-o; este povo que floresce e prospera rapidamente e sem abalos, ao influxo de benéficas instituições, tem em si tanto bom senso que inxerça á primeira vista nos póes e nas drogas dos Dulcamaras políticos o fermento do tóxico traço-eiro, com que lhe querem illudir o paladar, insinuando-lhe que o pretendem curar de males imaginários.

E que outra cousa que não mortal peçonha tentou a *República* introduzir nas veias da mocidade brasileira, prégando-lhe as doutrinas que se lêem em seos ns. 183 e 184 na parte editorial sob a rúbrica—*Questão Académica?*—Com suprema habilidade tentaram os distinctos redactores d'aquella folha invenenar a arvore frondosa do futuro nos seos esperançosos rebentos. E' nos pimpolhos que desabrocham esplendidos de viço e seiva, ao sol da liberdade e da religião, que aquelles cultores do espirito público, falseando a sagrada missão da imprensa, inoculam o virus corrosivo das más ideias e implantam os germes corruptores, que hão de trazer o corroimento do cerne e o esphacelamento do tronco.

E' na geração que pullula agora cheia de vida e actividade febril que reside a esperanza do Brazil. Tanto a geração que está no pleno vigor da idade como a que vai concluindo a sua peregrinação na terra e

caminhando para o sepulchro devem unir-se para, de commum acordo, aponctar-lhe os bons exemplos, insinar-lhe os verdadeiros principios de disciplina, e educal-a em todas as grandes verdades do evangelho social.

A'quelles, que receberam em partilha o talento, das mãos munificentes da Divindade, áquelles, que assumiram o brilhante e nobre papel de intérpretes e directores da opinião pública, incumbe o rigoroso dever de formar o coração e a intelligencia da mocidade, e de traçar-lhe a renda por onde deve caminhar para conseguir augmentar a grandeza e a glória da pátria.

Quando porem, esses espiritos privilegiados apagam o archote, com que devem illuminar os olhos das gerações contemporâneas, e, em vez da luz directora, lhes dão o negro penacho de fumo e as sombras da morte, quando trocam o seo mandato de apóstolos da verdade pelo de pseudo-prophetas—commettem um attentado de lesa-humanidade, digno do castigo de Deus e da mais severa reprovação da sociedade.

Vejamos como a *Republica* comprehendeu e desempenhou o seo mandato.

No dia 14 de Novembro dizia ella :

« *O nosso jornal e um homem de bem; não se presta a nenhum papel menos digno.*

Estas expressões serviram de epigraphé para justificar a seguinte proposição :

« *O decreto, na opinião da maioria da imprensa, na opinião das congregações das faculdades de medicina e de direito, na opinião dos estudantes de S. Paulo e d'esta capital, foi reputado inoportuno, iniquo, violento e até illegal.* »

Em seguida narra aquella folha os actos praticados pelos estudantes de medicina da côrte e a deliberação, por elles assentada, de fazerem *parede*, isto é, de nenhum se inscrever para exame.

Accrescenta que no campo dos que tomaram este alvitre levanta a honra o seo estandarte, e que no contrário « *levanta seos arraiaes esse exército anônimo, mas que sempre acha recrutas no seio de uma sociedade corrompida pelas tradições peculiares ao seo regimen politico, o regimen das genuflexões...* « *A's queixas du mocidade, offendida nos seos brios e nos seos direitos, respondemos (conclue) com a sympathia do nosso apoio.* »

No dia seguinte a *República* incita os estudantes á resistência pacífica; instiga-os fazendo apêllo ao sentimento do *pondonor*, a que não rompam a *parede* para não merecerem o stigma infamante, que a maioria dos estudantes de S. Paulo lançou sobre os discólos e sobre os medrosos. « *Ser-nos hia doloroso (exclama) ter de registrar um acto de subserviência por parte de mancos, que veem offendida nas suas pessoas a dupla dignidade de estudantes e de cidadãos. Ao que nos consta, a mocidade não está disposta a receber dos velhos a licção da prudencia, que se traduz em servilismo...* »

Os tópicos transcriptos suscitam um mundo de reflexões, a que se não prestam as dimensões, que talhámos a esta perfunctória análise. Assignalaremos apenas de leve os corollários, que d'elles se inferem.

Não nos faremos cargo de demonstrar a justiça, legalidade e exequibilidade do decreto de 22 de outubro,—nova bocêta de Pandora, a que os pessimistas do dia attribuem o inxame de males, que phantasiaram choverem d'elle sobre a classe académica e sobre a instrução pública; a brilhante penna de *Themistocles* já levou essa these á luz da evidencia; até a própria *República* parece que seguiu a torrente da geral opinião e se deu por nobremente convencida, a julgar-se pelo silencio que tem guardado. Ainda bem que não morre impenitente e reconhece a sabedoria do brocardo: *sapientis est mutare consilium*.

Dado, porém, mas não concedido que o decreto contivesse os erros e dislates, que lhe emprestaram de má fé; dado que fôsse iniquo e inexequível, podia o direito de resistência pacífica, aconselhado pela *República*, tomar as fórmulas de manifestação e a direcção que se lhe deu, e que ella tanto applaudiu e a princípio tão calorosamente animou em seus artigos editoriaes?

Seria legítima e digna de louvor e acoroçoamento a attitude, que tomaram os estudantes das faculdades de direito de S. Paulo e de medicina da Côrte, aos quaes não compete, por não serem *sui-juris*, o direito de petição.

O direito de petição (dir-se-ha) é permittido pela constituição a todos que habitam este paiz libérrimo (que elles no entanto proclamam regido pelo despotismo do baixo império)!

Em virtude d'essa grande garantia, os estudantes podiam pedir ao govêrno o que intendessem a bem do seu direito.

Não negamos nem podemos contestar o direito de petição ; mas o que nos parece fóra de questão é que os individuos que não attingiram o período da maioridade legal, e que não são, por consequente, capazes de direitos, possam exercer aquelle !

Dêmos ainda de barato que os estudantes, em quanto na condição de menores, possam requerer outra cousa fóra do círculo de acção e do elencho das matérias que lhes é permittido pela lei e pelos estatutos das faculdades e dos estabelecimentos de instrucção.

Perguntámos agora : Limitaram-se os estudantes de S. Paulo a requerer o que lhes era a bem do direito ? Representaram sequer contra o decreto de 22 de outubro em termos convenientes e respeitosos ?

Basta ler o inqualificavel protesto académico de 28 de outubro último, assignado por cerca de 170 estudantes para adquirir a convicção de que aquelles estudantes insultaram e desrespeitaram os seus lentes, arvorando-se em juizes e censores d'aquelles que, collocados para com elles na razão de paes, tinham a seu favor, quando não a prova, ao menos a presumpção de experiencia, sabedoria e dignidade.

Aquelles jovens, transviados talvez pela opinião de algum de seus mestres, que intendesse dever-se negar execução ao decreto de 22 de outubro, qualificaram de subservientes e ignorantes os que, formando a maioria da respectiva congregação, votaram para que se fizesse effectivo desde logo o systema de exames que o mesmo decreto estabelecia.

Tal não devia ser por certo o procedimento d'aquelles estudantes. A injúria é arma dos que não têm razão, e, irrogada, como foi, a seus superiores, toma character de gravidade, que se torna credor de geral reprobção e severa punição.

Os que assim se portaram, déram triste idea de sua educação, do seu espirito de disciplina e subordinação.

Que pode esperar a pátria d'aquelles que, preparando-se para auctoridades, juizes e funcionarios da alta administração, assim faltam á deferencia, á submissão e ao respeito que devem aos que estão pela idade e pela lei collocados em posição de credores do seu preito de menagem ?

Que modêlos de bons cidadãos, que promessas brilhantes de excellentes servidores do Estado não se deixam entrever em tão denodados campeões do

doesto e do insulto! Que direito terá para exigir dos seus subordinados obediencia e respeito, quem por forma tão descommunal inxovalha as cans da experiencia e do saber, e, afrouxando todos os vínculos da disciplina, recorre ao tumulto e á amiaça para fazer triumphar as ideas da *Internacional* e oppôr condemnavel resistencia a ordens legaes ? !

Isto, senhores da imprensa republicana, não é nem pode ser (salvo por irrisão) qualificado direito de petição ou de representação.

E o que é a *parede*? E' a conclusão lógica, o desfecho necessário d'aquelle 1º acto de desobediencia e opposição á ordem do govêrno.

E' a resistencia da inércia, a desobediencia passiva, mas nem por isso menos criminosa, ás prescripções do podêr competente.

E podia o corpo académico tomar tão extranha e extraordinaria resolução? Não lhe aconselhava o dever que se sujeitasse ás provas exigidas pelo decreto e que foram promulgadas depois de ouvido o parecer das congregações e de muitas pessoas habilitadas na matéria?

Não constitue esse alvitre um desafio acintoso ao ministério? Não é um acto de tácita insubordinação contra seus paes, que correm perigo de vel-os perder o anno, com o respectivo cortejo de prejuizos e despezas, que a esse facto se ligam essencialmente? Não é uma confissão implícita do não cumprimento dos deveres escolásticos no anno lectivo, revelada pelo receio de se sujeitarem ao exame?

Responda a consciencia dos próprios estudantes, que, arrependidos de seo errado proceder, se resolveram finalmente a comparecer, com raras excepções, aos actos académicos.

E todas estas tresloucadas deliberações, fructos mais do verdor dos annos, da inexperiencia, e de incitações imprudentes, foram acoroçadas pela imprensa republicana !

Appellou-se para os falsos brios da mocidade: pintou-se-lhe como heroico e louvavel o acto de resistir passivamente ao decreto, e até se lhe prérgou a doutrina de que incorreria no *labéo de infame* o que rompesse a *parede*.

Isto o dice a *República* ! ! . .

Felizmente a propaganda perigosa, partida das columnas d'aquelle orgam da imprensa brazileira, não

incontrou terreno favoravel para fazer fructificar a sua semente de morte. O bom senso do paiz reagiu contra tão louca tentativa; e a louvavel energia e a poderosa força de vontade do digno e illustrado Ministro do Império oppôz insuperavel barreira á invasão da onda sediciosa, e fez abortar no nascedouro os planos condemnados dos fautores de desordens, que ficaram bem conhecidos á face do paiz.

Pompêo.

— — —
Quinta carta.

DE CINCINNATO A SEMPRONIO

Rio, 24 Novembro 1871.

Illustrado amigo.

Recebo a tua preciosa carta, de 10 do corrente, na qual me dizes que talvez te divirtas com o *testa de ferro* de Senio, parecendo-te porem mais methodico esperar que elle despeje o seo vasto arsenal de conhecimentos, expressos em linguagem appropriada. Accrescentas: » Far-se-ha então uma appreciação synthetica, e pôr-se-ha a nú a intelligencia do critico. Crê tu que o *Gaúcho* me offerece matéria para outra longa série de cartas, e não estou longe de escrevê-la. Entretanto, para mudar de assumpto por agora, vou entreter-me com a *Iracêma*. »

Escuta cá, meo amigo. O anónimo V. das *Palestras* declarou depois que depunha a máscara, e que era Vasconcellos, com o que ficou mais anónimo que d'antes! A casa de Castello-melhor vai querellar da injúria, pois desde o tempo do *Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos*, nunca em tão cerúleo sangue houve heroe d'esta casta. Consta porem que o individuo Vasconcellado se defende, declarando que aquillo não é appellido, mas alcunha, que elle a si mesmo poz, com summa propriedade; que o seo intuito era reconhecer que fala lingua vasconça, que sempre era um tal sarapatel que no tempo dos romanos se não atreveu Pomponio Mela a reduzir a escriptura os nomes de seos povos. Ora, bem se pode alcunhar Vasconcellos quem tão vascoso torna o leitor, e quem tanto lhe vasconceia.. delicadezas.

Já esmerilhei as criticas do pimpão. Prometteu esmagar-te a ti, e a mim; mas depois subverteu-se

pelo chão abaixo, dizendo apenas que ia fazer uma viagem, e ha pouco accrescentou que estava já de volta, e aparelhado para amarrotar-nos. Ficámos com o juizo suspenco, o que é muito incómodo, visto que um juizo, pendurado tanto tempo, acaba por caçar. Roeu a chorda; remetteu-se ao silencio, segundo a doutrina da eschola Senial. *Promettre et tenir, sont deux*. Também não vai longe o dia em que o Sr. José de Alencar amiaçou com a horripilante publicação de um livro do futuro, que ficou para as kalendas gregas, como as críticas do Sr. Vasconcellos, o anónimo.

Visto, porem, que o senhor quem quer que seja se esbofa por convencer-nos de que as suas estupendas lucubrações são realmente suas, e nenhuma necessidade vejo de o desmentir, acho mais curial que de ora avante o deixemos, tu e eu, em sancta paz. Já demonstrou o que sabe e o que vale aquelle senhor homem. Se o senhor homem imagina que, *por si*, tem direito de ser por nós contrariado, engana-se de meio a meio. Se elle é elle, *parce sepultis*. Não contribuiremos para as suas glórias, nem mesmo *Eros-trdicas*. Fica-lhe campo livre para repetir, sem receio de mais resposta, as suas brilhaturas.

Quem está na berlinda não é nem poderá nunca ser nenhum phantástico Sr. Vasconcellos. Poderia tolerar-se o officio de *caça-tigres*, mas nunca o de *mata-carochas*. Sempre suppuz que alguém assignava de cruz o que o Espirito Sancto lhe dictava, ou que pelo menos esse alguém tocava as suas variações sobre o thema do mestre, de cuja alta intelligencia julgavam todos dimanarem aquell'outras preciosidades. Teima-se em que estas não são authenticamente do inspirado; n'esse caso, faço meia volta, e passe por lá muito bem o delicado Palestreiro. Algumas outras decididamente *authenticas* hei de achar. O Imperador Justiniano deixou-nos nas suas *Constituições as Authenticas*; por fortuna da humanidade também nós temos as nossas *Authenticæ seu Novellæ Constitutiones domini nostri Alencaris, maximi magistri atque sacratissimi principis*. Parabens à pátria: estas *Authenticas Constituições* (visto que o *oes* tem um *til*) chamam-se o *TIL*.

Tu, que estás longe, talvez queiras andar em dia com a monumental história d'este monumento; eu te conto o que sciei.

Já leste o *vaudeville* de Scribe, intitulado *A gata transformada em mulher*, de que ultimamente Offenbach fez uma opereta? é uma das mais ingraçadas e originaes producções do inexaurível dramaturgo. Um allemãozinho exaltado inlouqueceu com a leitura do Fausto; accredita na metempsychose, e namora-se da sua gata. Uma prima ricaça quer cural-o da ridícula paixão, tiral-o da miséria casando com elle, e arvora-se em rival da bichanica gata. Conluia-se com um falso nigromante indio, que vai predispondo o novo Werther para a metamorphose do animal felino em mulher. Lá chega o preparado momento. Eis-alli a bichana dormindo n'uma alcova, emcima de um canapé; profereidas as palavras mágicas, corre-se o panno... « E' uma mulher? » « E' uma gata? » Tem-se visto gato por lebre, mas mulher por gata... O certo é que é uma e outra, na fórma de uma linda menina, que, em vez de miar, papeia e garganteia; mas a alvura do vestido e o arminho que o borda lembram perfeitamente a gata; o impagavel porem é a imitação dos modos, gestos, andar, alegria, gentileza e vivacidade. A bichanica não era mais agil, mais galante, mais voluptuosa; não gostava mais das suas commodidades, nem se espreguiçava com mais delicia sobre o veludo das cadeiras; são tal e qual as manhas d'ella, os seus movimentos leves, as suas marradinhas graciosas o seo brincar com as patinhas rosadas. Ficou-lhe egualmente o natural, como as maneiras do quadrúpede: a gata feita mulher conserva o egoísmo, a inclinação maléfica, a astúcia, o gosto de furtar. Para surrupiar um pudim; para embaraçar as linhas de um novéllo, para atirar uma unhada, nem a verdadeira bichanica era mais habil. Emfim é a gata sem tirar nem pôr, só com fórma diversa; e o allemão, felicissimo, sollicita e alcança a pata da bichana.

Ha um mundo de doutrina dentro d'este quadro curto. E' o *chassez le naturel, il revient au galop*, posto em acção. Quando vires um republicano, por indole e educação, dizer ao rei—que a nação o provoca a assumir o governo pleno do Estado—que a sua missão é a do sol—que basta a sua vontade, enunciada de um modo positivo e solemne para se tornar logo, de sua própria virtude e essencia, facto consummado—que para ella se não concebe resistencia, no domínio da lei—que elle tem ante a nação e ante Deus obrigação inderclinavel

de resistir á opinião pública em nome da lei e da moral—e outras cousas assim, é *gata transformada em mulher*. Como então o escriptor está fóra da sua natureza, aquellas demasias não têm imputação. Cuida elle que similhantes bajulações e baixezas constituem um credo conservador, quando só constituem linguagem de que o mais exaggerado áulico se invergonharia; os extremos tocam-se; gente assim balouça-se sempre entre o Cesar e o João Fernandes. Faze bem á gata, saltar-te-ha na cara.

Matriculada a gata como conservadora, e depois de se lhe recusar o senatorial pudding, volve á sua natureza: mia, arranha e apanha ratcs. Miau! poder pessoal! Miau! absolutismo! Miau! golpes de Estado! Miau! bayonetas, fuzil, sabre e canhão (que são 4 syllabas)! Miau! *ab alto e in excelsis*! E todos quantos outros miaus constituem os items do credo republicano, e fazem do genero humano gato-sapato.

Tornando-se desnecessária a máscara, cada um volta para os seus arraiaes, e assim é melhor. Porque um homem a si mesmo se chama conservador, não se segue que o seja; pode isso até ser uma antíphrasis, um simples Cabo da Boa Esperança. A's vezes são illusões ópticas da retina physica ou intellectual. Quando eu, de bordo de um navio, vejo as casas e a praia a correr; quando se me torna angular o páo que na agua netti direito; quando observo no horizonte a pôr-se o sol, que já está para baixo d'elle, ou o vejo apparecer, quando ainda não é nado; quando os olhos me affirmam ser redonda uma torre quadrada; quando vejo a minha cara feia atraz de um espelho, não estando ella atraz nem adelante; quando um vidro me patenteia caterva de animálculos onde eu só julgava estar uma gôtta de água puríssima, e bem assim valles e montanhas na face mimosa de uma virgem; quando vejo tanta cousa, digo que é superficialidade fiar nas apparencias; que o hábito não faz o monge, e que não basta dizer-se que uma cousa é, para que o seja. O nobre parlamentar, por costume, denomina-se conservador, mas de facto repassou já ha muito tempo o seo Rúbicon, com armas e bagagens, e lá está já no campo dos republicos, fazendo o seo officio de dissolvente.

Era portanto naturalissimo que levasse á *República* a sua nova oblação; assim como o era que o incapotado carriligionário fôsse bem accollido; tu não inal-

tractas quem entra na tua sala. O Sr. José d' Alencar levou, pois, o seo *Til* à folha ultra.

Veiu a publicação precedida de um manifesto, declaração de guerra, proclamação, ou cousa assim, estampada na sobredicta, de 3 do corrente.

A parte litterária fica para depois, mas a política é já ahí impagavel.

Diz que anda assignalado como republicano disfarçado, mas que não é tal. Pêso de consciencia.

Diz que é *monarchista da idea*. O' Sempronio, que sentido tem isto? Para dar-lhe cousa que com isso se pareça, supponhâmos que a phrase aspira a significar uma contraposição a *monarchistas da pessoa*; advinharia eu? Mas então ah qui d'el-rei! Que doutrina é esta? Ha monarchia-idea que se não incarne em monarchia-pessoa? Intende este publicista que a monarchia é um ente de razão, um phantasma, um mytho? que para me servir da phrase de Racine, a monarchia *n'est qu'une idée, un rêve platonique*? Admiravel modo este de pugnar pela monarchia, hostilizando o monarcha! Quer missa sem padre, victória sem soldados, ganhar na loteria sem comprar bilhete. Proclamar-se monarchista, denunciando o soberano como dêsputa, tyranno, usurpador, é o systema das *petroleiras*, que apagavam o fogo com kerosene.

E está tão convicto, mesmo da tal *idea*, que faz saber que a *presumida infallibilidade* (em itálico) roe o cerne das monarchias. A bom intendedor, meia palavra.

Acaba condignamente por este impagavel trecho:

— « Convencidos nós, os monarchistas, de que é possível atacar a cidadella invencivel, correremos a defender a brecha, por onde, no momento do perigo, hão de fugir espavoridos os ganços do Capitólio. »

Se não fosse a minha humilde admiração da vasta sabedoria do eminente escriptor, diria que cousas d'estas não as escreve senão quem, ou não sabe o que diz, ou está debicando com o seo paciente público. Que significa similhante phrase? Ja sabemos que um novo Manlio fará a grande Africa de defender uma *cidadella invencivel*; mas que motivo tem Manlio para descompor e taxar de covardes e inuteis (caso unico em que se comprehendia a intenção da phrase) os pobres ganços do Capitólio? Dar-se-ha caso (tudo é possível) que o erudito romancista ouvisse cantar o ganço, sem

saber d'onde ? que lesse algures a locução *ganços do Capitólio*, a achasse bombástica, e a atirasse para ahí, fôsse como fôsse ? Eu ja não juro nada.

Tito Lívio (V. 47) compta que, estando Roma em grão perigo, cercada dos Gallos, foi Comínio incumbido pelo senado de ir a Veios buscar para dictador o desterrado Camillo ; mas tão apertado estava o sitio que era perigosíssima a tentativa de rompêl-o ; todavia o portador, regressando, lá achou artes de penetrar no Capitólio, por uns atalhos mal guardados. Talvez que observando os vestígios da passagem do mensageiro, aproveitaram os Gallos uma noite assaz clara, e não sem muitas difficuldades, foram subindo até o alto do môrro, tão caladinhos, que por elles nem deram as sentinellãs, e nem os cães, animal que de noite o mínimo ruido acorda. Só a quem não lograram, foi aos sacros ganços de Juno, que, a despeito da terrível fome, tinham sido poupados. A elles deveu Roma a salvação. Começaram os ganços a estrugir os ouvidos dos romanos, e a dar-lhes rebate, batendo com as azas, e gasnando estrepitosamente, d'onde resultou precipitarem-se os Romanos sobre os Gallos, que iam já intrando no Capitólio, e darem cabo d'estes, o que não succederia se os ganços houvessem demorado alguns minutos o seo chamamento.

Por tão grande foi este serviço considerado, que nas cerimónias públicas, os ganços, como qualquer consultor, andavam de sege, e não scei se com correio atraz, mas scei que á cerimonia chamavam *anser in lectica*, e que era isto tido por suprema honraria, em memória dos beneméritos ganços do Capitólio.

Será a estes que allude o atilado escriptor ? Será a este Capitólio, cujo nome dizem que proveiu de alli ter sido achada a cabeça de Tolo, *caput Toli*, que era um *quidam* que elles lá sabiam ?

Mas se os Ganços do Capitólio foram mais sollicitos que as sentinellas, se foi a sua intervenção que salvou Roma (*quæ res salutis fuit*, diz Lívio), como imagina o Sr. Alencar que a sua locução signifique desaire, inescabo, labéo, desdouro ?

Os patos, sim senhor, patinham ; mas os ganços do Capitólio são o emblema da lealdade, da vigilancia, do cuidado.

Neste sentido foram, por famílias illustres, tomados para divisas suas, do mesmo modo que a águia foi divisa do Império romano, e depois com 2 cabeças, alludindo á divisão do império oriental e occidental; e a esphera do Sr. D. Manoel alludia ao domínio do mundo; e o pelicano do Sr. D. João II, com o motto: *Pola-ley e pola-grey*, alludia ao modo como esse monarcha intendia o officio de reinar, etc. Era assim, alludindo ás altas qualidades que história ou fábula proclama nos ganços do Capitólio, que estes se tornaram uma honrada empresa; mas cá o nosso nivelador-mór desadorou com o poder pessoal dos ganços, e rebaixou-os de pôsto, ou antes, por uma antíphrase inexplicavel, converteu em censura o que sempre foi tido por louvor.

Eis-ahi tens tu o que seja a carta introductória do novo romance *O Til*: como sempre, uma baforada, uma arrogancia, uma injúria.

Segue-se falar no começado, apregoado, assoprado, ingrandecido, celebrado, hyperbolizado, incarecido, exaltado e inthronizado romance. Está-me caindo da penna um verso de Boileau, mas não quero, não senhor.

Teo respeitoso amigo.

CINCINNATO.

O Brasil.

II

FALSIDADE DOS CONTRACTOS

Não menos condemnada é a questão de emigração para o Brasil, pela falsidade e má fé que se diz presidir a todos os contractos celebrados em Portugal. Aceitâmos a accusação como verdadeira, em parte; no todo não, e vamos dizer o porque.

Um dos fazendeiros que mais tem sido aggredido, talvez por ser o que mais colonos ajusta para os seus estabelecimentos agricolas na provincia de S. Paulo, é o desembargador Bernardo Avelino Gavião Peixoto. O govêrno imperial celebrou já n'este anno um contracto com aquelle agricultor, no qual, determinando que se observem no transporte de colonos as disposições do decreto do 1.º de Maio de 1868, determina mais: Que, antes de embarcarem nos portos de

sua procedencia, os emigrantes assignarão *perante o consul ou agente consular do Brasil*, ou na falta d'este perante a *auctoridade local*, a declaração em duplicata, de *terem conhecimento das condições* dos contractos feitos para a importação no império, especificando-se a cláusula de não irem por conta do govêrno, o qual fica exempto de toda e qualquer despesa com o transporte, desembarque, agasalho, sustento, tractamento dos colonos, e conducção de bagagem;

Que o govêrno imperial auxilia a despesa com a passagem com os colonos menores, de 2 a 14 annos, que forem em companhia de seus paes, na proporção de 4 por cada familia, e não excedendo de 80\$000 rs. o auxilio para cada passageiro; e bem assim de 350\$000 para a passagem dos colonos adultos do sexo masculino, de modo que o número de passagens auxiliadas não exceda a 200, comprehendidas as dos menores;

Que da *dívida dos colonos* para com o importador *será deduzida em favor dos mesmos a importancia do auxilio* concedido pelo govêrno imperial para as passagens, tanto dos menores como dos adultos;

Que, finalmente, a subvenção só será paga em vista de um exemplar da declaração exigida e attestada do agente consular do Brasil, na qual se mencione a idade, naturalidade, filiação, profissão, estado, religião e o número dos emigrantes, e precedendo a apresentação de cada um ao agente nomeado pelo govêrno para fiscalisação do contracto.

Como, pois, pôde accusar-se de falsidade nos contractos o govêrno que toma taes medidas e o particular que acceita taes condições? Como pôde haver falsidade no contracto, se elle só pôde ser válido, em interêsse do próprio agricultor, depois do colono haver declarado quaes as condições com que se escriptura e de as acceitar?

Outros haverá, e ha talvez, que sejam illudidos na sua boa fé. Mas de quem a responsabilidade? Do govêrno imperial, de certo não, que o não pôde evitar. Chega a qualquer ponto do império um navio conduzindo colonos, que se declaram ajustados por motu-próprio e livre vontade: como ha de o govêrno imperial castigar o contractador, se não ha accusação. se ninguem se lhe queixa, se o próprio consul por-

tuguez tem de legalisar e dar sancção aos contractos?

São estes contractadores os contrabandistas, e esses ha-os em todos os paizes. Claro é, portanto, que só as auctoridades locais podem ou devem fazer comprehender aos indivíduos que se dispõem a seguir para o Brasil, que tem dous alvitros a tomar e dous caminhos distinctos a seguir: ou contractarem perante auctoridades legais e responsaveis pelos seus actos, em cujo caso não podem ser illudidos; ou ajustarem a occultas, sem conhecimento de quem quer que seja, que possa coarctar qualquer abuso ou qualquer fraude nos seus contractos.

Em ambos os casos, absolva-se a colonisação para o Brasil que, se tem custado vidas, tem tambem salvado muita família da fome e da indigencia, e feito de muito homem indolente um cidadão util a si, aos seus e à sociedade.

(Continúa).

Do Brasil.

ARCHILOCO A CINCINNATO.

Conheço na minha terra,
meo querido Cincinnato,
um charlata *pequenino*,
arvorado em litterato.

Dando por páos e por pedras,
em fofa estylo arrogante,
crê-se o magister da lingua
sendo n'ella archi-ignorante.

E' mania imperdoavel
d'esse ingenho sem equal
escrever *de omni scibili*...
que importa se bem ou mal!

Por vocábulos esdrúxulos
que não valem um vintem,
julga-se um sábio da Grécia,
e não respeita a ninguem.

Quer o mísero ser tido
em conta de novelleiro!
mas no mercado das lettras
é simples bufarinheiro.

Anda sempre atarefado
em romanescos labores ;
occupa logar distincto
na turba dos palradores.

Quer ser crítico eminente,
e dar licções sobre tudo.
Ninguem dá o que não tem ;
philaucia não suppre estudo.

Se *romantica* e faz *dramas*,
enche resmas de papel,
parece escrever na lingua
que se fallava em Babel.

Brilha de um modo espantoso
na abstrusa phrase... que é linda,
e deixa a perder de vista
o próprio José Cabinda.

Nas talentosas imagens
verão o bello e o bonito.
Não é átomo, é gigante ;
dobra e desdobra o infinito.

E ha quem o eleve ao throno !
por Deus ou por Belzebuth !
Thronos d'estes só assentam
no reino de Lilliputh.

ARCHILOCO.

EPIGRAMMAS

Ha hi quem tenha apostado
que as taes dobras do infinito
o fizeram pequenito
e algum tanto amarrotado.

Dentro de um taquarussú
veio de Itapemerim
notícia para Iguassú
de como o infinito assú
passa a infinito merim.

Estes epigrammas como o último do precedente número são de *Quintiliano*.

QUESTÕES DO DIA

N. 24

RIO DE JANEIRO, 8 DE DEZEMBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Laemmert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua do General Camara.—Livraria Académica, Rua de S. José n. 119—Largo do Paço n. C.—Preço 200 reis.

Snr. Redactor das « Questões do Dia »

Do excellente escriptor Semprónio recebo, com outras, a carta inclusa, destinada á publicidade, e não posso enviar-lh'a, desacompanhada de duas ponderações.

A primeira é que, dignando-se V. acceitar as minhas garatujas, poderá parecer vaidade ou insânia transcreverem-se nas mesmas páginas encómios á minha pessoa, aliás exclusivamente devidos á cega benevolencia de protectora amizade. Repito porém o que ja tive precisão de reflectir, e que me servirá de salvaguarda, se por ventura alguma outra vez me achar em eguaes condições: Vejo-me entre a espada e a parede. Que fazer?

—Deixar de publicar estes escriptos? Seria defraudar os leitores d'estes modêlos de critica; abusar de honrosa confiança; corresponder a uma delicadeza com uma Vasconcellice.

—Publical-os, operando-lhes alterações e córtes? Seria desfigurar a producção; arvorar-me em censor, sem direito; superpôr a minha penna rude á aparada de quem a maneja muito melhor do que eu.

—Dal-os á luz, intactos? Por exclusão, é o único expediente lícito, supplicada, como fica, para este e todos os casos análogos, a desculpa do leitor, a quem rogo me considere subjeito então a força maior.

Venhamos a outro poncto.

Na carta que vai ler-se, abaixa-se *Semprónio* a tomar em consideração, embora seja para esmagal-o, ao *Palestreiro do Didrio do Rio*. Está longe o conspícuo escriptor. Pensa elle, como todos tinham pensado, que eram ou dictadas ou insuffladas por *Sénio* as tristes *Palestras*, que lhe imitam o estylo; que lhe reproduzem

a *argumentação*; que se sabe saírem de debaixo do mesmo telhado e de sôbre a mesma mesa em que *Sénio* escreve.

Foi exclusivamente esta convicção que levou a mim e a Semprônio, a descermos ao poncto de discutir com o *Palestreiro*, guardadas sempre as devidas distancias de linguagem, isto é, brandindo nós espada de aço contra espada de canna temperada em lôdo.

Surge porém um *quidam*, incoberto sob o pseudónimo *Vasconcellos*, bradando ser elle, e não *Sénio*, o auctor da *Nova Tripa Virada*, e a reclamar para si certo privilégio, de que affirmam usava uma Viscondessa da Lourinhã.

Quer, a toda a força, celebrar-se; é o que os francezes chamam *reclame*; quer que façamos falar nelle; quer que annunciemos aos taberneiros o seo escriptório de advocacia. Perde o tempo.

Quanto a mim, ja avaliei a importancia do crítico, e pode esbofar-se, que lhe não darei mais attenção a quantas inépcias escrevinhar, em linguagem de prostíbulo ou de *açougue*. Nada, não senhor. Eróstrato era um parvo obscuro, a quem atormentava o delirio da celebridade. Querria immortalizar-se fôsse como fôsse, e com o petróleo de Epheso queimou aquelle *Rocheford o Velho* uma das 7 maravilhas do mundo. Isso foi lá com elle; mas eu, simples cidadão, e respeitador da lei, curvo-me á que promulgaram os Ephesianos, quando prohibiram expressamente que se proferisse o nome do incendiário. Por isso, sorrindo, o vejo voltar ao *Diário do Rio* (ha folhas, que, em se lhes pagando, publicam tudo; tomam a sua missão por uma tigella da casa jornalística), fazendo-me tregeitos e visagens, e dizendo que o Sr. José d' Alencar E' SOL (de quem ja obtive, e aspira a m. is.... certo calor que nós sabemos), e outras bajulações tão nojentas como as diatribes com que sonha fulminar-nos. Coitado, *requiescat in pace*.

O que é lamentavel, porém, é que Semprônio se curvasse a inxergar similhante escrevinhador, a quem faltam todos os dotes de sciencia, consciencia, intelligencia, gôsto, estudo, educação, e senso commum. Entretanto, submetta-se Semprônio aos ossos do officio: isto é o « *Lembra-te que és homem!* do romano triumphador. Quando o general victorioso, ia revestido da *tunica palmata* e da *pintada toga*, corba de louro na fronte, ramo de louro e ebúrneo sceptro nas mãos, pouco importava que ao pescoço levasse uma nómina contra

a inveja : atraz d'elle, no carro magnífico de marfim, puchado por 4 alvos corséis, ia um escravo ébrio, descompondo-o e insultando-o, e desde o Campo de Marte até a Porta Carmental e ao Clivo Capitolino, confundia-se a voz do truão com o *Io triumphe!* das multidões.

Cada um occupe o seo lugar, e Semprónio triumphe !

Desde que, porêem, nos querem convencer de que *Sênio* não é o auctor das *Palestras*, persuado-me que o distincto escriptor fará devida justiça a si mesmo, condemnando ao desprezo a insolente, analphabeta e chata escripta de um V.

Semprónio vai inceptar o estudo da *Iractma* e da *Diva*. Acaba de sair á luz uma sequencia de producções estupendas, incontestavelmente do Sr. José de Alencar ; para que se hade brigar com phantasmas, quando ante nós temos o corpo ?

Ahi está fresquinho o impagavel *Til*. Temos o 2º tomo do *Tronco de Ipê* (que os thuribulários do costume já proclamaram famoso, eloquente, de forma rara e mais que appreciavel etc., nada menos). Ha muito por onde esmerilhar, sem que se nos saia ao encontro com hesitações sobre authenticidades.

Ha mais outro livro, que participa de empalmação e de roedéla de chorda, e que parte da mesma selecta intelligencia ; mas este merece duas palavras de reminiscencias.

A 23 de abril de 1870, publicou o sr. José de Alencar uma carta muito pèrra, fazendo saber ao mundo que não tinha ficado pèrrro, por não ter sido escolhido para senador, carta de que ainda espero occupar-me. E' uma verrina, quanto ao passado ; uma amiaça, quanto ao futuro. Leem-se n'ella estas phrases, por exemplo :

« Sou obrigado a revelar ao paiz os motivos *pessoaes*, e as *razões occultas*, que determinaram minha exclusão. *Abrirei aos contemporâneos as pdginas de um livro, que eu havia escripto para o futuro.* Accredito que não serão *pdginas perdidas* para a história d'este paiz ; aquelles que se derem ao trabalho de *as folhear* conhecerão que essa condemnação do meo ministério foi *lógica*. Eu a esperava como a *consequencia necessaria* de alguns actos de *energia e moralidade*, que pratiquei no govêrno. »

Ponhamos de lado o despeito e o desabrimento com que se tracta o mais que sol, aquelle contra cuja vontade se não concebe resistencia no dominio da lei. O género humano tomou nota da promessa formal. Exultou de ver que um melhor Chateaubriand presenteava a actualidade com umas interessantes Memórias destinadas á posteridade, mas que generosamente se transformavam em *Memórias de aquem-campa*. Tem-se preparado para admirar o promettido *Livro do futuro*, com seos foros de apocalipse. Excitara-lhe a curiosidade a certeza de que ia estudar as consequencias lógicas, razões pessoaes, e motivos occultos, porque emfim, desde tempos immemoriaes, as sciencias occultas têm arte de despertar geral appetite.

Já lá vai anno e meio, e moita ! O *Livro do futuro* assimilava-se ás prophecias do Bandarra, e D. Sebastião sem apparecer ! Mas afinal, parabens, surgiu, *eureka*, eil-o ahi .

O Sr. Alencar imprimiu os seos brilhantes discursos d'esta sessão. No prólogo (diz o *Jornal do Commércio*) declara o auctor que *offerete estes discursos como pagamento do promettido livro* sôbre a sua passagem pelas regiões do podêr, e que se intitulará *Dezoito mezes no podêr*. Antes que este appareça, promette reproduzir, *ainda como pagamentos*, os seos discursos da sessão de 1870, e como prefácio uma 3ª edição das *Cartas d'Erasmus*.

Que a impavidez é dote d'aquelle descomúnal talento, se tantas provas não houvesse, bastaria esta para evidenciar-o. Emfim, tem-se visto quem faça do senbenito gala. Mas que se pague em moeda falsa, isso é que não parece de juriconsulto, que sabe as penalidades da lei. Deve alhos e dá bugalhos. Por 5 libras sterlinas dá igual fórma em 5 vintens. Promette livro do futuro, e diz que paga reimprimindo farelórios do passado. Obriga-se a revelar consequencias lógicas, motivos pessoaes, razões occultas, e empalma tudo, pagando em cobre o pêso do que devia em ouro, e burlando uma vez mais o público paciente. Ficaremos pois intendendo que a alta novidade das *Cartas de Erasmus*, e das arengas parlamentares do passado é o *Livro do Futuro* ! !

Todavia ahi está matéria sem têrmo para apreciação do orador, do estadista, do romancista, do escriptor,

aos quaes, a seu tempo, seguirá o jurisperito e o dramaturgo.

Peço desculpa de haver dado a estas linhas de introdução e justificação maiores dimensões que projectava, e permitta subscrever-me

CINCINNATO

NONA CARTA DE SEMPRONIO A CINCINNATO

(*Epistola á parte.*)

Inclito amigo.

Tenho sido de uma descortezia atroz.

Tres cartas tuas até hoje sem resposta! E que cartas! onde a liberalidade mais cavalleirosa confunde o ignorado escrevinhador de provincia! tres primores de ingenho e de arte, padrões de vernaculidade, erudição e atticismo.

Mil perdões.

Tu tambor, emquanto eu marechal do exército! Não te lembres d'isso.

Eu, sim, é que me apresso a reconhecer em ti o mestre, capaz de me dar lições, ricas de insino para viagens de instrucção n'este labyrintho inextricavel da critica. Não sou senão justo, prestando-te do coracão o culto a que têm indisputavel direito os teos múltiplos e fecundíssimos talentos, as tuas graciosas e castiças lettras.

Acabo de chegar do arrabalde, onde a minha deteriorada saúde me deteve cêrca de quatro mezes. Tranquillisa-te, porém; estou disposto e preparado para a esgrima.

Vi as minhas frandulagens sobre o *Gaúcho*. Agradecido.

Mal pensára eu, quando tive de escrevê-las, a instancias reiteradas de um amigo que chegara havia pouco da campanha do Rio Grande, que Sênio, em resposta e sem ter em consideração a excellencia do intuito, nem o comedimento e selectos modos da minha compostura, viria, arrojado e infrene, assacando-nos d'estas fidalguissimas amenidades:

« *Tomo, para começar, a 1ª carta em que Cincinnato, á laia de amigo, se dirige a um Semprônio, AMBO FLORENTES, não na idade, poisque o de lá ainda está na esgrima e o de cá já chegou ao sabugo, mas com certeza ARCADES AMBO; e bom será que se saiba que ha di-*

versas espécies de ARCADIOS, sendo estes dous d'aquelles de que tracta Juvenal sat. VII v. 160: QUOD LÆVA PARTE MAMILLÆ SALIT JUVENI ARCADICO, quando faz allusão a certos ORELHUDOS de bom volume, que pastavam a relva da Arcádia.»

Diz uma auctoridade em letras : « Quando a alma é elevada, as palavras vem do alto, e a expressão nobre acompanha sempre o nobre pensamento. » Faze a applicação.

Orelhudo só pode ser filho de *burra*. Ora d'esta espécie de animal nunca figurou, que eu saiba, na minha, pôsto que plebéa, estyrpe. Para onde se voltou, pois, Sénio, quando quiz achar a finíssima allusão ?

A' vista de tão polido exórdio hesitei, a principio, como tu, se devia ou não travar contenda com quem assaz mostrou só saber torneiar á *gaúcha*.

Ora, nunca me empenhei em taes luctas—verdadeiros exercícios bárbaros. De meos paes, de meos mestres, da boa sociedade, da civilisação (da nossa civilisação que não *babuja*, como a de Sénio) aprendi a pleitear com as armas do pensamento—pela palavra, esse escudo sonoro, e pela penna, essa tersa lança do brioso lidador.

Mas deixar de accudir á intimação ! isso nunca. Dou-me tambem por citado, e venho á lide para discutir, se o quizerem, e nunca para..... rebaixar-me. E' falar em bom portuguez.

Quizesse eu combater d *Gaúcha*, nada mais facil, apezar da minha falta de hábitos, de gosto e de aptidão, confesso-o, para esta espécie de pugna gentilica : o amigo, de quem acima te falei, tem ainda em seo poder um rebenque e umas chilenas, que de bom grado me prestaria ; e até um *Juca* acharia eu defronte de mim para o cavalgar.

Mas renuncio para outros á glória de sobresaír n'este páreo. O público da cidade, que não confunde, como Sénio, o homem com o bruto, vai tendo o bom senso de antepôr ás corridas ferozes as nobres justas do raciocinio, únicas que instruem e dão triumpho sem molestarem.

Para prova de que estou disposto a discutir, vou occupar-me com a continuação da *gaúchada* de Sénio.

« *Prometto continuar*—diz elle—*logo que regresso, pois que para concluir a tarefa, que tomei sobre os hombros, inda me resta debicar um pouco o Sr. Semprónio, que*

tambem se metteu a criticação, e pinoteou pela campanha da litteratura, para mostrar ao vivo como comprehende o cavallo do Gaúcho. »

Duas observações :

1.ª Sénio não abandonou ainda o estylo equino. Vai-lhe a phantasia tão recheiada de visões híppicas, que as imagens que lhe occorrem não são de outro género. *Pinoteou* pela *campanha da litteratura*. Que gentileza de me:áphora! A litteratura convertida em *campanha*, onde se *pinoteia*! E' da mesma ordem da civilisação que *babuja*. Descobriu-se o Chiarini da litteratura.

2.ª O que eu disse foi como comprehendia o cavallo do *pampa*, e não o cavallo do *gaúcho*; são idéas bem differentes. E' preciso que Sénio, por amor de si mesmo, tenha presente o seguinte: que á improbidade litteraria dos *palestreiros* jesuítas deveu Pascal em grande parte o seo majestoso triumpho.

Accrescenta o nosso fidalgo oppositor :

« Ora, Sr. Semprónio! Vd esbrugar os seos indios do Jaguaribe, e quando lhes tiver tirado o cascão, etc. »

Bôa dúvida! Grande achado!

Que os taes *indios* tinham cascão, e do mais espêso, foi o auctor o primeiro que o declarou, alto e bom som. Leiam a nota 1.ª no final do vol. 1.º.

Semprónio, provinciano bronco e obscuro, nunca pretendeu ser tido por grande cousa, por formador de eschola, litterato inatacavel, philólogo inerrante, sábio illuminado. De taes velleidades não se accusa. Escreveu, garatujou aquillo por mero desinfado. E ficará em excesso agradecido ao pio leitor, ao próprio Sénio, se se dignar indicar-lhe os erros, porque se elles não forem irremediaveis, promette tentar emendal-os conforme poder na 3.ª edição, se resolver dal-a Chateaubriand, dócil ás licções dos criticos, nunca se despresou de corrigir suas obras. E' elle mesmo quem nos confessa que, sendo reimpressa a *Atala* onze vezes, se confontassem essas onze edições, apenas incontrariam duas inteiramente semelhantes. E' que pelo menos dez vezes a *Atala* teve *cascão*. Antes quero pensar com Chateaubriand do que com Sénio (perdôe-me elle a preferencia), que emperrou, emperrou

Semprónio estava uma vez muito caladinho no seocanto, quando recebeu o 1.º numero da *República* (diário que se publica n'essa côrte) trazendo um formoso e obsequiosíssimo juízo crítico sobre os *indios*. Era da

penna do Sr. Silva Maia, cavalheiro que o auctor não tinha nem teve ainda a fortuna de conhecer.

O Sr. Silva Maia, julgando da acção, dizia o seguinte :

« E' esta por ventura um pouco arrastada e longa, e interrompida não poucas vezes por incidentes, talvez alheios ao seo movimento e desinvolvimento, etc. »

Semprónio toma o livro, folheia-o, medita, e conclue confessando á sua consciencia, como ao público o declara agora, que o Sr. Silva Maia tem carradas de razão. Eis-ahi.

Acceitar com reconhecimento e gaudic salutarees instrucções e advertencias, por mais elevada que seja a posição que se occupe, sempre foi próprio do escol dos espiritos. O que me parece triste, e das mediocridades desabridas, é perseverar voluntária e obstinadamente no erro por amor de preconceitos vãos.

O mundo é uma eschola, onde se pratica, não o elogio, senão o insino mútuo, com esta circumstancia porém — que não ha *magister super omnes*.

Firme n'estes principios é que Semprónio irá tambem esbrugar e dissecar a *Iracêma* e a *Diva*, que, segundo alguns, têm molestia na pelle (elephancias de estylo), e, segundo outros, talvez mais bem avisados, o principal defeito está em alguma mielite ou alguma viciosa disposição da espinha (destempêros de acção e de characteres), d'onde vêm os corcovos e as suturas ósseas, que lhes dão a figura de monstrenhos.

Notarei: nas delicadas operações, que vou continuar, nunca os erros, as fragilidades, os arroubos disformes, os caprichos frívolos do auctor farão Semprónio deixar de ter para com Sénio as atenções devidas á sua idade, posição social, admiraveis talentos, illustre pessoa, e particular character. Sénio precisa mais de ter quem lhe diga certas verdades proveitosas do que de pão para a bôcca. Hei de dizer-lh'as, apoiado na minha bôa fé, em meo desenvolvido espirito de rectidão.

Não é de hoje, não é no interêsse de quem quer que seja, que reajo em nome das letras nataes. As minhas cartas sobre o *Gaúcho*, posto que só agora publicadas, foram escriptas ha perto de um anno, e, o que é mais, estiveram todo este tempo ahi na côrte. Scei que de tudo isso tem Sénio noticia.

Repito: estou plena e profundamente convencido de que, procedendo assim, presto serviço ao Brazil. A crítica, que se preza de justa e independente, é inquestionavel agente de progresso; põe diques (deixem lá falar) aos extravasamentos das imaginações superabundantes, alimenta e aguça os estímulos productivos, apura o liquor das boas fontes sem estancar-as.

Não são mais brasileiros do que eu, os que só têm o incenso que embriaga, e nunca uma palavra de judiciosa e firme admoestação. Muita vez o applauso é desserviço, e quando perenne, converte-se em nojenta e nociva idolatria. Admira que os mesmos que alardeiam querer espancar o chamado *fetichismo politico*, estejam alimentando o *fetichismo litterario*, real, fustoso e enervador.

Serão da injustiça mais injuriosa e acerba, se me tacharem de iconoclasta de imagens da terra; o que faço é, do fundo da minha obscuridade, aponctar a eiva ao ídolo, e pedir que o reparem, para que não caia aos pedaços.

Quem souber commover-se e orgulhar-se com as grandes cousas da pátria não o ha de saber melhor do que eu; estão enganados! Quando J. de Alencar, simples neóphyto nas letras, escrevia desabridas *cartas* contra um brasileiro, a todos os respeitos illustre e respeitavel, verdadeira glória do Brazil, o conselheiro Gonçalves de Magalhães. alguém o chamou de *iconoclasta de imagens da terra*? Pelo contrário: houve de sóbra quem o applaudisse e acoroçoasse. E' que ha homens que nascem sob um signo inteiramente feliz: J. de Alencar é d'estes.

Pois bem: não faço mais do que seguir o edificante exemplo de J. de Alencar.

Fico com o escarpello sôbre a *Iracêma*.

Teo amigo e admirador sincero

SEMPRÔNIO.

— — —
O MEU NOME.

Apparecendo pela primeira vez perante o público d'esta capital, natural é que alguém pergunte quem sou, d'onde vim, e para onde vou. Ora, como eu sou do século da publicidade, vou já pôr tudo aqui em pratos limpos, afim de não deixar a mínima dúvida.

Como se verá na fralda d'este escripto, chamo-me *Otton*. Não é nome que me pozessem na pia do baptismo : assim como há muita gente, que abandona os nomes, que seos paes lhe deram para tomar outros, que muitas vezes valem menos, assim fiz eu, aproveitando o exemplo.

Mas porque razão dei eu preferencia antes a este que a qualquer outro ?

Eu explico. *Otton* é o nome de vários individuos conhecidos na história : entre elles pelo menos tres imperadores.

Ora eu queria um nome, que impozesse ás turbas : pareceu-me que este estava muito no caso, não tanto por ser nome essencialmente monarchico, mas porque com pequenissima variante se transforma em outro perfeitamente republicano.

Eu sou monarchista, isso lá sou eu ; porém não sciei quanto tempo isto ha de durar. Nos dias que vão correndo, um homem muda de pôsto com mais facilidade do que muda de camisa.

Supponhâmos que sou chamado ao ministério : é difficil, mas não é impossivel. Se houver eleição senatorial, lá me incaixo eu ; e que hei de intrar na lista, isso é dos livros. Mas não sou escolhido : republicano no caso. O cão dos *Animaes Falantes*, de Casti, o fundador da monarchia leonina, só porque o demittiram, foi para o campo do elephante.

Porventura não houve ahi alguém que tomou o nome de *Sênio* ? Porque ? Sem dúvida por ser com pequena alteração o anagramma de *nescio*. Eu tomei o nome *Otton*, porque me serve, enquanto a cousa me correr bem, mas em me chegando a mostarda ao nariz, largo cutellos e varredouras : é apenas um risquinho e um pinguinho ; estou cá, e estou lá !

No tempo em que o vapor não fazia mover carros nem barcos, e nem havia telégrapho eléctrico, a cousa não ia assim : as idéas andavam tão de vagar como as pernas. Ainda por ahi ha muita gente, que para obter o seo retrato, depois de dar quinze ou vinte sessões ao seo pintor, tinha de esperar seis mezes. Hoje é negocio de segundos, a tres mil réis a duzia.

A gente fala das cousas, segundo o modo porque as vê : mas os olhos são máchinas photographicas que appresentam os objectos de differentes modos.

A inveja tem os olhos vesgos, não é assim? que eu, excluído, hei de ter inveja do escolhido, isso não admite dúvida. Ficam-me os olhos vesgos: de Otton que sou, passo a ser o meo simile, por outra, de monarchista que sou, passo a ser republicano de papo amarello.

Tenho falado muito de mim: para outra vez falarei dos outros.

Otton.

JULIO DE CASTILHO

TRAGEDIA *Ignês de Castro.*

Se o não conhecem, deixal-o-hão seguir sem attentar n'elle, e sem lhes passar pela mente que vai alli uma grande intelligencia, uma alma nobilissima e um coração de pomba.

Júlio de Castilho é assim: crenças, puras como a dos primeiros annos; coração, vivíssimo como o dos vinte; talento, profundo e sólido como o dos cincoenta. Modesto (sincera e demasiadamente modesto), imaginando insignificância quanto faz, mesquinho quanto inventa, rachítico quanto concebe, é pasmo de quantos lhe sabem estas virtudes a noticia de que um trabalho seo vai ser lido em público ou publicado em livro. Se o virem n'um gabinete, em que é tantas vezes o primeiro, julgal-o-hão o último, tal é a timidez com que expõe a sua opinião sôbre o assumpto que se discute. E, não obstante, poucas vezes hade um pae, já immortal como o d'alle, confiar a guarda futura do seo nome a um talento tão seguro como o de Júlio de Castilho.

Tem facil explicação este character. Educado por uma senhora, toda virtude, toda carinho, toda saber, senhora que ainda hoje é pranteada por tantos parentes e estranhos, foi-se aquella alma abrindo ás luctas da vida, entre exemplos de resignação e de amor, despretenciosa e modestamente praticados entre as quatro paredes do seo lar. Se se soltava dos braços da mãe estremeçada, para voar ao collo do pae, d'aquelle pae de quem elle foi sempre o inlêvo, via-o longas horas do dia intregue ao trabalho sem trégua, ao estudo sem infado, como se elle, que tanto sabia, tivesse ainda tudo que aprender. Se ouvia falar estranhos, podia, creança ainda, levantar a fronte al-

tiva, pelo culto de veneração e de respeito com que era repetido o nome d'aquelle que lhe dera o ser. Se assistia aos sarões litterários, contemplava attónito a multidão que corria a ouvir a palavra do seo mestre e melhor amigo. Finalmente, se folheava o *Método portuguez*, segredava-lhe a posteridade o nome de seo pae.

Que mais fôra preciso para fazê-lo tremer ante a idéa de firmar com um nome tão glorioso um trabalho seo? Que importavam conselhos, que valiam incitamentos de amigos, se mais alto lhe falavam as imposições d'esse nome, e o respeito com que elle era repetido?!

Tal foi a lucta d'aquelle espirito até 1863. N'esse anno começava a sorrir-lhe a vida: na posse de um anjo lhe baixara uma primavera de flores. Embriagou-o o perfume d'ellas, e cego e surdo a tudo, para só vêr a candidez e ouvir a voz harmoniosa da esposa que me recêra a Deus, foi-se cantando, cantando amores, que tempos depois publicava com o título formosíssimo de— *Memórias dos vinte annos*.

E fugiu.

Como a avesinha innocente que, ao som do tiro do caçador, sólta o vôo em busca de outro refúgio, assim fugiu aquella creança para o campo, involto nas azas do seo anjo. Córrou de si próprio, do seo ar-rôjo, e a não lêr nos olhos d'aquelle *cândida* pomba o — *bem hajas!* — teria volvido a comprar todos os exemplares, para que ninguem podesse ler o seo livro.

Nas saudações da imprensa, nos parabens dos amigos, via elle apenas indulgencia e amizade; e se um dia se convenceu de que a sua estreia tinha *algum* valor, foi preciso que um parente, tão sábio como austero, lhe dicesse largamente o que pensava do seo livro. Foi-lhe o único voto insuspeito, não porque o dictasse menos amizade, mas porque lhe exigia a entrega immediata de todos os seos versos inéditos, para que aquelle volume se seguisse outro, e outro, e muitos.

Publicaram-se então os *Primeiros versos*, e não menos festejado foi aquelle voluminho. Em todo elle se revelava a herança do pae; gemia-se com o gemido d'aquelle harpa; surria-se com o sorriso das flores que lhe ingrinaldavam a frente; respirava-se em todas as páginas poesia e amor.

Após tão supremos esforços, pediu tréguas. Preci-sava repouso que não tinha: prostára-o a anciedade, o receio de insombrar as tradições dos seos, e depoz a lyra, para a tanger tres annos depois, rica de nova harmonia e de sons dulcíssimos.

Um dia despertaram os seos íntimos, aquelles a quem é mais familiar o tracto das letras, com um convite para assistirem á leitura de uma tragédia do moço escriptor, intitulada *Ignez de Castro*. O próprio cartão de convite o photographava: a um cantinho de linha, em lettra mais trémula e sumida, as palavras—*drama de Júlio de Castilho*,—como que se escondiam invergo-nhadas!

Ninguem se escusou a tal convite, senão os que a doença impedia de tomar parte em tão appetitoso como raro festim.

A's 7 e meia começou a leitura, perante um selecto auditório. D'aquelle réo eram juizes em primeira instancia Pereira da Cunha, Duarte de Sá, D. Antonio da Costa, Freitas e Oliveira, Silva Túllio, Castilho e Mello, Dalhanty, Biester, conselheiro Lisboa, visconde de Almendro, Alvaro Paes, Luiz Philippe Leite, dr. Acacio Caldeira, Júlio Machado, Roma, Bulhão Pato, Zacharias Aça, Xavier, José Aboim, Silva Ramos, dr. Henrique Leal, e Ramiro Guedes. Se o visseis passar a vista, inquieto e offegante, de um ao outro extremo do gabinete, verieis que tortura lhe ia n'alma, tortura que ia morrer ante as cans venerandas de um astro immenso, que em frente a elle o animava e o incitava: de seo pae, o Sr. Visconde de Castilho.

Fez-se profundo silencio, apenas quebrado pelo arfar descompassado d'aquelle peito, contrastando com a serenidade do pae e a convicção em que estavam todos os convivas de que o banquete havia de ser digno dos convidados.

No fim de cada acto, fugia Júlio de Castilho, a respirar a sós: os que o queriam abraçar, que eram todos, iam incontral-o no poncto mais escuso dos gabinetes contíguos, e era para ver com que attenção ouvia conselhos e parabens de todos, como a todos agrade-cia com o coração nas mãos as palavras de sincera admiração que lhe tributavam.

Isto pude contar; mais não scei, não me cabe a mim, único que estava deslocado n'aquella sala: o que tantos talentos lhe diceram, nem sequer em é dado re-

petir. O que vou dizer, perdoem-m'o e supponham que me chegou aos ouvidos, ora aqui, ora alli, d'entre os diversos gruppos que ajuizavam da tragédia.

Não scei que Júlio de Castilho podesse metter hom-bros a empresa mais afaçosa. Se *era muito* o ter de attender á palavra da historia, ao character dos perso-nagens, ao estudo da época, ao desenho das figuras que tinham logar n'aquelle quadro, ás exigencias de um poema dramático, á ligação racional das scenas e dos actos entre si, *era tudo* o confronto com a immensi-dade de tragédias a que tem dado assumpto aquelle thema (algumas das quaes, de subido valor), e a diffi-culdade de prender a attenção de espectadores, que todos conhecem a fundo as peripécias da tragédia, em que não ha o imprevisito, em que cada figura que entra em scena é esperada, e para dizer palavras que todos sabem.

Pois tudo salvou Júlio de Castilho: nenhum dos espectadores, apesar de lidos e versados nas letras, tinha até então visto ou lido a *Ignéz de Castro*: tudo era novidade, tudo era attrahente, commovedor, suberbo; e, não obstante, a parte histórica lá estava respeitada nos mais insignificantes ponctos.

Como conseguiu tanto o moço escriptor? Como soube fazer chorar com elle, arrebatár com os arrebatamentos da sua lyra, enthusiasmar com os enthusiasmos, can-tar amores com os seos amores? Lereis um dia o livro e sabel-o-heis: com a maior opulencia de estylo, com a maior suavidade de versos, dando á rainha o amor de mãe que vira na sua; ao sr. rei D. Affonso o valor de que são capazes os reis portuguezes; a Ignéz de Castro, o céo de encantos que lhe dá a SUA Ignéz de Castro; ao velho Almada a lealdade, o conselho e a prudencia de seo extremo pae.

Aos 30 annos não se escreve melhor; aos 50 difficil-mente se escreverá tão bem: na sua idade ninguem firmou assim uma reputação de verdadeiro talento. Lêde aquella scena entre o rei e a rainha, a da rainha e Ignéz, a de Ignéz e Pedro; ouvi á rainha dizer o que é o povo, e convencer-vos-heis de como fica bem per-petuado em Júlio de Castilho o prodigioso talento de Antonio Feliciano de Castilho.

Dictou a admiração, não a amizade, estas linhas; se as tomarem por affecto, por delicadeza ou testemunho de cada um dos íntimos que ouviram a leitura da *Ignéz*

de Castro, provará isso que sou apenas echo de quem, com direito incontestavel, coroou já poeta a Júlio de Castilho.

Lisboa, Octubro 31.

A. DE CASTILHO.

Epigrammas.

A causa do réo discute-se
perante o seo julgador.
— « Que houve crime, é cousa líquida »
diz o forte accusador.
— « Sim ! A prova não é sólida »
responde-lhe o defensor.

Se de Homero o poema, antigo e celebrado,
coube dentro da casca estreita de uma noz,
quando o infinito fôr e bem e bem dobrado
hade vir a caber n'uma casca de arroz

QUINTILIANO.

Dou á luz para a semana
o lindo romance—Til !—
E' serio (diz a *República*).
Quem diz que é *poisson d' Avril* !

O rei das letras brasileas
vai para o meo rodapé ! !
Como *Sardon* na *Fernanda*
exclamo em júbilo : « *Té !* »

O' folhetim de espavento,
tu nos vais cobrir de glória !
D'esta feita a nossa folha
grimpa ao templo da Memória !

Quem vence a Scott em Romances,
e é nas *Leis* mais que Lycurgo;
Quem desbanca até Shakspeare
se se mette a dramaturgo ;

quem creou *Olfato e Olho*
nas ricas—*Minas de Prata*;
quem fez a pobre *Iractema*
parir em pé como pata ;

nos campos do Rio Grande
quem põe rocins a falar;
o da âmbula do infinito,
o que faz côncavo o mar ;

o chefe da pátria eschola,
co'o pseudónymo Cazuza,
cedeu-nos, ó glória, um fructo
de sua fecunda Musa.

Ides ver a flor mimosa
do seo vasto repertório.
O' leitores, preparaes-vos
para mais um purgatório !

Pompeo.

ANNUNCIOS

QUESTÕES DO DIA.—Vende-se por 3\$000 rs., brochado, ou por 4\$000 rs., inquadrado, o 1.º volume d'esta folha.

O BRAZIL, *jornal de Lisboa*.—N'esta côrte, são correspondentes d'esta folha os Srs. E. e H. Laemmert, em cuja casa se tomam assignaturas por anno a 15\$000, por semestre a 8\$000 ; e se recebem annúncios, para serem publicados no *Brazil* a 60 rs. por linha ; tudo de dinheiro do Império. (Em Lisboa, rua Augusta n.º 188: *Redacção*, Antonio Maria de Castilho ; *Administração*, Pedro A. d'Almeida.)

QUESTÕES DO DIA

N. 25

RIO DE JANEIRO, 13 DE DEZEMBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Laemmert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua do General Camara.—Livraria Acadêmica—Rua de S. José n. 119—Largo do Paço n. C.—Preço 200 reis.

Biographia de S. M. o Imperador do Brazil

E' mui conhecido o *Estudo Biographico*, traçado ha alguns annos pelo respeitavel Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, e publicado no periódico litterário *O Futuro*, redigido pelo admiravel poeta da natureza, Faustino Xavier de Novaes, tão prematuramente roubado ás lettras e a innumeraveis amigos.

Bem era que um dos primeiros soberanos tivesse a sua biographia feita por uma das primeiras pennas d'esta terra, e publicada por um dos mais talentosos hóspedes que nella hão sido recebidos, e reproduzida agora na nação-irmã por um dos primeiros prosadores de que Portugal se honra.

Coube pois, e muito naturalmente, a Camillo Castello Branco, o honroso incargo de presidir á edição que de parte d'esses opúsculos se acaba de fazer no Porto, e que acaba de saír á luz, em nítida edição, com o retrato do Sr. D. Pedro II.

Camillo Castello Branco, tão facundo como fecundo escriptor, tornou-se uma das principais glórias do nosso idioma. Desde muitos annos que nelle se disputam primazias as mais raras qualidades de que um auctor possa orgulhar-se : pureza, vernaculidade, elegancia, sciencia, sentimento, graça, imaginação, propriedade, estudo, fidelidade, tudo collocado a seu tempo, tudo posto no seu lugar. Tal é a superioridade das páginas d'essa admiravel penna, sobretudo nos últimos 10 ou 15 annos, que um de nossos primeiros poetas e prosadores, considerando-o clássico em vida, tem inriquecido o seu dictionário com centenas de pa-

lavras e phrases, consagradas por aquella formosa penna de Camillo Castello Branco.

Inimigo de indeusar poderosos, repugna ao sec character tractar de assumptos que prendam com encómio a elles; mas o Sr. D. Pedro constitue uma excepção; nunca em ser justo pode haver desar.

Damos pois em seguida a *Advertencia*, com que o primoroso escriptor incepta o livrinho. Formâmos, por elle e pelas lettras, votos por que se restabeleça da grave e obstinada enfermidade que o acabrunha. Viera Camillo a Lis^tôa, em principios de octubro, com tenção de se demorar uns 15 dias; mal eram passadas 24 horas, tornou-se arrebatadamente para o Porto, com medo, dizia, de morrer separado dos filhos. E apezar de tudo, e de se lamentar que sente já apagada em si a luz da imaginativa, e o ânimo para trabalhar, e até para escrever, consta que nos curtos intervallos em que a doença lhe dá folga, vai sempre escrevendo obras novas. Esperemos que os receios do doente sejam infundados, e que tão preciosa vicia se prolongue largos annos para honra e lustre da lingua que falâmos.

A citada *Advertencia* é do seguinte teor :

A biographia do Sr. D. Pedro II, trasladada 'neste livro, é escripta por um dos mais insignes litteratos do Império brasileiro. Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, 'nesse primoroso trabalho, revela do:es superiores de bem pensar, de bem escrever, e—o que mais realça—de manter a verdade histórica, a respeito de um príncipej vivo, sem incorrer, se quer, na venialidade da lison a.

Foi publicada esta biographia em um periódico litterário do Rio de Janeiro, annos antes que o Brazil fôsse apalpado pela mão da trabalhosa guerra que mais relevantes lhe tornou os merecimentos ao louvor, após a suspirada victória. E' muito para desejar que a vigorosa penna que tão magistralmente urdiu a história da pacifica existencia de Sua Majestade Imperial, nos descreva os corajosos alentos insinuados pelo augusto imperante no ânimo brioso dos generaes que lhe honraram o reinado, tanto quanto se nobilitaram servindo o império.

Os factos, porém, relativos ao período deploravel que perturbou temporariamente a prosperidade do Brazil, sacrificando á honra as vidas de muitíssimos filhos seos, são recentíssimos, bastante notórios, e vi-riam supérfluos, sôbre dissonantes, se outro historia-dor os relatasse.

Este livro não se apresenta occasionado sómente pela visita com que o festejado Imperador honrou a terra de seo augusto pae e avós. Cabe-lhe mais elevada graduação e quilate de outra mais nobre espécie, por que ha ahi páginas identificadas ás da história de Portugal, e relanços capitaes da vida política do Brazil, mal conhecida entre nós, da lo que por amor da língua e costumes, e das relações commerciaes, e da tão vasta quanto respeitavel colónia portugueza n'aquelle império, nos estejamos sempre mutuando affectos como de irmãos.

Houve quem, possuindo o periódico em que Monsenhor Pinto de Campos publicou os seos precíósos artigos, se lembrasse de responder com este livro á curiosidade de muitíssimas pessôas que de nome apenas conhecem o augusto hóspede que tantas affeições grangeou em Portugal. 'Nesse estimavel pensamento fui convidado a collaborar, em parte assim insignificante quanto dispensavel ; porém, como na ci:ada biographia super-abundassem notas circumstanciadas de illucidações políticas menos interessantes para portuguezes, cedi a eliminar 'neste traslado as menos precisas na narra-tiva.

Não scei que impressão deixará no ânimo do leitor a biographia de tão bondoso quanto illustrado príncipe. Deve de ser estranha, attenta a raridade dos vultos majestosos d'este porte que nos offerece a história con-temporânea : e deve de ser melanchólica, se intrâmos em confrontos, de que não podêmos tirar senão traços que nem os thuriferários abjectos pôdem fazer parecidos entre si. Figurou-se, outr'ora, que a Providencia nos dera um rei com o coração aureolado por grandes virtudes e talentos ; mas, um dia, fechou-se uma sepultura ; e a bella alma, que se alumiou em es-trella de eterna saudade para portuguezes, não pôde baixar com os seos resplendores até o throno d'onde subira.

A' primeira vista, avulta-se a uns certos illuminados na arte de governar que os reis constitucionaes dispensam a prática das bibliothecas, e o tracto dos bons exemplares em materia de reinar. Não é bem assim, pôsto que se haja ahi escripto que D. João III fôra rei magnifico, mas que a muito custo soubesse deletrear os Regimentos da Inquisição; e que D. João II. o assassino de dous duques, seos reaes parentes, não era tambem melhor letrado.

Seja como fôr, a ignorancia dos reis não é cousa a que devamos consagrar poemas, invocando as tágides, nem os Pyndaros modernos lhe poderiam ajustar os seos épodos cantados ao harpejo das guitarras palacianas.

Eu, por mim e em nome dos amantes dos seos reis e da glória da sua terra, quereria que de todos os soberanos portuguezes se podesse dizer, sem as fragranças do tomilho da adulação, o que Monsenhor Pinto de Campos tão luminosa como verdadeiramente compta do augusto Imperador do Brazil.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Décima carta de Sempromio a Cincinnato

OBRAS DE J. DE ALENCAR — A IRACÊMA

I

Meo respeitavel amigo:

Visto que estas cartas se devem intender continuacão das outras sobre o *Gaúcho*, não me deterei em nova exposiçãõ de motivos. Incontrarás nas primeiras com que supprir a deficiencia das últimas. Entro, pois, sem mais tardança na matéria.

Representa o *Gaúcho* o ponto extremo da decadencia de Sênio até hoje.

D'entre todas as obras da série que inceptou sob o novo pseudonymo, nenhuma, quanto a mim caracteriza melhor o esvaccimento das illusões juvenis ou viris, a sua litterária senectude.

Acha-se o auctor de tal forma identificado com este sentimento, tão despovoado e êrmo conhece o cofre do

seo espirito, tão regelada a sua phantasia, tão decrepita a flor dos sonhos resplandecentes,—que o appellido que adopta é o de *Sénio*. Confessa-se velho, quando a litteratura natal tinha o direito de o suppor moço ainda. Triste destino o da pátria !

Estas nossas conjecturas não são arbitrarias. Deprehendem-se das phrases repassadas de angústia, de acerba descrença do prólogo, que vêm na *Pata da Gazella*, que se repete *ipsis verbis* no *Gaucho*, e que terá talvez de ser ainda reproduzido *ipsis virgulis* no *Til*, que pomposamente se annuncia e com antecedencia se festeja como um primor. Dir-se-hia que o auctor, persistindo em não desligar das obras tão solemne e significativa confidencia, quer fazer crer que o sópro, que acaba de lhe crestar as mais íntimas e pulchras illusões, foi-lhe de véras certo ao coração, afogou-lhe as aspirações mais elevadas, derrocou-lhe de uma vez para sempre os mais esplêndidos e agigantados castellos ! Acompanho-o de coração na sua rude e cruel dôr.

Mas se o *Gaucho* exprime o puncto extremo, a *Iracúma*, com que me vou occupar, é, pelo contrario, o puncto de partida da queda do astro, que descamba em marcha rápida para o occaso, quando não espargira ainda luz sufficiente para que se presumisse ter já chegado ao zenith.

Não encontraremos, pois, aqui aquella copiosa aquella inexgotavel messe do *Gaucho*, capaz de fazer, por si, a eterna fortuna de um vindimador habil, patiente e desfructador. Todavia teremos já muito que respirar. O campo promete.

Qual a razão da differença de feição e de organização, entre os dous filhos do mesmo progenitor ? Explica-se bellamente: são seis annos antes da decadencia que vão do primeiro ao último.

Este, posto que ataviado das lentejoulas de um estylo deslumbrante e fallaz, logo á primeira vista é a mole de disformidade, que nada póde disfarçar ou illudir, porque o volume é descommunal e enorme. Com o primeiro já se não dá o mesmo; é preciso que o observador consciencioso se approxime mais, e estude com alguma detenção aquelle character esquisito e todo de mera creação phantástica. Mas não vacilleis, não receeis um instante não achar com que covar a boa

crítica. Pelo contrário encontraréis sem grande custo as tortuosidades ou as depressões da debil e pállida creatura.

Sabes, meo amigo, que a *Iractema* tem a pretensão confessa de realizar o typo da poesia brasileira! O auctor, na carta final dirigida a um amigo, assim se exprime « *Este livro é, pois, um insaio ou antes amostra. Verd real.sadas 'nelle as minhas ideas a respeito da litteratura nacional, aghard ahi poesia inteiramente brasileira, haurida na lingua dos selvagens.* »

Se a carta precedesse a obra, o leitor intendido teria de cair das nuvens, lendo esta. Ella importaria a decepção, o esmagamento mais formal da expectativa concebida com a pomposa promessa do auctor.

Como, porém, a carta segue o volume, e só pôde ser lida quando já o leitor deve ter formado idéa mais ou menos approximada d'esse poema *in anima prosaica*, involuntariamente sobr'estará, e attónito e perplexo inquirirá a si mesmo:

«—Pois é esta a poesia eminentemente brasileira, offerecida como padrao de belleza e de verdade? »

Não se dissipam as mil hesitações. O leitor fecha o livro e perde-se-lhe a mente n'um mar de conjecturas. O que elle sente distinctamente é que tem o espirito cançado e oppresso, depois da leitura da obra-modélo.

A poesia do selvagem deve ser simples, e aquella é um artefacto de múltiplas combinações.

Deve ser singela, e aquella é apparatusa e vaidosa.

Deve ter certo cunho de energia, certa expressão de braveza, e aquella tem a feição e o requebro de uma poesia fláccida e feminil.

Deve ser espontânea, desigual nas suas fórmulas, e aquella é forçada, porque se mede e bate a compasso.

Deve arrebatá, e aquella opprime e prostra o espirito.

Como! Pois aquella pôde ser o selvagem brasileiro? Aquella a sua linguagem? Aquella a sua masculinidade? Aquelles os seus fogosos sentimentos?

A *Iractema* foi localizada nos sertões do Ipú, d'aquem Ibyapaba. Deixando, portanto, a savana, parece que tive de dar um salto mortal: não é assim, meo amigo?

Pois nem por isso. A transição foi facil, embora desnatural. Os extremos tocam-se.

A impressão, que experimentei, ao intrar no pampa, segundo os desenhos desvairados do Sénio, foi a de quem penetrasse n'um cemitério. Lembro-me até que Sénio compara a savana com a vasta *lápida*.

E sim. Surprende-se ahí a raça humana rebaixada á última degeneração animal—abysmada, desaparecida, morta. O pampa é uma neerópoli.

Se, porém, das solidões do pampa retrahindo-nos um pouco vamos ter ás solitárias florestas e planícies dos tabayáras, o espectáculo muda, a impressão é diversa, sim, mas congénita. As extensísimas paragens que rios bordam e florestas delimitam, figuram leitões de um hospital immenso, sombrio e merencório! Contempla-se alli seis annos antes, ainda a raça do homem, victima de morbidez e de consunção

Ora entre o hospital e o cemitério só ha um passo :

« *Bem poucos passos vão da vida á morte* » diz o poeta. O que ha notavel a fazer aqui, é dar esse passo.... para traz.

E sim. Nas savanas austraes, homens e cavallo^s identificam-se, confundem-se, vasam-se uns nos outros; nas extensões do septentrião os homens, posto que selvagens, o que quer dizer—a personificação do arrôjo, da petulancia, do ardimento da correnteza ou do vórtice—tresandam a effeminação e a molleza e não são mais do que a negação completa da gentileza tradicional de Ararigboia ou de Jaguarary!

Resumamos: Da raça colossal do norte fez J. de Alencar um.... inferno; da raça esculptural do sul fez Sénio um... cadaver! O que resta—dize-me tu—d'essas immensas e originaes grandezas, d'essas pomposas e estupendas herculeidades, nunca, assaz exaltadas, do Brazil?

Desgraçado, misérrimo Brazil! E é um filho, e um grande filho teu, quem d'est'arte te desfigura e rebaixa! Oh! dor!

Sim. Tão intensa e verdadeira é a pena que me punge, ao meditar um pouco sôbre estes estranhos caprichos da sorte, que a afflicção me vence e cai-me a penna da mão.

SEMPRONIO.

Sexta carta
DE CINCINNATO A SEMPRO'NIO.

Rio, 8 dezembro 1871.

Le monde marche, não ha dúvida nenhuma ; caminha por uma estrada larga ; se é estrada real, ou de Pantana, os Paduanos dirão ; mas lá que elle marcha, isso é de fé. O andar é lei geral de toda a animalidade: até o caranguejo (como qualquer Sénio, ou outro bipede mais ou meuos conhecido) anda.

Ora eu te digo o que tenho, em parte lido, e em parte visto, demonstrativo de certa casta de *progresso*, que *progride* a olhos visto.

Da janella de uma casa, da rua do ouvidor, gesticulava um bemfeitor da humanidade ante uma turba boqui-aberta :

« Meos senhores, concidadãos de pé fresco ! Vendo por uma tuta e meia um específico único, um bálsamo balsâmico, um elixir prodigioso, que opera maravilhas, prodígios, milagres. E não receeis a acção dos ingredientes, illustres cidadãos ! O meo elixir compõe-se de simples ; e em quanto eu aqui dispozér de simples, está a cousa navegada. Um boião por 2 vintens. A glória, a saúde, a felicidade, e tudo o mais por um cobrinho ! E' outro portento mais. Aqui está ; quem se chega ? 2 vintens ; quem merca ? »

A raça dos charlatães é antiquíssima, que digo ? a sua prosápia trepa mais longe ainda que o homem e sua criação. Eu não juro nada, mas eis-aqui o que affirmam, e vá por conta do narrador, tambem antigo, pois é do século XVII, que lá fica mais próximo da criação.

O primeiro d'estes sympáthicos industriosos tomou posse da sua dignidade (ou *installou-se*, como dizem) no Paraizo Terreal, e Satanaz incarnou-se na fórma de uma cobra. Demonstra-se esta incarnação com documentos mais authênticos que innumeraveis pergaminhos que por ahí andam, ou não andam... Vamos a ver :

Em todos os tempos e logares, as propriedades e condições d'esta linhagem de charlatães palreiros, e prestidigitadores saltimbancos, são, no exercício da sua arte, nada menos de cinco :

1ª. *Mascarar-se*. — Assim o fez o pae-avô da familia quando se mudou em reptil. Seguein-lhe as licções os

modernos, quando, habilidosos Protêos, se apresentam, ora como reptis, ora como absolutistas, como conservadores, liberaes, republicanos, communistas, petroleiros, *selon les besoins de la cause*. E a final de contas, não são nada d'isto, como Satan não éra bicha, porque o que unicamente são, é especuladores talentosos, que a tudo quanto existe superpõem exclusivamente o *poder pessoal das suas pessoinhas*.

2°. *Trepar-se acima de um banco para prégar*.—Assim o insinou mestre Satan, pois affirmam que a astuta serpe trepara por uma árvore, para conversar com Eva, e dizer-lhe: « Comei esta maçã, sem medo, porque logo se vos abrirão os olhos, e sereis como uns deuses, conhecendo o bem e o mal » Agora, ou na praça trepara-se no banco, ou no parlamento á tribuna, ou no jornal ao componedor, ou emfim a um telónio qualquer, d'onde se embace a humanidade.

3°. *Dizer e complar mentiras*.—E naquelle dia, Satan segredou a Eva: *Nequaquam moriemini!* E foi por alli adeante, impingindo-lhe cada carapetão que te parto, e preparando a ampla estrada que hoje ós seus successores tão brilhantemente percorrem.

4°. *Negociar com a credulidade e simplicidade dos outros*.—Assim obrou D. Satanaz, quando introu a seduzir aquelles papalvos, promettendo-lhes vida sem termo, eternidade de venturas, divinal sciencia, empregos rendosos sem trabalho nem complicação de cabeça, olhos enormes, e o podêr pessoal de um Deus. Tal e qual, como os que preparam a república, panacéa universal, que com os mesmos ingredientes hade transformar tudo, isto é com só farinha e carvão hade fazer arroz dôce; instituição que hade substituir por varões, sparciatas, semi-nunes, os actuaes ambiciosos, servis, miseraveis ou desordeiros. Levou-se a tal poncto este mandamento, que até se imagina que o povo hade accreditar nas palavras de quem hoje defende o amarello, como hontem propugnou pelo azul e pelo rôxo, e amanhã bradará pelo encarnado e pelo preto.

5°. *Vender elixires*.—A nossa avó bem caro nos comprou a maçã que lhe vendeu a avó lá d'elles. E' a maçã da communa, da Internacional, da—liberdade, egualdade ou morte,—da república, de que Sénio seria digníssimo Presidente, cercado de um conselho que eu cá scei, se não fossem certas dúvidas, que scei ainda melhor.

Leio que Roberto Houdin (mestre, árbitro infalível em matéria de charlatanismo) narra um caso curioso, cujo resumo é este:

Passeava eu uma tarde, quando uma trombeta próxima me arrancou ás meditações. Corri, com muitos, e achámo-nos formando círculo á um distincto artista. Era um latagão, olho vivo, atrigueirado, cabeça que se interrava nos hombros, voz nasal, e cangalhas (já se sabe nos olhos). Tive tempo de observar-o pausadamente, porque o sujeito, não considerando o auditório assaz numeroso para merecer as honras da sua interpeção, poz o compadre a vasconcellar, e a estringir-nos os ouvidos um quarto d'hora com a sua trombeta desafinada; afinal o gruppó era já satisfactorio. O nobre artista circumvagou gravemente, exhortando a recuar um pouquito, depois do que estacou, passou a mão pela guedelha, olhou para dentro dos óculos, recolheu-se em poética inspiração. Depois, com voz metálica e ingrata, exprimiu-se d'est'arte:

« Claro auditório meo! Attenção! Eu cá não sou o que pareço. Direi mais: sou o que não pareço (*Hilaridade*). Sim, nobre auditório, sim senhor: vocemecês tomam-me por um d'esses pobres diabos, que por ahí vogam á tóa, e julgam que eu venho implorar á sua generosidade alguns cartões de bonds. Illusão, venerandos cidadãos! hallucinação! delirio! Se eu vim pôr-me hoje aqui, foi simplesmente para allivio da humanidade que padece, em geral, e para bem de vocemecês em particular, assim como para seo divertimento (*Vozes: muito obrigado*).

Aqui o orador, que parecia de provincia do Norte, pelo sotaque, passou segunda vez a mão pela gaforrina, olhou á roda pelas cangalhas, metteu graciosamente o toutiço pelos hombros abaixo, dice uma pilhéria á direita, outra á esquerda, e continuou:

« O que sou, vocemecês logo verão. Assim como os profundos pensadores, os altos metaphysicos, os governantes sagazes, os jurisconsultos exorbitantes e os estadistas abstrusos, nas horas roubadas a suas enormes meditações se occupam de desinfiadar e recrear a humanidade, assim, antes de habilita-los a apreciar-me em toda a minha grandeza, peço licença de lhes appresentar, para os distrair, uma reles mostra de minha perícia. (*Grande homem! bradaram dous Beócios*).

Regularizou o círculo, abriu uma mesa de X, poz nella 3 copos de lata que parecia prata, e começou 'num chorrilho de habilidades pasmosas, tirando até com os dedos bolinhas do nariz de um joven espectador, que tanto tomou a cousa a sério, que se matou a assoar-se para ficar certo de que não ficavam nos miolos mais bolinhas d'aquellas. Quando a assembléa estava enfim na melhor disposição, acabou o entr'acto, fechou a mesa, e fez signal de que ainda não ficava por alli o que tinha que dizer. Pousou ambas as patas sobre a dita mēsa, como se fosse a balaustrada de qualquer tribuna parlamentar, e assim contiuiuou :

« Claro auditório! Elle não era todo claro, porque tiuha muito preto, mas isso não faz ao caso) (Aqui agora, tomou elle uns modos de modéstia virginal, conhecida caçadora de *não apoiados*, destinada a produzir certos effeitos oratórios). Tive a dita de fazer que vossas senhorias prestassem benévola attenção aos meos innocentes brinquedos. *Muitas graças!* (Inclinou a cabeça até o chão). Ora almejo por mostrar-lhes que não estão lidando com um ingrato ; vou pagar-lhes a sati facção que lhes devo. Dignem-se escutar-me um instante.

« Prometti eu a vossas senhorias dizer-lhes quem sou, e vou desempenhar-...e. (Mudança súbita de *physiognomia*, á moda do *Til* ; sentimento de alta estimacção de si mesmo). Os senhores têm ante si nada menos que o celeberrimo Dr. Carlosbach. Já assaz lhes indica a consonancia do meo nome ser eu de origem *anglo-franciseo-germânica*, privilegiada região, onde se vem ao mundo com uma corôa de louro sobre a fronte. Oh ! Fazer o meo elogio mais não seria que ser eu o intérprete do renome, com as suas cem bôccas de ouro e de azul.

» Contentar-me-hei com dizer-lhes, apenas. que tenho um talento que vai até o infinito e dobra ainda, e que a minha incomensuravel reputacção não pôde ser igualada senão pelo meo pudor. Coroado pelo escol dos litteratos, chefe incôncusso de tudo quanto ha, águia que não inxérge reptis, capitão mór da intelligencia em todas suas applicações, inclino-me ante o juizo de todos os sábios (o Juca Palreiro, o Quincas Patusco, o Manduca Urso, e a mais concomitante caterva) que proclamaram a universalidade dos meos conhecimentos e e infallibilidade de minhas sentenças

alturas, como em dia de eleição, o official de sapateiro çuça excellencia ; o caso é então que tenha um voto, como agora que tenha no bôlso uma pataca).

'Nisto, tira da caixa o ex-doctor uma enorme ruma de folhetos, intitulados *Collecção dos discursos proferidos em diversos logares, no anno do tal, pelo pseudónimo Carlosbach*. Vai-os offerecendo, a um e um ; e graças á sympathia que o seo distincto talento, profundo saber, e largo character haviam inspirado, vendeu toda a futrica, e teve de fazer outra edição.

Finda a sessão, voltei para casa com a cabeça repleta de um mundo de sensações desconhecidas. Puz-me a parafusar no volume, mas o pseudo-doctor continuava n'elle o seo systema de *mystificação*, e por mais que me matasse, não pude chegar a comprehender uma única das trêtas e peloticas, de que o auctor dava a inexplicavel explicação. Da minha pataca só me consolou a interpellação que lhe ouvi, e ahí foi reproduzida.

Esta arte divina vai entre nós tomando incremento espantoso, e é para admirar o ingenho sagacíssimo com que se estende a publicidade até os derradeiros confins da... da não sei quê

Agora, a moda, meo a nigo, é inforçar uma toalha, ou uma verónica, de janella a janella fronteira de ruas estreitas, e estampar nella o elixir que se vende na loja em baixo. Eis aqui alguns exemplos :

'Numa rua, vê-se uma das taes verónicas, com uma cabeça de pôrco pintada, e por baixo, artisticamente disposta esta inscripção : « Hotel do pôrco de prata. Dá casa e cama barata. Aqui se faz óptima tripa insopada, e vatapá de primeira qualidade. »

'Noutra, pintado um rato defuncto, e uma barata exânime, e por baixõ : « Guerra ás sevandijas ! Aqui se matam ratos, mosquitos, pulgas, persevejos, baratas, e outros anicetos mais ; a 400 rs. o frasco !

Mas as que me deram mais no gôto, são as verónicas estendidas, do primeiro andar do jornal *A Republica* á casa da sapataria defronte. Uma d'ellas não é toalha, é lençol: letras góthicas e garrafaes; disposição apparatusa, a que só falta um realejo; e a redacção, se me ficou bem na memória, é, pouco mais ou menos, a seguinte:

quem toma o meo bálamo, fica embalsamado por antecipação ; o homem torna-se immortal. Ah, senhores, se bem conhecessem todas as virtudes do meo sublime elixir, precipitar-se-hiam todos sobre mim, para m'o arrancarem, atirando-me punhados de ouro ; não seria distribuição, seria saque, seria...

Parou um instante, para limpar a testa com uma mão, em quanto com a outra, indicava aos ouvintes que ia falar mais. A turba-mulcta queria chegar-se ao doctor ; Carlosbach fingia não notar, e tornando á attitude dramática, proseguiu :

« Porém, dirão os senhores, que preço poderá ser o de thesouro semelhante ? Temos nós riqueza para tanto ? Pois bem ! Vão ver a extensão do meo desinteresse. Este bálamo, para cuja confecção tenho secado a minha vida, este bálamo que soberanos comprariam pelos seus sceptros, este bálamo impagavel..... dou-vol'os !!!

A multidão, anciosa, fremente, parece ficar em basbacada : mas para logo, como se todos estivessem sob a impressão de um fluido eléctrico, todos estendem supplices braços, invocando a generosidade do doctor. Mas... ó surpresa ! ó decepção ! Carlosbach o celebrissimo, Carlosbach o bemfeitor da humanidade, larga súbito o papel de charlatão, e desata a rir homericamente. Como em mudança á vista, transforma-se a scena, caem a um tempo todos os braços ; olham uns para os outros, interrogam-se, murmuram, depois voltam a si, e sem demora propaga-se o contágio do riso, e era um chôro geral de gargalhadas estrepitosas. O primeiro que para é o saltimbanco ; pede silencio e diz :

« Senhores meos (diz elle então com o tom mais natural do mundo), não me queiram mal por esta brincadeira: o que tive em vista com esta comédia foi precavê-los contra os charlatães que ahí os andam a embaír todos os dias, exactamente como agora o fiz. Não sou doctor, mas um simples... um simples artista prestidigitatório, lente de mystificações, e auctor de uma collecção de discursos, como este com que ora os brindei, e por entre os quaes vossas excellencias encontrarão grande número de receitas de empalmação. Querem vossas excellencias conhecer a arte de se divertirem ? Por uma pataquinha podem vossas altezas satisfazer-se ». (Se dura mais, fa até majestade: 'nestas

Continuando neste systema, vê-se diariamente na 4.ª pagina da fôlha, um parallelogramma, rodeado de uma tarja, com isto :



Uns toimam que aquillo é uma so brancelha ou uma sanguesuga mal feita ; mas a quem vai ao balcão da República, dizem que é *um Tit* mais mal feito ainda, mas que assignem para o correigionário, que é o que se quer.

Poderia dar-te muitas noticias d'este jaez, mas ja fui mais longe do que talvez devesse. Deixemos por tanto os accessórios, e passemos ao estudo do tal *Tit*, título que ainda não farejo a que propósito venha, e que me parece como qualquer das alicantinas do Dr. Carlosbach.

Por hoje basta ; até cedo.

Teo respeitoso amigo

CINCINNATO.

QUESTÕES DO DIA

N. 26

RIO DE JANEIRO, 15 DE DEZEMBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Laemmert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua do General Camara.—Livraria Acadêmica, Rua de S. Jose n. 119—Largo do Paço n. C.—Preço 200 reis

Segunda carta

DE MUCIO SCÆVOLA A QUINTO CINCINNATO

Hourado cidadão romano. Como discursâmos das cousas que são, não devemos esquecer as cousas que foram, e que nos serão sempre guias e pharol no meio d'este oceano revólto em que navegam os utopistas e sonhadores de repúblicas platónicas, de visualidades aéreas e os íncolas do mundo da lua, que, com toda a certeza, não eram filhos de Adão. E', e foi sempre axioma de boa nota o seguinte: *onde todos mandam, ninguém manda*. O chefe da família é sempre o supremo regulador da ordem e da direcção da casa. Ha uma perturbação no teor d'aquelle viver doméstico; ha excessos ou afrouxamentos nas rédeas da vida íntima; o que deve fazer o fâmulo mais ajuizado e mais sério da casa? é sem dúvida communicar ao chefe da família o que por alli vai de desarrazoado e mal cabido, e fazel-o com cortezia e respeito, que tudo isto se deve ao superior, para que venha elle com seo provimento impôr os preceitos que acabem com os transvios; e mais deve elle premiar os bons para metter brios a quem valha esse incentivo e castigar os ruins para pôr exemplos aos mal intencionados e turbulentos relapsos, que têm por instincto a revólta e por sestro a prática de actos subversivos, sem outra razão de ser senão o gosto satânico da perturbação e da desordem. Ora, que se insubordinem e revoltem a mulher, os filhos e os domésticos contra o chefe da família; que gritem

todos e ralhem ao mesmo tempo; que cada um se governe a seu modo; que a mulher proclame a sua emancipação e não queira subjeitar-se á tutela do marido e venha propugnar por sua elegibilidade e direitos á deputação e á senatória; que os rapazes não reconheçam mais o jus paterno de um velhusco que, eivado de doutrinas obsoletas, crê ainda em Deus e no rei; e que os domésticos proclamem a egualdade e fraternidade, e que quando tenham de ir á fonte buscar o cântaro d'água vão para a taberna e da taberna para a praça pública, vestida a camisa vermelha do *heroe de Caprera*, apregoar os direitos do homem segundo o Emilio e o contracto social de João Jacques.... o que fôra por fim de contas toda esta balbúrdia? uma verdadeira casa de orates, senão um detestavel fóco de immoralidades, um núcleo de máos exemplos, e um protesto vivo contra o senso commum d'aquella gente e mais contra a energia e o juizo recto do chefe que não pôde ou não sabe pôr côbro em desmandos e tropelias de similhante jaez.

Eu quero mil vezes, meo caro Cincinnato, aquelle velho rei Codro, que se foi metter entre o inimigo e se deixou matar e morrer porque o Oráculo lhe havia assegurado que da sua morte viria a salvação de seu povo; não quero os trinta patriotas e populares de Athenas, conhecidos ainda hoje, e isto ha já sua meia dúzia de annos, pelos trinta tyrannos, pôsto que eram alli por imposição estranha; todavia entre aquelles célebres democratas muitos eram athenienses e naturalmente patriotas. Não quero Pisístratos, pescadores d'aguas turvas, que, para subirem com estado maior vistoso e luzidio, que lhes dê lustre e bizarrria aos sentimentos democráticos, em cujo nome ascendem á suprema altura, tenham o máo gosto de se arranharem e esmurramem as ventas para obter a canonização de mártires da pátria, quando a pobre pátria é que é mártir d'elles. Quero Numa Pompílio, Antonino, Trajano e Vespasiano. Não falem em tribunos, em decêmviros, *et réliqua*, súcia de libertinos e ambiciosos turbulentos, porque decididamente não os quero, e nem os tolero, assim como aos Mários e Syllas, que, exaltados da obscuridade pelo pobre povo, que a final é quem paga as favas, foram-no

lavando em rios de sangue e arrancando-lhe liberdades, direitos e tudo quanto os paes da pátria vão dizendo ao povo que elle tem, e possui, e delega, e retoma quando lhe apraz.

Meo caro Cincinnato, esta raça de cônsules, de tribunos, de triúmviros e de decêmviros, está toda ella sujeita á lei da metempsychose de Pythágoras; faz sua incessante transmigração, e depois de animar e vivificar Marat, Collot d'Herbois, Danton, Billaud Varenne, Robespierre e tantos outros, que se lembravam de haver em tempos anteriores incarnado nos seos antecessores Cartucho e Mandrin, veiu fazer sua hypóstasis nas figuras ridículas ou hideondas de Mazzini, e de tantos outros patriótas de blusa e camisa vermelha, e a final veiu animar os salteadores regicidas, e teve o desfagamento de vir á luz do dia em pleno século por em campo e dar vida aos patriotas republicanos, communistas, ás associações internacionaes, aos congressos da paz, aos phalanstérios, ao sansimonianismo, e a quantas extravagancias pôdem nascer dos cérebros pervertidos dos apóstolos do incêndio, da devassidão e da libertinagem, do sacrilégio e da subversão de tudo quanto os homens de bem acatam e veneram.

Não guardo do esquadrão lazarento de toda esta dança de abra vem arvorado o lábaro da peste e da devassidão, com estas tres palavras escriptas em caracteres de sangne: *Liberdade, egualdade e fraternidade*. Como horror, arripiam-se-me as carnes e o cabelo quando vejo estas tres palavras fatidicas e hypocríticas, escriptas em qualquer tabolêta de fábrica de candelabros; lembra-me a lenda do festim de Balthazar e a profanação dos vasos sagrados, as tres palavras mysteriosas deciphradas por Daniel na noite maldicta do sacrilégio e da órgia, a destruição e a queda de Babilónia e o castigo exemplar dos profanadores ímpios e sacrilegos, como são os de hoje. Estes taes e quejados patriotas do archote e do cutello, que vão pululando por toda parte como cogumelos no esterquilino e n dias de chuva, começaram sempre por uma tática que importa não esquecer: principia-ram sua propaganda satânica por lisonjear os reis cathólicos, induzindo-os a crêr na usurpação, que lhes fazia a Sancta Sé, de seos direitos e prerogativas; indispunham o rei contra o clero e o clero contra o rei;

prepararam a reacção das primazias do padroado contra bullas e decretaes pontificias ; e quando viram que a reacção tomava caminho e que o fim estava preenchido, acabaram por sulapar os alicerces do throno, depois de haverem diffamado as prerogativas, e a sanctidade do altar.

Esta táctica diabólica é sempre a lenda dos revolucionários. Robespierre, depois de matar os padres, profanar os templos, fazer de uma mulher das ruas a Deusa Razão, fez reconhecer por um decreto a existencia do Ente Supremo !!!

Garibaldi é proposto para Novo Christo, no congresso da paz ; os revolucionários da Itália põem em assédio o sancto padre, tomam Roma á Christandade Cathólica, reduzem a supremacia do Papa a um titulo vão, porque querem que elle dê preito e homenagem, e que se despoje do poder temporal, a beneficio de inventário, na partilha a que se está procedendo, e querem pôr veto ás decisões de um concilio. Isto tudo fez-se e continúa a fazer-se com uma impudencia que enoja.

Para subverter-se a ordem social, é necessário trans-tornar a ordem das idéas e desembaraçar o espirito dos vínculos que o ligam a Deus, desprendendo-o do acatamento, do amor e do temor que se lhe deve ; é necessário não crer na religião revelada e na auctoridade da Igreja ; e no encalço de tudo isto vem a necessidade de desacatar o Papa e menoscabar os ministros do altar, como corollário obrigado. Em uma palavra, para se causar tão grande número de males, cumpre que se atrophie a consciencia, porque o remorso seria um juiz severo e implacavel, e para revolucionários e turbulentos de officio, não ha remorsos.

Como se chega a obter este satânico desideratum ? Pelo atheismo e pela materialidade ; por este bom caminho chega-se com segurança a regenerador da sociedade, a modo dos iconoclastas, demolidores e membros da communa. Da tèmpera d'estes energúmenos eram os Cartuchos, os Lacenaires e os Tropmanns ; todos estes heroes do crime pertenciam á grei dos espiritos fortes que se desprendem das peias que os jungem ao carro do dever, da honra e da veneração ao que é sancto, e do respeito ao que é nobre e digno. O homem que tem o verdadeiro sentimento religioso

bem arraigado no fundo do coração, tem a consciencia muito prompta em accusal-o de qualquer acto menos lícito que pratique. Quem se accusa e arrepende de qualquer acção que julga menos recta, não pôde commetter crimes, não pôde ser revolucionário; por tanto não é chefe de caudilhos, nem capitão mór de insurgentes e desordeiros. To las as tropelias de que a sociedade tem sido víctima, todas as depredações que tem soffrido a propriedade, todo o sangue que a humanidade tem derramado, todos os ultrages e sacrilégios que tem a religião supportado, teem tido por mote, em sua bandeira de destruição e de ruinas, estas palavras fatdicas do dictionário da devastação e da morte: *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*. E' com estas tres palavras, infeitadas por fóra e vazias por dentro, que se vai embalado a credulidade dos incautos, que não vêem nem sabem que estes tres vocábulos sonoros são, no sentido em que os applicam os pseudo-regeneradores, a antíthese completa da essencia e natureza da pobre humanidade, que Deus creou assim como ella é, foi e hade ser. *Liberdade*, gosam-n'a todos e d'ella muito grande somma gosa quem a sabe gosar. *Igualdade*; isso lá, não; é igual quem o é; quem não vê que o idiota, o ímpio, o revolucionário, não podem ser eguaes ao sábio, ao homem orthodoxo e ao cidadão pacifico e sustentador da ordem, da lei e da moral pública e privada? *Fraternidade*, vá feito; mas em que consiste ella? em não fazer a outrem o que não queres que te façam a ti. Respeitae a honra alheia; não diffameis o próximo; soccorrei os desvalidos; curae os infêrmos; levae consolações e auxilios aos affictos; em uma palavra, cumpri as obras de misericórdia, e só então tereis direito pleno de proferir com significação completa a palavra—fraternidade—.

Não scei, meo caro Cincinnato, onde me levariam estas reflexões, se eu fôsse abrindo campo ao que me vai suggerindo a idea do que vi e li em tempos que já lá vão muito longe, porque hoje nada leio, senão os jornaes do vizinho da encosta.

Estes trabalhos da roça, não me deixam lazeres. Este serviço com escravos é a cousa mais estúpida que a *igualdade* dos homens podia crear para atormentarnos a nós, que somos seos eguaes e seos irmãos; porém estes nossos irmãos da costa de Guiné não nos com-

prehendem; não trabalham como máquinas, que é o que nós queremos; comem, dormem e adoecem; e ainda em cima de todas estas cousas ruins que elles fazem, o que é ainda peor, meo amigo, é que se fazem sócios comigo nos lucros da Fazenda, sendo eu o commanditário, de sorte que uma boa parte da safra vai sendo passada para a tasca vizinha de um Ambrósio, que pelos modos pertence á seita dos communistas e phalansterianos.

E' necessario de uma vez acabarmos com esta civilização do azorrague. Bem haja a lei de 28 de setembro, que arrancou de uma e de muitas gerações o anáthema que a segregava da communhão geral no gôso de direitos e de prerogativas sociaes.

Meo bom e illustre Cincinnato, tenho 'nestes últimos tempos visto em algumas gazetinhas ahi da côrte, de que é assignante o meo vizinho do rumo, de quem já vos falei na minha anterior, uma cousa que me tem feito espécie e me tem dado que scismar. Todas estas dictas e referidas gazetinhas são ou devem ser jornaes cathólicos e escriptos por cathólicos, segundo cremos; pois, meo amigo, todos elles enthusiasmam-se, extasiam-se e glorificam-se deante das doutrinas salvadoras dos dous mentecapellos, Martinho Lutherero e Joao Calvino, e sôbre tudo preconizam, urbi et orbi, a concepção hybrida de cohabitação sacrílega das duas seitas que deram o aborto infesado, rachítico e monstruoso a que puzeram o nome de igreja evangelica! Annunciam elles todos os dias a hora, o dia e o logar em que se celebraram, celebram ou hão de celebrar: sessões da igreja evangelica presbyteriana, explicações de cathecismo, exercicio de doutrina, culto, prégação de evangelho, leitura, themas de epistolas de S. Paulo, e que scei eu? E' tudo isto um armario de drogas venenosas, que exhalam cheiro mystico de apostasia, senão de parvoíce selvagem.

Que se tolerem as seitas heterodoxas, como o permite a lei fundamental, vá. Que vão ouvir e cref n'essas cousas, os que tiveram a infelicidade de nascer fóra do grémio da igreja catholica, isso comprehende-se, porque em summa o cego anda ás cabeçadas, porque não pôde ver. Porem que se façam, aberta, ostensiva e acintosamente, propagandas e cathecheses, e que sejam cathólicos os propagandistas e cathechistas,

isto é o que se não pôde tolerar e causaria compaixão, se não produzisse indignação e asco.

Deante d'estas extravagancias do espirito humano, o homem não sabe se seja Heráclito ou Demócrito. Eu não posso saber a que vem estes desconchavos e contra-posições de crenças; não comprehendo este renegar da fé de seos paes em que pôde servir; não alcanço como estes sacrilégios e apostasias podem aproveitar como matéria de opposição ao govêrno; o certo é que elles lá o sabem, se é que o sabem; o que tambem é certo, é que se manifestam por toda a parte os gritadores de liberdade e os patriotas do petróleo como profanadores do altar e demolidores de todas as instituições que nos dão paz e ordem.

Meo caro Cincinato, ponho por hoje remate ás reflexões que por ahí ficam atiradas a esmo. Não posso ser operário diligente d'esta boa cruzada de ordem, por que a nossa vida atarefada de homem da roça, não dá para sobejidões e largas no dizer. No entanto peço fervorosamente aos sanctos da minha devoção que vão inspirando e dando alento aos homens de bons instinctos para que sejam atalaias vigilantes, e bradem muito alto contra a desorganisação, que lavra como a peste, pervertendo pelo contágio tantas intelligencias que se transviam, por desacauteladas, que, não sendo bem incaminhadas em tempo, se extraviam pelos labirinthos e ficam irremediavelmente perdidas. Até outra vez.

O vosso ex-corde

MUCIO SCEVOLA.

Decima carta de Sempronio a Cincinato.

OBRAS DE J. DE ALENCAR. — A IRACEMA

II

Meo respeitavel amigo:

Volto ainda á faina com o ânimo contristado. Como, porém, o caso é de consciencia, tudo sotoponho, e vou para deante.

Dice-te na minha precedente (se bem me lembro) que na *Iracema*, o absurdo, o paradoxo, quer de substancia quer de fórma, não fere logo a vista, como no *Galacho*. Ter-me-hia acaso enganado?

Affigura-se-me que o auctor não passava ainda então por cima de certas decencias litterárias. *Guardava as apparencias*. Como que lhe fazia pêso uma cousa que se chama — *opinião*, que elle se interessava antes em attrahir para apoio seo, do que diligenciava concitar em seo desfavor.

E' que a sua reputação não estava consolidada. Aquelle nome ainda não era um prestígio, um oráculo, como hoje. Os créditos, que se accentuavam, podiam ser varridos e apagados pelo sôpro de qualquer accommettimento feliz. Não existia o forte partido, que mais tarde apavorasse e tornasse *in limine* impossivel a manifestação de toda critica, por mais espontânea e consciente de sua serventia que fôsse. Por isso refreava o auctor, como podia, as petulâncias da insolente phantasia.

Tenha, porém, o leitor da *Iracêma* olhares desinteressados e perscrutadores, e attente para estas flores mágicas; ha de perceber o fervilhar do verme, amiaçando corroer-lhes a juvenil corolla.

A planta está em plena primavera, e no seo matiz se adivinham pégadas de anticipado outomno. Mais tarde nos primeiros fructos, conhece-se que já trabalham estragos de corrupção. Aquella deslumbrante florescencia, aquelles fúlgidos pomos não passam de productos de uma vegetação, cuja seiva, uma vez em contacto com os gazes deletérios da trêfega phantasia, principia a contaminar-se.

O escriptor propende para a aberração; a enormidade o tenta. Queres a prova? Eil-o mais logo a offercer-nos na donzella do salão selecto a criação brutesca da amante que esbofeteia o objecto das suas affeições, e a quem só verdadeiramente ama depois que se sente por elle injuriada e aviltada, depois que d'elle apanha, como se fôra vil escrava—é a *Diva*; ou então um pé nojento, abominavel, immundo, servindo de protogonista da obra, causando horror e asco ao pio leitor, e que dirias uma baixa miniatura excogitada do Quasimodo— é a *Pata da gazella*; ou então o hippocentauro çhato, informe, indecoroso, repulsivo, como typo de costumes brazilios — e temos finalmente o *Gauçho*.

Eis-nos na actualidade. O escriptor tem chegado á phase mais coruscante e mais elevada do seo império de vaidade e de aberração; isto é, tem attingido o período decisivo da mais manifesta decadencia.

E' o patriarcha da litteratura brazileira, um *génio* talvez, porque crea a torto e a direito, seja o que for, não importa o quê; crea visões; crea disformidades; crea uma linguagem nova; crea vocábulos já creados, velhos, incanecidos! Quando eu leio que no século XVII a primeira condição do candidato a *génio* consistia em quebrar copos na *taberna do deboche*; que no século XVI o *homem de génio* esgrimia maravilhosamente, embriagava-se todos os dias, e sujava de tincta e de vinho as páginas do seo Píndaro; quando leio que Montaigne, Calderon, calmo e sereno, prazenteiro e modesto, Cervantes ingénio, e natural Shakespeare, que não o era menos, não realisava, nenhum d'elles, o typo do *génio*, e a «*todos se fechavam ultrajantemente as portas da glória*» comprehendendo então que se possa no século XIX ser tido como tal, por pintar-se a natureza inanimada com a feição da imbecilidade ou da loucura; por fazer-se de grandiosas e gigantéas raças vis caricaturas ou repugnantes monstros; por converter-se a língua mais opulenta n'uma *saccola de pedinte*!

Estamos em pleno império dos Marc Lasphyse, dos Dubartas, dos Jodelle «*triste innovador, adorado do seo tempo,*» Com este Jodelle, *innovador e adorado do seo tempo*, bem se vai parecendo J. de Alencar.

Hoje em dia entre nós, o candidato a *génio* deve fazer versos escabrosos e horripilantes, comédias hybridas, discursos túmidos, anasarcos, romances loucos. O que se exige de mais pêso, é certo apparente arranjo na estrutura para illudir os incautos, e podêr, impune e libérrima, cabecear á vontade a idéa mais paradoxal. Os romances, repassados de sabor local, adubados do mais fino sal áttico, sensatos, naturaes, moralisadores, que são uma fiel photographia da nossa sociedade, esses com que cada dia nos dota a penna habilíssima de Macêdo, não são da iguaria, que mais gratifica o paladar. E o Brazil tem um patriarcha e uma litteratura! O que o Brazil infelizmente tem é um baixo império nas lettras. Isto sim.

Admira-se, exalta-se a imaginação de J. de Alencar. Admiravel é, não ha dúvida; agora exaltavel, isso é que não.

Deve-se festejar e applaudir a imaginação que reproduz com incantos novos e novas vivacidades os gruppos, os accidentes, as attitudes, os recursos da natureza; que faz esses gruppos interessantes, esses

accidentes pittorescos, essas attitudes graciosas, essas scenas animadas e felizes. Isto é imaginar, no uso rigoroso e didáctico da expressão. D'ahi vem que, quanto mais se appropriia o escriptor dos matizes variados da creação, ou das sensações e phenómenos da vida, e tanto mais fielmente os retrata ou reproduz, impregnados do cunho da sua pessoal idealisação, tanto mais se diz ser elle *original*, tanto mais *génio*.

« Ab: sa-se da elasticidade de linguagem, quando se ousa fallar de *intelligencias creadoras*. Em definitiva não ha creação; reproduzir, imitar, eis quanto nos cabe. Se Homero, Cervantes, Ariosto, Byron tivessem vivido incerrados 'num ergástulo, o que teriam podido imaginar? Que creação teriam dado ao mundo? » Logo, a natureza em primeiro lugar, e depois complexa e completa observação—eis os dous elementos, as duas possantes azas do génio.

E' consequente com estes princípios que o escriptor define a memória na esphera da esthética »—thesouro de lembranças, cuja indigencia constitue o que se chama o *idiotismo*, cuja confusão dá em resultado a *extravagancia*, cuja riqueza e plenitude constituem o *génio*»

Não sou relógio de repetição, como dizes tu; mas nunca é ocioso adduzir certas considerações adequadas ao assumpto. Perdoa, pois, a diffusão.

Paulo e Virginia é um monumento na litteratura, justamente porque o theatro descripto, e amor sonhado, a ingenuidade, a pureza, o devotamento dos typos estão na própria natureza, dentro das suas amplíssimas raías e múltiplas possibilidades.

Atala é um primor, justamente porque os sentimentos, os suavíssimos intrechos, a paixão plácida e morna, as manhãs e as tardes bravias e bellíssimas, a expressão particular dos characteres, a feição geral do conjuncto, tudo é condigno e próprio do mundo e das circumstancias do assumpto, que faz o poema.

O *Guarany*, de J. de Alencar, agrada algum tanto e interessa ao leitor, justamente porque as descripções parecem brazileiras. A natureza alli não pecca por tão demasiado artificial, como no *Gaúcho*. O leitor acha no indio modos, brio, impertérito valor, sagacidades e recursos vários, dedicação sem limites, que não destoam de uma raça, que as florestas embalaram no seu berço libérrimo de trepadeiras e de folhagens, que os

calores do equinócio retingiram, e a cuja tèmpera os riscos das vicissitudes, as emboscadas do inimigo ou da fera, as conspirações da natureza deram a tensão mais apurada e ampla.

Pery parece-se com o Indio do Brazil. Ressumbram do seo todo, que é o poncto commum entre duas nacionalidades, da mesma sorte que na *Evangelina* de Longfellow, energia bárbara e affectos, digamo-lo assim, cultos, que incantam. Selvagem, realisa o prodígio; adventicio de uma sociedade civilisada, pratica virtudes limadas.

Nesse tempo o demónio da vaidade não tentára ainda J. de Alencar. Elle não pretendia então, (pelo que parece) conquistar nomeada senão como escriptor de cunho nacional, e não a de génio *creator*, no sentido em que alguns hoje o consideram e que é lícito ajuizar pelas suas últimas obras. Tinha, seguramente, por muito honroso e acertado voltar-se para o espectáculo grandioso da natureza, e pedir-lhe alguns traços de seus paineis de eterna poesia, alguns ligeiros matizes da sua pomposa e perenne efflorescencia.

Eis que uma nuvem de desgraça empana esse nome e a face resplandecente da litteratura natal, que espargira tão auspiciosos brilhos. O escriptor, longe de cultivar a mina, que a natureza tornára capaz de inriquecer um mundo, longe de exercitar-se e aprimorar-se no género, despreza-o, talvez por sedição e commum!

Franklin, Washington, Jefferson, Governador Morris, Quincy-Adams, tem medo da imaginação « dom magnífico e perigoso » « Em face das verdes savanas, das florestas virgens, dos lagos que são mares, dos rios cujas margens escapam á vista, as másculas virtudes dos heroes puritanos ingrandeceram, e sua imaginação permaneceu muda. » J. de Alencar, porém, espirito então ainda novo, ainda não feito, e quiçá inexperiente, dá costas á mansão virgem, que nada póde egualar na sua majestade e pompa, e deixa-se arrastar para o poncto procelloso — indício certo de próximo e cabal naufrágio — com que lhe acena o clarão carregado da turbida phantasia. Sua primavera foi fugaz. O *Guarany* não tem irmão. As faculdades creatoras estão embotadas e corrompidas; José de Alencar está *Sénio*.

Quando correu que elle tinha em mãos uma obra destinada a dar o padrão da poesia *verdadeiramente brasileira*, os leitores, que o haviam apreciado no *Guarany*, tiveram de sentir grata commoção.

Pareceu-lhes que o typo não estaria muito longe; só, sim, despojado, estreme de toda mescla de elemento estrangeiro, a cousa realisaria o puro ideal da poesia nativa. A decepção foi tão esmagadora, quando appareceu a obra, como lisonjeira tinha sido a espectativa alimentada durante a desesperadora gestação.

Se por litteratura nacional se deve entender aquella em que « se reflecte o character de um povo, que dá vida ás suas tradições e crenças, a harpa frememente em cujas chordas geme, como um sópro, a alma de uma nação, com todas as dores e júbilos, que, atravez dos séculos, a foram retemperando » ; se « cada povo tem suas paixões como cada individuo, e essas paixões constituem a alma de cada poesia » : parece de bom aviso, que o candidato a realisador do typo da litteratura *propriamente brasileira*, quando já não era possivel estudar no vivo as paixões de uma raça quasi desaparecida, ou, pelo menos, decaída da sua primitiva grandeza, se voltasse para a história e para o estudo dos mestres, feito sobre o índio colonial, e d'ahi apanhasse a expressão complexa e fiel d'este, seus costumes, suas inclinações, sua poesia emfim.

Já havia alguns modêlos realisados sobre o thema indígena. Sancta Rita Durão, Basílio da Gama, Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães tinham quasi todos batido nas mesmas sendas. Não, não podiam haver tomado a nuvem por Juno esses illustres ingenhos, alguns dos quaes tiveram occasião de estudar o *Índio* em original. Podiam falhar ou desvairar-se os pormenores, nunca porém a essencia, de modo que devesse ser condemnada a velha escola como apócrifa.

Dir-se-hia, pois, com justo fundamento que a escola estava inaugurada, a incógnita descoberta, resolvido o problema. Fôra licito accreditar que não restava neste poncto, a quem ambicionasse colher novos lauréis para si, e proporcionar novo realce á pátria, mais do que alargar esses caminhos, afastar o mais possivel esses horizontes, para que surgisse na máxima pleni-

tude a perenne mansão de incantos. Não é o que faz J. de Alencar.

Principia, contrapondo-se aos mais auctorisados mestres. Sem nunca haver tido occasião de estudar effizamente o elemento de que se presume conhecedor, nutre a vaidade de suppôr que achou o character d'este na sua mêsa de estudo e sem dúvida mediante os subsídios, devidos aos mesmos escriptores, contra os quaes rompe.

« O conhecimento da língua indígena é o melhor critério para a nacionalidade da litteratura, » diz-nos elle na sua carta final. Ora, como ha de conhecer essa lingua quem não penetrou nas tribus, quem não se achou em contacto com o povo, quem a não estudou nos tempos primevos, porque era impossivel fazel-o, nem mesmo nos tempos actuaes em que já o verdadeiro character indigena decahiu e se corrompeu? Ha de forçosamente estudal-a nas obras e dictionários que nos deixaram os nossos predecessores. Pois bem: elle acha que « de quantas producções se publicaram sobre o thema indígena, nenhuma realisava a poesia nacional »; e quanto aos dictionários é o primeiro a tachal-os de « imperfeitos e espúrios. » Ao próprio G. Dias nega o condão de realisador da poesia americana. Diga-nos quem podér e quizer: onde foi J. de Alencar buscar esse molde de poesia selvagem, fóra dos dictionários, que « são espúrios », fóra das producções publicadas, que « não a realisam », fóra dos modêlos dos mestres que « só exprimem idéas próprias do homem civilizado, e que não é verosimil tivesse no estado de natureza? » No seo gabinete de improvisador.

Ah! justamente por não havel-o incontrado em parte nenhuma foi que elle adoptou e nos offereceu como o verdadeiro padrão essa poesia pedantêsca e diffusa que se esparrama nas páginas da sua *Iracêma*.

Meo amigo, estou-te escrevendo estas cartas por honra da firma. Se já m'o promettêra a mim mesmo, e se ultimamente t'o prometti tambem a ti... o promettido é devido. Mas, á fé, que estudos em que só se tem de apreciar desaires e não sublimidades e formosuras, cançam a final, e não podem deixar de levar á monotonia.

Quando escrevi, ha mezes, as minhas cartas sobre o *Gaiçho* estava com disposição para a cousa. Tambem

era a primeira ceifa, e em que campo! Era dar para a esquerda e para a direita, e cair espiga. Mas também pelo muito que se vindimou, sobreveiu o tédio para a repetição das operações.

Se aquellas cartas tivessem sido dadas á imprensa em tempo, já a análise da *Iracéna*, da *Diva* e da *Pata da Gazella* estariam feitas, porque, aproveitado o humor do momento, um só e mesmo fôlego abrangêra tudo.

Mas foi o contrário. Quando eu esperava recebê-las publicadas, chegavam-me notícias, dando-me formal desingano. Lá ficaram por mezes; já não me lembrava d'ellas, e tinha-as até por extraviadas (que talvez fôsse o melhor.)

Eis que vem a questão do elemento servil, o parecer da comissão da câmara dos deputados, os discursos parlamentares de J. de Alencar, as tuas magníficas cartas a Fabrício, e finalmente as *Questões do Dia*.

Ora, durante todo esse tempo, estive eu cuidando dos meos verdadeiros interêsses (que isto de letras, entre nós, não dá para mandar ao açougue) como fôsem algumas questões forenses, algumas garatujas para gazêtas politicas, etc. Nem me lembrava mais de *Sênio*, senão como um político, e este velho, *descrente*, como elle mesmo se diz.

A inspiração do momento foi-se. Veiu depois a doença, que me forçou a retirar-me para o campo; e ahí, quando menos o esperava eu, vejo ressuscitarem no teu periódico as minhas *defunctíssimas cartas*.

Foi quando tive de voltar á cidade, e agora já não pareceria de bem que eu deixasse de cumprir a palavra, que imprudentemente empenhei, a pezar de não ter « primeiro calculado das fôrças mínimas para empreza tão grande. »

Pois bem: peço-te permissão para tomar fôlego e continuar na seguinte. Até lá.

Teo amigo e admirador

SEMPRÓNIO.

Monumento a Bocage

Segundo as últimas notícias de Lisboa, os alicerces que o máo estado do solo exigiu, estavam muito adeantados, mas sendo precisos ao menos 15 dias para inxugar, e não cessando a chuva desde fins de outubro

ate meado novembro, : trazou isto muito os trabalhos, por tal motivo de força maior. Para solidificar o terreno, foi mister suterrar estacaria de 9 palmos de altura, e proceder a morosos e inesperados trabalhos. Apenas segurasse o tempo, o que não parecia próximo, ia começar a assentar-se a cantaria. Nestes termos, a solemnidade do dia 21 de dezembro limitar-se-ha provavelmente á collocação dos fundamentos. Os dous Membros da Commissão Central nesta cõrte incumbidos de dirigir esta tarefa, aproveitaram estas circumstancias para recommendar que a definitiva inauguração se reserve para quando S. M. o Sr. D. Pedro Segundo se ache em Portugal, esperando-se que, com seos augustos parentes, abrilhante o esplêndido acto.

A commissão em Lisboa, de que é Presidente o Sr. Marquez d' Avila e Bolama, e Vice-Presidente o Sr. Visconde de Castilho, prosegue em seos trabalhos, de accõrdo com a commissão de Setubal, e ambas com a Central do Rio de Janeiro.

O Presidente da Commissão especial, que o é tambem da Câmara Municipal de Setubal, dirigiu para esta Cõrte as suas communicacões, das quaes se collige que a Rainha do Sado verá em dia próximo uma das mais brilhantes festas de que neste género em Portugal haja memória.

O mesmo cavalheiro dirigiu á Commissão em Lisboa um officio do teor seguinte:

« No empenho louvavel de abrilhantar a festa da inauguração do monumento dedicado ao celebre poeta Bocage, compuzeram e offereceram á Câmara Municipal d'este conselho dous hymnos destinados a serem executados no acto da dicta inauguração, os professores de musica Carlos Augusto Alves Braga, e Antonio do Nascimento e Oliveira, ambos conterrâneos do poeta, o primeiro residente em Lisboa, e o segundo residente nesta cidade de Setubal, onde é reconhecido o seo mérito artístico, e cujas Philarmónicas tiveram já partituras do segundo dos indicados hymnos.

Julgando a Câmara, por mais acertada deliberação deixar á illustrada commissão encarregada de dirigir a solemnidade alludida, tanto a appreciação da poesia que faz parte do hymno de que a música é composta por Antonio do Nascimento e Oliveira, como a música de ambos os hymnos, por isso tenho a honra de os remetter a V. Ex. afim de os fazer presentes áquella Ex^a.

Commissão, que a tal respeito resolverá do modo que á sua muita competencia e subida illustração mais justo parecer. Deus Guarde a V. Ex.—Setubal 15 de novembro de 1871.—Illm. Ex. Sr. Visconde de Castilho.—O Presidente da Câmara Antonio Rodrigues Manitto.

Quando, porém, chegou este officio, já as bandas de música da Guarda Municipal e outros corpos estavam insaiando um lindo hymno, expressamente composto sob o titulo *Hymno a Bocage*.

As Revoluções

Como ha por ahi muita gente boa, que sonha com revoluções, e se os seus desejos fossem satisfeitos, teríamos ao menos uma por dia, será bom lembrar-lhe os proveitos que d'ellas se auferem, porque muitos ha que cuidam que revolução é o mesmo que pão com manteiga.

Tomaremos para exemplo a França, que, 'nesse género ninguem negará que seja clássica.

A grande revolução franceza, que matou a Luiz XVI, trouxe o *Terror*.

Do Terror, que acabou por uma revolução, veio o *Directório, com todas as suas torpezas*.

Do Directório, que acabou por uma revolução, veio Napoleão *com todo o seu despotismo, e as guerras do Império*.

De Napoleão, que acabou por uma revolução, veio a *Restauração com a occupação, e os milhares de indemnização*.

Da Restauração, que acabou por uma revolução, veio Luiz Philippe *com todas as suas fraquezas*.

De Luiz Philippe, que acabou por uma revolução, veio Luiz Napoleão, *com todas as suas misérias*.

De Luiz Napoleão, que acabou por uma revolução, veio a *occupação pelos Allemães, o pagamento de alguns milhares de milhões e a communa*, e sabe Deus o que ainda virá.

Arreda de lá o velho, dizia certo sexagenário, a quem comptavam que uma grande patuscada tinha acabado por uma grande desordem.

OTTON.

QUESTÕES DO DIA

N. 27

RIO DE JANEIRO, 20 DE DEZEMBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Laemmert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua do General Camara.—Livraria Acadêmica, Rua de S. José n. 119—Largo do Paço n. C.—Preço 200 reis

O 1.º volume, com perto de 400 paginas—3\$000.

OBRAS DE J. DE ALENCAR — A IRACÊMA

(Cartas a Cincinnato)

III

Meo illustre amigo: A *Iracêma* teve por fim desempenhar o compromisso que o auctor *commetteu a imprudencia* (palavras suas e não dice mal) de contrahir, quando escreveu algumas cartas sôbre a *Confederação dos Tamoyos*.

Ora, a *Confederação dos Tamoyos* pertende as honras não só de poema, porém de poema *épico*. Sinto não ter esta obra, que li ha tempos, para agora averiguar a minha asserção. Quer-me, todavia, parecer que não estou em equívoco.

J. de Alencar, criticando-a, dice que « as tradições dos indígenas davam matéria para um *grande* poema, que talvez um dia alguém appresentasse sem ruído nem apparatus. » Infelizmente ainda não chegou este dia.

Suppozeram que o auctor se referia a si, e perguntaram-lhe varias pessoas por elle. Tanto bastou para que se mettesse em « *brios litterarios*, e começasse a obra com tal vigor que de um fôlego levou ao quarto canto! »

(Vid. a carta final, na pag. 193.)

Depois, por certas considerações, que não vem ao caso recordar, foi o auctor levado a dar « um ensaio das suas idéas sôbre a poesia verdadeiramente brasileira *in anima prosaica*. » Tal a *Iracêma*.

Pergunta-se: o que é lícito conjecturar em face de todas estas circumstancias e precedentes, a saber—depois de uma critica feita a um poema candidato a

épico, depois de uma solemne promessa de apresentação de um *grande* poema, sor julgar o crítico que aquelle não realisava a verdadeira poesia brasileira, e depois finalmente da amostra em prosa d'essa prometida e perguntada obra? Seguramente que esta amostra pretende offerecer ao mundo não só o typo d'aquella poesia, senão também o de um poema *épico* em contraposição ao que foi julgado incapaz de satisfazer aquelle *desideratum*. Com effeito!

Ha um grande nome na litteratura hispanhola—don Juan Ruiz de Alarcon y Mendoza, que um auctor colloca acima de Moratin, de Montalvan, e immediatamente depois de Lopez de Vega e de Calderon.

Era elle « *infernalmente orgulhoso* » na phrase do crítico a quem peço estas noticias. Em um dos seus prefácios se lêem estas memoraveis palavras allusivas ao público (*al volgo*): « Canalha, animal feroz, dirijome a ti; nada digo aos gentis-homens, que me tractam melhor do que desejo; intrego-te as minhas peças; faze d'ellas o que fazes das boas cousas—sê injusto e estúpido, como é teu costume. Ellas te incaram e te affrontam; seo desprêso para contigo é soberano. Se as açares ruins, tanto melhor — é que são boas. Se te agradarem, tanto peor — é que para nada prestam. Paga-as, e folgarei de te haver custado alguma cousa. »

J. de Alencar dá poemas e romances *de costumes*, sem ter estudado a natureza nem os povos, e condemnando além d'isso os estudos dos mestres e os dictionários existentes, que chama « *espúrios* ». Essas obras, elle as dá do fundo do seo gabinete, assim a modo de quem expede *avisos* para um império inteiro. Espécies de *encyclicas litterárias*, trazem o cunho da auctoridade dogmática e infallivel: são matéria de fé. Houve de certo immensa modéstia, quando nos dice que a *Iracéma* era uma experiencia ou amostra. E' que foi isso ha seis annos antes a esta parte, e *tempora mutantur*. Hoje, com a sem cerimonia de quem conhece o terreno onde pisa, suas palavras para com o público seriam talvez estas: Canalha imbecil, corja de idiotas ou de boçaes, que só tens tido um *laus perennis* para os meos caprichos, a minha fatuidade e as minhas aberrações, toma lá esta.... *Illiada brasileira*. Os que conhecem os meos erros e defeitos tractam-me

melhor do que seria para esperar. Graças ao seu silêncio, filho do pouco caso ou da cobardia, a minha reputação pânica transpôs já os umbraes da posteridade, e perde o tempo ou é parvo quem tentar apear-me do meu pedestal. Paga tu a obra, e elogia-a por toda a parte, como tem sido teu costume. »

Haveria 'nestas amabilidades alguma cousa parecida com as de Alarcon, mas, umas ligeiras observações: o auctor hispanhol era de tanto génio, que Corneille vasou o seu *Menteur* no molde da *Verdad Suspechosa*, obra que denomina « a maravilha do theatro, e para a qual não se acha, como elle diz, nada comparavel, quer entre os antigos quer entre os modernos. » Infelizmente as cousas são muito diversas, em relação ao caso actual. O Brazil de hoje está tão distante da Hispanha do século XVI e do século XVII, quando fornecia assumptos á Italia, á França, á Inglaterra, a Corneille e a Shakspeare! O nosso compatriota, pôsto que muito illustre e respeitavel, está tão afastado physica, chronológica e litterariamente de Alarcon! É depois accresce: J. de Alencar não teria razão para se queixar do público: só Alarcon — perspicaz e profundo — desconfiaria d'esse perenne acolhimento ás suas obras. Desçamos ao nosso assumpto.

Tu, que és mestre e intendes tão bem da cousa como nem ousos pertendel-o em, achas que a poesia brazileira tenha incontrado o seu ideal na *Iracêma*?

A poesia de um povo, que fazia das guerras sua principal, senão única, fonte de paixões, não podia ter essa expressão de flaccidez e de languor, que faz a feição completa da obra citada.

Anhelos tumultuosos, affectos desinfrados, prazeres lúbricos, sensações intensas e bravias, costumam traonzir-se em linguagem de outra possança; isto é o que nos parece dizerem o senso critico e o estudo das primitividades de todos os povos do mundo. O poeta, intérprete d'essa poesia, não tem mais que apanhar o colorido ardente, e com elle velar as impudicias ou as fealdades da natureza brutal.

Cumpra mais accrescentar que a forma de tal poesia, particularmente bebida na fonte grosseira dos sentidos, devia tender mais ao plástico, ao material, do que a uma idealisação que de modo nenhum cabe

em semelhante natureza. Um moderno archeólogo e sábio inglez, Lubbock, estudando os costumes dos aborígenes da América do Norte, diz que o « estylo da sua música é magro e sem arte. » Sabe-se que a monotonia faz tambem um característico das festas, das danças e dos cantos dos selvagens em geral; e com relação aos do Brazil, é facil deprehender do que dizem os competentes, que tambem era traço distinctivo da sua linguagem certo cunho de varonilidade, repercussão do estylo com que celebravam suas paixões tumultuárias.

Só duas fontes vejo onde o poeta achesse para beber o character da poesia brasileira: a saber—*specimens* na própria lingua vernácula, ou, na falta d'estes, o dizer dos historiadores. Ora, a primeira é sabido que nos falta; não só os índios não escreviam, mas tambem quem o podia fazer » não se deu ao trabalho de recolher ou verter em lingua portugueza os cânticos dos índios » como diz um litterato contemporâneo. Resta, portanto, a segunda, que, longe de auctorizar, condemna a pertensa eschola, inaugurada por J. de Alencar.

Em verdade, basta uma interpretação approximada da história para vermos a medida d'essa poesia. Um povo dado principalmente ás luctas violentas, d'onde derivam os seus mais assíduos passatempos e labores não havia de ser frôxo e debil, quando é certo que a poesia é o reflexo mais animado, firme e substancial das paixões de um povo.

Mas o que nos dizem os historiadores? Vejamos.

Simão de Vasconcellos diz, — tractando dos cantos: « Cantam no mesmo tom arengas de suas *valentias* e *feitos de guerra* com taes assobios, palmas e pateadas que atream os valles. »

Ferdinand Denis diz, occupando-se com o mesmo assumpto: « Cantavam alternadamente as suas *façanhas* em tom grave e compassado. » E referindo-se a uma certa dança accrescenta que « do seio da multidão se levantava um choro harmonioso, que *celebrava a glória* dos antepassados e incitava os *bravos* a novos *feitos* de honra. »

Verdade seja que G. Dias nos observa: « Entre os *Tupys* era tudo música e poesia — o nascimento e a morte — a guerra e as festas — o amor e a religião

— a linguagem e a vida — era tudo poesia.... Na sua linguagem harmoniosa e quasi toda labial, travada e intercalada de vogaes — imitavam o ciciar da brisa a correr sôbre as ondas espalhadas do oceano, a agitar levemente a igára derivando á tona d'agua, e a inredar-se pelas folhas dos bosques, que aromatizam o littoral. » Para apoiar esta opinião declina a de diversos auctorizados escriptores, como o padre Figueira, Laet, Vasconcellos, Du Montel, os quaes todos são accordes em que a lingua geral era muito rica, suave e elegante.

Devo entretanto produzir duas rápidas observações.

Primeiramente, historiadores tambem ha, não menos abalisados, e entre outros D'Orbigny, que suppoem que « quasi todas as linguas americanas eram pouco extensas, grosseiras, e careciam *absolutamente* de termos para exprimir um pensamento, uma idéa *delicada*, ou mesmo a paixão. » Se coubesse nos estreitos limites de uma carta, escripta a *vôo de pássaro*, algum desinvolvimento sôbre matéria sem dúvida transcendente, eu reproduziria com Lubbock, Forster, Ellis, Cook, Kolben, Thunberg, Harris e muitos outros, factos e considerações que avigoram esta opinião.

Em segundo logar direi que, mesmo admittida a opinião esposada por G. Dias e pelos outros citados historiadores, essa suavidade, opulencia e elegancia, longe de se contrapôrem á these, que resalta da história, mais a accentuam e corroboram. Quanto mais opulenta e elegante fôr a lingua, tanto mais em condições de ostentar fidalguia e gentileza, quer de fórma, quer de essencia. E tanto assim é que o próprio G. Dias não vasou as suas poesias americanas em outro molde.

Se dos cantos passâmos ás danças, o que vemos? Refere o próprio Dias: « Essas mesmas dansas não eram mero exercício de fôrça ou simples distracção. Simulavam (os guerreiros) nos passos choreographicos, já o caçador..... em attitude *viril e ameaçadora*.... já, mais energicos, imitavam *combates* de homem contra homem, em que se succediam as palavras aos golpes, etc. » Confirmando esta affirmativa, ajuncta P. Dinys: « Era antes (a mais solemne das dansas) uma cerimonia *marcial* que uma dansa propriamente dicta. »

Eis, pois, ainda aqui caracterizada a poesia selvagem pela energia e fortaleza, que imbutiam, digamol-o assim, na linguagem, nos gestos, nas acções, as diversas fórmulas, sempre elevadas, de decantar assumptos grandiloquos, como as batalhas, os convívios em honra das bárbaras proezas, os exercícios e noviciados bélicos.

Penso, pois, assim: ou a poesia tivesse de exprimir motivos de essência épica — as luctas gigantéas, as glórias marciaes; ou motivos melodramáticos, os prazeres eróticos, as magnificencias da natureza inanimada, os incantos da vida florestal; ou de referir-se ás suas práticas e crenças religiosas — em qualquer d'estes casos ser-lhe-hia impossivel abstrahir do cunho de vivacidade, do colorido vigoroso, próprio do sentimento universal de braveza e do modo geral de dizer que especialmente os assignalava e que era como as tinctas predominantes de todos os seus phenómenos sociaes e moraes.

Pensando assim estou de accordo com os dous primitivos patriarchas da poesia brazílica, Basílio da Gama e Sancta Rita Durão, e tambem com os grandiosos ingenhos do Dias e do Magalhães, que nos tempos actuaes tamanho impulso deram á eschola nascente, apesar de ser de data colonial. O Dias foi infatigavel, verdadeiro propagador d'essa eschola, que cultivou como o sacerdote mais estrénuo, auctorizado e feliz. E' elle indisputavelmente o nosso primeiro poeta, e difficilmente terá um successor que se lhe approxime, se a ingrata sorte arrabatar cedo á pátria o astro mágico de Fagundes Varella, que, no meo fraco intender, é o vate mais genuíno, opulento e mavioso da moderna pleiade nacional.

Ora, se pego agora mesmo do *Uruguay* e o abro ao acaso, o que incontro? E' o poncto em que o indio, Cacambo, se apresenta ao general como parlamentar. Ouçamol-o.

« O' general famoso,
 « tu tens á vista quanta gente bebe
 « do suberbo Uruguay a esquerda margem.
 « Bem que os nossos avós fôsem despôjo
 « da perfidia de Europa, e d'aqui mesmo
 « co' os não vingados ossos dos parentes

« se vejam branquejar ao longe os valles,
 « eu, desarmado e só, buscar-te venho.

« As campinas que vês, e a nossa terra
 « seo e nosso suor e os nossos braços
 « de que serve ao teo rei ? Aqui não temos
 « nem altas minas, nem os caudalosos
 « rios de areias de ouro

« Pobres choupanas, e algodões tecidos,
 « e o arco, e as settas, e as vistosas pennas
 « são as nossas phantásticas riquezas.

« Que mais queres de nós? Não nos obrigues
 « a resistir-te em campo aberto. Póde
 « custar-te muito sangue o dar um passo ;
 « não queiras ver se cortam nossas frechas;
 « vê que o nome dos reis não nos assusta. »

Mas já não quero este assumpto que podem taçar de forte em si mesmo, e vou ter a outro de diversa ordem—o amor. Abro o *Caramuru*, e não é já um guerreiro, porém sim uma simples mulher quem fala, Paraguassu, promettendo a Diogo Alvares baptizar-se e ser sua esposa:

« Esposo—a bella diz—teo nome ignoro,
 « mas não teo coração, que no meo peito,
 « desde o momento em que te vi, que o adoro:
 « não scei se era amor já, se era respeito ;
 « mas scei do que então vi, do que hoje exploro,
 « que de dous corações um só foi feito :
 « quero o baptismo teo, quero a tua igreja
 « meu povo seja o teo, teo Deos meo seja.

« Ter-me-has, caro, ter-me-nas sempre a teo lado,
 « vigia tua, se te occupa o somno :
 « armada saírei, vendo-te armado;
 « tão fiel nas prisões, como 'num throno.

« Outrem não temas que me seja amado :
 « tu só serás senhor, tu só meu domno; »
 « Tanto lhe diz Diogo, e ambos juraram ;
 « e em fé do juramento as mãos tocaram »

Pois bem 'nesse mesmo assumpto não ha frouxidão nem molleza na expressão ; pelo contrário: a linguagem do affecto não se deturpa, não se abastarda, não despe, nos lábios da moça, da selvagem louçania sempre, em brio e garbo, na altura condigna.

Recorro ao Dias, não no lampejante *Canto do guerreiro*, não no *Y—Juca Pyrama*—modelo de pondonor e de ufania bárbara, nem no *Tabyna* eminentemente marcial e athlético, mas 'numa poesia da insinuante sentimentalismo e amor—o *Canto do indio*. Tu bem sabes com que pujança' de idéa e galhardia de linguagem o poeta exalta em notas plangentes o amor grandioso do selvícola. Ouve :

« O' virgem, virgem dos christãos formosa,
 « porque eu te visse assim, como te via,
 « calcára agros espinhos sem queixar-me,
 « que antes me déra por feliz de ver-te.
 « Ó tacápe fatal e n terra estranha
 « sôbre mim sem temor veria erguido;
 « dessem-me a mim somente ver teo rosto
 « nas águas, como a lua, retratado....
 « Passára a vida inteira a contemplar-te,
 « sem que dos meos irmãos ouvisse o canto,
 « sem que o som do boré que incita á guerra
 « me infiltrasse o valor que me has roubado.....
 « Escuta, o' virgem dos christãos formosa.
 « Odeio tanto aos teos, como te adoro ;
 « mas queiras tu ser minha, que eu prometto
 « vencer por teu amor meo odio antigo,
 « trocar a maça do podêr por ferros,
 « e ser, por te gozar, escravo d'elles. »

Esta magnificencia, este primer comprehendendo eu como o echo da paixão sumptuosa do selvagem. Esta, sim, se não foi, presume-se que poderia ser a verdadeira poesia brasileira. As sensações e as idéas, os estímulos altivos como o coração, que se expandia nas luctas eternas, que as eternas solidões ainda mais solemnes e

majestosas faziam, têm 'nestas suavíssimas, sem deixarem de ser seguras e másculas vozes, um echo fiel e íntimo, que vai coando na alma. O selvagem tupy, victima da paixão como soe brotar em ânimos de tal tèmpera, ou fala assim, ou não fala.

Quem ha ahí que não conheça a poesia intitulada—*Leito de folhas verdes*—do mesmo inspirado poeta ? Aquella viração da noite, aquelle rumorejar do bosque, a mangueira altiva, a flôr do tamarindo, o doce aroma do bogari, valles e montes, lago e terra, a arasoya, a brisa da manhã, tudo nos fala da natureza virgem, e dos « *rendez vous* no mato, tão simples e prosaicos em si mesmos, mas que não obstante deram assumpto a uma das mais bellas e graciosas composições do Sr. G. Dias, no dizer de J. F. Lisbôa. O poeta tira da paleta onde guarda as mimozas côres da sua elegante phantasia, as mais appropriadas ao desenho, e combinando-as com as ameníssimas galas da natureza, entretece o sendal de variegadas illusões com que incobre o fundo material, e quicá abjecto do motivo. O leitor haure, como um deleite, esses esplêndidos versos, sabe o facto que elles decantam, facto em si mesmo *simples e prosaico*, e nem uma palavra sequer lhe vem estremecer a placidez d'esse véo de decencia e de poesia, que se diria cobrir o puro leito da innocencia. E comtudo não ha exaggeração, o minimo desvaire no quadro. As côres são vivazes, a pintura é verosimil.

O contrario se dá na *Iracéma*. O estylo em geral pecca por inchado, por alambicado. As imagens succedem-se, atropellam-se. Ha um esbanjamento de imaginação, que, desde a primeira vista, se nota que está muito longe de approximar-se da verdade; para que os personagens podessem falar assim, n'essa perenne figura, fôra preciso suppor 'n'elles o talento, e talvez a cultura do próprio auctor, tão custoso e trabalhado se conhece ter sido aquelle arranjo ostentoso. De repente, o que succede, para ainda mais desabonar o pincel do artista ? O artefacto de roupagens supérfluas contrahe-se, e desnuda em plena luz a mais deslavada materialidade. Exemplo :

Abro o poema na pag. 71. Martim tem passado a primeira noite com a india na cabana de Araken. Apesar de ter o moço « inchido sua alma com o nome e a veneração do seo Deus—Christo ! Christo ! » (como

diz o auctor) o seo Deus não o preservou de commetter a vilania (que a foi) na « *cabana hospedeira.* »

Depois de ter o auctor contado o tal infortúnio da moça, que da noite para o dia deixára de ser digna de *guardar os sonhos da jurema* e de merecer os affectos e as considerações do seo velho pae, com que chave de ouro aças que se sairia o auctor para fechar este *primoroso* capitulo ? Ouve :

« *As aguas do rio depuraram o corpo casto da recente esposa !* (São textuaes.)

Considera, meo amigo, que o auctor despendeu uma nota inteira, a pag. 169, em justificar a denominação de—*Acaracú*—que deu ao rio—*Acaracú*—dizendo ter « usado alli da liberdade horaciana. com o fim de evitar em uma obra litterária, obra de *gôsto e artística*, um som *dspero e ingrato*.

Que contradicção flagrante é esta?! No treço citado, não ha só a *aspereza e ingratidão* de um som ; ha um período inteiro, offerecendo ao espirito do leitor uma idéa vil, expressa por palavras indecentes: depois da baixeza, a índia foi tomar banho no rio para ficar limpa.

Como isso é de *gôsto e de arte* ! E sobretudo, que fina e edificante poesia !

Não posso mais por hoje.

Teo amigo certo

Semprônio.

— — —
Séptima carta de Cincinnato a Semprônio :

Rio, 15 de dezembro 1871.

Talentoso amigo.

Onde estávamos nós ? Ah, já me lembro : no *Til*. Admirámos os mil modos interessantes empregados para activar a venda do livro monumental, tão superior a qualquer outra producção como o til o é ás palavras a que se superpõe. Interrogava-me eu a mim mesmo sobre a explicação d'este apparente puff, quando me chega ás mãos uma epistola, que esclarece tudo, e não posso deixar de a transcrever. Resa ella assim :

« Sr. Cincinnato.— De pouco se admira Vm ; e a sua admiração cessará de todo, quando souber como

as cousas correram. O nobre auctor do *Til* adora a fama, a glória, e a pátria, mas dá não menor apreço a certa cousa tangível, com que se compram os melões. Foi a glória que o fez passar de liberal para conservador, em qualidade de consultor. Foi a glória, que o fez negociar com a empresa do *Diário do Rio*, exigindo a troca de uns papelinhos por moeda bem metálica. Foi a glória, que o fez organizar outra folha, com gordos estipêndios para casa. E a glória, que a tantos sacrificios taes o tem condemnado, é sempre o seu pharol nas costas da litteratura. Parece pois que a Redacção da *República* ahí caíu 'num laço bem armado. Aceitou um contracto *desinteressado*, em que o glorioso nedlogo accedeu a dar gratuitamente o seu portentoso manuscripto, apenas debaixo d'estas modestas condições: — Tirar-se a obra em volume, e receber d'este 2000 exemplares; ir logo á porta fronteira receber por cada um a 900 rs., e insaccar assim gloriosamente uma continha surda, e muito bem ganha, de Rs. 1:800\$000 (Quem de tão gôrdas lettras tamanho lucro haja tirado, não conhece este Império; e ainda ha 'nelle quem lhe conteste a glória!). Dá-se por assentado que os Redactores compraram nabos em sacco, e assim o creio: sejam boas ou más as doutrinas por esses mancebos apregoadas, ninguem lhes negará talento, ou supporá possível que elles acceitassem similhante embroglio para as suas columnas, se primeiro o tivessem passado pelos olhos. Foi um *fiasco* abominavel. No final do capítulo 15 da obra, que bem póde imprimir-se em 15 páginas, pois saíu em 15 pequenos folhetins, já se lê FIM DO PRIMEIRO VOLUME. Todas estas tricas são da escola do Dr. Carlosbach. Seja porém como for, ja se comprehendem as reciprocas barretadas: — *O Sr. Alencar ao Jornal*: Esta folha é magnífica — *O Jornal ao Sr. Alencar*: Este *TIL*, e este senhor são magníficos. São os dous leigos a darem *Reverendissima* um ao outro. Um agradece os 2000 exemplares; outro quer desferrar-se, angariando 2000 dous vintens. Tudo é glória, patriotismo, independencia, desinterêsse e amor da pátria..... »

A cousa ia continuando sempre na mesma afinação; mas como eu não creio absolutamente nada do conteúdo da tal missiva, permaneço na convicção de que o exclusivo intuito do reformador-reitor das lettras, foi

caranguejar mais um passo no progresso do seo regresso... como dizia o Sr. Visconde de Laborim.

Ainda não tive paciencia de passar pelos olhos senão os primeiros capítulos do *Til*, mas ja li bastante para adquirir a convicção de que ha mais outras leis da physica applicaveis á ordem moral.

Todos sabem que um corpo que ahi vem caído pelos ares não percorre espaços eguaes em tempos eguaes; ao contrário, quanto mais se approxima do chão, mais corre; o movimento do corpo é então uniformemente acelerado, na razão dos quadrados das distâncias. Se Atwood applicasse a sua engenhosa máchina aos escriptos de Sénio, faria como Kepler, estendendo a lei da órbita elíptica do planeta Marte aos outros planetas, e reconheceria na distincta intelligencia do honrado escriptor uma acceleração de queda, na razão do cubo das respectivas distâncias. A decadência vai já de foz em fóra, e não tardará que faça ralar de inveja a antigos escriptores da rua da Carioca.

Parecia recommendar a prudencia ao preclaro romancista (agora que se lhe desvaneceu a fama pânica, e que ja vai sendo collocado no lugar que lhe compete) algumas férias de imprensa, ou pelo menos que se aconselhasse com algum amigo leal que lhe desvendasse os olhos, ou lhe corrigisse os barbarismos, não para reconquistar a usurpada posição ja impossivel, mas para não aggravar mais o ridículo em que como escriptor tem irremediavelmente caído. E todavia, ou não tem um amigo que o desingane, ou a traçoieira vaidade lhe faz fechar ouvidos ás admoestações desinteressadas.

O *Til* não parece um romance, mas uma rebem dita! Se até hontem causava pena a successiva decadência da penna de Sénio, hoje produz assombro este peregrino ataque ao senso commum, revelador, ou do grande desprezo com que se tracta o público, ou de manifesta perturbação de faculdades.

Scei que é malbaratar o tempo, consagral-o a tão futil occupação, mas pouco tenho que fazer, e quem tem vagar, faz colhéres. O tal folhetim está indubitavelmente abaixo da critica, porém não desconvem collocar um pñarol 'nestes pérfidos escolhos do mar das letras. Consagremos, pois, algumas páginas a tão inglória tarefa.

E' mania d'esta penna a *creação*. Tudo para elle sai do berço, do nada, para só viver quando bafejado por seo divino sôpro. Caracol da maledicencia, baba quanto o precedeu ; e assim como, na Relação do inferno, Rhadamanto sentenciava feitos, assim chama á sua barra os clássicos, os puros, os escriptores, os romancistas, os jurisconsultos, os estadistas, brandindo sobre todos a férala cariccata.

Já nos proclamou que havia de insinar o que era a poesia brasileira, a politica brasileira, a jurisprudencia brasileira ; agora diz que nos insina o que seja o romance brasileiro. Conquistou o universal monopólio de todas as especialidades ! . . . Tem-se visto d'estas aberrações : contam que o poeta Accio, de tão acanhadas dimensões que orçava por pygmêo, elevou, no templo das musas, a sua estátua, representando-o gigante, e dedicou-a á Eternidade.

Não é possível levar a maior evidência que tu o tens feito, que nada ha nos romances brasileiros do Sr Alencar que represente uma litteratura particular d'estas regiões. O pensamento de todas as obras de imaginação, nem têm pátria n-m paralelo ou meridiano. Pode-se sentir com mais ou menos energia, ser-se mais ou menos impressionado pela natureza ambiente, proceder de modo diverso segundo a educação ou grau de civilização; mas affigura-se-me que o homem não varia tanto como se afirma, e que o coração dos trópicos não tem aurículas nem ventriculos diferentes do das regiões polares. E todavia, concordo em que a poesia de cada zona possa offerecer matéria prima especial aos respectivos productores, incanto especial aos respectivos consumidores. Applicando esta regra ao Brazil, e em que deverá consistir a poesia local, a merecedora de menção, a que se não limite a uma caricatura ignobil, a que commova, instrua e arrebate, a digna dos applausos dos intendidos e das turbas?

Parece-me que essa especialidade tem de compor-se de muitos elementos:—a religião dos incelas, com todos seus dogmas, lithurgiaas, bellezas, usos e superstições—as tradições d'elles, com suas histórias, lendas e mythos—a sua poesia nativa, com seus arrojões ou singelezas, com suas harmonias ou discordâncias—os seus costumes, com suas generosidades ou baixezas,

dedicações ou vilanias — as suas índoles, com as competentes virtudes ou vícios, dignidade ou servilismo — a sua natureza, com as peculiaridades d'ella, com os seus phenomenos, as suas grandezas, os seus rios-mares, catadupas, florestas monumentaes, e o seo admiravel reino animal, e as infindas opulências que incerra o seio d'este magnífico torrão. Finalmente cumpre applicar a observação mais attenta ao estudo de quanto a mesma natureza offerece próprio, ingénito, e ao de quanto a raça humana appresenta de excepcional em seo temperamento, compleição, génio, condição, tendencias e história.

Quem não se sentir com pulso para erguer tamanho pêso, não se ostente creador, nem procure naturalizar produccões desvairadas, em paiz que as não conhece nem tolera. Tudo aquillo demanda muita applicação, cultura, estudo, e não certas noções superficiaes, hauridas de outiva, e tão pingues e gordas que, do mesmo modo que nas águas abetumadas do lago Asphaltites, tudo boia na superfície, nada nada até o fundo.

Não ha neste romance do Sr. Alencar (ao menos no que tenho lido) cousa que justifique a ambiciosa qualificação. Caracteres mal desenhados, pessimamente sustentados, descripções sempre defectivas, diálogos impróprios, personagens repugnantes, linguagem muitas vezes abaixo de plebéa (não só nas falas postas em bocca das figuras, mas frequentemente nos dizeres do auctor), deficiencia de senso moral e de alcance do inrêdo magro e descosido, effeitos mal preparados, e perenne artificio impotente. Imagina este escriptor que, por dar, aqui e acolá, os nomes de umas terras ou cousas do Brazil, dá romance brasileiro! E' um venerando açaque do espirito.

Não chegou ainda o tempo de avaliarmos o romance syntheticamente, porque está no principio, e não scei de quantos volumes (de 15 páginas) virá a compor-se. Consequentemente o que posso é chamar a tua attenção para o chorrilho de bellezas de estylo, de grammática, de sciencia, e de vernaculidade, que pullulam n'este vasto tremedal. E' o que farei nas seguintes cartas.

Creio que o corollário será que ao nobre mestre conviria retirar-se da scena para aprender primeiro o muito que lhe falta, para poder insinar. Faria bem de transportar-se para a sua soledade-çarneca, ou para a

sua Thebáida. Da separação de toda a sociedade ociosa saíram os Zoroastros, os Orphêos, os Epiménides, e outros famosos contemplativos, que passados alguns annos reappareceram cheios de sciencias e virtudes. Faria bem em epimenizar-se.

Portanto para a outra vez proseguiremos na anlyse mais miudinha das façanhas linguisticas do *Til*.

Teo sincero respeitador

CINCINNATO.

Bibliographia.

Nunca será muito quanto dicer a imprensa sôbre um bom livro, maiormente sôbre aquelles que se destinarem á infância, aos cidadãos, aos mestres; aos paes de familia futnros.

O poeta saudado em 1862 por toda a imprensa fluminense, e em seguida pelas demais do Império, por occasião de dar á estampa um volumezinho de versos, denominado FLORES E FRUCTOS, o mancebo a quem, por esse tempo, a sympáthica, estudiosa e intelligente sociedade ENSAIOS LITTERARIOS offerecêra uma rica penna de ouro, o talentoso e illustrado Sr. Bruno Seabra, querendo tambem ser agradavel e util aos nossos concidadãosinhos, deu á luz um interessante livro, que lhe dedicou, intitulado O ALFORGE DA BOA-RAZÃO. Temos á mão um exemplar da nova edição d'esse livro, e pôsto, no seo género, nenhum, que saibamos, se vantagem no accollimento que mereceu, sendo, immediatamente depois de publicado, approved com louvor pelas Directorias de instrução pública das provincias de Minas e da Bahia, transcrevemos para aqui o seguinte parecer, inserto n'uma gazeta do Maranhão, da commissão composta de tres membros, nomeada expressamente para sobre esse livro emittir sua opinião.

Eil-a :

« Illm. Sr — Lemos o livrinho que, para meninos, sob o titulo ALFORGE DA BOA-RAZÃO, deu á luz o Sr. Bruno Seabra, já bastante conhecido entre nossos homens de letras por suas producções poéticas de subido mérito, e cujo exemplar com este restituimos a V. S.

E' nossa opinião que o ALFORGE DA BOA-RAZÃO preenche bem o fim a que mirou seo intelligente e illustrado auctor, que, em sua preciosa obra, colligindo grande cópia de preceitos com o fim de imprimir no espirito da infancia, como em branda cêra, os princípios da moral mais sã, fal-o em estylo facil e natural, dicção correcta e clara, não menos que em linguagem pura e de lei; qualidades que, amenizando-a, muito recommendam a obra do Sr. Seabra, pondo-a ao mesmo tempo ao alcance da comprehensão infantil d'aquelles a quem se destina.

Inspirado pelo amor paternal, e com desvelo escripto no intuito de dispor o filho para a felicidade, inculcando-lhe em vêrde princípios que, se nelles se embeber, necessariamente lh'a darão, e d'elle farão um membro util á Sociedade, a obra do Sr. Seabra não desdiz dos encómios que lhe têm sido tributados, e merece ser admittida nas nossas escholhas provinciaes. Deus guarde a V. S. Illm. Sr. Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva, Inspector da Instrucção Pública do Maranhão.

Pedro de Sousa Guimarães,

Luiz Carlos Pereira de Castro.

Trajano Candido dos Reis. "

Transcrevêmo-la para estas págiaas, crendo prestar algum serviço aos paes de família, indicando-lhes, por nossa vez, um livro que, como bem dice uma illustre penna portugueza, a do Sr. Dr. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, *como o Bom homem Ricardo, de Franklin, deve andar nas mãos de todas as creanças, pelo insino que lhes dá, formando-lhes as almas, e pelo modo porque o expõe, delectando-lh'as. E' tudo isto, e é escripto em portuguez de lei,*

Côrte, 1871.

VARRÃO.

QUESTÕES DO DIA

N. 28

RIO DE JANEIRO, 23 DE DEZEMBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Laemmert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua do General Camara.—Livraria Acadêmica, Rua de S. José n. 119—Largo do Paço n. C.—Preço 200 reis.
O 1º volume, com perto de 400 paginas—3\$000.

OBRAS DE J. DE ALENCAR—A IRACÊMA

(Cartas a Cincinnati)

IV.

Meo amigo :

Para verdadeiramente dizer-te, é esta a vez que me sento com melhor disposição de conversar sobre a *Iracêma*. Quando a gente leu um livro, de que não gostou, atira-o para um canto, nunca mais pega n'elle ; as impressões passaram, e se pretende reexperimental-as e relê a obra, é um ingano!

Isto me acconteceu com a lenda sertaneja de J. de Alencar, e admira-me que ella me tenha já dado margem a tres epístolas, das quaes algumas crescidinhas.

Não importa. Approveito o humor e....conversemos.

Quando tive occasião de ler, em livro de auctor estrangeiro, um benigno juizo crítico sobre a *Iracêma*, duas impressões me assaltaram — oppostas, postoque congénitas—uma de prazer, outra de pezar.

Se o escriptor (que reputo competente) se houvesse limitado a festejar, pura e simplesmente, o illustre nome brasileiro, e só a isso, á fé te digo que, na qualidade de brasileiro, que tambem sou, ter-me-hia exclusivamente regozijado com tão fidalgas finezas ; e, sem descer a indagar se seriam em si justas ou se filhas de mera vontade de fraternizar com o, por assim dizer, co-irmão nas lettras, nem mesmo de relance com ellas me occuparia na presente occasião. Sou muito cordato, e sciei bem até onde deve ir o espirito de nacionalidade.

Mas não succedeu assim. D'involta com as meiguices e delicadezas, prodigalizadas a quem certamente conta

titulos a atenções e acato, tópicos se destacam que injustamente desfavorecem reputações feitas, em que a pátria se revê com legitimo orgulho — reputações que já baixaram da região dos problemas para receberem a consagração prática do reconhecimento, do respeito e da admiração nacional. Fôra covardia não defender esses numes, sacrificados em honra de um ídolo que, se tem seo valor (o que ninguem contestar), não está com-tudo na altura de merecer que se lhe immolem taes hóstias.

Leem-se, por exemplo, 'nesse livro, pedaços como este, tractando-se de Gonçalves Dias :

« Não conhecendo esse poema (os *Tymbiras*), não posso formar juizo sôbre elle; mas outros poemêtos indianos, publicados no volume de versos do grande poeta brasileiro, edição de Leipsick, auctorisam-me a suppor que a morte ceifou Gonçalves Dias antes d'elle ter inaugurado verdadeiramente a litteratura nacional do Brazil, e que á *Iracema* do Sr. José de Alencar pertence a honra de ter dado o primeiro passo affeito na selva intrincada e magnificente das velhas tradições.»

O Sr. Pinheiro Chagas já tem dicto antes que « Gonçalves Dias e Magalhães sulcaram o formoso lago d'uma poesia estranha ás regras e aos hábitos europêos, mas como o cysne alvejante que só procura semear de pérolas a cândida plumagem, e que recebe inlodar no vaso do fundo o collo nítido e correctamente airoso, a aza branca e lisa, a cabeça graciosa e fina. »

Tem dicto igualmente que « de-de o Caramurú de Sancta Rita Durão, os poetas brasileiros têm entrevisto a mina riquíssima, d'onde pôdem arrancar diamantes litterários, tão fulgurantes como as pedras preciosas que resplandecem por entre as areias de Tejuco, mas até agora nenhum se ynpregou bastante 'nessa inspiração selvática.» E conclue dizendo que « a *Iracema* está destinada a lançar no Brazil as bases d'uma litteratura verdadeiramente nacional. »

E' desculpavel, 'num escriptor estrangeiro (postoque de talento seductor, e postoque já tenha pisado, segundo cremos, n'estas terras brazileiras, e nos haja brindado com a sua *Virgem Guaraciaba*) cair em inganos, que bem explicam quanto ainda entre próprios irmãos está desconhecida no seo justo valor a nossa nascente, mas já accentuada litteratura. Cumpre, porém, declarar que o ingano do Sr. Pinheiro Chagas é evidente, e de-

vido talvez a impressões instantâneas, deixadas por uma perfunctória leitura da *Carta* com que J. de Alencar fecha o seu livro.

Colhe-se com effeito do dizer do Sr. P. Chagas que os talentos, que precederam J. de Alencar na exploração da mina, cousa nenhuma apanharam ou apenas insignificancias, 'nesses campos esmaltados de incantadoras gallas,—'nessas selvas solemnes, regiões immarcescíveis da poesia mais melanchólica e mais pathética—'nessas montanhas majestosas, e nesses valles sombrios onde ainda se parecem ouvir echos de uma raça de Atlantes—'nesses rios gigantêos, que uma vegetação descommunal borda e veste de eterno viço, de louçania perenne.

Parece que tudo estava ainda por fazer, que a poesia dormia na immensidade inexplorada dos êrmos, ou que, assim a modo de jaguar ou de ophídio venenoso se recolhia em antros profundos, d'onde os antecessores de J. de Alencar só a tinham podido exhumar completamente desfigurada ou morta, ou antes onde não haviam penetrado. Bom é comtudo observar que alguns d'esses primeiros exploradores, a quem tão peremptoriamente se recusam sagrados direitos adquiridos e reconhecidos, tiveram, mais de uma vez, occasião de se acharem em immediato contacto com a natureza virgem, de contemplal-a em pessoa, de perscrutar os seus augustos mysterios e de receber d'ella directos influxos e inspirações. Póde-se acaso dizer outro tanto de José de Alencar, que, como é sabido, arrancou essa pretensa poesia brasileira do fundo da sua phantasia palaciana, e lhe deu fórma sobre a sua mêsca de cortezão ?

Se o sympático escriptor portuguez conhecesse melhor as cousas de nossa terra ; se soubesse que, ao passo que Gonçalves Dias percorria o Brazil do sul ao norte, penetrou nas intranhas das tribus do Ceará, do Maranhão, do Pará, do Amazonas, atravessando rios caudalosos, margens ínvias, estudando costumes e dialectos vários, colhendo mil noticias e tradições, José de Alencar escrevia folhetins impregnados de essências de salões, frequentava os passatempos da côrte, sonhava louras visões de luvas de pellica e de crinoline na rua do Ouvidor ou no Carceller, 'numa palavra hauria a vida puramente de cidade, de filigranas, de excitações procuradas, de estimulantes faceis e á mão ; se soubesse que, á proporção que elle ruminava, talvez entre uma

chávena de café e um delicioso havana, sob a abóbada caricata de um kiosque artificial, a poesia também artificial e brunidinha da *Iracéna*, Gonçalves Dias combinava na sua grande imaginação, à sombra de um gigante da floresta, ou à margem inundada de emanações aquáticas, ou no píncaro de uma serra a topetar com a immensidade, a poesia musculosa e farta, que se percebe palpitar natural, vehemente e livre do menor vençillo nas páginas immortaes do *Y-juca-pirama* e dos *Tymbiras*; se soubesse, finalmente qual o juízo incontrastavel da universalidade brasileira 'neste poncto, certo não teria aventurado idéas que não acharam, porque não podiam nem deviam achar, a menor guardida entre nós.

Se houve já alguma obra de J. de Alencar, a cujo respeito se não demorasse a manifestar-se, sem hesitação, o juízo público, está certamente em tal caso a *Iracéna*; e esse juízo não lhe foi favoravel.

Segundo já tive occasião de observar 'numa das precedentes cartas, o apparecimento da lenda sertaneja, longe de corresponder à expectativa suscitada pelo *Guarany*, do mesmo auctor, fêl-a despenhar-se na mais amarga e rude decepção. Geral frieza a recebeu, e quer-me até parecer que apreciações auctorizadas lhe recusaram os direitos, que também agora lhe contesto, de filha da terra.

Nem era de esperar o contrario, porque a poesia brasileira estava já então verdadeiramente inaugurada no paiz. Nem é outra senão a que uos deixaram esplendidamente insaiada Basilio da Gama e Sancta Rita Durão, e que deve ao portentoso pineel de Gonçalves Dias os contornos accordes, os toques magistraes, as linhas firmes, as côres feiticeiras e primorosas com que se arreja, 'numa palavra as sólidas e inabalaveis bases em que hoje a vemos definitivamente firmada. O que J. de Alencar nos deu na sua *Iracéna* foi uma poesia de sua invenção, como de sua invenção nos tem querido dar uma língua, uma natureza humana e uma natureza inanimada ao avêso. A poesia de um povo não se inventa a mero arbitrio, e dizemos que o typo da *Iracéna* é de pura ficção do auctor, porque elle não se apoia nem na lettra ou espirito da história, nem nos modêlos e estudos dos mestres.

Fique sabendo o Sr. P. Chagas que no Brazil não se conhece outro padrão de litteratura indiana com fóros

para interpretar fielmente o character local, senão aquelle que o paiz deve ao prestimoso talento do Dias.

Esse typo já recebeu o sagrado baptismo das populações e dos intendidos, e é o unico destinado para perdurar e transmittir-se á posteridade, porque foi bebido nas fontes authênticas do estudo, mais consciencientemente feito, do nosso aborigene. Pois bem : d'esse typo é tão essencialmente diversa a *Iracêma*, quanto a água do vinho.

Explica-se o desacôrto de J. de Alencar, emprenhendo contrapôr á verdade a ficção da sua phantasia.

Ha organizações que a máxima generosidade prejudica primeiro do que beneficia. *Guarany* tinha visto a luz, e tendo só direito a ser festejado na razão de 10, foi-o na razão de 100. Ora, o espirito d'esse auctor não é d'aquelles que as mais exaggeradas ovações não despojam nunca da majestosa calma da consciência, o brilhante realce das grandes organizações moraes. Sopotada a çhamma íntima, a pretensão mais desbragada tomou o logar á razão e ao bom senso. O homem reputou-se logo com sufficiente auctoridade e cabedaaes para demolir o que a idade e o génio tinham custosamente construido. Mas *demolir*, sem ao mesmo tempo *edificar*, não era decente nem plausivel. E depois era preciso, antes de tudo, mostrar que o novo estava muito acima dos velhos architectos ; d'ahi a idéa de inaugurar escola, que transmittisse á posteridade o nome do seo fundador. E então, bom Cincinnato ? Não podia, como vês, ser mais modesta a aspiração. Loucura ! Nem ao menos reflectiu esse homem que o seo *Guarany* tinha principalmente agradado, porque mostrava certo accôrdo com a conhecida feição histórica e tradicional do aborigene brazilico !

J. de Alencar escreveu então as suas célebres *cartas* sobre a *Confederação dos Tamoyos*. A' sombra dos folhetins, e principalmente do *Guarany* (que se não foi publicado antes das *cartas*, o foi de certo, se bem me recordo, simultaneamente com ellas), fizeram carreira e, como é natural, visto que ninguem quiz antepor-se-lhe, novos créditos vieram recommendar o talento do esperançoso escriptor.

Suppondo este, por illusão de óptica da sua vaidade, haver suterrado o nome, consolidado já, do poeta Gonçalves de Magalhães, com que insânia presumes tu que seria agora tentado ? Presta attenção !

Barreira ingente interrompia o vôo áquellas já descomedidas audácias. Essa barreira era o nome prestigioso do Dias—o pae nunca assaz pranteado da poesia brasileira, como Cullen Bryant, Waldo Emerson e Henry Longfellow o haviam sido da poesia da América do Norte—do Dias, que conquista elogios « não incommendados » de A. Herculano, e que Wolff applaude.

Pois bem, meo amigo. Não ha respeito, não ha consideração, que o detenha. Eil-o que se arroja contra o colosso formado, gôtta a gôtta, e dia a dia—stalactite inaccessible e sublime do génio, consolidado no conceito de mais de uma nação ; sómente o assalto é dirigido com mais geito, estratégia e arte : em vez de simples crítica offerece uma obra com todas as seducções da novidade; em logar de modos desabridos, principia dizendo que « Gonçalves Dias é o poeta nacional por excellência, e ninguem lhe disputa o conhecimento da natureza brasileira e dos costumes selvagens » apesar de concluir, declarando que « entretanto os selvagens do seo poema (os *Tymbiras*) falam uma linguagem clássica e exprimem idéas próprias do homem civilizado, e que não é verosimil tivessem no estado da natureza. » Ora dize-me : que poeta nacional por excellência é esse; que conhecimento da natureza brasileira e dos costumes selvagens pôde fazer crer que tem aquelle que faz dos seos selvagens não só homens civilizados, mas até falando linguagem clássica ? Não se vê que a proposição inicial só teve por fim illudir a agrura, sem diminuir-lhe a intensidade, da proposição final ? Que o pomo contém verme corrosivo, e a flor veneno mortifero ? Opportunamente tocaremos 'nesse presumido classismo e civilização dos selvagens dos *Tymbiras*.

Em resumo : eis ahí duas importantes auctoridades, duas grandes columnas do nosso modesto templo de letras, victimas do camartello do verdadeiro iconoclasta dos nossos primeiros numes. Ah ! não são sómente estes dous sustentáculos, que padecem golpes de destruição cruel : J. de Alencar tem o descôco de dizer, mediante aquelle seo estylo insidioso, que apparenta o melhor desinterêsse e cordura, mas em realidade perigoso e malfazejo, que das « producções que se publicavam sôbre o thema indígena, nenhuma realizava a poesia nacional, tal como lhe apparecia no es-

tudo da vida selvagem dos autochthones brasileiros ; que muitos peccavam pelo abuso dos termos indígenas accumulados uns sôbre outros (havemos de ver se elle não caiu 'neste abuso), o que não só quebrava a harmonia da lingua portugueza (quem defende a lingua!) como perturbava a intelligência do texto ; que outras eram primorosas no estylo e ricas de bellas imagens, porém certa *rudez ingênua* de pensamento e expressão (e a *Iracêma* satisfez estas condições?), que devia ser a linguagem dos indígenas, não se encontrava alli. » Logo, meo amigo, a aggressão não se circumscreveu a Gonçalves Dias e a Gonçalves de Magalhães : Porto Alegre, Basilio da Gama, Fr. Sancta Rita e todos quantos (passados e modernos) tinham escripto sôbre o thema indigena, a todos esses se dirigem os projectis d'aquella máchina de arremêso, forjada pela mais descommunal philáucia litterária de que haja noticia entre nós.

Chegâmos enfim a este extremo : antes de J. de Alencar, ninguem! O bello nacional estava ainda recolhido no ôvo, e o ôvo escondido, como em ninho enorme, dentro do regaço opaco da natureza.

Os mais beneméritos e qualificados ingenhos tinham até então doudejado por fóra da colmeia immensa, e nada de atinar com a intrada e extrahir algumas gôttas de mel virgem. O próprio Sr. Pinheiro Chagas diz que haviam sulcado o lago « como o cysne alvejante, que só procura semear de pérolas a cândida plumagem, e que receia inlodar na vasa do fundo o collo nítido. »

Moderno Colombo, J. de Alencar, depois do seo mergulho nas intranhas dormentes e até então impenetradas do desconhecido, assoma á superficie, mostrando-nos um mundo, ou uma maravilha. As pállidas sombras dos nossos avós são evocadas aos túmulos das edades pelo boato, pela divulgacão do milagre ; e resurgem infadadas de vergonha as illustres figuras dos nossos primeiros épicos, que a inquietitude do ciúme impelle, como trêmulas páginas de névua para o logar da exhibição.

O que é que vêdes, vultos venerandos? A exemplo das miragens do deserto, o sonho dissipou-se e esvaeceu-se. Ah! foi tudo de certo um sonho, ou um delírio de louca phantasia. Perdoae a profanação, que foi imprudentemente despertar-vos dos vossos jazigos secu-

lares. Foi tudo uma farça, e eterno perdão vos peço para quem a desempenhou.

Que novo portento de estatuária nos offercia J. de Alencar, em substituição ás columnas camartelladas, mas não alluídas do templo? Vê bem, meo amigo. O « mergulhador de Schiller » tinha-nos trazido, não pérolas ou coraes raros, mas justamente a vasa inloda-dôra do fundo, que G. Dias, Magalhães, Porto Alegre e outros tiveram a fidalguia de não levantar para nos pouparem um triste presente. O que se vê na *Iracema* é uma composição infezada e anémica, posto que congesta de serosidades e flatulências, para que não haveria remédio, a não ser a morte. E na verdade tão depressa nasceu como depressa morreu. A tentativa abortou. O ovo estava gôro. Não fôsse elle posto por « aquelle applaudido talento » e já d'elle não restaria nem mais a dilacerada casca.

O escriptor portuguez, referindo-se á *Iracema*, accode.

« Pela primeira vez apparecem os índios falando a sua linguagem colorida e ardente ; pela primeira vez se imprime fundamente o cunho nacional 'num livro brasileiro ; pela primeira vez são descriptos os selvagens com aquelles toques delicados, que dão realce tão vivo aos typos do romancista da América do Norte. »

Não, peço vénia, não !

Pela primeira vez apparecem os índios falando uma linguagem banzeira e esmorecida ; pela primeira vez são descriptos os selvagens com toques, com tinctas da affectação mais visível, mas tinctas *lymphdicas*, quando o selvagem é simples e singelo na sua majestosa grandeza.

Falta-lhes o colorido próprio, expressivo, interessante. O que aquella linguagem tem, são demasias de arte. Debaixo da agglomeração fastidiosa de comparações, as mais das vezes fóra de villa e termo, e que haviam de ter custado bom trabalho ao próprio auctor, a natureza subverteu-se como 'num abysmo. A pallidez visivelmente se mostra atravéz das côres postizas, fugaces e precárias.

O que me parece que se devia achar na *Iracema*, para que se podesse dizer que 'nella estava fundamente impresso o cunho nacional, era ruido de grandes embates, repercussão de magnánimas acções e gentilezas, tanto no amor como em tudo.

Quizéramos ver ahí o character do indio, primando na heroicidade e no valor tradicional.

Quizéramos se nos deparassem scenas pathéticas, e não episódios grutêscos e abaixo do nivel de uma raça que qualidades verdadeiramente superiores tornaram legendária.

Quizéramos ver travar-se a paixão com força ingente, o sentimento (principal motor da acção) rasgar situações grandiosas, sorprendentes e dramáticas; mas só achámos intrechos triviaes e insignificantes, perfeitas bagatellas, que admira como tenham preocupado um instante a phantasia de um espirito elevado.

Quizéramos que o modo de expressar essas luctas, essas energias profundas, esses thesouros insondaveis de affectos e de sensações bárbaras, fôsse impetuoso e arrogante, correspondendo ás ousadias íntimas, e traduzindo cabalmente as expansões abruptas. Mais uma vez o diremos: J. de Alencar não tem pulso para escrever a epopéa.

A linguagem dos gigantes das selvas primitivas é qual se fôra a de degenerados pygmêos—pállida e fria, sem alentos, nem vibração.

O amor da índia é um amor çorção, enervado, piegas. A sua compleição physiológica tem alguma cousa de inane, que repugna á organização desabroçada em pleno trópico, recebendô fluidos de todas as abundantes fontes da mais suberba natureza do mundo. Se quiz modelar a *Iracema* pela *Atala*, errou em claro: os sentimentos modestos, por assim dizer impalpaveis, d'esta última são devidos á influencia poderosa do christianismo, e por tanto diversísimos no character e até no seo ser bravio, ardendo perennemente em todas as çhammas brutaes da natureza.

Passando do amor ás batalhas, sancto Deus! Aqui o desmoronamento do génio indígèna é completo, desperta compaixão.

O guerreiro é poltrão e molle. Está ausente a investida eloquente do ânimo, que tanto o recommenda e particulariza sempre que põe em contribuição o seo brio e as suas glórias.

Hei de mostrar bem ao vivo o que agora apenas denuncio.

E 'neste gôsto tudo vai. Que amostra de poema épico é esta!!

OSr. Pinheiro Chagas ha de afinal convir comigo em que, apesar do seo extenso olhar critico, andou errado.

Pois é pena: faço o mais vantajoso conceito do seo elegante talento.

Mil desculpas por hoje.

E até amanhã.

Teo sempre com todas as veras

Sempiterno.

1.ª CARTA DE PLAUTO A CINCINNATO

Rio, 20 de Dezembro.

Caro amigo.

Em resposta á tua última carta, em que me perguntas o que ha de novo pelos theatros da côrte, respondendo com esta, que terá apenas o merecimento... de te não roubar muito tempo.

Intrâmos no tempo das comédias-mágicas. Shakspeare pede a demissão—Molière retira-se á vida fútima!... Veem substituil-os nas suas funcções Perrault e M^{me} D' Aulnoy!...

Os emprezários convenceram-se,—e, quanto a mim, não se inganam,—de que só os contos da carochinha lhes podiam dâr contos de réis!...

A tragédia, o drama, a comédia de costumes e de typos, retiram-se da scena cabisbaixos, mettendo a viola no sacco!... O palco povôa-se de sylphos' fadas e ondinas!... de cyclopes, demónios e feiticeiras!... Triumpham o alçapão e o tam-tam!... Reina o ouropel e o fogo azul!.. —Desapparecem os tyrannos que triumpham no quarto acto com a *justiça dos homens*, e, no quinto, levam para o seo tabaco com a *justiça de Deus*!—Somem-se os paes nobres de cabelleira nevada, os galans que recitam ao piano, os artistas de *mão calejada*, e os generaes de bigode d' algodão que padecem de gôtta e contam historias massadoras.—O público, farto de boas idéas e bom estylo, tem cançado o biço do ouvido, e quer gozar pela vista,—e a rampa, ha tempos a esta parle, tomou a deliberação de não illuminar nenhum factó que valha menos de quatro centos mil réis!...

E' por isto que a *Phenix-dramatica* põe em scena a *Prinzeza Flôr-de-maio*, com grande satisfação dos espectadores e das algibeiras do empresário. A peça tem tido inçhentes successivas, e ha até quem se tenha arriscado a uma gymnástica perigosa para ver do alto da varanda das galerias, o demónio que devora gente, e o dragão, devoto de Baccho, que se embriaga na fonte.

Nada, porem, d'isto teve comparação com o successo que alcançou a *Pera de Satanaz*, que viu a luz da rampa no theatro de S. Luiz, e que já começou a série de representações que promettem ser interminaveis, se o gosto do público permanecer como tão estrepitosamente se manifestou.

Esta nova mágica, meo caro amigo, não é uma peça, —é um mundo !... Senta-se um homem pacificamente na sua cadeira da platéa, e transporta-se em duas horas a todos os paizes conhecidos... e a muitos em que nunca ouviu falar, — o que augmenta consideravelmente os incantos da viagem... e é sobremodo instructivo !...

Comprehendendo a missão do theatro, e junctando ao util o agradável, quer a empresa, divertindo o público, alargar-lhe a esphera dos seus conhecimentos!..

Afim de não alongar esta carta, peço licenca, meo caro amigo, para sacudir as considerações philosophicas que n'este momento me accodem aos bicos da pena; e—seguinto no empenho de apreciar a peça,— aqui te subscripto e estampilho as impressões que ella me deixou.

Principiemos pelo principio.

Eis o inrêdo da comédia :

Era uma vez uma prinzeza muito linda, filha de um rei muito poderoso.....

E d'ahi, para que heide contar-te o inrêdo?..

Seria, a meo ver, roubar-te a surpresa da representação, a que tu, meo amigo, como homem de bom gosto, não deixarás por certo de assistir.

Não devo, comtudo, terminar esta carta, sem te dizer que a peça está opulentamente preparada, e com mais esplendor do que em Lisboa.

Adereços, vestuário, machinismo, *mise-en-scène*, — tudo é digno de ver-se.

A música, composição original de Furtado Coelho, dá à peça um realce admirável, e incerra trêchos deliciosos, que de certo hão de tornar-se populares.

Quanto ao scenário, direi apenas.... que é simplesmente admirável,—e que o Sr. Rocha, scenógrapho do theatro de S. Luiz, é decididamente um dos mais habéis artistas que tenho visto. Tem a peça dezoito ou vinte quadros, e entre elles, são dignos de louvor, principalmente— a apothese, o reino das campainhas, a ilha da harmonia, o palácio das cartas, a casa do pintor, os jardins do imperador da China.....— Perdão. A lista vai um tanto longa.— Emendemos :— São dignos de louvor principalmente,.... todos os quadros que a peça tem !...

Por via de regra, em producções d'esta natureza, só se procura satisfazer completamente os olhos. Esta sai do ramrão. Já te dice que não menos a agradecem os ouvidos, pois prima por mimosa e appropriada a música de Furtado Coelho, o qual toda a compôs e instrumentou, sendo tambem este múltiplo talento que regeu a orchestra, já com o piano e já com a batuta, ao mesmo tempo que dividia a attenção por outros pormenores da representação, do scenário e do movimento.

Accresce por último outro mérito raríssimo em taes producções : A peça de Ed. Garrido (o qual veio expressamente de Portugal para a pôr em scena) é cheia de chiste e graça desambiciosa e natural. As situações, os trocadilhos, os gracejos, tudo é tão conchegado, tão nosso de lei, que do principio ao fim, a peça se sustenta, provocando a hilaridade legitima, aquella que nasce da jovialidade innocente, e não do reprehensivel sacrificio das conveniencias.

Se a *Pera de Satanaz* deu em Portugal mais de 200 representações com inçhentes, quantas não dará no Rio de Janeiro, onde não é menos bem representada, e está posta em scena com tamanho esplendor ! Não haverá quem deixe de acudir ao feliz theatrinho, quando for possivel achar logares.

Até cedo.

Teo dedicado,

PLAUTO.

MONUMENTO A BOCAGE

Tendo melhorado o tempo, e parecendo consolidado o terreno sôbre que vai erguer-se o monumento, resolveu-se collocar a pedra fundamental, e a Câmara Municipal e a commissão filial, de Setubal, resolveram proceder a essa formalidade com pompa. Neste sentido, o digno Presidente d'aquellas corporações dirigiu ao Sr. Visconde de Castilho um officio, onde se lía o seguinte :

« Sciente de quanto V. me diz na sua carta de 15 do corrente (é resposta a outra anterior) tenho a responder que na proxima sexta-feira, 24, irei procurar V. em sua casa para o fim a que na dicta carta se refere.

Approveito esta occasião para declarar a V., que na ausencia da commissão que digna e illustradamente superintende na direcção dos preparativos e festejos relativos ao monumento dedicado ao eximio poeta Bocage, resolveram a Câmara Municipal e Commissão filial d'esta cidade fazer a cerimonia da collocação da primeira pedra sôbre o alicerce do dito monumento com modesta mas decente formalidade, na seguinte quarta-feira, 22 do referido mez, pelas duas horas da tarde, resolução que peço a V. leve ao conhecimento e submetta á esclarecida apreciação da Exma. Commissão d'essa capital etc. »

Com effeito, tomadas as devidas providencias, realizou-se a cerimonia no dia 22 de novembro, ás 2 horas da tarde, collocando-se sob a pedra um cofre açaroadado, contendo outro de zinco, onde se incerraram: 1.º um exemplar em pergaminho do jornal *Setubalense*, d'esse dia, 2.º o auto, tambem em pergaminho, assignado pela Câmara, pela Commissão filial, e mais pessoas gradas, 3.º moedas de prata e ouro, cunhadas no anno corrente.

Em toda a praça emtorno fluctuavam flammulas variegadas, mas por sôbre todas tremulavam, próximas uma da outra, e sem logar de precedencia, as bandeiras portugueza e brazileira. No acto da collocação da pedra subiram ao ar numerosas girândolas de foguetes, e tocaram bandas de musica, tudo coberto pelos vivas e gritos da immensa multidão, apiuhada na praça, deficiente, apezar da sua grandeza, para conter tamauho concurso de povo. Foi já uma bri-

lhante solemnidade, que faz antever o que será a do dia da inauguração.

O suberbo retrato de Bocage, a óleo, e de tamanho natural, tirado no Rio de Janeiro, pelo artista Moreau, do unico retracto fidedigno, que é o que tirou Henrique José da Silva, no último anno da vida de Bocage, retrato que é hoje propriedade do Exm. Sr. Dr. Joaquim José Teixeira, aça-se já collocado em logar de honra no vasto salão do Paço da Câmara da cidade do Sado; ficando assim tambem satisfeita essa resolução que a commissão central no Rio de Janeiro commetteu aos seus dous membros, incumbidos de levar a tarefa ao cabo.

Tinha sido composto para a festividade um grande hymno, e dous outros foram remettidos de Setubal. No dia 24 veiu o Sr. Dr. Manito a Lisboa e com os Srs. Castilhoc e diversos membros da commissão Ulyssiponense, assistiu no quartel do Carmo á execução do hymno pela excellente banda de música da guarda municipal, hymno que ha de ser executado pela música do 2 de infantaria, e várias philarmónicas, e que já está impresso para piano.

Ficavam-se preparando tribunas para a inauguração, que effectivamente parece dever ser hoje, 21 de dezembro. Preparavam-se em Lisboa conducções extraordinárias, e no Barreiro comboios para transportar os visitantes.

Reina em Setubal grande enthusiasmo, por verem assim satisfeita esta aspiração, e paga esta dívida ao primoroso poeta, com que o Sado se honra. A cidade toda já está em gala: os predios renovados, pintados ou caiados, derrubados os casebres que desfeavam a praça e suas immediações, collocados elegantes bancos na praça, semelhantes aos que adornam o Passeio Público de Lisboa.

Dentro em pouco teremos definitivas informações, mas desde já se póde asseverar que, a despeito de contratempos, póde considerar-se realizada a decisão tomada pelos cavalheiros que em 15 de setembro de 1865 celebraram no Club Fluminense o jubiléu do grande poeta portuguez Manoel Maria Barbosa du Bocage.

Fórma de Govérno.

Nas monarchias absolutas em geral, a mudança d'uma situação depende da vida do monarcha, que tanto mais velho quanto mais afferrado é ás suas opiniões. Ser preciso commetter um crime, de que a história nos appresenta tantos exemplos, ou então esperar por sapatos de defuncto, não são cousas agradaveis. Demais, 'nessa espécie de govérno, os saltos são tão grandes que ha muito risco de cair e quebrar as pernas. De um rei velho, atrazado meio século ou mais, o sceptro passa para um moço, que muitas vezes quer ir adeante do seo tempo. Talvez se as vidas de Luiz XIV e Luiz XV não tivessem sido tão longas, Luiz XVI não tivesse ido ao cadafalso.

Nas repúblicas, as grandes questões resolvem-se a pólvora e balla, no campo da batalha. E' o juízo de Deus. (Sou muito religioso, mas accredito pouco na justiça de taes juízos).

Nas monarchias representativas ou parlamentares, uma questão custa mais ou menos palavras, mais ou menos papel. Os homens sobem e descem como alcatruzes de nora; as situações são mudadas com mais frequencia do que conviria á causa pública: prefiro essa versatilidade á immobildade. As opiniões contrárias, ou apenas diversas, vão apparecendo á luz, mixturando-se e confundindo-se de maneira, que perdendo todas as asperezas, a final se convertem em uma só. E' a história de todos os parlamentos.

OTTON.

O poder pessoal.

Houve tempo, em que as pobres amas se viam obrigadas a custosas despezas de imaginação para conterem os meninos travessos. Phantasmas, lubishomens, bruchas, almas do outro mundo, era ahí uma multidão de cousas, cujos nomes formariam longo catálogo.

O mundo marchou: tudo isso se reuniu; e da combinação chimica de todos, resultou um novo ente: um bicharôco! Eu bem o queria descrever.... mas creio que nunca o hei de poder conseguir, porque sem

o ver, não pôde ser.... e se elle chegar ao pé de mim.... fecho os olhos por tal modo, que me ha de custar a abril-os outra vez.

Chama-se.... até tenho medo de o dizer : chama-se PODER PESSOAL. Safa ! Que nome ! Olhem que só o nome basta para assustar. O podêr pessoal ! Agora sim : não ha mais creança manhosa.

O podêr pessoal ! Como o Sr. Alencar fala muito 'nelle, ainda lhe hei de pedir que nos diga como elle é.... se é que S. Ex. alguma vez o viu, porque, segundo as suas proprias confissões, muitas vezes lhe virou as costas e fugiu espavorido.

Mas que a cousa foi bem açada, foi. Quando ha por ahi tanta gente, que quer acabar com o podêr do diabo, era preciso crear alguma cousa para pôr no seo lugar. O podêr pessoal é a mais bella invenção da humanidade !

OTTON.

Pergunta.

Se ruim é quem em ruim conta se tem, que juizo poderemos nós fazer de uma república, que se vende por dous vintens, dando ainda *de quebra* um folhetim de Nesio ?

OTTON.

PROBLEMA.

Discute-se nos melhores círculos d'esta capital uma questão da maior transcendência, e de cuja solução depende a felicidade do género humano : questão muito mais importante do que aquella da differença entre o jota e o i romano, de que se occupava o mestre do bom Tolentino. Tracta-se de saber se é o Nesio, que com o folhetim quer fazer passar a República, se é a República que pertende fazer accetar o Nesio. Que dous !!

O Sr. Alencar ajuda a viver a República ; será S. Ex. republicano ? Elle diz que não, e S. Ex. não é capaz de mentir. O Sr. Alencar é um homem grandemente charitativo ; exerce á letra os preceitos do Evangelho : soccorre e auxilia os seus inimigos. S. Ex. prepara-se para a vida, que em sua fé julga, que ha de vir : censural-o porque assim cauteloso vai arrançando o seo fardel para um dia gozar da bemaventurança, é a maior das injustiças.

OTTON.

QUESTÕES DO DIA

N. 29

RIO DE JANEIRO, 28 DE DEZEMBRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Laemmert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua do General Camara.—Livraria Acadêmica, Box de S. José n. 119—Largo do Paço n. C.—Preço 200 reis.
O 1º volume, com perto de 400 paginas—3\$000.

OBRAS DE J. DE ALENCAR — IRACEMA.

Cartas a Cincinnati,

V

Meo charo amigo :

Chegou a dilação das provas e não a perco ; é entretanto ao Sr. Pinheiro Chagas que me estou dirigindo, porque tu já sabes de tudo isto.

Vou dar-me ao trabalho, insano por certo, de copiar *ipsis verbis* um capitulo integral da *Iracema*, em que se descreve um combate de índios.

Martim, Poty e Iracema vão sendo perseguidos pelos guerreiros tabajaras. E a propósito de Martim : diz J. de Alencar, na página 93, que vendo esse heroe « os verdes mares e as alvas praias, onde as ondas murmurosas ás vezes soluçam e outras raivam de fúria, rebentando em frócos de espuma (o que quererá elle dizer ?) seo peito suspirou, porque esse mar beijava tambem as brancas areias do Potengi, seo berço natal, onde elle vira a luz americana. » E mais adiante, na página 180, em nota : « Potengi—rio que rega a cidade do Natal, d'onde era filho Soares Moreno. »

Tenho minhas dúvidas, com o devido respeito. Southey, Lisboa, Constancio, Pompêo e outros não dizem que Martim Soares Moreno fosse natural do Rio Grande do Norte. Pelo contrario, alguns até declaram que Martim era *parente* do sargento mór Diogo de Campos Moreno (portuguez), o que de algum modo faz presumir que Martim pertencia á

mesma nacionalidade. O general A. e Lima, cuja auctoridade não se pôde com boas razões contestar; diz positivamente na sua *Synopsis*, a página 70, que Diogo de Menezes « contentou-se com enviar ao Ceará um official *portuguez*, Martim Soares Moreno, que tinha acompanhado a Pedro Coelho, etc. »

São taes e tantos os testemunhos auctorizados 'neste sentido, que não será facil recusar-lhes fé. Chego um momento, quando vejo contrariado pelo Sr. Alencar o facto, a suppor que este Sr., dispondo d'amplos recursos, e açando-se 'numa côrte, onde ha um Instituto Histórico e uma rica Bibliotheca Nacional, bebe todas estas novidades em fontes abundantes e satisfactorias, de que o pobre bisonho provinciano não pôde nem de leve provar. Mas occorre-me logo a anecdota da invenção do verbo *afflar* e de outros vocábulos; da etymologia dos nomes das diversas localidades do Ceará, que vem aliás no dictionário do Dr. Martins, e outras galantes graçolas d'esta ordem, e sou levado a crer que o Sr. Alencar na *Iracêma* é o mesmo Sr. Alencar da *Diva*, do *Galúcho*, da *Pata da Gazella*, etc. Então digo comigo, a sós, depois de fundo cogitar :

— Só se o Alencar (assim se diz na ausencia) açhou isto, ou açhou aquill'outro nas chônicas incógnitas, onde tambem açhou a sua poesia banzeira, os seus selvagens mandriões, etc. Sendo assim estou calado.

Mas não. E' que J. de Alencar não quer fazer sómente uma nova língua, uma nova natureza, uma nova poesia : quer fazer tambem uma nova história. E se o homem diz que inventou o que está claro e velho nos lexicógraphos, que mais é que dê a Martim uma pátria a seo geito, quando a história não é tão positiva n'este ponto quanto fôra para desejar? Temos, pois, este grande serviço mais a agradecer ao Sr. Alencar : o ir explicando e completando *por serdes vós quem sois* a história pátria, no que ella tiver de duvidoso ou pouco preciso. Faz muito bem. E quem fôr homem de sangue no olho que lhe vá ao incontro. Metta-se 'nisso!

Desculpa a digressão, e volta comigo ao campo dos tabajáras; já não é o dos tabajáras, mas sim o dos pytiguáras. Havemos de dizer algumas palavrinhas

sôbre a etymologia que dá o Sr. Alencar a esta nação de índios. Fica para logo.

Vai travar-se a pugna gigantéa, tremenda entre duas tremendas e gigantéas hordas inimigas. Prepara-te para assistires a uma epopéa digna de Atlantes. Attenção!

« Treme a selva com o estampido da carreira do povo tabajára.

« O grande Irapuam, primeiro, assoma entre as árvores. Seo olhar rúbido viu o guerreiro branco entre nuvem de sangue; o grito rouco do tigre rompe de seo peito cavernoso. (Este tigre é da familia: tambem timbra em novidades; até hontem dizia-se que o tigre *bramava*; mas cá este *grita*!).

« O chefe tabajára e seo povo, iam precipitar (póde deixar de dizer-se: *precipitar-se*? aqui o verbo precipitar é verbo activo? onde está o paciente? é verbo reflexo) sôbre os fugitivos como a vaga incapellada que arrebenta ne Mocoripe. (Como a vaga só?).

« Eis late o cão selvagem.

« Poty sóta o grito da alegria: (faz como o tigre).

— O cão de Poty guia os guerreiros de sua taba em soccorro teo.

« O rouco búzio (dous *roucos* tão junctos 'numa obra de *gôsto* e *artística*!) dos pytiguàras estruge pela floresta. O grande Jacaúna, senhor das praias do mar, chejava do rio das garças com seos melhores guerreiros.

« Os pytiguàras recebem o primeiro ímpeto *ennemigo* (com este *ennemigo* depois nos entreteremos) nas pontas erriçadas de suas flechas, que elles despedem do arco aos molhos, como o coandú (fábula!) os espinhos do seo corpo. Logo após sôa a pocêma, estreita-se o espaço, e a lucta se trava face a face. »

Quando vejo esses pytiguàras despedindo do arco flechas aos molhos, como o coandú os espinhos do seo corpo, lembro-me do trecho de um crítico apreciando o *Washington*, de Robert Payne, auctor norte-americano. Robert Payne tambem dá a pomposa qualificação de *epopéa nacional* á sua obra, que elle foi levado a compôr, despeitado por Channing haver dicto que os Estados Unidos não possuíam uma litteratura nacional. « Robert Payne—diz o crítico—representa Washington de pé, repellindo com o peito os trovões e

empunhando a espada nua—a modo de conductor eléctrico, para dirigir o raio para o oceano, onde vai apagar-se. Este heróe pára-raio é a obra-prima da poesia-máquina. » Assim também esses heróes-coandús parecem-me o *nec plus ultra* da poesia-mandriice. Continuemos.

« Jacaúna atacou Irapuam. Prosegue o horrivel combate que bastára a dez bravos, e não esgotou ainda a fôrça dos grandes chefes. Quando os dous tacapes se encontram, a batalha toda estremece, como um só guerreiro, até as intranhas.

« O irmão de Iracêma veiu direito ao estrangeiro, que arrancára a filha de Araken á cabana hospedeira; o faro da vingança o guia; a vista da irmã assanha a raiva em seo peito. O guerreiro Cauby assalta com furor o ennemigo. »

Então? Já sei que estás tremendo de medo da tamanha peleja. A cousa está mesmo feia. Mas emfim coragem, bom Cincinnato, que havemos de contar da festa sem o mínimo arranhão.

Iracêma, unida ao fianco do seo guerreiro e esposo, viu de longe Cauby e falou assim:

« —Senhor de Iracêma, ouve o rogo da tua escrava; não derrama (!!) o sangue do filho de Araken. Se o guerreiro Cauby tem de morrer, morra elle por esta mão, não pela tua.

« Martim pôs no rosto da selvagem olhos de horror:

« —Iracêma matará seo irmão?

« —Iracêma antes quer que o sangue de Cauby tinja sua mão que a tua; porque os olhos de Iracêma vêem a ti, e a elle não. (É' uma razão, como qualquer outra).

« Travam a lucta os guerreiros. Cauby combate com furor; o christão defende-se apenas; mas a setta embebida no arco da esposa guarda a vida do guerreiro contra os botes do ennemigo.

« Poty já prostrou o velho Andira e quantos guerreiros topou na lucta seo válido tacápe. Martim lhe abandona o filho de Araken, e corre sôbre Irapuam.

«—Jacaúna é um grande chefe; seo collar de guerra dá tres voltas ao peito. O tabajára pertence ao guerreiro branco.

«—A vingança é a honra do guerreiro, e Jacaúna ama o amigo de Poty.

« O grande chefe pytiguara levou além o formidável tacápe. O combate renhiu-se entre Irapuam e Martim. A espada do christão, batendo na clava do selvagem, fez-se em pedaços. O chefe tabajára avançou contra o peito inerme do adversário.

« Iracêma silvou como a boicininga (pois a mulher silvou ?!), e se arremessou ante a fúria do guerreiro tabajára. A arma rígida tremeu na dextra possante do chefe e o braço caiu-lhe desfallecido.

« Soava a pocêma da victória. Os guerreiros pytiguáras, conduzidos por Jacaúna e Poty, varriam a floresta. Os tabajáras, fugindo, arrebataram seo chefe ao ódio da filha de Araken que o podia abater, como a jandaia abate o prócero coqueiro roendo-lhe o cerne. (Onde foi que o Sr. Alencar viu isso ?)

« Os olhos de Iracêma estendidos pela floresta, viram o chão juncado de cadáveres de seos irmãos ; e longe o bando dos guerreiros tabajáras que fugia em nuvem negra de pó. Aquelle sangue que inrubecia a terra era o mesmo sangue brioso que lhe ardia as faces de vergonha

« O prancto orvalhou seo lindo semblante.

« Martim affastou-se para não iavergonhar a tristeza de Iracêma. Deixou que sua dôr nua se banhase nas lágrymas. » (Uma dor nua a banhar-se em lágrymas !)

Acabou-se a batalha, e o capítulo, e, como vês, sãos e salvos ficámos ; ainda bem.

Ora, eis ahi ao que se póde mesmo chamar um módelo de descripção de combates de índios. E um módelo devia mesmo ser um combate entre chefes taes como Irapuam (*Mel Redondo*), Jacaúna, e o Camarão ; fêco-nheces aqui o grande, o insigne Camarão ?

Muito levianos, senão mais que isso, eram esses historiadores da conquista. Chegarem a dizer que « estes americanos são tão incarniçados nas suas guerras, que, enquanto podem mecher com pernas e braços não recuam, nem dão as costas, combatem incessantemente, e isto é 'nelles a cousa mais natural. » Qual! histórias da caróchinha. Esses supra mencionados guerreiros, até os mais afamados, não passavam de guerreiros *coandús*. E a prova está 'nesse mesmo Irapuam, tão illustre na história pela sua braveza e *perseverança*, que principiou aqui vendo tudo *côr de sangue*, e deu costas como sendeiro. Tabajáras de uma figa, co-

vardes tabajáras! De que vos servia serdes — o povo SENHOR? Poty, Jacaúna, Iracêma e Martim, isto é, tres homens e uma mulher vos puzeram a trote, a ver estrellas ao meio dia. Verdade é dizer-nos o auctor que Jacaúna viera com seos *melhores* guerreiros. Mas tambem não se presume que Irapuam viesse com os *piores*. E depois que melhores eram esses, dos quaes um nome se não dice?

Contraponhamos agora a esta descripção, feita por quem desceu ao fundo do lago e foi ter « ás flores maravilhosas que desabroçam nas cavernas de coral » aos recifes de madreperola que expandem nacarados reflexos sob a transparencia das águas » a descripção de quem não passou da superficie « receiando inlodar o collo nítido, e a aza branca e lisa, a cabeça graciosa e fina » e vejamos quem na verdade se inlodou na vasa, quem extrahiui as pérolas e os coraes. E' Gonçalves Dias que vai pintar uma lucta entre dous guerreiros (nenhum dos quaes de valor histórico). Attenção.

Travaram lucta fera os dous guerreiros.
 Primeiro ambos de longe as settas vibram.
 Amigos manitôs, que ambos protegem,
 nos ares as desgarram. Do Gamella
 introu a frêcha trémula 'num tronco
 e só parou no cérne; a do Tymbira,
 ciciando veloz, fugiu mais longe,
 roçando apenas os frondosos cimos;
 encontram-se os tacapes, lá se partem;
 ambos, o punho inutil rejeitando,
 estreitam-se valentes, braço a braço.
 Alentando açodados, peito a peito,
 revolvem fundo a terra aos pés, e ao longe
 rouqueja o peito arfado um som confuso. »

Tudo aqui é natural, meo amigo. A lucta vai-se desinvolvendo gradualmente. Principiam os guerreiros despedindo as frêchas; depois brandem os tacapes, porque aquellas foram desgarradas pelos manitôs (magistral applicação da tradição ou da crença selvagem); e finalmente, partindo-se estas últimas armas, estreitam-se, conchegam-se corpo a corpo, e rugem no agigantado esforço, e revolvem a terra com os pés. Parece-nos estar vendo a pugna de dous só, mas mirífica. Prosigo.

Scena vistosa! quadro apparatuso!
 Guerreiros velhos, á victória affeitos,
 tamanhos campeões vendo na arena,
 e a lucta horrivel, e o combate accêso,
 mudos quedaram de terror tranzidos.
 Qual d'aquelles heróes ha-de primeiro
 sentir o egrégio esforço abandonal-o?
 perguntam; mas não ha quem lhes responda.

São ambos fortes: o Tymbira hardido,
 esbelto como o tronco da palmeira,
 flexivel como a frécha bem talhada,
 ostenta-se robusto o rei das selvas;
 seo corpo musculoso, immenso e forte,
 é como rocha enorme, que desaba
 de serra altiva, e cai no valle inteira;
 não vale humana fôrça desprendel-a
 d'alli, onde ella está; fugaz corisco
 bate-lhe a calva fronte sem partil-a.

Separaram-se os guerreiros um do outro,
 foi d'um o pensamento... a acção foi d'ambos.
 Ambos arquejam: descoberto o peito
 arfa e estua, eleva-se e comprime-se,
 e o ar em ondas sôffregos respiram.
 Cada qual, mais pasmado que medroso,
 se estranha a fôrça que n'outro encontra,
 a mal cuidada resis encia o irrita.
 — « Itajuba! Itajuba! os seos exclamam.
 Guerreiro, tal como elle, se descora
 um só momento, é dar-se por vencido »
 O filho de Jaguar voltou-se rápido.
 D'onde essa voz partiu? quem n'o aguilhõa?
 Raiva de tigre annuviou lhe o rosto,
 e os olhos cõr de sangue iradçe pulam.

« — A tua vida a minha glória insulta! » —
 grita ao rival — e já de mais viveste. »
 Dice, e como o condor, descendo a prumo
 dos astros, sôbre o lhama descuidoso,
 pávido o prende nas torcidas garras,
 e sóbe audaz onde não chega o raio.....
 võa Itajuba sôbre o rei das selvas,
 cinge-o nos braços, contra si o aperta
 com fôrça incrível, o colosso verga,

inclina-se, desaba, cai de chofre,
e o pé levanta e atrôa forte os echos.
Assim cai na floresta um tronco annoso,
e o som da queda se propaga ao longe!

O féro vencedor, um pé alçando,
« Morre! — lhe brada — e o nome teo contigo! »
O pé desceu, batendo a arca do peito
do exânime vencido: os olhos turvos
levou, a extrema vez, o desditoso
áquelles céos de azul, áquellas mattas,
dôce-cobertas de verdura e flôres!
Depois, erguendo o esqualido cadaver
sôbre a cabeça, horrivelmente bello,
aos seos o mostra insanguentado e torpe.
Então por vezes tres o horrendo grito
do triumpho soltou; e os seos tres vezes
o mesmo grito em chôro repetiram.
Aquella massa emfim voa nos ares;
porem na dextra do feliz guerreiro
dividem-se entre os dedos as melenas,
de cujo crâneo marejava o sangue! »

Ora, diga-me sinceramente o Sr. P. Chagas, com o cavalheirismo que o distingue: em qual d'estas duas descripções está fundamente impresso o cunho nacional — na de J. de Alencar, ou na de G. Dias! Acha o illustre crítico portuguez que uma pugna sangrenta, de vida e morte, entre gigantes da floresta, inimigos sanhudos e feros, como se presume que seriam Irapuam e Poty, ou Mel-Redondo e Camarão, havia de correr d'ess'arte plácida e desinxabida, e sobretudo teria aquelle desinlace mesquinho e ridículo? Attenda-se mais; que á precedente inimizade entre ambos accrescêra a recente fuga de Iracêma, devida a Martim, de Iracêma, que « turbára osomno do primeiro guerreiro tabajara » que o fizera descer « do seo ninho de águia para seguir na várzea a garça do rio » (Vid a pag. 26.)

Mas diz-nos o Sr. P. Chagas que « não conhecend o es *Tymbiras* (d'onde fizemos o extracto supra), não pôde formar juizo sobre elle; mas outros poemêtos indianos, publicados no volume de versos do grande poeta brazileiro (edição de Leipsick) auctorizam-n'o a suppor que a morte ceifou Gonçalves Dias antes d'elle ter

inaugurado verdadeiramente a litteratura nacional do Brazil. »

Pois não seja esta a dúvida ; temos tanto as *Obras Pósthumas* do grande poeta, como os seus *Cantos* (edição de Leipsick), como suas *Poesias* (edição novíssima de Paris, do Sr. Garnier, precedida da biographia do auctor pelo Sr. cónego Fernandes Pinheiro.)

Abro o volume dos *Cantos*, a mesma edição que tem o Sr. Pinheiro Çhagas, e incontro na página 155 outra descripção de um combate de índios. E' na poesia intitulada *Tabyra*.

Eis que os arcos de longe se incurvam ;
eis que as settas aladas já voam ;
eis que os ares se cobrem, se turvam,
de fréçhados, de surdos que são.
novos gritos mais altos rebõam,
entre as hostes se apaga o terreno,
já tornado apoucado e pequeno,
já coberto de mortos o chão !

Mas Tabyra ! Tabyra ! que é d'elle ?
onde agora se esconde o pujante ?
Não n'ò vêdes ? ! Tabyra é aquelle
que, sangrento, impiedoso, lá vai !
Vêl-o-heis andar sempre adeante,
larga esteira de mortos deixando
traz de si, como o raio cortando
ramos, troncos do bosque onde cai.

« Tem um ôlho de um tiro fréçhado !
« Quebra as settas que os passos lhe impedem,
« e do rosto, em seo sangue lavado,
« freçha e ôlho arrebatada sem dó !
« e aos inimigos, que o campo não cedem
« ôlho e freçha mostrando extorquidos,
« diz, em voz que mais eram rugidos :
« —Basta, vis, por vencer-vos um só ! »

Pois estas tres strophes não valem, falando sinceramente, cem vezes mais que o capítulo inteiro do Sr. Alencar ?

Ao ler-se este episódio do Tabyra, arrancando o ôlho com a fréçha que o cravára, e que parecerá,

talvez, exaggerado, como em caso análogo se tem dicto de Luciano, lembro-me de uma história que nos conta Audubon, muito em harmonia com aquelle episódio.

« Defronte de mim, diz o naturalista americano, estava um índio, com os cotovellos incostados aos joelhos, e a cabeça ás mãos. Segundo o uso dos indígenas da América, não se moveu ao chegar-se-lhe o homem civilizado.

« Os viajantes não tem deixado de interpretar como indicio de priguica, de estupidez, de apathia, esse silencio nascido do mais altivo orgulho.

« Via-se, incostado á parêde, um grande arco, muitas frêchas e pássaros mortos espalhados pelo chão. O índio não se meçhia; nem parecia respirar. Dirigi-lhe a palavra em francez, idioma de que a mór parte dos índios d'esses logares sabe ao menos alguns termos. Levantou a cabeça, mostrando-me com o dedo um dos olhos saídos da órbita, e o sangue correndo sobre o rosto; depois, com o outro que lhe restava lançou em mim um olhar singularmente significativo.

« Depois soube eu que, havendo-se a frêcha do seu arco quebrado no momento em que a chorda estava têsá, um dos pedaços da arma partida resurtira contra o olho do índio e 'nelle se cravára.

« Soffria calado. A despeito da viva dor, conservava imperturbada a dignidade altiva. Era bem feito, agil, bem disposto; physionomia intelligente e cândida.

« Admirei esse valor do selvagem, stóico do deserto, e stóico sem vaidade. »

Como se vê, G. Dias e Audubon estão accordes; quem se separa e fica só, é o Sr. Alencar.

Conhece-se 'neste treço o índio. Ha notavel firmeza e verdade no final do mestre, que viu o original das estampas que desenha, e não tem a vaidade de pintar figuras de sua exclusiva concepção. Rápidos contornos e cores ligeiras destacam o desenho, a que só falta o movimento da vida. Nem uma d'essas linhas ou tintas provoca a menor contestação.

Mas, voltando ao assumpto: o que é que vemos no capítulo do Sr. Alencar, com o cunho nacional fundamente impresso? A bai:ininga (á similhaça da qual silva Iracêma), o tigre (que *grita*,) o coandú, etc.

Mas nos versos do Dias vemos o condor, o lhama, tambem o tigre, etc. Dirão: o condor e o lhama não são propriamente do Brazil. Responderei: tambem o tigre e o coandú não são exclusivamente d'este paiz — o primeiro encontra-se na Guyanna e Surinam, e o segundo na Guyanna e no México. Logo.....

Estou fatigado em extremo. Continuarei.

Teo do coração

SEMPRÓNIO

A Reorganização do trabalho

A classe operdria e a indústria no Brazil. Necessidade da reabilitação e melhor organização do trabalho. Considerações sobre o meio de realizar esta grande e generosa aspiração da sociedade brasileira.

I

O Brazil acaba de passar por uma profunda e radical modificação. O dia 28 de setembro de 1871 é o *genesis* de sua regeneração social. A lei que indirectamente aboliu a escravidão no Império é a segunda memoravel época de sua história. Nova ordem de cousas nasce d'esse grande acontecimento. Triumpho esplêndido e incruento da civilização, foi elle a aurora do progresso e da regeneração para este povo, fadado pela Providencia a sustentar, em futuro não muito remoto, a balança do equilibrio entre as nações da América do Sul. A terra que da cruz havia tomado o nome, não podia tolerar que 'nella se perpetuasse a escravidão—desmentido formal do Evangelho que professa, contradicção viva com as doutrinas libérrimas que prega e executa—anachronismo inexplicavel e absurdo no século de luz em que vivemos.

Este importante facto, preparado de ha muito surda e lentamente, e nos dous ultimos annos, precipitado pelo impulso irruptor da civilização, era previsto de longa data pelos publicistas mais notaveis da Europa, que, fazendo justiça ao character brasileiro, viam, como diz Victor Hugo:

...comme une mer sur son rivage
Monter d' étage en étage
L' irrésistible liberté.

Já em 1868 o distincto economista Miguel Chevalier escrevia « O vasto Império do Brazil prepara visivelmente a grande transformação social. »

Sem abalo sensível, sem a gigantéa e sanguinolenta lucta de que foi theatro a república dos Estados- Unidos, conseguimos converter em lei do Estado uma providencia que, ainda mesmo não secundada por outras que mais tarde lhe servirão de complemento, traria dentro de alguns annos a extincção completa da escravidão no Império.

Abolido no futuro, e no presente diminuido consideravelmente este elemento da população, que na sua maioria ou quasi totalidade era o instrumento principal e quasi exclusivo de producção entre nós, ficam substancialmente alteradas, no que diz respeito ao trabalho, as relações sociaes. Se se não cuidar seriamente em substituir de prompto, e do modo mais appropriado e vantajoso possivel, os braços que têm necessariamente de escacear á lavoura, em consequencia da alforria dos nascituros, ou da geração que vier ao mundo depois da lei de 28 de setembro d'este anno, o paiz passará por uma crise; suas fontes de producção, diminuindo em rápido decrescimento, influirão sôbre a receita pública, que hoje tão próspera avulta.

« O grau de potência productiva a que chegou a indústria moderna (diz um escriptor contemporâneo) pela intervenção conjuncta, e crescentemente activa, da sciência e do capital, fez vencer obstáculos, que outr'ora seriam reputados insuperaveis. Foi assim que se resolveram problemas que interessavam á política geral e á boa ordem do género humano.»

Para comprovar essa verdade tomaremos, como *Dareau* um exemplo da história de nossos dias, tanto mais a propósito, quanto é applicavel a uma situação semelhante áquella em que se acha actualmente o Brazil.

A escravidão nas colónias foi abolida pela Inglaterra em 1833 e pela França em 1848. 'Nessas regiões, assim quasi despovoadas de braços, os proprietários do solo ficaram em difficil posição. Os escravos alforriados recusaram-se tenazmente a trabalhar nos ingenhos de assucar, que lhes lembravam uma história de dolorosos padecimentos, em que elles e as gerações que os haviam precedido tinham sido as vítimas. Residindo em miseraveis cabanas, que com as próprias mãos levantavam, viviam do producto da pesca ou de alguns legumes que lhes davam, quasi independente de cultivo, os

ferteis torrões em que lançavam a semente. Poucos d'entre os melhores d'esses libertos se prestavam, mediante salários exaggerados, a ajudar os cultivadores na plantação e preparo da canna e dos outros géneros de sua lavoura.

Com despêsas extraordinárias foram para esse fim importados da India e da China os célebres Coolis. Foi nesta mesma occasião que o assucar de beterraba, preparado por excellentes processos na Europa, ameaçou destruir, pela mais terrivel das concorrências, a indústria saccharina das colónias.

Mas a concorrência é sempre a mola real da perfeição na indústria. Foi ella que salvou as colónias da immminente catástrophe. Eis o como :

As máchinas e instrumentos aperfeiçoados, que serviam no velho mundo para fabrico do assucar de beterraba, foram introduzidas nas ilhas productôras do assucar de canna. 'Nessas fábricas, dotadas de excellentes apparatus mechânicos, os colónos nada mais tinham que fazer senão depositar a matéria prima (a canna) no mesmo estado bruto em que a colhiam; sem necessidade de preparal-a como antigamente. Os cultivadores davam-lhes em pagamento de seo trabalho um rendimento correspondente a 5 %, pouco mais ou menos, do assucar.

Foi por esta fórma que a alliança bem combinada da sciencia e do capital impediram que a emancipação dos escravos nas colónias inglezas e francezas produzisse os funestos resultados que reduziram a república do Haiti, outr'ora tão florescente e rica de futuro, a um theatro insanguentado, a um horrivel deserto, em que a barbaria assentou seo throno, destruindo pelo assassinato, pelo incêndio e pela devastação, os grandes capitaes que a indústria, habilmente favoneada, alli accumulára.

Imitem o louvavel exemplo d'aquelles sábios e intelligentes capitalistas, que salvaram com sua industria, servida por tão admiraveis máchinas, a grandeza e riqueza das mencionadas colónias. Dentro de 7 annos (e não é longo o prazo para preparar o terreno) devem começar a tornar-se palpaveis os effeitos da lei de 28 de setembro de 1871. Estenda-se o manto da protecção do govérno sôbre a nossa industria manufactureira e fabril, que apenas começa a insaiar os titubantes passos n'um terreno ouriçado

de tropeços. Para isso çhame-se a immigração. O colono se fixará no Império, se o ligardes ao sólo pelo amor da propriedade; se, pela abertura de estradas, que unam o littoral aos centros productores, lhe proporcionardes meios de dar valor a essa propriedade; se pela lei do casamento civil lhe não creardes embaraços á familia; se por uma sábia e providente legislação, e por magistrados justos e intelligentes, lhe assegurardes os seus direitos, o gôzo de suas prerogativas, a facil execução dos contractos que celebrar com o govêrno ou com os particulares.

Urge tambem, e mais que tudo, que providenciéis sôbre o futuro da nova geração de homens livres, nascidos depois da promulgação da lei que aboliu o infando principio—*partus sequitur ventrem*.

São estes os futuros operários de nossas fábricas, os manufactureiros que hão de auxiliar poderosamente o desinvolvimento da nascente indústria brasileira. Degradados até agora, physica e moralmente, pelas algemas do captiveiro, os negros não podiam concorrer efficaz e intelligentemente para augmentar a força productiva do paiz. O trabalho escravo, imperfeito, infecundo, e sem character de espontaneidade, resentia-se da influéncia do azorrague, da amiaça e do constrangimento. Educados agora na eschola da liberdade, tendo a intelligencia desinvolvida pelas lições do pedagogo e do párocho, tereis nesses homens, não meras máchinas de trabalho forçado, não cegos instrumentos obedientes ao nuto do feitor, não meios materiaes de producção que não entes, que *more pecudum*, vão, como outros tantos carneiros de Panúrgio, seguindo caminho por onde os leva o maioral do rebanho —e sim intelligencias que voluntariamente se põem a serviço de nobres idéas, almas capazes de comprehender os grandes e generosos sentimentos, que se unem com suas irmans para levar seo contingente de suor e de esforço proficuo para a obra eterna da civilização, para a realização do destino final do género humano.

E' com apóstolos de uma nova cruzada que devem os homens eminentes do Brazil olhar para os filhos das escravas, nascidos depois da lei emancipadôra. Na obra social que se vai inaugurar, representam aquelles obreiros papel importantíssimo. São elementos autochthonos que muito de proveito hão de

ser á geração contemporânea e á que lhe vai succeder ; se não forem, como é de mister, devidamente apreciados e aproveitados, converter-se-hão em armas destruidoras, que será preciso inutilizar, em obstáculos ao progresso, que cumprirá remover.

Tremenda será a responsabilidade dos estadistas brasileiros, se deixarem que esta semente de benefícios e prosperidade, degenerere, por falta de sólo apropriado em que germine, ou por carência de cultivo, em nocivo joio ou esterilisdôra parasita. Não se deixem os grandes homens que dotaram o Brazil de tão abençoado presente, não se deixem adormecer sob os louros, que ainda lhes verdejam nas fronteas. O gabinete de um ministro não é tenda de repouso, e sim laboratório de febril actividade, onde se agitam incessantemente as questões capitaes que têm de decidir da sorte de uma nação. O homem privado póde descansar no conchêgo do lar e dissipar suas horas de ócio *sub tegmine fagi*, mas para os que têm a mão no leme da náu do Estado, um momento de incúria ou de negligência constitue grave falta, crime imperdoavel, quiçá, que os arrisca a terem a mesma sorte que o Palinuro, de que fala o poeta Mantuano. A sombra da faia póde ser para os Estadistas tão perigosa e fatal como a da mancenilleira.

Alerta pois. Revolvei-vos, Srs., no leito de Procruste, que não é outra cousa a cadeira curul da suprema administração ; o martyrio, que soffreis, para servir a pátria, valer-vos-ha a corôa immarcessivel dos beneméritos.

No próximo número começaremos a desinvolver a nossa these, applicando-a especialmente ao estado actual do Brazil, e á geração que ha de constituir a nossa futura classe operária. POMPEO

IMPRESA PERIODICA DA CORTE

« Correio do Brazil »

'Nestes últimos tempos, tem-se notado um consideravel desinvolvimento na imprensa periódica d'esta côrte. Várias folhas antigas e importantes têm ainda melhorado a su a redacção, e outras novas, mui dignas de menção, têm visto a luz pública. Na denominada imprensa barata, appareceram lidadores de valente

pulso, e até na imprensa de grandes dimensões se tornou distincto o progresso.

Fôra injustiça esquecer os grandes serviços prestados pelo *Jornal do Comércio*, folha valiosíssima, que tem sabido sempre sustentar-se na altura em que o seo prudente programma a collocou. Extranha ás vicissitudes partidárias, têm sempre as suas columnas estado francas a todas as opiniões, a todos os debates, a todos os interesses honestos, a todos os legitimos direitos. Vastos recursos têm sempre habilitado essa empresa para prestar serviços reaes á política, ao commercio, ao tráfego social.

Saudémos porem o apparecimento de mais um brilhante organ e guia da opinião. O *Correio do Brazil*, jornal de módico preço e grande formato, recém-creado por uma companhia especial, acaba de inaugurar seus trabalhos com distincção excepcional. Redigido por uma de nossas mais elegantes pennas, coadjuvado por outras não menos respeitaveis e por correspondentes adestrados nas lides da imprensa, animado e protegido por avultado número de conspícuos cidadãos, organizado com todos os elementos desejaveis para a prosperidade e duração de empresas taes, tudo faz esperar que o novo pharol da civilização cumpra o seo honroso destino.

Com quanto ainda no berço, ja esta auspiciosa folha se vai distinguindo por diversas condições jornalisticas, e sobretudo por uteis e meditados artigos de redacção. Parece que o *Correio* quer timbrar em considerar-se hóspede na politiquinha dos corrilhos, mas militante na grande política em que se estriba o futuro e o verdadeiro progresso das nações: o estudo das grandes questões, de applicação prática, e que prendem com a instrucção alta, média e popular; a sciencia; o commercio; a indústria; as artes; o melhoramento do homem pela sociedade e da sociedade pelo homem; o aproveitamento de todas as riquezas intellectuaes e materiaes, doadas pelo Creador.

Formando votos por que o strénuo campeão corresponda sempre ás fundadas esperanças que já fez conceber, fiâmos que 'nelle achará a causa do progresso, ligado á ordem, um dos mais firmes sustentáculos.

QUESTÕES DO DIA

N.º 30

RIO DE JANEIRO, 10 DE JANEIRO DE 1871.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Laemmert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua do General Camara.—Livraria Acadêmica, Rua de S. Jose n. 119—Largo de Paço n. C.—Preço 200 reis.

O 1º volume, com 20 números e perto de 400 paginas—3\$000.

OITAVA CARTA DE CINCINNATO A SEMPRONIO.

Rio, 29 de dezembro de 1871.

Respeitavel amigo.

Nosso Sr. te dê muito boas festas na alma e no corpo, glória, paz de espírito e prebendas largas. Se nada d'isto te constitue *felicidade*, consulta Varro, o qual desinvolve 288 opiniões sôbre o verdadeiro constitutivo d'ella; e a que mais te approuver para estrêa de novo anno, essa te desejo.

Tenho lido com inexcédível interêsse as tuas óptimas cartas, relativas á *Iracêma*. Pena é que tão magistral dicção, tamanha competencia, tão intelligente critica, se não applique a mais dignos assumptos: o estudo dos escriptores de boa nota, a apreciação de seus defeitos e suas bellezas, está invocando, em proveito das letras, a tua attenção: e affigura-se-me que uma brilhante página te será reservada na nossa história critica. Por ahi, o uso é deprimir vagamente e sem análise a obra do auctor antipathico; ou tambem passar calandra sôbre o panno mais bruto para lustral-o, e applicar ao livro mais pifio certos termos encomiasticos e bombasticos, taes como: estupendo primor; esmalte de eloquencia e belleza; auge de perfeição; fêcho de abóbada litteraria: *non plus ultra* da sapiencia; cinta, capitel e corôa da columna das letras.....

Ora, toda esta algaravia, esta cascalheira, o que significa é o dialecto do elogio mútuo, ou uma bajulação tôrpe, ou uma ignorancia philauciosa com que vãos sons pertexam incobrir deficiencia de ideas e incompetencia de julgamento.

Por isso, quando as palavras de um crítico, honesto e inteligente, allegam e provam, dissecam e patenteiam, argumentam e julgam, estudam e insinam, para logo se tornam convincentes e auctorizadas, e a sua sentença é confirmada pelo Supremo Tribunal de Justiça da Opinião. Taes são os triumphos reservados a pennas como a tua.

A minha canôa ahi vai singrando na alheta da tua nau. Onde eu atiro um piparote, disparas tu o teo canhão Krupp. Vamos continuando este divertimento pyrotéchnico, e abramos novamente o *Til*.

Já agüentei a leitura do que o auctor chama 1.º volume, em 15 folhetinsinhos. Para indigestão, já basta, e direi mal aos meos peccados, quando tiver de inceptar o denominado 2.º

E' isto um acervo de êrros e defeitos, que nem por descuido resgata o bruxulear de uma sombra de belleza.

O inrêdo é çato. O diálogo desnatural, impróprio, forçado. As imagens são uma incrível profusão de disparates. A grammática mais elementar geme a cada linha. Os characteres dos personagens são todos repellentes, mal trajados e peor traçados. Aqui os velhos são creanças, e as creanças são velhos. Descobre-se a cada momento o inaudito tractear da imaginação para gemer sem produzir senão monstros, como seio exaustto que, ao ser sorvido, só deita sangue. A linguagem compõe-se de uns archaísmos inhabilmente extrahidos de elucidários, e de gallicismos de palmatória, tudo caldeado com uns neologismos que se não comparam com cousa alguma senão com a eschola senial, na qual não ha senão um mestre e um discípulo... que é elle mesmo. A invocação a símiles, das sciencias, não faz senão revelar permanentemente a mais fundamental imperícia em todas ellas.

De quanto precêae, e de muito mais, facil fôra dar provas aos caçhos. O auctor terá lá uns méritos quaesquer; é de crer; mas da língua em que escreve, do instrumento que toca, nem a escala conhece: e pertender alturas épicas quem carece de conhecimentos rudimentares, é o mesmo que aspirar a tocar variações de Thalberg em tambor ou berimbau. O perfeito manusear de um idioma é tão indispensavel condição, para quem affronta a luz pública, que nos diz o mestre:

Em summa, sem a língua, o mais divino auctor.
faça elle o que fizer, é péssimo escriptor.

Que será, quando á ignorancia da língua se une a incoherencia das idéas, e o perenne insulto ao senso commum ?!

Esta nossa tarefa ha muito se podéra dar por finda, se se tractasse somente da penna analysada ; mas a eschola do máo gôsto, e do absurdo ataviado com o nome de modernice, vai indo de foz em fóra, e importa que se pouha dique a um proselytismo stulto e, com capa de progressista, tremendamente retrógrado. Se ficarem cegos, sejam só os da peor espécie : os que se obstinam em não querer ver.

Admiremos agora as bellezas do romance, dado por modêlo do género. Tinha eu um de dous systemas para seguir : ou dar as amostras de egual natureza colhidas em todo o volume, ou il-o successivamente lendo e anno-tando algumas. Prefiro o segundo expediente, despre-sando aliàs os nove décimos das perfeições que d'este opulento erário pullulam.

O capítulo 1.º do livro começa assim:

« — *Eram dous : elle e ella.* »

Ja se vê que se torna indispensavel travar conheci-mento com *a ella*, e com *o elle*.

Vamos a vêr quem era *a ella*, e copiemos para isso a descripção dos seos movimentos.

Ella, « buliçosa, saltita ; scintilla do prazer de pular e currer ; voluteia ; deita a currer ; de uma currida alcança a tronqueira ; sobe de salto pelas travessas ; balança-se com prazer infantil ; ia aos saltos ; saltou da tronqueira ; alcançou de uma currida ; os pulos que dava etc. etc. »

O leitor cuida naturalmente que entra em scena uma cabrita ; engano d'alma ledo e cego : é uma raparigota, uma trapalhonasinha muito despresivel, muito mal creada, protogonista muito das do gôsto do illustre escrip-tor, pois vai parecendo irmã gémea de outra heroína do *Gaucho*, e de outras mais.

A descripção da cabrita é magistral, e com quanto muito miudinha, sempre interessante, como de costume. Admiremos estes pormenores eminentemente poéticos. Eu farei a pergunta, e o nobre romancista, *ipsis verbis*, me dará a resposta.

— PERGUNTA : — Como vai ella de saúde ? —
Muito boa, muito obrigado. « *O viço da saúde rebenta-lhe no incarnado* » Podia ser symptoma de congestão

cerebral, mas não é ; isso fica reservado para outras figuras.

— PERGUNTA : — Como tem ella a cara ? — *Mais avelludada que a assucena escarlata recém-aberta ALLI com os orvalhos da noite.* » Estes orvalhos da noite abrindo assucenas escarlates representam.... analogicamente.... representam.... para a outra edição saberemos; mas o sôbredourado de todos estes descobrimentos, e que tem um sentido mirífico, é o recém-aberto *alli*.

— PERGUNTA : — Como são os olhos ? — « *Límpidos e brilhantes, e olhar scintillante, e que retalha, com o gume* » Mas tudo isto é nada. Queres saber que mais ? Escuta :

« *Os grandes olhos, NEGROS, CLAROS e serenos, como um LAGO CRYSTALLINO IMMERSO NA SOMBRA, tinham a DIAPHANA PROFUNDIDADE DO CÉO, cheia de inlêvos e mystérios.* »

Assumpto de profunda meditação! meditem e lucrarão.

Temos 1º. uns olhos que são negros e ao mesmo tempo claros, com privilégio de macha-fêmea; 2º. olhares que são serenos e retalham com o gume; 3º. lagos crystalinos que quando se immergem na sombra ficam serenos como os olhos da cabrita ; 4º. olhos negros com profundidade diaphana comparavel nada menos que com a do cerúleo céo; 5º. profundidade do céo, cheia de inlêvos. Admiravel! Em menos palavras, ninguem diz mais cousas. E' um páo por um olho.

— PERGUNTA : — Como é o nariz ? — *Caret.*

— PERGUNTA : — E a bôcca ? — « *Mimosa e breve, conhecia-se que fôra vasada no molde do bejo e do sorriso* » Eu aqui tinha 17 cousas que dizer, mas não digo nada, que é melhor ; e passo de largo.

— PERGUNTA : — Como é o sorriso ? — O seo sorriso é com os labios! o que nos evita grandes perplexidades de interpretação : « *Nô fresco sorriso dos lálbios* » Um sorriso dos lálbios é ja bem bom, mas um sorriso fresco, muito melhor; e em todo o caso, é appropriado, porque ja nos vai insinuando que a história hade ser fresca, e que fresca é a bregueirinha... (Perdão, que a palavra é do livro; logo veremos) Lê-se 'noutra parte que ella « *se banha em um sorriso de canduras!* Percebes ?

Note-se mais que a sujeita leva a vida a rir ; ainda que lhe digam : O' menina, muito riso pouco siso, faz ouvidos de mercador, e vai rinchando para deante.

— PERGUNTA:— A voz ? — « *Parecia ranger-lhe nos lábios* » O leitor faz idea ? Pois então tenho-lhe inveja.

— PERGUNTA:— E os cabellos ? — « *Negros cacheados (como são ? são espigados ?) longos, que lhe estavam mettendo figas, e zombando das suas pertenções a rapaz!* »

— PERGUNTA:— E o vestuário ? — « *Jaqueta de flanela escarlate, mangas compridas, desabotoada sobre um camisote liso, collarinhos largos rebatidos sobre os hombros como os dos meninos da escola. Saia de çhita estreita.* »

— PERGUNTA:— E o toucado ? — « *Chapeo de palha de côco trançada* »

— PERGUNTA:— E o calçado ? — « *Cothurnos grossos de couro de veado tão altos que pareciam botas.* »

— PERGUNTA:— Altura ? — « *Pequena e e tambem de pequena estatura* »

— PERGUNTA:— A cintura ? — Como em francez se çhama a isso *la taille*, muito favor lhe faz o nosso neólogo em masculinizar o vocábulo. Nós temos *talhe*, para significar estatura, feição geral do corpo ; mas as obras de Sénio insinam-nos que elle naturalizou em portuguez a cintura dos francezes.

Ora pois : era « *tão delgada e flexivel no talhe, que dobrava-se como o junco da varze* » Conheces esta *varze* ? eu tambem não ; o caso é que se dobrava como junco, seja lá d'onde for ; mas acaso para essa flexibilidade será indispensavel enorme delgadeza ?

Continuemos com a descripção erótica : « *As fórma da graciosa pubescencia, que um corpinho justo debuçhara em doce e palpitante relêvo* » Entre *pubescencia* e *puberdade* ha certas differencinhas, que não são para aqui, e limito-me a dizer que é precisa mais cautela no emprêgo dos vocábulos, quando se entra a dar cabeçadas pelas sciencias em que se é hóspede, e a que se ousa ir pedir símiles. Quanto a todo o resto, sim senhor ; está traçado pittorescamente com a penna de Parry.

— PERGUNTA — Manhas e dotes physicos ? — « *Ligeira, buliçosa, gárrula, scintillante, esbelta, gracioso vulto, movimentos petulantes, mãos pequeninas, orelhas com conchinhas, espanejando-se !!* »

« *Imprimia certa nervura a seos movimientos* » Isto vem em tigella ou em garrafa? *Nervura de movimientos!* As sciencias naturaes, por culpa da cabrita, andam em polvorosa: dá-nos a physiologia pupillas injectadas, a entomologia chrysalidas d'argilla, a anatomia fórmas de pubescencia, a botânica nervuras de movimientos, e outras bellezas mais. *Nervuras* eram em portuguez os filamentos que sobresaem nas folhas ou pétalas das plantas: teremos de ora avante movimientos.....movimentos filamentosos, impressos pelas cabritas.

— PERGUNTA—Os modos e índole d'ella?—Agora o verás: Tinha « *affoutezas de um traquinas! vivacidade de faceira (que termo ridículo)! capetinha de mil peccados! olhares bregeiros! tregeitos garotos de um cai-pirinha!* »

« *Arrostou a sanha de um assassino cujo senho incutia pavor* » Elegante: matrimoniemos esta carranca com aquelle furor, este senho com aquella sanha.

« *Deu uma piroeta* »—Sempre ouvi: fazer piroeta.

« *Sua existencia tem a constancia da volubilidadade.* »

Estes 2 substantivos tiveram a honra de se encontrar pela primeira vez, e fizeram uma carêta um ao outro. Mas ha melhor:

« *Na vaga fluctuação d'essa alma, como no seio da ondu, se desenha o mundo que a cerca. A sombra apaja a luz. Uma fórma desvanece a outra. Ella é a imagem de tudo, menos de si própria.* » Tudo isto é falso como Judas. As ondas não desenham o mundo que as cerca. Sombra diminue a luz, mas não é apagador. Se a *bregeira* é como diz, de si própria é que apenas será imagem, e não de outra alguma cousa.

—PERGUNTA— Como é a alma da moça?—A alma tem seiva, e então esta seiva brota-lhe pelos lúzios: « *Nos olhos brotava-lhe a seiva d'alma* » Aqui temos mais uma novidade: este último plural, este *lhes* não tem outro substantivo a que se refira senão *aos lábios*; e portanto a linda phrase completa é: « *A seiva da alma d'ella brotava aos lábios nos olhos.* » Ergo, os sentimentos da alma, traz ella escriptos na palma.

Mas aquella alma estupenda não é só aquillo: e tambem « *nympha celeste a romper a argilla de sua formosa chrysalida.* » Agora aqui temos uma metaphysica entomológica, descoberta, ao que parece, no Ceará. Sempre se tinha crido que os lepidópteros, antes de se

mudarem em borboletas, e antes mesmo de serem insectos perfeitos, rompiam um ovinho tão fragil e delicado, que houve um basbaque, chamado Réaumur que attribuiu o nome de chrysalidas (de *chrysolos*, ouro) aos brilhantes áureos e argênteos reflexos d'estes insectosinhos; côres produzidas pela decomposição que se opera na luz, ao atravessar uma membrana *tenüissima* que incerra as chrysalidas.

A comparação com a alma da moça está perfeita: o invólucro da *nympha* é de argilla, ou barro, ou pedra, ou bronze, emfim tal e qual como o objecto comparado.

E ainda estas entomologias são o menos. Temos melhor: *A nympha rompe a argilla da sua chrysalida!* Minha Nossa Senhora! Cuida pois que *chrysalida* significa invólucro da *nympha*. Sapientissimo! *Nympha* e *chrysalida* eram, até hontem, o mesmo bicho; mas de ora avante, a *nympha* fica sendo a *gemma* d'ovo e a *chrysalida* a casca d'argilla; tudo isto em honra das conveniencias da alma da cabrita.

E ainda não fica por alli a tal alma desalmada; nem as mágicas da *Péira de Satanaz* dão logar a tantas transformações. Queres ver mais cousas que é esta alminha sancta? Lê:

« *Aquella alma tem facetas como o diamante; iria-se e accende uma côr ou outra, conforme o raio de luz que a fere.* » Aqui, pela officina do lapidário, penetrâmos no gabinete de physica. Diz-se-nos que naturalmente aquella alma tem facetas, como naturalmente tem facetas o diamante. Ora ha um equivoco. O Padre Manoel Bernardes (*Luz e Calor* pag. 309) diz: *Um diamante com muitas facetas*, e assim se exprimem outros clássicos, mas nunca alludem ao diamante natural, e sim ao lapidado: o artista que lavra o diamante vai, para augmentar-lhe o brilho, procurar as facces em que elle se crystallizou, e essas superficies, assim apresentadas pela arte, é que se chamam facetas. Se já a imagem assim começa falsa, mais falsificada ainda se ostenta na segunda parte. As diversas côres do prisma, ou do spectro solar, não provêm do raio de luz em si mesmo, mas sim da sua direcção; é esta que gera a dispersão das várias côres.

Oh minha alma! De tantas qualidades estrambóticas com que te ataviaram, que ficou? nada.

Alma minha gentil, que te partiste!

(*Vide*: fórmãs de pubescencia).

Eis-ahi, parece-me, sufficientes amostras do modo como o nosso romancista retrata as suas personagens. Quanto 'nessas transcripções se admira, apparece logo no introito do seo *Til*, e as outras figuras vão sendo pintadas, ja se vê, com análogas tinctas. Toma elle por observação fina, imagens elegantes, descripção pittoresca, o que não é senão esforço impotente, falso dizer, orientalismo degenerado, portuguez-tupy.

O Sr. Jose d' Alencar nunca retrata senão figuras congêneres, as quaes são todas vasadas no mesmo cadio. Seos pinceis occupam-se mais dos accessórios, e esses geralmente grotescos. Faz lembrar a mania do tempo de Luiz XV: os retratistas pouco se importavam com a similhaça ou com a natureza: todas as mulheres tinham olhões, boquinhas, e faces redondas onde a *saúde lhes rebentava no incarnado*; só se conheciam as differenças em estarem trajadas á Diana, á Flora, á Juno, ou á Amphitrite, como os homens á Marte, á Achilles, ou á Automedonte: ficavam não retratos, mas paineis ridiculos.

O nosso Apelles litterário julga que para o romance, para a história imaginária de um viver corrente, hade sempre exhibir-nos figuras desnaturaes, impossiveis, o que é antípoda dos preceitos da arte. Ao que elle aspira é a descrever sempre umas monstruosidades humanas. Nero, se Plínio não mente, teve a phantasia de mandar que o pintassem 'numa tela de 120 pés de altura, colosso que um raio destruiu. As personagens do Sr. Alencar são telas Neronianas, fulminadas pelo gosto e pela opinião.

Dêmos este poncto por tractado, e passaremos á continuação do estudo do *Til*: mas pois que esta carta ja ultrapassou as dimensões licitas, fique a discussão addiada.

Teo respeitoso admirador

CINCINNATO.

Ignez de Castro.

TRAGEDIA DE JULIO DE CASTILHO. (*)

Júlio de Castilho, o primogénito do exímio poeta que, no dizer de Camillo Castello Branco, é *honra da pátria, honra dos que o presam e amam a pátria*, comprehende á justa que é dever seo não desdourar o lustre e glória do nome paterno; e em tão nobre empenho porfia por mostrar que lhe cabe

et par droit de conquête, et par droit de naissance, um dos mais conspícuos logares entre os laureados escriptores que ora abrilhantam e opulentam as letras portuguezas.

Dezenove annos hão passado desde o dia em que o Sr. Visconde de Castilho offereceu ao público as primicias poéticas de seo filho mais velho: as bellas estrophes, publicadas na *Revolução de Setembro, de 6 de outubro de 1852*.

Reveladora d'auspicioso estro, foi essa poesia inthesourada no 1.^o volume (infelizmente o único) da série segunda da *Lysia Poética*, excellente chrestomathia dada á estampa no Rio de Janeiro, no anno de 1857, por uma associação de mancebos, recommendaveis pela intelligencia, não menos que pelo amor ao estudo.

Lidador esforçado, Júlio de Castilho não abandonou nesses dezenove annos o estádio das letras; e, sentindo-se forte pelos estudos que invalescem as intelligencias de fina têmpera, abalançou-se a um commettimento realmente gigantêo, trasladando novamente para a têla dramática os tétricos amores e a *morte escura* da

miserá e mesquinha,

que depois de ser morta, foi rainha!

Alem de varias producções litterárias de género diverso, em cujo número se inclue o romance, que não conhecemos, mas de que faz expressa menção o auctor do *Bosquejo histórico da litteratura clássica, grega, latina e portuguez*, romance em que, segundo a opinião d'esse

(*) Pela última vez observaremos que nos não reconhecemos com direito de alterar uma vírgula nos escriptos dos illustrados collaboradores d'esta publicação. Pertencem todos a pleiada dos nossos primeiros escriptores, e descabido seria o exercicio de qualquer censura, mesmo quando legítimas considerações nos induzissem a pedir licença para introduzir alguma modificação. Entre os dous escolhos oppostos, o leitor concordará em que sobre tudo nos cumpre evitar o de parecermos desrespeitoso para com os nossos companheiros de trabalhos.

escriptor, o esposo de Ignez de Castro intentou eternisar em versos seos infortunios, celebrando a memória da *innocente, fermosa, humilde e sancta* (1); da *Castro* de António Ferreira, a primeira tragédia clássica conhecida na península hispânica, conforme a esclarecida apreciação de Pinheiro Chagas, e da *Castro*, de Domingos dos Reis Quita, que, no pensar de um crítico, hem prova que o poeta sabia com egual harmonia tocar a trombeta heroica, como a frauta bucólica; bastára o simples confronto da *Ignez de Castro*, de Júlio de Castilho, com a *Nova Castro*, de João Baptista Gomes, tragédia tantas vezes victoriada por inúmeros espectadores commovidos até as lágrymas, para offerecer a medida da importancia e alcance de uma justa litterária, nas condições perfunctoriamente aponctadas.

Nós, a quem fallecem fôrças para intrar 'nesses certames, mas a quem sobeja enthusiasmo para applaudil-os, quando inspirados por generosa emulação, accetámos com alvoroço de prazer o obsequioso convite com que se dignou de distinguir-nos o Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho; e 'nessa disposição de ânimo assistimos hoje, no *Club Fluminense*, á leitura da tragédia *Ignez de Castro*, de Júlio de Castilho.

Não basta seguramente uma audição para julgar trabalho de ordem tão elevada e valor tão subido: praz-nos comtudo externar singelamente as impressões que mais vivazes em nosso espírito se conservam, tanto mais que temos a satisfação de saber que nos achámos de accôrdo com a maioria, se não unanimidade, dos cavalheiros presentes á selecta reunião convocada pelo Sr. Conselheiro Castilho.

Affigura-se-nos que a composição litterária de Julio de Castilho não é, rigorosamente falando, uma tragédia: é antes um drama da eschola Shakespeariana, realçado por amplo trabalho de restauração histórica da época em que viveram os personagens que o poeta illumina com a irradiação de seo fulgido talento.

Em seo complexo é, pois, o trabalho *uma intuição quasi prophética do passado, ás vezes intuição mais difficultosa que a do futuro.* (2)

(1) Verso da tragedia *Castro*, de A. Ferreira.

(2) Palavras do Sr. A. Herculano, no monumental *Enrico*.

Tractando assumpto já tractado por escriptores de alto mérito, inclinâmo-nos entretanto a pensar que Júlio de Castilho logrou appresental-o, á parte analogias inevitaveis, sob novo e quiçá mais elevado aspecto

O infante D. Pedro é o mancebo ardente e impetuoso, e não o algoz sanguisedento em que se transmudou, ao ver morta ás mãos de assassinos a mal-aventurada esposa.

Affonso IV não é o cégo instrumento de perfidos conselheiros; é um rei tímido, irresoluto; capaz, porem, de movimentos generosos, se a voz da esposa estremecida lhe fala ao coração.

D. Beatriz é uma bella creação do poeta. Júlio de Castilho apresenta-a como a figura rediviva de Isabel, a sancta, a que trocara em frescas rosas no regaço benedicto esmolas preciosas. (1)

Paçheco, o mais incarnizado perseguidor de Ignez de Castro, não é simplesmente um verdugo cruelissimo; é o político vendido ao ouro de Castella e o rival, sempre humilhado, do infante D. Pedro.

São, se a memória nos não falha, dezoito os personagens que mais ou menos activamente intervem no desinvolvimento da acção do drama; falando todos conforme a época, adaptada porem a linguagem ás necessidades scénicas por fórma que, conservando no intender de juizes competentes o sabor do estylo do seculo XIV, pode ser entretanto bem comprehendida sem auxilio de glossários e léxicos.

Pareceu-nos bem combinada e deduzida a acção, e habilmente preparadas as situações e lances de effeito.

Toda a composição, exceptuada a carta de D. Ignez ao infante, é escripta em versos sôltos aprimoradamente trabalhados.

No 1.º acto a narração do episódio da caçada, que termina pela morte do javardo, deparou-nos bslissimos versos onomatópicos.

Tão notavel pela elevação do pensamento, como pela belleza da expressão, é a nosso ver, a scena do 2.º acto, entre o infante D. Pedro e Beatriz, em que a virtuosa rainha descreve o povo como deve ser considerado: não a villanagem, mas a fôrça e o poderio dos estados constituidos.

(1) Versos do Sr. visconde de Castilho.

A despedida do infante a D. Ignez, no 5.º acto, evocou em nosso espírito a lembrança da scena encantadora, em que Julieta, á varanda do palácio paterno, banhada a frente gentil pelos argênteos raios da lua, ouve o ciar melodioso das phrases apaixonadas de Romêo!

E a essa lembrança associou-se a saudosa e indelevel recordação de Rossi e da Palladini, o grande mestre e a illustre alumna da verdadeira, da sublime arte dramática.

Deixando summariamente indicadas algumas das scenas de que cousevâmos mais vehemente impressão, não dissimularemos comtudo que o modo admiravel como foi lida a composição levou-nos talvez a louval-a sem restricções; sendo aliás possível que, se calma e pausadamente a houvêramos estudado, nos occorresse algum reparo, embora de valor mínimo, se valor de feito tivesse.

Nem bem, nem mal poderá porem advir da manifestação de nossas primeiras impressões a respeito da tragédia *Ignez de Castro*.

Como taes nos sejam portanto acceitas estas breves e despretenciosas palavras, que não tem nem podem ter a arrogada pretensão de constituir julgamento ácerca da superioridade, absoluta ou relativa, da tragédia de Júlio de Castilho sobre as de A. Ferreira, Quita e Baptista Gomes, tão altamente aquilatadas no conceito de criticos de legitima competencia.

E, pois, como synthese do que havemos escripto, diremos, appropriando-nos das expressões do erudito commentador da traducção paraphrástica dos *Amores de Ovidio*: « Ficar abaixo de tão preclaros predecessores, não é desar; em os egualar, ha mérito; em vencel-os glória. »

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1871.

GIL BRAZ.

Programma

PARA

A INAUGURAÇÃO DA ESTATUA DE BOCAGE

NA

CIDADE DE SETUBAL

1.º

A comissão central do Rio de Janeiro, promotora da subscrição para se erigir a estátua de Bocage em Setubal, onde nasceu o insigne poeta, designou o dia 21 de dezembro de 1871, sexagésimo anniversário do seu fallecimento, para a inauguração solemne.

2.º

Para este acto se armará na praça de Bocage uma tribuna, onde serão recebidas as corporações, auctoridades, e mais pessoas que forem convidadas.

3.º

A estátua estará velada com as bandeiras nacionaes de Portugal e do Brazil.

4.º

Serão convidados para esta solemnidade—o ministério; as auctoridades superiores do districto; as corporações scientificas e litterárias; a imprensa periódica; os homens de letras, e os súbditos brazileiros mais qualificados, residentes em Lisboa e Setubal, como demonstração de reconhecimento, por haver sido a estátua de Bocage erigida por subscrição commum de brazileiros e de portuguezes residentes no império do Brazil.

5.º

Ha um comboio especial, de Lisboa para Setubal, ida e volta, no mesmo dia, gratuito para os que receberem convite com essa declaração.

6.º

A hora do embarque na estação do caminho de ferro do sueste, em Lisboa, será designada nos bilhetes de convite.

7.º

A' uma hora da tarde, as commissões filiaes de Lisboa e Setubal, a câmara municipal d'esta última cidade, e o esculptor Pedro Carlos dos Reis, descerão da tribuna para juncto da estátua, e ahi lerá o presidente da commissão de Lisboa o discurso inaugural, a que responderá o presidente da municipalidade de Setubal.

8.º

Em seguida os membros da mesma commissão, Marquez d'Avila e de Bolama, vice-presidente da academia real das sciencias; conselheiro Miguel Maria Lisboa, enviado extraordinario e ministro plenipotenciário do Brazil, em Portugal; visconde de Castilho; Dr. Antonio Rodrigues Manitto, presidente da câmara municipal de Setubal, tomarão os cordões da cortina que vela a estátua e a descobrirão.

9.º

Logo que se descobrir a estátua, as músicas tocarão successivamente os hymnos compostos e offerecidos para esta festividade, pelos Srs. Manoel Antonio Corrêa, Carlos Augusto Alves Braga e Antonio do Nascimento e Oliveira.

10.º

Voltando o préstito para a tribuna, ahi será lido e assignado o auto da inauguração, que ficará depositado no archivo da câmara de Setubal, enviando-se um traslado authenticico á commissão central do Rio de Janeiro.

Sala das reuniões da commissão filial de Lisboa, na Bibliotheca Nacional, em 2 de dezembro de 1871.

O SECRETARIO

M. da Silva Tullio.

—

Parabens.

Vivia alli para os lados do ex-Largo do Paço um velho, que contava mais de um século de idade, e cuja agradável apparencia attrahia as attenções geraes.

Exercia em larga escala a segunda das obras de misericórdia: dava profusamente de beber a quem tinha sede uma das mais crystallinas e puras águas, que jamais correram em bica de çafariz. Em harmonia com todos os moradores do bairro, era uma das bonitas cousas da cidade: quem o via, e olhava para o lado direito, e via a casa do velho Telles, para a esquerda, e via o palácio dos antigos vice-reis, e no fundo o ex-convento do Carmo, conhecia logo que eram bons amigos, do bom velho tempo.

Mas o mundo marcha; e o progresso, assim á maneira do ar que se respira, entra por todos os buraquinhos. Em Athenas era crime ser justo; no Rio de Janeiro é crime ser velho: são cousas do tempo, e talvez com o tempo passem; mas agora são assim mesmo; é preciso respeitá-las. E se não, digam-me lá, porque razão se têm andado a chrismar as ruas e praças do Rio de Janeiro, alguns de cujos nomes faziam parte de nossa história? Uma só razão pôde haver: estavam velhos, estavam. Ora a Illma. Câmara, a cujo cargo está attender, a que os olhos de seos munícipes não sejam offendidos por espectáculos menos agradaveis, incumbiu-se de mandar lavar, pentear, e vestir camisa lavada ao sobredito cujo velho, que assim se viu repentinamente transformado em moço casquilho, namorando as quitandeiras da Praça do Mercado.

Intendâmo-nos: eu não sei bem se foi a Illma. Câmara. Deve ter sido; mas como isto de attribuições municipaes anda meio atrapalhado, pode ser que a cousa não seja com ella; vá a quem tocar.

Lá por essas Europas, de gosto depravado, taes velhos são conservados com todo o respeito: até se a roupa se lhes rompe, procuram remendar-lh'a com pedaços tirados de logar, onde menos falta façam. Mas a Europa é uma velha incarquilhada; a América é uma moça garrida. Aqui não se admittem velharias.

Ouvi dizer a alguns patetas que o dinheiro alli gasto podia ter sido mais bem aproveitado. Parvos! Pois nós precisamos fazer economias? O Brazil é o paiz do ouro.

Ainda está nas minas : mas isso o que tem ? Vão lá buscar-o: O nosso dinheiro é de papel ; mas o padeiro dá pão por elle. Outro officio, meos amigos !

Beber água por çhafariz velho é o mesmo que beber por caneca rachada.

Parabens, Fluminenses ! parabens ! Tendes o vosso çhafariz, assim com ares de velho que tinge os cabêllos: que mais podeis desejar ? Levantae um monumento..... de lama ao auctor da idea.

OTTON.

— — —
Annuncios.

Desappareceram as ruas Direita, das Violas, dos Pescadores, Largo do Paço, e outros mais logares d'esta côrte: quem d'elles der noticias, receberá boas alvîcaras. Consta que foram subtrahidos pela Illma. Câmara Municipal: protestam-se perdas e damnos contra o sub-tractor.

OTTON.

— — —
 Precisa-se um nome para chrismar... a boa cidade do Rio de Janeiro, porque o actual ja está muito usado, em consequencia do que se abre um concurso. Ao auctor da melhor Memória sôbre este objecto se offerecerá em compensação uma penn a de Perú, animal caracteristico de muita gente que por ahi anda.

OTTON

QUESTÕES DO DIA

N.º 31

RIO DE JANEIRO, 14 DE JANEIRO DE 1872.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Lammert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua de General Camara.—Livraria Academica, Rua de S. Jose n. 119—Largo do Paço n. C.—Preço 200 reis.

O 1.º volume, com perto de 400 páginas—3\$000.

OBRAS DE J. DE ALENCAR — IRACEMA.

Cartas a Cincinnato.

VI.

Meo generoso amigo.

Nas suas *Reflexões* a respeito dos *Annaes Históricos* de Berrêdo, diz G. Dias estas palavras: « Hei de ser mais extenso, mais diffuso, do que talvez conviesse, porque quero ser comprehendido e porque escrevo para todos. O que fôr de sobra para alguns, será apenas sufficiente para outros. »

Assim eu, Cincinnato de minha alma. Tem paciencia.

Mostrei ao Sr. Pinheiro Chagas, que G. Dias voltára das suas excursões submarinas trazendo só pérolas e coraes, ao passo que J. de Alencar viêra do seo mergulho no lago com muito caramujo e muito lodo aquático. O que o primeiro não extrahi, não foi porque o não tivesse visto, senão porque o não achou digno de apanhar e erguer á altura da superficie.

Verdadeiramente falando: pôde-se presumir que G. Dias « a quem ninguem se avanta na opulencia da imaginação e no *conhecimento da natureza brazileira* e dos costumes selvagens » (palavras do próprio Sr. Alencar), ignorasse que existia no Brazil o *prudente tamanduá*, e quantos animaes, reptis, peixes, árvores, flores e objectos nossos se vêem com profusão inextinguível aponctados na *Iracema*? E' que o seo tacto delicadíssimo percebia logo onde existia o bello, e nem um instante se demorava onde não podia haver senão o trivial ou o gruttêsco.

É o cunho nacional de uma obra consistirá em reproduzir ella quanto se acha em a natureza, nos costumes do povo, nos preconceitos e fragilidades de uma raça?

Se assim fôr, custaria pouco a ser grande poeta ou o primeiro romancista de uma nação. Se não se exige principalmente, para que se goze de taes fóros, que se colha e se exhiba o que póde fazer o público deliciar-se sem contudo fazê-lo molestar-se ou córar; se o pincel, que se molha nas tintas finas e elevadas, deve, para ser tido por completo, chafurdar tambem nos resíduos barrentos e grosseiros, neste caso é certo que faço das litteraturas a idéa mais errónea possível.

Segundo penso, meo amigo, e me parece recomendar a esthética, o artista não tem o direito de perder de vista o bello ou o ideal, posto que combinando-o sempre com a natureza.

Não fôra talvez descabido aqui emitir o meo humillíssimo parecer sobre o modo de ver de alguns (muito auctorizados) que intendem que a arte é a *imitação*, e de outros que opinam ser ella a *interpretação* da natureza. Ficarã para logo, se me sobrar tempo e me aprou-ver deter-me neste poncto.

Mas o que ainda ninguem se lembrou de pôr em dúvida é que, ou interpretando-a, ou imitando-a, o artista visa sempre o alvo de belleza ideal, que debalde se procuraria nessa lenda sertaneja, mais parecida com um catálogo de zoologia e de botânica cearense, do que com uma obra d'arte.

Li um precioso livro, intitulado—*A Sciencia do Bello*—por Le... que obra que mereceu ser coroada por tres Academias da França. Nunca mais me esqueci de um pedacito que lá vem, concebido nestes termos: « Se o romancista não é senão o arrolador (*greffier*) da vida de todos os dias, quero antes a vida em si mesma, que é viva, e onde me não demorarei com a vista senão sobre o que me interessar. »

Ah! mas eu esquecia-me que estou dissecando um poema, e não um romance. Pois bem: se se tracta da poesia, a cousa muda de figura, sim, porém para condemnar ainda mais a producção do Sr. Alencar.» A poesia ingrandece todos os caracteres; entre suas mãos o bravo torna-se valente, o prudente torna-se sábio, o falante torna-se eloquente, o guerreiro um heróe, o heróe um semi-deus.» Tudo vai precisamente ao in-

verso na *Iracéna*; o guerreiro, que devia affigurar-se heróe, não passa de imbelles pusillânime; o heróe da história, que devia na poesia assumir as proporções do semi-deus, está abaixo do nível do guerreiro. E' sempre este destroço dos characteres e da harmonia artística.

Ah! mas eu esquecia-me que se tracta da mais sublime manifestação da poesia—a poesia épica. A *Iracéna* não se inculca uma amostra no género? Pois bem: quanto mais nos elevâmos na escala da arte, tanto mais desce esse bastardo filho de um talento que a vaidade perdeu como o orgulho a Satan.

Sempre que vem á baila falar da epopéa, lembro-me da *Illiada* como o modêlo por excellencia. Homero é o primeiro poeta épico, desde que o mundo é mundo.

E poderia acaso a *Illiada* servir de modêlo a um poema americano? A vida selvagem incerra em si bastante interêsse, bastante grandeza, bastante maravilhoso, para sustentar movimentos d'aquelle fôlego e majestade? D'aquelle não direi; mas se tivéssemos um Homero, a mina para as suas explorações não seria outra. Essa raça, seo passado, suas superstições, é tudo de tamanho e vigor descommunal. O gentilismo tem a sua face pomposa e formidavel. A epopéa bárbara não pôde deixar de ser uma das maiores epopéas.

Um dos primeiros elementos de grandeza da *Illiada* é o maravilhoso, symbolizado na crença pagan. Tambem os nossos índios tinham do maravilhoso, e á farta. As suas superstições—eis, no meo fraco intender, o músculo d'essa poesia; e esse músculo, fôrça é dizê-lo, não tem sido desinvolvido e distendido, como acaso cumpriria, pelos nossos épicos.

O Homero brasileiro acharia na nossa raça primitiva typos parecidos com Achilles e Heitores, Priamos e Menelãos. Até incontraria uma Helena, sem outro trabalho mais que o de abrir a história. Fernando Diniz diz: « Os Tupinambas, depois de haverem tomado o recôncavo, dividiram-se tambem, dando logar á discórdia no meo d'este povo um drama igual ao que originou a *Illiada*. Uma rapariga de certa tribu da Ilha de Itaparica foi raptada pelos habitantes do local onde depois se edificou a cidade da Bahia; e d'ahi accendeu-se uma guerra terrivel. »

Seguramente esse Homero não havia de intender a poesia nacional, e muito menos a poesia épica, segundo a intendeu—van e factícia—J. de Alencar.

Sim, elle iria betêl-a nas tradições dos índios, mas nas tradições que, pingues e plenas, as tinham, nos paineis summos e monumentaes das suas batalhas, que eram batalhas titânicas. Desde a cilada ao inimigo até o incêndio, desde o heroísmo nas luctas até o heroísmo das hóstias, tudo offerecia elevação própria, que não destoaria do drama nem da epopèa.

Bebêl-a-hia principalmente nas superstições, susceptíveis dos episódios mais robustos, de agigantados prodígios, de que a história dá idea que se vê que é pállida, mas que bastante colorido incerra para nos fazer conhecer que tinham o calor e a importância de verdadeiras maravilhas.

Bebêl-a-hia no que o character selvagem tinha de sculptural, predominante, e athlético, e não no que podia ter de mesquinho, ridículo ou accidental.

De dentro das soturnas cavernas, do seio dos valles interminaveis, de cima dos rios oceânicos, dos recessos da mansão opaca das selvas, acordaria os echos de dramas tremendos que ahi jazem adormecidos na necrópole de seculos, evocaria as visões mysteriosas, mythicas da sua theogonia, as sombras das suas divindades, dos seus lémures, que faria representar papeis pavorosamente grandes, como no Hamlet o e no espectro de Banko.

Assim como o poeta grêgo fazia tremer o Olympo com um movimento de cabeça de Júpiter, o poeta americano faria abalar-se a solidão nos seus fundamentos com o simples tanger do maracá do sacerdote inspirado, representante de Tupan.

Faria emfim dos guerreiros heróes ; dos heróes semi-deuses; da crença religiosa a primeira fonte do poema— tudo em poncto grande, compativel com a pujança de uma raça, indubitavelmente capaz dos commettimentos mais estupendos.

Ou escreveria assim, ou de certo não escreveria um poema. Agora invergonhar a pátria com uma concepção sem altura de motivos, sem elevação de vistas, sem movimento, trajada de gallas ephémeras, de lentejoulas impossiveis, falando linguagem affectada, frouxa e futil, o que tudo importa uma antíthese da poesia heroica e do génio colossal do nosso aborígene, isso é que não. Teria o bom senso e a generosidade de o não fazer.

Longe me tem levado a divagação, e é tempo de recuar ao assumpto.

Mostrei o abysmo que ha entre uma descripção de combate de indios por G. Dias, e outra por J. de Alencar. Provei que a deslumbrante e hardida poesia das batalhas falta na *Iracema*, quando, pelo contrario, se encontra, já não digo nos *Tymbiras* ou no *Tabyra*, mas no *Uruguay* e *Caramuri*, que são dos tempos da colônia.

Por exemplo, lê-se no *Uruguay*:

« Fez proezas Cepé 'naquelle dia.
 « Conhecido de todos, no perigo
 « mostrava descoberto o rosto e o peito,
 « forçando os seus co' o exemplo e co' as palavras.
 « Já tinha despejado a aljava toda,
 « e, destro em atirar e irado e forte,
 « quantas settas da mão voar fazia,
 « tantas na nossa gente insanguentava.
 « Settas de novo agora recebia,
 « para dar outra vez principio á guerra.
 « Cepé, que o viu, tinha travado a lança,
 « e, atraz deitando a um tempo o corpo e o braço,
 « a despediu. Por entre o braço e o corpo
 « ao ligeiro hispanhol o ferro passa:
 « rompe sem fazer damno, a terra dura,
 « e treme fóra muito tempo a hástea;
 « mas de um golpe o Cepé na testa e psito
 « fere o governador e as rédeas corta
 « ao cavallo feroz. Foge o cavallo,
 « e leva involuntário e ardendo em ira
 « por todo o campo o seo senhor; e ou fôsse
 « que regada de sangue aos pés cedia
 « a terra, ou que pozesse as mãos em falso,
 « rodou sobre si mesmo, e na caída
 « lançou longe a Cepé. — Rende-te ou morre!
 « grita o governador; e o Tape altivo,
 « sem responder, incurva o arco, e a setta
 « despede, e 'nella preparára a morte.
 « Inganou-se esta vez. A setta um pouco
 « declina, e açouta o rosto a leve pluma.
 « Era pequeno o espaço, e fez o tiro
 « no corpo desarmado estrago horrendo.
 « Viam-se dentro pelas rotas costas
 « palpitar as intranhas. Quiz tres vezes
 « levantar-se do chão, caiu tres vezes;
 « e os olhos já nadando em fria morte
 « lhe cobriu sombra escura e férreo somno »

Lê-se no *Caramuru*:

1

« Já se avistava bárbaro tumulto
 « das inimigas tropas em redondo;
 » e antes que empr'endam o primeiro insulto
 « levanta-se o infernal medonho estrondo;
 « os marraques, napés, e o brado inculto,
 « todos um só rumor junctos compondo,
 « fazem tamanha bulha na esplanada
 « como faz na tormenta uma trovoadá.

2

« Mas quando tudo com terror fugia,
 « o bravo Jacaré se lhe põe deante:
 « Jacaré, que, se os tigres combatia,
 « tigre não ha que lhe estivesse avante.
 « Treme de Jararáca a companhia,
 « vendo a fórma do bárbaro arrogante,
 « que, com pelle coberto de panthera,
 « rugé com mais furor que a própria fera.

3

« Em quanto a selva passeava escura,
 « de immortaes arvoredos rodeada,
 « foi Jararáca, que a cuidou segura,
 « ferido sobre o pé de uma fréclhada.
 « Ficou-lhe a planta sôbre a terra dura
 « em tal maneira com o chão cravada,
 « que por mais que arrancal-a d'alli prove
 « despedaçá-se o pé, mas não se móve.

4

« Corre a turba a salvá-o, e em continente
 « voam mil settas desde a espessa rama,
 « e cad' árvore alli no bosque ingente
 « um çuveiro de tiros lhe derrama:
 « cada tronco é castello: ao lado e frente
 « a occulta multidão bramindo clama;
 « e o resto, que em cavernas se escondia
 « ao rumor da victória concurria.

Do que fica ahí copiado verá o illustre Sr. Pinheiro Chagas que, até antes de G. Dias, já se achava nas composições dos primeiros épicos brazileiros fundamentalmente impresso o cunho nacional. Elles não tinham só « entrevisto a mina »; tinham-n'a explorado e com largueza e successo.

Como seguramente o crítico portuguez deve saber, o visconde de A. Garrett, ajuiza do primeiro poema do

seguinte modo: « O Uruguay, de José Basílio da Gama, é o moderno poema que mais mérito tem, na minha opinião. Scenas naturaes muy bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; phrase pura, sem affectação; versos naturaes, sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guiudados; não são qualidades communs. Os brazileiros principalmente lhe devem a *melhor corôa de sua poesia*, que 'nelle é *verdadeiramente nacional*, e legitima americana. » E Fernando Diniz, falando do Caramurú, diz: « É uma epopéa nacional brazileira que interessa e inleva. » Copiámos estes extractos da noticia que vem annexa a estas duas obras, impressão de Lisboa, 1845.

Portanto não pertence a J. de Alencar (sem querer falar em G. Dias) « a honra de ter dado o primeiro passo affeito na selva intrincada e magnificente das velhas tradições: »

Não; não só não lhe pertence similhante glória, como até lhe pertence exclusivamente a triste celebridade de haver offerecido ao mundo como padrão da poesia brazileira, um mixto de vulgaridade e de burlêsco, que será sempre reconhecido por quem não fôr demasiado benévolo ou demasiado sectário, como contraste vivo da história.

Meo amigo: desejando aproveitar o vapor (que está prestes a largar) não vou além por hoje.

Ha tanto ainda que dizer, quanto á polícia da lingua, notas, carta final. . !

Mas heide levar a missão ao cabo.

Ha 'nisso alguma coisa de consciencia e de patriotismo. Digo: PATRIOTISMO!

Como sempre

Teo fraco, mas leal amigo

SEMPRÓNIO.

A Reorganização do trabalho.

A classe operária e a indústria no Brazil. Necessidade da reabilitação e melhor organização do trabalho. Considerações sobre o meio de realizar esta grande e generosa aspiração da sociedade brazileira.

II

Corre entre nós como verdade demonstrada uma singular proposição.

« O Brazil (repetem todos) é paiz exclusivamente agrícola »

Se a traduzirem pela fórmula seguinte: « O Brazil até aqui só se tem applicado á agricultura » essa proposição será apenas a confirmação de um facto e exprimirá rigorosamente a verdade das cousas.

Se, porém, a tomarem, como geralmente acontece, por uma revelação da idéa de que não póde nem deve haver no Brazil outra indústria, alem da da lavoura, deverá ella ser refutada como confissão explicita de um erro, que cumpre combater de frente e com todas as forças.

Quem lançar vistas attentas sôbre esta região abençoada, que parece ser a terra da promessa, que a Providencia escolheu para 'nella derramar todos os dons de sua inexaurivel munificência, quem avaliar a feracissima uberidade d'este solo, em que, como nos montes que serviram de bérço e núcleo ao género humano nasce espontâneo o mais substancial alimento; quem yir pullular d'esta natureza esplêndida todos os thesouros de fecundidade, todos os elementos de riqueza, todos os principios elementares e matérias primas, que formam a indústria fabril e textil dos povos cultos, que abastecem com suas manufacturas todos os pontos do globo, ficará profundamente surprehendido de que tal opinião ganhasse raizes e tomasse character de axioma.

Quanto a nós, é mais este um erro, gerado e perpetuado pela existencia da escravidão no Império.

O lavrador brasileiro, accostumado á indolencia e ao luxo, que é um dos vícios mais fataes e derramados em todas as classes do paiz, vendo a terra pagar-lhe em fartas colheitas o esforço do trabalho escravo, accreditou facilmente, sem exame, que nada mais tinha que esperar, para complemento de sua riqueza, do que o producto da safra d'esses cannaviaes, cafezaes, e algodoaes, que floresciam e davam fructos, nas faldas dos montes e nos valles de suas extensas fazendas. Accostumado a esse systema rotineiro de trabalho, e recebendo do negociante, que facilmente lh'o adeantava, dinheiro sôbre as futuras safras, descansava, não cuidadoso dos acontecimentos, na esperanza de que a terra não cessaria de expandir-se em messes de dia para dia crescentes, entretanto que o verme roedor do duplo e pesado juro, que pagava á praça, lhe ia oberando o estabelecimento e todos os instrumentos do trabalho. Chegava finalmente a

hora do despertar d'esse somno de prigueirosa indifferença; o crêdor urgia pelo pagamento, e a liquidação forçada trazia como consequencia a venda da fazenda e dos escravos hypothecados, por metade do valôr, e a consequente miséria do outr'ora abastado proprietário de fertilíssimas geiras.

Se o escravo não existisse, outra e muito mais proficua seria a applicação do braço intelligentemente destinado ao trabalho agrícola. Conhecendo que o partido, que poderia tirar dos couros de seos bois, da pelle de suas cabras e de seos carneiros, das clinas de seos cavallos, e de todos esses animaes em si, bem como de outras producções das fazendas e ingenhos, o domno do solo aproveitaria melhor e com mais vantagem todos os elementos da riqueza natural. Não lhe acconteceria então, pelo hábito de contemplar o quadro do trabalho escravo, convencer-se de que nada de melhor tivesse que esperar para sua prosperidade e bem-estar. Podêmos affirmar, sem receio de ser contestados e de cair em êrro, que se outra fosse a organização do trabalho, a classe operária já existiria entre nós com o consequente desinvolvimento da nossa indústria manufactureira, hoje (infelizmente) embryonária.

Não! O Brazil não é exclusivamente agrícola, e nem o pôde ser; elle tem todas as proporções para occupar dentro de poucos annos uma posição brilhante entre os estados manufactureiros do mundo. Cumpre fecundar todos os seos germes de grandeza industrial, e sôbre tudo crear e preparar a sua classe operária, aproveitando para esse fim a nova geração, que nascer dos escravos depois da lei de 28 de setembro de 1871.

Uma das principaes condições para firmar o futuro industrial do Império é estabelecer e proteger a liberdade do trabalho.

Debalde a terra brotará os mais raros e inexauriveis mananciaes de uberdade: debalde a natureza prodigalizará aos homens todas as munificencias de fecunda cornucópia, se o Govêrno não anniquilar as peias que ainda entre nós empecem a livre accção do trabalho.

Com razão dizia o sábio auctor do *Espírito das Leis* que os pruzes eram cultivados, não na razão de sua fertilidade, mas sim de sua liberdade.

Assignalarêmos as providencias, que tendem a manter e a desinvolver em mais larga escala a liberdade do trabalho.

Uma das causas intorpededôras do livre exercício do trabalho é incontestavelmente a mania de regulamentar. A acção restrictiva do podêr executivo é no Brazil a grande, senão a principal rémora da iniciativa individual e do progresso da indústria.

Cumpre, antes de tudo, acabar com as auctorizações prévias por parte do Govêrno para o estabelecimento e fundação de certas indústrias, que manifestamente tendem a activar as fôrças vivas da sociedade e a dar incentivo e inchanças á riqueza pública. Quanto a este puncto, conviria que, sem pêrda de tempo, fôsse revista e profundamente modificada a lei de 22 de agôsto de 1860, a mais notavel das creações de eschola restrictiva.

Não é menos nociva á livre marcha do trabalho a aggravação dos impostos, que oneram algumas das matérias primas.

Esse mal importa a asphixiação da mesma indústria, porque põe o operário na impossibilidade de produzir, por não poder concorrer em preço com os productos estrangeiros.

A aggravação das multas impostas pela violação dos Regulamentos não é menos hostile á liberdade do trabalho. "Neste puncto é preciso fugir de imitar as disposições anachronicamente represivas do antigo regimen, herança de séculos de ignorância, monumentos do despotismo, que o presente deve rejeitar como offensivas da civilização.

Não ha circumstância que mais directa e rapidamente concorra para a liberdade do trabalho do que a liberdade dos escainbos internacionaes, ordinariamente denominada liberdade de commêrcio.

Não ha muitos annos que a Europa, imitando o costume do Japão, feçhava seos portos á intrada das mercadorias estrangeiras. Debalde o notavel economista Adam Smith na Inglaterra e todos os grandes espiritos do século, em França, prégando os verdadeiros principios da sciência moderna, tentaram lançar por terra essa insuperavel barreira que as nações erguiam hostilemente á introducção dos productos de fóra; o êrro persistia sempre, peando o vôo da indústria e servindo de obstáculo á solidariedade industrial e commercial de todos os povos, pela melhor satisfacção das necessidades de todos e de cada um.

O primeiro passo para estabelecimento da liberdade do commercio foi dado em 1838 na Inglaterra com a fundação da liga para abolição das leis sobre os cereaes. Secundada por John Brighth e Ricardo Cobden, e mais tarde por sir Robert Peel, que a opinião pública arrastára ao ponto de desamparar o systema restrictivo, do qual era acérrimo defensor, esta generosa idéa, appresentada em 1846 ao parlamento pelo Duque de Wellington, foi o comêço da revolução alfandegária, que immortalizou o nome d'este estadista.

Tal, porém, era a força do systema protector 'naquelle palz, que as reformas assim iniciadas por aquelles grandes vultos não conseguiram abolir o « *Acto de navegação* » de Cromwell, que constituía privilégio exclusivo a favor dos armadores inglezes. Ainda pela tarifa, 'naquelle tempo promulgada, ficaram taxados vários artigos, cujos identicos e similares eram produzidos no Reino Unido, onde nenhuma taxa supportavam. Foi só depois da retirada de Peel que esses direitos foram supprimidos, ficando o systema proteccionista reduzido à imposição das taxas sobre os grãos e farinhas e seus derivados (taxas aliás moderadas e que tendem a desaparecer), e ao impôsto sobre o tabaco manufacturado.

D'esta consideravel excepção de tão grande cópia de artigos, e redução de taxa de outros, em vez de resultar diminuição no rendimento das alfândegas inglezas, proveiu, pelo contrário, grande augmento, de modo que hoje essa renda é muito mais avultada que em 1841, anno em que Roberto Peel começou a iniciar a idéa da diminuição ou suppressão das taxas que soffriam as matérias primas de indústria.

Foi com excessiva timidez, e depois de longo tempo, que as potencias continentaes seguiram o salutar exemplo da Inglaterra. O primeiro e balbuciante insaio da França no mesmo sentido realizou-se em 1847; o Poder Legislativo, porém, ainda não educado pela opinião, repelliu a reforma. Decretos do segundo império diminuíram grandemente alguns direitos sobre géneros alimentícios, especialmente o gado e o vinho; houve tambem redução quanto à lã, ao ferro e ao aço.

Novo projecto de lei, appresentado ás Camaras em 1855, foi tambem repellido, mas esta reluctancia contra o progresso incontrou salutar correctivo no tractado de 23 de janeiro de 1860 e convenções de 12 de outubro e 16 de novembro do mesmo anno, em que Napoleão III

estabeleceu a tarifa; pela qual em França deveria ser regida a intrada das mercadorias inglezas.

Este tractado, seguido por outros entre a mesma França e outras nações do continente trouxe o impulso e progresso da indústria para todos os paizes europêos, pelo immenso desinvolvimento dado ao commércio.

Só a Hispanha ficou estacionária e estranha a este civilizador movimento. E' por isso que o commércio interno e externo definha 'naquella região, e as suas difficuldades financeiras se aggravam de dia para dia. O systema proteccionista é o enervamento e a morte da indústria; e a Hispanha, isolada no continente por sua tarifa, encontra tambem, como diz um escriptor contemporâneo, meio de isolar-se pelas estradas de ferro, onde, por causa do regimen protector, se não desinvolva a circulação das mercadorias.

Estranho espectaculo é ver assim na retaguarda do progresso uma nação, que, ha tres séculos, foi a primeira potência da Europa e do mundo!

Os Estados Unidos conservam tambem uma tarifa ultra-protectorista, tendo, em vez de diminuir, aggravado, 'nestes últimos annos os direitos aduaneiros, erro tanto mais grave quanto os Estados do sul, reduzidos á miséria, precisam de allivio no preço dos mecanismos destinados a fecundar o trabalho e de todas as manufacturas. Se não fôsse o impulso da concorrência interior, os effeitos d'este deploravel systema teriam sido mais fatalmente sentidos 'naquella grande República, que por certo cederá 'neste poncto á torrente da opinião universal.

Para fundar completamente a liberdade do commércio, è de grande auxilio a liberdade de cabotagem. Questão é esta que occupa seriamente a attenção dos nossos estadistas, e que a experiência de mais alguns annos habilitará o govêrno a resolver.

Grande e fecunda em resultados será para o Brazil a abertura do Amazonas a todos os pavilhões. O futuro confirmará as previsões dos que 'nesse grande acontecimento viram o germen da grandeza futura do Império.

A redução, do número das alfândegas contribuirá tambem efficazmente para a liberdade do commércio. E o govêrno brasileiro, que ultimamente extinguiu algumas das alfândegas do interior, revella tendência de dar por este lado protecção ao commércio. POMPEO.

(*Continúa.*)

Horas vagas.

Poemas

DE

JOAQUIM DA COSTA RIBEIRO.

Em nitida edição da *Typographia do Imperial Instituto Artístico* acaba de ser reimpresso com leves alterações um volume, que ha 20 annos saíra dos prelos de Pernambuco, incerrando as então primícias litterárias de um esperançoso talento.

Sobre esse volume se exprimia d'est'arte Alexandre Herculano, em 22 de julho de 1852: — « Bem mostra o auctor 'nestes insaios, que hade vir a ser um dos ornamentos litterários do seo paiz ».

Em 17 de junho do mesmo anno, dizia do livro António Feliciano de Castilho: — « Das tres partes essenciaes, de que se compõe um poeta — *phantasia* — *coração* — e *ouvido* —, nenhuma, quanto a mim, falta em quem escreveu este voluminho, antes se vê que as possui todas em notavel grau. Se eu o visse, e nos falássemos, havia de lhe dar, entre outros, dous conselhos, relativos um á fórma, outro ao próprio fundo da poesia. Quanto á *fórma*, havia de lhe pedir, que em todos os punctos a esmerasse com incançavel paciencia, não se permittindo nem construcções *exclusivamente* brazileiras, nem na versificação hyatos, e alguns outros leves defeitos, que, inlevado na belleza dos pensamentos, algumas vezes deixa passar. Quanto ao *fundo*, recomendar-lhe-hia que, sem renunciar de fórma alguma a moderna eschola de Victor Hugo e Lamartine, a que elle me parece pertencer, se applicasse todavia, não só um pouco, porêin muito, ao estudo dos clássicos consagrados e incontestaveis, e especialmente ao de Virgilio». Depois de dar desinvolvimento a esta these, conclue assim: — « Queira V. fazer-lhe constar, que estas suas estreias me deram muito prazer, e que eu desejo e auguro á sua musa um porvir muito brilhante. »

Quando taes mestres assim qualificam um livro, está julgado. Uma segunda edição d'elle não póde deixar de ser expurgada das lacunas e deficiencias que a inexperiencia dos 4 lustros torna inevitavel. Hoje que o folheto de 179 páginas tomou as proporções de livro de 240, que uma apurada correccão aperfeçoou, cremos que as letras devem considerar esta acquisição como valiosa.

A poesia, como nós a entendemos, vive no pensamento, e realça-se na forma, arraiga-se na alma, incarna-se na arte; quem sente o Deus interior, e ao mesmo tempo reveste a idéa de traje esplêndido, é poeta, qualquer que seja a applicação que ás suas estrophes lhe apraza dar.

Neste volume, a máxima parte dos cantos é indersada ao único assumpto com que o génio, aos 20 annos, vê sobredourada a natureza: a mulher. Estas páginas nos deparam o sentir ardente, as agonias, as lágrymas que rebentam de olhos que sabem chorar, de coração que a dôr com mão robusta estorce. 'Noutros logares, surge o amor feliz, satisfeito, indensado, transmutando a vida em delicias, o mundo em eden. A saudade, como a Bernardim Ribeiro, foi um dos sentimentos que mais cantos dictaram ao poeta, que 'neste incarnou toda sua alma; e que alma parece ser a sua!

Não se absorve porém a musa do Sr Ribeiro, exclusivamente nos assumptos eróticos; distingue-se 'nesta colleção minosas poesias dedicadas á religião, como é o *Psalmo*; ao amor filial, como são as indeixas *Minha mãe*; ás harmonias da natureza, como é a poesia intitulada *As flôres*, etc.

D'esta, por exemplo, vejamos alguns quartetos:

Princeza entre as flôres, oh limpida rosa,
oh glória dos prados, amores do sol,
derrama os teos mimos, derrama orgulhosa,
em quanto do dia não morre o pharol!

Por entre os verdores do arbusto copado
alli da innocencia no branco *jasmim*
revela-se o emblema, talvez desenhado
por mão invisivel de algum seraphim.

Lá brilha a *perpétua*; modesta sorrindo
a filha mais linda dos çãos de Mogor,
diviso-a no gesto, na côr exprimindo
formosos segredos de púdico amor.

Lá vejo a *saudade*...saudades acordam.
Lá vejo os *suspiros*...suspiro tambem.
Que doces imagens que assim se recordam!
Que fundo mystério que as flôres contêm!

Da noiva contente vos leva a capella.
Surris innocentes no altar do Senhor.
Nas salas douradas, na choça singella,
se reinam folgares, lá brilha uma flôr.

Té brilha dos mortos no lúgubre império,
cobrindo das campas o pálido horror;
e ao pé do cypreste que se ergue fúnebro,
nos fala da morte com risos de amor.

Surri-vos, oh flores, nos campos, na serra,
no braço da lyra, nos cânticos meos!
Vós sois os brilhantes mais ricos da terra;
caístes na terra de um riso de Deus.

Retraímos a pena, pois muitos outros trechos transcreveríamos, se nos deixássemos arrastar pelo prazer de multiplicar as provas de que a harmoniosa lyra do vate pernambucano é digna de vibrar com distincção entre as que houram ao paiz.

Os republicanos em Inglaterra.

Em Inglaterra tambem ha republicanos, isso ha : o que eu não scei é se são das tres espécies, em que o género se divide, ou se apenas os ha de duas. Porque o género *republicano* divide-se em tres espécies : *pescadores d'aguas turvas*, *patetas*, e alguns de *boa fé*. Esta última espécie, pelo pequeno número de individuos, de que consta, quasi pôde ser contada como excepção.

Os republicanos inglezes serão das tres espécies, de duas, ou só de uma?

Tiveram elles sua reunião, e prégarão ao povo um sermão, de que se concluia que aquelle paiz tem até hoje andado pessimamente governado : é uma armadilha, que é preciso deitar a terra, para a substituir por uma república de papo amarello, em que mais ninguém hade trabalhar! o govêrno havendo dinheiro (sem que niuguem saiba d'onde lhe ha de vir), hade mandar apromptar tantos banquetes, que hão de ser levados em carros pelas casas, afim de cada um se servir do que quizer.

Talvez alguém cuide que isto mereceu geral approvação : qual historia! cabeça de inglez é dura : não se leva assim com duas razões. Reuniu-se a nação porção d'elles, que não são dos taes: tambem fez seo sermão, em que prometteu que por meios moraes e *physicos* (está escripto assim mesmo) havia de obstar a que chegue essa idade, que não será de ouro, mas será de comizaínas. Estes esturrados parece que pensam que lá em Inglaterra todo o republicano ou é velhaco ou tolo. Terão elles razão?

OTTON.

Ao pé do mal o remedio.

O Largo do Paço, chrisnado, por graça da Illma. Câmara Municipal em Praça de D. Pedro II, (com o que certamente muito ganhou a salubridade e aformoseamento d'esta boa cidade, fim que a lei especialmente incumbiu áquella corporação) o Largo do Paço, diziamos, tem çafariz. Mandaram-lhe fazer a barba, e vestir camisa lavada, mas deixaram-lhe o seo antigo officio, que é dar de beber a quem tem sêde.

E pois quando lhe deixam chegar água ás bicas (o que nem sempre acontece), lá continua elle na prática d'aquella importante obra de misericórdia. Quem tiver sêde, havendo água em bica, é beber até fartar. Nem custa dinheiro, cousa que ja é bem rara no Rio de Janeiro. Mas é certo: água de çafariz em primeira mão obtem-se de graça, a não ser alguma boidouada que o pobre do preto leva de algum urbano: porém isso não se conta.

Mas quem bebe água, tem necessidade de a despejar: isso é dos livros.

A necessidade de um logar accommodado e próprio nas immediações do çafariz, é de intuição.

Ora ahí está a razão porque em frente ao tal sôbre dicto çafariz, mandou a Illma. collocar uma Jatriza. ou como melhor nome haja.

Se está collocada bem em frente ao çafariz, é para poder ser vista dos que d'ella precisarem.

Se não foi accommodada em algum pequeno gabinete na casa, que próximo áquelle lugar, foi mandada levantar, foi não só porque 'nesse caso deixaria de estar bem á vista, e sôbre tudo porque o logar, em que poderia estar esse gabinete, poderá render á Illma. algumas dezenas de mil reis annualmente, o que não é cousa que se desprese.

E se é um dos primeiros objectos, que encontra um estrangeiro, que aporta a nossas praias, é para que logo possa escrever para a sua terra, fazendo ver como a nossa municipalidade se occupa de nossos cômodos e necessidades, o que não póde deixar de attrahir ao paiz grande immigração.

OTTON.

QUESTÕES DO DIA

N.º 32

RIO DE JANEIRO, 17 DE JANEIRO DE 1872.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Lammert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua de General Camara.—Livraria Academica, Rua de S. Jose n. 119—Largo do Paço n. C.—Preço 200 reis.
O 1º volume, com perto de 400 páginas—38000.

Ignez de Castro.

TRAGEDIA DE JULIO DE CASTILHO.

I.

Os amores do infante D. Pedro, e a trágica morte de D. Ignez de Castro, em 1355, no reinado de El-rei D. Affonso IV, que morreu 2 annos depois, são o quadro de um amor tão majestosamente sublime, e de uma ferocidade tão pavorosamente execravel, que não tem similhante nos annaes do mundo. As mythologias do paganismo, tão imaginativas, e fecundas nas creações do amor e da crueldade, nada nos indicam de idêntico; as chônicas dos povos, desinrolando os pergaminhos de seus successos notaveis, nada nos aponctam que se alce ao sublime e horrivel d'aquelle singular episódio da história portugueza.

D. Pedro incontrára um dia nos aposentos do paço real, em companhia da rainha sua mãe, aquella mulher formosa, tal como nos bellos dias da arte grega a haviam sonhado Phidias, Praxiteles e Pamphylo, nos arrôbos supremos d'aquellas almas tão feitas á imagem e similhaça do Omnipotente. Aquella fada das theogonias, na sua mais esplendida manifestação da formosura ideal, com seo *collo de garça*, sua face de neve e carmim, seus cabellos de ouro em madeixas fluctuantes, emoldurando o oval d'aquelle rôsto de anjo; o azul celeste d'aquelles olhos, todo aquelle complexo excelso de maravilhas lhe introu pelo íntimo d'alma, e alma d'aquelles tempos de glórias portuguezas, tempos de fé e de gentilezas, tempos honrados pelas conquistas da Cruz, pelos brios de cavalheiros e pela observância do juramento.

Vêl'-a, amal'-a, arrebatat-se, sentir-se nobilitado pelo amor, incher-se de uma nova vida, adunar-se em corpo e alma ao objecto que lhe exalçava o espirito e os ex-

tremos acima das proporções do nivel conhecido; foi tudo principio e fim, effeito e causa, e tudo tão asinha abrolhado d'aquelle primeiro encontro, que mais parecia o súbito arremessar de cratera comprimida no bôjo d'um vulcão ou o improviso effeito do raio desprendido das nuvens, que o desbrochar de uma paixão em peito de homem.

Mutuaram-se affectos e carinhos, e aquellas duas almas sublimes leram e guardaram no fundo do coração a grande epopéa de um amor que não teve, nem tem igual na humanidade inteira.

D. Pedro, o infante herdeiro de um throno nobilitado e afamado pela miraculosa victória do Campo d'Ourique e pelas glórias não menos grandes de Alcacer do Sal, do reino dos Algarves conquistado aos mouros, de Castella e de Aragão, de Andaluzia e d'Africa, e das margens do Salado, despresava toda a linhagem gloriosa de que vinha, não ambicionava o throno glorificado por seos avoengos, porque seo throno, sua glória, seo futuro inteiro, o éden de suas esperanças, estava tudo na alma de sua alma, na vida de sua vida, que tudo isto era a formosíssima Ignez, de cujo amor não haviam desvial'-o nem as fôrças de Portugal inteiro, nem as amiaças da suberba Castella. Obstáculos o cercavam por toda a parte; tramavam-se conspirações tenebrosamente, nada demovia o infante; cavalheiro, valoroso, leal e magnânimo, tinha lavrado no livro de seo coração o juramento de preito e homenagem á senhora absoluta de sua vontade, de seos extremos, de suas acções e de sua vida. Nem o sobresenho carregado e amiaçador de seo pae e seo rei, nem as lágrymas de sua sancta mãe e rainha, nem a philauciosa suberba da côrte e dos nobres do reino, nem o tumultuar do povo nas ruas e nas praças, que gritava contra a alliança de um principe com a plebea e peay Ignez de Castro (ainda que de muito subida stirpe vinha ella); nada de tudo isto amedrontava o infante, que era elle, só e desamparado, a náu possante que no meio do oceano revôlto e negro, e batida de todos os ludos pelas indómitas lufadas de temporal desfeito, não se afundava, nem ao menos roçava a quilha nos alfaques.

No emtanto, a sobranceria do rei, o induzimento sinistro dos conselheiros, a suberba jactanciosa dos nobres, a vozeria estrugidora dos populares, eram o rugir medonho de tempestade horrivel; ennegrecia-se pavorosamente aquelle céo infausto; relâmpagos sinistros cru-

zavam os espaços tenebrosos de uma atmosphera de lucto ; todo este vertiginoso remoinhar desincadeado dos elementos era o prenúncio de uma catástrophe que ainda hoje, ha quasi seis séculos de distancia ! faz gelar de horror, humilha e invergonha a humanidade.

O rei era incerto e vário na resolução, os conselheiros desalmados e sanguinários no intento, e a victima expiatória estava irremissivelmente votada ao sacrificio, sem embargo do sentir de nobres e leaes cavalheiros que exprimiam os sentimentos da humanidade, e o respeito ás damas como soia haver 'naquelles tempos cavalheirosos, em que se contrastavam bravuras e pondonores, arbitrios e cruezas. Coimbra, a rainha do Mondêgo, que corre e se recurva humilhado a seos pés; Coimbra, debruçada na incosta de seo monte, com seos afamados campos, seos frondosos salgueiraeas, seo admiravel aqueducto, e sua Sé, cuja antiguidade se perde nos tempos, lá tem para memória eterna de um reinado e de um século a *Quinta das Idgrymas*, onde geme em solidão a *Fonte dos amores*, tão divinamente celebrada pelo immortal poeta dos *Lustadas*; lá tem esse monumento de angústias, de martyrio e de ferocidade, maculando uma história e fazendo verter prancto de dó a todas as gerações que se succedem.

Foi ahi que no infausto dia 7 de janeiro de 1355, os pérfidos conselheiros Alvaro Gonçalves, Diogo Paçheco e Pedro Coelho, levando comsigo o rei, de Monte-Môr o Velho, foram juizes e algozes a um tempo ; cravando desapiedadamente punhaes no seio alabastrino da virtuosa Iñez de Castro, a mais esplêndida formosura de seo tempo, a mais desventurada esposa e mãe de que se faz menção nos annaes da humanidade. Nada pôde apiedar os tigres sedentos de sangue ; aquella desditosa aos pés do rei com tres innocentes filhos, netos d'elle ; o gemer e soluçar d'aquelles anjos, abraçados ás plantas de seo avô, implorando misericórdia para sua sancta mãe.... nada, nada abrandou a fúria dos sicários.

E a victima innocente dos preconceitos de seo século, caiu aos pés dos implacaveis algôzes, como estátua de alabastro colorida de púrpura ; e a sua voz, intercortada na tribulação da morte, ainda proferia o nome de seo príncipe, que, tão distanciado, não podia soccorrer aquella que lhe era a luz e a vida.

Foi sepultada no claustro do mosteiro de Sancta Clara.

D. Pedro volta, e busca o ídolo de sua alma; informado da catástrophe, ullulou como a hyena, como o lão no deserto rugiu feroz e amiaçador e bradou — *Vinganca!! — Vingança* — repetiram os echos das montanhas, e o Mondego levava ao oceano a palavra tremenda, que por muito tempo os montes, os valles e os campos repetiram. Súbita transformação se operára no espírito do desditoso infante; parecia que o homem ia deshumanar-se; parecia que todos os sentimentos de humanidade se tinham transformado no instincto da vingança. Parece mesmo que a natureza estremeceu e se convulsou á vista de tamanho horror e de tão inaudita crueldade e do castigo horrivel que tumultuava no peito do vingador.

A 21 de agosto de 1856 um grande terremoto causou consideraveis estragos, e mezes depois, em maio do anno seguinte, succumbia o rei D. Affonso IV, que é appellidado: filho ingrato, irmão injusto, e pae cruel.

O infante, que em vida de seo pae bramira furioso, e que no excesso de seo desatino pela morte bárbara da querida Ignez sua, — cego da dor que o excruciaava, pegára em armas, convocára seos amigos, devastara e posera a ferro e fogo as provincias do norte do reino, acabou todavia por ceder aos conselhos prudentes da rainha sua mãe e do arcebispo de Braga e voltou á vida de soledade onde quiçá ruminava os planos de seo pensamento fixo — a *vingança*.

Dous annos depois da catástrophe, subia ao throno o triste infante, orpham de tanto amor, e era proclamado pela juncta dos tres estados o Sr. D. Pedro I, rei de Portugal. Foi seo primeiro cuidado contrahir um tractado de alliança com Pedro, o Cruel, rei de Castella, contra o rei de Aragão, embora contra o voto dos conselheiros, para obter a entrega dos assassinos de Ignez: colheu ás mãos Alvaro Gonçalves e Pedro Coelho, tendo-se escapado Diogo Paçheco. Inventaram-se os mais satânicos tormentos; o rei que assistia ao supplicio animava os algozes, e chegou por sua propria mão a fustigar uma das victimas, mandando arrancar o coração a um pela frente, a outro pelas costas!!! Este acto que toca o apogêo da crueldade, só incontra escusa no delirio de um amor sem têrmo, na idéa fixa de um martyrio excruciante, no pensamento inabalavel de uma punição emparelhada á crueldade inaudita do assassinato feroz de uma victima innocente, sacrificada ao rancor de miseraveis sycophantas.

Em seguida o rei convoca as côrtes, declara e jura solemnemente seo casamento com D. Ignez de Castro, tendo sido celebrado em Bragança, presente o bispo da Guarda e o reposteiro mór; e de tudo se lavrou termo.

Mandou desinterrar o cadaver, cingiu-o das reaes insignias, pôz-lhe a corôa de rainha na cabeça, sentou aquelle corpo inanimado no throno de seos avós, e ordenou que todos lhe beijassem a mão como rainha de Portugal, fazendo-lhe todas as houras e ordenando-lhe depois o saimento para Alcobaça com tamanho esplendor e magnificência, como nunca se houvera visto, acompanhado de toda a côrte, grandes do reino e fidalgos, todo o clero, prelados e mais dignidades, mandando-lhe erigir um magnifico mausolêo reunido a outro que lhe era destinado; e quando se lhe antepunham embaraços na governança de seos Estados ia debruçar-se sobre o mármore frio do túmulo e pedir inspirações ás cinzas d'aquella, cujas recordações lhe inchiam e occupavam a vida inteira. Todas estas magnificências, respeitos e acatamentos pósthumos, são o symbolo sublime do ideal do amor, da saudade eterna, da lealdade immaculada, e do pungir de uma dôr sem limites.

O príncipe D. Pedro foi o protótypo da firmeza, e estabilidade do amor á mulher da escolha de seo coração; foi o modêlo da saudade, da reverência e da dedicação pósthumas; foi o poeta elegiaco que soube crear uma epopéa para estampal-a no pórtico de todos os séculos e achar no coração de cada poeta um echo, e nos olhos de quantos tiverem alma capaz de sentir, uma lágryma.

Cumpre porê m dizer, que D. Pedro foi como o mar, negro e furiosamente revôlto durante a sanha indômita da tempestade; calmo, plácido e sereno no repouso dos elementos. Aquietado o furor da vingança, tornou-se homem; apacado o allívio do desaggravo, tornou-se rei, e é chamado na história — o *Justiceiro*.—

MUCIO SCORVOLA.

— —

(*Continúa.*)

NONA CARTA DE CINCINNATO A SEMPRONIO.

Rio de Janeiro, 5 de Janeiro de 1872.

Amigo.

Meo dicto, meo feito; fui propheta; e não admira, que se sou alveitar, tal me fez o mal dos meos burricos; asinha prophetiza (para deante), quem não é senão his-

torizador (para traz) ; o hontem costuma trazer no bôjo o amanhã.

A 29 do passado, escrevia-te eu que « havia críticos-cuja praxe é applicar ao livro mais pifio certos termos encomiásticos e bombásticos, taes como : estupendo primor ; esmalte de eloquência e belleza ; auge de perfeição ; fêcho de abóbada litterária ; *non plus ultra* da sapiência ; cinta, capitel e corôa da columna das letras.....

« Ora, toda esta algaravia, esta cascalheira, o que significa é o dialecto do elogio mútuo, ou uma bajulação tôrpe, ou uma ignorância philauciosa com que vãos sons pretendem incobrir deficiência de idéas e incompetência de julgamento. »

E logo no dia immediato me traziam um número do jornal predilecto do Sr. Alencar, a *República*, o infeliz pelourinho do *Til*, com um panegyrico, do tal género pantafaçudo, ao famoso *Tronco do Ipê* (de que a seo tempo me occuparei), onde li cousas do arco da velha, taes como que na lingua portugueza, aqui e alem-mar, em bem poucos romances se poderá deter a attenção! quando este último quarto de século brilha com innumeraveis romances originaes, dos quaes o derradeiro fica cem léguas acima do melhor do Sr. de Alencar. (*)

(*) Deixo aos outros qualificar como lhes approuver esta injustíssima e ingrattíssima accusação. E' exactamente no género romance e contos, que a litteratura d'este último quarto de século se tem inriquecido opulentamente, e de modo tal que talvez nenhum outro idioma haja produzido tão elevado número de joias litterárias, algumas das quaes de subido valor.

A' testa d'essa aguerrida phalange fulgura com deslumbrante brilho Camillo Castello Branco, não só de infatigavel e assombrosamente fecundo estro, mas (sôbre tudo nos últimos 12 annos) de valentia de imaginação, elegancia de phrase, graça e mimo de expressão, originalidade e naturalidade de inrêdos, riqueza de pensar e sentia, harmonia da prosa, vernaculidade do dizer, inthesourar de termos pittorescos desingastados da lingua popular ou das páginas dos bons livros, termos e locuções que opulentarão os nossos léxicons ; o que tudo o colloca em altura inacessivel 'nesta especialidade.

Muitos outros peregrinos talentos, porém, se têm dado a este ramo, que até verdadeiramente se pôde dizer que nasceu entre nós ha poucos annos. E pois que importa rebater uma asserção, tendente, como em tantos objectos é do uso de certos patriotas, a deprimir as nossas cousas 'naquillo mesmo em que ellas mais louvor merecem, acho conveniente aponctar aqui algumas das obras de alguns dos modernos auctores, que exactamente se tem occupado distinctamente de escrever romances, originaes, que o imparcial crítico stygmatisa como indignos de menção !

Vai indo aquillo por alli abaixo na mesma afinação e depois dá-me para o meo tabaco. Denuncia que eu *não tenho espada e não tenho charrua*, faltas estas que me fazem muita falta; proclama-me *romano degenerado*, e portanto inferior a qualquer ganço do capitólio, d'aquelles que nós sabemos; *diz que eu não posso lavrar as modestas geiras do meo património*, do que os meos boi-sinhos se deram por insultados; e representa-me *incapaz de salvar a pátria*, privilégio reservado aos Salvadores.

Como porém não é a minha triste figura que está em discussão, passemos ja á apologia do Sr. Alencar. Queres saber como se responde ás tuas profundas análises, ás tuas demonstrações, assim como ás minhas respeitadas dúvidas? Queres ver a argumentação adamantina com

Não ha necessidade de fixar ordem nem na chronologia, nem no mérito das publicações. Eis-ahi indicações lançadas ao acaso:

CAMILLO CASTELLO BRANCO:—Aguilha em palheiro—Amor de perdição—Amor de salvação—Anáthema—Annos de prosa—Aventuras de Basílio Fernandes Inxertado—O bem e o mal—Bruxa de Monte-Córdova—Carlota Angela—Coração, Cabeça, Estômago—Cousas espantosas—A Doida do Candal—Doze Casamentos felizes—A Ingeitada—O esqueleto—Estréllas funestas—Estréllas propícias—A filha do arcediago—A filha do Doctor negro—Um homem de bríos—O Judeo—Lágrimas abençoadas—Livro negro do Padre Diniz—Lucta de gigantes—Memorias de Guilherme do Amaral—Mystérios de Fafe—Mystérios de Lisboa—A neta do arcediago—Noites de Lamego—O olho de vidro—Onde está a felicidade?—O que fazem mulheres—A quéda de um anjo—O retrato de Ricardina—O Romance de um homem rico—O Sancto da montanha—O Sangue—Scenas contemporâneas—O Senhor do Passo de Ninães—A sereia—Ultima palavra da Consciência (*Solemnia verba*)—As tres irmans—Vingança—Vinte horas de leitura—As virtudes antigas, ou a freira que fazia chagas e o frade que fazia reis—Os brilhantes do brasileiro—Cavar em ruinas—Cousas leves e pesadas—Cousas espantosas—Duas horas de leitura—Taunay—Memórias do Cárcere—Memórias do Fr. João de S. J. Queiróz—O mosaico—No Bom Jesus do Monte—Romance de um rapaz pobre—Scenas da Fóz—Scenas innocentes da Comédia humana—A mulher fatal.

ALEXANDRE HERCULANO:—O alcaide de Santarem—O hóbo—Eurico—O Monge de Cister—Lendas e narrativas—O Monástico.

PEREIRA DA CUNHA:—Brios heroicos de portuguezes—Contos da minha terra.

ANDRADE CORVO:—Um anno na Côte—O sentimentalismo.

JOSE JOAQUIM RODRIGUES DE BASTOS:—O Médico do Deserto.

TEIXEIRA DE VASCONCELLOS:—O Prato d'arroz doce—ROBERTO

VALENÇA—A ermida de Castromino.

ANDRADE FERREIRA:—Tradições e phantasias.

que se pulverizam conscienciosos estudos, e com que se justificam as taes cousas que nós pergunçâmos se não são erros palmares?

Escuta cá esta mirífica justificação :

1.º O *ϖαϖοδ* que com maior brilho ha até hoje inscripto o nome em nossos annaes litterários é, *sem contestação razoavel* (cómmodo), José de Alencar. »

ESTUPENDO PRIMOR !

2.º « Cada uma de suas novas composições revela o observador profundo »

AUGE DE PERFEIÇÃO !

3.º « Veste de mil incantos a realidade positiva *das existências as mais simples* » (é portuguez à moda de Sénio)

ESMALTE DE ELOQUENCIA E BELLEZA !

4.º » O Tronco do Ipê é mais uma prova brilhante do meo asserto »

NON PLUS ULTRA DA SAPIENCIA !

5.º « Characteres bem delineados, estylo elegantissimo, são os seus mais notaveis predicados » (Que taes serão os outros !)

FRANCISCO MANOEL BORDALLO :— Eugénio—Viagem á roda de Lisboa.

JULIO DINIZ (Dr. Joaquim Guilherme Gomes Coelho)—Morgadinha dos Cannaviaes—Uma Familia Inglesa—As Pupillas do Sr. Reitor—Os Novellos da Tia Philomella—O Espólio do Sr. Cypriano—As Apprehensões de uma Mãe—Uma flôr d'entre o gêlo.

REBELLO DA SILVA :—A tomada de Ceuta—Contos do Serão—Raúso por homisio—A mocidade de D. João V—Lágrymas e Thesouros—A Casa dos phantasmas—Odio Velho não cança—A pena de Talião.

DR. A. SILVA GAIO :—Mário.

LOPES DE MENDONÇA :—Memórias de um Dóido.

JULIO DE CASTILHO :—Memórias dos Vinte Annos.

THOMAZ RIBEIRO :—D. Jayme—Delphina do Mal.

ANTONIO COELHO LOUSAÑA :—Os Tripeiros—A rua Escura—Na Consciência.

GARRETT :—Arco de Sant'Anna.

ARNALDO GAMA :—O Génio do Mal— A Caldeira de Pero Bote-lho—O Segredo do Abbade—O Sargento Mór de Villar—A Ultima Dona de S. Nicoláo— O Motim—Ha cem Annos— O Filho do Baldaia—Honra ou Loucura—Verdades e Ficções.

EUGENIO DE CASTILHO :—Miragens da Felicidade.

A. D. DE PASCHOAL :—A Morte Moral.

FRANCISCO LUIZ GOMES :—Os Brahamanes.

DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO :—Os Dous Amores—O Moço Loiro— A Moreninha—Rosa— Vicentina— As Vítimas—algozes—Romance de Uma Velha.

JULIO CESAR MACHADO :— Contos a Vapor— contos ao Luar—

FECHO DE ABÓBADA LITTERARIA!

6.º « Scenas ha em que o talento da descripção assume proporções cooperianas; e para não estender-me (a fio comprido), basta assignalar a narração da scena do boqueirão..... E' d'essas obras d'arte que hão-de passar de geração em geração como representantes de uma época litterária, e iniciadoras do romance nacional. »

CINTA, CAPITEL E COROA DA COLUMNA DAS LETTRAS.

Então, não estava eu adivinhando? Agora no campo republicano é natural esta linguagem para com o neóphyto, até que a centessima revira-volta de amanhã os faça apupar o hoje indensado. E' a algaravia; é a cascalheira; são os palavrões sesquipedaes; os juizos superficiaes e bombásticos; as apreciações vagas; os ribombos pyrotéchnicos, ou as espadas Alexandrinas.

Curiosas rebemditas! Demonstra-se-lhes o contrário de tudo isto; não contestam o incontestavel; e *pur si muove!* São a mulher da tesourinha

Allega-se e prova-se que os characteres são mal traçados, e como se responde? « *Os characteres são bem delineados.* »

Allega-se e prova-se que as denominadas observações do romancista são falsas, e como se responde? « *Estas composições revelam o observador profundo.* »

Allega-se e prova-se que o nobre escriptor commette, a cada passo, os mais graves êrros da língua, e como se

Estevam—Histórias para Gente Moça—A Vida em Lisboa—Passeios e Phantasias—Scenas de minha Terra.

MATHEUS DE MAGALHÃES:—Mulher Funesta—Homem Funesto—Receita para curar paixões.

MENDES LEAL:—Calabar—Sonho da Vida—Aventuras de Margal—Estouro—Mosqueteiros.

D. MARIA PEREGRINA DE SOUZA:—Retalho do Mundo—Rhadamanto.

PEREIRA DA SILVA:—Manoel de Moraes.

PINHEIRO CHAGAS:—A Corte de D. João V—A Flor Sêcca—Tristezas á beira-mar—A Virgem Guaraciaba—Contos e Descripções.

JOSÉ DE TORRES:—Lendas Peninsulares.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES:—Mantas de Retalho—Cartas do um Roceiro.

ESCHAGNOLLE TAUNAY:—A Mocidade de Trajano.

RAVALHO ORTIGÃO:—Em Paris—Mystério da Estrada de Cynthra.

D. MARIA ANALIA VAZ DE CARVALHO:—Uma Primavera de Mulher.

ANTONIO D'OLIVEIRA MARRECA:—Manoel de Souza Sepúlveda—O Conde Soberano de Castella, etc.. etc.

responde ? « *O seo maior predicado é o estylo elegantissimo.* »

Et sic de cæteris.

Comprehender-se-hia que, após uma polémica illustrada, em que os preclaros adversários lealmente triumphassem de ti, e de nós todos, e nos convencessem dos nossos êrros e de que são bellezas o que de defeitos qualificâmos, rematasssem com esses *ip! ip! hurrahs!* ao seo actual idolo; mas sollicitarem o *plaudite manibus* antes de abrirem o bico, perdõem-nos os sapientes confrades republicanos, não é das mais razoaveis exigências.

'Noutra folha, que ahi vem lá de outra República, apparece tambem uma correspondência sôbre o *Guarany*, onde se leem cousas do arco d'outra velha. Rompe assim:

—« Em J. d'Alencar possuem as lettras brazileiras o seo Chateaubriand. »

E lê-se logo no § immediato, o 2º :

—« Entre Chateaubriand e J. d'Alencar ha um despenhadeiro profundo, ou antes uma revolução! »

E no 3º § lê-se mais isto :

—« Approximar-se os dous escriptores é um impossivel deante de suas obras! que o protestam! em presença da critica, que, separando-os, ergue-lhes 2 pedestaes etc. etc. »

Preceitos que mais obrigam!

Pedir quem póde mandar!

Possuímos pois um Alencar que é, tal e qual, um Chateaubriand; mas fiquem tambem certos que o Chateaubriand e o Alencar não se parecem nada!!

Faz-me lembrar um sujeito do meo conhecimento, e muito gracioso, que um dia 'numa conversa, caíndo em si, se saiu com um disparate muito galante:

— 'O' Cincinnato, viste hoje o Figueiredo?

— Figueiredo! Não conheço.

— Esteve hontem comno-co em casa do José Estácio.

— Estava lá tanta gente! Podes dar alguns signaes?..

— E' tal e qual como o Possidúoio: a differença está só em ser mais baixo, menos córado, cabellos mais arripiados. olhos pequenitos. bôcca muito maícr, em falar meio tatibitati, em ter uns 20 annos de idade mais... e em não se parecer nada.

Já se vê que com similhante photographia, se o Sr. Figueiredo passasse naquelle momento deante de mim, exclamaria eu logo: *Ecce homo!*

Chateaubriand-Alencar : *vide* Figueiredo-Possidônio. No tal artigo sôbre o *Guarany* (outra producção que, se Deus me dêr vida e tempo inutil, tambem hade vir para a berlinda), egualmente fulguram, entre outras particularidades, os enthusiasmos laudatórios. Olha aqui:

— « Alencar é grande pelo génio!... No seo *Guarany* não se encontra uma lauda inferior ás do *Atila* e *Natches*!... Alencar é o creador do drama realista no Brazil! Tem todas as elegâncias de um estylo a trasbordar de opulências!... Os personagens de Alencar remontam-se a *um sentir que se localiza*!... O *Guarany* irá inriquecer as estantes da litteratura européa, como uma biblia sancta que recorda a legenda de um povo talhado para grandes destinos!... Esta scena incerra a *syntheses* do romance!... Verdadeiro triumpho é este para as lettras brazileiras, e mais ainda para as do universo!... O Brazil conquistou mais uma corôa.... »

Sim : « CINTA, CAPITEL E CORÔA DA COLUMNA DAS LETTRAS. »

O responso está divertido. Um leigo grita : « V. Rev. é um Octaviano » (um ôlho dera elle ao demo). O outro diz : « V. Revm. é um Fenimore Cooper ». Torna o primeiro : « V. Revm. vence o auctor de Ontário ». Redargúe o segundo : « V. Revm. não é, mas é, Chateaubriand ». E cá o outro leigo responde-lhes : « Obrigado, meo povo ; obrigado a Vossas Reverendíssimas. »

Eu sou da mesma opinião, e concordo em que o illustre romancista seja, por um *senatus-consulto*, promovido a semi-deus, ou a *deus e meio*, o que já estes bons críticos estão, por um *és não és*, propondo que o proclamemos. O Rio de Janeiro está montado a cavallo no trópico de Capricórnio ; ora a *reminiscência* de Platão, e a *metempsychose* de Pythágoras fizeram dos dous trópicos duas portas, pelas quaes sobem e baixam do céu as almas — por *Cancro*, as dos homens — e as dos deuses, por *Capricórnio*. Portanto, e pois que a fábula não mente, competia cá a este deus baixar á terra, não por Baependy, mas pela côrte do Rio de Janeiro. Pouco perde em ter perdido a senatória, quem ganhou honras divinas.

Se eu me regular por um grande pensador, direi que embora o errar seja propriedade da natureza humana — o conhecer o erro é de homem de juízo — o emendal-o é de homem sábio — o perseverar 'nelle é de stulto — o patrocinal-o é de demónio.

Porque sinto um certo embrulhamento de estômago, contento-me hoje com esta dóse homeopáthica, e fica o *Til* para a outra vez.

Teo dedicado

— — Cincinnato.

OBRAS DE J. DE ALENCAR — A IRACEMA.

VII

Meo respeitavel amigo. Sem mais preâmbulo.

Diz J. de Alencar que Martins Soares Moreno era filho do Rio Grande do Norte (*Iracema*, pag. 93 e 180)

Diz mais que « em 1603, Pero Coelho, homem nobre da Parahyba, partiu como capitão-mór de descoberta, chegou á foz do Jaguaribe, e ahi fundou o povoado, que teve nome de *Nova-Lisbôa* » (pag. 159); e que « nesta primeira expedição (porque houve segunda, a de João Soromenho, como diz J. de Alencar) foi do Rio Grande do Norte um moço, de nome Martim Soares Moreno, que se ligou de amizade com Jacaúna, chefe dos indios do littoral, e seo irmão Poty » (pag. 160).

Ora, que em 1603 partiu Pedro Coelho para colonizar o Ceará, e que em sua companhia foi Martim Soares Moreno, dizem-n'o todos os historiadores e chronistas do tempo. Pois bom; guarda tu bem em memória, que em 1603 Martim Soares Moreno estava no Ceará com Pedro Coêlho.

Mas pergunto eu : em que data se fez a conquista do Rio Grande do Norte ? Vai responder por mim um historiador:

« 1597—'Neste anno fez-se a conquista do Rio Grande do Norte por ordem de Philippe I, com o intuito de impedir aos francezes a exportação do páj brazil, e de domar os Potyguaras, que destruíam todas as plantações dos moradores da Parahyba, e estorvavam o progresso d'esta colónia.

« D. Francisco de Souza, Governador e Capitão General do Estado do Brazil, contribuiu com todas as despesas, à custa da Real Fazenda. A esquadra que se aprestára em Pernambuco, levando um Jesuita por engenheiro e um Franciscano por intérprete da língua dos indigenas, navegou destinadamente á embccadura do Rio Grande, que era o pôrto mais visitado pelos corsários.

« A empresa teve princípio com um fortim de madeira, juncto ao lugar onde hoje está a fortaleza dos Reis, e cujo primeiro commandante, Jerónimo de Albuquerque, teve muitos e renhidos combates com os

indígenas por mais de um anno, até que travando amizade com um dos chefes, chamado Sorobabé, por mediação de um índio alliado, teve a oportunidade de lançar os fundamentos da cidade, que tomou o nome do Natal, por se encontrar a inauguração da sua matriz com a festividade do nascimento do Redemptor, no anno de 1599. » (*Deducção Chronológica*, do General J. I. de Abreu e Lima, pag. 62).

Do que acabo de citar, o que é que se evidencia? Que antes de 1597 não existia no Rio Grande do Norte o menor indício de colonização, e muito menos portuguezia; que só 'nesse anno foi que ahi teve principio o primeiro estabelecimento, consistente em um fortim de madeira; e que, graças á mediação de um índio alliado, que se relacionou com o chefe Sorobabé, foi que teve Jerónimo de Albuquerque oportunidade de lançar os fundamentos da cidade do Natal. Cumpre advertir, antes de tudo, que esses mesmos fundamentos só os poudo Jerónimo de Albuquerque lançar em 1599, porque de 1597 até essa última data levou elle em *renhidos combates com os índios*. O mesmo auctor, na pag. 64 da sua citada *Deducção*, diz:

« 1599. - 'Neste anno começou Jerónimo de Albuquerque, natural de Pernambuco, a fundar a cidade do Natal, hoje capital da provincia do Rio Grande do Norte.»

Admittida por tanto a hypóthese (inadmissivel, como se provará) de haver Soares Moreno (segundo affirma J. de Alencar) nascido no Rio Grande, este facto de modo nephum poderia ter tido logar antes de 1597, porque d'este anno para traz o Rio Grande estava em pleno dominio dos selvagens Potyguáras, que, se algumas transacções tiham, era com Francezes, que « vinham traficar em páo brazil », como faziam na Parahyba. O auctor citado refere a pag. 52 o seguinte: « Os Potyguáras, naturaes da Parahyba, unidos com os Francezes, que vinham traficar em páo-brazil, faziam graves danos aos povoados de Itamaracá e de Iguarassú, etc. »

Ora, ainda admittida a primeira hypóthese, fôra necessário, para que Soares Moreno houvesse nascido logo no primeiro anno da conquista do Rio Grande, que, ou a mãe de Moreno houvesse ido na tal *esquadra* de Jerónimo de Albuquerque, o que não é comtudo muito presumivel, porque o guerreiro devia anteceder á familia e preparar-lhe os necessários cômmodos e garantias; ou que fosse ella natural do logar, o que, em todo o caso, só poderia acontecer depois de 1597.

Mas não seja esta a dúvida; dêmos de barato que a mãe de Moreno fôsse na expedição guerreira de Albuquerque, e até que já fôsse em estado de adeantada gravidez, de sorte que logo nos primeiros dias da chegada tivesse o seo bom successo.

Combinando as datas, a que conclusão chegaremos? A' seguinte, que não deixa de ser curiosa e sobretudo digna do talento *inventivo* do chefe da nossa litteratura, a saber: que Martim Soares Moreno, nascido em 1597, tinha necessariamente em 1603, quando accompanhou Pedro Coelho ao Ceará, 6 annos de idade. Será isso crível? Examinemos.

O citado historiador, na pag. 70, diz que Diogo de Menezes « contentou-se com inviar ao Ceará (em 1610) um *official* portuguez, que *tinha acompanhado a Pedro Coelho* (em 1603) e se havia *conduzido bem* com os indios, etc. » Logo, a prevalecer a opinião do Sr. Alencar, temos Martim aos 6 annos de edade feito *official*, e aos 6 annos *conduzindo-se bem* com os indios. Prodigio! Esse chefe da nossa litteratura, se continuar assim, dá decididamente com a pobresita em pantana! Com a litteratura só? Com a história tambem, para glória do Brazil e dos idólatras. Ah! Rilhafolles!

Mas dirá o Sr. Alencar (digo, alguém por elle) que, abrindo o 2º vol. das *Obras* de J. F. Lisboa (que substanciou os dizeres dos mais accreditados historiadores) se acha na pag. 74, o seguinte tópico em seo favor:

« Tinha Diogo de Campos um próximo parente, ao qual de *mui tenra edade* fizera accompanhar a expedição de Pedro Coelho. »

Sim, senhor; vi ahí essa *mui tenra edade*. Mas, peço-lhe vénia para continuar a ler o mesmo auctor, na mesma página e no mesmo poncto, e veremos quem tem razão.

« Tinha Diogo de Campos um próximo parente ao qual de *mui tenra edade* fizera accompanhar a expedição de Pedro Coelho, afim de que, *aprendendo* a lingua dos indigenas, e *estudando* os seus *costumes*, se fizesse seo tão familiar, que elles o tivessem como amigo, parente ou compadre, segundo usam de chamar ás pessoas a quem criam afeição. »

Primeiramente o fim que teve em vista Diogo de Campos, mandando Moreno na expedição de Coelho, foi *aprender* elle a *lingua dos indigenas*, e *estudar* os seus *costumes*. Pois bem: ninguem incumbe um *menino* de 6 annos de tarefa tal, evidentemente fóra do alcance *ainda do mais habil* 'nesta edade. A história declara ser

Martim habil e industrioso. Mas, apesar disso, não é crível que em tão verdes annos, o intregasse a si somente Diogo de Campos, homem de aviso; e muito menos que confiasse em que, em taes circumstâncias, surtisse effeito o expediente. Logo as palavras *mui tenra idade* se devem intender *muito moço, ou rapaz, ou joven, e não menino* de 6 annos. 'Naquelles tempos, em que as empresas arriscadas só eram confiadas a espiritos maduros, a homens feitos e provecos, deveria não só despertar certo reparo expôr-se um *moço* a taes provas, como também ser pelos chronistas considerado de *mui tenra idade* quem talvez se achava em plena *infância*.

Em segundo logar, cumpre ainda dizer que o próprio citado historiador confirma em seguida esta interpretação, nos seguintes termos:

« Houve-se o *mancebo*, chamado Martim Soares Moreno, com tanto *aviso e discrição*, que, mallograda a expedição de Pedro Coêlho, e repellidos depois os dous padres jesuitas, elle só continuou a conservar a affeição dos índios, um dos quaes, o principal, Jacauna, até o nomeava filho, e o acolheu com grandes alvoroços e satisfação, quando chegou ao Ceará, despachado capitão pelo governador geral. »

Ora, primeiramente não é verosimil que uma creança de 6 annos se houvesse com esse apregoadado *aviso e discrição*; e tanto não era creança, que o historiador lhe dá o nome de *mancebo*; e depois, releva observar que também inverosimil se affigura que o nomeasse capitão-mór do Ceará o governador geral se elle tivesse 10 annos, idade que, a prevalecer a opinião do *chefe da nossa litteratura*, devia ter Martim, pois que recebeu essa nomeação em 1610.

Sempre desejára que fôsse o próprio Sr. Alencar quem explicasse estes impossiveis, e não uinguem por nenhum. Esse chefe da nossa litteratura está-me parecendo que também pretende os louros de chefe da nossa história. E que chefe!

Mas não é tudo. Dêmos de barato que Martim accompanhasse a Coêlho para *aprender a lingua e estudar os costumes* dos índios, com 6 annos; que com 6 annos se houvesse com todo aquelle *aviso e discrição*, levando as lampas ao práctico aventureiro Pedro Coêlho: que, com 10 annos obtivesse do governo geral a nomeação de capitão-mór do Ceará, e que com 11 tivesse aqui fundado o presidio de *Nossa Senhora do Amparo*. Isto é um

impossível contra a *razão*, mas nada será em face do impossível contra a *natureza*. Prosigamos.

Tendo Pedro Coelho ido colonisar o Ceará em 1603, ahi só se açhou em 1604 porque, usando de perfidia com os indios e até os alliados, teve de ceder ás insidias e represalias d'estes, pondo os pés em polvorosa com sua familia para a Parahyba, fuga em que perdeu dous filhos de menor idade (Vid. a *História do Brazil* por Constancio, por Southey, etc.)

Pergunta-se: Martim Moreno, que viera em companhia de Coelho, accompanhou-o na fuga para o primeiro estabelecimento d'este aventureiro na Parahyba? Diz-nos o Sr. J. de Alencar, que não (*Iracéma*, pag. 10 e 11.) Ouçamol-o:

« O estrangeiro dice (*d'india*):

« — Sou dos guerreiros brancos, que levantaram a taba nas margens do Jaguaribe, perto do mar, onde habitam os Pytiguáras (nunca ouvi dizer que estes senhores habitassem *no mar*) ennemigos de tua nação. Meo nome é Martim que na tua língua diz como filho de guerreiro; meo sangue o do grande povo que primeiro viu as terras da tua pátria. Já meos *destroçados* companheiros *voltaram* por mar ás margens do Parahyba, d'onde vieram: e o chefe (Pedro Coelho), desamparado dos seus, atravessa *agora* os vastos sertões do Apody. Só eu de tantos fiquei, porque estava entre os Pytiguáras do Acaraú, na cabana do bravo Poty, etc. »

Ora, se no momento em que Martim está falando (*agora*, diz elle) Pedro Coelho atravessava em fuga os vastos sertões do Apody, é evidente que a data em que Martim falava á india era 1604.

Logo quer nos parecer que se Martim nasceu no Rio Grande em 1597, e se em 1603 tinha 6 annos, em 1604 devia necessariamente contar 7. Será isto lógico? Talvez ponham em dúvida.

Pois bem: com 7 annos de idade, Martim Soares Moreno pelevava como guerreiro consummado, desbancava o famoso chefe Irapuan (Mel Redondo), conquistava a india Iracéma, e tinha d'ella um filho! Com 7 annos!

Explica-me a cousa, Cincinnato, com as tuas tão escolhidas facécias. Faz-me essa obra de caridade.

Teo sempre fiel amigo

SEMPRÓNIO.

QUESTÕES DO DIA

N.º 33

RIO DE JANEIRO, 21 DE JANEIRO DE 1872.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Lammert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua de General Canara.—Livraria Academica, Rua de S. José n. 119—Largo do Paço n. C.—Preço 200 reis.
O 1º volume, com perto de 400 paginas—3\$000.

Monumento a Bocage.

Acha-se convertido em facto o pensamento da illustrada assembléa que, no dia do jubiléu de Bocage, resolveu se lhe erigisse um monumento na sua terra natal. A despeito de mil contrariedades, a idéa vingou.

E' sabido que a illustre commissão central, d'esta côrte, delegou em dous de seos membros o incargo de dirigir a conclusão dos trabalhos, conferindo-lhes para isso amplos poderes. Em consequência, depois de terminados aquelles trabalhos, tendo os dictos Delegados da Commissão assentado em que se procedesse á inauguração da estátua no dia 21 de dezembro, 66.º anniversário do passamento do grande poeta, pôs-se em correspondencia com a commissão filial em Setubal, e convidou para em Lisbôa se reunirem em commissão, afim de na solemnidade representarem os brazileiros e portuguezes que no Império promoveram esta manifestação, os Srs. Marquez d' Avila e Bolama, Visconde de Castilho, Conselheiro Miguel Maria Lisbôa, Conselheiro J. M. Latino Coelho, Conselheiro L. A. Rebello da Silva, Conselheiro A. J. Viale, Conselheiro D. Antonio da Costa de Souza de Macedo, Conselheiro J. da Silva Mendes Leal, Júlio de Castilho, e Antonio da Silva Túllio; e agente da mesma commissão central, o Sr. António Torquato Azedo e Silva.

Todos desempenharam o incargo, menos tres d'estes cavalheiros: o Sr. Rebello da Silva, por ter sido inopinadamente arrebatado pela morte ás letras e á sua pátria que honrara. Os Srs. Mendes Leal e Viale, pelos motivos exarados em officios que dirigiram aos Delegados da Commissão no Rio de Janeiro, motivos mencionados nos seguintes extractos:

Do Exm. Sr. Viale.

Illms. e Exms. Srs.

No número dos amigos das boas letras, admiradores do mimoso, ás vezes sublime, e sempre inspirado vate Sadino, Manoel Maria Barbosa du Bocage, designados por Vs. Exs. para comporem em Lisboa a Commissão encarregada de dirigir a inauguração da estátua d'aquelle grande génio na terra do seo nascimento, vi, com sentimento de verdadeira ufania, incluído o meo obscuro nome. Com a mesma ufania e profundo reconhecimento por tão immerecida distincção, acabo de ler a carta que a este respeito — Vs. Exs. me fizeram a honra de escrever-me em data de 22 de agosto último. Infelizmente para mim (e de certo só para mim) torna-se-me impossivel aproveitar-me de tão lisonjeiro convite. Não m'o permitem as minhas quotidianas occupações — a regencia da 2.^a cadeira do curso superior de Letras — a direcção do mesmo Curso — o exercício das funções de conservador da Bibliotheca Nacional — as licções a Suas Altezas Reaes.

Sirvam-se pois Vs. Exs. accolher com benignidade esta minha justificada escusa, e ao mesmo tempo acceitar benévolo as expressões sinceras da minha gratidão, pela bondade que tiveram de lembrar-se do menos notavel dos portuguezes estudiosos e amantes da poesia nacional, para o associarem aos promotores de uma manifestação merecidamente solemne e merecidamente entusiastica, em honra de um dos mais exímios cultores da mais divina das artes bellas.

Deus guarde a Vs. Exs. Lisboa, 10 de outubro de 1871.

Illms. e Exms. Srs. Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, e Barão de S. Clemente.

• *António José Viale.*

—
Do Exm. Sr. Mendes Leal.

Illm. e Exm. Sr. e Amigo presadíssimo — Tenho presente a carta circular, assignada por V. Ex. e pelo Sr. Barão de S. Clemente, relativa á inauguração do monumento a Bocage. Escuso dizer, que bastava a alliança d'estes dous grandes nomes — Bocage e Castilho — o segundo, como de razão, tutellando o primeiro, para eu acceitar com alvoroço e reconhecimento a commissão

conferida pela benemérita Direcção dos subscriptores para o respectivo monumento. Honrado porem por Sua Majestade com o árduo e não desejado incargo da Legação em Madrid, para onde parto por estes dias, de todo me é impossivel fazer parte activa da referida commissão, como tanto estimava. Isto mesmo rogo a V. Ex. a fineza de fazer presente ao seo collega Vice-Presidente, e aos demais illustres vogaes, certificando a todos, como o faço a V. Ex., dos meos agradecimentos pela sua honrosa lembrança, e dos meos sentimentos de pessoal consideração &.

Quanto á commissão filial em Setubal, eis-aqui o officio do Presidente e a acta da sua sessão em 25 de outubro de 1871.

—
Illmo. Exm. Sr.

Satisfazendo ao que por V. Ex. é indicado em sua carta de 26 de agosto último, tenho a honra de remetter a V. Ex. a inclusa cópia da acta da sessão da Commissão filial do Monumento a Bocage, d'esta cidade, pelo conteúdo da qual V. Ex. tomará conhecimento da deliberação tomada pela mesma Commissão.

Com relação á Câmara Municipal, posso asseverar a V. Ex. que ella fará quanto esteja ao seo alcance para abrilhantar o acto da inauguração do alludido monumento.

Pelo que respeita á minha pessoa, cumpre-me agradecer o honrosíssimo convite que V. Ex. se digna fazer-me, e que sobremaneira me pinhora, ao qual seria descortezia não acceder, reconhecida mesmo a ausência em mim de qualidades que me tornem merecedor de tão subida distincção.

Deus Guarde a V. Ex. Setubal 28 de outubro de 1871.

Illm. e Exmo. Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha.

Antonio Rodrigues Manitto.

—
Acta da sessão de vinte cinco de outubro de mil oitocentos setenta e um. Aos vinte cinco dias do mez de outubro de mil oitocentos setenta e um, estando reunida a Commissão filial do monumento a Bocage, d'esta cidade, pelo vogal servindo de presidente da mesma foi

declarado, que o fim da reunião, era expor á Commissão a carta e lembranças adjunctas, que lhe foram remetidas pelos Exms. Srs. Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, e Barão de São Clemente, representantes da Commissão central do Rio de Janeiro, encarregada da erecção do monumento ao insigne poeta Bocage, e ouvir sôbre o seo conteúdo o parecer da mencionada commissão, na fórma que lhe era indicada. Em seguida foram lidas pelo respectivo secretário a carta e as lembranças alludidas, concorrentes aos festejos que se hão de fazer por occasião da inauguração d'aquelle monumento, em tudo próprias do acto a que se referem, e da subida intelligencia e apurado gôsto de quem as dictou. Discutidos os pontos em que á commissão competia resolver, concordou esta, que não permittindo mais a órbita dos seus poderes, effectuar-se a cobrança da subscrição que havia solicitado, se entregasse a somma realizada á Exma. Câmara Municipal para ser applicada ás despezas que aquella digna corporação tem que fazer com a solemnidade da inauguração, e que a commissão lhe prestasse todo o auxilio possível nos trabalhos precisos, para que a dicta solemnidade se faça por modo digno do objecto a que respeita, e tal qual desejam todos os setubalenses. Deliberou, mais, que, de quanto fica expellido, se desse conhecimento á Exma. Commissão do Rio de Janeiro, por intervenção do seo illustrado presidente o Exmo. Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha; do que para constar se lavrou a presente acta, que vai devidamente assignada—Manitto—Manoel Maria Portella—Joaquim José Barbosa du Bocage—João Ignacio da Cruz Forte—Carlos Torlades O'Neill.

Está conforme—Setubal 28 de octubro de 1871.

● O Secretário da Commissão.

Manoel Maria Portella.

Assim intabulados os trabalhos finaes, os Delegados no Rio de Janeiro deram miudas instrucções ao seo agente em Lisbôa, Sr. A. Torquato Azedo e Silva, que as observou com incedível zelo, desinterêsse e dedicação; e dirigiram ás comissões em Lisbôa e Setubal uma série de lembranças, das quaes só pequena parte não pode realizar-se. Supprimindo aqui outras informa-

ções, que já 'nesta publicação appareceram, damos em seguida o officio que a commissão em Lisboa dirigiu aos Delegados da Commissão no Rio. A este officio acompanhou o auto da inauguração, o que tudo é do teor seguinte :

Illms. Exms. Srs.

Temos a honra de inviar a V. Exs. o traslado do auto da inauguração da estátua de Bocage, solemnidade a que presidimos, por parte da Commissão Central, de que V. Exs. são dignos presidentes.

Pela conferência que tivemos com o presidente da Câmara Municipal de Setubal, tambem presidente da Commissão filial da mesma cidade, reconhecemos não serem exequiveis todas as indicações que V. Exs. nos inviaram em officio de 21 de agôsto para se formular o programma da inauguração.

Tudo porem quanto permittiam as circumstâncias d'aquella localidade, e a actual estação, se executou com êxito mui satisfactorio, conforme o programma impresso, que juncto in viamos.

Agradecendo a V. Exs. o honorífico incargo que nos confiaram, reiterámos a todos os senhores subscriptores, o testemunho de gratidão que Portugal lhes deve, pela homenagem que prestaram ao insigne poeta do Sado.

Deus Guarde a V. Exs. — Lisbôa 23 de dezembro de 1871.

Illms. e Exms. Srs. Conselheiro José Feliciano de Castilho e Barão de S. Clemente.

Marquez d' Avila e Bolama.
Castilho.

M. M. Lisbôa.

J. M. Latino Coelho.

Josè Vicente Barbosa du Bocage.

D. Antonio da Costa.

Júlio de Castilho.

A. da Silva Tullio.

—
Auto da Inauguração solemne da estátua de Bocage na cidade de Setubal,

Aos vinte e um dias do mez de dezembro do anno de mil oitocentos setenta e um, do nascimento de Jesus Christo, na cidade de Setubal, e praça de Bocage, no centro da qual se achava erigida, velada com as ban_

deiras nacionaes de Portugal e do Brazil, a estátua de Manoel Maria Barbosa du Bocage, foram recebidas, na tribuna armada na mesma praça, as auctoridades do districto, as corporações scientificas e litterárias, os redactores dos jornaes políticos e litterários, os homens de letras e outras pessoas convidadas para este acto, na conformidade do programma que se imprimiu. Sendo duas horas da tarde, dirigiram-se para juncto do monumento a commissão nomeada no Rio de Janeiro pelos subscriptores para presidir a este acto, a commissão filial de Setubal, a Câmara Municipal da mesma cidade, o esculptor da estátua Pedro Carlos dos Reis; e ahi proferiu o excellentissimo marquez d'Avila e de Bolama, presidente da mesma commissão, o seguinte discurso inaugural:

« Senhores: Na segunda ametade do século passado, nasceu 'nesta cidade um homem que, pela fôrça admiravel de seo éstro, veiu a ser uma das glórias d'este paiz, e o mestre querido de quantos falam a nossa lingua áquem e alem do Atlantico. Este homem eminente, que pelas suas obras immortaes conquistou a posteridade, foi Manoel Maria Barbosa du Bocage. Justo era, que os dous povos irmãos, de Portugal e do Brazil, falando ambos o idioma que elle tanto realçou, lhe prestassem a homenagem a que estamos assistindo, elevando-lhe um monumento duradouro na sua terra natal. A idéa de erigir este padrão á memória do insigne poeta foi iniciada por dous homens illustres, os senhores conselheiro José Feliciano de Castilho, e seo irmão Visconde de Castilho, a quem tambem as musas embalaram carinhosas, e a litteratura portugueza é devedôra de outros monumentos, não menos perduraveis. Estes beneméritos portuguezes deram assim mais um testemunho do desvelo, com que teem constantemente contribuido para o renome e illustração da pátria, que tanto ennobrecem. Foi na capital do Brasileiro Império, outr'ora visitada por Bocage, e no dia 15 de setembro de mil oitocentos sessenta e cinco, centenário do seo nascimento, que os senhores Castilhos congregaram uma numerosa assembléa de portuguezes e brazileiros, a qual adoptou unanimemente e com vivo enthusiasmo a proposta e o plano do monumento, contribuindo logo todos para que tivesse execucao tão magnifica e patriótica idéa. A commissão a que tenho a honra de presidir, foi nomeada por aquella illustre assembléa

para a representar 'neste acto solemne, a que destinou o dia de hoje, por ser tambem um anniversário de Bocage, o da sua prematura e ainda sentida morte. Cumpriu-se o intuito dos beneméritos subscriptores, e 'nesta numerosa e respeitavel reunião, recebam elles o testemunho que lhes damos do nosso reconhecimento por esta homenagem prestada ao dulcissimo cantôr do Sado, homenagem que é um novo pinhor dos sentimentos de sympathia e de profundo affecto que prendem os dous povos irmãos, do velho e do novo mundo. Recebam tambem os illustres cavalheiros, que compõem a benemérita Câmara Municipal, os nossos agradecimentos, pela efficaz cooperação que nos prestou, dando tão merecido realce a esta demonstração solemne de gratidão nacional.

Senhores, a nossa missão está concluida. Cumpre agora aos representantes d'esta formosa cidade velar pela conservação do monumento erigido á memória do grande poeta, seo conterrâneo. Não podia confiar-se a mais dignas mãos este piedoso incargo. »

Por parte da cidade de Setubal, pronunciou o doctor Antonio Rodrigues Manitto, presidente da Câmara Municipal, a seguinte allocução :

Excellentissimos Senhores presidente e membros da commissão nomeada para presidir á inauguração da estátua de Bocage. Muito me glorio de ser o intérprete do júbilo e reconhecimento d'esta cidade, por ver realizado o grandioso pensamento para que tanto contribuíram a commissão central, eleita no Rio de Janeiro, a filial de Setubal, e a de que V. Ex. é dignissimo presidente. Setubal paga no dia de hoje uma dívida, que não era só nossa : era de todos os que falam a lingua portugueza. Está solvida por este padrão, digno do talento do grande poeta. Aos beneméritos subscriptores portuguezes e brazileiros, e a vossas excellencias, aos representantes, envio, em nome dos habitantes d'esta cidade, os protestos da nossa perpétua gratidão. Folgo de ver presente a este acto o venerando escriptor, que foi, com seo illustre irmão, o proponente d'esta homenagem a Bocage. A litteratura nacional e a instrucção pública deviam-lhes já muitas fadigas e muitas obras : este monumento é tambem obra de ambos elles. Cumpre-me dar-lhes aqui, perante todo este povo, o merecido testemunho de agradecimento nacional. Senhores, a cidade de Setubal assigna-la entre os

maiores dias das suas glórias este da inauguração da estátua do grande poeta seo conterrâneo. Do alto d'aquella columna será Bocage o incitador da civilização dos seos patricios, guia dos nossos progressos; e ainda depois de trabalhosa vida, é escudo da sua terra natal. O auctor, que tanto, opulentou a poesia portugueza, eil-o redivivo na mesma cidade que lhe deu bërço. Este sexagésimo sexto anniversário da morte do grande cantor, é o dia glorioso da sua apothéose. Por parte da Câmara que tenho a honra de presidir, congratulo-me com Vossas Excellencias pelo êxito que teve este generoso empenho de tantos cultores e amigos da litteratura nacional. »

Em acto contínuo, os excellentissimos marquez d'Avila e de Bolama, como vice-presidente da academia real das sciencias, e o conselheiro Miguel Maria Lisbôa, como Ministro do Brazil em Portugal, o visconde de Castilho, um dos auctores da proposta para a erecção do monumento, e o Dr. Antonio Rodrigues Manitto, presidente da Câmara Municipal de Setubal, tomaram os cordões das bandeiras que velavam a estátua e a descobriram. E logo as musicas reunidas tocarão successivamente os hymnos compostos e offerecidos para esta festividade por Manoel Antonio Correia, Carlos Augusto Alves Braga e Antonio do Nascimento e Oliveira.

Dirigindo-se o préstito para os paços do concelho, ali foi lido e assignado este auto, lavrado e subscripto por mim, Secretário da Commissão nomeada para presidir a esta solemnidade, Antonio da Silva Tullio.

Antonio Rodrigues Sampaio. Ministro do Reino.
Castilho, Vice Presidente da Commissão de Lisbôa.

José Vicente Barbosa du Bocage.

Carlos Roma du Bocage.

Joaquim José Barbosa du Bocage.

Antonio Rodrigues Manitto, Presidente da Câmara de Setubal.

Antonio Maria Albino, Vereador.

Francisco Marques da Costa, Vereador.

Joaquim José Ferreira da Silva Junior, Vereador.

José Maria Liverio, Vereador.

Miguel Maria Lisbôa, ministro do Brazil e membro da Commissão.

Marquez d'Avila e de Bolama, presidente da Commissão de Lisbôa.

José Maria Latino Coelho, vogal da Commissão de Lisboa.

Augusto Cesar Cau da Costa, Governador Civil de Lisboa.

D. Francisco José de Mello, administrador do concelho de Setubal.

Manoel d' Araujo Porto-Alegre, pelo Brazil.

João Ignacio da Cruz Fôrte, da Commissão de Setubal,

Carlos F. O' Neill, da Commissão de Setubal.

Manoel Maria Portella, Secretário da Commissão filial de Setubal

Conde de Fornos d' Algôdres, Par do Reino.

Antonio d' Azevedo Coutinho Mello e Carvalho, Par do Reino.

Raymundo de Bulhão Patto.

O Commandante geral das guardas municipaes de Lisboa e Porto, Barão do Rio Zézere, general de brigada.

Antonio Maria Barreiros Arrôbas, deputado por Setubal.

João Antonio dos Sauctos e Silva, deputado da nação.

Ignácio Francisco Silveira da Motta, deputado da nação.

José de Sande Magalhães Mexia Salema, deputado da nação.

José Pedro Antonio Nogueira, deputado da nação.

Antonio Augusto Pereira de Miranda, deputado da nação.

Alberto Osório de Vasconcellos, deputado da nação.

Júlio de Castilho, secretario da Commissão.

Simão Paes de Faria Pereira, da Commissão de Lisboa.

João Ignacio Holbeche, Juiz de Direito.

Francisco Maria de Souza Brandão, engenheiro.

Constantino Lopes d' Andrade Ponceiro, general de brigada, commandante militar.

Bernardino Pinheiro, Secretário do Supremo Tribunal de Justiça.

Manoel Pinheiro Chagas, deputado da nação.

José Baptista Cardoso Klerck, deputado da nação.

Conselheiro Augusto Sebastião de Castro Guedes, commandante da Eschola Naval e da companhia dos guardas marinhas.

José Joaquim Peçanha Póvoa, Brasileiro, advogado.
Joaquim Possidónio Narciso da Silva, presidente da
associação dos architectos.

Francisco Gomes d' Amorim, sócio correspondente da
acaademia das sciências de Lisboa.

Antonio José Torres Pereira, enfermeiro-mór do Hos-
pital de S. José.

Augusto Soromenho, da academia real das sciências,
professor.

Hermenegildo Pedro d' Alcântara, redactor do jornal
« A Crença. »

José Maria Antonio Nogueira.

João José de Souza Telles, escriptor.

Francisco Simões Margiochi Junior.

Francisco Maria Ramos, representante da associação
typographica de Lisboa.

José de Torres, da Academia real das sciências.

Pedro Carlos dos Reis, estatuário.

Augusto Ernesto de Castilho e Mello, bacharel for-
mado em mathematica, antigo deputado da nação, e
primeiro official da Secretaria do Reino.

Albano Coutinho Junior, jornalista.

Costa Goodolphim, escriptor.

José Eduardo de C. Vilhena, jornalista e Procurador
á juncta geral d' Aveiro.

Philippe Zeferino da Trindade Carvalho, da Corres-
pondencia de Portugal.

Antonio José Paçheco, tenente coronel, veterano da
Liberdade.

Manoel da Costa Alves, presidente da Câmara d' Al-
coçete.

D. José Carlos Menezes d' Alarcão, engenheiro-
agrônomo, sócio da academia real das sciencias e de
outras academias estrangeiras.

Júlio d' Andrade, jornalista.

José Miguel de Barros e Seixas.

Caetano Augusto Lecor Buys.

José António Pinto, escrivão da Câmara Municipal
de Setubal.

Duarte Gonzalez de Gargamala, vice-consul de
Hispanha.

Júlio Caldas Aulete, deputado da nação.

António Torquato Azedo e Silva, agente da Com-
missão do Brazil em Lisboa.

O Commendador Antonio Gonçalves Lamarão, syn-

dico e presidente da Câmara dos corretores da praça de Lisboa.

O Commissario dos Estudos, Mariano Ghira.

Adriano Gaspar Coelho, secretário da redacção do Diário de Notícias, correspondente do Diário Mercantil do Porto e do jornal do Recife de Pernambuco.

Pedro Wenceslau de Brito Aranha.

Albino Augusto de Souza Pimentel.

Luiz Philippe Leite, antigo correspondente do Diário de Pernambuco.

Henrique Midosi, pelo Jornal do Commércio.

António da Silva Túllio, pela Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Está conforme com o original que fica depositado no archivo da Câmara de Setubal. Lisboa, 23 de dezembro de 1871.

A. da Silva Túllio.

A exposição, que ora se segue, é colhida de um minucioso relatório do digno agente da commissão do Rio de Janeiro em Lisboa, e das descripções de vários jornaes, taes como *Gazeta Setubalense*, *Diario de Noticias*, *Jornal do Commercio*, de Lisboa, *Revolução de Setembro*, *Jornal da Noite*, *Gazeta do Povo* etc. Supprimindo o muito que poderíamos transcrever de communicações anteriores, vimos já ao que se refere á inauguração da estátua.

Dicémos como se effectuara, no dia 22 de novembro, a collocação da primeira pedra. A descripção do monumento é conhecida dos nossos leitores, restando accrescentar que abaixo do primeiro degrau se collocou em tórno um lagado de meio metro, e sobre elle uma elegante gradaria, d'onde sobresaem grandes lampiões.

A commissão em Lisboa presidida pelo sr. Marquez d'Avila e Bolama, applicou-se desveladamente a dirigir os trabalhos; e, se entre tantos é licito distinguir, mencionaremos o seo digno secretário, sr. Silva Túllio, que foi incauçavel, applicando á realização do pensamento o mais inexcedível zêlo.

A' câmara Municipal de Setubal, e especialmente ao seo digno Presidente, são devidos louvores pela nobre coadjuvação que prestaram.

Ao Sr. Germano José de Salles, com officina de esculptura em Lisboa, é egualmente devido o maior applauso, pois correspondeu perfeitamente á confiança

que nelle depositára o Presidente da Commissão Central do Rio de Janeiro, quando o incumbiu do honroso incargo, que o Sr. Salles satisfez com summa intelligencia, actividade, e dedicação; é de crêr que a tão circumspecto artista se dirijam as localidades que pretenderem honrar os seos varões illustres com egual testimonho de veneração.

O Sr. Pedro Carlos dos Reis, encarregado pelo Sr. Salles de fazer a estátua, merece não menos agradecimento pelo modo digno como se desempenhou da tarefa.

Fugimos de especializar mais nomes. Todos satisfizeram quanto de cada um se esperava.

No dia 2 de dezembro, a commissão de Lisboa tomou as deliberações constantes do programma que já publicámos; e alem d'essas, outras relativas a pormenores. Tacs foram, por exemplo, as que tendessem a manifestar que esta festa era tão brazileira como portugueza. Para isso, alem da inscripção gravada no monumento, resolveu-se que as bandeiras que velassem a estátua fôsem abraçadas as das duas nações; que as flammulas e gallardetes fôsem das côres de ambas ellas; que representantes do Brazil e Portugal puchassem os cordões das cortinas; que se tocassem alternadamente os respectivos hymnos nacionaes; e até que ninguem da commissão collocasse sôbre as suas fardas no dia da inauguração decorações senão dos dous paizes.

Emfim dispostas todas as cousas, raion o dia 21 de dezembro. A *Gazeta Setubalense* consagrou quasi toda a sua fôlha ao assumpto que occupava exclusivamente o pensamento dos habitantes da rainha do Sado. O illustrado membro da commissão filial naquella cidade, Sr. Manoel Maria Portella, sob o titulo *Homenagem ao mèrito*, consagrou um artigo a transcrever o que elle denominou *Opiniões de juizes auctorizados, relativamente ao mèrito litterário de Bocage*, extractando trêchos de Filinto Elysió, J. A. de Macedo, F. J. Bingre, A. M. do Couto, Link, F. J. B. Torrezaõ, Mediuã, J. R. Pimentel e Maia, Sanctos e Silva, Nolasco da Cunha, D. M. Torres, A. Herculano, Costa e Silva, F. P. Cardoso, D. Gastão, F. C. Coutinho, Condessa d'Oyenhausem, Pato Moniz, Mendes Bordallo, Borges de Figueiredo, Rebello da Silva, Antonio Feliciano de Castilho; J. F. de Castilho Barreto e Noronha, Pinheiro Chagas. Dedicaram 'nesse número outros valiosos artigos a Bocage a Sra. D. Marianna Angélica d'Andrade, o Sr. Costa

Goodolfim, a Redacção do Jornal &. Todas as fôlhas de Lisboa chamavam 'nesse dia a attenção do público para a grande solemnidade que se ia verificar.

Bocage tinha ainda algum peccado que pagar, e foram os que viajaram até Setubal que saldaram essa conta. Durante 15 dias, até 20 do mez, embora frio, esteve mais lindo tempo que nos melhores dias de verão. A's 2 horas da tarde de 20 passou o vento ao sul, çhuviscou á noite, e conservou-se a atmosphera carregada, mas sem chuva. Pelas 9 horas da manhã de 21, recommçou a çhuviscar. O embarque foi ás 10 1/2 horas, mas depois de cheio o segundo vapor, é que se abriram as cataractas do céu, para mais não pararem até a noite. No *Diario de Noticias*, de 25 de dezembro, foi publicado um çhistoso artigo do Sr. Piuheiro Chagas, que descreve as tribulações d'este dilúvio. Como o não podêmos transcrever na integra, extrahimos d'elle uma pequena parte:

« Pobre poeta ! Amargurou-te o destino a tua própria apothéose ! Saíste do mundo, no vigôr da mocidade, quando se rasgavam ao teu génio novos horizontes, quando o teu estro fogoso, vendo passar nos ares o vôo scintillante d'essa águia que se chamava Byron, exclamaria talvez : « *Anh'io son poeta* » e, desferindo as azas, iria pairar nos céos onde adejava sublime, e soltando gritos de selvagem desespero, a musa de Child-Harold. Quem mais do que tu teve a imaginação potente, a phantasia arrebatada, o íntimo enthusiasmo ? Perdeu-te esse *claro auditório*, que só te pedia as bagatellas do repentista, o *strass* do glosador, quando da mina inexaurível do teu génio podia arrancar diamantes, que reflectissem nas suas mil facetas o resplendor de um novo sol de poesia ! Consumistê a vida n'uma longa lucta com as conveniencias, os hábitos, as tradições da sociedade avelhantada que te cercava ; morreste porque faltava o ar aos teos pulmões anciosos de respirarem o hálito embalsamado da poesia verdadeira ; morreste porque eras vulcão, e exigiam-te fogos de Bengala, fogachos pállidos e insignificantes, porque represaste a lava candente, e arrojaste apenas as escórias de mil sonetos e de mil glosas. Vestiram-te a libré mesquinha da Arcádia, a ti que eras da estatura dos grandes poetas, que surgiram quando tu caíste na arena ; pozeram-te nas mãos a lyra classica banal, quando os teos dêdos convulsos procuravam as chordas da harpa fremente ao sôpro

da inspiração; quando os teos labios sêccos buscavam a taça de ouro do ideal, encontravas o cópo dos dythirambos mesquinhos. Devorou-te a sêde de desconhecidos gôsos: matou-te a nostalgia de um mundo que vagamente entrevias, e que julgavas encontrar talvez no âmbito mysterioso das regiões de alem-túmulo.

« E agora que voltas, ó pállido poeta, invólto no manto luminoso da tua immortalidade, agora que te ergues, estátua, acima dos rumores confusos do mundo que atravessaste, scismando, tens ainda os horizontes nebulosos, o gemido do vento, e os hymnos truncados de uma apothéose incompleta. Procuras com os olhos vagos o límpido sol, e envolve-te ainda o manto plúmbeo do firmamento. Ah! mas depois do hynverno virá a primavera! E não tardará que sintas em tórno de ti o vôo ligeiro da andorinha, o perfume das laranjeiras, e os raios de ouro do sol; não tardará que contemples orgulhoso o firmamento sem nuvens; não tardará que vejas projectar-se na face da terra a tua sombra immensa; tambem assim a tua glória, escurecida primeiro tanto pelas invectivas injuriosas como pelos frívolos applausos, se foi a pouco e pouco desprendendo das nuvens que a envolviam, e resplandece hoje puríssima no nosso firmamento litterário. Desappareceu o gladiador das ignobéis contendias, o trovista de botequim, o glosador de alambicados motes, e os gritos do teo entusiasmo, ó cantor melodioso, poeta de *Leandro e Hero*, hão de se ir repercutindo de echo em echo até á mais remota posteridade.

« Estas reflexões devo confessar que as faço aqui placidamente ao canto do meo gabinete, porque em Setubal mal tive tempo de admirar o magnífico soneto de Castilho, único poeta que herdou de Bocage o segrêdo da música do verso, e que ainda opulentou o legado, aportuguezando o alexandrino, e dando-lhe essa harmoniosa majestade, que se nota nos quatorze versos, fundidos d'um só jacto, do soneto a que alludo. »

Por conta e ordem da commissão do Rio de Janeiro, tinham-se pôsto á disposição dos convidados, vapores do Téjo e carruagens da via férrea. Prepararam-se bilhetes especiaes. O Ministro e o Consul do Brazil receberam os que indicaram precisar para súbditos brazileiros; a commissão de Lisboa dispôs dos que lhe approuve exigir; grande número foi distribuido por auctoridades, litte-

ratos, associações, e particulares distintos, a todos os quaes se facilitou assim passagem gratuita, de ida e volta. Muitas pessoas tinham partido na véspera, pelo vapor da carreira ordinária, de modo que não havia em Setubal um só logar livre nas estalagens, e poucas casas particulares deixavam de estar apinhadas de visitantes.

Partiram pois de Lisboa os dous vapores *D. Carlos* e *D. Affonso*, atonetados de gente. Philarmónicas, durante a viagem, e apezar do péssimo tempo, foram tocando os hymnos de Bocage, de D. Luiz, brasileiro, da independencia, e da Carta.

Antes do meio dia largava da estação do Barr eiro um comboio com 31 carruagens, que pouco depois da uma hora chegava á estação de Setubal. Ahi eram os visitantes esperados pela câmara municipal, auctoridades civis e militares, grande concurso de cidadãos, e uma philarmónica. Todos os vehiculos da cidade estavam 'naquelle logar, por delicada lembrança dos dignos membros da commissão de Setubal. O cortêjo pôz-se sem detença a caminho para a praça de Bocage.

Magnífico era o aspecto da praça. Os lados d'ella estavam guarnecidos de louro, e entremeados de columns sôbre que assentavam vasos de flôres, d'onde saíam festões de buxo, estendidos em tórno. Nas intradas, dos lados do sul e norte, havia figuras empunhando lyras, sob as quaes apparecia o nome do poeta.

Por conta e ordem da commissão do Rio levantaram-se estrados e um pavilhão em frente do monumento, forrado de tafetá azul, amarello, branco e verde, côres nacionaes de Portugal e Brazil, com cortinas tambem de sêda ; alcatifas forravam o pavilhão, estrados e degraus, etc. Neste vistoso pavilhão se achava um excellente bufete, e sôbre elle uma escrevaninha, e a penna de ouro, que já havia servido para assignatura do auto d'inauguração do monumento a Camões, penna offerecida pelos portuguezes de Porto-Alegre (provincia de S. Pedro) ao Sr. visconde de Castilho, por occasião do perdão que este alcançou para um velho compatriota, com uma epístola dirigida a S. M. a Imperatriz do Brazil. Ao lado do pavilhão, havia tribunas descobertas, as quaes foram completamente occupadas por damas e cavalheiros.

Tropa em grande uniforme estava postada á esquerda da estátua ; o centro da praça occupavam-n'ò 4 bandas de música.

Na varanda dos paços do conselho viam-se bandeiras, galhardêtes, vasos de flôres, e d'estes havia em todos os degraus das escadas atapetadas.

Nas janellas dos prédios, adornadas todas de sanefas, cortinas e ricas côlchas, viam-se as mais distinctas damas da sociedade setubalense, trajando esmeradamente: e muitas casas de vice-consules e de particulares açhavam-se embandeiradas.

Pompeavam por toda a praça as bandeiras portugueza e brazileira, e inúmeros galhardêtes com as côres das duas nações.

Assim descripto o scenário, no próximo número completaremos a narração da formosa solemnidade.

ADVERTENCIA.

No precedente número, Cincinnato, repellindo a injusta accusação de que em *bem poucos romances d'aqui e d'alem-mar se pôde deter a attenção*, estabeleceu que em *romances e contos*, a litteratura do nosso idioma deu, neste quarto de século, numerosas e esplêndidas provas de adiantamento. Numa nota se indicaram nada menos de 33 auctores de romances e contos, e muito mais largo poderia ser este catálogo, tanto de outros auctores, como de outras obras dos mesmos. Na lista porem que, se mandou copiar, não houve todo o esmero. Produções ha, que por serem em verso e chamadas *poemas*, qualificámos de romances. Obras ha, que contendo alguns *contos*, hem cabiam 'naquella classificação, embora tambem tractem outras matérias. Mas passaram na cópia, ou na revisão das provas, êrros que os intendidos terão logo emendado. Por exemplo: Entre as obras de Camillo Castello-Branco, indicaram-se indevidamente como originaes *Fanny* (lê-se Taunay), e *Romance de um rapaz pobre*. Em vez de *Solemnia Verba. Ultima palavra da sciência*, lê-se *Ultima palavra da consciência (Solemnia Verba)*—Em Pereira da Cunha, os *Brios heroicos de portuguezas* foi aqui indevidamente classificado—O *Roberto Valença*, do Sr. Teixeira de Vasconcellos, devia estar composto em typo corrente—Em Arnaldo Gama, *O motim. Ha cem annos*, leia-se *Um motim ha cem annos*, etc. Haverá mais alguns êrros, para os quaes supplicámos vénia, mas que em nada alteram a exactidão da these que defendemos.

QUESTÕES DO DIA

N.º 34

RIO DE JANEIRO, 25 DE JANEIRO DE 1872.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Laemmert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua de General Camara.—Livraria Academica, Rua de S. José n. 119—Largo do Paço n. C.—Preço 900 reis.
O 1.º volume, com perto de 400 páginas—\$1000.

Monumento a Bocage.

Eram duas horas da tarde, quando dos paços do conselho desceram as commissões filiaes de Lisboa e Setubal, Ministro do Reino, Câmara Municipal, auctoridades civis e militares, e muitas pessoas gradas, em direcção ao pavilhão, onde foram proferidos os discursos; depois do que os cavalheiros portuguezes e brazileiros, nomeados para tirarem os cordões da cortina, que velava a estátua, composta das bandeiras de Portugal e Brazil, se dirigiram para o monumento, e procederam do modo indicado no *auto de inauguração*. Foi momento de indizível entusiasmo aquelle em que appareceu descoberto o vulto do poeta, ao som da marcha *Homenagem a Bocage*, tocada a um tempo por várias bandas de música, ao estrépito de innumeraveis girândolas, e em presença da tropa, que apresentava armas. A despeito das torrentes de chuva, todas as cabeças se descobriram; tudo era vida e animação: o rumor das vozes, o ondear dos lenços nas janellas, toda aquella alegria tornava o momento solemne.

Emquanto durava esta scena esplêndida, foi distribuido pelas turbas um soneto do visconde de Castilho. Bem era que a homenagem ao Petrarcha portuguez, ao primeiro mestre, em qualquer língua, da difficil forma métrica, soneto, revestisse a Bocagiana forma por excellência, realçada ainda, mormente para emprêgo altíssimo, pelo uso do roçagante alexandrino. O dicto soneto é este :

Tu, que nos revelaste a mágica harmonia,
na lyra nacional antes de ti latente ;
espírito de luz, relâmpago esplendente,
que descobriste á pátria um mundo de poesia ;

ao Capitólio d'arte ascende entre a alegria,
entre os vivas da lusa e da brazílea gente.
Se um sepulchro não tens, do bërço teo florente,
qual phenix immortal, resurges 'neste dia.

Emmudeceste á inveja os pérfidos agouros ;
reduzistel-a ao nada, ao pó d'onde provinha.
Em vez de cyprestal, rodeiam-te só louros.

O vate lê no fado, e os tempos adivinha ;
nãõ debalde exclamaste aos séculos vindouros :

— « Zoilos, estremecei! Posteridade, és minha!

Logo em seguida distribuiu-se a seguinte poesia do digno setubalense, Sr. M. M. Portella, membro da respectiva commissão filial, e ornamento da imprensa do Sado. Eil-a :

HOMENAGEM

A'

MEMORIA DO DISTINCTO POETA

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE

POR OCCASÃO DE SER INAUGURADO O SEU

Monumento em Setubal;

PRESTADA PELO SEU ADMIRADOR E CONTERRANEO

M. M. PORTELLA

« Este com quem se ufana a pedra erguida.
(BOCAGE).

. em quanto o mundo
se lembrar de Camões, de Tasso e Milton,
lhe ha de lembrar tambem de Elmano o nome.
(J. A. MACEDO).

Cumpriu-se a predicção. Não foi uma luz fátua
que o vate alumiou ; alçou-se emfim a estátua!...
O applauso reapparece ; escuta-se a ovação ;
e unida a voz do docto á voz da multidão,
em júbilo é saudada a coroadada fronte
do vulto que destaca em lúcido horizonte.
Após não curta idade esplende o grão fanal ;
não o sumiu a crypta, o génio é immortal !
Posteridade, és sua ! o monumento a Elmano,
tal qual elle o predice, agora se ergue ufano !
Paga-se o justo preito em honra do saber ;
extingue-se o labéo, cumprido o que é dever.
Julga-te, sem razão, ó século presente,
o parcial censor em êrro permanente,

negando-te o sentir, a crença, a fé, a luz,
 sem vêr que quanto nega em ti, melhor traduz
 o aprêço ao que o merece, e que incessante provas
 no tributo ao talento e em mil idéas novas,
 arcanos a romper, prodígios a operar,
 com a mão do progresso o mundo a transformar,
 mais que aquelle abandono em que antes pereciam
 quantos a si, os seos e a pátria ennobreciam.
 O sábio então só tinha o cárcere e o hospital;
 e o bárbaro poder de occulta lei fatal
 nem o exempta do horror que inspira essa fereza
 aquella majestade, essa alta realza,
 que conta por palácio a gruta de Macau,
 por corteção e amigo, um indigente, o Jau !...
 Que oppróbrio nos transmite a invelhecida história
 a par da heroicidade em que se faz notória !...
 Obelisco não ha, nem lápide sequer,
 legada do passado, onde se possa ler
 por honroso dever que nos poupasse a ultrage
 aos olhos do estrangeiro — Aqui nasceu Bocage !...

Na chara pátria minha entreteceu-lhe amor
 o bêrço perfumado em laranjaes em flor.
 O límpido regato a serpear na relva,
 o perfume, a frescura, os cânticos da selva,
 o valle d'onde surge á tarde a viração
 que afaga o tenro arbusto, a voz da solidão
 que lá do algar repete a queixa ao triste amante,
 a sombra da quebrada, o prado verdejante,
 em fim este vergel onde ha perenne abril,
 provoca, attráhi, incita a musa inda infantil...
 Para cantar fadado o cysne da harmonia
 revela o seo destino, apenas balbucia.
 O Sado a murmurar insina-lhe a canção
 que repete depois dos mares na amplidão,
 de nostalgia oppresso, em seo destino vário,
 os longes do occidente olhando, solitário.

Cresce, adeja anhelante aos cimos que fitou ;
 que assombro ! quasi implume e rápido chegou
 aonde poucos vão em dilatado espaço !
 A fruta de Delille, hymnos d'Ovidio e Tasso
 vai escutar attento apenas trovador,
 extráhi-lhes a magia, a música, o primor
 e volve endeusado; e o canto que desata
 captiva a quem n'ó ouve, as almas arrebatada !...

Misterioso ingenho, harmonioso ser,
 difficil de attingir e mais de comprehender,
 ora sereno lago em que se espelha a lua,
 ora revólto mar, que avança e que recua,
 e na indomavel sanha, entre hórrido bramir,
 pretende, intumecido, as rochas demolir!
 Rival de Anacreonte, inflora a dôce lyra
 que inleia os corações na mágua em que suspira ;
 mas transmutado em breve, a sátyra mordaz,
 penetrante, despede, iroso e mais que audaz,
 e em cego delirar, de vítimas sedento,
 na insânia que o devora ainda é um portento !
 Impondo á musa a phrase e modo varonil,
 fulmina o ousado inepto, o tórpe, o que é servil ;
 e passa triumphante ; e a multidão que o aclama
 lhe vai da voz suspensa e o segue como a fama !
 Refeito 'nesse applauso e no melhor que dão
 os versos de Filinto, as odes de Garção,
 revôa ao infinito, excede o que ha sublime
 na flamma em que se faz, no verbo em que s'exprime!
 Corôas aos montões e feixes de trofeos
 são despojos da lucta aos pés do semideus !
 e da glória o clarão dardeja rutilante
 sôbre o laurel que cinge a fronte do gigante
 que os émulos venceu, os zoilos suffocou,
 e o tempo, o olvido, a morte altivo dominou!...

Mas como a sorte adversa o mérito persegue!
 como quem o possue ao damno deixa intregue!...
 Quão caro custa a Elmano o uniyersal louvor!
 quanto tempo passado em indigência e dor!...
 Porque, vendo surgir da liberdade a aurora
 phrenético a saúde e d'ella se enamora,
 e dádiva do céu a cré feita aos mortaes,
 o hypócrita artiloso em tramas infernaes
 lhe tira o que mais ama e quasi do ar o priva,
 tira-lhe a liberdade, em ferros quer que viva...
 Accusa-o de impiedade... Elmano ímpio não é ;
 transluz-lhe Deus na mente e 'nalma abriga a fé.
 Se alguma vez errou na ardente mocidade,
 quem mais do que elle exalta e préza essa verdade
 que segue desde o bérço e origem é do bem ?
 quem mais exprobra o crime e mais horror lhe tem?...
 Assim constricto, um dia, achou silencioso
 o termo da fadiga, o leito do repouso,
 e os olhos que cerrava, entre milhões de soés,

sem demora reabriu na turba dos heroes,
que sempre a batalhar, triumpham pela idéa
e duram como dura o bronze ou a epopéa !

Bocage não morreu, nos séculos por vir
hade o seu nome egrégio o mundo repetir.

Distribuíram-se outras producções, taes como um folheto, intitulado *Salve, Bocage!* etc.

Regressou o cortêjo aos paços do conselho, onde pelo infatigavel e benemérito Sr. Silva Túllio, secretário da commissão de Lisboa, foi lido o já transcripto auto d'inauguração, do qual veiu um exemplar para a commissão do Rio de Janeiro.

Por um nobre acto de cortezia, o Sr. Marquez d'Avila, que já havia offerecido o seo cordão da cortina ao Sr. Ministro do Reino, que alli estava representando a nação portugueza, convidou os parentes de Bocage, que estavam presentes, para assignarem o auto antes de S. Ex.. como o demonstra a exacta transcripção que d'esse auto démos.

Poucas pessoas, entre as muitas centenas que na praça se apinhavam, poderam, por falta de tempo, sotopôr as suas assignaturas; mas não era inferior a hierarchia de innumeraveis cavalheiros presentes, cujos nomes o auto não pode mencionar. Em quanto durava esta tarefa, ouviam-se as bandas de música, e os hymnos portuguez, brasileiro, e de Bocage.

Aberto o grande salão da câmara municipal, offerencia aspecto deslumbrante: janellas com ricas bambinellas; chão alcatifado, reposteiros de magnífico damasco; mobília faustosa; balcão ao centro da sala, ornado de vasos de mármore cheios de flores; suberbos cristaes; ao fundo um bufête, com todo o serviço de prata; e um confortante e variado copo d'água (que a Commissão do Rio mandára offerecer, mas que a Câmara Municipal pediu para tomar a si).

Havia-se disposto para as senhoras um toucador, de muita elegância, na casa dos paços, onde funccionara a antiga juncta do sal. Estava atapetada, guarneçada de mobília à Voltaire, e arranjada com o maior gôsto.

As casas da Câmara estiveram abertas para serem vistas pelas pessoas que as quizessem visitar. A sala principal tem as parêdes forradas de pannos de raz, representando quadros bíblicos e retratos dos reis, até à Sra. D. Maria I, em cujo reinado se construiu o edificio,

e tem figuras em poncto grande, e algumas bellas, embora se conheça que os annos já as têm deteriorado.

Da imprensa periódica figuraram os, e guintes representantes, na cerimonia da inauguração, posto que nem todos podessem firmar o auto : — *Do Jornal do Commercio—Diario do Governo—Revolução de Setembro—Diário de Noticias—Diario Popular—Jornal da Noite—Gazeta do Povo—Crença—Boletim do Clero e do Professorado—Partido Constituinte—Gazeta Setubalense—Primeiro de Janeiro—Diário Mercantil e Jornal do Recife, de Pernambuco.*

Findo o *lunch*, retirou-se para Lisboa o maior número das pessoas que haviam assistido á festa, a qual houvera sido de inexcedivel esplendor, se a inclemência do tempo (vento, frio e chuva torrencial) a não houvesse hostilizado tão pertinazmente.

Chegada a noite, logo se atulhou o theatro, que estava convenientemente decorado, assistindo as auctoridades civis e militares, e a Câmara ao espectáculo, em camarotes ornados de damasco e ouro, e reinando sempre a melhor ordem, da parte de tão selecto público, que a cada momento patenteava o seo júbilo.

Começou o espectáculo, recitando o Sr. Carlos d'Almeida os seguintes versos do Sr. Eduardo Coelho :

Salve, Bocage !

Anniversário triste e jubiloso dia,
Setubal veneranda, é este em tua história ;
a portentosa voz gelou-a a terra fria,
mas tu, zelosa mãe, resgatas-lhe a memória.

Raiára o génio aqui ; brisas do Sado amenas
no bérço a dôce luz lhe ateiam brandamente :
— « Das fachas infantis (cantou) despido apenas, »
« sentia o sacro fogo arder na inquieta mente. »

À chamma cresce mais ; domina a fragil pyra,
transborda, alastra e banha em divinal calor
as creações de Deus. O povo absôrto admira
o canto ardente e audaz de Elmano, o trovador.

Mas essa inspiração que o século deslumbra
o corpo consumiu que debil a abrigava ;
Bocage cedo a face esconde na penumbra
da morte, onde o « tropel... » do génio... o « arrastava ! »

O' flor do Sado, orgulhar-te
 podes, por ter sido o bérço
 do Deus d'harmonia, da arte
 o numen, o rei do verso ;
 de alma aos lábios lhe acudia
 em jôrros de melodia
 a mais súbita poesia
 que inda escutára o universo !

No estro febricitante
 refervia-lhe um vulcão,
 que o tornava delirante
 nas convulsões da paixão :
 mas que loucura sublime !
 Com que magia se exprime !
 e em áureos versos redime
 os erros do coração !

Quer soltando a voz em hymnos,
 gemendo, ou vertendo pranctos,
 sentia êxtases divinos
 ao formular os seus cantos ;
 concentrava-se um momento...
 de repente.... o pensamento
 irrompia-lhe violento
 jorrando ethéreos incantos.

Como é bello, a natureza
 pintando, ou cantando o amor !
 ou descrevendo a crueza
 do ciume queimador !
 ou se o fere a atroz inveja,
 como a sátyra troveja,
 e o epigramma dardeja,
 e esmaga o provocador !

Os moldes da vida antiga
 pozeram-lhe ao estro peias ;
 co'a miséria sempre em briga
 não lhe quebrára as cadeias ;
 se o inspira a liberdade,
 que a França agita e invade,
 quão uteis, humanidade,
 te foram suas ideias !

As musas grega e romana
 abriram-lhe os seus thesouros ;
 conheceu da história humana

as virtudes e os desdouros ;
avistou nos vãos seos
quanto ha grande em terra e céos ;
do génio na fronte Deus
lhe pôs os eternos louros.

Se intregue aos « prazeres vãos, »
« seos sócios » e « seos tyrannos, »
abraira co'as próprias mãos
« o abysmo dos desinganos ; »
se das paixões no delirio
o queima o fúnebre cyric
da morte ; após o martyrio
fica sol entre os humanos !

Luz fecunda, que derrama
a sua memória, é tal,
que inunda em vívida chamma
este sec'lo em Portugal.

Nobre reconhecimento
lhe crige esse monumento,
ante o qual o povo attento
diz : — « Bocage, és immortal ! »

O' bella flor do Sado, alegra a fronte : o dia
é data immorredoura em tua illustre história ;
a portentosa voz gelou-a a terra fria,
mas tu bradas-lhe, ó mãe : « Renasce para a glória ! »

Recitada esta poesia com calor, e acolhida com applausos, pediram unanimemente os espectadores que a orchestra tocasse a marcha *Homenagem a Bocage*, o que foi feito, em meio de geral enthusiasmo ; e sempre em egual disposição de ânimos foi seguindo a representação.

Ao mesmo tempo, havia um concurrido baile no club. Seis bandas de música percorriam todas as ruas, e estacionando ante os paços do conselho, o edificio do *Setubalense* e outros logares, ahi tocavam a *Homenagem a Bocage* e outros hymnos, lançavam ao ar girândolas, e trocavam-se discursos.

As philarmónicas iam, uma após outra, tocar, e atacar foguetes, em frente da casa onde nasceu Bocage, na rua de S. Domingos.

Estava preparada na praça de Bocage uma excellente illuminação a gas, de que o tempo não permitiu sacar todo o partido ; mas grande número de casas da cidade rstiveram illuminadas, havendo, em algumas, transpaerentes e allegorias.

Tambem foi devido ao máo tempo o não se ter lançado o fogo d'artificio, que se mandára preparar para remate dos festejos d'aquelle dia.

Quando o comboio partiu, tendo alguns dos convidados ficado em Setubal, acolheram-se á provada benevolência do digno Presidente da Municipalidade, e dos mais vereadores, que com a mais sympáthica delicadeza tractaram aquelles seos hóspedes, inchendo-os de attenções e obséquios.

O edificio da câmara municipal conservou-se interior e exteriormente adornado, assim como todas suas immediações, para uma nova solemnidade, a qual se realizou no dia 24 do mesmo mez, ainda em honra do mesmo grandioso vulto, e por iniciativa da commissão do Rio.

Com effeito, é já sabido que tendo ella tido a fortuna de descobrir em poder do prestante Sr. Dr. Joaquim José Teixeira o famoso exemplar original do retrato que Henrique Jose da Silva fez de Bocage, no anno de seo passamento, mandou tirar d'elle uma excellente cópia, muito mais perfeita que o original, e em poncto muito maior, cópia que ficou de inexcedivel similhança, sendo portanto o único retrato que existe authêntico, e o que teve a honra de servir para modêlo da estátua.

Levou-o consigo para Portugal o Presidente da Commissão do Rio, que o depositou nos paços do Conselho de Setubal, declarando que viria a ficar propriedade d'ella, se a Commissão central isto approvasse; e pois que assim succedeu, pertence elle hoje á Câmara de Setubal, que o conservava, até receber a decisão, no antigo oratório ou capella da municipalidade, casa muito digna de admiração, por ser toda de legítimo xarão e de primoroso trabalho.

Foi a inauguração d'esse retrato no salão do conselho que motivou terceira festividade, no dia 24. em hora do Sadino. A municipalidade convidou muitos dos seos hóspedes, do dia 21. Repetiu-se então a festa toda, com illuminações, músicas, theatro, baile etc.

Em conformidade com as instrucções da commissão central, do Rio, foi o photógrapho Roquini, de Lisboa, com um ajudante, para tirar na própria occasião da inauguração 2 photographias, uma pela frente, outra pelas costas do monumento; tambem isto não saiu perfeito, por causa do tempo; mas, tendo o photógrapho

ficado em Setubal, poudes depois, com quanto não tivesse um raio de sol, tirar as incommendadas vistas, embora desacompanhadas da animação que o espectáculo da inauguração houvera devido imprimir-lhes.

Tambem serão mandados para o Rio alguns exemplares da marcha *Homenagem a Bocage*, tanto para piano como para banda Regimental.

Eis ahi de que modo foi realizada a idea, proclamada na Assembléa do Club Fluminense, a 15 septembro de 1865, isto é, no dia em que se completavam cem annos, do nascimento do laureado vate Manoel Maria Barbosa du Bocage.

O Conservatorio de Musica

NOTICIA HISTÓRICA E DESCRIPTIVA DA INAUGURAÇÃO DO EDIFÍCIO, E ORIGEM DA INSTITUIÇÃO.

I

No seio d'esta esplêndida natureza, cercado d'estas maravilhas que se estampam no azul dos céos, no verdor dos campos, no iriar das flôres, no serpear dos rios; que se molduram na aspereza dos granitos que topetam com as nuvens, na rugosidade dos troncos que se exalçam aos ares; que se traduz no perennal concôrto dos pássaros, do ciciar dos bosques, do rugir das feras e do estrondar das cascatas, porque se conserva o brasileiro indifferente ao amor do bello e ás suas divinas creações?

Porque, hão de ser, na terra fecunda, immensa, do Cruzeiro as obras do Creador tão bellas, tão portentosas, e as da creatura tão feias, tão rachíticas?

Porque, como os helenos, sob um céu tão formoso, pascendo os olhos por tão pittorescas paysagens, não amamos nós a arte até á idolatria, nem rendemos ao bello o preito devido?

Porque somos nós, os filhos d'esta terra que Deus semeou com mão generosa de tantos, tão vários e tão raros primores, os que menos comprehendemos esta luxuriante natureza, que nenhuma do globo supera em pompa?

Será que os brasileiros herdassem de seus avoengos o tão vergonhoso desamor que votámos ao bello?

E' sempre essa a desculpa com que de prompto nos defendemos do nosso atrazo artistico: desculpa, que não passa de calúmnia lançada aos nossos antepassados, porque não foram elles indifferentes aos esplendores

d'esta natureza tropical, nem avêssos ao cultivo das artes, como nos esforçamos por insinuar.

Ahi estão esquecidos sob o pó dos tempos os *infolios* dos chronistas portuguezes, como Gabriel Soares, Simão de Vasconcellos, Rocha Pitta e outros, que em estylo terso e fluente descreveram as bellezas agrestes d'este feracissimo solo; ahi estão ennegrecidas pelo perpassar dos annos as grandiosas fachadas dos nossos velhos templos, os çhafarizes de arrendados contornos, os conventos de severo mas imponente aspecto, e a altiva e sólida arcaria da canalização das águas da *Carioca*, a desmentirem-nos, e a provarem que esses nossos avós almejavam perpetuar suas obras em honrada posteridade.

Não; não foram elles que nos legaram o intranhado desamor que temos ao bello; outra, qualquer que seja, é a origem do nosso atraso artistico; origem que a estreiteza da presente noticia não deixa indagar, nem a acanhada intelligência de quem estas linhas traça pôde tão accuradamente profundar quanto a transcendência do assumpto o estaria sollicitando.

D'entre os quatro ramos principaes de bellas-artes, a architectura é, sem dúvida, a que mais atrazada languesce entre nós; e é todavia ella que, no dizer de Laboulaye, dá ás physionomias dos edificios o cunho de uma idade e 'nelles imprime as aspirações de uma raça.

A architectura é uma das faces mais legiveis do character de um povo; nas suas producções gravam-se, em typos indeleveis, os periodos do ingrandecimento ou decadência de uma nação. Nas fórmãs de um edificio, na vastidão ou exiguidade de suas proporções, mede-se e avalia-se a nobreza ou a vilania de quem o construiu.

« E' na architectura, diz o erudito Dr. Velho da Silva, onde se revela o verdadeiro poeta, o sonhador de ideas abstractas; e quereis saber o porque? E' que a pintura busca typos nos grandes quadros das obras da creação; a esculptura é perigrina dos tres reinos da natureza, conduz preciosidades do infinito para o finito, imita, afeição, traz illusões para os olhos, illude-se á si mesma com os seus traslados, arrebatá o fôgo do ceo para imprimir calor e vida na estátua de mármore frio que viveu e sentiu, porque era a mais perfeita imitação da obra mais perfeita de Deus. A architectura, porém, não tem modélos na natureza, não aça typo na crea-

ção ; aqui o artista concentra em sua imaginação, como em fóco luminoso, tudo que sente, pensa, e combina-o de modo que transmita aos outros a percepção e o sentimento do seu ideal ; aqui tudo é o resultado do génio, das luzes, das paixões do artista, do gosto do seu paiz e do seu tempo. »

A architectura tem merecido dos povos civilizados, antigos e modernos, toda a sollicitude que para o seu aperfeiçoamento é preciso ter incessante ; e é a esse desvello que as grandes cidades europeas, e mesmo dos Estados Unidos, devem a grandeza dos seus monumentos, a belleza de suas edificações, a regularidade dos seus arruamentos.

Entre nós, o gosto da architectura é ainda deficiente, e até geralmente menosprezado.

A' indifferença que temos para com tudo quanto produz a arte em suas diferentes manifestações é que devemos a irregularidade e rudeza dos nossos edificios, particulares e públicos.

A falta de gosto dos nossos misteiras, unida á sua supina ignorância, são parte para que os nossos edificios públicos não passem de servil imitação dos europeos, que mesmo assim seriam toleraveis se não lhes amesquinhassem as fórmulas, diminuindo consideravelmente na cópia as proporções, e applicando muitas vezes a fins assaz diversos a caricatura do que vão procurar em longes plagas.

Quem se não doe da mutilação que se perpetrou aqui na cópia da suberba estação da estrada de ferro de Strasburgo, admiravel construcção moderna, que Laboulaye reputa a primeira no seu género ? Quão inhabilmente não foi macaqueada na fachada da estação central da estrada de ferro de D. Pedro II. ? Quem póde ver de ânimo tranquillo um dos mais bellos edificios das escholas belgas tristemente caricaturado na eschola da praça Onze de Junho ?

Para o novo edificio da *Praça do Commércio* da capital do império do Brazil (uma das mais importantes do mundo), adoptou-se um risco acanhado e de estylo florido, alambicado e cheio de arabescos, antipodas do fim para que o destinam, ao passo que o do *Conservatório de música* é pesado e sombrio como um palácio de Justiça !

Cerra-se-nos a alma de tristeza, vendo empregada

tão avultada somma em construcção que para tudo será appropriada, menos para o mister a que vai applicar-se.

E' para lamentar que a primeira eschola que o Brazil possui, de um dos mais cultos ramos da arte, tenha habitação de fórmulas tão communs e de tão mesquinhas proporções. E' para sentir, que, ligando-se a história do *Conservatório de música* ao nome de um artista tão eminente como Francisco Manoel, não possa d'elle dar idéa, mais alta nas fórmulas grandiosas que deveria ter o edificio devido aos esforços incessantes de tão inspirado músico.

O espirito pouco desinvolvido das associações e empresas, a falta de acoroçoamento á iniciativa particular, (não da parte do Governo, mas do povo que a ella compete auxiliar), inocularam-nos o péssimo principio de que tudo devemos esperar dos poderes do Estado, e que só á custa dos cofres públicos é que deve tambem ser feito quanto fôr de geral utilidade e concorrer para o engrandecimento da pátria. E' a este vulgar systema que devemos as grandes anomalias das nossas instituições e por consequência a injustiça com que se lança ao Governo unicamente a culpa de tudo quanto de máo ahí se faz entre nós.

Nenhuma associação se funda no Brazil, com intuito de concorrer para a prosperidade de qualquer dos ramos dos conhecimentos humanos, sem protecção do Estado, e nenhuma prospera sem subsídio do thesouro! D'ahi nasce esse amalgama de instituições semi officiaes, semi-particulares, com administrações electivas, mas dependentes da approvação do Governo.

E' assim que o *Conservatório de música*, instituído por uma sociedade particular, fórma hoje a quinta secção da *Academia de bellas artes*; estando sob a direcção geral d'esta tem economia separada e ainda pertence á associação que o estabeleceu; e constituindo os seus professores parte da congregação da *Academia* têm ordenados menores do que os d'esta, e recebem-n'os do patrimonio da sociedade, cujo thesoureiro serve gratuitamente.

O resultado de semelhantes inconsequencias é que sendo o edificio do *conservatório* quasi todo feito a expensas dos cofres públicos, deve sua má e defeituosa construcção ao director da sociedade que o fundou; no entanto, o vulgo, auctorizado por aquelles que sem critério nem consciência dão a Deus o que é de Cesar, e a Cesar o que é de Deus, imputa ao Governo todos os defeitos

d'aquella edificação, e até, atropellando a própria história dos nossos dias, chega a suppôr que foi o actual Sr. Ministro do Império quem auctorizou a feitura d'essa obra, quando ella começou em 1863.

Accreditando-se, sem a mais leve indagação, que o edificio do *conservatório* é trabalho d'estes dous últimos annos, chega-se tambem a emprestar a auctoria de similhante obra ao Sr. Bettencourt da Silva, que apenas foi encarregado de dirigir a sua conclusão, modificando quanto podesse, para melhor, o seo plano primitivo.

Levado por estas considerações, seja-nos permittido bosquejar a largos traços a narrativa da fundação do *Conservatório*, antes de aqui fazermos a rápida descripção da sua festa inaugural, de que nos achâmos encarregados por quem confiou por demais em nossos debeis recursos.

ORPHEO.

(Continúa.)

A família.

A família é de instituição natural, e é a base de todas as associações políticas. São theoremas, que não precisam demonstração.

A família recebe o homem ao nascer, accompanha-o durante toda a sua vida, e nos últimos transees, um dos maiores desejos do moribundo é achar-se cercado de sua familia.

O amor de familia bebe-se com o leite; desinvolve-se com os brincos da infância; fortalece-se com a puberdade, buscando uma companheira: produz seos fructos na virilidade, e abriga na velhice.

O amor da familia é a mais valente de todas as leis divinas e humanas. A maior parte dos homens são contidos, não porque o código lhes prohibe esta ou aquella acção, ou porque na vida futura poderão ter este ou aquelle castigo. Intremos em nós. A maior parte de nós, só deixa de praticar certas acções, porque tem mulher, porque tem filhos, porque tem um velho pae ou velha mãe, ás vezes até porque tem um irmão, ou irmã.

A natureza dice ao homem e á mulher, que um por outro deixaria a casa de seos paes, e que unidos gerariam e criariam filhos, que por muito tempo necessitariam de sua protecção, e assim deu nascimento á sociedade familiar. Porém ao mesmo tempo, dando a todos

fôrças limitadas, e aptidões diversas, obrigou-os a separar-se. As instituições humanas vieram dar mais fôrça a esta necessidade. As diferentes profissões, se tendem a conservar unidos certos homens, tendem a desunir os membros de uma família.

Nem o corpo nem o espírito podem estar em continuado trabalho. A natureza deu-nos a noite para o descanso.

Mas o próprio Deus no Sinai, e após elle todos os legisladores reconheceram que a noite não bastava: porque se bastava com o descanso, isto é ao indivíduo, não aproveitava á família. Um por fatigado, outro por ausente, não poderia aproveitar-se das vantagens, que proporcionam as relações familiares.

Para reunir os membros das famílias dispersas, crearam-se os dias de descanso. O artesão, o jornaleiro, e outros de outras profissões, no dia de descanso ficam em casa: contam a sua vida, e ouvem a vida dos mais. Estabelecem a communhão.

O catholicismo foi mais longe. Creou grandes festas, em que muitos dias de descanso seguidos dessem logar a grandes reuniões. Era assim que viamos, ainda não ha muitos annos, que o dia de Natal reunia á roda da mesa do chefe da família todos os membros d'ella: se algum faltava, era objecto de solicitude geral: e muitas discórdias ahí tinham fim, muitos interêsses eram ahí regulados, que hoje são origem de incómodos processos.

Em Roma, pelas leis das doze tábuas, o pae de família tinha poder discricionario sôbre toda ella: mulher, filhos, e escravos: podia vendêl-os e até mactal-os. Conta-se de Catão o antigo, que cedêra ou antes vendêra Márcia sua mulher a um seo amigo, recebendo-a de novo por morte d'este.

Nos tempos do feudalismo, ainda depois, famílias houve tão unidas e poderosas, que os reis eram obrigados a combatêl-as a mão armada. Era demais.

Os legisladores modernos tem tractado de acabar com a família, e tudo quanto a pode conservar e sustentar. Direitos de marido sôbre a mulher, do pae sôbre os filhos, do amo sôbre os creados, ou estão extinctos ou quasi; no poncto a que as cousas vão çegando, é o excesso contrário.

Sem respeito á família, não ha moral. O homem hade achar sempre mil meios de escapar á sanção externa

das leis; somente a sanção interna o pôde conter. Mas esta é preciso que seja immediata: o mal remoto assusta pouco. Não ha quem não espere confessar-se á hora da morte, e receber absolvição.

Isto para quem crê: para quem não crê, o mal é peor.

Pequenas forças não podem offerecer grande resistência; porém também não podem produzir grande acção. Caminhar pelos extremos é correr o risco de a cada momento precipitar-se. Para avançar com segurança, é mister seguir pelo meio.

Nos séculos passados, os homens trabalhavam para suas familias: procuravam feitos, que podessem passar á posteridade. Hoje cada qual trabalha por si com a quasi certeza de que seos filhos, e a certeza absoluta de que seos netos, de nada se aproveitarão.

Acabaremos tudo hoje, porque amanha havemos de morrer, dizia a philosophia de Epicuro, e dizemos nós hoje.

Com este systema, vamos direitinhos á barbaridade.

O livro está substituido pelo jornal; o estudo pela leitura.

Para que mais? A sepultura que devorar o corpo, devorará também o nome.

Ha emulação entre amigos, vizinhos ou parentes. Tirada a familia, é tirado um grande principio de emulação, e por consequência de aperfeiçoamento.

Destruir a familia é tirar a auctoridade á experiencia.

O homem que procura relaxar os laços da familia, certamente nunca os comprehendeu. OTTON.

Galera a duas amarras

O marquez de Mirabeau era, como todos sabem, grande liberal: seo irmão, o conde do mesmo titulo, tinha logar distincto no partido da côrte: e este dizia áquelle: Irmão! estamos bem; se vencer a côrte, cá estou eu para te salvar; se vencer o partido liberal, lá estás tu para me acudir.

O Sr. Alencar incarnou em si as duas pessoas: proclamou-se conservador na Câmara, mas escreve para a República. E assim preparou colção em ambos os lados, accendendo uma vela a Deus, outra ao Diabo.

Por amizade, que lhe temos, lembrámos-lhe que a demasiada prevenção muitas vezes produz effeito contrário. OTTON.

QUESTÕES DO DIA

N.º 35

RIO DE JANEIRO, 27 DE JANEIRO DE 1872.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Laemmert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua de General Camara.—Livraria Academica, Rua de S. José n. 119.—Largo do Paço n. C.—Preço 200 reis.
O 1.º volume, com perto de 400 páginas—3\$000.

Instrucção Popular.

CARTAS DE CICERO AO SR. DR. CUNHA LEITÃO.

I

Confrade e amigo.

Ab Jove principium; começamos pelos deuses, como diriam aquelles honestos e bons poetas, que, desprendidos das misérias da vida, paseavam as horas do lazer, dedilhando as chordas do alaúde, e atirando aos ventos que susurravam na copa das árvores canções tão tristemente melancólicas, que é prazer lê-las e sensação indefinida lembra-las. Como aquelles bons paes da velha litteratura portugueza, furtâmo-nos por um momento ao borborinho do mundo, que se agita, oscilla e passa, para muito á puridade, terra a terra comvosco, roubavos um pouco do tempo precioso, que tão generosamente votais ás cousas do paiz. Grande e sublime cousa é o assumpto que me traz arrastado! tão grande e nobre que por elle me vejo obrigado a dizer-vos que o vosso nome cresce, depois que se consagrou inteiro a esses labores, que intendem com a disseminação do insino a todas as classes sociaes. E sinto-me cheio de contentamento, porque ao nome venerando e por todos os titulos respeitavel de Castilho António, que em Portugal se pôs a evangelizar dia e noite em prol da instrucção pública, ostentando-se como apóstolo e martyr, como lição e exemplo, ajunctando á palavra fecunda e eloquente a acção magnânima e productora, vem hoje alliar-se o nome esperançoso, cheio de promessas e auspicioso de muito futuro, qual o vosso, charo amigo e confrade! Não, não me furto a dizel-o, porque o sinto; vosso talento e vossas obras em matéria de instrucção pública no Brazil vão levantando um ruído que ha de crescer como crescem todas as sementes, caídas em solo affeioado e orvalhadas pelo rócio da madrugada.

Actualmente as intelligências estiolam-se nas luctas estereis de política mesquinha, e os talentos perdem-se como a borboleta de mil cô.es, que volita, doideja, oscilla nos ares e vale apenas o pó dourado que espanja das azas; mas o vosso talento e todos os vossos estudos de muito saber e illustração não rutilam apenas um instante como aquella estrellinha que surge no canto do céu e se some desfazendo-se em sombras, não; de si acho eu confronto verdadeiro na ave, que hoje insaiou os primeiros vôos para amanhã elevar-se á altura das nuvens e encarar sobranceira os raios do sol.

Parabens vos dou pela intelligência que trabalha e pelo espirito que se cultiva no manuzear e no intender a licção e doutrina de bons livros, os melhores amigos que conheço, que nos estão ahí todos os días negaceando e derramando na alma uma esteira de luz, que a mão do tempo nunca apaga. Agora permitti que entre no assumpto da conversação, que me impelle a dirigir-vos estas linhas.

Ferida a ultima pugna d'essa guerra que o Império travou nos sêrros e plainos do Paraguay, volveram-se as vistas do paiz para questões de mór valia, que affectavam de perto interêsses de ordem política, económica, social, philosophica. A lei da liberdade do ventre, e a reforma judiciária, realizadas pelo partido constitucional, eram necessidades imprescindiveis do paiz; mas outra ha, que está ahí supplicando o auxilio de todas as intelligências, o concurso de todas as fôrças, e a actividade de todas as faculdades, os estudos de todos os cidadãos, e o patriotismo de todos que amam terra tão rica e fadada a preincher destinos enormes. A instrucção pública, mais que qualquer outra, é a reforma capital, o poncto de partida de todas as reformas uteis, progressivas, civilizadoras.

Não é o paiz cortado por immensa rede de estradas de ferro, nem de fio eléctrico; não é o paiz do *self-government*, do suffrágio universal, dos plebiscitos, e dos *mealings*, o mais adeantado só por isso, o mais liberal e o mais progressista. Para que um povo adquira foros, cumpre que seja illustrado e o confrade e amigo sabe que em trevas não ha intender-se de immunidades e prerogativas de cidadão e homem livre.

Estas verdades estão na mente de todos, e é sem dúvida por isso que em todos os ângulos do império se levanta a eschola, como outr'ora se erguia a cathedral.

A eschola hoje é o logar aprazado do presente; d'ella partem as caravanas, em busca de melhores tempos.

A vós, um dos mais estrénuos propugnadores do insino popular, cabem-vos parabens pela eloquente defesa que ides fazendo da causa do povo. Emquanto falsos apóstolos levantam tribunas, d'onde deixam cair invenenadas theorias de republicanismo e democracia, emquanto se armam até os dentes para derrubar a monarchia e o altar, a constituição e os bons costumes, summariando já o inventário da dynastia, vós prégaes a instrucção, a necessidade do insino, o direito que o povo tem de saber ler e escrever, e o dever que tem o Estado de insinar e disseminar nas cidades, nos municípios, nas villas, nos povoados, escholas e mais escholas, escholas e muitas escholas. Que paralelo entre elles e vós? Elles que falam na liberdade dos Estados Unidos, e vós que, modesto, sem ruído, sem apparatus, transformais sombras em luz, desertos em cidades!

Mas, que fiquem em paz esses devaneadores, que se gritam é porque ainda as massas populares se não baptizaram todas nas águas lustraes do Jordão da instrucção, que as ha de transformar em advogados de seos próprios direitos e prerogativas.

Na sessão do anno atrazado, apresentastes na Assembléa Provincial do Rio de Janeiro um projecto de instrucção primária obrigatoria, fundamentando-o com um discurso, em estylo nobre e cheio, que é por sem dúvida um prodígio de hermenêutica e eloquência. A nomeação que de vós fez o Govêrno Imperial para Presidente de Sergipe, distinguindo em tão verdes annos vossos talentos e méritos, levou-vos para novo terreno, onde devia levantar-se a vossa estrella, esplendente de irradiação.

A vossa bella administração abriu-se de-de logo, de modo descommunal, assignalando-se por um acto, que ha de ser sempre memorado nas páginas da história de Sergipe, que vem a ser a instituição de um *curso de aulas nocturnas*, tanto de instrucção primaria, como de instrucção secundária. Este generoso pensamento realizou-se de modo digno de encómios, não só para quem o concebeu e o pôs por obra, como para a provincia de Sergipe. A imprensa do Império dice que estrangeiros e nacionaes, professores e pessoas idóneas de character respeitavel, e lidas em matéria de insino, se o ferreceram— para leccionarem gratuitamente a todos quantos se ma

triculassem no *curso nocturno*. Não para'ahi a minha admiração, seei mesmo que inaugurastes o curso com subido número de matriculas e que fostes alvo de uma das mais sollemnes e estrondosas manifestações populares. O povo é sempre grato: aquelles operários rudes e honestos, aquelles homens do trabalho manual, aquelles artifices e obreiros que foram ao palácio saudar-vos sabiam que o *curso nocturno* rasgava diante d'elles horizonte, que seos olhos ainda não podiam medir, porque até então andavam perdidos em trevas.

Transporto aqui para esta carta alguns trechos da manifestação popular, no meio da qual o *Jornal do Aracaju* dá como gemmas de inestimavel preço as palavras eloquentes com que agradecestes tão honrosa e nobilíssima festa.

« Derrame-se pois, diz a *manifestação popular*, a instrucção a « largos jórros sobre a cabeça do povo, » e elle, banhado 'nesse novo Jordão, bendirá a mão que lhe prodigalizou a agua lustral do pensamento.

« Instruir, instruir muito e instruir sempre: tal deve de ser o esforço de todo o governo livre e paternal.

« Felizmente, não tem sido V. Ex. surdo e impassivel a esse grande reclamo da civilização e dos seos governados, mas apóstolo da grande causa, dedicado administrador de um povo digno de altos destinos: illustrado, tacteando-lhe o pulso sentindo-lhe a febre de conhecimentos que o devora, acaba de conceder-lhe o refrigerante que, extinguindo-lhe a afflicção, em seo lugar gerara o gôso.

« Sim, Exm. Sr., já não são problema as vantagens do *Curso Nocturno*—em bom dia imaginado e posto em prática por V. Exa. »

« S. Exa. o Sr. Dr. Cunha Leitão respondeu a estas manifestações com um brilhante e eloquentissimo improviso, em cujo começo entre applausos, disse S. Exa.:

« Meos senhores, as vossas manifestações pinhoram o meo reconhecimento. A vida politica é toda cheia de flores e espinhos. Agradeço-vos as flores que hoje me trazeis. A maior satisfação do homem publico está na consciéncia de haver feito algum beneficio em favor do povo: isso que hoje me vindes dizer, proclamando como um beneficio a creação das aulas nocturnas, enche a minha alma de júbilo, satisfaz as minhas aspirações de administrador. »

Não parastes porém em meio do caminho: o plano de

instrucção que querieis desinvolver era bem combinado e mathematicamente infallivel nos resultados. Após o *curso nocturno*, creastes as conferências populares, convidando por charta ao Director da Instrucção Pública de Sergipe para inicial-as. Permitti que me detenha por instantes na conversação que levo inceptada desde o principio e me aventure em breves e ligeiras considerações ; mas por não fatigar-vos, peço licença para reservar para outra missiva ess'outras considerações.

CICERO. (*Continúa*).

OBRAS DE J. DE ALENCAR—A IRACEMA.

VIII.

Illustre e docto escriptor : Parece-me haver provado, de modo irrecusavel, carecer a *Iracema* do vigor e brilho, que a genuína interpretação da história attribue á poesia indigena brazília.

Provei, cotejando capítulos inteiros da obra de J. de Alencar, com extractos dos nossos primeiros modêlos, que essa falta se lhe nota, até quando menos o fôra de esperar, isto é quando se tracta das próprias guerras—fôco principal, senão único, das paixões d'esse povo. E como não havia de ser assim, se isso mesmo introu nos planos do Sr. Alencar — assignalar essa poesia — obra sua—pelo character que lhe dá em todas as condições, circumstâncias e assumptos da vida selvagem? Fallaz illusão, que só o mais desregrado e balôfo orgulho explica.

Eis o que incontro n'um historiador :

« Tudo nos *Tupys* (os indios que figuram na *Iracema* são todos d'esta raça) respirava guerra : o nascimento, a educação, o casamento e a morte, os seus hábitos, as suas idéas e a sua religião. Se a mãe chorava com as dôres da maternidade, aquellas lagrymas podiam cair sobre o coração do menino e tornal-o covarde : convinha portanto mactal-o. (Laet, *Ind. Occ.* L. 17, cap. 15.)

« Apenas nascidos, eram pintados com as côres da guerra, o urucú e o genipapo, como se o negro e o vermelho d'aquellas tinctas symbolizassem o sangue e o lucto ; a seo lado depositavam um arco e frechas, que os acompanhariam meninos, jovens, adultos, guerreiros, e depois de velhos, e depois de mortos.

« Apenas saídos da infância, um baptismo de sangue os aguardava ; furavam-lhes os lábios e os lóbulos das

orelhas, e davam-lhes um nome que com aquella provança mereciam (*Relation du voyage de Rouloz Baro*, Trad. de Morau, pag. 233.)

« Cresciam no meio de exercícos physicos que lhes desinvolviavam todas as forças do corpo; tornavam-se homens no meio de fadigas, e só eram recebidos guerreiros á força de martyrios. Para o casamento era preciso conquistar uma mulher, e fazer um prisioneiro, ou levar a palma aos outros em força e agilidade; na morte só os grandes iriam para além das altas montanhas, onde os seus maiores amigos e parentes os esperavam na deliciosa beatitude do ócio entremeado dos prazeres da caça e da pesca.

« Um cântico de guerra os acompanhava do bérço á sepultura, e fabricavam as suas armas ao som de cantigas que narravam os aggravos recebidos dos seus em tempos anteriores, e como todos aquelles que prezam em primeiro logar as forças physicas e a coragem.» G. (Dias, *Obr. Post.*, vol. VII, pag. 204 e 205).

Ora, se « entre os *Tupys* era tudo poesia » e se, por outro lado, « tudo 'nelles respirava guerra » como conceber-se que pretenda realizar o legitimo typo uma poesia que, além de forçada, é imbell'e e molleirona, qual a da *Iracema* ?!

Porém não é só 'nisso que o auctor tracta de resto, sem auctoridade nem razão, a história. Adoptado o dissolvente systema de demolir ou innovar *quand même*, leva adeante o sacrilégio contra o legado que os tempos nos transmittiram, não para que o profanásemos, senão para que lhe rendêssemos a veneração, legitimamente devida ás reliquias augustas do ingenho e da observação; não para que apagássemos a lâmpada, senão para que nos ella servisse de pharol, tanto no presente como nas edades porvindouras.

Mas o que queres, meo amigo? Se o Sr. Alencar intende, por ser quem é, que em tudo tem carta branca para devaneiar.... Se até na jurisprudencia criminal, de natureza puramente positiva—(*stricti juris*—) tem elle a singular pachorra de deduzir, do silêncio da lei, *pens de prisão*...! Já viste espirito mais liberal e elevado? Ha de ser difficil.

Lê-se na *Iracema*, pag. 5.

« Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se. Deante d'ella, e todo a contemplal-o, está um guerreiro estranho, etc. (E' Martim)...

Foi rápido, como o olhar o gesto de Iracêma. A *flecha*, embebida no *arco*, partiu. »

Lê-se na pag. 27 :

« A virgem retrahiu d'um salto o avanço, e *vibrou* o *arco*. »

Lê-se na pag. 45 :

« A virgem, avistando a figura sinistra de Irapuam, saltou sobre o *arco*, etc. »

Lê-se na pag. 85 :

« ... O christão defende-se apenas ; mas a setta *embebida* no *arco* da esposa, etc. »

Esse constante uso que faz a india das armas guerreiras é desmentido pela história. Só entre os *Tapuyas*, mais embrutecidos e bárbaros, se permittia ás mulheres usal-as. Entre os *Tupys*, porém, « ciosos da sua dignidade », ás mulheres não era lícito trazerem armas; não caçavam e muito menos pelejavam. O Sr. Alencar ignora isso? Não ignora, mas não accêita, está acabado.

Lê-se na pag. 24 :

« Iracêma sentiu que sua alma se escapava para embeber-se no *ósculo* ardente. »

E na pag. 53 :

« Iracêma tomou a mão do guerreiro branco e *beijou-a*. »

Recorrendo-se ao *Glossário* do Dr. Martius, encontra-se com effeito o verbo tupico *piter* (ou *pêtera*, segundo o muito accreditado Vocabulário do Padre M. J. S., lente de Língua Geral no Seminário Episcopal do Pará) com a accepção de — beijar. Esta accepção é, porém, evidentemente figurada, ou adoptada na carência do termo primitivo ; a própria é chupar, sorver, vindo de *pêlêma* ou *petum* ou *pitum*, tabaco, fumo, como se dicessem — sorver, aspirar a fumaça.

Isto me confirma a crença de que, no puro estado selvagem, os nossos índios não conheciam o beijo, e que este lhes foi transportado e insinuado pelos colonizadores; muito menos como signal de reconhecimento, digo de gratidão, qual o emprega o auctor na segunda das passagens citadas. « O beijo—diz-nos uma grande auctoridade no assumpto— se nos appresenta como a expressão natural da affeição ; todavia elle era *inteiramente* desconhecido dos habitantes do Taití, dos Neo-Zelandezes (D'Urville, vol. II, pag. 561), dos Papuás (Freycinet, vol. I, pag. 56), dos aborígenes da Austrália, dos Esquimaus (*Journal de Lyon*, pag. 353.) » E porque não dos selvagens do Brazil ?

Lê-se na pag. 79 :

« A virgem pendeu a fronte; velando-se com as longas tranças.... recolheu em seo pudor.»

E na pag. 70 :

« Quando veio a manhan, ainda açhou Iracêma alli debruçada.... Em seo lindo semblante accendia o *pêjo* vivos *rubores* etc. »

Rubor, pêjo ? Têl-os-hiam acaso ?

'Numa sociedade, em que os instinctos e sentimentos da honestidade feminil se gastavam desde os mais verdes annos, ao attrito e ao espectáculo permanente da vida licenciosa, que esgotava toda a sorte de abominações e turpitudes, poder-se-hia levar à puberdade o que só o recato alimenta e guarda ? Por outra : podiam elles ter o que não tinham por essência da sua própria sociedade? G. Dias, de todos os historiadores de índios o que mais os favorece, e ameniza a sua rudeza e fragilidades, diz (e é sabido) que « as mulheres em soltairas se prostituíam facilmente. » Fala-nos elle — é verdade — de um chamado pudor ; mas em que consistia este ? Eis o que refere o illustre escriptor : « O seo pudor (falando das mulheres) revelava-se na *honestidade dos gestos e maneiras*, e no *mais* consistia em não mostrarem nunca signaes de.... que, ou não tinham pelo frequente uso de banhos, etc.»

Não se vê que aqui o pudor, esboçado com côres tão vagas e indistinctas, parece antes generosa concessão do poeta ?

Mas observa o Sr. Alencar na sua carta final : « O estudo da lingua indígena, é o melhor critério para a nacionalidade da litteratura. Elle nos dá não só o verdadeiro estylo, como as imagens poéticas do selvagem, os modcs do seo pensamento, as tendências do seo espirito, e até as menores particularidades da sua vida.»

Entre parênteses: esta idéa não é do Sr. Alencar, bem que só elle lhe haja dado tamanha latitude. Humboldt, que o Sr. Alencar não quiz citar, sem dúvida por não conhecer auctoridade acima de si, nem mesmo Humboldt (que loucura !) dice : « Creio que se fôsem bem estudados os idiomas dos selvagens, achar-se-hiam nelles mais riqueza, e gradações mais delicadas, do que se devêra esperar do estado inculto dos que falavam.» D'Orbigny abunda na mesma opinião, que é commum a muitos outros historiadores. Caberiam aqui outras ordens de considerações sôbre alguns ponctos mais da carta do Sr. Alencar, que todavia nos reservámos para pro-

duzir quando tractarmos especialmente da referida carta, por assim o aconselhar a melhor distribuição da analyse.

Abro o Glossário do Dr. Martius, e encontro com effeito o vocábulo *pouçú*, trazendo a seguinte significação : respeitar com algum pêjo, pêjo ; e est'outro— *poçúcaba*, naturalmente derivado do primeiro, com a significação de — acatamento. A' excepção d'estes dous vocábulos, nenhum outro ha, que eu saiba, da língua geral, exprimindo a idéa do attributo moral.

Mas pergunta-se : pelo simples facto de virem consignados ahi estes termos, devem ser elles recebidos sem quarentena ? Ninguem dirá que sim, porque ahi também vêm vocábulos evidentemente intercalados na língua dos selvagens pelo tracto d'estes com os europêos ; por exemplo : *coaracyrangába*, relógio de sol, *coatiçára*, escrivão, *imirarerecoára*, meirinho, *imirarereocú*, ouvidor, e muitos outros. Logo, cumpre fazer a devida digestão.

Primeiramente, a nossa razão indaga se a idéa expressa repugnava, ou, se, pelo contrario, era compativel com o estado moral da sociedade dos incolas primitivos. Com bons argumentos ninguem dirá que tal idéa o era.

Em segundo logar, sendo assim, somos inclinados a presumir que os vocábulos foram, como tantos outros, introduzidos pelos colonos estrangeiros. Além dos motivos já expendidos, fortalecem-me a crença de serem esses vocábulos oriundos da necessidade de exprimir idéas adventícias, estas duas considerações : 1.^a o dar o Dr. Martius o termo *pouçú* na qualidade de duvidoso ou incerto, perguntando se será portuguez ; 2.^a o vir este termo (sómente escripto deste modo — *poscú*) no Vocabulário já referido, com as accepções de — respeitar, ter respeito. Ora, respeito não é o mesmo que pêjo ; e a idéa de respeito não só não repugna, como a outra, se não que é toda conforme com qualquer sociedade bárbara. Quanto a mim, pois, é manifestamente preferivel a accepção trazida pelo Vocabulário, obra de auctor nacional, mais no caso por isso de ter estudado melhor a língua !

Mas diz o Sr. Alencar que « os dictionários são imperfeitos e espúrios » (a idéa não é d'elle, como provaremos opportunamente.) Quem nos dará, pois, a solução do problema ? O Sr. Alencar não nos insina o meio de sairmos d'esta difficuldade, mas insinam-nol-o a razão e o bom senso. Voltemo-nos para aquelles, que têm estudado as raças selvagens no meio d'ellas ; e os

seos estudos nos servirão de guia ou de phanal 'neste oceano de dúvidas e incertezas. M. nalt, nas suas *Recherches et aventures chez les insulaires des Andaman*, diz que estes selvagens (e são selvagens modernos) são « destituídos de todo sentimento de *pudor*, e muitos dos seos hábitos assimilham-se aos do bruto. » O capitão Cook em sua *Voyage au pôle sud* diz que os habitantes do Taití são *absolutamente* carecedores de toda idéa de *decencia*, ou antes de *indecencia*. » « Sem dúvida — accrescenta Lubbock, que cita Cook — isto provinha em parte de serem as suas habitações abertas, e não divididas em compartimentos separados » (como eram as dos nossos índios). Gabriel Soares no seo *Roteiro* diz: « Como os paes e as mães vêm os filhos com meneios para conhecer mulher, elles *lh'a buscam*, e os insinam como a saberão servir: as fêmeas *muito meninas*, esperam o macho, etc. » 'Neste sentido haveria innúmeras citações que fazer, cada qual mais auctorizada. Onde, pois, a idéa de pudor? e, se a não havia nem 'num nem 'noutro sexo, como existiria o termo, senão depois do tracto com os europêos?

O Sr. Alencar dice que o pêjo accendeu vivos *rubores* na Iracêma. Como rubores? Não se encontra 'nesses mesmos espúrios dictionários termo que signifique — *córar*. No Vocabulário aça-se o verbo *puçaná* com esta accepção, mas é êrro, por — curar. Tanto é êrro, que no Glossário vem os termos *poçanoug* e *poçunga*, o primeiro exprimindo—curar, e o segundo—medicina. Spix e Martius asseguram que os nossos índios « não sabiam o que era *córar*, e que sómente depois de *longas* relações com os europêos foi que a *cór* se tornou—entre elles o indicio de uma commoção da alma. » (*Reise in Brasilien*, vol 1. pag. 376.)

No dictionário da língua tupy—austral, encontra-se o vocábulo—*córar*, *môpiranyapó* (fazer vermelho). Mas, além de se presumir importado, como se demonstrou, accresce que não era esta língua a que se falava entre os ndios do Ceará.

Devo declarar, meo amigo, que, se desço a taes minudências, que talvez pareçam exaggerado rigor, e que eu de certo não teria senão para o *chefe* apregoado e decantado de *uma litteratura*, é porqué elle diz que os seus selvagens tem a « rudez ingénua de *pensamento* e *expressão*, que devia ser a linguagem dos indigenas. »

Está inganado ; não a tem tal, não só no que fica dicto, como tambem no que a seo tempo se dirá.

Lê-se na pag. 31 :

« — Teo hóspede fica, virgem dos olhos negros : elle fica para ver abrir em tuas faces a flôr da alegria, e para colhêr, como a abelha, o mel de teos lábios.

« Iracêma soltou-se dos braços do mancebo, o olhou-o com tristeza :

« — Guerreiro branco ! Iracêma é filha do *Paçé*, e guarda o segredo da jurêma. O guerreiro, que *possuisse* a virgem de Tupan morreria.

Martim torna a si e responde :

« — Os guerreiros de meo sangue trazem a morte consigo, filha dos Tabajaras. Não a temem para si, não a poupam para o ennemigo. Mas nunca fóra do combate elles deixaram *aberto* o *camocin* da virgem. »

Dize-me uma cousa : se tu não soubesses o que em lingua geral significa—*camocin*, depois d'aquelle *introito* do diálogo, que idéa ficarias fazendo d'esse *camocin aberto* da virgem ?

E a pia leitora como não córaria até que verificasse o sentido do vocábulo túpico ?

Estou fatigado. Continuarei amanhã.

Teo leal amigo e respeitoso admirador
SEMPRÓNIO.

Decima Carta
DE CINCINNATO A SEMPRONIO.

Rio 10 Janeiro 1872.

Amigo

Prosigamos no estudo do 1.º volume do Til, que é a parte d'este conto de cárochinha que perpassei pelos olhos. Por tal arte pullulam vegetações frondosas d'este ubérrimo solo, que 'nelle acharia um Maury matéria para nos patentear todos os recursos da humana eloquência.

Travámos conhecimento com a *ella d'elle* (e' de quantos a quizerem). Já sabes uma porção dos característicos, entre os quaes sobressai o de uma *vis saltitandi*, que induz a pensar ter a subjeita molas nas pernas, que a faziam pular destemperadamente. Fr. João dos Sanctos, na sua *Ethiopia*, p. 39, dá noticia de um peixe do rio de Sofala, a que chamam o *saltão*, por ser peor que uma pulga, nos pinotes que está sempre dando. Eu suspeitaria que fôsse avô da menina, se nos não dissessem que elle tem a fórmula de uma tainha : mas uma

tainha não é capaz de gerar fórmãs de pubescencia, e tambem não consta que o saltão de Sofala tenha alma de nympha embrulhada em argilla de chrysalida.

—Ora agora a moça, lida no seo Molière (Du côté de la barbe est la toute-puissance.) era meio homem, e ás vezes homem e meio ! Julgávamos nós que bastava ser mulher para instinctivamente se rodear um ente de certa atmospherã de delicadeza ; mas cá esta pim-popa era mal-creada como 4 petroleiras ou como 7 deusas da Razão todas junctas. Eis-aqui por exemplo, como ella faz trombas ao namorado, logo a primeira vez que abre o bico, que é quando o parvo está fitando os olhos 'nella ; copio tintim por tintim :

—« *Que me está olhando ahí ? Nunca me viu ? Exclamou, travada sempre da petulancia que animava-lhe (leia-se : que lhe animava) todos os movimentos* »

Já sabem que o auctor nos denuncia, com o mais apurado gôsto, com o mais incorrupto atticismo, que a sereia tinha um « *bregeiro olhar, o tregeito garôto de um caipirinha: era um capetinha de 'nil peccados; com vivacidade de traquinas, e pretensões a rapaz.* » Todas estas elegâncias leem-se logo no introito da história, assim como que a *capetinha caprichava em destruir um vestigio do seo sexo.* » Que vestigio será ? Eu não percebo bem a destruição, mas accredito, accredito que hade ter bem destruído tudo.

Fica portanto demonstrado que entra em scena uma desalmada virago ; e que se Achilles se tivesse mudado de Scyros para a confluência do Atibaia com o Piracicaba, outro gallo lhe cantára. Não curria perigo de denunciar-se, quando escolheu o *sabre de son père*, porque isso não delatava sexos, e na dicta confluência açhava quem desbancasse não só a Joanna do Arco, a Padeira d'Aljubarrota e a Maria da Fonte, mas ao próprio discípulo do centauro. ♦

Quanto ao *elle*, tambem era digno de menção : « *Calcava o chão sob o grossetro sócco da bota.* » Calcar debaixo da bota, em vez de calcar com a bota, já era uma habilidade do heroe ; mas onde o escriptor me corre a sapateta é quando em matéria de bota, bota os bofãs pela bôcca, para nos convencer da sua sciencia em tecnologia sapatelral ; e senão, é vêr aquella variedade de conhecimentos :—« *alpergatas de couro cru* » (as *alpargatas* ou alparcas, que eu conheço não são calçados de brutamontes)—« *grossos cothurnos de couro*

de veado, tão altos que mais pareciam botas »—« *tacão do cothurno* »—« botas de bezerro armadas » etc. etc.

Ora como tudo isto é theatral da cabeça até os pés, bom é que estes manifestem, no calçado, que ha 'neste conto matéria para rir e prancear: *sócco e cothurno*. Isto já eu aprendi, mas o que tu me hasde insinar, se souberes, é o que significa *sócco da bota*; será o mesmo que tacão? não me constava.

Nem te dedignes de estudar disciplinas próprias das lucubrações de um ministro d'Estado, visto como esta especialidade é de mui antiga data, pois se affirma que Luiz XII chamava sapateiros aos ministros de Justiça, dizendo que « estendiam as cousas, como os sapateiros o couro com os dentes. » Podia aquelle soberano, se tivesse lido um capítulo inteiro a descrever um pintainho feio (*A sura*), e semelhantes ductilidades litterárias, applicar a sua comparação ao preclaro auctor do *Til: sutor ultra crepidam*.

—Começa o auctor, descrevendo uma rechan, e diz: —« *Pela ramagem das árvores PERCEBIA-SE a proximidade de um manancial.* » Em que lingua se escreveu isto? Se é em francez (com a simples desinência portugueza), então não digo nada: os francezes têm o seo *apercevoir* significando começar a vêr, descobrir de longe, distinguir, que é a accepção deste *percebia-se*, que o Sr. Alencar emprega em muitos logares; mas suppunha eu que o nosso *perceber* não tinha essa significação, como a não tinha o *percipere* dos latinos: *comprehender*, *avisar*, *receber*, *ordenar*, *apparellhar-se*, *acautelar-se*, isso tudo póde dar o nosso *perceber* ou *perceber-se*, mas *avistar*, ou cousa que com isso se pareça, creio que não póde ser.

—Vamos aprendendo mais:

—« *Entre as crepitações da brisa nas folhas, como um tom opaco d'esse harpejo da solidão, ouvia-se o murmure soturno do Piracicaba.* »

Não te pergunto se isto é guindado, ou se é um d'estes efeitos que Mme. de Staël diz que nunca se acham quando assim se procuram. O que, sim, peço, é que te dignes traduzir-me esta *algaravia* em linguagem accessivel cá ás nossas ínfimas posses.—Eu nunca vi este Sr. *murmure* (intenda-se bem, em portuguez); *mürmur*, *mürmúrio* ou *mürmuro*, isso sim.—Denominar harpejo (eu escrevo *arpejo*, porque o italiano, que nos deu o termo, diz *arpeggio*) ao som monótono de uma corrente d'água, parece-me um símile, tão outorgado pela arte

musical como o são os símiles pedidos ás sciencias. Não ha arpejo onde se ouve um som único; para que haja arpejo é mister que diversos tons, e pelo menos dous, se modulem rápida e continuamente.—*Arpejo de solidão*, nem anályse comporta.—E finalmente pretender que haja *opacidade* ou transparencia 'num som ou 'num tom, affigura-se-me, que não tem tom nem som.—Não me demoro; tenho muito que andar.

— « *Septe horas da manhã* HAVIAM de ser »—Este êrro, que o Sr. Alencar perpetra a cada passo, e em que tem por sócias todas as cusinheiras da cidade, é formal ataque a um dos mais sabidos idiotismos da língua, segundo uns, ou a uma philosóphica regra d'ella, segundo se me affigura. Seja porêrn qual fôr a qualificação, recebamos o factó, que é diametralmente opposto ao emprêgo que o Sr. Alencar costuma dar á 3.ª pessoa do verbo haver. Ouçamos por ex. Cândido Lusitano:

« Na concordância do verbo com o seo nominativo, temos um particular idiotismo do verbo *haver*, porque nas 3.ª pessoas do número singular não concorda em número com o seo nominativo. Os ignorantes, e *tambem muitos dos que presumem não o ser*, governando-se pelas regulares conjugações dos outros verbos, teem por êrro crassíssimo ouvirem dizer:— *Houve homens que nunca haviam de ter nascido*, em logar de *houveram homens* &— *Havia muitas iguarias no banquete em vez de haviam iguarias*. Porein estes presumidos são os que erram, porque com todos os clássicos da nossa língua se prova, que o estar este verbo no singular, e o seo nominativo *homens* ou *iguarias* no plural, é um idiotismo e gramática irregular, muito própria da nossa linguagem. »

Repetirei aqui ser attendivel o reparo d'este êrro, que é o commettido pelo Sr. Alencar, e ir eu mais longe, pois supponho não ser isso um idiotismo, mas o bom falar: porque se *ha homens, havia festas, houve tempos, haverd casos* & fôssem realmente discordâncias de número entre sujeito e verbo, nem se deveriam, nem se poderia n desculpar: a illusão está em cuidar-se que o verbo *haver* significa *existir*. Logo que se advirta em que *haver* é derivado do *habere*, e com a mesma significação de *ter*, fica manifesto que o erroneamente çha nado sujeito ou agente não é senão complemento objectivo ou paciente; e que o agente ou sujeito real se deixou occulto, para conformar com o uso recebido. Assim:—*Ha homens*, completa-se d'este modo—O homem ha (*tem*) homens.

O que estes modos de dizer são por tanto é ellipticos ; e não se confunda ellipse com idiotismo.

No próprio francez, tão naturalizado por Sénio, é mui semelhante o uso do verbo *avoir*, derivado, como o nosso *haver*, da mesma raiz latina, e com idêntica significação. En *il y a des hommes* (ha homens), o sujeito é *il* (equivalente de *le monde*) ; o complemento objectivo, *des hommes*.

Desculpa, se, uma ou outra vez, me vejo forçado a assumir apparencia pedagogica; só o faço quando as phrases analysadas não são propriedade exclusiva do escriptor insigne, mas tambem usadas por outros. Não quer isto dizer que a razão esteja sempre pela minha parte: *ego non sum papa*. Em cada caso competirá sempre a ti e aos competentes dissiparem os meos erros, quando seja eu que 'nelles labore.

Sigamos, como a cabrita, aos pulos por hi abaixo.

— « *O c'o, essa immensa tela azul que foi cúpola de um bérço (o da luz), e será mais tarde véo de um leito (o da vida), a alma só o procura, só o contempla, quando a dôr a prostra.* »

Esta cousa, que não scei se ata nem desata, começa por ser um plágio. Já outro collega coimbrão (Sr. Anthero do Quintal), tinha dicto :

Oh ! o noivado bárbaro ! o noivado sublime ! onde os céos, os céos ingentes serão leito de amor, tendo pendentes os astros por docel e cortinado.

E no *Fiat lux*, diz tambem que o velho Chaos, o Oleiro do Infinito, cançou-se de amassar mundos, e como não tinha mais barro, esfregou as mãos que estavam sujas, e deixou cair d'ellas por esse abysmo alem um pó (que era morcego).

migalhas dos banquetes do Principio,
triste parto das sombras, atirado
sôbre o bérço de luz do firmamento,
que era um filho ingeitado, que se escondia pela
sombra dos muros &

E' claro como um prego, ser um plágio coimbrão aquelle *bérço de luz e cortinado de leito*, e mais claro ainda, que a luz surgindo esplêndida e instantaneamente, ao simples *seja !* teve um bérço, que foi na tela azul ; e que o céo azul ha-le ser véo de leito da vida ; e quem não entender nada, é porque é obtuso.

E d'ahi... talvez nem plágio seja. O cérebro-vulcão do

nosso romancista era bem capaz de gerar cousas d' aquellas, e poderá dizer dos collegas coimbrões o que em caso análogo dice Piron :

Leurs écrits sont des vols qu'ils nous ont fait d'avance.

Com o que eu porêem desadoro é com aquella cadella d'alma, que nunca se lembra de S. Bárbara, senão ao estampido dos trovões ! Quando as cousas lhe correm bem, olha só para o chão ; quando se lhe atrápalham, levanta o lúzio para o ar, com risco de que o céu lhe responda : « Oh senhora, deixe-me ! quem lhe comeu a carne, que lhe rôa o osso. »

—
 Não tenho mais tempo para estragar, e a minha lâncara aqui a ferro por hoje. E' desnecessario correr mais ; *chi va piano, va sano; chi va sano, va lontano.*

Tudo isto, como as tuas profundas críticas, hade ficar sem resposta, pois é mais cómodo aos thuribulários inceusar que redarguir : para isto é preciso estudo (que sempre aborrece), e razão (que se não tem) ; para aquillo, basta pulmão ou penna (de que ha fartura). Amanhã virão esses célebres comparsas á sua *Hosannah Rabba*, á sua festa dos tabernáculos, clamando que só Apollo é Apollo e Alencar o seo propheta; são os sócios de Ulysses, mimoseados por Circe. Assim como o abbae cantar, hade o acólyto accômpañhar.

Todavia, sempre te quero dizer que o pimpão, que continúo a considerar digno intérprete de Sénio, espécie de demónio familiar de Sócrates, salu-se (mais uma vez, que me conste) com outras parvoíceadas que infundiam dó, mas que fizeste bem em desprezar, como eu tambem o fiz. Trazia lá umas histórias de zeniths, vulcões etc. impagaveis, e tem pretendido roer-me os calcanhares e satyriزار-me, como se isto de sátyras fosse para sátyros !

Nas fábulas de Estópo, segundo leio, é célebre o jumento que, vendo que o senhor assentado na mesa dava boccadinhos a um caosito, que se levantava em pé e lhe fazia festa, imaginou que lhe succederia o mesmo ; mas levantando as mãos, e atirando com ellas ao peito do senhor, deu com elle e com a cadeira no chão. Acudiram os creados, e com páos moeram ao asno. Graças asininas são chamarizes de trancas.

Agora adeus, até quando o tempo me der vão.

Teo admirador—CINCINNATO.

QUESTÕES DO DIA

N.º 36

RIO DE JANEIRO, 31 DE JANEIRO DE 1872.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Lammert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua de General Camara.—Livraria Academica, Rua de S. José n. 119—Largo do Paço n. C.—Preço 200 reis.
O 1.º volume, com perto de 400 páginas—3\$000.

Instrucção Popular.

CARTAS DE CICERO AO SR. DR. CUNHA LEITÃO.

Continuando o assumpto tractado em minha carta anterior, ponderarei agora que as conferências populares são um pensamento civilizador, que nos paizes mais prósperos da Europa dão de si aprimorados fructos. Vós porém, Sr., talhastes as conferências em Sergipe com feição de insino popular; e sendo o primeiro que iniciastes no paiz tão robusta concepção, apropriastel-a aos costumes, instituições e índole do povo. 'Nisto, alem de muita sagacidade, revelastes talentos de estadista e administrador. E' por isso que as conferências no Aracajú excitaram estímulos, accenderam brios, acordaram intelligências que se perdiam na inércia, e o povo correu a ouvir a palavra de oradores, ainda moços, ainda inexperientes, mas robustecidos de fé e alimentados pelo fogo sagrado do patriotismo. Cabem tambem aqui umas reflexões sobre a charta que inderessastes ao director da instrucção pública e que tão bons resultados produziu: é uma peça litterária, talhada no molde d'aquellas bellas epístolas que Duruy sabia escrever de 1867 a 1869, quando dirigia a pasta do ministério dos cultos e instrucção pública do segundo império francez; além d'isto é cousa nova no paiz e dicta em estylo terso e abundante.

Continuando no poncto, em que alarguei os pannos do assumpto, tenho a significar-vos um pesar, e vem a ser o de que em todo o Brazil se não propagasse o gôsto d'aquelle discursar ameno, facil e instructivo das conferências. Entre nós, descendentes dos latinos, com uma lingua tão opulenta, seria isso facillimo e não é raro acharem-se vocações decididas para a tribuna e talentos já provados na oratória.

Depois das conferências, creastes nas cinco cidades de Sergipe aulas públicas nocturnas, para os adultos, onde

elles fôsem receber instrucção primária elementar gratuitamente.

Louvar mais essa nobilíssima creação, seria repetir um a um os hymnos que a imprensa do Brasil vos inde-reçou. Cabe-me porém fazer um reparo: de todas as instituições uteis e humanitárias, que o vosso génio fez surgir á luz, a que mais me incheu de enthusiasmo foi a da creação de uma aula para os prêsos da penitenciária do Aracajú. A isto chamo eu guerra aos problemas do *socialismo*, morte ás sombrias theorias do *communismo*—charidade evangelica, sancta, que só peitos christãos sabem sentir! E' semente atirada a um sólo até então subventâneo e infecundo; é orvalho do céu descido para mitigar a sede de infelizes, sepultos nas masmôrras de uma detenção. Verdadeira philosophia, que sabe que onde se abre uma eschola, se feça um cárcere; onde ha irradiações, fogem as sombras!

A vossa presidência em Sergipe foi curta, mas deixou muita luz. Os jornaes do Norte e do Sul, e nomeadamente os de Sergipe, resumiram em um bello artigo a synopse brilhante de vossa administração. Não me furto ao prazer de mais uma vez transcrever essas phrases que já curreram todo o império. E' tão bom o mister da imprensa, quando edifica; é tão nobre recompensar-se de modo público os que se afadigam em cousas que trazem bem para a nação!

« A administração do Sr. Dr. Cunha Leitão (diz o organ sergipano transcripto em outras provincias) pôsto que de curta duração, como a passagem de um meteóro, deixa comtudo traços luminosos e indeleveis, que jamais serão obliterados da memória do povo sergipense. »

Verdades são essas tão poderosas que, ao sairdes do Aracajú, recebestes as provas inequivocas das sympathias d'aquelle povo generoso.

Deixando a cadeira de primeiro magistrado de uma provincia, viestes tomar assento entre os legisladores da provincia do Rio de Janeiro, mostrando-vos desde logo apóstolo por excellência do insino popular.

A instrucção obrigatória, com cujo projecto iniciastes vossa vida pública no anno anterior, projecto que tanto honra ao nome illustre do seo auctor, como ás luzes da Assembléa que o approvou, foi o primeiro assumpto que mereceu as attenções do vosso talento.

A instrucção obrigatória tem sido ventilada e debattida nos paizes mais adeantados da Europa. Melhores

que os longos discursos e que os arrazoados, em que cada um mette maior número de consequências, são as vantagens que os cantões da Suíssa e quasi toda a Allemanha do Norte têm tirado de um systema de insino, em prol do qual militam publicistas eminentes e liberráissimos, como Tocqueville e Pelletan. A assemblea legislativa do Rio de Janeiro, ouvindo a vossa voz eloquente na defesa de um projecto já de si fecundo, votou por elle; e a imprensa da Côrte não se esqueceu de tributar ao vosso nome os louvores mais espontâneos. Um jornal inglez, memorando este facto, diz o seguinte: « *The assembly of the Province of Rio de Janeiro has passed a law making it obligatory on parents and guardians to send the children, of either sex, in their charge, to public or private schools, from the age of 7 to 14 years. Children for whom, owing to poverty, decent clothing cannot otherwise be obtained, are to be clad at the cost of the provincial treasury.* »

« *The autor of the bill, Dr. Antonio Candido da Cunha Leitão, deserves the highest praise for a measure which unhappy experience has proved is needed to overcome the indifference of the poorer classes to the education of their children, and which has been employed with such advantageous results in Prussia, and other states of Germany. Dr. Cunha Leitão, has thus proved that he is of the stuff from which genuine and practical reformers are made, and it would be well for the country, were more of his kind to be found in its representation.* »

Após o luminoso projecto de instrucção obrigatória, necessidade imprescindível na provincia do Rio de Janeiro, por isso que, alem de ser gratuita, já se decretára o insino livre; apresentastes o projecto das *escolas publicas nocturnas* de instrucção primária para os adultos do sexo masculino, em todas as cidades e villas da provincia. A utilidade d'essas instituições de índole democrática, em que o homem, moço ou velho, nascido em o fundo d'um sertão, ou em centro populoso, póde, nas horas do descanso, á noitinha, receber o alimento e a luz do espirito, é por sem dúvida manifesta. As sociedades litterárias, os grémios politicos, os homens verdadeiramente patriotas estão levantando escolas. Depois que instituistes o *curso nocturno* do Aracajú, quantos cursos e aulas nocturnas não tem produzido a felicissima propaganda da disseminação do ensino popular! E' uma cruzada sancta, a que se junctam todos

os talentos, todas as vocações e todos os espíritos bem intencionados. Lamento porém que o município, o representante fiel dos direitos do povo, desde as luctas da idade média até nossos dias, não se tenha podido adeantar em reformas taes. Que honra e glória para as câmaras municipaes, se d'ellas partisse a iniciativa de crear escholas! mas a decadência d'esta bella instituição, tão mal aproveitada no paiz, tem-lhe tirado o cunho característico da sua autonomia e reduzido á ultima penúria os seus orçamentos! Compreendeis que estes são os sentimentos que nutro a favor de uma causa, que não é só de uma cidade, mas de um paiz: não só de um paiz, mas da humanidade. A causa da instrucção, sua disseminação, sua universalidade, entram por certo nas utopias dos philótophos. Creio mesmo que é assim que a humanidade ha de ir por deante; emquanto porém o insino não for livre, a instrucção primária obrigatoria, e emquanto se não multiplicarem as bibliothecas, os jornaes, os livros, se não estabelecerem conferências gratuitas e cursos nocturnos, não poderá haver progresso senão lento, imperceptível quasi.

E é, por sem dúvida, louvando-vos 'nestas ideas que appresentastes um projecto, creando bibliothecas populares. Aquillo, sim, que é trabalhar e preparar o terreno, d'onde deve rebentar a esplêndida messe do futuro. Deixemos Volney parado ante as ruínas de Palmyra e Troya, calcando aos pés as ossadas descommunes de cem cidades batidas das areias esbraçadas do deserto; deixemol-o lamentar o passado; e sintamos antes alegria com os apóstolos do progresso, admirando o desenvolvimento phenomenal dos Estados Unidos, onde a instrucção se derrama de modo extraordinário: todos os municípios, todos os homens ricos votam taxas proporcionaes e legam dotações enormes para museos, bibliothecas e escholas. Na Allemanha, principalmente na Prússia, ha contribuições directas, especiaes, que são votadas no *reichstag*, e cumpridas escrupulosamente. Mas, indolência nossa, apenas despontam os primeiros alcores de uma luz no horizonte! E será aurora ou crepúsculo?

A criação das *bibliothecas populares*, moldada tambem á feição da índole do povo, vai ja excitando reparo entre nós. A imprensa, que é sempre quem anda na vanguarda da opinião nacional (falo-vos aqui da imprensa nobre e generosa; da outra não me occupo eu, que a não baixo não volto os olhos), revelou-a como utilíssima;

e não o diria de outro modo, a menos que fechasse os olhos ás consequências benéficas que o gôsto das letras, o amor ao estudo, produzem sempre. Cabe-vos a palma da prioridade de tão bom pensamento, que já o tinheis manifestado em Sergipe, quando em carta official ao Director da Instrucção Pública o convidastes a inceptar a série de *conferências nocturnas*.

Grande contentamento deve ser o vosso, em bem servir o paiz que vos viu nascer. A que maior glória poderia aspirar o vosso bello talento do que essa de, na primavera da vida, na estação esperançosa dos vinte annos, contar já tantos e tão assignalados serviços ao paiz e á causa do povo, inflorar tão virentes louros na corôa brilhante que ha de ser o vosso futuro? A vossa glória cresce de poncto, quando vos cabem os títulos de terdes iniciado no Brazil as melhores ideas, ainda não cuidadas, sobre a instrucção pública. São vossos foros em Sergipe o *curso nocturno*, as *conferências populares*, as *escolas nocturnas para adultos* e a *aula* para os presos do Aracajú; no Rio de Janeiro os projectos de *instrucção primária obrigatória*, *aulas nocturnas para adultos*, e *bibliothecas populares*.

Quem por esse modo principia a vida pública, deve ir longe. A intelligência, quando mais trabalha, mais esplende: é o diamante a despedir de si mil scintillações. E, confrade e amigo, o paiz não póde ser indifferente aos commettimentos nobilíssimos em que se embarca o vosso afortunado génio. Hoje, mais que nunca, a nação tem direito de exigir o concurso de vosso espirito, os labores de vosso intendmento. Trabalhae, que o alicerce de vosso futuro o firmou a vossa actividade; agora é perseverar. Saúdo desde já as alvoradas de um porvir, que ha de ser semeador de boas obras, e generosas ideas. Falei-vos do futuro, e não esconderei que Deus reservou para os seus eleitos—os principes do talento, os illuminados do fogo celeste—as murmurações dos zoilos, as objurgatórias dos parvos, as injúrias dos obcecados, muito fel, muita provação; mas dir-vos-hei tambem que, quando o sol rutila, enchem-se de luz os cabeços das montanhas e o fundo dos valles, as campinas esmaltadas de flores e os pântanos, onde se escondem os reptis que lhe não supportam a luz. Caminhae, que, como ao saudoso Elmano, a posteridade é vossa.

CICERO.

OBRAS DE J. DE ALENCAR—A IRACEMA.

IX

Meo amigo.

Cumprimento-te, e continuo.

Lê-se na pag. 84 da Iracêma : « —....*Se o guerreiro Cauby tem de morrer, morra elle por esta mão, e não pela tua.* »

« *Martim pôs no rosto da selvagem olhos de horror :*

« *Iracêma matard seo irmão ?—Iracêma antes quer que o sangue de Cauby tinja sua mão que a tua; porque os olhos de Iracêma veem e a ti, a ella não. »*

Explica-me esta filigrana, que o Sr. Alencar não açou planta exótica 'numa sociedade, onde o sangue, longe de iafamar, exaltava, porque era prova de gentileza e bravura.

Entretanto, ao passo que tinha tal *fineza* para o amante, não vacillava deante do extermínio da tribu inteira, que uma palavra sua poderia salvar. Assim, lê-se na pag. 52:

—« *O estrangeiro está salvo (diz ella); os irmãos de Iracêma vão morrer, porque ella não falará. »*

'Nestes irmãos, além de Cauby, estava comprehendido o próprio pae, o pagé. Será tudo, muito poetica, muito romântica, menos lógica, semelhante sensibilidade.

Não só isso, como tambem o que se segue, é prova de que ella não sentia lá grande affecto a esse pae, apezar de a estimar elle em tanto. Assim, lê-se na pag. 143:

— « *Ainda vive Araken sôbre a terra ? (perguntava a índia a Cauby, que fôra ter com ella ás praias do mar).*

— « *PENA ainda; depois que tu o deixaste, sua cabeça vergou para o peito, e não se ergueu mais.*

— « *Dize-lhe que Iracêma é morta já, para que elle se console. »*

E foi preparar a refeição, armar a rêde, etc.

Para não offender Martim, que ella, como se tem visto, superpunha ás mais naturaes affeições, deixou de chamar aos Potyguáras (a cuja tribu pertencia Poty, amigo de Martim). *Potyguáras*, nome que davam os Tabajáras (dê-o o Sr. Alencar/áquelles por escárneo, significando *comedores de camarão* (Vid. a pag. 51)

Mas, se ella observava tal delicadeza, que faria inveja a muita gente civilizada da sociedade em que vivemos, onde não só nos offendem na pessôa dos nossos amigos, mas até nos assacam a nós próprios pelos *diários* toda

sorte de doestos, nós temos sido d'estes vítimas, como não evitava a Martim a *protecção* impertinente que o *desgostava* (pag. 45), dando logar a Mel-Redondo dizer a elle: « — *Vil é o guerreiro, que se deixa proteger por uma mulher* » (pag. 28) Se se mostrava tão fina e escrupulosa alli, tractando-se de um amigo do amante, como não o fazia quando aqui se tractava do pondonor, do brio (que era tudo entre os selvagens) d'elle próprio? Ah! Iracêma, tu foste o primeiro fructo, ábsono já, da árvore estranha, que devia mais tarde produzir a Diva, *et reliqua*!

Em mais de um passo se notam arranjos de phrase, que se affiguram só próprios da linguagem polida. Assim, lê-se na pag. 21:

— « *Iracêma..... nunca sentiu a FRESCURA DO SEO SURRISO.* »

Sei que possulam os *Tupys* o vocábulo *yroiçang*, frescura, viração. Mas não obstante,ninguem contestará que *frescura de sorriso* seja um dizer figurado, só possível na linguagem de uma sociedade de outra ordem, que não a dos selvagens. Entre nós mesmos, só nas classes mais elevadas se poderá usar de tal *melindre* e *belleza* de pensamento e de expressão.

Ha um grande erro de fórma na obra do Sr. Alencar: Essa linguagem, sempre figurada, que elle pôi a cada instante na bôcca dos bárbaros, como se fôsem todos poetas.

Está enganado; o uso, que faziam dos tropos, era determinado tão sómente pela necessidade, quando tinham de exprimir as idéas abstractas, para as quaes lhes faltavam termos. Fóra disso, o seo modo de exprimir-se havia de ser grosseiro, rústico e simples, porque a mais lhes não permittia subir o estado de embrutecimento intellectual e moral, em que o seo espírito jazia immerso. E' o que dizem todos os auctores.

Lê-se na pag. 12:

« — *Estrangeiro, Iracêma não póde ser tua serva. E' ella que guarda o segredo da jurêma e o mystério do sonho. Sua mão fabrica para o pagé a bebida de Tupan.* »

E na pag. 32:

« — *O guerreiro, que possuisse a virgem de Tupan, morreria.* »

Inverosimil, porque a virgindade entre elles nunca foi signal de distincção ou valia, de sorte que a perda d'ella importasse oppróbrio ou menospreço; e ainda

porque, se o fabrico da tisana da jurema era segrêdo d'alta importância, pois que d'elle dependia o prestígio do pagé, não lh'o teria este confiado. Os pagés, por isso que eram impostores, deviam necessariamente ser, e o eram, também muitíssimo ciosos da sua auctoridade, e a não exporiam (como a não expunham) á mulher, ente reputado vil entre elles. Falando dos pagés, diz G. Dias : « Eram anachoretas austeros, que habitavam cavernas hediondas, nas quaes, *sob pena de morte*, não penetravam profanos. » (*Prim. Cant.*, not.) E mais : « Fugindo d'essa tal qual sociedade que tinham, retiravam-se a cabanas affastadas e obscuras, ao ôco das árvores, á lapa dos rochedos ou ás cavernas tenebrosas, onde *nenhum* guerreiro intrava, e de cuja vizinhança se abstinham. » (*Obr. Post.*) E mais : « Os segrêdos, que possuíam, obtidos pela observação e experiência, ou herdados dos seos antecessores, eram como o *sello* da sua *auctoridade*, e o *characterístico* do seo *valimento* para com Deus. » (*Ibid.*) Como, pois, intregaria Araken a outrem (fôsse quem fôsse) a alma da sua impostura, que se poderia converter de çofre em arma contra elle próprio ?

Se o Sr. Alencar intendeu poder justificar a anomalia com o que refere G. Dias 'nestes termos : « Um prestígio de tal ou qual *consideração* rodeava as mulheres no seo estado de *virgindade*, porque *só ds virgens* era permittido mastigar a mandiôca para fabricar o *cauim* » inganou-se ; primeiramente, o próprio G. Dias cita Dobrizhoffer, que « tractando do *chicha*, que é uma espécie de *cauim*, parece indicar que só os velhos o fabricavam » : em segundo logar cumpre dizer que se os homens remetiam esse direito, ou melhor essa obrigação para as mulheres, era porque, segundo diz Levy » julgavam elles que isso lhes fazia mal, e o reputavam *indigno* do sexo. » Mas o mesmo se poderia acaso intender do fabrico da *bebida* de *Tupan*, que incerrava o *mystério do sonho* ?

O que, porém, principalmente admira, meo amigo, é, já não digo achar-se senhora dos segredos do sacerdote uma mulher, mas ser a cabana d'este accessivel a profanos, estrangeiros, e até inimigos !

Por exemplo : na pag. 44 lê-se :

« Araken viu intrar na sua cabana o grande chefe da nação tabajára. » O chefe não só introu, como 'nella amiaçou o pagé ; é o que se vê da pag. 46 : « —...« tu que amiaças em sua cabana o velho Pagé. »

Mas emfim, como se tracta do chefe, o grande Irapuam, dou de barato que o fizesse, bem que os historiadores não assignalem excepção de espécie nenhuma, e digam positivamente, como se viu, que incorria em *pena de morte* quem ousava penetrar na habitação do sacerdote de Tupan.

Com espanto vemos o próprio sacerdote dizer á filha, na pag. 54 :

« —Se os guerreiros de Irapuam viessem contra a cabana, levanta a pedra e esconde o estrangeiro no seio da terra. »

Devo dar algumas explicações. Quando Irapuam invadiu a cabana de Araken, com o fim de apoderar-se de Martim, de quem tinha ciumes, pela Iracêma, o velho « avançou até o meio da cabana (palavras do Sr Alencar), e allí ergueu a grande pedra e calcou o pé com fôrça no chão: súbito, abriu-se a terra. Do antro profundo saíu um medonho gemido, que parecia arrancado das intranhas do rochêdo. »

O Sr. Alencar explica o prodígio em nota a pag. 175. Eis as suas palavras: « Todo esse episódio do rugido da terra é uma *astúcia*, como usavam os pagés e os *sacerdotes de toda a nação selvagem*, para *impôrem* á imaginação do povo. A cabana estava assentada sôbre um rochêdo, onde havia uma galeria subterrânea que communicava com a várzea por estreita abertura; Araken tivera o cuidado de tapar com grandes pedras as duas aberturas, para *ocultar* a gruta dos guerreiros. 'Nessa occasião a fenda inferior estava aberta e o Pagé o sabia; abrindo a fenda superior, o ar incanou-se pelo antro espiral com estridor medonho, e de que póde dar uma idéa o susurro dos caramujos. O factó é pois natural; a apparencia, sim, é maravilhosa.»

Vemos, portanto, que essa *astúcia*, que devia ter custado a Araken, e que estava no seo interêsse manter mysteriosa e imperscrutavel, a fim de *impôr-se á imaginação do povo*, de repente a desvenda elle próprio, e a entrega a um *desconhecido*, que, saído d'allí, poderia ir apregoar a impostura, dando logar a decaír do público conceito quem só a ella devia o prestigio, que o fazia respeitado e terrível. Certamente os pagés, pôstoque selvagens, não cairiam em tamanha indiscrição, que importaria o suicidio de seo maravilhoso poder.

Mas emfim, não só Araken ordenou á filha que escondesse o estrangeiro na caverna, senão que o estrangeiro

chegou a penetrar effectivamente 'nella, como se vê da pag. 60: « *Iracêma cerra a mão do guerreiro, e o leva á borda do antro. Somem-se ambos nas intranhas da terra.* »

D'est'arte os preconizados sigillos e mystérios das cavernas dos pagés e dos seus ritos, de que positiva e terminantemente nos dá noticia a história, ficam sendo mera burla em face do capricho do Sr. Alencar. Como comprehendeu mal o Sr. Alencar as tradições e crenças dos índios, de que fez tamanho alarde nas suas *Cartas sôbre a Confederação dos Tamoyos!* Profanos e estranhos penetram nos recônditos recessos, vedados *sem excepção* a todos, menos ao sacerdote, representante de Deus; Iracêma leva o estrangeiro ao bosque sagrado (pag. 26); dá-lhe a beber do liquor prestigioso, reservado aos guerreiros (pag. 23); o que mais resta? Está tudo anniquilado. Ingano-me; ha cousa ainda mais aggravante. Queres ver, meo amigo? Pois é já.

Lê-se na pag. 63:

« Iracêma e o christão, perdidos nas intranhas da terra, descem á gruta profunda. Súbito uma voz que vinha reboando pela crasta, incheu seus ouvidos.»

De quem avalias tu que seria a voz que profana a *guélla de Tupan?* De algum guerreiro de Irapuam? Não. De alguma mulher? Não. De algum desconhecido ou forasteiro, como Martim? Tambem não. Ouve tu:

« — O guerreiro do mar escuta a fala de seu irmão?

« — E' Poty, o amigo de teu hóspede — dice o christão para a virgem.»

Sim, meo amigo, era Poty, o grande chefe Potyguára, Poty, o implacavel inimigo dos Tabajáras, Poty « cuja fama (textual) subiu das ribeiras do mar ás alturas da serra »; Poty contra quem « rara é a cabana onde já não rugiu o grito de vingança, porque em quasi todas o golpe do seo válido taca-pe deitou um guerreiro tabajára em seo camocim. » (pag: 52.)

Eis o pagé exposto, desmascarado o seo embuste, por terra o seo incanto e poder, exposta tambem a tribu, na pessoa do seo sagrado ministro! Tudo estava nas mãos do inimigo. Eis ao que dá logar fazer-se de uma mulher (contra o uso inveterado) acólyto do sacerdote, ou iniciarem-n'a nos solemnes e profundos arcanos de Tupan!

E, em definitiva, quem é que tem a culpa da rude inversão, tão estranhamente operada nos estylos, quer

civis, quer de religião, da familia bárbara? Se não é sempre o amor, não deixa de ser elle em grande parte. O amor de Iracêma a Martim leva-a a estancar o sangue que ella mesma derramou da face do guerreiro, e no mesmo instante em que o fez (não muito natural); a vibrar, em sua defeza, o arco e a flecha (contra os usos); a dar-lhe a beber a tisana do sonho, a penetrar com elle no bosque do sacrificio, e, por consenso e até por ordem do pagé! na furna sagrada (contra o rito).

O Sr. Alencar parece ter a paixão de demolir. Basta pertencer ao passado para provocar as suas iras; basta ser venerando para leval-o ao sacrilégio. Que indole! Que natureza! E chama-se aquillo *conservador*!

Queres tu saber, meo amigo, o que intendo que se deveria fazer, no caso do auctor da *Iracêma*? Ouve lá. Intendo que se deveria pôr o amor em lucta com a superstição— a paixão bárbara bracejando com a crença bárbara; Iracêma loucamente amando, mas firmemente respeitando a liturgia gentilica. D'ahi, que embates de sentimentos, que acerbos desespêros, acções grandiosas, episódios tremendos, sacrificios inauditos, satisfações ineffaveis!— « Guerreiro branco (diria a índia a Martim), a gruta do sacerdote é absolutamente inacessível e impenetravel; alli está o segredo do prestígio e do poder; a ninguem é dado, nem mesmo a Irapuam, sondar o mystério do abysmo! Se lograsses recolher-te 'nesse asylo, estarias salvo; quem se atreveria a ir disputar-te a Tupan? Ah! mas como não se viola impunemente o rito tremendo, eu expiarei por ti a profanação sem igual; salva-te, que Iracêma te irá esperar na deliciosa mansão das montanhas azues.» Isto, sim, estava na índole e na paixão decidida, heroica, stoica, do selvagem, que soffria o sacrificio rindo e cantando.

Não seria mais lógico e talvez mais bello, do que a relaxação, que se nota do sentimento religioso da parte do próprio, que tinha interêsse em cada vez fortalecer mais o elemento da superstição?

Responde-me: está ou não anniquilada, na obra do Sr. Alencar, a theogonia dos *Brazis*? Quem mactou o gaúcho, infirmou se não mactou tambem o índio!

Mil attenções do

Teo amigo certo

SEMPRÓNIO.

O Conservatorio de Musica

NOTICIA HISTÓRICA E DESCRIPTIVA DA INAUGURAÇÃO DO EDIFÍCIO, E ORIGEM DA INSTITUIÇÃO.

II

Em 1841 uma modesta associação musical d'esta côrte requereu á Assembléa geral legislativa a concessão de dezeseis loterias para com o seo producto fundar e manter um *Conservatório de música*. Defferida satisfactoriamente esta petição, por decreto de 27 de novembro d'esse mesmo anno, foi mandada executar a lei da Assembléa, fazendo-se extrahir duas loterias annuaes até completar se o número das que foram solicitadas e concedidas.

Por decreto de 21 de janeiro de 1847, sendo ministro dos negócios do império o Sr. Conselheiro Joaquim Marcelino de Brito, estabeleceu o Govêrno, de accôrdo com a *Sociedade de música*, conforme a determinação da supracitada lei de 1841, as bases do *Conservatório*, com seis cadeiras de professorado, sendo: tres de rudimentos de solfejo e canto, uma de instrumento de chorda, uma de instrumento de sôpro, e uma de harmonia e composição; ficando tambem estabelecido nas referidas bases que o producto das loterias seria convertido em apólices e com os juros d'estas se fariam as despesas da manutenção das aulas, capitalizando-se o excesso da receita, para ser applicado á compra de uma casa para estabelecimento das mesmas, e que o *Conservatório* ficaria sob a administração de uma directoria de tres membros, tirados da *Sociedade de música*.

Pelas portarias de 28 de janeiro d'esse mesmo anno foram nomeados: Francisco Manoel da Silva, director do Conservatório, o padre Manoel Alves Carneiro, thesoureiro, e Francisco da Motta, secretario; concedendo-se uma das salas do pavimento térreo do *Museo nacional* para exercicio da aula de rudimentos de solfejo, e nomeando-se para professor da respectiva cadeira Francisco Luiz Pinto, com o vencimento de 600\$000 annuaes.

Em 10 de agosto de 1848, em presença do ministro do império, então o Sr. Conselheiro José Pedro Dias de Carvalho, inauguraram-se solemnemente as aulas do *Conservatório*, collocando-se 'nessa mesma occasião o busto, esculpturado em gêsso, do grande músico brasileiro, o padre José Mauricio, cujo não vulgar talento

mereceu as maiores distincções que o Sr. D. João VI costumava conceder aos artistas de sua predilecção, já nomeando-o mestre da sua real capella, já condecorando-o com o grau de cavalleiro da ordem de Christo, honra esta que 'naquelles tempos era reputada como prova do mais alto e merecido aprêço.

Por portaria de 31 de outubro de 1853, sendo ministro do império o Sr. Conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, hoje Barão do Bom Retiro, foi o *Conservatório* auctorizado a estabelecer a aula de rudimentos de solfejo para o sexo feminino, no Collégio de *Sancta Thereza*, da Sociedade *Amante da Instrucção*, em falta de melhor logar; sendo nomeado por outra portaria da mesma data, o finado Francisco Manoel para professor d'essa aula com os mesmos vencimentos que percebia o da aula idêntica do sexo masculino, Francisco Luiz Pinto, que, no anno seguinte, pedindo a sua demissão d'aquelle incargo, foi substituído, a 3 de junho de 1854, pelo *maestro* Dionysio Vega.

Por decreto de 23 de janeiro de 1855 foi reorganizado o *Conservatório* com a criação de novas cadeiras, confirmando-se as nomeações anteriormente feitas, de Francisco Manoel e Dionysio Vega, para professores de rudimentos de solfejo para os sexos masculino e feminino, e nomeando-se para a de harmonia e contrapuncto Joaquim Giannini, de flauta João Scaramella, de clarineta Antonio Luiz de Moura, de rebecca Demetrio Rivera e de violoncello e contra baixo José Martini.

A 14 de março de 1855 abriram-se solemnemente as novas aulas, executando-se por essa occasião o primeiro concêrto dado pelo *Conservatório*, no qual tomaram parte 44 alumnas e 60 alumnos do mesmo. A 14 de maio do mesmo anno, por decreto imperial, foi aquella eschola unida á *Academia de bellas artes* e constituida em quinta secção da mesma academia.

A 16 de março de 1856 deu o *Conservatório* o seo segundo concêrto, pela primeira vez executado no palácio da *Academia das bellas artes* como complemento á festividade da distribuição de prémios entre os alumnos de uma e outra instituição.

A portaria de 31 de março de 1857 approvou a escolha que o *Conservatório* fez do seo discípulo Henrique Alves de Mesquita para primeiro pensionista do Estado nos *Conservatórios* de Paris e Milão. Este notavel *maestro*, que é hoje do *Conservatório brasileiro*, acaba de ser no-

meado professor de uma das cadeiras d'esta eschola pelo Sr. Conselheiro João Alfredo, digno e actual ministro do império, que por essa fórma deu mais uma prova do seo amor ás bellas artes, e de quanto deseja fazel-as prosperar, animando e recompensando os bons artistas pela escala do mérito e importancia real de cada um, e não pela fama que lhes emprestam artigos anónimos, muitas vezes escriptos pelo próprio punho dos interessados.

Em junho de 1857 comprou a *Sociedade de música* metade da casa da rua da Lampadosa n. 76 e o Govêrno a outra metade, e por egual fórma foram tambem compradas as dos ns. 74 e 78 da mesma rua, sendo todas tres demolidas e os seos terrenos destinados á edificação de uma casa especial e appropriada ao *Conservatório*.

Pela portaria de 3 de janeiro de 1860, concedeu o Govêrno a Francisco Manoel e Dionysio Vega uma gratificação de 200\$000 rs. annuaes a cada um, que generosa e espontaneamente foram cedidos pelos gratificados ao património do *Conservatório*. Tanto era a amor e a dedicação que votavam á música estes dous notaveis professores, que, apezar de pobres como eram, abriam mão de uma quantia um tanto valiosa para quem nada possue, a favor de uma eschola da arte que tão dignamente professavam.

Em 15 de março de 1860 deu o *Conservatório* um esplêndido concêrto, do qual fez parte a execução da primeira composição de Antonio Carlos Gomes, então discípulo d'aquella eschola, e hoje um dos seos maiores ornamentos.

A 15 de agosto do mesmo anno, falleceu o professor Joaquim Giannini, compositor de grande ingenho, que no Brazil viveu quasi ignorado e morreu totalmente esquecido; tres mezes depois d'esta triste occurrencia, outra, não menos lamentavel, cobriu novamente de lucto o *Conservatório*: a 16 de novembro desceu á sepultura o insigne pianista Dionysio Vega, que tão frenéticos applausos colhêra tantas vezes de magnas assembleas, que de ouvidos attentos escutavam absôrptas as mágicas melodias que seos adestrados dedos arrancavam de um frio teclado.

Em 30 de outubro de 1862 approvou o Govêrno imperial o plano e orçamento do novo edificio para o *Conservatório*, sendo o seo director Francisco Manoel, por aviso de 15 de janeiro do anno seguinte, auctorizado a mandal-o construir sob a direcção do Ingenheiro José Carlos

de Carvalho, valente e brioso militar que primeiro fez hastear a bandeira brazileira em terras paraguayas, na ilha da *Redempção*, que lhe foi capitólio e túmulo.

A 15 de março de 1863, em presença de S. M. o Imperador e de numeroso concurso de pessoas de todas as classes da sociedade, foi lançada a pedra fundamental do edificio para o *Conservatório*, que d'essa data em diante se constituiu em o unico objecto dos mais incensantes desvellos e incançaveis esforços que para conculclo de balde empregou o *maestro* Francisco Manoel, que morreu antes de se realizarem os seus mais ardentes e patrióticos desejos.

A 24 de novembro de 1863, approvou o Govêrno Imperial a escolha que o Conservatório fez do seu discipulo Carlos Gomes, para segundo pensionista do Estado na Europa, a fim de estudar música. Esta escolha valeu mais tarde aos que a fizeram as bençãos da pátria, quando viu aquelle seu illustre filho coroado de inmarcessiveis louros, e victoriado com retumbantes palmas, no primeiro theatro lyrico do mundo, a *Scala* de Milão, onde pela primeira vez se cantou a formosa opera *Il Guarany*.

Cançado dos annos e dissabores, que são partilha do talento e do patriotismo, Francisco Manoel, o immortal compositor do *hymno nacional*, esse esplêndido verbo do enthusiasmo, sentindo que se lhe esvahiã as forças vitaes, sollicita do Govêrno Imperial um seu substituto na direcção do *Conservatório*, do qual por mais de dezoito annos fôra o braço robusto e válido que o guiou por entre alfaques e cachopos ao seguro abrigo; mas quando prestes a total-o perdeu a fim o seu adestrado palinuro.

Por proposta do próprio Francisco Manoel é nomeado a 17 de dezembro de 1865 o Sr. Conselheiro Thomaz Gomes, para substituil-o na direcção do *Conservatório*; no dia seguinte ao d'esta nomeação morre o *maestro*, legando á pátria um renome illustre e á sua familia uma pobreza honesta. Dir-se-hia que a alma do grande compositor só esperava por um successor nas lides da terra para voar a receber o prémio das suas virtudes no empyreo, onde em remanso eterno goza a perenne felicidade que Deus reserva a seus eleitos.

Com a morte de Francisco Manoel paralisaram-se os trabalhos do novo edificio do *Conservatório*, que já estavam em grande parte muito adeantados; as obras ex-

teriores açhavam-se quasi concluidas; e das interiores faltavam apenas pequena parte dos soalhos, algumas portas e janellas, o portão de ferro, a escada principal, a pintura, e outros pequenos reparos, que nem para esses possuíam numerário sufficiente os exhaustos cofres da *Sociedade de música*.

Mais de tres annos esteve o inacabado edificio quasi em completo desamparo; e, em consequência da sua má construcção, até mesmo a ameaçar ruína. Fazendo parte do primeiro ministério d'esta ultima restauração, no podêr, do partido conservador, foi que o Sr. Conselheiro Paulino, na qualidade de encarregado dos negócios do império, por aviso de 30 de junho de 1869, ordenou ao Sr. Commendador Bettencourt que examinasse o estado do edificio, estudasse o meio de melhora-lo quanto possível, e calculasse a importância da somma precisa para a sua conclusão.

Em cumprimento d'estas ordens, procedeu o Sr. Bettencourt aos respectivos estudos e cálculos, communicando ao Sr. ministro o resultado de seo exame e apresentando as bases sôbre as quaes se contractou, de empreitada com o mestre Couto, a conclusão das obras, debaixo da direcção d'aquelle notabilissimo architecto, que, com a proficiência que lhe é peculiar, introduziu grandes melhoramentos no plano interno do edificio, e poudé ainda disfarçar certas rudezas das fórmás externas por demais pesadas ou singellas.

Orphee.

(Continúa.)

Charada sem sentido.

Entre septe irmans perversas }
 deram-me o quarto logar, } 2
 e de me ver quasi cega }
 tive gana de chorar! } 1
 sou cousa ruim como o todo, }
 como o todo cousa má. } 1
 Valho, dizem, quando muito,
 o Lundú de *mon roi*.

UN TILL (*)

(*) O que a assignatura seja em portuguez não scei eu; mas em inglez parece ser uma promessa. Sendo assim, prometido é devido. (Tudo isto tem cara de sibyllino).

QUESTÕES DO DIA

N.º 37

RIO DE JANEIRO, 2 DE FEVEREIRO DE 1872.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Laemmert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua de General Camara.—Livraria Academica, Rua de S. Jose n. 119—Largo do Paço n. C.—Preço 200 reis.
O 1.º volume, com perto de 400 páginas—3\$000.

OBRAS DE J. DE ALENCAR — A IRACEMA.

(Cartas a Cincinnato)

X.

Meo amigo:

Na minha 3ª carta falei-te da villania commettida por **Martim** na cabana hospedeira.

Sabes como a cousa se passou? Sonhando, meo amigo, sonhando.

Elle tomou o elêxir para gozar *sem abusar*, mas foi peor a emenda que o sonêto; tão depressa o ingoliu, quanto prestes a rôla (até então arisca—pag. 32) correu sôffrega a cair entre as garras do milhafre, que, por estar adormecido e inerte, nem por isso foi menos carneiro. Nunca tão facilmente « perdeu Tupan uma virgem na terra dos Tabajaras ». Prodígio da jurema!

Queres que te diga uma cousa? Alli houve finura do **Martim**. Lá que o homem tinha saberêtes, tinha-ós; para se disfarçar na facção dos bárbaros que abordou a náu hollandeza, chegou a *coatyar-se*! (O neologismo é do Sr. Alencar — Vid. a pag. 185.)

Mas.... discutamos. Poder-se-hia exercer no espirito do homem culto a influencia da droga do gentio? Tenho minhas dúvidas.

Reconheço que só á sciência competiria proferir a última palavra na questão. E', porém, de crer que 'neste, como em tantos outros pontos, a imaginação dos selvagens, dada á exaltação e ao maravilhoso, avultava effeitos, que, quando muito, seriam narcóticos.

Sabe-se que os vegetaes que tinham d'esta propriedade, eram estimados em muito aprêço pelos índios. Aspirando o tabaco era que Caraíbas e Pagés transmittiam aos guer-

reiros o « *espírito da força.* » Não proclamavam os agouros, nem celebravam as suas mais solemnes festividades ou cerimónias, abstrahindo do uso d'esta planta.

Sem dúvida, uma vez conhecido que ella produzia o somno, tornando assim possível occorrerem os sonhos, que eram entre elles da mais alta importancia, passou a ser considerada agente de sobrenaturaes virtudes e a ter esta lata applicação. Da identidade de préstimo é licito seguramente originar o conceito em que era tida a acácia jurêma.

Quem tinha « feitiços, que as mais das vezes não passavam de osso de algum animal carnívoro, de uma aranha dessecada, dos membros de sapo, ou mesmo de alguma producção mineral ou *vegetal sem préstimo, como sem virtude* » não admira, que, depois de haver bebido uma preparação apregoada pelos pagés e reputada por todos miraculosa, possuísse ou fruisse em sonho, ou antes em tresvario, aquillo que, em seo jnízo—anhelava.

Cabe todavia notar que, tanto para mim como para muitos, a quem tenho ouvido, é inteiramente novo o mérito attribuído pelo Sr. Alencar áquella mimoseácea—de fazer a pessoa *fruir* no sonho melhor do que na realidade. Nunca ouvi referir á beberagem da jurêma outro mister que não fôsse o de—fazer ver no futuro. Para mais força, declino a auctoridade de Pompeo, que ninguem dirá não ser competente : « — *Jurêma prêta*—planta commun em todos os tableiros e várzeas do sertão. Sua casca é tónica, de natureza estupefaciente : os índios preparavam com ella uma tisana narcótica, e com o seo uso caíam em uma espécie de magnetismo, em cujo estado pretendiam *ver o futuro.* » (*Ens. Est. do Ceará*, vol. I, pag. 173) O Sr. Alencar não só lhe attribue a virtude de fazer gozar-se em sonho o que se almejara, como precisamente a de fazer ver e *reviver* no *passado* : Martim, tendo bebido do elixir bárbaro, « sentiu perpassar nos olhos o somno da morte ; porém logo a luz inundou os *seios da alma* ; a força exhuberou no coração. *Reviveu* os dias *passados* melhor do que os tinha vivido : *fruiu a realidade* de suas bellas esperanças. » (*Iracêma*, pag. 23)

Outra observação me occorre adduzir : os selvagens fundavam, em geral as suas usanças nas analogias ; um exemplo : « Para os homens escolhiam nomes que exprimissem a força, a robustez, a coragem ; era a anta, o tigre, o ipê, a palmeira, a frecha, o arco ; — para as

mulheres os dos objectos mais brandos, mais dōces, mais delicados — das aves, dos fructos e das flores : era o romper d'alva, o cipó flexivel, a junça do brejo.» Não deixa pois de ser estranhavel, que, para se transmigrarem a bizarras delcicias usassem de uma bebida de sabor amargo e de cheiro acre e nauseabundo, quando tinham o *cauin* — o seu liquor por excellência —, e outros muitos vinhos, de que, no dizer de Fernando Dinys « se não contavam menos de trinta e duas castas. » A operação de adivinhar era árdua, arriscada e de grave compromettimento ; não admira, antes é lógico, que se servissem, para intrarem no espirito prophético, de uma bebida desagradavel, que fōsse tida como á conta de provação para conseguirem o grandioso fim. Mas poder-se-ha dizer o mesmo da operação de gozar ?

Como quer que fōsse, prevaleça a opinião isolada e inexplicavel do Sr. Alencar, ou a de Pompêo, que está de accôrdo com a geral tradição e com a lei invariavel das analogias entre o objectivo e o subjectivo, o que parece dever presumir-se fóra de toda dúvida é que taes effeitos (quaesquer que fōssem) não se exerceriam senão no espirito visionário, carregado de abusões innúmeras do índio.

Martim não estava 'neste caso ; era espirito mais ou menos culto e sobretudo forte ; não é natural que participasse de bõa fé do fetichismo e credices dos bárbaros. Entretanto do que nos previne a seo respeito o Sr. Alencar ? Além do que consta da citada pag. 23, offerece-nos o seguinte, que reproduzo por extenso para toda clareza :

« Quando Iracêma foi de volta, já o Pagé não estava na cabana. (Este Pagé parece que quiz mesmo favorecer o estellionato, porque, estando a princípio « no recanto escuro e tendo soltado um gemido quando o estrangeiro *premia* (apertava) ao seio a moça » (pag 67) retirou-se depois a deshoras e a propósito, deixando-os sós e á vontade) Tirou do seio o vaso, que alli trazia occulto sob a carioba de algodão entretecida de pennas. Martim lh'o *arreatou* das mãos (que gana l), e libou as gôttas poucas do verde e amargo liquor. Não tardou que a rêde recebesse seo corpo desfallecido.

« Agora podia viver com Iracêma, e colhêr nos seos lábios o beijo, que ali viçava entre risos, como o fructo na corolla da flor. Podia amal-a, e sugar d'esse amor

o mel e o perfume, sem deixar veneno no seio da virgem.

« O gôzo era vida, pois o sentia mais vivo e intenso; o mal era sonho e illusão, que da virgem elle não possuía mais que a imagem.» (Não intendo.)

« Iracêma se affastára oppressa e suspirosa

« Abriram-se os braços do guerreiro e seos lábios; o nome da virgem resouu docemente; etc., etc., etc. (pag. 69)» O capítulo conclue-se com estas significativas palavras: « A jandaia não tornou á cabana. Tupan já não tinha sua virgem na terra dos Tabajáras.» A jandaia, conforme se vê, parecia ter mais sentimento moral do que a índia (que não quiz guardar a fé do seo cargo), do que o próprio Martim (que abusou, é verdade que *em sonho*, da confiança e da hospedagem.)

Com effeito, depois da catástrophe, a tal avesinha emigrou e foi-se, até que uma vez reapareceu, quando « a formosa filha de Araken se lamentava á beira da lagôa da Mocejana.....Iracêma lembrou-se então que tinha sido *ingrata* para a jandaia, esquecendo-a no tempo da felicidade. » (pag. 126.) Admira que, reputando-se *ingrata* para a jandaia, não se reputasse tal para seo pae e os seos, tanto que « não se *arrependera* ainda de os ter abandonado.» (pag. 125) « A linda ave não deixou mais sua senhora; ou porque depois da longa ausencia *não se fartasse de a ver*, ou porque *adivinhasse* que ella *tinha necessidade* de quem a accompanhasse em sua solidão » (ibi.) Não parece que a penna que lançou estas idéas, teria mais tarde de lançar estas outras, senão as mesmas e nas mesmas expressões, referindo-se a uma égua: « *Antevia* que *tinha necessidade* do homem, carecia do seo auxilio, etc. » ? (Vide *Gaiúcho*.) Voltemos a Martim.

Eil-o, pois, prêsa também das abusões dos selvagens, crendo nos sonhos dos fetiches, nos manitôs sem dúvida, nas pernas da aranha e nos membros de sapo.

Não colhe o dizer o Sr. Alencar em a nota a pag. 165: « Desde já advertimos que não se estranhe a maneira porque o estrangeiro se exprime falando com os selvagens; ao seo perfeito conhecimento dos usos e língua dos indigenas, e sobretudo a ter-se conformado com elles a poncto de deixar os trajos europêos e pintar-se, deveu Martim Soares Moreno a influencia que adquiriu entre os índios do Ceará. » Não colhe, repetimol-o porque todos sabem que, assim fazendo, não teve

Martim em vista senão captar a confiança e a amizade d'elles em favor dos seos reservados fins.

Sendo assim, todos têm razão de estranhar que o Sr. Alencar pintasse o portuguez (que nada tinha de *simplobrio*, e sim tudo de *sagaz*) crédulo ao poncto de beber a jurêma, e ver e gozar no imaginário sonho o que só com os selvagens se poderia dar por fôrça da superstição grosseira em que jaziam immersos.

Ora dize-me : não seria pelo contrário verosimil que, em lugar de ser bebida a tisana só por Martim, o fôsse tambem pela índia ? Que Martim, incontrando da parte d'ella objecção na circumstância de ser filha do pagé e guardar o segredo da jurêma (vid. a pag. 32) a fizesse crer que, tomando egualmente com elle do elixir, fruiriam em sonhos sem risco o que ambos anhelavam e 'neste inlêvo a possuísse ? A ser vilão, vilão com a verosimilhança e com a natureza.

Meo amigo : visto que estou inçhendo alguns claros deixados em cartas precedentes, por não querer tornar-me então demasiado extenso, passo a fazer agora uns ligeiros extractos, no sentido de mostrar mais uma vez, quão mal o Sr. Alencar comprehendeu o amor bárbaro, quer na linguagem, quer nas acções dos typos. E ainda antes de começar a operação, quatro palavras, que se devem intender complemento de quanto dice na minha última carta com relação á theogonia tupy.

Fala-se 'nesta *Iracêma*, poema selvagem brazilio, de um *bosque sagrado*, de *vasos de sacrificio*, de uma *virgem consagrada* a Tupan, etc: Parece que o auctor tresleu, se não sou eu que estou treslendo.

Não ha, que eu saiba. um só escriptor de quantos se têm occupado com a matéria, que atteste a existência de taes ritos entre os selvagens brasílicos, quer da *lingua geral* ou *Tupys*, quer *Tapuyas*.

Pelo que respeita a estes últimos (ndios da *lingua travada*, para me servir da expressão de Theberge) chegou a parecer a auctores de nota e a viajantes que com os taes conviveram e tiveram occasião de observal-os de perto, que elles desconheciam inteiramente uma religião. É' que a que tinham era «mui pouco complicada» no dizer de G. Dias), e reduzia-se ao « ridículo tabernáculo, de importância immensa, sob o nome de *maracá*, emblema symbolico da divindade » (na phrase de Fernando Dinys). Quanto aos *Tupys* « em quem admiraremos um tal ou qual desinvolvimento metaphysico, que parece caracte-

risal-os » o seo Tupan « divindade grande, majestosa, tremenda » que tinha por essência o bem « não carecia de preces para inclinar-se á compaixão, nem o sangue mançharia os seus altares, quando os tivesse.... Se algum culto lhe tributavam, era sómente o interno. » Para dizer de uma vez : tanto *Tupys*, como *Tapuyas*, tinham seus pagés ou videntes, o *maracá*, os *manilés*, *Tupan*, etc. São estas as idéas geralmente assentadas a respeito dos nossos aborígenes.

Onde foi portanto buscar o auctor da *Iracêma* esse *bosque sagrado*, essa *virgem*, espécie de sacerdotiza, etc.?

A religião dos *Quixúas*, o culto dos *Incas*, de certo lhe não deram insanças para isso. Não será mais presumível que os tivesse ido pedir á religião dos Gallos ?

Lendo-se os *Mystérios do Povo*, encontra-se ahí o episódio da *virgem da ilha de Sên*, muito parecido em mais de um ponto com o poema do Sr. Alencar. Lá é a tribo de Karnak, aqui é a tribo dos Tabajáras; lá Hêna, filha de Joel, aqui Iracêma, filha de Araken; lá o bosque sagrado dos carvalhos, cá o bosque sagrado das jurêmas; lá a drúidica de Hêsus, cá... a sacerdotiza de Tupan; lá um desconhecido, que fôra recebido como transviado em casa do pae de Hêna, é o *chefe dos cem valles*; aqui um desconhecido que se perdêra e fôra dar á cabana do pae de Iracêma — é Martim. Singular e pasmosa analogia ! (Vid. *Myst. do Povo*, vol. III.)

Mas quem suppozêra que tamanha semelhança havia de terminar pela contraposição mais formal e surpreendente ? ! Hêna, por esse heroísmo innato e patriótico do bárbaro, e por esse fervor lógico da natureza contemplativa, offerece-se em holocausto a Hêsus para que livre a Gália, sua pátria, do jugo dos Romanos. «—A filha de Joel—cantou ella com uma voz pura como sua alma—a filha de Joel e de Margarida vem com alegria sacrificar a Hêsus ! O' Todo-Poderoso... do estrangeiro livra a terra dos nossos paes ! Gallos da Bretanha, vós tendes lança e espada ! A filha de Joel e de Margarida não possúe mais que o seo sangue ; offerece-o VOLUNTARIAMENTE a Hêsus ! O' Deus omnipotente, torna invenciveis a lança e a espada gallas ! O' Hêsus... accêita meo sangue, pertence-te... salva nossa sancta pátria ! »

Isto é heroísmo, bem que feroz e cruento, nem por isso menos admiravel e grande; e sobretudo de naturalidade, de lógica irrefragavel. Ao passo porém, que a vestal das Gálias se dá como hóstia para que sua pátria seja livre

do jugo de *estrangeiro* » a impossível vestal do Sr. Alencar é a primeira que em bem do *estrangeiro* profana com a presença d'este a majestade do bosque sagrado, viola o segredo imperscrutavel da gruta do druida túpico, anniquila e calca aos pés a theogonia pagânica mais venerada do seo povo ' E' o bello defronte do horrivel; a elevação, a nobreza bárbara deante da vileza, da turpitude selvagem !

Ha um abysmo immenso, insondavel, eterno, entre os *Mystérios do Povo* e a *Iractma*, entre Eugénio Sue, génio cheio de liberdade e de amor, que escrevia em nome da humanidade, e José de Alencar.... que escreve em nome do seo nome.

Ninguem ignora que é incerta a origem dos nossos autocthones; que alguns os fazem descender das tribus de Israel; outros de um cataclismo que houvesse separado o único continente terrestre em porções diversas, dando logar á dispersão de famílias, á variedade de fórmas e á multiplicidade de línguas, e não sendo os differentes povos do globo senão contemporâneos, entre si mesmos; outros dos índios da Asia, dos Egypcios, dos Carthaginezes, dos Lacedemónios; outros dos Germanos, com quem acham a maior similhaça possível.

Dever-se-ha acaso suppor que o Sr. Alencar, querendo como de costume offerecer-nos uma theoria que se diga *sua* sobre a matéria, apesar de já tão elucidada, tivesse em vista, ao dar-nos 'numa lenda túpica-cearense esse mutilado arremêdo da mythologia galla, insinuar que os nossos aborigenes vieram da Gália? Seria difficil justifical-o, em face do estado actual da sciência, e principalmente depois de se ter lido esse magnífico capítulo de Herder, que se inscreve sob a epígraphe—*Organização dos Americanos*—(Vid. este auctor, *Philosoph. de l'histoire. de l'human.* vol. I, pag. 296.)

Viria aqui a pello tractar da questão—se os Americanos caminhavam para o progresso ou para a decadência, no tempo da conquista; mas, alem de reputal-a do maior pézo para os meos humillísimos hombros, accresce que já te tenho roubado muito tempo por hoje, e urge concluir. Peço-te comtudo vénia para só o fazer, depois de haver transcripto as seguintes palavras, de um eminente sábio moderno :

« A opinião commum—diz esse auctor—é que os selvagens não são, em these, senão miseraveis restos de

nações outr'ora, mais civilizadas; mas, pôsto que existam casos bem estabelecidos de decadência de nações, nada nos auctoriza *scientificamente* a admittir que constitua isso o caso geral.

« Sem dúvida, ha muitos exemplos de nações, que, outr'ora progressivas, não sómente cessaram de avançar em civilização, mas até recuaram. E comtudo, se comparâmos as relações dos primeiros viajantes com o estado de cousas actualmente existente, não açhâmos prova em apoio da theoria de um geral declínio.

« Os Australianos, os Boschimanos e os naturaes da Terra do Fogo viviam, ao tempo em que pela primeira vez foram observados, quasi exactamente como vivem hoje.

« Em muitas tribus selvagens açhâmos até traços de progresso; os Baçhapinos, quando Burchell os visitou, acabavam de introduzir em seo seio a arte de trabalhar no ferro; o maior edificio do Taiti foi construido pela geração contemporânea da visita do capitão Cook, e tinham, havia pouco, renunciado a prática do cannibalismo (Forster, *Observ. de voyag. autour du monde*, pag. 372); e se certas raças, como por exemplo muitas das tribus americanas, retrogradaram, este resultado é talvez menos devido a uma tendência inherente que ao mau effeito da influencia dos Europeos. »

No meo fraco pensar, seria indispensavel para quem pretendesse dar-nos o typo de uma poesia « *verdadeiramente nacional, haurida na lingua dos selvagens* » assentar idéas neste sentido: se elles progrediam ou se decaam, quando foi do descobrimento. D'ahi se projectaria grande somma de luz sobre a procedencia ou não do pretensso typo; a poesia, tanto na fórmula como na essencia, de um povo que progride, não pôde ser a mesma que a de um povo que decaí.

Entretanto o Sr. Alencar, tendo de romper contra o padrão secular da poesia brasileira, tido e havido, quer por nós, quer pelo estrangeiro, como o genuíno e puro nosso, nem de relance mostrou ter meditado, instantes sequer, sôbre o assumpto; não nos dice d'onde veiu, como se se não fizesse mister sabê-lo para bem ter-se idéa da sua marcha e do seo destino. Singular modo de fazer eschola, este!

E comtudo um forte apoio se offerece para quem quizesse desinvolver um estudo mais vasto e mais seguro a respeito do character dos nossos aborígenes, do

seu estado social, da sua acanhada indústria, do seu progresso emfim na escala da humanidade ; é a archeologia.

Se applicássemos ao exame das tôscas obras e instrumentos que nos deixaram os nossos selvagens, os processos e métodos d'esta sciência, parece-nos que poderíamos sem contestação classificar-os na época « néolithica » ou « idade das pedras polidas », isto é na segunda das grandes edades, conforme a divisão feita pela archeologia moderna.

Ha quem diga positivamente com toda auctoridade estas palavras : « E' evidente que alguns povos, taes como os naturaes da ilha do Fogo e os das ilhas d'Audaman, estão *ainda presentemente* na *idade de pedra*. »

As edades da archeologia ante-historica dividem-se em quatro, a saber : primeira, a do dilúvio ou « palaeolithica » ; segunda, a das pedras polidas ou « neolithica » ; terceira a idade de bronze ; e quarta a idade de ferro.

Posto que alguns archeólogos opinem que a pedra, o bronze e o ferro foram simultaneamente empregados no fabrico das armas e instrumentos, a classificação acima parece-nos tão consentânea com o instincto do progresso ascensional e gradual dos povos, que a adoptamos de plena convicção.

Ora, prevalecendo essa classificação, é fóra de dúvida que os nossos selvagens se achavam ainda na idade de pedra, como os habitantes do Paiz do Fôgo, segundo o provam os instrumentos de que se serviam, e a sua inteira ignorância do metal, a não ser o ouro ou a prata, de que não faziam caso ; logo, é tambem innegavel que elles iam em marcha ascendente, e não descendente, na escala da humanidade.

A hypóthese de tamanha decadência, que houvessem completamente esquecido o uso do ferro e do bronze, é inadmissivel ; primeiramente, porque não consta ter-se encontrado d'elles o menor objecto fabricado de algum d'estes metaes, o que certamente teria succedido se houvessem existido, ainda da mais remota antiguidade ; em segundo logar porque, por muito que descêsse um povo em todos os sentidos, nunca perderia o uso de objectos e instrumentos tão immediatamente ligados ás práticas materiaes e necessárias da vida.

L nge, pois, de pensarmos com G. Dias, collocando-se entre Martius e Chateaubriand, o primeiro que reputa os

nossos índios decaídos de um alto gráu de cultura, e o segundo que opina estarem ainda por dar os primeiros passos no caminho da civilização, confessâmo-nos inteiramente de accôrdo com este último, que nos parece mais verdadeiro e mais lógico em sua conjectura histórica.

E sem me ter apercebido, meo amigo, ia-me arriscando no inextricavel labyrintho, e desviando-me do assumpto, que prende com o objecto da presente carta!

Desculpa. O estudo das antiguidades tem para mim tal seducção, apesar do nada, do verdadeiro nada (crê que sou sincero) que me reconheço ser 'nisso, como em tudo mais.....!

Vou concluir por esta vez.

Tivessem, ou não, vindo os nossos índios dos Scythas, dos Phenícios, ou mesmo dos Gallos, o que não póde duvidar-se é que elles não possuíam *bosque sagrado*, nem *sacerdotizas*, e muito menos *virgens* votadas a Tupan.

Logo, a *Iractma* 'neste poncto, como em outros, não passa de méro inxêrto, filho de uma imaginação dada a arrôjos que nada justifica, porque não precisa transplantações exóticas quem tem, como nós, a mais guapa e inexhaurivel flora.

Teo amigo

SEMPRÓNIO.

Decima Carta

DE CINCINNATO A SEMPRONIO.

• Rio 29 Janeiro 1872.

Respeitavel amigo

Ecce iterum Chrispinus, et est mihi sæpe vocandus.

Vamos continuando a admirar o Til, se dás licença, e deleitando-nos agora com os estudos de vernaculidade, estylo, elegancia, imagens, poesia e senso commum (se não é como dous).

— Entra em scena uma figura de tombalôbos, um trangularsdanças, de camisola de baeta preta, com faca de ponta. «Em uma das bandoleiras trazia o polvarinho e munição; na outra suspendia um bacamarte, cuja bôcca negra e sinistra apparecia-lhe na altura do joelho esquerdo, como a fauce de um dragão que lhe servisse de rafeiro. »

Toca a esmerilhar.

Bandoleira, é o cinto d'onde o bacamarte póde pender; mas cá este bandido traz bandoleiras aos pares, ou antes chama bandoleira ao que o é, e ao que tal não é.

Accresce que, seguindo este falar, pólvora não é munição.

Temos mais um *bacamarte de bocca negra e sinistra*.

— *Sinistra* ; porque ?

— Porque *aquelle* bacamarte dispára tiros que matam.

— Ai, meo senhor, mas então isso é só *aquelle* ? Eu nunca vi bacamartes destinados a disparar violetas nem água de colónia. E agora *negra*, porque ?

— Porque o metal d'*aquelle* bacamarte é de côr escura.

— Ai, meo senhor, mas então isso é só *aquelle* ? ! Eu nunca vi bacamartes verdes nem côr de rosa.

Consequentemente, bacamarte de *bocca negra e sinistra* é... mel dôce, segundo Plínio.

Mas as bellezas máximas d'este treço estão no resto: — *bocca sinistra e negra* ! — na altura do joelho ! — como fauce de dragão ! — servindo-lhe de rafeiro ! *Noli me tangere* ; 'nestas arcas sanctas é defêso tocar ; todo o commentário seria pallido ; são sol que é sol ; patenteiam-se de per si ; ellas são quem são.

— « Uma aba larga occultava-lhe grande parte da physiognomia. »

Nós cá, simples mortaes, diríamos que lhe occultava parte da frente, do rôsto, das feições, do semblante, ou qualquer outra locução tão pedestre quanto o é a idéa que se representa ; mas lá os Deuses do Olympo leem por outro breviário (elles têm breviário ?) : Ostentam-se ás Semeles ccruscantes e tonitruantes, com o intuito de manifestarem á pequenina humanidade achar-se já transfundido para as suas pessoas o disputado poder pessoal.

Suppondo porém que, em estylo aspirante a elevado, se possa substituir *semblante* por *physiognomia* (não quero multiplicar questões), só o que pergunto é d'onde veio a transformação d'este vocábulo em *physiognomia*, como o Sr. Alencar escreveu 20 vezes 'neste volume com que me flagellei ? O termo que as linguas modernas adoptaram foi *physiognomia*, derivado do grego *physis*, natureza ou índole, e *nomos*, lei, ou indicio, ou regulador ; d'onde se collige que o sentido verdadeiro do termo

(antes de passar ao figurado) é—complexo de feições reveladoras da índole do indivíduo.

Não seria descabido empregar a palavra *physiognomia*, ou antes *physiognomonía*, porque os gregos tinham também o seo *gnomé*, ou *gnomos*, ou antes *gnomon* (indicador; mas a sciencia reservou esse vocábulo, não para exprimir, como o Sr. Alencar, a cara de um homem, mas para denominar uma verdadeira ou supposta arte que insina a conhecer o temperamento e as inclinações e qualidades do homem pelas feições do rosto e fórmas do corpo. Já Aristóteles lançara as primeiras linhas d'esta arte, asseverando que os génios de cada sujeito eram semelhantes aos de um ou outro volátil ou quadrúpede, com quem por força se parecia. Ha os Tractados do velho Amancio *De physiognomica*, e de J. B. Porta *De humana physiognomica*: e entre outras muitas obras análogas, ha as *Tentativas physiognomónicas*, de Lavater, depois do qual vieram Bacharach e outros. E' pois uma arte curiosa, que nem mesno é licito sentenciar de charlataria, e que á e da phrenologia dá e recebe auxílio. Parece que da convicção d'esta verdade, veiu o annexim dos nossos antigos:—Mãos bofes e boa cara, se elle ha d'isso, é cousa rara.

A que vem pois, no *Til*, o nunca empregado neologismo de *physiognomia*? Virá elle incher algum vácuo? não, que se a palavra *physionomia* ja dá isso, cá a tínhamos ha largo tempo. Mostrar a sciência do neólogo? perdôe-nos elle, que só serviu para patentear sua ignorância em assumptos, sôbre que não tem obrigação de ser profissional, mas que melhor faria em deixar lá onde estão, desde que os não intende.

—O número *um*, logo 'neste 1º capitulo, de que ainda me não foi possível arrancar-me, apparece 600 vezes, e o auctor lá tem suas *razões*: —Bizarria de *um* príncipe—por *uma* rechan— *um* grande manancial— *um* tom opaco— *um* sol esplendido—o firmamento é *uma* terra— *uma* d'essas occasiões— *um* cardeal— *uma* palmeira— *um* poncto além— *uma* lividez— *um* homem— com *uma* camisola— *uma* das bandoleiras— *um* bacamarte— *um* dragão— *um* gesto de contrariedade— *um* asco mixto— *uma* travessura— *um* passo— *um* bem a mim— *um* arquejo— *um* pulo— *um* fungar.... E isto tudo, logo 'num capitulinho, de meia dúzia de linhas, o primeiro, e o mais aprimorado do livro!

O que isto significa é um desprezo da língua; é uma incorrecção pouco decente; é um gallicismo de légua e meia. Se não todos, pelo menos as tres quartas partes d'estes *uns* seriam supprimidos por quem soubesse escrever. O francez (por outros motivos) segue lá outra regra, que lhe derrama nas suas páginas esse dilúvio de *uns*; mas no portuguez, constitue este surdo martellar, menos ainda uma ingrata monotonia, que um erro grammatical. O *um*, em portuguez, não é cavilha, particula sem sentido, arbitrariamente entremeada nas orações, como os cantores italianos entremeiam *ad libitum* o *si*, quando lhes faz conta: o nosso *um* tem missão especial, e é a de limitar o respectivo nome individualizantlo-o, isto é, separando-o dos da mesma espécie. Com esse adjectivo articular deve pois ter-se cuidado, porque gera— ou incorrecção, quando empregado desnecessariamente— ou erro formal, quando desvirtuada a sua índole. Com o Sr. Alencar dá-se uma ou outra d'estas hypótheses, nos nove décimos dos casos.

« —... assomo de terror, que *lhe* embotava os brios de valente e galhardo. »

Aqui, depois de darmos graças a Deus, por ja uma vez, por ingano, apparecer, o *lhe* collocado em seo devido logar, admiremos logo em seguida a facúndia do valente e galhardo. Galhardo (quando não na intenção de elegante e bem feito) póde significar *animoso*, mas não tem a fôrça, denominada *intimativa*, da palavra *valente*, com quanto represente exactamente a mesma ordem de ideas; ergo, *valente e galhardo* é um dizer que vai de bispo a moleiro, e orça por *óptimo e menos mdo*.

— « E, promovendo um passo... »

Promover passos parece-me outro neologismo desnecessário e inadmissivel. Como porém quero sempre ficar bem com a minha consciência, e nem a um sabedor dos teos quilates seria prudente *submitter* observações infundadas, permite-me desinvolver-te o sentido da minha hesitação.

Diz-se incontestavelmente em bom portuguez *mover os passos*. Assim Manoel de Galhegos, no seo *Templo da Memória*, cant. I. est. 114, escreveu :

Nem quando a Aurora aljôfre e raios chove,
com tanta bizzarria *os passos move*.

E classicamente foi traduzido o famoso *et incessu patuit Dea*, por : « E na bizzarria com que *movia os passos*, mostrou que era deusa. » &c. Isto é tudo de fidalga

procedência, pois os latinos, (como Séneca, *Tr.*) diziam também *movere gradum*.

Mas o que me não consta é que ninguém escrevesse jamais *promover passo*, nem *promovere gradum*, e isto por um motivo muito simples, e é ter Deus feito o homem com um tarso, metatarso e phalanges, tudo virado só para deante; e ter a perna músculos, dos chamados *da vida animal*, dispostos para o movimento natural 'naquella mesma direcção. Portanto, quem só dicer *mover o passo*, ja se sabe que significa para *deante*, e a addição da preposição latina *pro*, nem aqueita nem arrefenta, sendo uma innovação para que o Sr. Alencar não tem direito, e completamente ociosa, ou antes prejudicial, porque, sem addicionar sombra de idea, viria multiplicar inconvenientemente as accepções, ja demasiadas, de um verbo, que tem sentido diverso.

— « Açou-se o *facinora a rosto* com o rapaz. »

Concordo em que o vocábulo *facinora*, nascido, não ha muitos annos, entre os estudantes de Coimbra, é por ahí frequentemente repetido. Direi porem que, quasquer que sejam os lábios que o profiram, representa um dizer desnecessário e incorrecto:—*desnecessário*, porque temos facinoroso, criminoso, perverso, flagicioso, assassino, matador, malvado, scelerado, nefário, desalmado, ímpio, iníquo, protervo, improbo, homicida, sicário, e outros muitos nomes, entre os quaes o auctor pode achar a menor ou maior energia, que lhe convenha applicar;—*incorrecto*, porque, derivando-se do latim, a palavra era 'nesse idioma tomada á boa ou má parte: quando á boa (como em Sallústio, *ingenii egregia facinora*, productos egrégios de ingenho), não póde dar origem á tal interpretação; quando á má, nunca em latim se referiu a quem pratica o attentado, mas só ao proprio attentado.

Pelo que toca ao *a rosto*, também não conheço. *Rosto a rosto*. sim Sr., tenho visto muita vez, por ex, na *Malaca Conquistada* :

Quando vi o céo a meo valor opposto,
e não ha com Miguel pôr rosto a rosto ;
mas *a rosto com o rapaz*, persuado-me que nunca fôra dicto.

Onde iria eu dar comigo, se analysasse um baccamarte, de já 3 volumes, denunciando todas suas bellezas, como o tenho feito a algumas so do 1.º capitulo do romance? E' um livro de estudo, é quem bem o meditar, lucrará; é vernáculo, neólogo, docto, elegante e fa-

cundo. A respeito de eloquência tal, por mim repito as grandes palavras: Eloquência! artífice peritíssima, que sabe usar todo o género de instrumentos, e 'nelles des-tramente se converte: prende como cadeia; alumia como tocha; pica como espora; reprime como freio; corta como espada; defende como escudo; inunda como torrente; fere e derruba como raio; inventa como o Illm. Sr. C. Urso.

Para a outra vez dobraremos este Cabo Tormentório, denominado — *O Capanga*, primeiro capítulo do *Til*.

Eu confesso que ainda não tenho opinião bem assente sobre o intuito que preside á publicação d'este denominado romance. Vir com uma cousa assim á praça! Será zombar do público ou do editor? Explicação plausível só a entrevejo, no facto da mercancia: a *República* dá muitos exemplares; o auctor produz muitos volumes; o editor paga muitos tostões; e a história vai currendo como um manso ribeiro.

Um predecessor do nosso digno ex-ministro chamava-se Mazarino. Entre as muitas anedotas que d'este narra a Princesa Palatina, acho graça a esta: Pullulavam contra Mazarino os libellos, os artigos, as cantigas; Mazarino mandava perseguir e apprehender tudo aquillo; augmentava assim o appetite da leitura; logo em seguida, mandava secretamente vender as sátyras apprehendidas; ganhou assim muito honradamente dez mil escudos.

Modus vivendi; desde que a cousa pinga, pinga ou brilhante, é deixar ir.

Teo sincero admirador

CINCINNATO.

Liberdade política

Em todos os tempos têm havido certas expressões bombásticas, com o privilégio de fascinar os homens, e levar-os a fazer muita asneira, em quanto que, examinadas com alguma seriedade, conhece-se que não são mais que bolhas de sabão, ou lindas miragens, cuja realidade é zero.

As palavras *liberdade política* são das que mais fortuna têm feito, e que menos deviam fazer, porque contêm em

si um antagonismo, que as nunca devia deixar andar junctas.

A liberdade política é a liberdade que não é livre. A liberdade política deveria existir nas associações políticas; mas uma associação política nunca foi livre. A união política de muitos homens suppõe sempre a existência de uma entidade superior, que tem direito de mandar, e á qual todos devem obedecer.

A idéa *governo* está tão implicitamente comprehendida na idea *associação politica*, como a idea figura está implicitamente comprehendida na idéa corpo. Mas a idéa *governo* tem outra, que lhe é correlativa: é a idéa *governado* ou *súbdito*.

Não ha definição de liberdade, que não contenha a idéa de conformidade com a lei: o homem é livre porque tem a faculdade de fazer o que lhe a lei não prohibe: o que quer dizer que o homem é livre, emquanto lh'o a lei consente. E como a lei é a vontade do legislador, segue-se que o homem em sociedade tem apenas a somma de liberdade, que lhe consente ou permite o legislador, que não é mais do que um homem.

Lembra-se o legislador de que se não ande a certas horas, não se anda;—de que se fechem as portas a certas horas, fecham-se as portas a certas horas;—de que se não reúna certo número de indivíduos, sem satisfazer a certas práticas, não se reúnem — e assim milhares de outras cousas. Em alguns casos até prescreve as horas a que se deve comer, e são observadas.

• Onde então está a liberdade política? Nem no direito de eleger existe, porque esse direito, e o seo exercicio. está subordinado ás prescripções de legislador.

Dir-me-hão que tudo isto é assim exigido pelo bem commum. Mas quem define o bem commum, é ainda o legislador.

O homem nasceu para a sociedade e não para a plena liberdade; a sociedade e a liberdade são duas cousas muito differentes.

OTTON.

QUESTÕES DO DIA

N.º 38

RIO DE JANEIRO, 9 DE FEVEREIRO DE 1872.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Lammert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua de General Camara.—Livraria Academica, Rua de S. José n. 119—Largo do Paço n. C.—Preço 200 reis.
O 1.º volume, com perto de 400 páginas—8\$000.

OBRAS DE J. DE ALENCAR—A IRACEMA.

(Cartas a Cincinnato)

XI

Meo charo amigo.

Fiquei de mostrar-te ao vivo como o Sr. Alencar concebeu o amor bárbaro abaixo das forças da natureza e prejudicando usanças e reputações históricas, de subido valor. E' esta a occasião.

Abrindo o poema... «prosaico» (experiência *in anima prosaica* o chama o auctor) na pag. 25, leio:

« —Iracêma ! exclamou o guerreiro, recuando. »

« —Anhangá turbou sem dúvida o somno de Irapuam, que o trouxe perdido ao bosque da jurêma, onde nenhum guerreiro penetra sem a vontade de Araken. » (Só Martim, estrangeiro e desconhecido, teve d'este privilégio.)

« —Não foi Anhangá, mas a lembrança de Iracêma, que turbou o somno do primeiro guerreiro tabajara. Irapuam desceu de seo ninho de águia para seguir na várzea a garça do rio. Chegou, e Iracêma fugiu dos seos olhos. » (Devia ser um grande amor este, que fazia o próprio chefe tentar contra o rito—cousa inaudita entre taes povos!—Vejamós porêms que de prodígios fará esse amor.)

« —As vozes da taba—continuou elle—contaram ao ouvido do chefe, que um estrangeiro era vindo á cabana. »

« A virgem estremeceu. O guerreiro cravou 'nella o olhar abrazado.

« O coração, aqui no peito de Irapuam, ficou tigre. Pulou de raiva. Veiu farejando a prêsa. O estrangeiro está no bosque, e Iracêma o acompanhava. Quero beber-

lhe o sangue todo : quando o sangue do guerreiro branco correr nas veias do chefe tabajára, talvez o ame a filha de Araken. » (Um chefe, dos quilates de Irapuam, ou antes qualquer guerreiro, que sentisse para com a sacerdotiza vehemente paixão, ao poncto de postergar 'nisso o preceito religioso, já estaria em face do feliz rival.

« A pupilla negra da virgem scintillou na treva, e do seo lábio borbulhou como gôttas do leite cáustico da euphórbia, um sorriso de desprêzo » (O que seria natural é que ella se aterrassse, e negasse o factó : a culpa, e em condições tão graves, sempre acobarda o espirito que pela primeira vez commette o crime.

« — Nunca Iracêma daria seo seio, que o espirito de Tupan habita só, ao guerreiro mais vil dos guerreiros tabajaras ! Tórpe é o morcêgo, porque foge da luz e bebe o sangue da victima adormecida ! » (Que razão havia para tal desabrimento ?)

« — Filha de Araken ! Não assanha o jaguar ! » (Estava um jaguar muito discreto e tolerante este). « O nome de Irapuam vâa mais longe que o goaná do lago, quando sente a chuva além das serras. Que o guerreiro branco venha, e o seio de Iracêma se abra para o vencedor. » (O pseudo-heróe só tinha vistas e parólas).

« — O guerreiro branco é hóspede de Araken. (Então, por ser hóspede, tinha charta branca para fazer das suas?) A paz o trouxe aos campos do Ipu. Quem offender o estrangeiro, offende o Pagé » (E quem offendesse a religião, não offenderia tambem o Pagé ?

« Rugiu de sanha o chefe tabajára :

« — A raiva de Irapuam só ouve agora o grito da vingança. O estrangeiro vai morrer. » (Beaucoup de bruit pour rien.)

« — A filha de Araken é mais forte que o chefe dos guerreiros, dica Iracêma, travando da inúbia. Ella tem aqui a voz de Tupan, que chama o seo povo. » (O réo convertido em juiz e com que podêres ? !)

« — Mas ella não chamará ! respondeu o chefe, escarnecendo.

« — Não, porque Irapuam vai ser punido pela mão de Iracêma. Seo primeiro passo, é o passo da morte.

« A virgem retrahiu d'um salto o avanço que tomára, e vibrou o arco. » (Lembro-me d'aquelle trecho do gaúcho : » A égua retrahiu o fianco sôbre os quadris

agachados, e esse corpo, que se fizera bomba, *estourou*). (O chefe cerrou ainda o punho do formidável taca-pe; mas pela vez primeira sentiu que pesava ao braço robusto. O golpe que devia ferir Iracêma, ainda não alçado, já lhe trespassava, a elle próprio, o coração. » (Mesmo depois do que via e ouvia? Chefe imbelle, guerreiro *maricas!*)

A final Irapuam desapareceu entre as árvores, e Iracêma voltou a proteger o somno do estrangeiro no bosque sagrado.

Pensas tu, bom Cincinnato, que esse chefe que surprehêra assim o nefando sacrilégio; que tantas provas recolhêra, até uma declaração confessa da sacerdotiza, de que o desconhecido estava no bosque onde era vedado penetrar; que, além do mais, se devia reputar atrozmente ultrajado pelo desprezo infligido ao seo desvairado amor, e pela preferencia tributada ao forasteiro; pensas tu que esse chefe saísse d'ahi para dar o grito de alarma, delatar o crime, exigir a punição immediata dos delinquentes, ser fervorosamente coadjuvado (como fôra de esperar) na applicação dos castigos tremendos para cabal desaffronta dos preceitos postergados, e exemplo estrondoso a presentes e pósteros? Qual, meo amigo! Vais ver o que accouteceu.

Irapuam cousa nenhuma communicou ao pagé até á tarde seguinte, quando, com cem guerreiros, foi tomar o estrangeiro ao Cauby, irmão de Iracêma. Seguramente o chefe ter-lhe-hia contado (ao último) os successos da noite; mas longe de ficar este, como era natural, escandalizado, na dupla qualidade de guerreiro e de irmão da môça, suas palavras foram estas:

« — Mactae Cauby antes! »

Eis rebôa o rouco som da inúbia pela mata; os tabajáras estremecem, reconhecendo 'nesse anuúncio a voz inimiga do búzio dos Pytiguáraç. Abandonam Martim e seo protector, batem as matas, procuram, esmerilhana, e nada encontram.

Suppôo com razão Irapuam que o aviso falso fôra ardil de Iracêma para fazer diversão ao ódio d'elle, e entretimentos dar escapúla ao amante: e só então procura o Pagé para referir-lhe o accoitecido.

« — Araken, a vingança dos tabajáras espera o guerreiro branco, Irapuam veiu buscal-o. »

Queres saber a resposta do sacerdote, instituido para velar perennemente pelo rito, e impedir por todos os

meios ao seo alcance que elle çhegasse a ser de leve estremecido? Ouve lá.

« — O hóspede é amigo de Tupan ; quem offender o estrangeiro ouvirá rugir o trovão. »

Que dizes a isto ? Ora quero confundir esse pagé remisso e refractário, que não sabe exercer o seo officio, com uma licção que me ministra G. Dias, insinuando como era intendida a hospedagem entre os verdadeiros índios — a hospedagem, que o Sr. Alencar tornou elástica, ao puncto de fazêl-a absorver um dos mais accentuados characteristics do povo bárbaro — a veneração das suas práticas religiosas. « Hospitaleiros para com os estranhos — diz o historiador — os seos próprios inimigos açhavam accolhimento e gazalhado nas suas tabas » E mais adeante : « Desconfiado o índio com os *estranhos*, principalmente quando 'nelles percebia *deslealdade* (é o caso), um *indicio*, um *vislumbre* de *intenção* sinistra, bastava muitas vezes para o tornar suspeito, e da suspeita, *sem mais exame*, precipitava-se na traição.» Ora, vê lá se com índios d'esta ordem, Martim e Iracéma teriam feito sete montes!

Mas emfim, Irapuam torna a Araken :

« — O estrangeiro foi quem offendeu a Tupan, roubando a tua virgem, que guarda os sonhos da jurema.

« — Tua bôcca mente como o ronco da giboia — exclamou Iracéma. »

O chefe insta e insiste pela vingança ; até que « Araken ergueu a grande pedra e calçou o pé com força no chão » e ouviu-se o ronco de Tupan. Irapuam, por outro lado, bem merecia d'isso, attenta a sua frouxidão. Dous insêjos, cada qual mais propício, perdeu de dar de garra ao estrangeiro — um no bosque, onde, se este penetrou, com maioria de razão poderia penetrar aquelle que ia punir um sacrilego, e a quem a opposição de uma fraca mulher, principal culpada, não deveria deter ; outro, quando, tendo cem guerreiros de seo lado, o foi encontrar só com Cauby. Eis ahi o cacique esculpural da Ibyapaba ! Que amor o seo, que sentimento de vingança, que denôdo, que desvelo pela defeza do rito ! Uma mulher (que elle já devia então odiar) o amiaçava, eil-o tolhido ; encontrava o rival (que não era só isso, mas tambem profanador da liturgia sagrada) a sós com o irmão da mulher que o ultrajára, e tanto bastava para frustrarem-se os seos ímpetos, apezar de achar-se acompanhado de *cem* guerreiros !

Na batalha em que mais tarde se empenha com os Pityguáras, como já vimos, não faz maiores prodígios de bravura; e, para incurrir razões, lá se foram sem um arranhão Martim e a índia; e esse preclaro cabecilha, que nos dizem as crónicas mandar sôbre mais de 30 aldeias, que nos diz o próprio Sr. Alencar « tantas vezes ter guiado os seus guerreiros ao combate, quantas á victória » (pag. 61) volta cabisbaixo e derrotado, dando o mais formal e vergonhoso desmentido ao passado renome! Eis como são reduzidos a zero typos colossaes, que o valor e o poder illustraram nas guerras da conquista! O Sr. Alencar pôde jactar-se de intendedor da história, e de chefe da nossa litteratura. Tem dêdo!

O typo de Poty, pôsto que menos falso que o de Mel Redondo, fica ainda assim muito somenos á grande figura, que subsiste e perdurará indelevel entre os brilhos de homérico heroísmo nas nossas páginas da restauração.

O que faz, na verdade, Poty, na lenda do Sr. Alencar, que se mostre na altura das altas façanhas d'esse brasileiro, no período da guerra hollandeza? Acompanhemol-o, desde que apparece até ao fim da lenda.

Martim está na cabana do pagé. « Levanta-se no resomno da noite um grito vibrante, que remonta ao céu » (pag. 51), E' o grito da gaivota, que *tres vezes* resôa (pag. 55), ou antes é a voz de Poty, que de dentro do tanque da aldeia dava signal a Martim.

Nos sertões do Ipú não ha gaivota, tanto que a índia desconhece esse grito, o que Martim acha muito natural, visto como a gaivota é « a garça do mar »; ao passo que Iracêma é « a virgem da serra, que nunca desceu ás *alvas praias* » (pag. 51)

Mas se o grito da garça do mar era desconhecido da índia, presume-se que tambem o fôsse dos guerreiros tabajáras em incessantes guerras com os pityguáras, e senhores dos seus costumes e modos de anunciar-se? Decerto que não. Ora, se o não era, presume-se que Poty, prudente e matreiro, se arriscasse de tal modo « no resomno da noite » e ao alcance immediato dos inimigos? E isso, quando a aldeia suspeitosa deveria estar de sôbr'avisado, depois do facto de haver soado « o búzio guerreiro dos Pityguáras » que horas antes a tinha alarmado (pag. 42)? O verdadeiro Camarão não se teria met-

tido em tal *giqui*. (1) E é tão verdade que em tal situação estava exposto o *prudente abaetè*, que a índia « foi direito ao lugar d'onde partiu o grito e chegou á borda do tanque » (pag. 55.) Se a índia foi, como não iriam os índios?

D'aqui o vamos achar no combate na floresta, do qual já te dei noticia na minha V carta, e que, sem embargo de ser travado entre figuras tão legitimamente afamadas, taes como Mel Redondo, Jacaúna, Camarão e Soares Moreno, appresenta, como viste, a feição burlesca da caricatura (é o termo).

O que fez de certo digno de si o Camarão 'nesse prélio de atletas? O Sr. Alencar o vai dizer: « Poty já prostrou o velho Andira e quantos guerreiros topou na lucta seo válido tacape. » Verdade é que conclue 'nestes termos: » Martim lhe abandona (a Poty) o filho de Araken, e corre sôbre Irapuam. » O filho de Araken,—Cauby—é certo—parece que era um guerreiro môço e valoroso; mas tambem certo é que Poty lhe não levou grande e cabal vantagem, pois que o vemos apparecer depois nas praias do Ceará, onde foi ter com a irmã são como um pêro (pag. 142). Logo, em rigor e substanciando, em que se resumem os grandes feitos ou proezas do Camarão 'nesse renhido combate ou antes em toda a lenda? Em prostrar o *velho Andira*. O *velho!* Terás idéa approximada do valor d'este, pelas seguintes palavras de Irapuam, que o invectivou com acerbo menoscabo, quando elle votou contra o combate: «—Fica tu, escondido entre as igaçabas de ninho, fica, velho morcego, porque temes a luz do dia, e só bebes o sangue da víctima que dorme » (pag. 19) Eis ahi quem Poty prostrou.

E depois d'isso, nada mais occorre na altura de recomendar este último. Vemol-o pintar Martim com os «riscos vermelhos e prêtos, que ornavam a grande nação pityguara » (pag. 113), frechar o camoropim de cima do coqueiro, ou do morro do Mocoripe etc. Cousas d'estas. E acabou-se. Será este o próprio Camarão grande, ou o Camarão, *le petit*? Que houve diversos Camarões, dil-o a história.

Antes de fazer poncto por hoje, permite-me trasladar ainda uns ligeiros extractos.

1) Armadilha selvagem de pegar camarão.

Lê-se na pag. 10 do poema :

« - Bem vieste ! O estrangeiro é senhor na cabana de Araken. Os Tabajáras tem *mil* guerreiros. »

E na pag. 52 :

« - Não vale *um* guerreiro só contra *mil* guerreiros. »

Se o vocabulo—*mil*—foi empregado aqui na acceção de—grande número, muitos, passe ; mas se o foi na acceção de dez vezes cem—seria isso tão grosseiro êrro, que d'elle não reputo capaz o Sr. Alencar.

Os nossos índios só para os números 1,2,3,e 100 tinham termos próprios, a saber : um, *oiepen* ; dous, *mocòin* ; tres, *moçapoér* ; cem, *papaçá*. De quatro a 10 contavam composto os números com os tres primeiros, d'este modo ; quatro, *mòcoin—mocòin* ; cinco, *pò* (mão, ou cinco dedos) ; seis, *moçapuer—moçapuer* ; etc. (Vidè o *Vocabulário* do padre M. J. S.)

A lingua *Kechúa* tinha o vocábulo *huananca*, mil ; mas seria êrro usar do termo entre índios que falavam a lingua geral, como os tabajáras, ou melhor como todos os nossos aborigenes.

O Sr. Alencar, seguramente seguindo 'nisso d'Orbigny, que opina haver em toda a América meridional uma só religião—a dos *Quichúas*, intercala nas pragmáticas bárbaras dos índios do Ceará práticas que eram evidentemente peculiares aos *Incas*, que professavam esta religião. A supposta festa que nos dá, sob o nome sonoro e pomposo de festa « á lua das flores » está 'neste caso.

Os chronistas não falam de tal instituição entre os autochthones brasileiros. Ainda aqui, portanto, o corajoso e temerário romancista quiz dar-nos um mero producto do seu génio *inventivo* ou *creator*.

Mas, além do mais, foi infeliz na letra do hymno, que saíu çilro e çhòço, como vais ver:

« Veiu no céu a mãe dos guerreiros ; já volta o rosto para vêr seus filhos. Ella traz as águas, que enchem os rios e a pôlpa do cajú.

« Já veiu a esposa do sol: já surri ás *virgens* da terra, filhas suas. A dôce luz accende o amor no coração dos guerreiros e fecunda o seio da joven mãe. » (pag. 72).

E mais não diga.

A qualificação de *esposa do sol* applicada á lua, é propriamente da religião dos *Incas*, segundo a qual « *Pacha-canac*, deus invisivel, creator de todas as cousas, tinha

o podêr supremo, imperava sobre o sol e a *lua sua mulher*. »

Como a cousa não vai tambem a morrer, não me deterei mais no texto e passo ás notas.

Teo leal amigo e admirador.

SEMPRÓNIO.

— —
Ignez de Castro.

POR

JULIO DE CASTILHO.

II.

Houvemos como necessário expôr a synopsis do episódio da história portugueza. E' ella, pelo têor por que a fizemos, o pequeno esbôço de um quadro grande. Tivemos para nós que era mister lembrar o acontecimento e suas peripécias, para que se mostre o porquê tantos ingenhos portentosos se teem occupado d'este assumpto e sempre com geral assenso e beneplácito dos intendidos. Foi o insigne doctor Antonio Ferreira, desembargador e lente na universidade de Coímbra, o primeiro que urdiu e pôs na scena aquelle triste e luctuoso successo; e só viu a luz em Portugal a primeira tragédia de Ignez de Castro, cêrca de 250 annos depois da espantosa catástrophe dos paços de Coímbra. Foi em 1598 que veiu á imprensa o escripto do insigne juriconsulto e poeta portuguez. Escreveu elle a sua excellente tragédia—Castro— em 5 actos e em versos decasyllabos soltos, entresaçando-a de choros e concluindo o 4º acto por 38 versos sáphicos. São 8 as pessoas da tragédia. afora o chôro das môças de Coímbra.

Consta o 1º acto de longos diálogos entre Castro e sua ama, em que se expõem miudamente os amores do infante e de Castro; o casamento forçado d'aquelle com Constança, de Castellã; a morte d'esta; o casamento occulto d'ella com Castro, a escolhida de seo coração: constando mais este acto de extensos diálogos entre o secretario e o infante, em que aquelle anciao e velho servidor do reino procura com argumentos enérgicos, e a maior insistência, dissuadir o infante de uma paixão que o transvia, de um amor que o abate e amesquinha aos olhos de seo pae, da côrte e dos populares; seus argumentos, suas razões de Estado, são rebatidas, ora

com súplicas e calma em que transparece a razão em repouso, ora com o ímpeto e a violência de um coração cheio de amor ardente e contrariado por quem não sabe nem pôde comprehendê-lo. D'esta luta tremenda entre o coração de um mancebo, incendiado nas chammas de uma paixão que lhe domina os sentidos, e a razão calma de um ancião cujo espírito gélido não pôde comprehender aquelle mundo de amor, ternura e dedicação sem exemplo; d'esta pugna longa e tenaz, em que se esforçavam tão denodados campões, venceu a paixão do príncipe; e o adversário retirou-se derrotado e convencido de que nenhum poder humano seria capaz de arrancar d'aquelle peito uma paixão que lhe havia senho-reado todo o alvedrio.

Entram no 2.º acto el-rei D. Affonso IV, Diogo Lopes Paçhêco e Pero Coêlho.

São thema d'este acto os conselhos pérfidos e sangui-nários de Paçhêco e Coêlho, e as hesitações do rei, que ora antepoi aos conselhos a grande crueldade de mactar uma innocente, ora cede ás razões com que insistem aquelles espíritos maléficos. O 3.º acto consta de monólogos entre Castro e a ama, narrando aquella os sonhos fatídicos e aterradores que a haviam assaltado durante a noite; vindo o chôro annunciar-lhe a resolução irrevogavel do conselho em que se lhe havia decretado a morte, e que perto vinham os assassinos pôr em execução o que se tinha resolvido em conselho, com assentimento do rei. O 4.º acto é verdadeiramente o último e principal successo da tragédia. Açam-se em scena, e em face uns dos outros, o rei, Castro, Paçhêco e Coêlho. A luta é tremenda. Castro e seos innocentes filhos, ajoelhados aos pés do Rei; as tribulações daquella alma innocente e cândida desataudo-se em guaias excruciantes; seos rogos e gemidos; o chorar e soluçar d'aquellas creanças tão sem culpa; as incertezas do rei, que fluctua entre a piedade e as instâncias d'aquelles malvados conselheiros; a tenacidade satânica daquelles monstros ávidos de sangue; e a retirada do rei, deixando a victima, fraca e desprotegida, intregue á fúria implacavel de ferozes algozes; tudo isto fórma um complexo de contraposições onde ha tanta acção, tanto movimento e tamanha exuberância de vida, que nos dá razão de sóbra para admirarmos o grande ingenho, creador d'este transumpto sublime do inaudito successo histórico dos paços de Cómbrã.

O 5.º acto da tragédia de Ferreira, é curto e descai; consta apenas de um mensageiro que vem dar ao desolado infante a triste nova, e das imprecações do infante, promettendo vingar a morte da sua idolatrada Castro, e fazer-lhe as honras pósthumas de rainha de Portugal.

Escreveu tambem sôbre este assumpto o insigne poeta portuguez Domingos dos Reis Quita; e em 1766 foi dada á luz da imprensa, a sua tragédia — Castro. Este melodioso poeta concentrou o pensamento da obra, reduzindo-lhe as dimensões; sua tragédia é em 3 actos. São actores o príncipe D. Pedro, D. Ignez de Castro, el-rei D. Affonso IV, Coêlho e Pachêco, um embaixador de Hispanha, Almeida confidente de D. Pedro, e Leonor, aia de D. Ignez, passando-se a scena no jardim da Quinta das Lágrimas.

Apparecem no 3º acto os assassinos com as espadas tinctas de sangue, e em uma porta ao fundo o cadaver de Ignez de Castro. A verdade histórica é aqui um pouco sacrificada, porque o embaixador de Hispanha, que vem a Portugal exigir, em nome de seo rei, cumprimento de contractos, e satisfacções por suppostas offensas, ficando commovido e interessando-se pela desditosa Castro, é o primeiro que desiste de suas pretencões e que intercede em seo favor e reconhece a validade do consórcio!!! Isto é inverosimil e inadmissivel.

E', sem dúvida alguma, a mais popular de todas as tragédias escriptas na lingua portugueza, a—Nova Castro—de João Baptista Gomes Junior. Este joven escriptor, que tão môço foi arrebatado ás lettras, e que já nos havia dado as traducções de Faniel, de Arnaud, e dos Machabêus, de Lamotte, em bons versos portuguezes, era simples guarda-livros de uma casa commercial no Porto (d'onde era natural), quando escreveu a sua popularissima—Nova Castro—Não ha quem lhe não tenha de cór scenas inteiras; não ha, pelo menos, quem lhe não saiba muito verso, que por serem muito vistos e muito repetidos, caíram já em uma espécie de trivialidade. A verificação é túrgida; o pensamento hyperbólico; ha sobejidões no dizer e demasias nos epithetos; mas por pouco que se conheça a eschola do tempo e que se considere no estylo dos árcades, e sôbre tudo no chamado elmanismo, que ainda dominou por muito tempo, vêr-se-ha que o estylo de João Baptista era o da eschola dominante, e que tem tantos esplendores e tantas galas, que hade ser admirada sempre pela riqueza de lingua que

possuíam aquelles beneméritos das lettras e a quem hoje ninguém, com as lisuras e simplicidades apregoadas, pôde, nem sabe imitar.

E' a tragédia de João Baptista Gomes em 5 actos ; entram n'ella nove personagens e mais dous meninos, filhos de D. Pedro e de D. Ignez; a scena é em Coímbra, 'numa sala do palácio; é composta em versos decasyllabos soltos. Ignez de Castro é a mulher tímida, visionária, sonhando sempre com espectros, tendo sempre deante dos olhos scenas lúgubres, e misturando aos poucos momentos de ventura, que lhe são curtos e fugidios, séculos de amargura, de prancos e terrores.

O príncipe é um character impetuoso e arrebatado sem trégua; o rei é um tyranno violento; em suas curtas e passageiras intermissões inclina-se á piedade; porêmm essa estrelasinha, que apparece 'naquelle horizonte tenebroso, some-se logo debaixo das nuvens espessas d'aquelle céo de tormentos e nevueiros.

Pachêco e Coelho são dous monstros sanguinários, sedentos do sangue innocente da miseranda Castro; não se descobre, desde a perfidia do Conselho até o commettimento cobarde do assassinato, um motivo de similhante atrocidade; não ha uma razão que justifique a idéa fixa dos conselheiros e algozes que tudo ao mesmo tempo o foram. O terceiro acto d'esta tragédia é uma verdadeira tempestade, de principio a fim; parece que, desincadeados os elementos, não ha mais repouso, nem tréguas 'naquelle oceano de fúrias. Como na tragédia de Quita, cá apparece tambem o compassivo embaixador de Hispanha, que entra furibundo e amiaçador nos paços do rei, promettendo afogar tudo em guerra para sustentar com toda a fôrça o decoro do throno e da filha do seo rei, que ja pisa as fronteiras dos domínios do rei portuguez, e depois por sua conta e risco delibera por si; pede perdão para Ignez de Castro; responzabiliza-se pelo bom resultado da negociação; e volta em boa paz com a princeza lá para sua Hispanha, e tudo ficou como se nada tivesse havido !!! Isto mostra que João Baptista Gomes vasou boa parte de sua, aliás formosa, tragédia no molde de Quita. Esta tragédia, que foi impressa em 1813, tem tido muitas edições, e ha d'ella uma versão allemã em verso.

Escreveram sôbre este assumpto, e em diversos tempos e no género de que tractâmos, muitos distinctos poetas

trágicos portuguezes que eternizaram esplendidamente a luctuosa catástrophe

. . . da misera e mesquinha
que depois de ser morta foi rainha.

Escreveram, com maior ou menor felicidade na concepção e no desempenho, Nicoláu Luiz em 1760, Antonio d' Araujo e Azevedo, Joaquim José Sabino, Souza da Câmara e outros; e não só portuguezas têm invocado e alcançado favor da musa trágica n'este assumpto tão seo, senão também grande número de poetas trágicos francezes, hispanhoes e italianos. O colhêr incessante de tão sazonados fructos 'neste campo, dá-nos prova do que vale para os corações sensiveis e para os bons ingenhos esse memoravel e lachrymoso episódio da história portugueza.

MUCIO SCÆVOLA.

(*Continua.*)

Carta Primeira.

DE CINCINNATO A CUJÁCCIO.

Illustrado Cujáccio.

Dizes tu que lê's habitualmente as *Questões do dia*, e 'nessa publicação te chamam a attenção de um modo muito particular as eruditas cartas de Semprónio. Acrescentas que recentemente viras 'numa d'ellas um treço, que deixa em dúvida os conhecimentos jurídicos do venerando Sr. Alencar, tão apregoados, ao menos por elle mesmo. Perguntas-me sôbre esta matéria a minha opinião, e, emb'ora desauthorizada, não devo occultar-t'a.

Persuado-me eu que, tendo-se aquelle senhor applicado a tanta cousa, foi victima de uma lei da physica: o que ganhou em superficie, perdeu-o em profundidade. Não se pode accumular a universalidade das superioridades, porque essa perfeição só pertence ao Ente Supremo, e elle ainda o não é, pôsto para lá caminhe. Terá de contentar-se com ser estupendo romancista, e litterato, e prosador, e poeta, e dramaturgo, e jornalista, e político, e orador. Como a jurisprudência lhe ficou para as horas vagas, 'nella a cada passo claudica e esbarra.

São innumeráveis as provas, que vão ahí por todo esse fôro, da infelicidade do perito jurisperito. Admira não teres seguido também, pela imprensa, algumas das polémicas jurídicas, em que o nosso causídico tem sido anniquillado por muito mais habilitadas pennas.

Não alludirei aqui a pñctos controvertíveis. Não só as sciências positivas se prestam frequentemente a boa sustentação de theses oppostas, mas um advogado, obrigado a defender o seo cliente, nem sempre tem convicção da sua justiça absoluta, e d'est'arte vê-se obrigado a sustentar doutrinas, pelo ménos duvidosas.

Concedendo porém tanto á profissão de advogado, há uma barreira que lhe não é lícito ultrapassar. Nem pôde contrariar os princípios elementares do direito, nem ignorar cousas sabidas por qualquer triste fiel de feitos. Não sciei se o distincto letrado não estará 'neste caso. E como tenho o hábito do allegado e provado, vejamos alguns factos, ou desconhecidos, ou já tractados pela imprensa. E como d'estes mostras não ter noticia, por elles começarei.

Ainda ha poucos mezes se agitou pela imprensa uma discussão jurídica entre o Sr. Alencar e outro muito mais valente e competente contendor, o Sr. Lafayette Rodrigues Pereira. O epílogo d'esta polémica foi um artigo em que se resumia o que do debate resultara, e que o Sr. Dr. Lafayette formulou nas seguintes palavras:

... « Explosão da vaidade offendida; é o ôdre que arreventou. O sábio conselheiro que, de ha annos a esta parte, traz ás costas um pesado *fatras* litterário, andava a campar de juriconsulto de pôlpa. A discussão rompeu-lhe as falsas bullas, que, é verdade, se tinham tornado um pouco suspeitas, depois da publicação de uns célebres projectos de reforma judiciária, que a esta hora já terão sido aproveitados para alguma encyclopediana.

« As estupendas heresias jurídicas que o sábio conselheiro, com invejavel gravidade, denomina *fructos de meditação, subsidios da sciencia*, puzeram patente a doctos e a indoctos uma verdade pungente, e que fôra melhor se conservasse occulta; a saber: que S. Ex. não andava muito familiarizado com as Pandectas.

« Nunca me passou pela mente desconhecer os sublimes talentos do sapientíssimo conselheiro, como folhetinista, poeta, romaucista e auctor de dramas. E, para

prova da minha sinceridade, aproveito a occasião para lhe dizer que desde muitos annos professo a mais viva admiração pelos *monstrengos moraes* que ornam a sua linguagem litterária, e pela lingua *divina* que falam, lingua que a nós, miseros mortaes, póde parecer *br-bará estropiada*. »

Ja vês, amigo, como um distincto jurisconsulto avalia a sciência do Sr. Alencar. Nem se diga que apenas alludia a uma dissidência em poncto de doutrina. Quem argúe a outrem de proferir heresias jurídicas, de campar com bullas falsas, de desconhecer as *Pandectas*, etc., caracteriza a sciência d'esse outrem em matérias geraes de direito, e não em qualquer especialidade.

Foi o referido artigo resposta ao último do Sr. Alencar, intitulado *Simple advertencias*, repleto das mais audaciosas baforadas, e onde apparecem dos taes dizeres, que são propriedade exclusiva d'este senhor. Por exemplo :

— « O amor próprio e o despeito são fumo do coração, que tolda o espirito e obscurece o intendimento. » Bravo! Temos aqui obscurecido um intendimento que não é espirito, e toldado um espirito que não é intendimento, e tudo isto defumado pelo despeito, que é fumo, e fumo de que? do coração. Impagavel!

Diz que « Ovídio entre os Getas escreveu ESTE VERSO
Barbarus ego sum, quia non intelligor illis »

como se Ovídio fizesse versos errados; sendo este vèso de nunca citar certo, um dos elementos da minha convicção de que o famoso V., das *Palestras*, não era mais que um copista do patrão.

Emfim deixemos essas minúcias, e venhamos ao assumpto, que então se agitou.

Involvia elle muitas circumstâncias em que a controvérsia era toleravel, mas um poncto ha que doctos e indoctos reconhecerão *primâ facie*, que o Sr. Alencar errou desastradamente.

Um devedor hypothecário, não satisfazendo o seo débito, foi executado; procedeu-se a avaliações, que se dizem exaggeradas, dos respectivos immoveis, os quaes por quantia muito superior ao débito foram adjudicados ao credor, que não quiz consignar o valor do denominado excesso, no praso que lhe foi marcado.

Queria o Sr. Alencar que o credor adjudicatário fôsse levado á prisão, e 'nella permanecesse até que entregasse o tal chamado excesso!

Existe alguma lei no Império que tal cousa prescreva? Não ; mas o liberalismo do actual neóphyto republicano é assim : liberdade do cidadão é para elle uma insignificância, um brinco ; deroga a constituição ; estabelece umas theorias cerebrinas, que se convertem em práticas inquisitoriaes ; encarcera...por analogias ! A detenção corporal, a pena, susceptivel sim de restringir-se, nunca de ampliar-se, o novo Torquemada a fulmina arbitraria, despótica. tyraunicamente, sem sombra de legislação em que se estribe. Se o legislador, excepcional e raramente, preveniu algum caso de comminação de prisão, circumscreveu-o, limitou-o, definiu-o. Se em dadas hypótheses, a lei permittiu esse meio contra depositários e arrematantes, nunca o auctorizou contra os adjudicatários, que nem arrematantes nem depositários são.

Tudo isto é elementar ; mas o Sr. Alencar, que já nos seos projectos de reforma judiciaria se petenteara adorador dos cárceres, masmorras e ergástulos, quiz ir já fazendo experiências *in anima vili* de um cidadão. Para elle, a liberdade natural é um abuso, ou pelo menos uma mercê de S. Ex., que assim pode *ad libitum* coarctal-a!

Para honra do paiz, cumpre declarar que não houve uma só voz no fôro, no paiz, nos tribunaes, que fizesse chôro com a menos inquisitorial que absurda doutrina. Consultados, todos os advogados unanimemente clamaram contra a stulta pretensão ; egual uniformidade se repetiu nos tribunaes ; egual, na opinião dos sabedores de direito, e até dos mais extranhos ao estudo da jurisprudência. Ficou S. Ex. collocado na menos invejavel unidade ; foi o *pur si muove* do absurdo.

Por hoje aqui me fico ; proximamente trarei outras brilhaturas do digno jurisperito ao teo conhecimento.

Teo respeitoso amigo

● CINCINNATO.

Os inglezes e os republicanos.

Ha tres meios efficazes de convencer : o raciocínio, o pão e o dinheiro.

A grande maioria da nação ingleza entendeu que convem convencer os republicanos d'aquella terra, a que não tentem mudança na fórma do seo govêrno.

Mas tambem entendeu, que o raciocínio nem sempre é efficaz, porque uns não podem, e outros não querem. comprehend.

O dinheiro tem o inconveniente da água na hydropisia: quanto mais se desse, mais fôra preciso dar. Tudo ahi ficava republicano, só para receber a maquia.

Resta o terceiro meio. A grande maioria da nação ingleza proclamou aos seus patricios republicanos, que os hade levar a sôco (se não for a páo). Assim está escripto no *Boletim do Jornal do Commercio*, de 5 do corrente.

Sôcos em republicanos ! Como são ignorantes aquelles inglezes ! Un republicano ou liberal de papo amarello tem direito de mactar, esfolar, roubar, incendiar, esturpar, fazer emfim o que lhe der na cabeça: mas é privilegio exclusivo: não tem correlativo.

OTTON.

Pelo dedo o gigante.

Em todos os tempos gustaram os homens de deixar de si recordações á posteridade. Antigamente esses monumentos affrontavam os séculos: eram as pyrâmides do Egypto ou o colosso de Rhodes, e mais proximamente Belém ou a Batalha em Portugal, o Escorial em Hispanha, e outros por ahi adeante.

Vão-se os homens amesquinhando, e com elles as suas obras. O marquez de Pombal mandou levantar a estátua equestre de D. José I, no Terreiro do Paço, em Lisboa; porém mandou ao mesmo tempo fazer uma praça condigna. Quem tem visitado aquella capital sabe que a praça em que existe a estátua, poucas eguaes tem na Europa. No Rio de Janeiro mandou-se levantar a estátua equestre de D. Pedro I, porém a praça ficou tal qual era: nenhuma providência se tomou para o seu melhoramento.

A illustríssima câmara actual não quiz ficar atraz de suas antecessoras.— « Erga-se, disseram os illustrissimos, um monumento que atteste aos vindouros, que nós passamos por esta terra. Fique memória de nós! »— E ficou.

Lá está no ex-Largo do Paço, actual praça de D. Pedro II, lá está... uma latrina pública, exhalando suavíssimos perfumes, com que são deleitados os narizes de quantos passam pela estrada.

E pelo monumento se conhece quem o mandou levantar.

OTTON.

QUESTÕES DO DIA

N.º 39

RIO DE JANEIRO, 15 DE FEVEREIRO DE 1872.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Lammert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua de General Camara.—Livraria Academica, Rua de S. José n. 119—Largo do Paço n. C.—Preço 200 reis.
O 1.º volume, com perto de 400 páginas—3\$000.

OBRAS DE J. DE ALENCAR—A IRACEMA.

(Cartas a Cincinnati)

XII

Meo amigo :

Não entro no argumento histórico da lenda, nem na questão da nacionalidade do Camarão.

Do primeiro já dice quanto se me offerencia, em referência a Martim Soares Moreno; quanto á segunda, dou-me por suspeito, com o fim de me poupar uma colisão.

Explico-me: de um lado, sou natural da provincia para a qual reclama o Sr. Alencar a glória de haver dado o bêrço ao Camarão; do outro, vejo no commendador Mello, que ao Ceará contesta essa glória, além de uma auctoridade, um amigo, cuja illustre ancianidade, litterária como politica, desde muito me accostumei a venerar.

Se não tivermos attenções para esses últimos Abencerrages das priscas eras da pátria—lumes serenos, que o sópro impiedoso da morte está amiaçando apagar-nos a cada instante, quem nol-as merecerá melhor? Acaço fâchos improvisados de hontem, cuja çhamma afogueada por insólito egoísmo, antes nos desvaira do que nos guia nos parçéis da história? Não vou para ali.

A primeira nota que se nos depara, inscreve-se sob a epigraphe —*Onde canta a jandaia*. Nella agita-se a questão de saber d'onde veiu a palavra *Ceará*. Já dice a esse respeito em outro lugar o que é escusado repetir aqui.

Do verbo *rugitar*, que o auctor compôs, como declara, auctorizado pelo exemplo de Filinto Elysio, que creou *ruidar* (de ruido) tractarei quando houver de arriscar

tímidas considerações sobre a policia da lingua. Hoje o meo desprezencioso exame limita-se á parte propriamente indígena; e d'esta áquelles termos que devem ao Sr. Alencar etymologia com que me não conformo. Principiemos.

Lê-se :

« *Guard.* — Ave palludal, muito conhecida pelo nome de *Guard*. Penso eu que esse nome anda corrompido de sua verdadeira origem que é—*ig*, agua—e *ard* *arara*. *arara d'agua*, pela bella côr vermelha. »

A esta opponho as opiniões auctorizadas do *Martius* e do *Dias*.

Diz o primeiro :

« *Guard*.... Contracção de *Guá*, variegado, e *Guira-Guairá*, ave multicolor, porque, pequena, cobre-se de pennas brancas, adulta de pennas pretas, e por ultimo de incarnadas. »

Agora o *Dias* :

« *Guard*, ave: nasce branca, torna-se preta, e por fim, de um incarnado vivíssimo. »

Se é certo que a ave passa por todas estas transformações, d'ella characteristics, quem nos auctoriza a desprezar a etymologia que cabalmente as exprime para ir buscar outra, errônea, alem do mais? De ser ella errônea, fornece-me prova o próprio Alencar na nota seguinte, para a qual chamo a tua attenção :

« *Ard* — periquito. Os indígenas como augmentativo usavam repetir a ultima syllaba da palavra e ás vezes toda a palavra—como *murémurê*. *Murê*—fruta—*murê-murê* grande fruta. *Ardra* vinha a ser pois o augmentativo de *ard*, e significaria a espécie maior do género. »

Se elles dobravam a syllaba, e até a palavra, quando queriam exprimir augmentativo, segue se que 'neste caso, querendo exprimir—*arira d'agua*, diriam *gardra*, isto é dobrariam *ard*, que singella significa simplesmente—periquito: e não diriam *gará*, com o que só teriam—periquito d'agua. O Sr. Alencar morre com as suas próprias armas.

Na van pretensão de tudo poetizar no seo abôrto de poema (succede o contrario as mais das vezes) a caminhos directos e faceis prefere tortuosos rodeios. Não foi outro seguramente o motivo que o levou a ingendrar a etymologia de *Piti-guáras*, quando o nome evidentemente verdadeiro é o de *Potiguaras* ou—guerreiros do Camarão. Lê-se :

« *Pitiguaras*.—Grande nação de índios que habitava o littoral da provincia e estendia-se desde o Parnahyba até o Rio Grande do Norte. A orthographia do nome anda mui viciada nas differentes versões, pelo que se tornou difficil conhecer a etymologia.

« *Iby* significa terra; *iby*—*tira* veio a significar serra, ou terra alta. Aos valles chamavam os indígenas *iby*—*tira*—*cua*—cintura das montanhas. A desinência *jara*, senhor, accrescentada, formou a palavra *Ibyticuara*—que por corrupção deu *Pitygudra*—senhores dos valles»

Não procede, ao nosso ver, a combinação. De *Iby*—*ti*—*cua*—*jára* (como fica a palavra composta, e não *Iby*—*ti*—*cua*—*ra*, como diz o escriptor) vai grande differença para *Pity-guara*; nada menos que absorver o *I* inicial, mudar o *b* em *p*, supprimir a syllaba *ra* de *tira*, mudar o *c* de *cud* em *g* para *dur gudá*, supprimir a syllaba *ja* de *jára*. Só bem se executam taes absorpções e mutilações no gabinete, onde a penna córta impune e á vontade; o povo, até mesmo o selvagem, é mais respeitador do que parece das reliquias do passado.

Al accresce, que devo lembrar: a opinião do escriptor levaria ao contrasenso. *Ibitiracud*, significando—*cintura da montanha*, não podia significar valle, porque valle nunca foi cintura de montanha.

O que é valle? « Planície juncto, ao pé de monte, ou entre montes » diz o lexicógrapho. Se é ao pé, como pôde ser *cintura*, que dá idéa de *meio* de cousa ou pessôa? Ao valle chamavam elles *Ibyty*—*goáya* ou *ibyitygoaia* e não *Ibylicud*.

O Sr. Alencar quiz dar origem de sua lavra, e fez esta confusa e inadmissivel combinação, que não traz glória, porque não fôra difficil, com dictionários e folga e sobretudo fama, preparar taes inxertos. Queres tu vêr quantas combinações arrumo 'num momento sem o minimo esforço, sem folga, sem fama e sem grandes recarso: philológicos sôbre a pretendida origem da palavra *Pitygudra* ou *Potigudra*? Ouve lá.

Py—*pé*, *tyoàra*—misturar com água, ou—*pés molhados*, por frequentarem esse; selvagens os rios, visto como « habitavam as praias e viviam em grande parte da pesca » segundo diz o próprio J. de Alencar na pag. 170. Não se faça beijo á denominação de—*pés molhados*, por quanto havia os índios *Motuy*s ou de—*pés virados*.

Pó—mão e *tycuàra*, ou índios de mãos molhadas, na mesma conformidade.

Ipy—primeiro, *iby* terra, e *guàra*—senhor, ou—primeiros senhores da terra, na acceção de prioridade de domínio, ou de supremacia de valor guerreiro.

Ipy e *tecuàra*, ou os que estão primeiro.

Iby—terra, *teco*—poder, e *vàra* senhor, ou—poderosos senhores da terra.

Quando sejam illegitimas taes raizes, não o serão mais do que a raiz do Sr. Alencar. Mas ainda que o fôsem, poderiam caber no caso, à vista das seguintes palavras de um historiador de nota :

« Não é possível intenderem-se os escriptores ácerca dos nomes próprios das hordas selvagens do Brazil, tão variados são e discordantes entre si. O certo é que Potyguarés, Putyguaras, Pitiguarés ou Pitagoares, tão diversos em suas escripturas, são comtudo uma e a mesma casta de índios, que habitavam desde Pernambuco até o Piauí, e ainda além, como querem alguns. Só por isto se pôde ver quão estúpida não é a pretensão do tal. que queria submeter todos estes nomes a uma escriptura sua, inventando com este fim uma orthographia selvagem : tão certo é que ha no mundo gente para tudo. »

Lê-se :

« *Boicinga*—é a cobra cascavel: de *boia*, cobra, e *cinga*, çocalho. »

Referindo-me eu 'noutra occasião e 'noutro lugar a esta nota da *Iractma*, tive de ajunctar a observação seguinte : « Entretanto diz G. Dias que o vocábulo *boia*, na composição, *precede* o adjectivo, e *pospõe-se* ao substantivo ; e dá exemplo : *aràra*—*boya*, cobra de aràra, *boia* - *pinima*, cobra pintada. Ora, por esta regra o termo *cinga* não pode significar çocalho, e deve ser adjectivo para que se *posponha* à *boia*. Ignoro o termo *cinga* etc.

Não tinha eu então o *Glossário*, onde agora se me offerecem elementos para decifrar o enigma.

« Cobra *tinnidbra* » a chama o *Glossário*, de *boia* e *ocinim*, tinnir.

Tive, de mais, occasião de ver que no tupy—austral (d'onde vem *ocinim* ou antes *ésinim*) o termo *boicinim* significa-assobiar. D'onde, pois, se originou em definitiva a expressão : do *cascavel* ou do silvo da cobra ?

Devo afinal declarar que se confirma a regra estabelecida por G. Dias ; *cinga* pospõe-se a *boya*, porque, longe de significar çocalho, como erradamente diz o Sr. Alencar, isto é longe de ser substantivo, é adjectivo com a accepção de cousa, que tinne.

Lê-se :

« *Potyara*—comedor de camarão de *poty*—e *uàra*. Nome que por desprezo davam os ennemigos aos piti-guàras, que habitavam as praias e viviam em grande parte da pesca.

« Este nome dão alguns escriptores aos pityguàras, porque os receberam de seos ennemigos. »

O Sr. Alencar foi sem dúvida levado a conceber taes idéas, depois de ter lido no *Glossário* (pag. 523) o seguinte :

« *Potiquares, Potijaras, Potyuaras*—índios da gente de Tupi, que comem poti. »

Fôsse então lógico, e não restringisse ao nome *Potyuaras* a qualidade que indistinctamente se attribue não só a este, como tambem aos dous primeiros termos. Mas discutamos a etymologia.

Guara, yara ou iara, jara ou *uara* jámais teve a significação de comedor, mas sim a de guerreiro, ou senhor, ou habitante : *Potiquara*—guerreiro de Poti ; *Tabajara* ou *Tabayara* ou *Tabaiara*, senhor da aldeia ; *Parduara*, habitante do Pará. e *Capiuara* habitante do Capim. (Vid. o Diccionário Tupy).

Mas se quer dizer que a palavra se compõe de *Poty*, o verbo *u*-comer, e a partícula pospositiva *ara*, ainda assim está em erro, porque a esta partícula sempre se juncta um ç : *Capitara*, e que penteia actualmente. (Vid. o *Diccionário*).

Convem ainda notar que, no final dos verbos, ella sempre indica a pessoa que na *actualidade* exercita a sua significação, como no exemplo dado.

Assim, pois, para que procedesse a errónea intelligência dada pelo Sr. Alencar de—comedores de camarão—áquelle nome, deveria elle ser escripto—*Potyucara*; e fôra além d'isso mister que os dictos índios levassem toda sua vida a comer camarão, porque, como já se dice, a partícula indica exercicio *actual* da pessoa a que se dá o no.ne. Ora isto é o cúmulo do absurdo.

Mas, ainda quando, com postergação flagrante dos preceitos da lingua, se applicasse a denominação aos guerreiros do chefe *Poty*, d'onde, ou de quem houve o

Sr. Alencar a notícia de que tal denominação lhes era applicada pelos inimigos em mostra de desprezo?

O que se presume com toda razão é que o fariam com o fim simplesmente de caracterizal-os, como era de costume entre elles.

Tão plausiveis nos parece serem taes conjecturas que o proprio chefe da tribu não se desdourava de chamar-se —o Camarão.

Lê-se :

« *Senhor do caminho*—assim chamavam os indígenas ao guia de *py*—caminho, e *gr'ara* senhor. »

Abro o dictionário do idioma vulgar—tupy, e vejo que ao caminho chamavam—*pé*.

No dialecto dos índios Apiacàs chamavam-n-o *pea*.

No dialecto dos Cayowás *pe*.

No dos Omãguas o mesmo.

No da lingua geral por G. Dias, idem.

No dictionário da Lingua Tupy pelo Martius, idem.

Porque, pois, ha de o Sr. Alencar dizer *pyguara* e não *peguara*? O terem-n-o já outros dicto antes de si não é razão para o não acceitar, e menos para attribuir ao vocabulo significação que não tem.

Py significa—*pé*, e não—caminho.

Lê-se :

« *Giboia*. Cobra conhecida: de *gi* machado, e *boia* cobra. O nome foi tirado da maneira porque a serpente lança o bote, semelhante ao golpe do machado; póde traduzir-se bem, cobra de arremêso. »

Parece-me forçada esta etymologia.

O arremêso ou bote, além de ser commum a muitas castas de cobras, não é a qualidade que mais distingue o individuo em questã. . Seo principal característico é inlaçar a victima; esta especialidade não podia escapar aos índios para que deixassem de deduzir d'ella a correspondente expressão. •

Duas combinações offereço em substituição.

Primeira: *ig*—água, e *boya* ou—cobra d'água, por ser insigne nadadora. (Ver *Hist. Nat. Pop.* por Austet.)

Segunda: *jebý*—affogar, apertar, e *boya*, ou cobra que aperta, que affoga. A corrupção poderia haver dado, sem ser admiração, *jebóia*, como alguns escrevem, ou mesmo *jyboia*.

Esta se me affigura d'entre todas a mais exacta etymologia.

Lê-se :

« *Sucury*—A serpente gigante que habita nos grandes rios e ingole um boi. De *Suu*, animal, e *cury* ou *curu*, roncador. Animal roncador, porque de feito o ronco da *sucury* é medonho. »

Pois quem diz—animal roncador—dá idéa da *sucury*?

Acho manifestamente errônea, não só no sentido como nos termos. *Curu* e menos *cury* é palavra que não conheço na lingua geral.

Cururúca, sim; é o verbo neutro —rosnar, rugir, roncador.

Não virá melhor de *çoo*, animal, *acú* de *açú* grande, e *hy* água, ou grande animal ou monstro do rio ou das águas? E' curioso quanto ácerca d'este ophídio vem nas *scenas de viagem* do tenente A. de Taunay, pag. 96.

Eis aqui, para concluir por agora, os nomes das diversas localidades que o Sr. Alencar diz serem de cunho original, e que no emtanto se encontram no *Glossário*, e alguns também no *Ensaio Estatístico da Província do Ceará*, por Pompeo.

« *Ipiú*.—Chamam ainda hoje no Ceará certa qualidade de terra muito fértil, que fórma grandes corôas ou ilhas no meio dos tableiros e sertões, e é de preferência procurada para a cultura. D'ahi se deriva o nome d'essa comarca da provincia. » (*Iracéma*, pag. 164)

« Estes terrenos chamam-se vulgarmente *Ypús*, e são d'um barro preto, massapê, que tem muito humus vegetal, ou decomposição vegetal e animal, que as águas acarretam das serras, e por isso muito substancioso. E' nestes *Ypús* ou valles, que se fazem as maiores plantações de cannas » (*Ens. Estat.* vol. I, pag. 149)

« *Hypava*, *Ipaúe* corr. e *hopabe*, tudo água; d'onde os brasileiros usam da voz *paues* para qualquer água estagnar ou alagadiça. » (*Gloss.* pag. 502)

« *Aracaty*.—Significa este nome bom tempo : de *ara* e *catú*. Os selvagens do sertão assim chamavam as brisas do mar que sopram regularmente ao cair da tarde, e currendo pelo valle do Jaguaribe se derramam pelo interior e refrigeram da calma abrazadora do verão. D'ahi resultou chamar-se *Aracaty* o lugar d'onde vinha a monção. Ainda hoje no içó o nome é conservado á brisa da tarde, que sopra do mar. » (*Irac.* pag. 171)

« *Aracaty*.—*Ara* tempo, *catú* bom; vento do Norte, etc. » (*Glos.* pag. 491)

« No sertão, principalmente no valle do Jaguaribe, reina um vento forte em tempo de sêcca que se chama —*Aracaty*— e apparece ao cair da noite quasi de repente. Este vento é uma providência para os habitantes do paiz, porque vai refrescar a atmosphera elevada a um alto gráu de calor etc. » (*Ens. Estat.* pag. 123 vol. 1.)

« *Merúoca*.—De *meru*, mosca, e *oca*, casa. Serra juncto de Sobral, fertil em mantimentos. » (*Irac.* pag. 180)

« *Merúoca* (Ceará, Serra.) — *merui* — *oca*, casa de moscas. » (*Glos.* pag. 515.)

« *Uruburetama*—pátria ou ninho de urubús: terra bastante alta. » (*Irac.* pag. 180)

« *Uruburetama*. (Ceará, Serra)—*urubu retê taba*— casa de muitos urubús. » (*Gloss.* pag. 532)

« *As saborosas trahiras*.—E' o rio Trahiry trinta léguas ao norte da capital. De *trahira*, peixe e *y*, rio. Hoje é povoação e districto de paz. » (*Irac.* pag. 180.)

« *Trahiri* (Ceará, Povoação) — *taraira*—*hy* (rio das *Tarairas*) » (*Gloss.* pag. 530.)

« *Pirapora*—Rio de Muranguape, notavel pela frescura de suas águas e excellências dos banhos chamados de Pirapira, no logar das cachoeiras. Provém o nome de *Pira* peixe, *pora* salto: salto do peixe. » (*Irac.* pag. 183.)

« *Pirapora* (Minas, etc.) —*pirapore* salto de peixe ou *pora* habitante—Logar onde os peixes saltam ou habitam » (*Glos.* pag. 522.)

« *Pacatuba* de *paca* e *tuba*, leite ou conto das pacas. Recente, mas importante povoação em um bello valle da serra da Aratanha. » (*Irac.* pag. 184.)

« *Pacatuba* —(Sergipe, Aldeia) *paca tyba*—logar do animal *Paca* » (*Glos.* pag. 517.)

Vem na *Iracema* uma nota, que não quero deixar passar sem reparo.

« *Guayuba* (diz o auctor.)—De *goaia*, valle, *y*, água, *jur*, vir, *be*, por onde; por onde vem as águas do valle. Rio, que nasce na Aratanha, etc. »

Onde foi que o Sr. Alencar achou *goaia* significando valle? Valle é *ibyligoria*. Por si só, *goaia* serve de designação, que entra na composição da palavra; sem *ibyl* i nunca teve a accepção de valle.

A que veio este *jur*? Para favorecer a denominação poética (já se vê) que lhe approuve dar ao rio—por onde vem as águas do valle? Que prejuizo!

Porque não hade o Sr. Alencar perder o máo costume de improvisar, com mostras e tom de sapiência? Isto não accredita nem eleva.

A etymologia exacta é a que vem no *Glossário*, que o Sr. Alencar não teve razão de desprezar, 'neste, quando tanto se tem d'elle servido em outros muitos vocábulos.

Prosigamos.

« *Jacarecanga* — Morro de areia na praia do Ceará, afamado pela fonte de água puríssima. Vem o nome de *Jacaré*, crocodilo e *avanga* cabeça » (*Irac.* pag. 187.)

« *Jacaracanga* (Bahia, Povoação) — *Jacaré* crocodilo, *acanga* cabeça. Cabeça de jacaré. » (*Glos.* pag. 507.)

« *Bahia dos papagaios* — E' a bahia da *Jericoacara*, de *jeru*, papagaio, *cua*, várzea, *coara*, buraco ou seio; enseada da várzea dos papagaios. E' um dos bons portos do Ceará. » (*Irac.* pag 188.)

« *Jericoacara* (Ceará: Enseada, Morro, Povoação) — *jerú*, *ajerú* ave, papagaio, *gúa* variada, *coara* buraco. Morro de variados papagaios. » (*Glos.* pag. 510.)

Onde foi que o Sr. Alencar achou *cua* significando várzea? Significa cintura, e portanto não cabe aqui; o que cabe é *guá* como diz Martius. Para que improvisa?

Não posso mais. Estou exausto.

A princípio não me pareceu haver tanto que colhêr. Ingauei-me. Podes crer que a mina é inexgotavel.

Quanto mais me detenho 'nestes ligeiros estudos, mais o illustre auctor desce no meo conceito.

Má hora em que me resolvi a emprehendel-os. Têm-se-me ido tantas illusões...!

Teo de veras

SEMPRONIO.

Undécima Carta

DE CINCINNATO A SEMPRONIO.

Rio, 3 de Fevereiro, 1872.

Preclaro amigo.

Começo, contando-te uma história.

Como dos perennes títulos de glória do Sr. Alencar ainda faltava um para expor á admiração do público — o de seos triumphos scênicos — commetti essa tarefa a um illustrado amigo, competentíssimo na matéria, a quem roguei que imparcialmente emittisse a sua opinião sôbre algum drama do infatigavel escriptor.

Já se sabe por morar longe, ignorava elle que o arco de S. Ex. tivesse tambem essa chorda (vergonhosa ignorância; áquelle arco que chorda faltará?). Pediu-me lhe mandasse uma das taes cousas; apressei-me em satisfazel-o, remettendo-lhe *As azas de um anjo*. Cái-me a cara no chão: quando eu esperava uma análise detida, um panegyrico, uma viagem extática, recebo uma carta, d'onde transcrevo os seguintes treços litteralmente:

—« Li. Esperava muito, porém tanto não. Aquillo é menos que collegial. Como se hade intrar com obra de taes dimensões, tão semsabor que se não presta á pilhéria, e tão nulla que o analysal-a é dar-lhe corpo e fôrça? Confesso que não scei. Transcrever treços seria a melhor análise; mas começar a transcrever, era copiar a peça toda. Aquillo é abaixo de toda a critica.»

Em carta posterior, acrescenta:— « E' uma producção inaccreditavel. Eu li as primeiras duas scenas e não pude continuar. Passados dias, vencendo a repugnância, como quem tem de tomar um calix de óleo de ricino, recommeci, e cheio de tédio, levei ao cabo tal leitura. Não acho por onde se pegue em semelhante escripto: tudo alli é tão nojoso, tão ascoroso, tão pueril, tão néscio e tão immoral, que o peor serviço que ao auctor se pôde fazer é propagar tal obra.

« Aquellas figuras são vulgaríssimas, e nada as accentua vigorosamente. As inverosimilhanças pullulam a cada phrase. O meio em que se arrastam aquelles impossiveis actos é ignobil. Aquelles typos não commovem, não instruem, não moralizam, não divertem; enojam. Em pontos de estylo e linguagem, isso então nem toquemos; não se imagina, sem ter lido.

« 'Numa palavra tudo que d'aquillo se dicesse em letra redonda era uma superfluidade: a própria exprobração, precedida de análises d'aquelle intreço, d'aquellas personagens, e d'aquelle dizer, seria honra monumental a um escripto, para que já a gargalhada é favor. Um homem está definido, quando chama *azas de anjo* a umas fitas que uma tola deixa cair da cabeça, etc., etc., etc.»

Eu nem me atrevo a transcrever o mais que por alli vai, não senhor. Que os anjos tenham azas, ou sejam desazados, são espirito celestes com que se não brinca; e portanto continuemos com o nosso *Til*.

Acabou-se o capítulo 1º, ficando ainda por fazer duas dúzias de reflexões; mas como se eu continuasse com o

mesmo método, inçheria 50 volumes só com esta análise, agora toca por ahí adeante segando e respigando aqui e acolá. Vamos a isto :

O título do 2º cap. é — *Na tronqueira* — Paremos já neste êrro. Ou seja porque ignore o valor dos vocábulos, ou porque intenda que desde que uma cusinheira profere um termo, entra este logó no thesouro da língua, tem o Sr. Alencar por costume semiar nas suas páginas os termos mais vulgares, os vocábulos mais corruptos, o que é altamente censuravel. Que taes corruptelas figurem no diálogo de analphabetos, tolera-se, uma vez que d'ellas não esteja a cada passo destoando o restante dizer; mas que o auctor, *próprio Marte*, empregue essas desaccertadas palavras,

non homines, non di, non concessere columnæ.

N'estas circumstâncias está o termo *tronqueira*, que sem dúvida é proferido, mas por lábios rudes. A palavra portugueza é *tranqueira*, porque se *tranca* com uma *tranca*.

— Leio que se deu uma « lucta, que era procella a subverter o pélagos insondavel da consciência. » Como se faz esta habilidade ? Que uma procella turve e revolva o mar, concebe-se ; mas que o subverta ! ha de lhe dar o vão pela barba.

— « Custava-lhe a arrancar do chão a palma do pé » *Palma* do pé ! Isto agora nem a tal cusinheira o diria, porque este êrro é tão crasso, que nem nas ínfimas classes se commette. Nunca, desde que o portuguez foi idioma, se dice senão *palma da mão*, *planta do pé* ; dizer *palma do pé* vale tanto como dizer cotovelo do nariz. O sábio Sr. conselheiro, que tão bem conhece e cita o latim, ganharia a dous carrilhos em ler nos *Prov. de Val. Maximo* : *Supra plantam ascendere*, d'onde colligiria 1º que já os latinos chamavam *planta* á tal palma do pé, 2º que usavam esta phrase para insinuar que não deve um homem guindar-se acima das suas habilitações, nem falar do que não sabe.

E' curiosa a infelicidade do docto escriptor : está sempre a caçar nas terras das sciências, e sempre a falhar o alvo. E' por exemplo como a phrase que tu citaste na tua X carta : « beijo que viçava entre risos, como o fructo na corolla da flor. » Comparar um fructo com um beijo, é fino ; mas o superlativo são os fructos viçando nas corollas das flores !

O illustrado naturalista fez bem em nos certificar de que era das *corollas das flores* que elle nos falava, para

não ficarmos em dúvida se seria das corollas das...dos... das não sei que, pois de outras não conheço. Mas o curioso é a applicação do seo podêr pessoal até ás obras da natureza. *Fructos viçando em corollas!* E' assim mesmo.

Até agora intendia-se que a corolla era um cortinado de thálamo nupcial (frequentemente gracioso, brilhante e perfumado) destinado a cercar e proteger os órgãos da flor, estames e pistillo; que lá no fundo do pistillo é que ficava o ovário; que d'este nascia o fructo; que finalmente quando o fructo chegava a pompear, era uma vez corolla; já não havia.

De ora avante, ficam intimados os fructos para viçarem nas corollas, assim como os pés para terem palmas. Profundidades Alencarinias de sciências botânicas e anatómicas.

—« Admiração pela coragem da companheira. » Esta incorrecção apparece a cada passo. E' admiração *de*; não *por*. Seria interminavel se fôsse reproduzir todos os *por* incorrectos que pullulam 'nesta obra, trazidos da Gállia em linha recta.

—« Sentia elle uma ância, qual *tem-na* (qual *a tem*, ou *a sente*) o artista, olhando o *toro* de mármore d'onde seo cinzel vai crear uma estátua. Mas essa, que lhe vive e palpita 'nalma, ainda o mármore não a recebeu, e quem sabe se poderá elle nunca *moldal-a* como a desenhou a imaginação.»

Que imaginação esta, tão de foz em fora!

Começa pelo *toro de mármore*; não conheço: brelho, canto, seixo, matacão, e outras variantes, sim; mas *toro* para mármore, suspeito ser outra novidade.

« *Mas essa* (mulher) que lhe *palpita na alma*, ainda o mármore a não recebeu. » Como vai esta comparação? que significa este *mas*? Pois o *toro*, d'onde hade ser creada a estátua, já, em sua qualidade de *toro*, a tinha recebido?

Tambem aquelle *moldar*, se se refere ao mármore, deixa me muita dúvida: é verbo menos de esculptor que de ourives ou fundidor. *Molda-se*, vasando metal derretido em molde feito de matéria appropriada. Tambem *se modela*, fazendo em çhumbo, cêra, barro, ou análoga substância, uma imagem que depois se imite em poncto grande; porem *moldar* uma estátua de mármore, para significar o acto de cinzelar (de applicar o maço e o cinzel) creio não ser o termo da estatúaria.

Vamos por hi deante aos pulos, como a cabrita.

— « Alli os infelizes se ficavam insepultos e devorados pelos urubús » Como faziam aquellos infelizes semelhante infelicidade ? Se elles eram devorados pelos urubús, não ficavam alli insepultos ; se ficavam alli insepultos, é que os urubús os não devoravam.

— Aqui me cai agora, não debaixo do escalpello, mas do mais vivo sentimento d' admiração, a descripção da metamorphose da PHISIOGNOMIA do João Fera. Não percamos uma vírgula; é tão incrível como inimitavel :

— « O perfil adunco e chanfrado (!) que revestia a belleza (!) feroz e sinistra (!) do abutre, embotou a rispidez (!) saturando-se (!) de uma bruteza alvar (!). Intumeceram-se as faces, pouco antes crispadas pela cerração habitual das maxillas (!), e tornou a ter um tom fouveiro (!), indício da ebulição do sangue a ferver-lhe em bolhas (!) no coração.

« As fulvas (!) pupillas que se incovavam pelas têmeoras (!) como tigres nas furnas, saltaram das órbitas (!), dilatadas (!) por um fluido espêso que tinha a phosphorescencia felina (!). De ordinário avincava-lhe a frente uma ruga saliente (!) que depois de fender-lhe o sobr'ólho (!) partia-se em duas plicas profundas (!) como gilvazes a lhe cortarem o rôsto (!). A temulência da paixão, injectando os músculos (!)... » &

Safa ! Não posso mais. Olha por ahi abaixo todos esses pontos de admiração. A tua intelligência e perspicácia instantaneamente fará justiça a todos e cada um d'esses dizeres, arátpodas ou do gôsto, ou da sciência, ou da linguagem, ou do senso commum.

Pois ha ahi uma phrase que sequer mereça anályse ? Injuriaria eu a tua intelligência, especificando os horrores de locução d'essas espantosas linhas, que até estão inspirando compaixão de seo auctor, por transluzir d'ellas que ficou muito satisfeito de si, ao traçal-as !

Tudo isto é novidade, meo amigo, é novidade; e esta palavra justificará a quem descrever o mar como incarnado, e o círculo como bicudo. Quando porêem uma vez o génio se incarapitou no zenith da omnisciência e da irresponsabilidade, deixam-se cair d'estas e não se atiram *margaridas a porcos*; não se dão satisfacções.

Dizem que, tendo Eurípides introduzido 'numa tragédia certa sentença, o povo a quem ella desagrudara introu a exigir em altos brados, que a supprimisse immediatamente ; o poeta que estava 'num dos cúneos,

arremessou-se ao proscênio, e de lá, com voz stentorianaa, exclamou:—Eu componho as minhas tragédias para os insinar a vobcês, e não para vobcês me insinarem a mim! » E o mais é que o applaudiram. O Sr. Alencar já é Chateaubriand; pois então tambem o ser Eurípides (até no tal *vobcês*, do grego) lhe fica a mactar.

Tout à toi

CINCINNATO.

Mendicidade estrangeira comparativa.

Temos á vista um mappa da policia de Buenos-Ayres, em cujos descarnados algarismos achâmos inexcedivel eloquência. E' sabido que a tendência dos immigrantes é especialmente de italianos para as repúblicas platinas, como o é de portuguezes para o Brazil. Não admira pois que 'naquellas regiões seja, na respectiva proporção, mais avultado o contingente dos italianos em todas as relações sociaes; mas por maior que essa desigualdade seja, nunca poderiamos accreditar, se documentos officiaes nol-o não revelassem—nem que tão enorme fôsse a mendicidade dos estrangeiros na cidade de Buenos Ayres—nem sobretudo que seja tão desproporcionada a dos italianos. Veja-se este sudário :

Mendigos	argentinos	109
»	hispanhóes	72
»	inglezes	11
»	francezes	29
»	sul-americanos.	14
»	italianos.	682 !
»	de várias nacionalidades	101

1018

Em quanto no Brazil a mendicidade é rara, nas repúblicas vizinhas vê-se quantos hóspedes que haviam sonhado ir ahi achar Eldorados, só encontram a miséria. Em quanto no Brazil os naturaes immigrantes, portuguezes, vindos em muito mais larga escala que os italianos para o Rio da Prata, açam immediatamente occupação e trabalho, os que se transportam para aquellas repúblicas veem ja tarde as suas illusões desvanecidas

Aquelles algarismos deveriam ser reproduzidos em todas as folhas do Império e da Europa. Constituem elles

a synthese comparativa das instituições e da riqueza dos dous paizes ; e convencem da preferênciã que os emigrantes europeos deveriam dar ás plagas brazileiras.

Virtus post nummos

Para resolver as nossas questões de dinheiro, algumas bem insignificantes, sustentâmos numerozo corpo de magistrados, de quem requeremos avultadas provas, a quem impomos grave responsabilidade, a quem pagâmos bons vencimentos, e dos quaes exigimos severo estudo da causa.

Para resolver nossas questões ácerca da nossa liberdade, honra e vida, colligimos ahi uma porção de nomes, cuja habilitação consiste em ter duzentos mil reis de renda (metade do que realiza qualquer preto do ganho); lançâmol-os em uma urna : e d'alli tirâmos certo número á sorte, e sejam ricos ou pobres, sábios ou ignorantes, velhos ou moços, solteiros ou casados, probos ou velhacos, reunímol-os em uma sala; e nem lhes permittindo que ao menos se aconselhem, obrigâmol-os a decidir; e a sua decisão diremos que é a verdade— *verdictum*.

Da decisão dos magistrados ha recurso ; da decisão do jury não o ha !

Consequência lógica:

Os jurados são mais aptos para julgar que os desembargadores, ou o dinheiro vale mais que liberdade, honra e vida.

E ha quem se admire de ver dar tanta consideração ao dinheiro, e ter em tão pequena conta a virtude !

Otton.

Malorias

Pretende-se que o govêrno seja das maiorias : concordo. Mas porque ? Porque a maioria tem fôrça para se fazer obedecer. Quem não tem fôrça não é obedecido; quem não é obedecido, não governa. Em uma disputa entre dous pretendentes, o vencido é rebelde; porque não teve fôrça : o vencedor é heróe, porque teve o que faltou ao seo contrario.

Organizem a sociedade como quizerem : só será govêrno quem do seo lado tiver a fôrça.

Otton.

Ordens religiosas

Na Itália, Hispanha, e Portugal deu-se cabo das ordens religiosas, tirando os bens aos religiosos; no Brazil pretende-se chegar ao mesmo resultado, tirando os religiosos aos bens.

E ainda dizem que no Brazil procurâmos imitar; qual! Originaes como nós, ninguém.

Otton.

Liberdade e independência da Egreja.

Dia feliz! a Egreja ha de ser livre e independente! Quer dizer: o Thesouro não pagará mais congruas, em-b'ora continue a receber os direitos de importação, que substituíram os dizimos, que eram pagos pelos fieis para sustentação do culto.

E' preciso confessar que ha muita palavra bonita, para illudir papalvos!

Otton.

QUESTÕES DO DIA

N.º 40

RIO DE JANEIRO, 20 DE FEVEREIRO DE 1872.

Vende-se em casa dos Srs. E. & H. Laemmert.—Agostinho de Freitas Guimarães & Comp., 26, rua de General Camara.—Livraria Academica, Rua de S. José n. 119—Largo do Paço n. C.—Preço 200 reis.
O 1.º volume, com perto de 400 páginas—\$8000.

Reforma judiciaria.

I.

(Considerações geraes.)

Para o discreto exame de uma lei, não costumam os espíritos rectos tomar como base principal a maior ou menor força concedida ao *principio da auctoridade*, ou ao *elemento popular*. O que cumpre, antes de tudo, é investigar com escrúpulo a oportunidade dos preceitos legislativos, e o accôrdo em que deverão estar com as condições peculiares do paiz.

O que valem as leis sem bons costumes? Axioma trivial, que nem por isto tem sido devidamente attendido, em theoria ou na prática, por algumas das nossas intelligências superiores, deslumbradas—talvez—pela auréola da popularidade, ou por um falso prisma na apreciação das circumstâncias.

Neste momento presumimos somente a bôa fé das opiniões, sem contarmos com o *espírito de novidade*, capricho, ância de renome, cubiça do mando, e outros motivos que podem ser movel de especuladores, mais ou menos disfarçados.

Pessoas que parecem considerar a sociedade brasileira no caso de acclimar desde logo em seo seio as idéas *mais adeantadas*, quanto à *liberdade e franquezas*, argumentam com a bôa índole do povo. Todos nós folgâmos de reconhecer que esta feliz predisposição existe em gráu subido: mas ainda ha muito que fazer para corroboral-a e desinvolvêl-a pela educação intellectual, moral, religiosa e política.

Sem este preparo indispensavel pôde acontecer que certas instituições precoces produzam pernicioso effeito sôbre essa mesma índole, tão justamente louvada.

Considere-se um Império de 11.780.000 habitantes (*) espalhados numa área que comprehende 2/5 da América do Sul e contém provincias maiores que alguns Estados da Europa; deduzam-se d'essa extensão umas 2.311.974 milhas de superficie onde a luz da civilização não penetrou; attenda-se á existência de 1.400.000 escravos e 500.000 indígenas errantes nos bosques; accrescente-se, finalmente, a estes ligeiros traços uma educação ainda pouco efficaz, quando não descurada, a deficiencia da prédica na paróchia, a indolência que alimenta os vícios, a escassez da força pública e de outros meios para a prevenção e repressão dos delictos. Tudo isto ponderado, imagine-se um systema de legislação que tenha por fim alargar imprudentemente a falada esphera das *franquezas populares*, e debilitar a acção do poder público, que já não sendo de si mui vigoroso, pela insufficiencia dos elementos materiaes, quasi que tira o seu maior prestigio de certo apparatus de attribuições, além do acatamento que os funcionarios possam merecer por seus predicados pessoaes.

Uma vez infraquecido o principio da auctoridade, a consequencia será o afrouxamento progressivo dos laços de obediencia e respeito, a reluctância, a animação para o crime.

Assim ficará desnaturado o ânimo tão docil d'este excellentes povo. E se porventura surgir o intento de reacção fóra da lei, como remédio ao mal que se deixou de prevenir, importará este facto consequencias graves, além do feio contraste entre a theoria e prática.

A este respeito nos occorre, a par de outros factos conhecidos, o que se deu numa das mais importantes provincias do Império. O respeito devido ao túmulo, e o desejo de evitar neste escripto o mais leve resaiço de injectiva pessoal obriga-nos a omitir o nome do protagonista.

Dominava o partido liberal. As reuniões públicas, as passeiadas com vivas estrepitosos, tudo emfim concorria para lisonjear e excitar as últimas camadas da população. Em uma noite de festividade, o entusiasmo converteu-se em delirio ultra-patriótico, e passou ás offensas physicas, envolvendo tambem os estrangeiros. O próprio chefe de policia confessára-se impotente para restabele-

(*) *Elementos Estatísticos* do Dr. Ferreira Soares.

cer a ordem e segurança individual. Em tão triste emergência, o alludido protagonista, sem achar-se revestido do character de auctoridade, arremessou-se a cavallo e de vergasta em punho, sobre a multidão e... bateu-a, dispersando a procissão anárchica.

Presta-se o facto naturalmente a um commentário edificante. O democrata que pouco antes advogava com tanta vehemência as regalias populares; que exaltava o amor-próprio do artista humilde, sentando-se a par d'elle e beijando-lhe na tenda o mal amanhado filhinho; que innoculava no animo da gente ignorante idéas livres, de que tão máo uso ella fizera... foi o mesmo que, vendo chegar á maturidade os fructos de sua propaganda, não duvidou empregar um meio extra-legal para extirpal-os, porque participava da responsabilidade da situação.

Ainda assim, o bafejo ás paixões populares deixou fecundo germen para uma conspiração posterior, e mais tarde uma sublevação insanguentada, que teve por chefe principal o mesmo distincto cidadão—tão empenhado outr'ora em debellar o motim da praça pública.

Se recordámos taes successos, não é com a maligna intenção de revolver o passado por espirito partidário. Nosso fito é demonstrar, com um exemplo d'entre tantos, o grave erro do político ou legislador que estimula aspirações de certa ordem, sem attender ao estado do paiz.

Podem alguns apóstolos não crer que as sequências de sua doutrina excedam certos termos... Mas é que, aberto o dique, elles próprios são incapazes de conter a impetuosidade da torrente, que também os arrasta... como a história nos insina em lições severas, tão mal aproveitadas...

Convencidos d'esta verdade, raros são os homens leaes que, percorrendo certo estádio, não sintam moderar-se a sôffrega exaltação de suas tendências reformistas. Alguns nem precisam attingir a idade proveccta: desiludem-se ao clarão de qualquer experiência proficua. Ha homens dotados de tão nobre franqueza que nem sophismam a retractação. Outros recuam lentamente, e chegam a transformar-se de todo, se a morte os não surprende antes do insejo para uma decente e completa transição.

Poucos são os que morrem aferrados ao alcorão de suas utopias. Se algum se mostra impenitente, vêde que o

domina a coherência do capricho, o orgulho que não permite confessar o erro, ou grande ambição que vai ao tûmulo agarrada à esperança de triumpho proveitoso ou da aura popular de uma glória pósthuma.

Da propagação de idéas perigosas, ou exaggeradas, tambem se usa no propósito de obter concessões, incutindo *mêdo*.

Mas elevado o propagandista à cúpola do poder, e dêmos que elle se não revele um perverso condemnado a cair sob o péso de suas iniquidades; se na prática não reagir, aberta ou disfarçadamente, contra as próprias doutrinas, tornar-se-ha mais tûbio no seo entusiasmo, senão pela voz da consciência, ao menos pelos desenganos, embaraços e exigências inherentes à missão do mando.

ULPIANO.

(*Continúa*).

O Conservatorio de Musica.

NOTICIA HISTÓRICA E DESCRIPTIVA DA INAUGURAÇÃO DO EDIFÍCIO, E ORIGEM DA INSTITUIÇÃO.

III

(*Conclusão*)

Graças aos incessantes esforços do Sr. Commendador Bettencourt da Silva, notabilíssimo artista que comprehende e desempenha dignamente o sacerdotio da honrada profissão que exerce, concluiu-se afinal o edificio do Conservatório de música, melhorado em grande parte no plano interior, que, segundo o primitivo risco, ficaria, quasi se pôde dizer, incompleto, quer pela má distribuição das salas das aulas, quer pela falta dos compartimentos secundários de que não podem prescindir os edificios destinados ao ensino, principalmente para sexos diversos.

A casa destinada ao conservatório de música estava sendo feita sem *reservados* e nem sequer um quarto para toucador das alumnas; não havia água no estabelecimento, nem canalisação para o gas. Todas essas faltas reparou-as o illustrado architecto Bettencourt, e, não satisfeito com tão grandes melhoramentos, aproveitou ainda os fundos do salão dos concertos no pavimento superior, espaço vazio e inutil no primitivo plano, para nelle construir um pequeno palco, com a

sua caixa de movimentos, guarda-roupa, camarins etc. ; idéa essa de subido alcance para dous fins que o Conservatório pôde obter a um tempo, sem dispêndio, se o Sr. Ministro do Império attender á necessidade palpitante que temos de uma eschola dramática e de ópera nacional.

A' similhaça do Conservatório de música de Paris, pôde tambem ao nosso addicionar-se uma eschola dramática, creação que muito deve concorrer para próximo e preciso desinvolvimento de um dos ramos de arte em que mais cuidam as nações cultas e que entre nós vegeta em condemnavel esquecimento.

O theatro nacional, pôde hoje dizer-se, está de todo extinto: o velho e histórico theatro de S. Pedro jaz em vergonhoso desamparo, e os tres pequenos, Gymnasio, S. Luiz e Phenix, ou repetem cançadas peças dos antigos repertórios de melhores tempos, ou exhibem mágicas e paródias, nas quaes a immoralidade corre parrelhas com a semsaboria. O público, indifferente a tudo quanto não tiver cunho de escândalo, não procura o theatro senão como passatempo, e passatempo que o faça rir a larga, emb'ora com grande prejuizo da honestidade e do bom senso; se o sábio Govêrno de S. M. Imperial não tomar a si a regeneração da arte de Talma, com certeza não passaremos tão cedo de povo inculto e avêso ao gôsto do bello.

O Sr. Bettencourt da Silva, incaçavel lidador do progresso, infatigavel operário da civilisação, offereceu no anno próximo passado as suas luzes e conhecimentos ao Govêrno Imperial para dirigir uma eschola dramática; e até, se nos não falha a memória, chegou a organisal-a, de accôrdo com o Conservatório dramático, com pessoal acolhido e habilitado; até o presente porém ainda não começou a funcionar essa instituição, da qual tanto tem aue esperar o theatro nacional. Se esse marasmo provinha, como pensâmos, da falta de local appropriado, ahí tem o Sr. Ministro do Império o Conservatório de música que pôde preincher satisfactoriamente essa lacuna.

Côncio de quanto ama e deseja a prosperidade das bellas artes, temos fé que o Sr. Conselheiro João Alfredo não deixará de pôr em prática essa patriótica idea do fundador do importantissimo Lycêo de artes e officios,

hoje a primeira escola de ensino popular, não só do Brazil, como talvez da América do Sul.

Ao Sr. Conselheiro João Alfredo muito devem os filhos do município neutro, no ensino das bellas artes e primeiras letras. Para o aformoseamento d'esta cidade e desenvolvimento d'esses dous ramos de instrução pública, muito tem feito S. Ex. nestes últimos tempos; só os monumentaes edificios para escolas primárias das freguezias de St.ª Rita e Glória, que se estão erguendo sob a direcção e plano do Sr. Commandador Bettencourt da Silva, na praça Duque de Caxias e rua da Harmonia, bastariam, se tantos outros titulos o não recommendassem, para que o nome do actual Sr. Ministro do Império passasse á posteridade.

Dedicado porém á causa do ingrandecimento do paiz, não se tem limitado o Sr. Conselheiro João Alfredo á construcção d'aquelles grandiosos edificios; prestou tambem todo o seu valioso auxilio para a conclusão do Conservatório de música; e mandou proceder á desapropriação de umas casas da rua da Lampadosa e praça da Constituição, para romper o prolongamento da rua D. Leopoldina até esta praça, melhoramento esse autorizado pela Assembleia Geral ha mais de trinta annos. Graças a S. Ex. e ainda ao prestimoso architecto Bettencourt da Silva, a pequena mas elegante fachada do palácio da Academia das Bellas Artes desvenda-se hoje ás vistas da praça em que se levanta o perduravel monumento do immortal fundador d'este império.

Para a triplice festa da inauguração do edificio do Conservatório, da abertura da rua, e distribuição de prémios aos alumnos da Academia, designou S. A. Imperial a Senhora Princeza Regente o dia 9 de janeiro do corrente anno, em o qual a história marca a memoravel data em que o Príncipe da Beira, mais tarde D. Pedro I, e successivamente o glorioso Duque de Bragança, declarou ficar no Brazil, que antes ficava decurrido um anno era império livre e independente.

Seriam cinco horas da tarde d'aquelle memoravel dia; o sol illuminava com seus raios esplendentes a formosa pátria de Monte Alverne; quando a excelsa Princeza e seu augusto esposo, accompanhados de pessoas da mais alta hierarchia e compacta massa de povo, trilharam a nova rua que pôs em communicação directa o único

monumento que possuímos com o edificio único também de valor artistico.

Aberta a rua D. Leopoldina, S. A. Imperial, seo consorte, o Sr. Ministro do Império, Director, Congregação da Academia, e grande número de convidados, passaram-se para o recém-construído edificio do Conservatório de música e na principal sala do mesmo assistiram e tomaram parte no cerimonial da inauguração e distribuição de prémios.

Desejando o Sr. Conselheiro Thomaz Gomes dos Sanctos, dignissimo director da Academia de Bellas Artes, que o discurso inaugural fôsse feito por quem mais concorreu para a realisação de tão sumptuosa festa artistica, designou o Sr. Comendador Bettencourt da Silva para preincher essa formalidade, que por nenhum outro melhor seria satisfeita, como realmente o foi com unânime applauso dos assistentes, doctos e indoctos.

Debalde tentou a inveja, amesquinhar a subida valia de tão brilhante oração, censurando acrimoniosamente os louvores nella tecidos, ao Sr. Conselheiro João Alfredo; debalde tentou o despeito morder no mérito do orador, propalando alcivosamente pela imprensa que elle ali fôra, em falta do competente; os applausos dos homens illustres e dos litteratos que alli concorreram a ouvil-o, triumpharam d'essas e outras mesquinhas odiosidades; mais uma corôa de virentes louros inramou a já laureada fronte do poeta-artista.

Acoimarem-n'o de lisonjeiro para com o Sr. Conselheiro João Alfredo! Que ministro do império, nestes últimos vinte annos, concorreu mais do que elle para o desinvolvimento das bellas artes e derramamento do insino público?

Para provar os relevantes serviços prestados ao paiz pelo actual Sr. Ministro do império, basta aponctar os dous primorosos edificios para escholas de St. Rita e Glória, em via de construcção, a abertura da rua D. Leopoldina, o donativo de um espaçoso terreno na rua da Guarda-velha para nelle se construir um edificio apropriado ao Lycêo de artes e officios, a instituição do Conservatório dramático, e as remunerações honorificas concedidas a grande número de artistas, nacionaes e estrangeiros, de incontestavel merecimento.

E' defeito nosso, velho e arraigado, tudo censurar, sem mais detido exame nem reflexão, nos actos dos que

se dedicam á causa pública, até os mais bem intencionados. Se a indiferença e a crítica affectasse os nobres e elevados sentimentos dos que se applicam ao serviço público, ai de nós e da pátria, que nenhum se animaria a affrontar os doestos da inveja por puro patriotismo; felizmente porem aos beneméritos dá o Senhor alma forte e coração generoso, para, despresando a calúnnia dos maldizentes, proseguirem ousados na senda do progresso e da civilização. O Sr. Conselheiro João Alfredo tem bastante consciência dos seus actos para que se doesse da ingratição com que uns e a parcialidade com que outros o stygmatisassem.

O discurso do Sr. Commendador Bettencourt da Silva é, por todos os titulos, uma bella peça litterária, que não póde nem deve ficar no limbo dos seus valiosos inéditos; seja elle pois dado a lume da publicidade, que assim o requerem as artes e as letras.

Depois da brilhante oração inaugural, executou-se uma linda abertura do *maestro* Fiorito, por elle mesmo regida, e em seguida fez-se a distribuição dos prémios, que a estreiteza do espaço de que aqui immerecidamente dispomos nos não deixa memorar.

Após os prémios, executou-se o hymno das artes, música do inspirado Francisco Manoel, e letras de Porto Alegre, que serviu de introdução ao concérto vocal e instrumental, que constou das peças seguintes:

Grande classico, para piano, rebecca e violoncello, do Sr. Carlos Cavalier, executado pelo mesmo Sr. e Rivera e José Martini.

O joven Carlos Cavalier é aproveitado discípulo do nosso Conservatório de música, que concluiu os seus estudos no de Paris, do qual é professor adjuncto, qualidade essa que muito honra a nossa eschola musical.

Balata da ópera *Guafany*, de Carlos Gomes, cantada por D. Maria das Dores.

Dizer o que é e o que vale esse mimoso treço da assaz conhecida ópera do nosso grande maestro, é tarefa que não cabe em tão rápida noticia qual a que bosquejamos; quanto á execução da Sra. D. Maria das Dores, só nos cumpre mais uma vez depôr justos louvores aos pés da digna condiscipula de Carlos Gomes.

Grande phantasia de Allard, executada no violino por Vicente Cernicchieri.

O Sr. Cernicchiani é discípulo do nosso Conservatório, que promette muito ; dotado de grande talento e summa aptidão para o instrumento que maneja com pericia, é de esperar que venha a ser um dos ornamentos da arte musical do Brazil ; possa elle, guiado pelos conselhos de seos bons mestres, vencer as sérias difficuldades e graves embaraços que se antolham na carreira que tão brilhantemente incepta.

4º—*Dueto* da opera do *Vagabundo*, de Henrique de Mesquita, cantado pela Sra. Pazzi e o Sr. Dupont.

O *Vagabundo* não é, sem dúvida, ópera cómica de alto merecimento, mas é innegavelmente exuberante prova do génio não vulgar do seo inspirado auctor ; muito é para lastimar que Henrique de Mesquita, vocação fecunda e creadora, não empregue o seo valioso tempo e os recursos de seo possante talento em compôr ópera de grande fôrça, que para tanto dispõi elle de sobejos meios intellectuaes.

A Sra. Pazzi, cantora de muito merecimento, interpretou magistralmente a sua parte ; outro tanto se não pôde com justiça dizer do Sr. Dupont : no emtanto ambos receberam entusiasticos applausos ; sendo todavia a primeira que maior somma coube das palmas com que foram saudados.

5º—*Final sonata* de Weber, executada pelo Sr. Cavalier.

6º—*Grande hymno* de Mercadante, cantado por todos os alumnos do Conservatório, sob a regência do maestro Fiorito.

Assim terminou essa grande festa artistica que nos annaes da história marca época memoravel para as artes nacionaes, e illustra o curto mas admiravel período da regência no segundo reinado, regência que constitue já uma página de ouro para a biographia da excelsa Princesa Imperial, de quem tanto tem de esperar o Brazil (oxalá todavia que bem tarde), quando vier a reger os destinos d'este vasto e florescente Império.

Governo barato.

Nos Estados Unidos o pagamento de imposto não é uniforme: emquanto em uns estados se paga mais, em outros se paga menos. Em Boston por exemplo pagam-se annualmente 36 dollars por cabeça, emquanto em New-York se pagam somente 29 dollars.

Suppunhâmos porém este último algarismo, e acharíamos que cada americano paga ao thesouro 58 mil réis annuaes.

A renda geral do Brazil é inferior a 90 mil contos: suppunhâmos porém este algarismo, e accrescentemos mais 50 por cento para rendas provinciaes e municipaes, o que aliás é ir além do possível, teremos 135 mil contos, que, divididos por 10 milhões de habitantes, mínimo a que podemos levar a população do Império, dar-nos-hão treze mil e quinhentos réis por cabeça.

Estes algarismos respondem terminantemente, aquelles, que julgam muito caro o nosso governo, e pretendem tornal-o barato, proclamando uma república.

Olton.

Pergunta innocente

A um menino que fazia exame de doutrina para ser admittido ao collegio do Pedro II quiz um examinador, sacerdote, explicar o mystério da Encarnação, fazendo-o comprehender, como S. José não era pae de Jesus Christo, apesar de ser casado com a mãe.

Este padre é tolo, não é?

Olton.

O juizo dos pares

O jury é o juizo dos pares. Mas quando? antes de julgar, quando julga, ou depois? Antes nem depois não pode ser, porque o jury só existe quando julga. Durante o julgamento, a paridade não é má: são pares um que pode mandar inforçar o pobre diabo, e o pobre diabo que não pode rugir nem mugir. E com estes palavrões se governa o mundo.

Olton.

Um livro importante

Anda ahí nas mãos dos meninos, que frequentam as escholas públicas um livro que diz que na Austrália, no hyverno, não se vê o sol.

Quem será mais sagaz : quem escreveu o livro, ou quem o approvou ?

Otton.

QUESTÕES DO DIA

Eis-nos chegados ao termo do segundo volume d'esta publicação, a que deram importância os escriptos das primeiras pennas do paiz, taes como as que adoptaram os cryptónymos de Sémprónio, Pompêo, Múcio Scoevo, Otton, Gil Braz, e restantes collaboradores, a todos os quaes tributâmos cordiaes agradecimentos.

Sem recurrer a meios artificiaes, sem assumir compromisso algum, sem empregar o recurso dos encómios incommendados pela imprensa, ahí temos successivamente, ha uns 6 mezes, submettido á publicidade essas páginas despreñciosas, mas que não deixaram de corresponder á intenção que ao seo apparecimento presidiu.

Tencionâmos inceptar 3.º volume, e progrediremos em quanto nos não abhorrecermos do incargo. Aos nossos benévolos leitores agradecemos, porém nada promettemos : liberdade antes de tudo.

Facil seria dar a esta publicação mais regularidade, mais desinvolvimento, mais utilidade. Sendo as 16 páginas de cada número de matéria sempre original, poucas folhas periódicas dão já hoje tanta escriptura inédita ; mas se convertêssemos esta em diária, muito mais ampla poderia ser a sua missão.

Num dos últimos números da *Bibliographia da França*, lemos que a casa Victor Palmé, de Paris, se preparava para dar á luz, sob o nosso titulo : *Questões do dia*, uma série de folhetos populares, precedidos do motto : *União dos homens de bem*. Segundo aquelle projecto sympathico, eis-aqui alguns dos assumptos que os auctores se propunham a tractar :

A internacional—A questão romana—O catholicismo e o progresso—A religião na França em 1871—A depravação dos costumes, origem das desordens sociaes

—A decadência da família—O despovoar dos campos—
 A lei do domingo—O insino—A instrucção primária—
 As classes operárias e as instituições de charidade—A
 liberdade pública, para cá de 1789 - A fortuna e a pro-
 speridade pública, depois da revolução—As fontes do
 suffragio universal— A descentralisação—O direito das
 gentes na Europa civilizada—A bandeira da França—
 Os direitos feudaes &c.

Já se vê a que altura se eleva o plano das *Questões do dia*, parisienses, e de que vantagem não poderão ser, se as pennas forem dignas da missão, para revocarem aos principios da liberdade pela ordem e da ordem pela liberdade os espiritos transviados, que abundam 'naquella grande sociedade, cujo pêndulo oscillará ainda antes de (como importa á religião, á liberdade, á dignidade humana, á civilização) cair a prumo.

Todas aquellas matérias são de suprema actualidade para a França e Europa; e muitas d'ellas nos tocam egualmente por casa; mas se é certo que outras nos são mais estranhas, não menos o é que muitos problemas políticos são peculiares á nossa sociedade, e estão pedindo o concurso de todas as intelligências superiores, de todos os corações bem intencionados. Resolva-os quem se sentir com a capacidade, que a Providencia só aos seus eleitos liberaliza.

INDICE

das matérias contidas 'neste 2º volume.

N. B.—O que vai aponctado em cifra romana indica o número, que se estende de XXI a XL. O que vai em cifra arábica indica a página do volume.

ARTIGO DE ULPIANO.

Reforma Judiciaria (1.º) XL 305

ARTIGO DE JUNIUS.

A sinceridade das acções opposicionistas XXI 3

ARTIGOS DE POMPEO.

A República e os Estudantes (1.º art.) XXII 17
 Id. (2.º art.) XXIII 83
 A reorganização do trabalho (1.º art.) XXIX 189
 Id. (2.º art.) XXXI 167

ARTIGOS DE MUCIO SCOEVOLO.

1.ª Sobre os abusos da liberdade XXII 22
 2.ª Id. XXVI 81
 3.ª Ignez de Castro, tragédia de Júlio de Castilho (I) XXXII 177
 4.ª Id. (II) XXXVIII 280

ARTIGOS DE ORPHEO.

O conservatório de música (1.º) XXXIV 218
 Id. (2.º) XXXVI 252
 Id. (3.º) XL 308

ARTIGO DE VARRÃO.

Um livro do Sr. Bruno Seabra. XXVII 111

ARTIGO DE GIL BRAZ.

Ignez de Castro, tragédia de Júlio de Castilho. XXX 153

CARTA DE PLAUTO A CINCINNATO.

Sobre theatro XXVIII 122

CARTAS DE SEMPRÓNIO A CINCINNATO.

9. ^a As <i>Palestras</i> . Plano da análise das obras do Sr. Alencar	XXIV	53
10. ^a (a) A <i>Iracêma</i> (1. ^a).	XXV	68
10. ^a (b) Id. A litteratura nacional (2. ^a)	XXVI	87
11. ^a Id. (3. ^a).	XXVII	97
12. ^a Id. (4. ^a).	XXVIII	113
13. ^a Id. (5. ^a).	XXIX	129
14. ^a Id. (6. ^a).	XXXI	161
15. ^a Id. (7. ^a).	XXXII	188
16. ^a Id. (8. ^a).	XXXV	229
17. ^a Id. (9. ^a).	XXXVI	246
18. ^a Id. (10. ^a).	XXXVII	257
19. ^a Id. (11. ^a).	XXXVIII	273
20. ^a Id. (12. ^a).	XXXIX	289

CARTAS DE CINCINNATO A SEMPRÓNIO.

5. ^a (a) O <i>Gaúcho</i> , As <i>Palestras do Diário</i>	XXI	7
5. ^a (b) Id. A carta do Sr. Alencar á Republica pública	XXIII	39
6. ^a A raça dos charlatães. O <i>Fil</i>	XXV	72
7. ^a O <i>Fil</i>	XXVII	106
8. ^a Id.	XXX	145
9. ^a Os thuriferários. Os romancistas, em portuguez	XXXII	181
Advertencia.	XXXIII	208
10. ^a (a) O <i>Fil</i>	XXXV	235
10. ^a (b) Id.	XXXVII	266
11. ^a Id. O Sr. Alencar, como dramaturgo.	XXXIX	297

CARTAS DE CINCINNATO A FABRÍCIO.

16. ^a Os albums	XXII	25
--------------------------------------	------	----

CARTA DE CINCINNATO A CUIJÁCIO.

1. ^a O Sr. Alencar, como jurisconsulto.	XXXVIII	284
--	---------	-----

CARTA DE CINCINNATO AO REDACTOR DAS

QUESTÕES DO DIA.

Sobre as cartas de Semprónio.	XXIV	49
---------------------------------------	------	----

CARTAS DE CICERO.

Instrucção popular. Ao Sr. Dr. Cunha Leitaõ (1. ^a).	XXXV	225
Id. (2. ^a).	XXXVI	241

ARTIGOS DE OITON.

O meo nome	XXIV	57
As revoluções.	XXVI	96
Forma de govérno	XXVIII	127
O poder pessoal	XXVIII	127
Pergunta	XXVIII	128
Problema	XXVIII	128
Parabens	XXX	159
Annúncios	XXX	160
Os republicanos em Inglaterra	XXXI	175
A família	XXXIV	222
Galera a duas amarras	XXXIV	224
Liberdade poltica	XXXVII	272
Os inglezes e os republicanos.	XX XVIII	287
Pelo dèdo o gigante	XXXVIII	288
Virtus post nummos.	XXXIX	303
Maiorias	XXXIX	303
Ordens religiosas	XXXIX	304
Liberdade e independencia da egreja	XXXIX	304
Govérno barato	XL	314
Um livro importante	XL	315
O juizo dos pares	XL	314
Pergunta innocente.	XL	314

ARTIGOS SEM ASSIGNATURA.

Biographia de S. M. o Imperador do Brazil.	XXV	65
Monumento a Bocage XXV 94—		
XXVIII 125 — XXX 157 — XXXIII 193—	XXXIV	209
Imprensa periódica da côrte. O <i>Correio do Brazil</i>	XXIX	143
Horas vagas, Poesias, de Joaquim da Costa Ribeiro	XXXI	173
Mendicidade estrangeira comparativa	XXXIX	302
Questões do Dia	XL	315

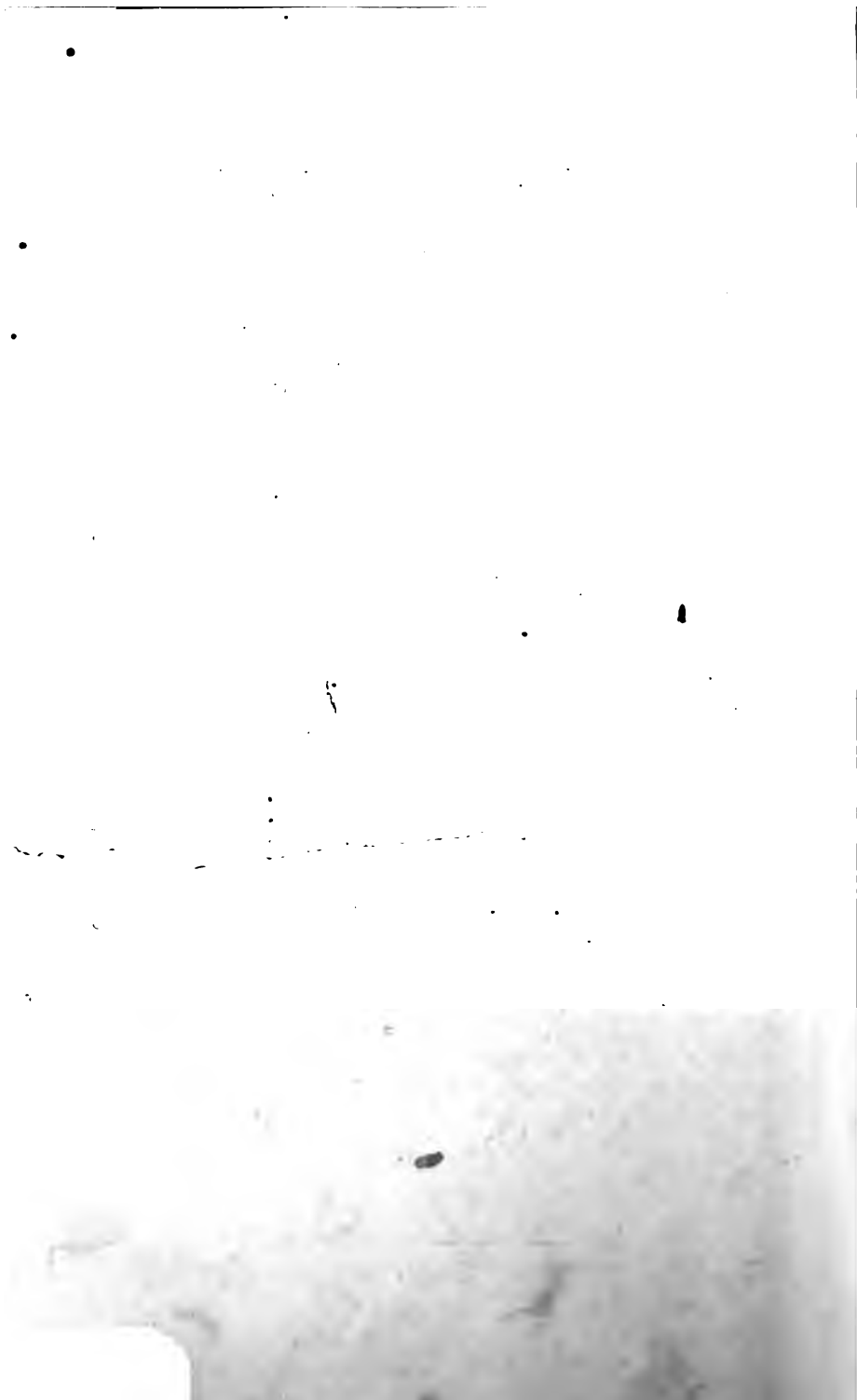
ARTIGOS DO JORNAL « O BRAZIL: »

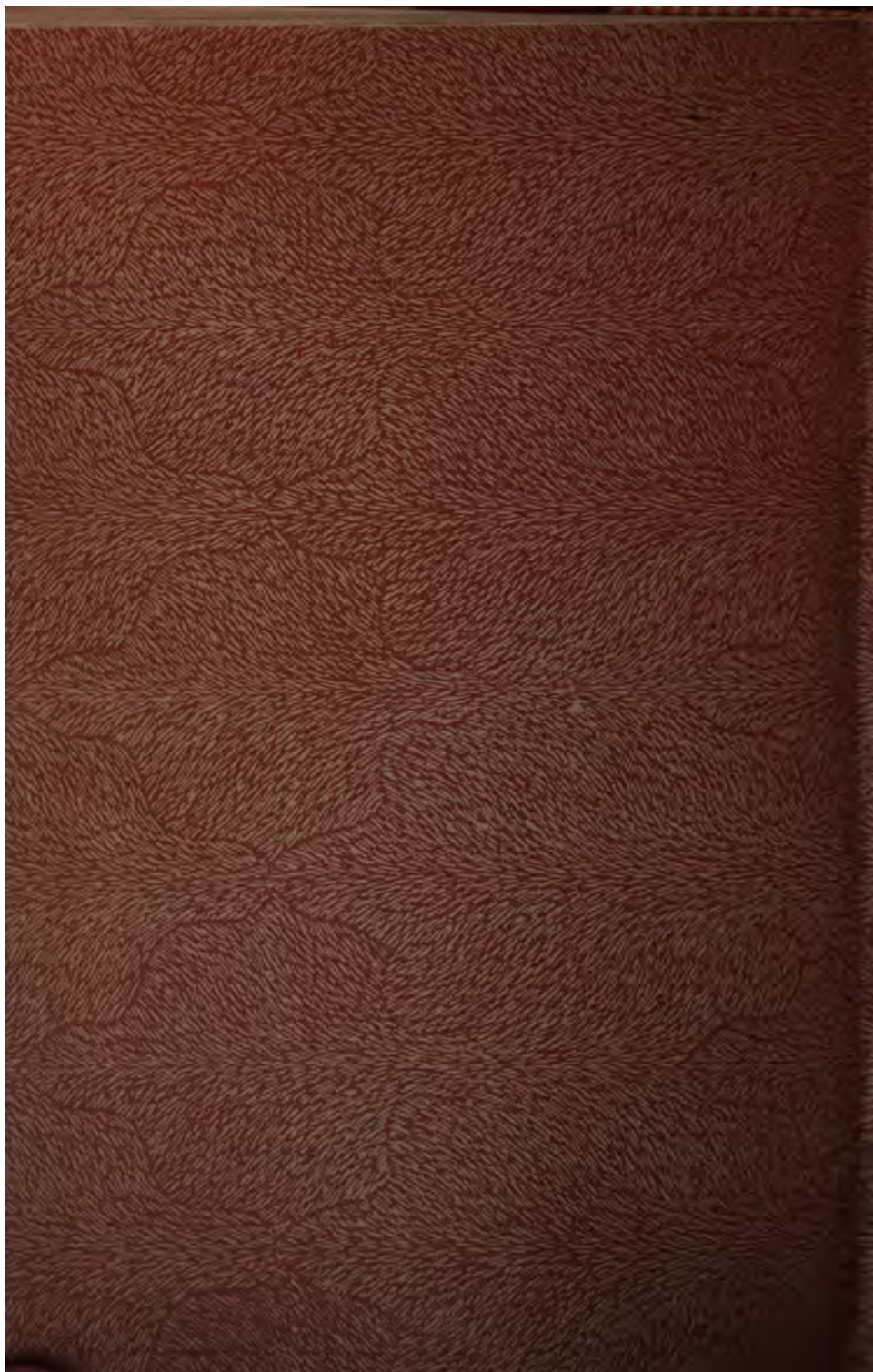
O Brazil	XXI	14
Pantheon Maranhense	XXI	16
Supressão da escravidão no Brazil	XXII	29
Colonização do Brazil (art. 1.º)	XXII	30
Id. (art. 2.º)	XXIII	45
Júlio de Castilho (tragédia Ignez de Castro)	XXIV	59

EPIGRAMMAS E CONTOS.

De Quintiliano XXII 32— XXIII 48.	XXIV	63
De Archiloco.	XXIII	47
De Pompêo	XXIV	63
De Un Till.	XXXVI	256

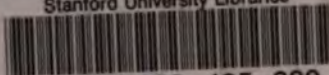






F 2536 .C55
Questoes do dia

Stanford University Libraries



3 6105 033 495 339

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES
CECIL H. GREEN LIBRARY
STANFORD, CALIFORNIA 94305-6004
(415) 723-1493

All books may be recalled after 7 days

DATE DUE

AUG 24 1997 - *ll*
SEP

